GRAMMATICA PORTUGUEZA.

Grammatica Portugueza

PELO

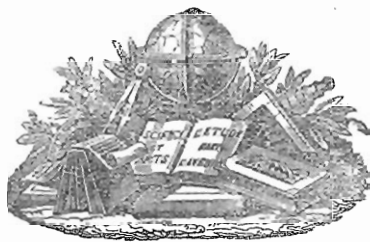
Bacharel em Direito

Augusto Freire da Silva,

Director do Gymnasio Official da cidade de
São Paulo e lente jubilado na cadeira de Grammatica Expositiva e Historica
da Lingua Portugueza do extincto curso de
preparatorios, annexo á Faculdade de Direito de São Paulo.

(Obra premiada pelo governo geral, em 1877, e quando ainda em segunda edição.)

«De toda a educação do espirito a grammatica é a base. A grammatica é a sciencia das palavras, isto é, dos signaes de nossas idéas; e, entre estas e aquellas,—pela construcção physica do homem, por suas relações com os outros e com o resto do mundo visivel, por sua educação, por sua natureza,—é tão intima a connexão, tão estreita e quasi indivisivel, que jamais conhecerá bem as cousas o que não conhecer bem as palavras, jamais adquirirá idéas exactas, ou formará juizos distinctos, o que, das palavras, suas combinações e ligações, não tiver noção exacta,—e, no modo de as empregar e usar, não for igualmente correcto e habil.»

GARRETT.—*Da Educação.*

NONA EDIÇÃO

S. PAULO

Augusto Siqueira & Comp. — Rua do Commercio, 5-B

1906

QUADRO SYNOPTICO.

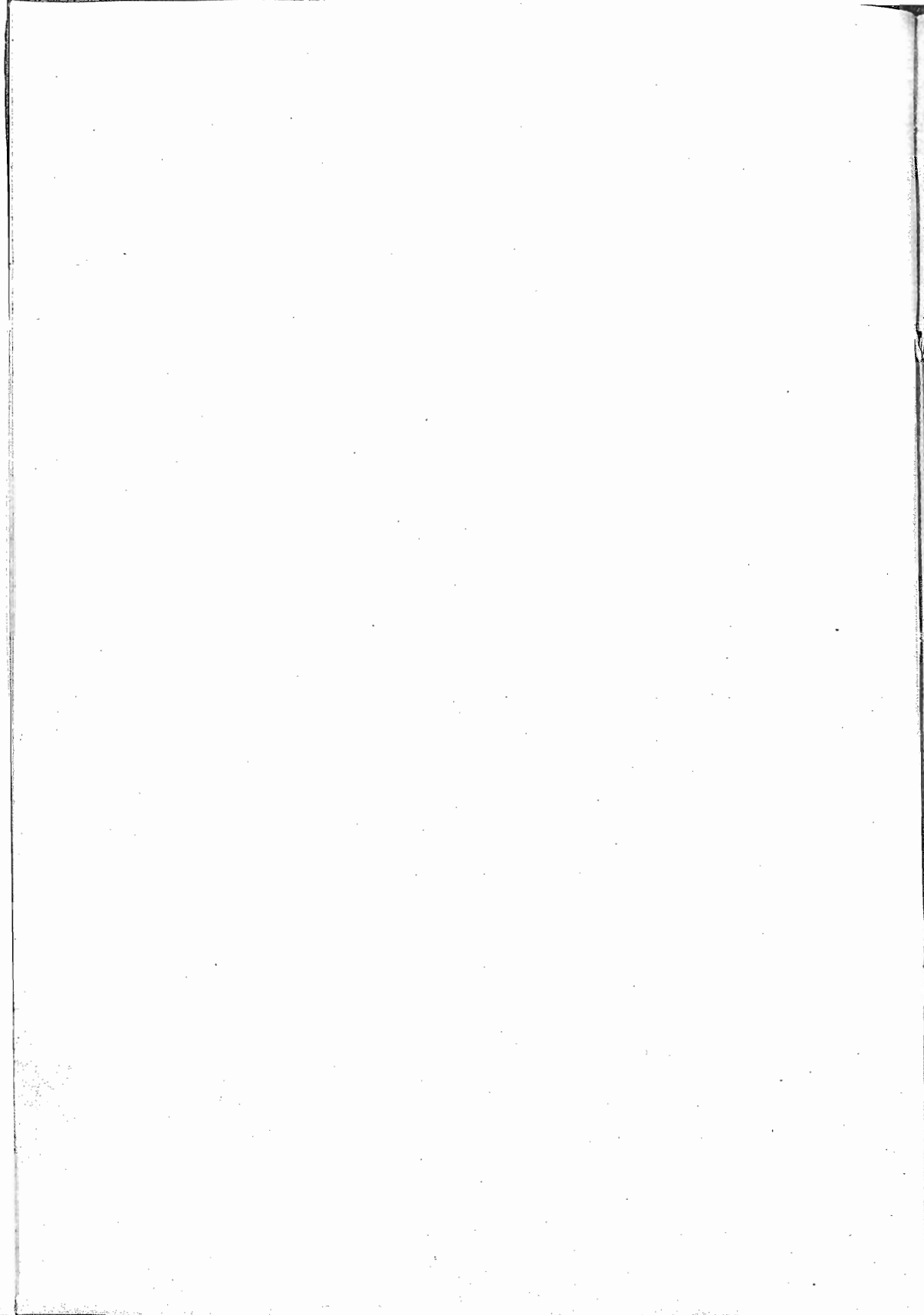
GRAMMATICA PORTUGUEZA

- **Lexicologia**
  - **Phonologia**
    - PHONETICA
      - Phonetica Physiologica
      - Phonetica Historica
    - PROSODIA
    - ORTHOEPIA
  - **Lexigraphia**
    - PHONOGRAPHIA
    - ORTHOGRAPHIA
    - SEMIOGRAPHIA
  - **Morphologia**
    - LEXIOLOGIA tambem chamada TAXIONOMIA
    - ORGANO-GRAPHIA
      - Flexionismo que tambem se chama Kampenomia, Ptoseonomia e Flexiologia
      - Etymologia que tambem se chama Morphogenia e Lexiogenia
- **Syntaxe**
  - **Syntaxe grammatical**
    - SYNTAXE DE PALAVRAS
      - Syntaxe geral
      - Syntaxe particular
    - SYNTAXE DE PROPOSIÇÕES
  - **Syntaxe Litteraria ou Estylistica**
- **Semiologia** que tambem chamam **Semantica, Sematologia e Semeiotica**
  - EXEGETICA
  - TECHNICA

A MEMORIA

DO

Doutor José Tell Ferrão,

meu sempre lembrado amigo.

Juizos referentes á sexta edição desta Grammatica.

"Acaba de vir á luz uma excellente obra didactica — *A Grammatica Portugueza do Snr. Dr. Freire.*

Este distincto e laborioso professor, cuja dedicação ao magisterio revelou-se, desde o principio da sua carreira profissional, em apresentação de compendios, successivamente melhorados, expõe agora ao publico, mais do que uma nova edição de sua conhecida grammatica — uma outra, que encerra o fructo de sua longa e afanosa pratica e infatigavel vontade de ser util á mocidade estudiosa, e não menos aos professores conscienciosos que poderão achar reunido o que de melhor possam transmittir a seus discipulos.

Criterio na escolha, methodo e clareza na exposição, correcção e estylo, tudo concorre para tornar precioso este esmerado trabalho e digno de merecer a attenção, mesmo dos homens de lettras, estranhos ao professorado.

Hoje que está tão descuidado o estudo da lingua vernacula, presta relevante serviço quem, como o Dr. Freire, longe de esfriar, arrosta a indifferença e prosegue na ardua empresa com o mesmo ardor do principio.

Como não é nosso intento fazer juizo critico da obra, limitamo-nos a estas ligeiras considerações e felicitamos cordialmente o Sr. Dr. Freire, aos estudantes e professores de portuguez e bem assim a todos que se interessam pela causa da instrucção."

(*Diario Popular*, de S. Paulo, de 27 de Fevereiro de 1892.)

"Folgamos em registrar aqui a opinião que desta importante obra externa o *Reporter*, de Lisboa.

Diz elle no numero de 18 de Fevereiro do corrente anno:

"Sobre a moderna philologia portugueza, não conhecemos trabalho mais completo. O autor conhece largamente os progressos da philologia, e ministra-nos, minuciosamente, todos os ensinamentos compativeis com esses progressos.

"O livro não se adaptará ás nossas escolas, onde falta ainda um curso superior de portuguez; mas é livro excellente para os estudiosos e para todos que se dedicam á sciencia da linguagem.

"Já tem seis edições a obra do Sr. Augusto Freire; o que é demonstração cabal do seu extraordinario valor."

"Cumpre accrescentar que é redactor do mencionado jornal o Sr. Candido de Figueiredo, escriptor de nota, e autor das *Lições Praticas de Linguagem Portugueza*, e de muitas obras de subido merito."

(*Diario Popular*, de S. Paulo, de 18 de Março de 1892.)

Vem a pello exarar aqui as seguintes referencias que, com respeito a esta grammatica, fez ainda o Sr. Candido de Figueiredo:

"E não é porque o Brazil não tenha mais e melhores grammaticas do que em Portugal. Pode até registrar-se que, si bem a litteratura brazileira não é superior á nossa, lá se estuda mais o portuguez do que em Portugal. Não me refiro só a muitos e notaveis grammaticos, que, como Julio Ribeiro, Sotero dos Reis, João Ribeiro, Augusto Freire, podem dar lições a grammaticos portuguezes; etc.„ *Lições Praticas da Lingua Portugueza*, pag. 237 do Tomo 3.°„

"Em Portugal pois, e cada uma sob seu ponto de vista, a *Grammatica* de A. Epiphanio e a de Ribeiro de Vasconcellos, podem prestar ensinamentos mais valiosos do que os que por mim poderiam ser communicados aos que de mim desejam lições de grammatica.

"Os meus leitores no Brazil, que não conheçam as alludidas grammaticas, lá teem ao seu alcance excellentes subsidios grammaticaes nos escriptos de Julio Ribeiro, Augusto Freire, João Ribeiro, Sotero dos Reis, Lameira de Andrade, Baptista Caetano, Pacheco da Silva e tantos outros." (*Conversação Preliminar do Novo Diccionario da Lingua Portugueza*, pag. XXVII).

"Em Portugal, não só é preceituado e praticado (o trema) em livros, escolares, officialmente approvados, sinão tambem praticado pela maioria dos que a serio se occupam de cousas philologicas; e, quanto ao Brazil, tenho a satisfação de poder citar, em abono do meu asserto, um dos primeiros grammaticos dessa grande nação, o Sr. Dr. Augusto Freire, professor de grammatica e lingua nacional no curso annexo á Faculdade de Direito em S. Paulo." (*O que se não deve dizer*, pag. 312).

"A *Revista de Portugal*, cujo director é o emerito escriptor Eça de Queiroz, em seu numero 20, dado á estampa em Janeiro do corrente anno faz deste precioso livro o seguinte juizo que para aqui trasladamos, por nos ser grato ver bem aquilatados por sumidades litterarias de Portugal os meritos de um nosso conterraneo:

"Este compendio conta já seis edições e é escripto por um professor da lingua portugueza em um curso preparatorio, annexo á Faculdade de Direito de S. Paulo.

"Em um rapido exame que lhe fizemos, pareceu-nos que o autor possue uma elevada orientação no assumpto e parallelamente uma erudição pouco commum entre o grande numero de escriptores que se teem occupado da materia, cujo accesso é tão delicado quanto apparentemente se julga facil.

"O plano geral da obra agrada-nos e igualmente a distribuição e capitulação das partes que abrange. Fórma precisa e correcta."

(*Diario Popular*, de S. Paulo, de 6 de Abril de 1892).

"*Um bom livro.* — Lemos, com a attenção que o assumpto nos merece, o trabalho de Freire da Silva; e, si a sua leitura nos deixou agradabilissimas impressões, por vermos que ha ainda quem pense e quem estude, não deixou tambem de nos entristecer, por vermos que somos avantajados neste e em outros ramos do saber humano por quem veio detraz de nós e por quem, por isso mesmo, sempre só atraz de nós, ou pelo menos só a par, devia ir progredindo.

E' que a ordem chronologica da civilisação de um povo deve ser o marco para determinarmos o seu adiantamento em relação aos outros povos; — e o Brazil, cuja civilisação principiou muito depois da nossa, *dá-nos cartas* quer nas suas manifestações litterarias, quer nas politico-sociaes; e é disto que derivou o nosso entristecimento.

Portugal conheceu grammaticas portuguezas, antes que outras nações, relativamente civilisadas, tivessem a grammatica da sua lingua.

Portugal foi quem imprimiu ao Brazil os primeiros lineamentos da civilisação; fomos nós que principiamos a desbastar aquella pedra, rica mas informe, tosca mas um thesouro para todo o mundo.

E que vemos agora, poucos annos decorridos desde a inscripção no mappa-mundi daquella uberrima circumscripção territorial, como paiz independente?!

Que já teem aquelles povos um systema governativo em perfeita harmonia com o que é racional e justo; — e que nós vivemos assoberbados por uma velharia politica, para a qual só se poderá encontrar justificação, si retrocedermos até ao seculo XI, ou chamarmos até nós as condições especiaes daquelle tempo!

Que elles teem homens, como Freire da Silva, que estudam profundamente os segredos da sciencia, que assimilam, que deduzem, que generalisam; — e que nós somos um paiz que consome edições sobre edições da grammatica de Bento José de Oliveira, rejeitando as que vão apparecendo mais adiantadas, de *um ou outro ousado*, como a de Epiphanio Dias, como a de Adolpho Coelho, e continuando por isto mesmo a estar acorrentados á mais crassa ignorancia, á mais descaroavel indifferença por tudo e por todos!

E é disto, repetimos, que derivou o nosso entristecimento.

Não é nos curtos limites de um artigo que nós fariamos, si para tanto tiveramos competencia, a critica do livro que neste momento nos preoccupa.

O assumpto está bem tratado; fez-se tão escrupulosamente o estudo comparativo de todas as linguas, para se apurar esta ou aquella derivação, para se chegar a esta ou aquella verdade philologica, que seria um absurdo, seria mesmo um sacrilegio, a lembrança de o criticar por esta fórma.

Limitamo-nos, por isso, a dizer que Freire da Silva observou as evoluções, por que teem passado as linguas das quaes a nossa se deriva, e nessa observação demorada, conscienciosa, elle baseia as regras que nos apre-

senta, que não são, como no-las apresenta a maioria dos compendios congeneres, uma serie de analogias, fundidas todas na mesma forja — a negação pelo estudo.

Recommendamos o excellente livro aos poucos portuguezes que desejam saber.“

(*A Federação Escolar*, do Porto, de 1.° de Novembro de 1891.)

“Temos sobre a mesa um exemplar da ultima edição da *Grammatica Portugueza* do dr. Augusto Freire da Silva, illustrado professor do curso annexo á Faculdade Juridica de S. Paulo.

Fórma clara, precisa e correcta, accessivel á mais fraca intelligencia, o trabalho daquelle provecto professor foi, com razão, considerado um dos primeiros no genero, pela imprensa estrangeira.

Recommendamos aos interessados aquella importante obra, especialmente como um primor em materia didactica.“

(*Estado da Bahia*, de 23 de Julho de 1892.)

“Pelo sr. dr. Augusto Freire da Silva, lente cathedratico de grammatica nacional no curso annexo á Faculdade de Direito de S. Paulo, foi-nos remettido um exemplar da 6.ª edição da sua Grammatica Portugueza, sensivelmente desenvolvida.

O trabalho do dr. Freire é vasado nos moldes modernos, e encerra uma systematisação completa das materias que fazem parte do estudo da philologia portugueza.

A boa aceitação que tem tido no paiz e estrangeiro, é uma prova cabal do seu grande valor, como obra didactica.

Ainda ha pouco tempo vimos, em transcripção, num dos jornaes do norte, os juizos mais honrosos sobre a grammatica do dr. Freire, feitos por escriptores da ordem de Candido de Figueiredo, autor das *Lições Praticas de Linguagem Portugueza*, Eça de Queiroz e pela *Federação Escolar*, do Porto.

Sentimos não ter em frente esses escriptos, para transcreve-los nesta local, dando a conhecer por este modo as palavras com que foi acolhido alem do Atlantico o livro do nosso compatriota.

Lembramo-nos todavia que Candido de Figueiredo, no *Reporter*, diz não conhecer trabalho mais completo do que esse, sobre a moderna philologia portugueza, e que de maneira igualmente significativa do merecimento da obra, se exprimem a folha portuense e o laureado redactor da *Revista de Portugal*.“

(*Pacotilha*, jornal de S. Luiz do Maranhão, de 19 de Outubro de 1892.)

RESUMO HISTORICO DO LATIM E DAS LINGUAS ROMANICAS.

Como se extendeu o dominio do latim na Italia.—A principio o latim era só a lingua do Lacio, pequena região da Italia. Verificada a conquista romana, passou a extender seu dominio alem desses limites, sobrepujando os dialectos italicos, mesmo os que lhe eram mais aparentados, e de que ha monumentos (o sabellico, o umbro, o volsco, o falisco e o osco), bem como o grego do sul da peninsula e da Sicilia; e implantando-se facilmente na Gallia Cisalpina, por lhe ser congenere o gallo, dialecto celtico.

Romanisação da peninsula iberica.—Da reconquista para Roma por Publio Scipião do terreno que, por virtude da desgraça de seu irmão Cneu Scipião, se havia perdido (211 antes da E. C.), data, na peninsula iberica, o dominio romano que ficou inteiramente assente e em paz até a invasão dos barbaros. Os povos subjugados assimilaram-se aos poucos á civilisação dos romanos que conseguiam tal desideratum pela sua politica, e sobretudo pela imposição da sua lingua que esses povos eram forçados a aprender, para se poderem communicar com os soldados, colonos e magistrados romanos. Em todos os logares porem, não se deu por igual a romanisação ou latinisação dos povos submettidos. Regiões houve, em que persistiram as linguas pre-latinas da Hespanha.

O latim vulgar e o latim litterario.—Como em todas as outras partes do imperio, não podia o latim popular da Hespanha deixar de divergir do latim litterario. Não temos nenhum monumento do latim vulgar; mas, pelas numerosas indicações dos antigos escriptores, pelo estudo de grande numero de certas fórmas ministradas pelas inscripções e manuscriptos romanos, as quaes devem ser consideradas como populares, ou ma-

nifestando uma influencia popular, pela combinação de varios dados da historia das linguas, podemos fazer uma idéa assás exacta das relações em que se achava a lingua popular para com a lingua litteraria.

No periodo a que remontam os mais antigos monumentos latinos, tinha já o latim passado por consideraveis transformações; nessa mesma epoca, havia tambem no emprego de certas fórmas grammaticaes grandes oscillações que, nos periodos subsequentes, continuaram a dar-se mais ou menos na linguagem popular, principalmente das provincias que gradualmente, se foram encorporando no dominio de Roma. Assim, nos ultimos tempos do imperio, o *m* e o *s* finaes, que representam um papel importante na declinação, eram pronunciados em geral muito obscuramente, e ainda supprimidos; o *i* final breve confundia-se com *e;* muitos diphthongos tinham-se fundido num só som; dahi resultava grande confusão de fórmas, na declinação, confusão que obrigava a recorrer ao emprego frequente das preposições, á substituição de uns casos por outros.

Decadencia da cultura romana.—A decadencia da cultura dos romanos e da sua litteratura em particular, de que resultou a rapida alteração do latim, verificou-se de Constatino Magno á invasão dos barbaros; e teve por causas principaes a ruina completa da nobresa romana que fora o mais importante sustentaculo da litteratura e da alta cultura; a victoria do christianismo, cujos doutores condemnavam, e desprezavam geralmente a leitura dos classicos pagãos; e a suppressão da maior parte das escolas pelos barbaros que não queriam que seus filhos fossem instruidos em sciencia alguma, porque pensavam que a instrucção enervava e deprimia o espirito.

Invasão dos barbaros. — No anno 409, precipitaram-se atravez dos Pyreneus, na peninsula iberica, os vandalos e os suevos, povos germanicos, e os alanos que vieram da vertente septentrional do Caucaso. Depois de varias lutas, dividiram entre si o paiz que possuia uma população profundamente decaida. Aos alanos coube a Lusitania e a Carthaginense; aos vandalos e suevos, a Gallæcia e a região hoje denominada Castella, a velha; aos silingos, ramo dos vandalos, a parte da Betica, actualmente chamada Andaluzia.

Pouco durou o dominio desses povos na peninsula. As guerras reciprocas e as lutas com os visigodos ou godos do occidente, que pouco depois atravessaram os Pyreneus, obrigaram os vandalos a passar para a Africa, e destruiram quasi inteiramente os alanos, cujos restos se uniram aos suevos. Estes tornaram-se poderosos na Betica e na Lusitania, mas em breve tempo perderam sua independencia, por terem-n-os enfraquecido as guerras incessantes, sustentadas já com os ultimos restos das tropas romanas conservadas na Hespanha, já com os visigodos.

Chegados os visigodos á Hespanha, foram acolhidos, como amigos e auxiliares contra os invasores que os antecederam, e firmou-se o seu dominio, sem lhes oppor difficuldades a população romana.

A necessidade que tinham os barbaros de se communicar com as populações submettidas, os fizera adoptar a lingua dos conquistados; mas as causas principaes deste phenomeno foram: ter sido a população romana superior em numero á barbara; haverem adoptado o latim para lingua da igreja e dos actos officiaes; e levarem os romanos aos barbaros grande vantagem na cultura intellectual.

Influencia dos povos romanisados e dos barbaros sobre o latim.—Tem-se considerado muitas vezes que o portuguez e as outras linguas em que o latim se differenciou dialectalmente, são uma mistura deste com as linguas dos povos conquistados pelos romanos e as dos barbaros; ou que influiram directamente sobre o latim as linguas desses povos, principalmente as daquelles cuja conquista se operou pelos romanos. A primeira destas opiniões não é mais seguida pelos verdadeiros glottologos; a segunda, aceita ainda por alguns, reduz-se áquella, porque admitte que para o latim passaram das linguas dos povos conquistados, *sons*, *fórmas grammaticaes*, *processos syntacticos*, ou que houve mistura em maior ou menor grau. Dá-se mistura de linguas, quando ha fusão de suas particularidades grammaticaes; não a constitue a simples adopção de palavras completas.

O portuguez não é em todos os seus carateristicos de origem latina. Ha nelle, por exemplo, os suffixos *arro*, *arra*, como em

*boc***arra**, *homenz***arr**-*ão*; *orro, orra,* como em *cach***orro**, *pa-ch***orra**, que não proveem do latim; o suffixo *engo,* como em *real***engo**, *solar***engo**, que é de procedencia germanica; e os suffixos *ista, issa* (essa), derivados do grego, que nos vieram pela corrente do latim ecclesiastico: mas essas particularidades morphologicas, assim como algumas syntacticas, que não teem origem latina, são muito pouco numerosas.

Na morphologia e na syntaxe, as linguas romanicas são uma transformação organica do latim, sem influencia directa de lingua estranha, salvo nalgumas particularidades secundarias.

Quanto aos sons, é facto demonstrado pelo testemunho dos antigos que a pronuncia do latim se alterou por influencia das linguas dos povos barbaros, cujos systemas phoneticos differiam mais ou menos consideravelmente do latino.

Formação das linguas romanicas.—E' no periodo que vae da queda do imperio do occidente até o apparecimento das linguas romanicas, como linguas escriptas, que o latim vulgar, já em todas as bocas, porque o latim litterario se tornava inintelligivel fóra do pequeno circulo dos lettrados, se differencia profundamente no tempo e no espaço; é então que as differenciações dialectaes, iniciadas sem duvida desde a primeira implantação do latim vulgar nas diversas provincias do imperio, se produzem independentemente, segundo as regiões, graças á scisão do imperio, e ás differenças dos povos barbaros nelle estabelecidos e da organisação dos seus estados. Mas não foi de um salto que as linguas romanicas chegaram a apresentar as feições com que as vemos nos seus monumentos escriptos. Todas as modificações que se operaram, foram o resultado de um trabalho lento, de accumulações successivas, com quanto a sua marcha não fosse igual em todas as partes, nem em todos os tempos. Ainda, depois de chegarem a ser linguas escriptas, teem essas linguas continuado a experimentar até hoje alterações successivas

Os principios geraes que se observam, quando se comparam as linguas romanicas com o latim, e se busca dar as leis geraes da sua formação, são os seguintes:

1.° A vogal latina accentuada permanece em geral e com o accento, modificando-se apenas na qualidade, dependente da sua quantidade.

2.º As vogaes atonas são frequentemente supprimidas, mas essa suppressão está sujeita a condições especiaes.

3.º Os sons consoantes *k, t, p,* são substituidos por *g, d, b.*

4.º E' syncopado um certo numero de consoantes, si bem que nisto apresentem os dialectos grande divergencia; e apocopada a maior parte das consoantes finaes latinas.

5.º O *c* (que) e o *g* (gue), antes de *e* ou *i*, que em latim tinham neste caso o som guttural, degeneraram em *tch, tz, ts, z, s; dj, j.*

6.º O som *ti*, seguido de vogal, foi assibilado.

7.º A declinação latina reduziu-se a um só caso, com fórmas distinctas para o singular e o plural, isto é, ao accusativo que é o caso normal; no francez e no provençal antigos, conservara-se uma declinação de dous casos.

8.º Nos verbos desappareceram as flexões passivas que foram substituidas pelas construcções periphrasticas com o verbo *ser*, que em latim se davam já em muitos tempos da passiva.

9.º O futuro absoluto latino desappareceu, sendo substituido por uma construcção periphrastica com o presente do indicativo de *habere*, de que já no latim classico se acham vestigios, como se vê deste exemplo de Cicero: "*Quid* **habes** *igitur* **dicere** *de Gaditano fœdere?*—„

10.º Conservara-se a maior parte dos suffixos de derivação latina, sendo supprimidos no emprego popular os que em latim não tinham o accento.

11.º Desenvolveu-se o emprego do artigo definido que se originou de *ille, illa.*

12.º Teem sua razão de ser no latim a formação do plural dos nomes, as fórmas do masculino e do feminino, os pronomes, a maior parte das particulas, todas as fórmas verbaes, os processos de derivação e composição, exceptuados alguns raros suffixos, os processos syntacticos em geral, a parte mais importante do vocabulario das linguas romanicas.

Em conclusão, *as linguas romanicas são o latim alterado, ou phases novas delle, em que quasi nenhum elemento grammatical é novo.*

O latim barbaro.—Da queda do imperio ao apparecimento dos primeiros monumentos das linguas romanicas, continuaram

apezar da decadencia geral da cultura, a escrever obras litterarias num estylo completamente decadente, e num latim a que se dá o nome de *latim barbaro*, e que conservava em regra as fórmas do latim classico, empregando assás correctamente os casos, a voz passiva, etc., com muitos neologismos, muitos desvios na syntaxe; e bem assim documentos de archivos, obra de tabelliães, etc., em que ha as maiores irregularidades no emprego dos casos e de muitas outras fórmas latinas, uma construcção em geral inteiramente diversa da latina, numerosissimos neologismos, etc.

Não é o latim barbaro identico ás linguas romanicas, como se suppoz. Estas são perfeitamente regulares nos seus mais antigos monumentos, e desenvolvem-se de modo exactamente organico; as suas irregularidades apparentes proveem da influencia da orthographia latina. Aquelle é inorganico, totalmente irregular, com fórmas da lingua vulgar, e fórmas mal aprendidas do antigo latim; é emfim uma giria de tabelliães ignorantes, em que transparece, mas não se acha reflectida directamente a lingua popular.

Os musulmanos na Hespanha.—Submettidos os visigodos aos musulmanos de 711 a 714, foi tão intima, em muitas partes, a mistura das classes populares christans com a musulmana que os costumes arabes foram adoptados por muitos christãos que por isso eram chamados *mosarabes* (tornados arabes).

Apezar desta identificação de costumes, e de ter sido o arabe adoptado em muitos documentos, os arabes não procuravam assimilar pela conquista os christãos. Permittiam-lhes ao contrario que se regessem pelas suas leis especiaes, e que conservassem a sua religião. Alem disto, por serem o arabe e as linguas romanicas dous grupos de linguas irreductiveis pelas profundas differenças que as separavam, continuaram os christãos a falar os seus dialectos vulgares, sem se dar solução de continuidade na alteração do latim vulgar, em todo o dominio do hespanhol e do portuguez, durante o periodo visigotico e o periodo arabe.

O arabe não influiu tambem na pronuncia das linguas peninsulares e especialmente do hespanhol, mas ministrou ao

vocabulario dellas assás consideravel numero de palavras que foram accommodadas á pronuncia desses dialectos.

O portuguez, lingua escripta.—No estado de perturbação em que as lutas de reconquista lançaram a peninsula, o conhecimento já muito enfraquecido das velhas fórmas latinas, tornou-se cada vez mais escasso, de modo que o logar dado á lingua popular, foi sendo cada vez maior em grande numero de documentos, ao passo que nos fomos approximando do seculo 12.º. Pelo fim desse seculo, appareceram documentos em uma lingua que reconhecemos ser já o portuguez, bem caracterisada pelas suas feições especiaes, embora nelles haja ainda um certo numero de fórmas do latim barbaro, de modos de escrever tradicionaes.

Os mais antigos documentos portuguezes que se acham publicados, são uma *noticia particular*, sem data, mas que é considerada como remontando ao reinado de D. Sancho 1.º (de Portugal), e uma *noticia de partilhas*, datada do mez de Março do anno 1192.

Apezar das indecisões na orthographia, da imperfeição da syntaxe, apresentam-nos elles uma lingua tão determinada nas suas fórmas, como o portuguez de qualquer epoca posterior. Não é uma lingua barbara, um idioma na infancia. A supposição da sua rudeza vem apenas de não ser exactamente o portuguez que falamos, de apresentar algumas fórmas archaicas. É emfim uma lingua coherente, clara, um instrumento perfeito para a expressão do pensamento, cuja maior plasticidade dependeria apenas da cultura litteraria.

Do reinado de D. Affonso 3.º (1255), começaram a apparecer outros documentos em portuguez, os quaes se tornaram muito numerosos no tempo de D. Diniz que nada dispoz no sentido de ser elle a lingua official. Mas, a despeito da falta desta providencia, a lingua vulgar tornou-se muito importante nos reinados de D. Affonso 3.º e de D. Diniz, por virtude da cultura litteraria ou do emprego della nas composições poeticas e em differentes obras em prosa. E assim se constituiu definitivamente a lingua portugueza, elevando-se á dignidade de lingua escripta.

CHRESTOMATHIA.

Chrestomathia é uma selecção de excerptos, chronologicamente dispostos, que mostram as phases, por que tem passado a lingua nas suas diversas idades.

Idades de uma lingua são as epocas em que se divide a sua vida litteraria, por se salientarem nellas certos caracteristicos que tornam mais ou menos differente o dizer de cada uma.

Vida de uma lingua é a evolução, mais ou menos progressiva, que della simultaneamente se vae dando com o desenvolvimento dos povos que a falam.

Consideradas quanto á sua vida, dividem-se as linguas em *vivas, mortas, matrizes* e *derivadas.*

Chamam-se *linguas vivas* aquellas que são actualmente faladas por um ou mais povos.

Chamam-se *linguas mortas* aquellas que deixaram de ser faladas, porque influencias sociologicas motivaram, ou o desapparecimento, ou a assimilação dos povos que as manejavam.

Chamam-se *linguas matrizes* aquellas de que nasceram outras, como o *latim* que deu origem ao *portuguez, hespanhol, italiano, francez, provençal* e *valachio.*

Chamam-se *linguas derivadas* aquellas que se formaram de outras, como o *portuguez,* o *hespanhol,* etc., que provieram do *latim.*

Quatro são as idades da lingua portugueza:—a *ante-classica,* a *classica,* a *da decadencia,* a *da restauração.*

A *idade ante-classica,* tambem chamada *periodo de syncretismo,* começa pelo fim do seculo 12.°, epoca em que appareceram os mais antigos documentos em portuguez, e termina no reinado de D. João 2.° ou em fins do seculo 15.°

Esta idade é caracterisada essencialmente pelo emprego que concorrentemente fazem escriptores diversos da mesma epoca ou o mesmo escriptor de duas ou mais fórmas de uma mesma palavra, de dous ou mais processos syntacticos de igual funcção.

A *idade classica,* conhecida tambem por *idade aurea,* decorre do seculo 16.°, e vae até o primeiro quartel do seculo 17.°

Dentre os escriptores desta idade, que poliram e aperfeiçoaram a lingua, adaptando-a ás mais delicadas e engenhosas

producções do espirito humano, sobresaem Camões, João de Barros, Frei Luiz de Souza e Jacintho Freire.

A *idade da decadencia* comprehende os tres ultimos quarteis do seculo 17.º e mais de metade do seculo 18.º

A lingua que primava já pela elegancia e pureza, foi abastardada por escriptores eivados do *gongorismo* e *marinismo*, que consistiam na substituição da naturalidade e madureza do estylo dos quinhentistas por subtilezas frivolas, metaphoras despropositadas, equivocos e trocadilhos insulsos.

A *idade da restauração* extende-se dos fins do seculo passado até nossos dias.

Os principaes escriptores desta epoca são Francisco Manoel do Nascimento, Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Antonio Feliciano de Castilho, Antonio Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa e Latino Coelho, os quaes libertaram a lingua da decadencia do periodo anterior, restaurando as normas da boa e san vernaculidade.

Breves especimens da chrestomathia historica da lingua portugueza (1)

Seculo 12.º—In Christi nomine amen. Hec est notitia de partiçon, e de devison, que fazemos entre nos dos erdamentos, e dus Coutos, e das Onrras, e dos Padruadigos das Eygreygas, que forum do nosso padre, e de nossa madre, en esta maneira; que *Rodrigo Sanches* ficar por sa partiçon na quinta do Couto de Viiturio, e na quinta do Padroadigo dessa Eygreyga en todolos herdamentus do Couto, e de fóra do Couto; etc.

Seculo 13.º—Hos alcaldes non esten en corral con os VI sinon quando enviaren por elos. E si os VI viren cousa onde se deven partir alcaldes, digan les que se partan ende, e si non queseren sejan perjuros e peyten C morabitinos a concello; nin los VI nin los alcaldes non fagan amizada ensenbla, nin coman nin beban ensenbla, en daño de concello, sinon sejan perjuros e alevosos. (Foros de Castello Rodrigo, *Liber secundus* L.)

Seculo 14.º—En o começo criou Deus o ceeo e a terra, convem a saber, o ceeo empireo, e os angos, e a materia de

---

(1) Veja-se a *Chrestomathia Historica da Lingua Portugueza,* por F. Adolpho Coelho.

todolos corpos, e os quatro elementos, convem a saber, o fogo, o aar, a augua, e a terra, e est mundo, que parece, que he feito d'eles.

Mas a terra era vaã e vazia, quer dezer, que a feitura do mundo era sem proveito e sem fruito e desapostada.

E as treevas eram sobre a face do avisso, que hé a terra, e a feitura do mundo, que era profunda e escura, e confunduda. (HISTORIA DO TESTAMENTO Cap. I, in princ.).

Seculo 15.—Manifesto he seerem quatro as geeraçoões dos monges das quaes a primeira se chama dos cenobitas que som aquelles que vivem nos moesteiros sob regra e sob abbade. A segunda he dos heremitas. E estes som os heremitaães os quaaes nom ja cõ fervor de nova cõverssom, mas provados no moesteiro perlongadamẽte, aprenderõ cõ ajuda e exemplo de muytos a pugnar cõtra o diaboo e assy bem inssinados sentindosse abastantes passos perssy cõtrariar aas tẽptaçoões se saãe dant' as aazes dos irmaãos. (CONDICE DE PAÇO DE SOUZA, Cap. I. in princ.).

Seculo 16.°—Em um daquelles dias que foy antre acenson e o pentecoste, estando todollos dicipolos ajuntados em no Cenaculo, diz Sam Lucas o Evangelista no Livro do feyto dos Apostolos, que se levantou Sam Pedro em meo daquelles dicipolos, que eram chamados irmaãos, e erão por todos em aquella companha perto de cento e vijnte homees, e disse:

Baroens irmaãos, convem que seja comprida a Escritura, que ante dise o Spiritu Sancto pela bôca de David o propheta, de Judas que foy cabedel dos que prenderom Jesu. (ACTOS DOS APOSTOLOS, Cap. I, in princ.)

Seculo 17.° — E levantando-se Pedro naquelles dias, em meio dos discipulos, disse: (e era a multidão junta como de quasi cento e vinte pessoas.)

Varoens irmãos, convinha que se cumprisse esta Escritura, que o Espirito Santo pela boca de David predisse ácerca de Judas, que foi o guia daquelles que prendêrão a Jesus. (IDEM. —*Traducção do Padre Ferreira de Almeida.*)

Seculo 18.° — Naquelles dias levantando-se Pedro no meio dos irmãos (e montava a multidão dos que alli se achavão juntos, a quasi cento e vinte pessoas) disse:

Varões irmãos, he necessario que se cumpra a Escritura, que o Espirito Santo predisse por boca de David acerca de Judas, que foi o conductor daquelles que prendêrão a Jesus. (IDEM. *Traducção do Padre Antonio Pereira de Figueiredo.)*

Seculo 19.º — "O mancebo (Affonso Henriques) — di um escriptor desse tempo—sabia a arte de reinar, e todavia possuido de ardente amor de gloria, como a fragil canna, facilmente se inclinava para onde quer que o sopro das auras o levava." Cubiçoso de renome, valente, sem affeições profundas e duradouras, elle não houvera sido talvez, apezar da sua aptidão para dirigir os negocios, um dos principes mais apropriados a tempos tranquillos; mas era-o para esta epoca, em que o enthusiasmo, o esforço, a ambição e até o desprezo de certas considerações da ordem moral se tornavam necessarios para pôr o remate ao edificio que este paiz ia laboriosamente construindo, o edificio da sua independencia. (A HERCULANO.—*Hist. de Port., Liv.* II. pag. 300).

Resumo da classificação genealogica das linguas.

Classificam-se as linguas, genealogicamente consideradas, em familias ou grupos, cujos membros são alterações de um mesmo typo de lingua, perdido ou conservado, commum a cada grupo.

A classificação genealogica que das linguas tem sido feita até nossos dias, comprehende oito grupos: — o *indo-chino*, o *dravidico*, o *malaio-polynesio*, o *uralo-altaico*, tambem chamado *scythico* ou *turaniano*, o *cafre* ou *bantu*, o *khamitico*, o *semitico* e o *indo-europeu*.

Pertence a lingua portugueza ao grupo *indo-europeu*, conhecido ainda pelas denominações de *indo-germanico* e *aryano* ou *aryaco*, o mais bem estudado de todos os grupos glotticos, e cuja unidade está demonstrada do modo mais completo possivel.

Este grupo divide-se em duas classes:—a *asiatica* ou *arica* e a *européa*.

A *classe asiatica* ou *arica* conta dous ramos:

1.º O *indico* abrangendo o *sanskrito* e os seus dialectos modernos, como o *mahratta*, falado na India portugueza, o *hindustani*, o *bengali*, etc.

2.º O *eranico*, em que se acham incluidos o *antigo persa*, o *zend*, o *persa moderno*, etc.

A *classe européa* compõem-se de seis ramos:

1.º O *hellenico* ou *grego*, cujos dialectos se grupam sob quatro fórmas:—o *eolio*, o *dorio*, o *jonio* e o *attico*.

2.º O *italico*, que comprehende o *latim* com os seus dialectos modernos, chamados *linguas romanicas* (o *portuguez*, o *hespanhol*, o *italiano*, o *francez*, o *provençal* e o *valachio* ou *romanico)*, e alguns dialectos falados na Italia, antes da era christan.

3.º O *celtico* que se subdivide em dous sub-ramos:

a) O *gadelico* constando do *irlandez*, do *erse* ou *gaelico*, em uso do norte da Escocia e do dialecto da ilha de Man.

b) O *britanico* que abrange o *kymrico* ou *cambico*, lingua do paiz de Galles, o *cornico*, hoje extincto, o *bretão* ou *armoricano*, manejado na Bretanha (França) e o *antigo gallo*.

4.º O *germanico* ou *teutonico* de que ha quatro sub-ramos:

a) O *gothico* que desappareceu, sem deixar descendentes.

b) O *scandinavo* ou *nordico*, em que se conteem o *norueguez*, o *sueco*, o *dinamarquez* e o *islandez*.

c) O *baixo allemão* que encerra em si o *saxão*, *o anglo saxão* que deu origem ao *inglez*, o *baixo allemão*, propriamente dito, o *hollandez*, o *flamengo*, etc.

d) O *alto allemão*, lingua litteraria da Allemanha, com as suas tres phases:—o *antigo*, o *medio* e o *alto allemão*.

5.º O *slavo* comprehendendo o *slavão liturgico* e o *polabico*, linguas mortas, o *russo*, o *rutheno*, o *polaco*, o *tcheque* ou *bohemio*, o *sorbo* ou *serbo*, de Lusacia, o *serbocroata*, o *sloveno* e o *bulgar*.

6.º O *lettico* que consta do *antigo prussico*, lingua morta, do *lithuanio* e do *letto*.

Alterações das linguas.

Differenciação dialectal é o processo, pelo qual, no correr dos tempos e em certas zonas, apresenta uma lingua alterações ou fórmas tão distinctas que a affastam do typo primitivo, fazendo-a desenvolver-se em linguas diversas ou dialectos.

A essas alterações ou fórmas particulares de linguagem dá-se o nome de *linguas*, quando são consideradas independentemente; de dialectos, si o são como variantes de um mesmo typo. Assim o portuguez considerado em si, é uma lingua; em relação, com o latim, um dialecto.

As *alterações das linguas* extendem-se a todos os seus elementos: são por isso *lexicologicas*, *syntacticas* e *semiologicas*.

De todas estas alterações tratamos nos logares competentes deste compendio.

Dialectos portuguezes.

Cada uma das linguas romanicas tem seus dialectos particulares. O portuguez, por terem sido menos vastas sua extensão e vida historica, conta apenas tres:—o *gallego*, o *indo-portuguez* e o *africano*.

O *gallego* que representa actualmente uma phase evolutiva do portuguez antigo, com que até o seculo 12.º se confundia, conserva-se estacionario, por não ter tido o desenvolvimento da forma escripta e da vida politica; ao passo que o portuguez, por causa da conquista do sul e da independencia do povo, foi-se differenciando do gallego, até se tornar uma lingua culta e altamente litteraria.

O *indo-portuguez* ou *reinol*, falado hoje em Ceilão e nas costas occidentaes da India, começou a ter existencia com as colonias portuguezas da Asia meridional. Acha-se inçado de termos indigenas e hollandezes, e ultimamente de vocabulos do inglez que pela sua supremacia em breve o absorverá.

O *africano* ou *creoulo* consta de muitas variedades dialectaes que constituem as linguas dos ilhéus e dos continentaes nas colonias portuguezas da Africa, mormente de Cabo Verde.

O portuguez hodierno do Brazil não constitue dialecto ; é o mesmo de Portugal, não obstante ir-se já differenciando, principalmente na pronuncia.

A differença que nella se salienta, consiste em fazermos soar mais claramente as vogaes e as syllabas subordinadas. Dizemos, por exemplo, *pêjo, tênho, mécha, pêito, bem* (bẽi) *vinte* e *ôito, ante-hontem, sôbrado, pápél, pêlôtão, pêrû;* ao passo que dizem os portuguezes: — *pàjo, tànho, méicha, pàito, bãe, vint'ôito, ant'hontem, subrado, pàpél, p'lutão, p'ru.*

Conta tambem o luso-americano algumas palavras que mudaram de significação. Eis alguns exemplos:

	Em Portugal.	No Brazil.
Babado . .	Cheio de baba.	Idem e folhos de vestido.
Faceira . .	Carne das faces do boi.	Mulher casquilha.
Fazenda. .	Bens, mercadorias.	Idem e propriedade rural.

Alem disso, tem-se opulentado o seu vocabulario com *provincianismos* e *brazileirismos*, ou sejam palavras tupis: *jacá, tabatinga;* ou africanas: *batuque, senzala;* ou meramente populares: *pelego, quindim.*

As divergencias syntacticas são em geral solecismos usados pelas classes incultas, como *amo-***lhe**, *vi* **elle**, **me** *disse, para* **mim** *ver, vá* **na** *loja,* em vez de *amo-***o**, *vi-***o**, *disse-***me**, *para* **eu** *ver, vá* **á** *loja,* que vão desapparecendo com a reacção culta e litteraria, que trata de fazer approximar a linguagem das fontes vernaculas e classicas.

GRAMMATICA PORTUGUEZA.

Grammatica é o estudo dos factos e das leis da linguagem.

Tem por fim a expressão do pensamento pela palavra, e por objecto o estudo das palavras.

Divide-se a grammatica em *geral* e *particular*.

Grammatica geral é o estudo dos factos e das leis da linguagem em toda a sua extensão.

Assim entendida, é a grammatica geral o mesmo que *glottologia* ou *linguistica*, porque é a sciencia da linguagem, ou a sciencia que estuda o maior numero das linguas conhecidas, coordenando as *semelhanças* e *divergencias* dos seus varios processos oraes, por meio dos quaes, na diversidade das raças e na successão dos tempos, tem o genero humano enunciado o pensamento; e estabelecendo ao mesmo tempo regras geraes, principios fundamentaes, leis communs e positivas.

No dominio da grammatica geral, ha duas orientações: — a tendencia, exclusivamente *logica*, que impõe *a priori* uma theoria do pensamento a todas as modalidades linguisticas; e a tendencia, exclusivamente *morphica*, que procura explicar o sentido pela estructura, o *interno* pelo *externo*. Quando exclusivas, systematicas, ciumentas, essas orientações tornam-se viciosas; pois cumpre não esquecer que a palavra se compõe de dous factores invariaveis — o *psycologico* e o *physiologico*, a *idéa* e a *fórma*. Para perfeita constituição da glottologia, é pois mister a intima combinação dos dous processos.

Grammatica particular é o estudo dos factos e das leis de uma lingua determinada.

A grammatica divide-se ainda em *comparativa* ou *historica* e em *descriptiva* ou *expositiva*.

A grammatica é *comparativa* ou *historica*, quando estuda os factos da linguagem em differentes epocas de uma lingua ou em differentes linguas, investigando que leis presidem ás suas alterações.

Só ella nos ensina a dissecção scientifica dos vocabulos; permitte remontar ao passado obscuro, muito alem do ponto em que param a lenda e a tradição; pode reconstituir a fórma typica das palavras desfiguradas pelas migrações e pelos seculos. Assim, por exemplo, si quizessemos estudar o vocabulo *pomba*, a historia nos indicaria a sua origem no latino *palumba*, por meio das fórmas intermediarias *paumba*, *paomba*, *poomba* (docs. do seculo 13.°), que, como todas as evoluções na vida humana, foram lentas e graduaes.

A grammatica é *descriptiva* ou *expositiva*, quando se limita a expor os factos da linguagem, observados no emprego de uma lingua em uma dada epoca, abstrahindo do estudo de suas transformações.

Não investiga as causas, nem explica as leis; seu fim é apenas classificar, definir e exemplificar os materiaes linguisticos.

Grammatica portugueza é o estudo geral, descriptivo, historico e comparativo dos factos da linguagem e das leis que os regem, no dominio tão somente da lingua portugueza.

Divide-se a grammatica portugueza em *lexicologia*, *syntaxe* e *semiologia*.

PARTE PRIMEIRA.

LEXICOLOGIA.

A *lexicologia* estuda as palavras individualmente, considerando-as, já em seus elementos materiaes — *sons* e *lettras*, já em suas *fórmas*.

Ella investiga todos os processos necessarios á constituição do lexicon ou diccionario da lingua portugueza.

A lexicologia comprehende tres partes: — a *phonologia*, a *lexigraphia* e a *morphologia*.

LIVRO PRIMEIRO.

Phonologia.

A *phonologia* trata dos sons elementares e fundamentaes da lingua, das modificações que soffrem taes sons constituidos em vocabulos e da correcta pronuncia destes.

Dahi sua divisão em *phonetica*, *prosodia* e *orthoepia*.

TITULO PRIMEIRO.

Phonetica.

Phonetica é o estudo dos sons articulados, considerados como elementos constitutivos dos vocabulos, e das leis que presidiram ás suas alterações.

A phonetica, ou é *physiologica*, ou *historica*.

CAPITULO I.

PHONETICA PHYSIOLOGICA.

A *phonetica physiologica* trata dos sons articulados relativamente aos orgãos que os formam.

Som articulado é toda a emissão da voz, que se transforma em som pela acção do apparelho vocal.

Os sons articulados, ou são *simples*, ou *compostos*.

Os *simples* não teem mais que um som. Taes são os *phonemas*, isto é, as *vozes* ou *sons vogaes* e as *consonancias* ou *sons consoantes*.

Os *compostos* constam, ou de dous sons vogaes tão somente, ou de sons vogaes e consoantes. Taes são os *grupos vocalicos* e as *syllabas* formadas de sons consoantes e vogaes.

§ 1.°

Vozes ou Sons Vogaes.

Chamam-se *vozes* ou *sons vogaes* os sons que se formam pelo impulso da voz modificada pela cavidade da boca, mais ou menos aberta.

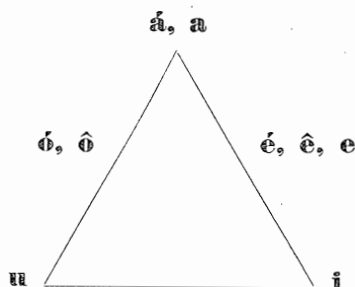
As vozes ou sons vogaes chamam-se *oraes* e *nasaes*.

Sons vogaes oraes ou *puros* são os sons formados na cavidade bucal, e por ella livremente emittidos.

Os sons vogaes oraes primitivos são *u, a, i*. *A* é o mais cheio. Abaixo de *a*, collocam-se *u, i*, representando aquelle o som mais surdo, e este, o mais agudo. Assim *a* occupa o cimo da escala tonica; *u, i*, os dous pontos inferiores parallelos: *a* é estavel; *u, i* são moveis, ou aptos a passar ao estado de consoantes. Alem destas tres vozes principaes *u, a, i*, ha ainda duas *accessorias*, a saber, *o, e*, sons intermediarios; o primeiro entre *u* e *a*; o segundo entre *i* e *a*.

Os sons vogaes oraes, fundamentaes e typicos, que se encontram em todas as linguas, são *u, o, a, e, i*, que se ligam entre si por uma serie de transições pouco sensiveis. Assim, quando, estando inteiramente abaixados o larynge e a lingua, se extendem o mais possivel os labios, arredondando-os, ouve-se o som de *u*. Depois, á medida que se levantam o larynge e a lingua, e se abrem os labios, diminuindo a extensão da cavidade bucal, do som *u*, passa-se a *o*, e em seguida a *a*. Nesse momento, os labios recuam, abrindo-se ligeiramente a boca, e o larynge fica na altura normal. Está-se no meio da escala. Si a progressão continua, e, si se elevam cada vez mais o larynge

e a lingua, conservando-se a boca aberta, passa-se a *e*, e finalmente a *i*, quando o canal, ha pouco alongado, attingiu a menor extensão possivel.

Eis a sua escala natural:

Os *sons vogaes oraes* são nove:

1.º *á aberto*, como em *má*;
2.º *a grave*, como em *mesa*;
3.º *é aberto*, como em *fé*;
4.º *ê fechado*, como em *sê*;
5.º *e grave*, como em *vide*;
6.º *i*, como na *conjuncção* e, em *indicio* e em *estylo*;
7.º *ó aberto*, como em *avó*;
8.º *ô fechado*, como em *avô*;
9.º *u*, como em *avo*, *cumulo*.

Sons *vogaes nasaes* são os sons formados na cavidade que une as fossas nasaes ao pharynge, depois de verificado o abaixamento do véu palatino, e emittidos, parte pela boca, parte pelo nariz.

Os *sons vogaes nasaes* são cinco:

1.º *an*, como em *lan*, *ambar*, *mãe*;
2.º *en*, como em *ente*, *emporio*;
3.º *in*, como em *tinta*, *limbo*, *syncope*, *sympathia*;
4.º *on*, como em *onda*, *compasso*, *dispõe*;
5.º *un*, como em *fundo*, *umbella*.

Alem de a consoante *n* nasalar a vogal que a precede, representa, de modo pouco sensivel, o seu som proprio em *ademan*, *iman*, *alumen*, *certamen*, *germen*, *gluten*, *hymen*, *lichen*, *specimen*, *tentamen*, *acoron*, *acromion*, *amidon*, *canon*, que se devem pronunciar *ademãne*, *ímãne*, *alúmẽne*, *certámẽne*, *gérmẽne*, *glútẽne*, *hýmẽne*, *líchẽne*, *spécimẽne*, *tentámẽne*, *acórõne*, *acrómiõne*, *amídõne*, *cánõne*.

As vogaes teem ainda um som nasal surdo, ou menos claro que os já indicados, quando são syllabas predominantes, ou dellas fazem parte, e se acham seguidas de *m*, *n*, *nh*, pertencentes á syllaba seguinte, como se vê em **a***ma*, *c***a***no*, *s***a***nha*; *t***e***ma*, *p***e***na*, *v***e***nho*; *l***i***ma*, *t***i***na*, *l***i***nha*; *t***o***ma*, *l***o***na*, *r***o***nha*; **u***no*, *n***u***me*, *c***u***nha*.

A simples posição das vogaes, neste caso, nos adverte de tal nasalidade. E' portanto dispensavel o uso de um signal, para designa-la. Ha no emtanto escriptores que a indicam, por meio do accento circumflexo; o que é incurial, visto ter este signal por fim representar sons oraes, como sejam as vozes medias ou fechadas, que, entre as abertas e as graves, teem as lettras *e* e *o*, os quaes constituem uma especie inteiramente diversa da dos sons nasaes.

§ 2.º

Consonancias ou Sons Consoantes.

Chamam-se *consonancias* ou *sons consoantes* os sons que se formam pelo impulso da voz modificada pelas partes moveis do canal da boca.

SECÇÃO 1.ª

Classificação das consonancias, conforme o papel que, em sua formação, exercem os orgãos de articulação.

Os nossos sons consoantes, segundo a ordem de sua natural geração, e influencia que, em sua formação, exercem os labios, a arcada dentaria inferior, a lingua e o véu do paladar, partes moveis do canal da boca, ou teclas do orgão vocal, constam das seis familias ou classes em seguida mencionadas:

1.ª Si as modificações da voz se operam, approximando-se, e separando-se rapidamente os labios, chamam-se *labiaes*; taes são: — *b*, *p*, *m*:

2.ª Si se operam pela acção conjuncta da arcada dentaria inferior e dos labios, chamam-se *dento-labiaes*; taes são: — *v*, *f*:

3.ª Si se operam, batendo a lingua diversamente nos dentes, chamam-se *linguo-dentaes*; taes são:—*d*, *t*:

4.ª Si se operam só por meio de movimentos da lingua, chamam-se *linguaes*; taes são:—*s*, *z*, *j*, *x*:

5.ª Si se operam, jogando a lingua de diversos modos contra o padar, paladar ou céu da boca, chamam-se *linguo-palataes* ou *linguo-palatinaes*; taes são:—*n*, *nh*, *l*, *lh*, *r* (re), *r* (como a ultima syllaba de *fe***re**):

6.ª Si se operam, fazendo a lingua encontro na extremidade interior do seu dorso com a garganta, chamam-se *linguo-gutturaes*; taes são:—*g* (gue), *c* (que).

SECÇÃO 2.ª

Classificação das consonancias, conforme o maior ou menor esforço que fazem os orgãos articuladores, para pronuncia-las.

As consonancias dividem-se ainda em *explosivas* ou *instantaneas*, em *continuas*, *fricativas* ou *espirantes* e em *liquidas* ou *correntes*, conforme o maior ou menor esforço que fazem os orgãos articuladores, para pronuncia-las.

As *explosivas* ou *instantaneas* são produzidas por um contacto completo dos orgãos articuladores, que cessa instantaneamente. Taes são: *p*, *b*; *t*, *d*; *c*, *g*.

As *continuas*, *fricativas* ou *espirantes* são formadas no canal bucal por um estreitamento, approximação ou contacto imperfeito, que permitte a sua prolongação indefinida. Taes são: *f*, *v*; *s*, *z*; *x*, *j*.

As *liquidas* ou *correntes* são assim chamadas, por causa da sua natureza particularmente fluida. Taes são: *m*, *n*; *l*, *r*.

As *explosivas* e as *continuas* são *variaveis* ou *moveis*, por ser a sua articulação mais ou menos forte.

Dividem-se por isso em *fortes* ou *surdas* e em *fracas* ou *brandas*.

São da primeira especie: *p*, *t*, *c*, *f*, *s*, *x*; da segunda: *b*, *d*, *g*, *v*, *z*, *j*.

As *liquidas*, ao contrario, são *constantes* ou *fixas*, porque a sua articulação se faz constantemente com o

mesmo grau de força; e dividem-se em *puras: l, r* ou *rr*; *nasaes: m, n*; e *molhadas: nh, lh*.

As *puras* unem-se facilmente a outras consonancias, para formarem articulações duplas, como *gr, pl*, etc.

As *nasaes* terminam syllabas, perdendo o seu som proprio, e tornando nasal a vogal precedente, como *em*, *on*, etc.

As liquidas *n, l* dizem-se *molhadas*, quando seguidas do *h*, porque se modificam nos sons *nh, lh*.

Quadro da classificação das consonancias.		Classificação das consonancias, conforme o maior ou menor esforço que fazem os orgãos articuladores, para pronuncia-las.						
		Variaveis ou moveis				Constantes ou fixas		
		Explosivas ou instantaneas		Continuas, fricativas ou espirantes		Liquidas ou correntes		
		Fortes ou surdas	*Fracas ou brandas*	*Fortes ou surdas*	*Fracas ou brandas*	*Puras*	*Nasaes*	*Molhadas*
Classificação das consonancias, conforme o papel que, em sua formação, exercem os orgãos de articulação.	Labiaes	p	b				m	
	Dento-labiaes			f	v			
	Linguo-dentaes	t	d					
	Linguaes			s x	z j			
	Linguo-palataes					l r ou rr	n	nh lh
	Linguo-gutturaes	c	g					

SECÇÃO 3.ª

Sons proprios e accidentaes das lettras.

Deveria ter cada signal litteral só um som, ou cada som um só signal que o designasse. Succede entretanto haver, na lingua portugueza, caracteres representando mais de um som, ou ser o mesmo som representado por mais de uma lettra.

Dá logar esta anomalia á divisão dos sons consoantes em *proprios* e *accidentaes*.

São *proprios* os sons que as lettras teem habitualmente; e *accidentaes* os que recebem ellas, segundo sua posição.

Os sons proprios das consoantes, aquelles com que devem ser nomeadas, são: *be*, *ce* (que), *de*, *fe*, *gue*, *je*, *ke*, *le*, *me*, *ne*, *pe*, *que*, *re*, *se*, *te*, *ve*, *xe*, *ze*.

Sons accidentaes só os teem as lettras *c*, *g*, *r*, *s*, *x*, como se vê das regras seguintes:

O *c* (que), antes de *e*, *i* ou *y* (*i* grego), tem o som de *s* (se): **c***era*, **c***inza*, **c***ylindro*.

O *ç* (que com cedilha), antes de *a*, *o*, *u*, tem o som de *s* (se): *pe***ça**, *po***ço**, *a***çu***de*.

O *g* (gue), antes de *e*, *i* ou *y* (*i* grego), tem o som de *j* (je): **g***ente*, **g***inja*, **g***ymnasio*.

O *r* (re), entre vogaes, soa brandamente: *ho***r***a*, *ca***r***o*; mas, em vocabulos compostos, soa forte: *pro***r***ogar*, *de***r***ogar*.

O *s* (se), entre vogaes, tem o som de *z* (ze): *ro***s***a*, *va***s***o*; em vocabulos compostos porem, conserva o seu som proprio: *re***s***entir*, *vero***s***imil*. Em *ob***s***equio*, *sub***s***istencia*, *extrin***s***eco*, *intrin***s***eco*, e, em alguns vocabulos que começam por *trans*, como *tran***s***igir*, *tran***s***acção*, tambem tem o som de *z* (ze).

O *s* (se) tem o som de *es brevissimo* ou *quasi surdo*, quando se acha precedido de *ab*, *ob*, *ad*, *sub*, *infra*, e seguido de *t* ou *c*: *ab***s***ter*, *ab***s***cesso*, *ob***s***tar*, *ob***s***curo*, *ad***s***tricto*, *ad***s***cripto*, *sub***s***tancia*, *sub***s***crever*, *infra***s***cripto*. Tambem tem o mesmo som no principio de vocabulos, quando está antes de *ca*, *co*, *p*, *ph*, *t*, *q*: **s***caleno*, **s***colopendra*, **s***pecimen*, **s***phenoide*, **s***teppe*, **s***quenanto*.

O *x* (xe) precedido da vogal *e*, no principio de vocabulos, e seguido de *vogal* ou *h* (agá), tem o som de *z* (ze): **ex***asperar*, **ex***emplo*, **ex***ilio*, **ex***orcismo*, **ex***ultar*, **ex***hausto*.

O *e* e o *x* (xe), estando unidos, e seguidos de consoante, teem o som de *es*: **ex***cesso*, **ex***foliação*, **ex***pressão*, **ex***quisito*, **ex***siccar*, **ex***tasis*, *s***ex***ma*.

Ex, ix, ux, no fim de vocabulos, teem ás vezes o som de *es, is, us*: *ind***ex**, *phen***ix**, *fl***ux**.

O *x* (xe) tem ainda umas vezes o som de *s* (se): *synta***x***e*, *pro***x***imo*; e outras, o de *cs* (que se): *reflu***x***o*, *thora***x**, *sile***x**, *oni***x**.

Temos alem disso os signaes *ch, ph, th, rh*, cujos sons proprios são *xe, fe, te, re*, como em *a***che**, **phe***nicio*, *syn***the***se*, **rhe***torica*.

O *ch*, antes de *r* (re), tem o som accidental de *c* (que): **Ch***risto*, **ch***ronica*. É outrosim usado com o mesmo som em *patriar***cha**, *ar***che***ologia*, *monar***chi***a*, *paro***cho**, **ch***ylo*, e em outros vocabulos que a pratica ensinará.

O *n* (ne) e o *h* (agá), ainda que juntos, não teem o som de *nh* (nhe), em vocabulos compostos da preposição *in*: *i***nh***abil*, *i***nh***ospito*.

Dá-se o mesmo com o *l* (le) e o *h* (agá), que, com quanto unidos, não soam como *lh* (lhe), em vocabulos compostos: *phi***lh***armonica*, *genti***lh***omem*.

§ 3.º

Grupos vocalicos.

Os *grupos vocalicos* dividem-se *em diphthongos*, *semi-diphthongos* e *monophthongos*.

Diphthongo é um som composto de dous sons vogaes, pronunciado de uma só emissão de voz: *eu, ão*. A primeira voz do diphthongo chama-se *prepositiva*; e a segunda, *subjunctiva*: aquella é sempre longa; e esta, sempre breve.

Os diphthongos, ou são *oraes*, ou *nasaes*.

Chamam-se *oraes* os diphthongos que só teem vozes oraes, e *nasaes* os que teem a primeira voz nasal.

Os diphthongos oraes da nossa lingua são onze:

1.º *ai*, como em ***pae***, *mais*, **ayri**;
2.º *éi*, como em *anneis*;
3.º *êi*, como em *rei*, **eyra**;
4.º *ói*, como em *doe*, *rhomboide*, *Godoy*;
5.º *ôi*, como em *boi*, *Goyaz*;
6.º *ui*, como em *tafues*, **uivo**, *Guyana*;
7.º *au*, como em ***pau***;
8.º *éu*, como em *labéu*;
9.º *eu*, como em *teu*;
10.º *iu*, como em *riu*;
11.º *ôu*, como em *dou*.

Os diphthongos nasaes são nove:

1.º *ãi*, como em *mãe*, *caimbra*;
2.º *ão* (grave), como em *sotão*, *amam*;
3.º *ão* (agudo), como em *pão*;
4.º *ẽi*, como em *joven*, *bem*, *teem*;

Só em *joven* e *regimen*, tem *en* o som de *ẽi*.

5.º *ĩi*, como em *affim*;
6.º *õi*, como em *põe*, *expõem*;

Sustenta Constancio que *õe* e *õem* tem pronuncia diversa; parece-nos porem serem um só diphthongo que se escreve por dous modos, com o fim de se differençar a terceira pessoa do singular da terceira do plural, no presente do indicativo dos verbos acabados em *or*.

7.º *õo*, como em *bom*;

Em *bom*, *com*, *dom* de *dominum*, representa a desinencia *om* o diphthongo *õo*; não assim nos vocabulos *dom* de *donum*, *som*, *tom*, *trom*, nos quaes tem ella o som de *on*.

8.º *ũi*, como em *muito*;

Apenas nos vocabulos *mui* e *muito*, é *ui* fórma representativa do diphthongo *ũi*.

9.º *ũu*, como em *jejum*.

Semidiphthongos são os grupos vocalicos, cujos sons, sem se poderem separar, soam distinctamente, formando duas syllabas.

Taes são: *èa*, *èo*, *ía*, *ìa*, *íe*, *ìe*, *ío*, *ìo*, *ôa*, *òa*, *ôe*, *ôo*, *úa*, *ùa*, *ùe*, *ùo*, *uan*, *uen*, *uin*, como em *lact***ea**, *arbor***eo**, *r***ia**, *glor***ia**, *f***ie**, *espec***ie**, *t***io**, *vic***io**, *t***oa**, *nód***oa**, *v***oe**, *v***oo**, *l***ua**, *ming***ua**, *eq***ue***stre*, *eq***uo***reo*, *q***uan***do*, *elo-***quen***cia*, *r***uïn***dade*.

Na poesia porem, fazem de alguns destes semidiphthongos uma só syllaba, para que o verso não fique frouxo ou languido.

Monothongos são os grupos vacalicos que representam um só som, por ser insonora a sua primeira lettra.

Taes são: *ua*, *ue*, *ui*, *uu*, *uen*, *uin*, como em *q***ua***-torze*, *q***ue***sito*, *g***ue***rra*, *inq***ui***rir*, *seg***ui**, *eq***uu***leo*, *q***uen***te*, *req***uin***te*.

Na lingua portugueza, não ha *triphthongos*, Paraque os houvesse, era preciso quo fossem compostos de tres sons vogaes, pronunciados por um impulso de voz; ora as vozes que alguns grammaticos dão como o sendo *éa*, ou *éia*, *éie*, *éio*, *êia*, *êie*, *êio*, *êam*, *iam*, *óem*, (óẽi), *uim*, (uĩi), segundo se vê em *id***éa** (nome), *id***eia** (verbo), *id***eie**, *id***eio**, *m***eia**, *od***eie**, *v***eio**, *l***eam**, *v***iam**, *d***oem**, *r***uím**, teem duas syllabas que se pronunciam em dous tempos, com dous impulsos de voz; e portanto não são *triphthongos*.

§ 4.º

Syllabas.

Syllaba é, ou um som vogal tão somente, ou um som composto de sons simples, pronunciado de uma só emissão de voz, como se vê em *e*, *eu*, *pau*, *sol*, *gral*.

No verso, são as syllabas contadas, por modo differente daquelle por que o são na prosa; um trecho qualquer de poesia, segundo a grammatica, tem quantidade muito maior de syllabas que de conformidade com a arte poetica. Conta o grammatico, como syllabas, todos os sons distinctos, em que qualquer palavra se pode rigorosamente dividir, os quaes constam, ou só de um som vogal; ou só de um diphthongo; ou de uma voz com uma ou mais consonancias, quer se lhe anteponham, quer se lhe posponham, quer a te-

nham intercalada; ou finalmente de um diphthongo com consonancias: *é; eu; ir, pé, cré, brins; vae, frei, taes, grãos.*

Entretanto que o poeta não tem na conta de syllabas as elisões imperceptiveis ou pouco sensiveis que se dão, quando falamos ou lemos, por meio das quaes omitte a voz sons que são representados pela penna.

A razão disto está em governar-se o grammatico, por uma especie de philosophia especulativa, que o força a estudar os sons pelo que são rigorosamente, e não pelo que soam; ao passo que tem o poeta de observar a toada da pratica, que o adstringe a encarar os sons pelo effeito harmonico que produzem aos ouvidos, e não pelo que rigorosamente são.

Verificam-se estas elisões, ou por meio da *synerese* que consiste na absorpção de vogaes dentro de um só vocabulo, como se vê em **pi-e**-*da-de*, *mar-ty*-**ri-o**, que, por esta figura, se pronunciarão **pie**-*dade, mar-ty*-**rio**; ou por meio da *synalepha* e da *ecthlipse,* que consistem, aquella na suppressão de vogaes, e esta na da consoante *m,* no fim de vocabulos, quando se lhes seguem outros que começam por vogal, como se vê no seguinte verso de Camões, o qual tem para o grammatico quinze syllabas, e onze para o poeta:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15
"Qual co'os pen-na-chos do el-mo a-çou-ta as an-cas."

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
"Qual cos pen-na-chos del-ma çou-tas an-cas."

As lettras de cada syllaba devem solettrar-se juntas, por exemplo, *mais* não se sollettrará *m-a—ma, i-s—is, mais*, porque as lettras e os sons das syllabas não se devem separar; e por isso, quando quizermos dividir qualquer vocabulo de mais de uma syllaba, o dividiremos pelo fim de cada uma, como se vê em *ab-so-lu-to*, *cons-tan-te.*

Os sons formados pelas vogaes antepostas ás lettras *l*, *m*, *n*, *r*, *s*, *x*, *z*, como *al*, *il*, *yl*, *ol*, *ul*, etc., estando unidos a sons consoantes, devem fazer corpo com elles, e pronunciar-se juntos; pelo que *aquillo*, *canna*, *damno*, *ferro*, *massa* não se solettrarão assim: *a-qui-llo—aquillo*, *ca-nna—canna*, *da-mno—damno*, *fe-rro—ferro*, *ma-ssa—massa*; mas deste modo: *a-quil-lo—aquillo*, *can-na—canna*, *dam-no—damno*, *fer-ro—ferro*, *mas-sa—massa.*

CAPITULO II.

PHONETICA HISTORICA.

A *phonetica historica* expõe as leis que determinam a transformação dos sons nas diversas idades da lingua.

As leis da alteração phonetica são:—o *principio da minima acção*, o *principio de transição*, os *metaplasmos* e a *analogia morphica*.

§ 1.º

Principio da Minima Acção.

Os sons das linguas nunca se modificam ao acaso, mas sim por virtude de leis que se podem reduzir a um certo numero. Assim, na transformação do latim nas linguas romanas modernas, verifica-se uma tendencia geral para a simplificação, e uma disposição natural para se evitar o esforço de que necessita a emissão de certos sons: a este facto é que se dá o nome de *principio da minima acção*. Esta necessidade de maior commodidade na pronunciação produz o enfraquecimento geral das lettras latinas, como se vê em *digitus* (*dedo*), cujo *t* se abrandou em *d*. Em certos casos, torna-se tal o enfraquecimento que a lettra latina desapparece completamente.

Quaesquer que sejam porem as modificações que attingem a palavra latina em sua passagem para o portuguez, ella conserva suas partes essenciaes,—a *syllaba accentuada* ou *tonica* e a *lettra inicial*.

a) *A syllaba accentuada* em latim subsiste pois em portuguez, e alem disso conserva o accento tonico original; mas, como este accento fere a vogal e não a consoante, é a vogal que persiste, e se desenvolve mesmo em um som mais cheio, ao passo que a consoante medial ou collocada entre duas vogaes, se *degrada*, isto é, desce um grau na escala das articulações, passando de forte a fraca e de explosiva a espirante; ou cae completamente, como em *acutus*, *agudo*; *caballus*, *cavallo*; *dotare*, *doar*.

b) A parte essencial da syllaba inicial é a consoante, e não a vogal; mas não se pode apoiar sobre a consoante, sem se apoiar sobre a vogal; é por isso que a syllaba inicial se mantem em geral muito firme, como em **ca***ptivus*, **ca***ptivo*.

§ 2.º

Principio de Transição.

Qualquer que seja a transformação que pode soffrer uma lettra, esta transformação só se opera lentamente, e não dá mais que um passo de cada vez. Uma lettra não muda a um tempo de ordem, grau ou familia; não pode realisar *de uma vez* mais que uma só destas mudanças; eis o que se chama—*principio de transição*. Assim, por exemplo, *povo*, *papel*, *lembrar* não nos vieram directamente de *populus*, *papyrus*, *memorare*, mas, pelas fórmas intermediarias *poblo* e *poboo*, *papillo*, *nembrar*.

É, por meio destas fórmas intermediarias, que se pode fazer a historia de uma palavra, e remontar á sua verdadeira origem, assim como ao seu sentido primitivo.

§ 3.º

Metaplasmos.

Na passagem do latim para o portuguez, a sorte das lettras depende, já de sua propria natureza, já do contacto de certos sons, quando este contacto produz um choque de vogaes (hiato) ou de consoantes, contrario á euphonia.

Si as lettras latinas não se conservam intactas, podem soffrer tres especies de modificações:

1.ª Ora a lettra latina se mantem, mas alterando-se, ou fundindo-se num som de outra natureza.

2.ª Ora a lettra latina desapparece inteiramente, ou porque lhe falta apoio, ou porque é incompativel com outra lettra.

3.ª Ora duas lettras vizinhas se manteem, chamando porem para o meio de si um som estranho, destinado a tornar o seu choque impossivel.

Dahi tres especies de phenomenos phoneticos; a *permuta*, a *elisão*, e a *addição de lettras euphonicas*, conhecidos pela denominação de *metaplasmos*.

SECÇÃO 1.ª

Permuta de Lettras.

Entende-se por *permuta de lettras* a mudança do som que representam, em outro.

Os sons das linguas são com effeito mais ou menos *variaveis*, isto é, podem transformar-se em outros; por isso a mesma palavra pode se encontrar em muitos idiomas sob fórmas diversas. Mas esta transformação dos sons não é irregular; dá-se ao contrario, segundo leis fixas que se podem resumir assim:

1.ª As vogaes, por serem os sons menos articulados, são em geral mais variaveis que as consoantes.

2.ª Sendo a syllaba tonica e a lettra inicial as partes essenciaes da palavra, a vogal accentuada resiste melhor que a vogal atona, e a consoante é menos variavel no começo que no meio ou no fim da palavra.

3.ª Só sons analogos se podem permutar entre si.

As permutas, ou resultam da propria natureza das lettras, ou produzem-se pelo contacto de vogaes ou de consoantes.

I

Permutas resultantes da propria natureza das lettras.

As permutas que resultam da propria natureza das lettras, teem por effeito o *enfraquecimento* ou *abrandamento* do som.

Eis as regras que lhes servem de base:

1.ª As vogaes permutam-se descendo a escala vocal (pag. 31), ou *diphthongando-se* com as vogaes inferiores,

i e *u*, como subjunctivas, segundo se vê em *freio*, de *frenum*, e em *estou* de *sto*.

A diphthongação não se pode verificar em vogaes de posição.

2.ª Para as consoantes podem-se estabelecer as duas regras seguintes:

a) A permuta das explosivas e das espirantes, que se dá apenas, entre sons da mesma ordem ou *homorganicos*, quer dizer, entre uma labial e outra labial, entre uma dental e outra dental, etc., faz-se por abrandamento, isto é, descendo os graus da escala das articulações (pag. 34), ou passando das fortes ás fracas (*apotheca*, *botica*; *cito*, *cedo*), e das explosivas ás espirantes (*arbor*, *arvore*; *populus*, *povo*), sem ir alem até as liquidas.

b) Por serem as liquidas as consoantes menos articuladas, a sua permuta, ou dá-se entre si, como em *nivel* =*libella*, ou com lettras de outras ordens, como em *deixar*=*leixar* de *laxare*. Esta permuta entre sons de ordem differente ou *heterorganicos* contituem o que se chama *reforço*, phenomeno contrario ao abrandamento, que, por ser raro na evolução das linguas, é considerado como uma anomalia.

II

Permutas produzidas pelo contacto de vogaes ou de consoantes.

As permutas que se produzem pelo contacto de vogaes ou consoantes, teem por effeito a *accommodação* do som.

Permutas verificadas pelo contacto de vogaes.

O encontro das *vogaes* determina, em certos casos, já a sua *fusão*, já a *consonantisação* e *attracção* de uma dellas.

Opera-se a fusão de vogaes, ou por *synerese*, ou por *crase*.

Por *synerese*, quando duas vogaes se approximam simplesmente, de maneira a se soldar uma na outra, for-

mando um diphthongo (*dae* de *date*), ou um semidiphthongo (*magua* de *macula*).

Por *crase*, quando se contrahem duas vogaes em uma só: *pôr* de *poer* (*pónere*), *á* por *a a* (preposição e artigo), *idéa* por *ideia*.

É frequente a fusão de vogaes, sempre que, supprimidas certas consoantes mediaes, isoladas entre duas vogaes, ficam estas em contacto.

Realisa-se a *consonantisação*, quando, com o fim de annullar-se o hiato, passa *i* ou *u* ás consoantes correspondentes *j* ou *v*: *hodie*, *hoje*; *captiuo*, *captivo*.

Dá-se a *attracção*, quando a vogal se transpõe, attrahida pela tonica, para se fundir com ella em um diphthongo: *aipo* de *apium*, *aceiro* de *acerium*, *poude* de *potuil*, *ruivo* de *rubeus*.

Permutas verificadas pelo contacto de consoantes.

O encontro de duas *consoantes* determina muitas vezes a *assimilação*, a *dissimilação*, a *vocalisação* e a *transposição* de uma dellas.

Vimos já que só sons analogos ou da mesma ordem se podem permutar entre si: mas, quando as consoantes se põem em contacto, e são *dissemelhantes*, isto é, pertencem a ordens differentes, a lingua as assimila.

Consiste a *assimilação* na attracção que um som exerce sobre outro, fazendo-o adoptar seu proprio som ou classe: *pessoa* de *persona*.

A assimilação é *progressiva* ou *regressiva*, *completa* ou *incompleta*.

É *progressiva* ou *ascendente*, si a attracção se exerce da lettra antecedente para a subsequente: *nosso* de *noster*, em que o *s* attrahe o *t*, transformando-o em *s*.

É *regressiva* ou *descendente*, si a attracção se exerce da lettra subsequente para a antecedente: *illegal* de *in+legalis*, em que o *l* attrahe o *n*, transformando-o em *l*.

A assimilação regressiva é a mais frequente.

Diz-se *completa*, quando da attracção resultam lettras dobradas ou geminadas: *attrahir* de *ad+tráhere*.

Diz-se *incompleta*, quando da attracção resultam lettras differentes, mas da mesma ordem: *scri**pt**um* de *scri**bt**um*, em que a labial fraca *b* permutou-se na labial forte *p*, por virtude da forte *t*.

A assimilação representa papel importante na formação das linguas romanas, principalmente por causa da elisão das vogaes atonas, que poz em contacto, em uma multidão de palavras, consoantes incompativeis.

Outro phenomeno correlativo da assimilação, que tambem tem por causa a necessidade de commodidade na pronunciação, é a *dissimilação* que consiste em tornar differentes duas lettras consoantes que eram primitivamente identicas: *Ma**r**selha* de *Ma**s**selha*.

Não se pode resolver em vogal a consoante que está isolada; quando porem se acha em contacto com outra consoante, não é raro tal permuta, a qual se designa pelo nome de *vocalisação*: *prece**i**to* de *præce**p**tum*, *o**i**to* de *o**c**to*.

Outra especie de vocalisação é a *nasalisação* que, com perda do seu som proprio, produzem as consoantes *m* e *n*, nas vogaes que as precedem.

As consoantes deslocam-se, precedendo ou seguindo a vogal. Tal mudança de logar ou *transposição* verifica-se, ou por *metathese*, ou por *hyperthese*.

Por *metathese*, quando se dá a transposição na mesma syllaba: *pob**r**e* de *paupe**r***, *po**r*** de *p**r**o*.

Por *hyperthese*, quando se dá a transposição entre syllabas diversas: *t**r**evas* de *teneb**r**as*, *pa**l**av**r**a* de *pa**r**abo**l**a*.

As liquidas *l* e *r* são as consoantes que mais se transpõem, e isto por virtude da attracção de uma explosiva ou espirante precedente.

SECÇÃO 2.ª

Elisão.

A *elisão* de lettras, de todos os metaplasmos o que mais concorre para a simplificação, tem por causa a eu-

phonia, e a influencia exercida pelo accento tonico, cujo som predominante ensurdece as lettras vizinhas que vão desapparecendo pouco a pouco.

Effectua-se a elisão no principio, meio e fim dos vocabulos.

No principio, toma o nome de *apherese*, e pode ser de vogal, consoante ou syllaba.

A *apherese* de vogaes dá-se de ordinario, quando por si sós formam syllabas: *botica* de **a***potheca*.

A de consoante é rarissima, por ser a consoante inicial de grande estabilidade: *tisana* de **p***tisana*.

A de syllabas é muito mais frequente nos nomes proprios: *Zé* em vez de **Jo***sé*, *Lota* de **Car***lota*; os quaes soffrem muitas vezes a reduplicação: *Zezé*, *Lolota*.

Chama-se *syncope* a elisão de lettras no meio dos vocabulos: é um dos phenomenos mais communs da phonetica historica.

A *syncope* elide vogaes ou syllabas, si são breves, e precedem immediatamente a tonica: *bondade* de *bon***i***tatem*, *prégar* de *pre***di***care*.

Tambem elide frequentemente consoantes isoladas, ou collocadas entre duas vogaes: *cruel* de *cru***d***elis*, *rio* de *ri***v***us*.

Da suppressão de syllabas medias resultaram ás vezes vocabulos com fórma muito differente da do typo primitivo: *mister* de *ministerio*, *quaresma* de *quadragesima*.

A elisão de lettras no fim dos vocabulos recebe as denominações de *apocope*, *ecthlipse* e *synalepha*.

De *apocope*, quando se supprimem lettras ou syllabas finaes: *amar* de *amar***e**, *gran* por *gran***de**.

É phenomeno caracteristico da formação das linguas romanas.

De *ecthlipse*, quando se supprime no verso o *m* final de um vocabulo, por se lhe seguir outro que começa por vogal: *co'somno* por *co***m** *o somno*.

De *synalepha*, quando se supprime a vogal final de um vocabulo, porque se lhe segue outro que principia por vogal: *do*, *da*, *deste*, *desse*, *to*, *lho* por *de o*, *de a*, *de este*, *de esse*, *te o*, *lhe o*.

SECÇÃO 3.ª

Addição de Lettras Euphonicas.

As lettras que se accrescentam ás palavras, tambem o são no principio, meio e fim. Dahi tres especies de addição: — *prothese*, *epenthese* e *paragoge*.

A *prothese* accrescenta lettras no principio: *escrever* de *scribere*; a *epenthese*, no meio: *humilde* de *humilis*; a *paragoge* ou *epíthese*, que é rarissima em portuguez, no fim: *martyre* por *martyr*.

§ 4.º

Analogia Morphica.

Temos ainda um phenomeno de alta e reconhecida importancia que se opera frequentemente em portuguez — *a analogia morphica*.

Analogia morphica é a tendencia bem pronunciada da lingua vernacula, para destruir as fórmas irregulares, substituindo-as por outras mais conhecidas e geraes: *jazi* por *jouve*, *instrue* por *instroe*.

TITULO SEGUNDO.

PROSODIA.

A *prosodia* trata da quantidade e do accento das syllabas constituidas em vocabulos.

Vocabulo é, ou uma syllaba de som forte, ou um composto de syllabas subordinadas a uma de som forte e predominante. Daqui se vê que ha vocabulos de uma syllaba só: *Deus*; e de mais de uma: *justo*, *pureza*, *caridade*.

Chamam-se *monosyllabos* os vocabulos de uma só syllaba: *dó*, *cru*; *dissyllabos*, os de duas: *lasso*, *posse*;

trissyllabos, os de tres: *centelha*, *virtude*; *polysyllabos*, os de mais de tres: *amplitude*, *constituição*, *curiosidade*.

Na pronunciação dos vocabulos, ha que considerar as modificações conhecidas pelas denominações de *quantidade* e *accento*, que nelles se dão, por serem suas syllabas pronunciadas, ou com maior ou menor duração, ou com maior ou menor elevação da voz.

CAPITULO I.

QUANTIDADE DAS SYLLABAS.

Quantidade da syllaba é a medida da duração ou do espaço de tempo, que gasta a voz em pronunciar qualquer syllaba.

Esta duração é toda relativa; não se mede pela velocidade ou lentidão accidental, com que se pronunciam as syllabas, mas pelas proporções immutaveis que as tornam breves ou longas. Dous homens, por exemplo, dos quaes um é summamente veloz no falar, e o outro por extremo vagaroso e compassado, não deixam por isso de observar a mesma quantidade, ainda que o primeiro pronuncie mais depressa uma longa que o segundo uma breve, isto é, não deixam de fazer exactamente breves as que são breves, e longas as que são longas. A medida portanto da duração de cada syllaba é a proporção invariavel que teem umas para com outras, proporção que nunca se pode determinar mathematicamente, porque, em todas as linguas, ha syllabas breves mais breves que outras, e longas mais longas que outras, como se vê em *pallio*, que tem o *i* e *o* mais breves que o *i* e *o* de *pallido*; e em *tafetá*, cuja voz final é mais longa que a primeira. Mas, posto que, por esta desigualdade da duração das breves entre si, e das longas tambem consideradas entre si, não haja exacta proporção entre breves e longas, comtudo, desprezando-se as fracções de tempo, e, por um calculo de approximação, considerando-se as breves iguaes entre si, e da mesma sorte as longas, achou-se que a proporção destas era dupla, e que, dando-se á breve um tempo só, a longa relativamente a ella vinha a ter dous.

As syllabas, ou são *breves*, ou *longas*.

São *breves*, isto é, *rapidas*, aquellas syllabas, cuja pronunciação dura um só tempo; e *longas*, isto é, *extensas*, aquellas, cuja pronunciação dura dous.

As syllabas podem ser breves ou longas, ou por *natureza*, ou por *uso*.

Syllabas breves ou *longas por natureza*, são aquellas, cujos sons se produzem com presteza ou vagar, por dependerem de algum movimento rapido ou lento, que o mechanismo natural deve executar, segundo as leis physicas que o dirigem.

São breves de sua natureza as vozes *a*, *e*, *o*, como se vê nas syllabas finaes de *ama*, *ame*, *amo*.

São longas de sua natureza:

1.º As vozes abertas: *d***á**, *s***é**, *av***ó**;

2.º As vozes fechadas: *v***ê**, *av***ô**;

3.º Todas as vozes nasaes: *ortel***an**;

4.º Todos os diphthongos: *m***eu**, *p***ão**;

5.º Toda a syllaba feita por contracção de duas: **á***quelle* por **a** **a***quelle*;

6.º Toda a syllaba sobre que recae o accento prosodico ou tonico: *livra***ri***a*;

7.º As vozes que estão antes de duas consoantes, quando uma destas lhes pertence, e a outra é da syllaba seguinte: *s***a***lgado*, **e***rmida*, *tr***i***steza*, *f***o***lguedo*, *f***u***rtivo*;

8.º As vozes que estão antes da consoante *x*, quando é duplice: *s***e***xual*, *f***i***xidez*.

Não influem na vogal que as precede:

1.º As consoantes dobradas da mesma especie, quando representam só um som: **a***dduzir*, **a***ggredir*;

2.º As consoantes compostas *nh*, *lh*, *ch*, *ph*, *th*, *rrh*: *n***i***nhada*, *m***o***lhado*, *c***o***chonilha*, *typogr***a***phia*, **a***theneu*, *p***y***rrhonico*;

3.º Os grupos consonantaes *bl*, *br*, *pl*, *pr*, *gn*, etc: **a***blativo*, **a***braço*, **a***placar*, **a***prender*, *m***a***gnanimo*.

Syllabas breves ou *longas por uso*, isto é, *communs*, são aquellas, cujos sons se produzem, ora com rapidez, ora com vagar, conforme a posição do accento prosodico.

São communs as vozes *i*, *u*; e por isso serão longas, quando sobre ella cahir o accento prosodico; e breves, quando não cair, como se vê em *v***í***c***i***o*, que tem o primeiro *i* longo e o segundo, breve; e em *t***u***m***u***lo*, que tem o primeiro *u* longo, e o segundo, breve.

No grego e no latim, linguas evidentemente musicaes, cuja verdadeira e exacta pronuncia hoje se ignora, era de summa importancia o perfeito conhecimento da quantidade de cada syllaba; mas, nas linguas modernas, cuja pronuncia é rapida, e passa como a correr pelas syllabas subordinadas, para accentuar fortemente a predominante, segundo se verifica no portuguez, e nos outros idiomas derivados do latim, é isso cousa de pouco momento.

O que importa saber, é que as syllabas que precedem o accento prosodico, tornam-se breves em relação a elle, embora, em certos vocabulos, se possa sentir a prolação de alguma dellas, como em **pré***gar* de *predica*, a de *pre*, em **sa***cristia*, a de *sá;* e que as que se seguem ao referido accento, tornam-se, não só breves, mas quasi surdas, como *es***plen***dido, habi***lis***simo,* em que as syllabas finaes são brevissimas.

CAPITULO II.

ACCENTO TONICO.

Accento tonico que tambem chamam *prosodico* ou *phonetico*, é a syllaba predominante do vocabulo; ou aquella syllaba a que ficam subordinadas todas as outras, quer antecedentes, quer subsequentes, como se vê em *ami***za***de*, cuja penultima syllaba é a predominante.

O accento tonico dá á palavra unidade e individualidade, ou faz de uma reunião de syllabas um todo perfeito e distincto. E' uma força conservadora que resiste, em todo o dominio da linguagem, á corrente da alteração phonetica; é portanto a *alma da palavra* ou o seu *centro de gravidade,* isto é, o que a vivifica e caracterisa, visto que, sem cousa alguma accrescentar aos elementos materiaes de que ella se compõe, os domina e anima, concentrando em si toda a força de expressão, e assegurando a unidade das suas diversas partes.

No portuguez, como nas linguas suas congeneres, conservam as palavras o accento tonico na mesma syllaba das palavras latinas de que veem: **an***jo* — **an***gelo* de **an***gelus;* e isto porque as syllabas fracamente articuladas ou pouco accentuadas estão mais expostas a perder-se que as que se pronunciam com um tom mais elevado.

Este facto da persistencia do accento latino, que constitue uma lei geral e absoluta, é de summa importancia, por sua influencia, na formação da lingua portugueza, de cujo estudo é o fio conductor. Verificou-se esta influencia, dando elle mais duração ou consistencia ás syllabas, e provocando ao mesmo tempo o ensurdecimento

ou a queda das atonas que lhe estavam proximas. Donde as fórmas atrophiadas ou contractas das palavras portuguezas, e bem assim a existencia de syllabas finaes accentuadas, desconhecidas dos latinos.

As infracções a esta lei deram-se em palavras de origem erudita, introduzidas posteriormente á formação da lingua por homens que ignoravam as leis seguidas pela natureza na transformação do latim em portuguez, como se vê em **po***lypus*, que deu na linguagem popular **pol***pa*, e na erudita *po***ly***po*; e em **pla***tea*, de que procede o vocabulo popular **pra***ça*, e o erudito *pla***té***a*.

Eis outras causas da violação desta lei ou da deslocação do accento tonico:

1.ª A *analogia*. Exemplos disto temos na maior parte dos verbos procedentes da terceira conjugação latina, como *fa***zer** de **fa***cere*, que adoptaram a accentuação dos da segunda, accommodando-se assim ao facto mais geral.

2ª. A *necessidade de evitar o hiato*, como se vê em *len***çol** de *lin***teo***lum*.

3.ª A *antipathia do povo pelos vocabulos esdruxulos*, do que é exemplo *hu***mil***de* de **hu***milem*.

4.ª A *attracção do accento operada pelos grupos consonantaes* **br**, **cr**, **dr**, **tr**, etc., com o fim de evitar grande esforço de articulação. Em *pe***ne***tro* de **pe***netro*, por exemplo, por influencia de *tr*, se deslocou o accento da antepenultima syllaba para a penultima.

5.ª A *influencia da accentuação grega*, a despeito da fórma latina interferente, como se vê em *aco***ni***to* de *aco***ni***tum*.

6.ª O *imparisyllabismo latino*. *Te***mor**, si bem venha do accusativo latino **ti***mor*, tomou o accento das fórmas *ti***mo***ris*, *ti***mo***ri*, etc.

7.ª A *enclise* que, atonisando os pronomes *me*, *te*, *se*, *lhe*, etc., faz ser predominante de outra especie a predominante das fórmas verbaes, quando, como seus complementos, se lhes pospõem taes pronomes. Em *conce***den***do-se-lhe*, a syllaba *den*, que era penultima, passou a ser pre-antepenultima, por se ter posposto a *conce***den***do* as atonas *se*, *lhe*.

8.ª A *systole* que abrevia a penultima syllaba do vocabulo, convertendo-o de grave em esdruxulo: *me*te*oro* por *mete*o*ro*.

9.ª A *diastole* que alonga a penultima syllaba do vocabulo, convertendo-o de esdruxulo em grave: *im*pi*a* por im*pia*.

10.ª A *composição:* A lingua trata as palavras compostas, derivadas de palavras compostas latinas, como simples. Dahi a deslocação do accento, como em *re*ne*go* de re*nego*. Por extensão, pratica o mesmo com as que se compõem de outras, já portuguezas.

Os vocabulos portuguezes só admittem o accento prosodico na ultima, na penultima e na antepenultima syllaba: *ru***bor**, **san***to*, **pur***pura*.

O logar que o accento tonico occupa nas palavras, varia de uma lingua para outra, e muitas vezes na linguagem familiar, de uma cidade para outra. Em nossa lingua, como na hespanhola e na italiana, ha tendencia manifesta para collocar o accento phonetico na penultima syllaba; dahi o possuirem estes idiomas maior numero de palavras graves que de esdruxulas e agudas. Esta tendencia, já manifesta na linguagem dos romanos, tem modificado a prosodia de muitas palavras.

Em latim, nos dissyllabos, o accento tonico está sempre na primeira syllaba; nos trissyllabos e polysyllabos, depende da quantidade da penultima: si é longa, recae nella; si breve, na antepenultima. Por analogia, os latinos accentuavam do mesmo modo os vocabulos que tomavam do grego, ainda que outro fosse seu accento originario.

Em francez, cae o accento tonico na ultima syllaba, quando masculina ou sonora: *mou*ton, *che*val; e na penultima, quando a ultima é feminina ou terminada por *e mudo: ai*ma*ble, li*si*ble*.

Na lingua ingleza, si se trata de dissyllabos, ha tendencia para accentua-los na penultima; si de trissyllabos ou polysyllabos, são elles em geral accentuados na antepenultima, apezar de haver muitos vocabulos desta ultima especie com o accento na pre-antepenultima: ter*ritory*, dif*ficulty*, e alguns que o teem até na syllaba que precede a pre-antepenultima: *pre*am*bulatory*.

Em nossa lingua, não pode o accento vir na pre-antepenultima syllaba, salvo si por enclise, cujo caracter principal é atonisar vocabulos, se juntam variações dos pronomes a fórmas verbaes que sejam palavras graves: "*Louvam*-se-lhes as virtudes."

Quando o accento prosodico recaë na ultima syllaba, chamam-se as palavras *agudas*; quando na penultima, *graves*; quando na antepenultima, *esdruxulas* ou *dactylicas*.

As palavras agudas chamam-se *oxytonas*, quando sua syllaba predominante é notada pelo accento agudo: *a*vó; e *perispómenas*, quando o é pelo accento circumflexo: *av*ô. As graves tomam a denominação de *paroxytonas*, si sua syllaba predominante é notada pelo accento agudo: sé*de*; e o de *properispómenas*, si o é pelo accento circumflexo: sê*de*. E ás esdruxulas ou dactylicas dá-se o nome de *proparoxytonas*, porque sua syllaba predominante é notada pelo accento agudo: sá*bia*.

Na syllaba sobre que recae o accento prosodico, carrega-se fortemente, alçando-se a voz; as outras pronunciam-se com rapidez, mas as subsequentes mais surdamente que as antecedentes.

Nos monosyllabos, o accento prosodico recae na sua syllaba unica. Exceptuam-se os pronomes *me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes,* quando são *palavras encliticas*, isto é, quando, postos depois de verbos, formam com elles um só vocabulo, porque, em tal caso, não teem accento prosodico: *dá*-**me**. *chama*-**o**.

Teem o accento prosodico na ultima syllaba os vocabulos acabados:

1.º Nas vozes oraes *á, é, ê, ó, ô, i, y, u: man***ná**, *jaca***ré**, *vo***cê**, *ci***pó**, *a***vô**, *java***li**, *puchu***ry**, *ba***hu**. Exceptuam-se as palavras esdruxulas **al***cali*, **til***bury*, e as graves **ju***ry*, **qua***si*, **tri***bu*.

2.º Na voz nasal *an: ma***nhan**. Exceptuam-se **i***man*, **or***phan*, que teem o accento prosodico na penultima syllaba.

3.º Nas consoantes *l, r, z: len***çol**, *col***hér**, *ana***naz**. Exceptuam-se **con***sul*, *al***ca***cer*, *al***jo***far*, *al***mis***car*, **am***bar*, *as***su***car*, *ca***da***ver*, *ca***rac***ter*, *ca***the***ter*, **e***ther*, **mar***tyr*, **na***car*, **ne***ctar*, **pro***cer*, *re***vol***ver*, **so***ror*, que são graves, e **se***nior*, **ju***nior*, que são esdruxulos.

4.º Em diphthongos oraes e nos nasaes *ão* (ão agudo), *em* (ẽi), *im* (ĩi), *õe*, *õem* (õi), *um* (ũu): *cha***mae**, *an***dei**, *con***doe**, *cha***péu**, *rece***beu**, *ou***viu**, *cha***mou**, *condi***ção**, *re***fem**, *mar***fim**, *dis***põe**, *com***põem**, *a***tum**. Exceptuam-se **a***dem*, **or***dem*, **ho***mem*, **hon***tem*, **nu***vem*, que são graves.

Teem o accento prosodico na penultima syllaba:

1.º Os vocabulos acabados nas vozes oraes *a, e, o*: *lha***ne***za*, *bon***da***de*, *glori***o***so*. Exceptuam-se muitas palavras esdruxulas ou dactylicas: **cu***pula*, **ce***lebre*, **dys***colo*.

2.º Os que teem por terminação *en*, *on*, *gem*, *el*, *il*: *tentamen*, *canon*, *imagem*, *amavel*, *docil*.

3.º Os que acabam nas consoantes *s*, *x*: *alferes*, *amamos*; *thorax*, *calix*. Exceptuam-se *cocegas*, *pareas*, *ferias*, *viveres*, *alviçaras*, que são esdruxulos.

4.º Os que findam nas fórmas diphthongaes *ão* ou *am*, representativas do diphthongo *ão grave*: *orgão*, *louvam*.

5.º Os que teem som nasal na penultima syllaba: *encantos*, *duzentos*, *ovvintes*, *descontos*, *assumpto*.

6.º As linguagens que teem por desinencia *em*: *fazem*, *fizessem*, *fizerem*, *fazerem*.

7.º Muitas fórmas verbaes homographas de substantivos: *duvida*, *analyse*, *equivoco*, *replica*, *treplica*.

8.º As fórmas da segunda pessoa do plural do imperfeito e mais que perfeito do indicativo, e do imperfeito do subjunctivo: *amaveis*, *movieis*, *unieis*; *amareis*, *movereis*, *unireis*; *amasseis*, *movesseis* *unisseis*.

Teem o accento prosodico na antepenultima syllaba:

1.º A primeira pessoa do plural do imperfeito e mais que perfeito do indicativo, do imperfeito do conjunctivo e do futuro do condicional: *amavamos*, *moviamos*, *uniamos*; *amaramos*, *moveramos*, *uniramos*; *amassemos*, *movessemos*, *unissemos*; *amariamos*, *moveriamos*, *uniriamos*.

2.º Os superlativos syntheticos: *optimo*, *pessimo*, *maximo*, *minimo*, *riquissimo*, *miserrimo*, *facilimo*.

3.º Muitos substantivos homographos de verbos: *duvida*, *analyse*, *equivoco*, *replica*, *treplica*.

4.º Grande numero de vocabulos que terminam em *èa*, *èo*, *ìa*, *ìe*, *ìo*, *òa*, *ùa*: *lactea*, *arboreo*, *aria*, *especie*, *hospicio*, *taboa*, *agua*.

Em latim, tinham os polysyllabos um *accento secundario*. Em portuguez, só em vocabulos compostos por juxtaposição, como *passatempo*, *intencionalmente*, é elle notado. Não influe porem na classificação prosodica dos vocabulos, e está subordinado ao accento tonico, que toma em relação a elle o nome de *primario*. A sua razão de ser encontra-se no facto de conservarem seu valor individual e significativo os elementos componentes de taes vocabulos.

TITULO TERCEIRO.

ORTHOEPIA.

A *orthoepia* trata da correcta pronuncia dos vocabulos.

Em assumpto de tanto momento, qual a pronuncia, é de intuitiva necessidade haver uma norma de reconhecida autoridade, que sirva de correctivo ás suas aberrações.

A' semelhança do que praticavam os gregos e romanos, que consideravam autorisado, aquelles, o falar de Athenas, e estes, o de Roma, querem muitos que o mesmo se deva observar com respeito á cidade do Rio de Janeiro, por ser o centro politico da Nação. Mas, não se achando a pronuncia mesmo ahi escoimada de vicios, cumpre que o padrão pelo qual a devemos aferir, seja a da gente mais civilisada e culta.

CAPITULO I.

Variações ou Modificações da Pronuncia.

A pronuncia, como tudo quanto existe, está sujeita á lei fatal da transformação. Ha de por isso variar continua e lentamente, por virtude da influencia que nella excercem o clima, os cataclysmos sociaes e o grau de cultura litteraria.

Tambem não lhe são indifferentes as questões de latitude, á vista das divergencias bem sensiveis, que, num dado idioma, se dão de paiz para paiz, de provincia para provincia, de cidade para cidade. O portuguez falado no Brazil apresenta innumeras differenças do que se maneja em Portugal; o do Rio de Janeiro, do do interior de S. Paulo, bem como este do do Ceará ou das Alagoas. O mesmo se dá com muitas localidades dos estados, cujos modos de pronunciar diversificam dos das capitaes.

Vem a pello lembrar ainda, que, numa mesma cidade, o erudito se exprime de modo muito outro do da plebe que altera ou mutila os elementos phoneticos, corrompendo-os a final.

De uma epoca para outra tambem se modifica sensivelmente a pronuncia. Remontando apenas á idade aurea

da nossa litteratura, vemos, pela orthographia então em uso, quão dissemelhante da de hoje era a pronuncia dos vocabulos seguintes:

SECULO 16.°	SECULO 19.°	SECULO 16.°	SECULO 19.°
abondança	abundancia	frol	flor
agardecer	agradecer	fruito	fruto
aliphante	elephante	geolho	joelho
aneixo	annexo	iffante	infante
antre	entre	inico	iniquo
appetito	appetite	irtigo	hirto
arcepelago	archipelago	inxuito	enxuto
avelutato	avelludado	jurdição	jurisdicção
bailo	baile	leixar	deixar
bautismo	baptismo	malencolico	melancolico
baxo	baixo	menhan	manhan
boveda	aboboda	milhor	melhor
calidade	qualidade	molher	mulher
cantidade	quantidade	mouro	morro
condestabre	condestavel	nodo	nodoa
contia	quantia	pestenança	pestilencia
cotidiano	quotidiano	piadoso	piedoso
cudar	cuidar	poer	pôr
decem	dez	prematica	pragmatica
detreminar	determinar	relampado	relampago
devação	devoção	reposta	resposta
dezemparar	desamparar	resão	razão
diecese	diocese	sembrante	semblante
disfraçar	disfarçar	sujugado	subjugado
dões	dons	teito	tecto
estamago	estomago	tredor	traidor
esterele	esteril	tresladação	trasladação
fermosa	formosa	trosquiar	tosquiar
fertiles	ferteis	usso	urso
forol	pharol	ventagem	vantagem, etc.

Muitas vezes a pronuncia condemnada numa epoca é mais tarde a correcta e seguida, em quanto que a até então tida como exacta é julgada erronea e reprovada. Francisco José Freire quer que se diga *antiado*, *bilhafre*,

blazão, *celeusma*, *churma*, *epithéto*, *gasnate*, etc., e não *enteado*, *milhafre*, *brazão*, *celeuma*, *chusma*, *epitheto*, *gasnete*, etc.; entretanto os modos de pronunciar, verberados por elle, são hoje os usados.

São de duas especies as variações da pronuncia portugueza: uma, de origem popular e organica, resultante das tendencias geniaes da lingua, consiste na desviação do typo latino; a outra, de origem erudita, consiste ao contrario na approximação desse typo que, as mais das vezes, é mais apparente que real. Na idade media, por exemplo, dizia-se *a**u**to*, *tra**u**to*, obedecendo-se a uma lei natural, a da vocalisação do *c* de *a**c**tus*, *tra**c**tus* em *u*; no seculo 16.°, por influencia erudita, reformou-se essa pronuncia, por se terem accommodado as fórmas desses vocabulos ao typo latino, e passou-se a escrever *a**c**to*, *tra**c**to*, embora se tornasse insonoro o *c* do grupo consonantal *ct*.

CAPITULO II.

VICIOS DE PRONUNCIA.

Na pronunciação de cada paiz e mesmo de estados ou provincias, encontra-se o mais caracterisado cunho de sua individualidade. Consiste elle na vivacidade ou lentidão da articulação, na dureza ou doçura das inflexões, na repetição obrigada de certas cadencias. Não trataremos destas modulações que estão sempre em relação com os costumes e genio dos povos que falam uma dada lingua, porque, sendo devidas a influencias mesologicas, como o clima, a organisação physica, os habitos da vida, etc., não constituem *vicios de pronuncia*. Adduziremos apenas as principaes violações da correcta pronuncia, que, em sua quasi totalidade, costumam a attribuir aos estadoaes ou provincianos, e particularmente aos rusticos, quando é certo que dellas não estão inteiramente isentos os habitantes das capitaes, apezar do meio em que vivem, que, contando grande numero de pessoas bem falantes, deve força-los a corrigir-se dos modos anormaes de pronunciar os vocabulos.

§ 1.º

Em Portugal.

Os algaravios e alemtejanos trocam:

1.º O *i* pelo *e*, pronunciando *dezer*, *fezera* por *dizer*, *fizera*; e vice-versa o *e* pelo *i*, dizendo *pidir*, *pidaço cigueira*, em logar de *pedir*, *pedaço*, *cegueira*:

2.º O diphthongo *eu* em *ei*: *mei pae* por *meu pae*:

3.º O diphthongo *ei*, terminação da primeira pessoa do singular do preterito perfeito dos verbos da primeira conjugação, em *i*: *almoci* por *almocei*.

E põem um *i* entre os termos de certas expressões: *seis* **i** *horas*, *é* **i** *bom*.

Os madeirenses substituem:

1.º O *e fechado accentuado*, antes de linguaes e molhadas, por *a grave*: *pàjo*, *tanho*, em vez de *pêjo*, *tenho*:

Diz Roquette, *no Codigo do Bom Tom*, que em Lisboa é este vicio commum á gente de baixa esphera.

2.º O *e agudo*, antes das mesmas consonancias, por *éi*: *méicha*, *hiréige*, *séige*, em logar de *mecha*, *herege*, *sege*.

Logares ha em Portugal em que pronunciam *ei* com o som de *ai*, e *em* (ẽi) com o de *ãi*: *baijo*, *bãi* por *beijo*, *bem*.

Deste vicio se acham affectadas até pessoas illustradas. Deprehendemos isto do que a respeito do *e* ensina Castilho que, no seu *Methodo Portuguez*, manda ler *lai*, *seraia*, em vez de *lei*, *sereia*; e ainda do facto de rimarem poetas portuguezes *ninguem*, *tambem*, etc. com *mãe*.

Os minhotos tornam nasal o *o fechado*, *longo*, e o *u* accentuado: *bõa*, *ũa* por *boa*, *uma*; trocam o *b* pelo *v* e vice-versa; dão aos diphthongos *am* (ão grave), *ão* (ão agudo) o som de *om*: *fizerom*, *razom* por *fizeram*, *razão*; e pronunciam *ou* com o som de *ão*: *são* por *sou*.

Os beirenses tambem trocam o *b* pelo *v*, e reciprocamente.

Dizem alem disto *nom*, *som*, fórmas mais vizinhas

do typo latino *n***am**, *s***um**; e addicionam um *i* ás palavras acabadas em *r* ou *l*, dizendo *amor***i**, *amar***i**, *sol***i**, *azul***i** por *amor*, *amar*, *sol*, *azul*.

Está este vicio de conformidade com o dizer antigo que muitas vezes é mais etymologico e harmonioso.

Os habitantes da Beira mudam outrosim o diphthongo *ou* em *oi*: **oi***vir*, *c***oi***ve* por **ou***vir*, *c***ou***ve*; accrescentam, em muitas palavras, um *i*: *a***i** *agua*, *ha***i** *alma*, *é***i** *certo*, *fru***i***ta* por *a agua*, *ha alma*, *é certo*, *fruta*; e são os unicos que pronunciam *ch* com o som de *tch*: **tch***á*, **tch***apéu* por **ch***á*, **ch***apéu*, fazendo a distincção que outrora se dava entre o som de *ch* e o de *x*.

Os lisboetas, ás vezes até os mais bem educados, mudam o *e grave* do fim de palavras em *i*; assim dizem *cidad***i**, *liberdad***i**, *vontad***i**.

Nos arrabaldes de Lisboa, trocam os diphthongos nasaes *ão*, *õe* em *ãe*, pronunciando *gr***ães**, *tost***ães**, em logar de *gr***ãos**, *tost***ões**; e fazem a metathese do *r* em algumas palavras: *c***r***avão*, *c***r***avalho*, *c***r***ocunda* em logar de *ca***r***vão*, *ca***r***valho*, *co***r***cunda*.

É quasi geral em Portugal substituirem o diphthongo *ou* por *oi* em muitos vocabulos: *ag***oi***ro*, **oi***ro*, *m***oi***ro* por *ag***ou***ro*, **ou***ro*, *m***ou***ro*; diphthongarem o *e* inicial, que precede o *x* seguido de vogal ou *h*: **ei***zito*, **ei***zhausto* por **e***xito*, **e***xhausto*; e pronunciarem *as*, *es*, *is*, *os*, *us*, com o som de *ach*, *ech*, *ich*, *och*, *uch*.

Castilho, no *Methodo citado*, quer que se leia a phrase «*de uma edição de mil* **ex***emplar***es**» por este modo; «*de uma idição de mil* **ei***z̃plar***ech**».

A gente rustica faz numerosas mudanças nas vogaes. Dizem, por exemplo, **a***ntre*, *pr***e***curador*, *prol***u***xo*, *r***e***zão*, *t***i***tor* por **e***ntre*, *pr***o***curador*, *prol***i***xo*, *r***a***zão*, *t***u***tor*. Mudam o *s* e o *z* em *g*: *here***g***ia*, *vi***g***itar*, *fa***g***er* por *here***s***ia*, *vi***s***itar*, *fa***z***er*. Trocam o *d* em *l*, o *x* em *v*, o *s* em *x*, o *r* em *l* e *vice-versa*: **l***eixou*, *trou***v***e*, *di***x***e*, *prio***l**, *neg***r***igente*, por **d***eixou*, *trou***x***e*, *di***ss***e*, *prio***r**, *neg***l***igente*. Transformam o som molhado *lh* em *l*, dizendo **le** *disse*, **les** *disse* por **lhe** *disse*, **lhes** *disse*. Accrescentam *a* no

principio de muitos vocabulos, e introduzem vogaes ou consoantes no meio de outros: **a***deão*, **a***lanterna*, **a***voar*, *ouvid***i***o*, *a***s***trever-se*. Noutras palavras, substituem ou supprimem lettras: **c***al*, **c***alidade*, *maginação* por **qu***al*, **qu***alidade*, **i***maginação*.

Mas de todos os vicios, os peiores, ou que denotam mais ignorancia, são aquelles que alteram as lettras e as syllabas, desfigurando completamente as palavras: *alvidrar*, *crelgo*, *contrairo*, *maninconia*, *ponchana*, *fanatego*, *percissão*, *preguntar* ou *proguntar*, *prove*, *sucresto* por *arbitrar*, *clerigo*, *contrario*, *melancolia*, *choupana*, *fanatico*, *procissão*, *perguntar*, *pobre*, *sequestro*.

§ 2.º

No Brazil.

É seu tanto aportuguezada a pronuncia dos fluminenses, por estarem em contacto immediato com os portuguezes que em numero consideravel habitam a cidade do Rio de Janeiro. Ha, alem disto, nella pessoas que julgam passar por muito civilisadas, affectando por demais a linguagem. Dizem, por exemplo, *mês*, em logar de *màs*, (conjuncção); e articulam os sons *as*, *es*, *is*, *os*, *us*, sobretudo quando finaes, imprimindo-lhes um tom em extremo sibilante.

Os bahianos pronunciam o *x* com o som de *xe* em vocabulos, em que tem o som de *se*, como *deflu***x***o*, *pro***x***imo*.

Os caipiras de S. Paulo dizem **dj***gente*, **dj***ogo*, **tch***ave*, **tch***apéu* por **g***ente*, **j***ogo*, **ch***ave*, **ch***apéu*, conservando modos de pronunciar archaicos dos primitivos colonos portuguezes. Estes sons porem estão hoje inteiramente banidos do uso da gente culta. Diphthongam tambem a terminação *io*, dizendo *t***iu**, *r***iu**, em vez de *t***io**, *r***io**.

São proprios do povo inculto os seguites vicios de pronuncia: a metathese do *r* e a permuta do *l* em *r*: *p***r***eguntar*, *so***r***dado* por *pe***r***guntar*, *so***l***dado*; o dar ao *e* o som de *i*: *p***i***queno*, *m***i** *deix***i** por *p***e***queno*, *m***e** *deix***e**; a accentuação de syllabas subordinadas: *pant***á***no*, **sê***jamos*

por **pán***tano*, *se***jámo***s*; suppressão de consoantes finaes: *querê*, *as casa* por *quere***r**, *as casa***s**; a queda da molhada *lh*: *mio*, *teádo* por *mi***lh***o*, *te***lh***ado*; a substituição por *e* do *a inicial* da terminação da primeira pessoa do plural do preterito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação: *cheguemos* por *chegamos*; a conversão em *ó* do diphthongo *ou* das fórmas dos verbos *est***ou***rar*, *p***ou***par*, *p***ou***sar*, *r***ou***bar*; a troca do *u* de *p***u***de* em *ou* e vice-versa do *ou* de *s***ou***be*, *tr***ou***xe*, em *u*; e a deturpação de *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz* em *ais*, *eis*, *iis*, *ois*, *uis*: ***gaz***, ***vez***, ***giz***, ***noz***, ***puz***, que pronunciam ***gáis***, ***vêis***, ***gíis***, ***nóis***, ***púis***.

Ha homens laureados, occupando posições elevadas, que, a despeito do contacto, com pessoas que bem falam, nunca perderam taes vicios, adquiridos no meio em que nasceram, e foram creados.

São finalmente muito communs, mesmo em pessoas cultas, os vicios de pronuncia, resultantes da má accentuação das palavras. Sirvam de exemplo:

autopsía	em	vez	de	autópsia
bigámo	„	„	„	bígamo
chóros	„	„	„	chôros
décano	„	„	„	decáno
góstos	„	„	„	gôstos
gózos	„	„	„	gôzos
pégada	„	„	„	pegáda
projéctil	„	„	„	projectíl
réptil	„	„	„	reptíl
rúbrica	„	„	„	rubríca
rúim	„	„	„	ruím
rúina	„	„	„	ruína
rúindade	„	„	„	ruïndade
simúlacro	„	„	„	simulácro, etc.

LIVRO SEGUNDO.

LEXIGRAPHIA.

A *lexigraphia* trata das lettras, do seu uso na correcta escriptura dos vocabulos, e das notações lexicas.

Divide-se em *phonographia*, *orthographia* e *semiographia*.

TITULO PRIMEIRO.

PHONOGRAPHIA.

Phonographia é o estudo das lettras consideradas em si mesmas.

Lettra é um signal que representa um som articulado.

CAPITULO I.

Diversas Especies de Lettras.

As lettras, ou são *vogaes*, ou *consoantes*.

Lettras vogaes são aquellas que, por si sós, representam um som ou uma voz. Taes são: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *y* (grego).

Lettras consoautes são aquellas que não representam som sinão juntas a lettras vogaes. Taes são: *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *j*, *k*, *l*, *m*, *n*, *p*, *q*, *r*, *s*, *t*, *v*, *x*, *z*, as quaes se devem ler, como si tivessem um *e grave* depois de si, como *be*, *ce* (que), *de*, *fe*, *ge* (gue), *je*, *ke* (grego), *le*, *me*, *ne*, *pe*, *que* (latino), *re*, *se*, *te*, *ve*, *xe*, *ze*.

Ha ainda professores que ensinam a nomear as lettras consoantes, por este modo: *bê, cê, dê, éfe, gê, jóta, ká, éle, émme, énne, pê, quê, érre, ésse, tê, vê, xis, zê.* Este methodo tem graves inconvenientes. Para obsta-los, tiveram Arnauld e Lancelot, de Port-Royal, de propor outro mais simples, e applicavel a todas as linguas. Dizem estes celebres e profundos grammaticos não ser penoso a quem enceta o estudo da leitura, o trabalho de conhecer simplesmente as lettras, mas summamente improbo o de reuni-las, porque, tendo aprendido a designar cada lettra, estando só, com um nome ou som, lhe ensinam outro, differente daquelle com que é nomeada, quando trata de junta-la a vogaes. Á lettra *b*, por exemplo, achando-se isolada, dão a denominação de *bê*, e por isso devendo soar, unida ao *o*, *bêo*, dizem entretanto *bô*; assim tambem o *f*, que chamam *éfe*, devia, seguido de *a*, produzir *efa*, sendo certo todavia que as leem *fa*.

Parece pois que o caminho mais natural, como já o notaram pessoas de genio, seria ensinar aos que encetam o estudo da leitura, a conhecer ou nomear as lettras pelo nome de sua pronunciação, ou pelo som proprio que teem nas syllabas, em que se acham seguidas de um e *grave*, o qual representa apenas o effeito do impulso do ar necessario á percepção pelo ouvido dos sons das consoantes. Baseados em tal doutrina, denominaram as lettras

b, d, f, j, l, m, n, p, q, t, v, z, com o som das das syllabas finaes das palavras *be*be, *sé*de, *bo*fe, *pe*je, *va*le, *a*me, *abo*ne, *nai*pe, *du*que, *bo*te, *a*ve, *do*ze; e *c, g, r, s, x*, que teem mais de um som, com o mais natural ou mais commum, como sejam os das ultimas syllabas de *di*que. *ro*gue *pal*re, *as*se, *dei*xe.

Quanto aos sons accidentaes destas consoantes, recommendaram fosse seu ensino feito á parte, e depois de bem conhecidos os nomes dellas ou seus sons proprios. Posto fosse este methodo mandado adoptar em Portugal pelas Instrucções Regias de 28 de Setembro de 1824, e tenha grandes vantagens sobre o antigo, quaes as de habituar a uma boa pronunciação, fazendo dar a cada syllaba seu verdadeiro som e justo valor, de acabar com todo o accento vicioso, e de diminuir as difficuldades da solettração, permaneceu muito tempo no esquecimento, por ser contrario á pratica geral. Começa porem o imperio do preconceito a enfraquecer-se com a sua adopção que, de dia para dia, augmenta; e, dentro em pouco, será com toda a probabilidade, o unico em uso.

As lettras consoantes recebem as mesmas denominações dos sons que representam, ou por virtude do maior ou menor esforço que se emprega, para superar o obstaculo opposto á emissão do som; ou por virtude da natureza especial dos orgãos que oppõem esse obstaculo.

Dahi o chamarem-se *explosivas* ou *instantaneas* **p, b, t, d, c, g**; *continuas*, *fricativas* ou *espirantes* **f, v, s, z, x, j**; *liquidas* ou *correntes* **m, n, nh, l, lh, rr** ou **r**; e bem assim *labiaes* **p, b, m**; *dento-labiaes* **f, v**; *linguo-dentaes* **t, d**; *linguaes* **s, z, x, j**; *linguo-palataes* **n, nh, l, lh, rr** ou **r**; *linguo-gutturaes* **c, g**.

Dividem-se ainda em *simples* e *compostas*.

São *simples* **b, c, d, f, g, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z**: e *compostas* **nh, lh, ch, ph, th, rh**.

Ás compostas tambem dão o nome de *digrammas*, por serem grupos de dous signaes, representando só um som.

As combinações **bl, br, pl, pr, gl, gr**, etc. chamam-se *grupos consonantaes*.

A consoante *x* toma tambem o nome de *duplice*, quando tem o som de *cs*, como se vê em *cove*x*o*, *reflu*x*o*, que se devem ler *conve*cs*o*, *reflu*cs*o*.

O *h* (agá), que se encontra sempre no alphabeto, como lettra consoante, em rigor não o é, porque não tem som algum. E' comtudo um signal necessario em *nh*, *lh*,

ch, nas interjeições *Ah! Oh! Hum! Hui! Ha, ha, ha!* e em muitos vocabulos derivados do latim e do grego, como ***h**omem*, ***h**ypothese*.

Preceitua o Diccionario da Academia Franceza que se pronuncie o *h*, como uma simples aspiração. Não procede esta opinião, porque a aspiração não pode ser considerada som articulado, por ser apenas uma simples emissão de ar procedente dos pulmões.

CAPITULO II.

LETTRAS INSONORAS.

Em certos casos, umas das lettras são inteiramente insonoras, e outras, ora o são, ora não.

§ 1.º

Lettras inteiramente insonoras.

Não representa som algum a lettra *u*, quando se acha depois de *g* (gue), e seguida de *e* ou *i*; serve apenas, em tal caso, para se poderem figurar os sons gutturaes *gue*, *gui*, como em ***gue**rra*, ***gui**samento*. Exceptuam-se *ambig**u**idade*, *antig**u**idade*, *ag**u**entar*, *arg**u**ir*, *contig**u**idade*, *g**u**ela*, *lang**u**idez*, *ling**u**eirão*, *ling**u**eta*, *ling**u**ete*, *ling**u**iça*, *ling**u**istica*, *ung**u**ento* e seus derivados.

Não sendo as lettras dobradas liquidas nem a continua *s*, a primeira dellas é inteiramente muda: *sa**b**bado*, *a**b**bade*, *a**p**parecer*, *a**p**prehender*, *a**f**feição*, *a**f**firmar*, *a**d**dictivo*, *a**d**duzir*, *a**t**tingir*, *a**t**trahir*, *a**g**gravo*, *a**g**gressão*, *a**c**cento*, *a**c**climar*. Exceptuam-se *accessit*, *bacciano*, *bacciferro*, *bacciforme*, *coccigeo*, *coccinella*, *coccinio*, *coccyx*, *occiduo*, *occipicio*, *occipital*, *occiput*, *occisão*, *occisivo*.

Tambem não tem som o *s*, antes de *ce*, *ci*, *cy*: ***s**ceptico*, ***s**ciencia*, ***S**cylla*.

Só vocabulos peregrinos, como *Jo**b***, *Amale**c***, *Davi**d***, *Aga**g***, *Lo**t***, *Lame**ch***, *Nasare**th***, finalisam nas lettras *b*, *c*, *d*, *g*, *t*, *ch*, *th*, as quaes são nelles conservadas, por amor da etymologia, visto que não se pronunciam.

São ainda insonoras as lettras que, nos vocabulos seguintes, se acham assignaladas com typo diverso: *acquiescer*, *acquiridor*, *acquisição*, *acquistar*, *anecdota*, *apophthegma*, *diphthongo*, *schelem*, *schisto*, *subdito*, *subtil*, *triphthongo*. Extendem-se estas aberrações aos derivados destes vocabulos.

§ 2.º

Lettras que, ora são insonoras, ora não.

Depois de *q* (que latino), sempre se escreve *u*, que umas vezes se pronuncia, outras não.

Pronuncia-se, achando-se seguido de *a* ou *o*: *quando*, *quotidiano*. Exceptuam-se *quatorze*, e seus derivados *quatorzada*, *quatorzeno*.

Não se pronuncia, achando-se seguido de *e* ou *i*: *quêdo*, *aqui*. Exceptuam-se *anniquilar*, *antiquissimo*, *aquifolio*, *aquilaria*, *delinquir*, *deliquescencia*, *deliquio*, *eloquencia*, *equestre*, *equevo*, *exequente*, *exequivel*, *frequencia*, *iniquicia*, *iniquidade*, *liquido*, *nequicia*, *obliquidade*, *propinquidade*, *quiproquo*, *quirites*, *sequela*, *sequencia*, *sequente*, *sequestro*, *tranquillo*, *ubiquidade* e seus derivados, e os vocabulos que começam pelos prefixos *equi*, *quinque*: *equiangulo*, *equipollencia*, *quinquenio*, *quinquefolio*.

Teem som, em certos vocabulos, e em outros não, o *p*, antes de *t*, *s* e *ç*; o *g*, antes de *m* e *n*; e o *c*, antes de *ç* e *t*.

Exemplos em que soam: *captura*, *inepto*, *relapso*, *catalepsia*, *concepção*, *opção*, *paradigma*, *diaphragma*, *magnitude*, *ignoto*, *secção*, *dicção*, *ficto*, *erecto*.

Exemplos em que não soam: *prompto*, *escripto*, *psalmo*, *psalterio*, *inscripção*, *subscripção*, *augmentar*, *augmentativo*, *signal*, *assignatura*, *acção*, *attracção*, *acto*, *recto*.

TITULO SEGUNDO.

ORTHOGRAPHIA.

A *orthographia* ensina a escrever os vocabulos, com rigorosa applicação das leis da alteração phonetica.

A applicação de taes leis á escriptura das palavras constitue o estudo historico-comparativo dos vocabulos, que consiste em investigar, atravez do tempo (historia) e atravez do espaço ou dos logares (comparação), as funcções e permutas das lettras na formação e derivação das palavras.

Esta investigação chama-se *vocalismo*, quando explica a historia das funcções e permutas das vogaes; e *consonantismo*, quando explica a historia das funcções e permutas das consoantes.

Comparando a palavra com um organismo vivo, podemos dizer que são as consoantes o esqueleto della, porque não se podem mover sinão com o auxilio das vogaes que constituem, por assim dizer, os musculos que as ligam entre si. As vogaes são por isso a parte movel e fugitiva da palavra, em quanto que as consoantes formam essencialmente a sua parte estavel e resistente. Comprehende-se desde então que a permuta das vogaes esteja sujeita a regras menos fixas que a das consoantes, e que com mais facilidade se troquem umas por outras.

CAPITULO I.

Vocalismo ou Historia das Lettras Vogaes.

§ 1.º

Processos seguidos pela lingua na adopção das lettras vogaes.

As *lettras vogaes* passaram do latim para o portuguez.

As *vogaes não accentuadas* ou *átonas* tiveram de sujeitar-se á apherese, syncope, apocope, attracção, metathese e consonantisação, e a ser representadas de modos multiplices, umas pelas outras.

As *vogaes accentuadas* ou *tonicas* ao contrario não soffreram suppressões, nem mudanças de logar; e, quando não guardaram a sua qualidade, mudaram-se, segundo regras simples, mais ou menos geraes, como se vê da seguinte summula da doutrina a ellas concernente:

A

A lettra *a accentuada* seja *longa*, *breve* ou *de posição*, conserva-se, quasi sem excepção, inalterada.

Exemplo do *a longo*: *caso* de *casus*.
Exemplo do *a breve*: *base* de *basis*.
Exemplo do *a de posição*: *caldo* de *caldus*.

Em pequeno numero de vocabulos, acha-se o *a accentuado*, excepcionalmente mudado para *e*: *Tejo* de *Tagus*; e para *o*: *fome* de *fames*.

E

O *e longo accentuado* guarda geralmente a sua qualidade: *remo* de *remus*.

Por excepção, troca-se em *i*: *migo, tigo, sigo* de *mecum, tecum, secum*.

Transforma-se no diphthongo *ei*, diante de vogal final, posta em contacto com elle por syncope de consoante intermedia: *freio* de *frenum*.

O *e breve accentuado* conserva-se em regra: *leve* de *levis*.

Diphthonga-se em poucas palavras: *queimo* de *cremo*.

O *e de posição accentuado* tambem permanece geralmente: *servo* de *servus*.

São excepções:

1.ª As primeiras pessoas do presente do indicativo de alguns verbos, provenientes de fórmas da quarta conjugação latina: *minto, sinto, visto, sirvo, firo* de *mentio, sentio, vestio, servio, ferio*.

2.ª O vocabulo *isca* de *esca*.

3.ª As fórmas do verbo *varrer*, em que se substitue por *a*: *varro* de *verro*.

I

A immutabilidade do *i longo accentuado* é a regra: *digo* de *dico*.

Nalguns casos, permuta-se por *é*: *escrevo* de *scribo*.

O *i breve accentuado* é regularmente substituido por *e*: *bebo* de *bibo*.

Permanece nalguns casos, principalmente em polysyllabos: *malefício* de *maleficium*.

O *i de posição accentuado*, ora permanece, ora muda-se em *e*.

Exemplo da sua permanencia: *firme* de *firmis*.

Exemplo da sua mudança em *e*: *cabello* de *capillus*.

Tambem é algumas vezes trocado em *a*, antes de *n*: *constranjo* de *constringo*.

O

O *o longo accentuado* é, por via de regra, conservado com a sua qualidade: *pomo* de *pomus*.

Raras vezes se converte em *u*: *outubro* de *october*.

O *o breve accentuado* não soffre em geral quebra em sua qualidade: *fogo* de *focus*.

A mudança em *u* é verdadeiramente excepcional: *cubro* de *cooperio*.

O *o de posição accentuado* é quasi sempre immutavel: *corpo* de *corpus*.

U

O *u longo accentuado* tambem conserva geralmente a sua qualidade: *agudo* de *acutus*.

São excepções as palavras seguintes: *copa*, *odre*, *logro*, *monco* de *cupa*, *utre*, *lucro*, *mucus*.

O *u accentuado*, *breve* ou *de posição*, ora é conservado, ora é permutado por *o*.

Exemplo do primeiro caso: *fujo* de *fugio*, *sulco* de *sulcus*.

Exemplo do segundo caso: *joven* de *juvenis*, *torre* de *turris*.

Ha comtudo grande numero de vogaes accentuadas, que procederam de diphthongos latinos que se resolveram nellas: *cego* de *caecus*, *céu* de *coelum*, *pobre* de *pauper*, *crasta* de *claustrum*.

§ 2.º

Diphthongos.

SECÇÃO 1.ª

Fórmas representativas dos diphthongos oraes e processos seguidos pela lingua na sua adopção.

As fórmas representativas dos diphthongos oraes, derivadas do latim, são: *ae, ai—éi—êi—óe, ói—ôi—ue, ui—au—éu—êu—iu—ôu.*

Estas fórmas diphthongaes nos vieram do latim, ou directamente, ou por attracção de uma vogal, ou por queda de uma consoante, ou por dissolução de uma consoante em vogal, ou por alongamento de uma vogal, ou por conversão de um diphthongo em outro.

Resultaram directamente do latim:

ai: *r**ai**a* de *r**ai**a*, *m**ai**o* de *m**ai**us*;

êi: ***ei**a* de ***ei**a*, interjeição;

ói: *rhomb**oi**de* de *rhomb**oi**des*;

ui: *h**ui*** de *h**ui***, interjeição, *f**ui*** de *f**ui***, primeira pessoa do singular do preterito de *esse;*

au: *c**au**sa* de *c**au**sa*, ***au**dacia* de ***au**dacia;*

éu: *r**éu*** de *r**eu**s*;

êu: *D**eu**s* de *D**eu**s*, *m**eu*** de *m**eu**s*.

Resultaram por attracção de uma vogal:

ai: *r**ai**va* de *r**a**b**i**a;*

êi: *b**ei**jo* de *b**a**s**i**um*;

ui: *r**ui**vo* de *r**u**b**e**us;*

ôu: *p**ou**de* de *p**o**t**u**it*, *h**ou**ve* de *h**a**b**u**it.*

Resultaram por queda de uma consoante:

ae: *d**ae*** de *d**a**t**e***, *anim**ae**s* de *anim**a**l**e**s*, accusativo masculino do plural de *animalis, e;*

ai: *m**ai**s* de *m**a**g**i**s*;

êi: *m**ei**o* de *m**e**d**i**um*;

óe: *m**oe*** de *m**o**l**i**t*, terceira pessoa do singular do presente do indicativo de *mólere*, *s**oe**s* de *s**o**l**e**s*, accusativo do plural de *sol;*

ôi: *boi* de *bos, bovis*, *moio* de *modium*;
ue: *paues* de *paludes*, accusativo do plural de *palus, udis*;
au: *mau* de *malus*, *pau* de *palus*;
éu: *céu* de *cœlum*, *véu* de *velum*.
Resultaram por dissolução de uma consoante em vogal:
ai: *bailar* de *ballare*, *maior* de *major*;
êi: *peior* de *pejor*, *preceito* de *pæceptum*;
ôi: *oito* de *octo*;
au: *auto* de *actus*;
ôu: *noute* de *nocte*, *douto* de *doctus*.
Resultaram por alongamento de uma vogal:
ôu: *estou* de *sto*, *sou* de *sum* ou *so*;
êi: *aveia* de *avena*.
Resultou por conversão de um diphthongo em outro:
ôu: *ouro* de *aurum*, *pouco* de *paucus*.

SECÇÃO 2.ª

Fórmas representativas dos diphthongos nasaes, e processos seguidos pela lingua na sua adopção.

Os diphthongos nasaes representam-se assim:—**ãe**, **aim**—**ão** (agudo ou grave)—**am** (ão grave)—**en**, **em**, **eem** (ẽi)—**im** (ĩi)—**õe**, **õem** (õi)—**om** (õo)—**ui** (ũi)—**um** (ũu).

Procederam tambem do latim os diphthongos nasaes, já directamente, já por syncope, dissolução ou abrandamento, permuta ou substituição e apocope de lettras.

Teve origem directamente do latim a fórma *um*: *album* de *album*.

Convertida a palavra latina *matre* em *madre*, pela dissolução do *t* em *d*, e syncopada esta juntamente com o *r*, proveio o vocabulo, *mãe*, e portanto o diphthongo *ãe*, abrandando-se ainda o *a* oral em nasal.

Como se vê em *pam*, *christam*, *razom*, orthographia antiquada de *pão*, *christão*, *razão*, e resultante de *panem*, *christianum*, *rationem*, as fórmas *am* e *om*, que depois se substituiram por *ão*, provieram do latim, por suppressão de lettras.

Pela simples dissolução da linguo-palatal *n* no *til*, signal de nasalidade, resultaram as fórmas *ães*, *ãos*, *ões*: ***pães***, *christ*__ãos__, *raz*__ões__ de ***panes***, *christi*__anos__, *rati*__ones__.

Tendo-se isto em vista, parece que as fórmas antiquadas *aens*, *aons*, *oens*, accommodam-se mais á etymologia, visto que conservam a linguo-palatal *n* das palavras latinas, a qual se abranda em *n nasal*, com a sua deslocação ou metathese.

As fórmas *ões*, *õe*, *õem*, em ***pões***, ***põe***, ***põem***, vieram de ***ponis***, ***ponit***, ***ponunt***, pela substituição do *n* em *til* ou *m*, e do *i* e *u* em *e*, e pela apocope do *t*.

Veio-nos a fórma *em* (ẽi), por permuta e apocope de lettras: ***bem*** de *bene*, ***tem*** de *tenet*, *applaud*__em__ de *plaudunt*.

A fórma *im* (ĩi) nos adveio, por syncope de lettras: ***fim*** de *fi*__ne__*m*.

Passou-se para nossa lingua a fórma *om* (õo), tambem por syncope de lettras em ***bom*** de *bo*__nu__*m*, e em ***dom*** *do*__minu__*m*, e por permuta do *u* em ***com*** de ***cum***.

Quanto a *ui* (ũi), verificou-se, em ***mui*** ou *m*__ui__*to*, a sua passagem por dissolução do *l* de *mu*__l__*tum* em *i*.

CAPITULO II.

Consonantismo ou Historia das Lettras Consoantes.

Tem a lingua portugueza as seguintes consoantes: b, c, d, f, g, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z, que, com excepção do *k*, que vem do grego, procedem das consoantes latinas.

Temos ainda os digrammas, ou signaes compostos só na fórma *ch* (xe), *nh*, *lh*, que tambem resultam de lettras consoantes latinas, mas por abrandamento do seu som.

§ 1.º

Consoantes Iniciaes.

SECÇÃO 1.ª

Immutabilidade das lettras consoantes iniciaes.

Provieram do latim intactas, antes de todas as vogaes, as seguintes consoantes iniciaes:

1.° **b**: *baleia* de *balæna*, *beato* de *beatus*, *bicolor* de *bicolor*, *boato* de *boatus*, *buxo* de *buxus*;

2.° **d**: *damno* de *damnus*, *dez* de *decem*, *dia* de *dies*, *doutor* de *doctor*, *duro* de *durus*;

3.° **f**: *face* de *facies*, *feliz* de *felix*, *filha* de *filia*, *folha* de *folium*, *furto* de *furtum*;

4.° **l**: *lavrar* de *laborare*, *leito* de *lectus*, *livro* de *librum*, *longo* de *longus*, *luzir* de *lucére*;

5.° **m**: *magro* de *macer*, *melhor* de *melior*, *mimo* de *mimus*, *movel* de *mobilis*, *multa* de *multa*;

6.° **n**: *nardo* de *nardus*, *negocio* de *negotium*, *ninho* de *nidus*, *noticia* de *notitia*, *nullo* *nullus*;

7.° **p**: *pae* de *pater*, *peior* de *pejor*, *piedade* de *pietas*, *posição* de *positio*, *punho*, de *pugnus*;

8.° **q**: *quatro* de *quatuor*, *questor* de *quæstor*, *quinze* de *quindecim*, *quociente* de *quotiens* ou *quoties*;

9.° **r**: *razão* de *rationem*, *reduzir* de *redúcere*, *riso* de *risus*, *rosa* de *rosa*, *rugir* de *rugire*;

10.° **s**: *sair* de *salire*, *sete* de *septem*, *silencio* de *silentium*, *sogro* de *socer*, *succo* de *succus*;

11.° **t**: *taverna* de *taberna*, *termo* de *terminus*, *tinto* de *tinctus*, *tornar* de *tornare*, *tutor* de *tutor*;

12.° **v**: *valer* de *valére*, *veloz* de *velox*, *vizinho* de *vicinus*, *volume* de *volumen*, *vulto* de *vultum*.

Tambem provieram intactas do latim, antes de *a*, *o*, *u*, as consoantes iniciaes em seguida mencionadas:

1.° **c**: *caír* de *cádere*, *codicillo* de *codicillus*, *culpa de culpa*;

2.° **g**: *gallo* de *gallus*, *gotta* de *gutta*.

O **k**, julgado superfluo pelos grammaticos romanos do quarto e do quinto seculo, conserva-se inalterado, quasi exclusivamente em termos ecclesiasticos e scientificos, introduzidos de linguas orientaes ou do grego.

O **h**, mero signal de aspiração, e não verdadeira lettra consoante, deixou de ser aspirado, e conserva-se, nas palavras que o teem em sua origem.

SECÇÃO 2.ª

Degeneração de consoantes iniciaes.

O **c** degenerou, antes de *e*, *i* ou *y*, perdendo o som guttural, e recebendo o de *s* (se).

Tambem antes de *e*, *i* ou *y*, degenerou do seu som guttural o **g**, tomando o de *j* (je).

O **j** latino tinha o mesmo som do *j* allemão, que degenerou, nas linguas romanicas, no som que, em portuguez e em francez, tem o *g*, antes de *e*, *i* ou *y*.

Provém tambem o **j** portuguez do *i*, por consonantisação, nas palavras em que o *h*, que se achava em contacto com elle, deixou de ser pronunciado: ***J**eronymo* de *H**i**eronymus*.

O **x**, que tinha em latim o som duplice de *cs*, ou *gs*, degenerou em *xe*, que, em portuguez, é o seu som proprio: ***X**enophonte* de ***X**enophon*, ***x**erophtalmia* de ***x**erophtalmia*; mas, no maior numero de palavras, é o *x* inicial procedente do arabe.

Em latim era o som do **z** o som duplice *dz*, que degenerou no simples, que representamos com a lettra *z*: ***Z**ephiro* de ***Z**ephirus*, ***z**odiaco* de ***z**odiacus*.

Tambem teve o **z** procedencia do arabe, na maior parte das palavras que o teem no principio: ***z**agal*, ***z**arco*.

O **ch**, com o som de *x* (xe), provém da degeneração das combinações *cl*, *fl* e *pl*: ***ch**ave* de ***cl**avis*, ***ch**amar* de ***cl**amare*; ***ch**amma* de ***fl**amma*, ***ch**eirar* de ***fl**agrare*; ***ch**uva* de ***pl**uvia*, ***ch**orar* de ***pl**orare*. Em algumas palavras porem, vem do francez, onde tal relação phonetica é frequente: ***ch**arrua* de ***ch**arrue*.

O **ch** (com o som de *q*), **th**, **ph**, **rh**, são representativos orthographicos, não phoneticos, de sons gregos, que devem ser conservados nos vocabulos technicos ou scientificos, de origem grega, que a erudição trouxe á lingua.

§ 2.º

Lettras Consoantes Mediaes.

SECÇÃO 1.ª

Immutabilidade das lettras consoantes mediaes.

Permaneceram inalteradas, em sua passagem do latim para o portuguez, as consoantes mediaes seguintes:

1.º O **b** em alguns casos: *beber* de *bibere;*

2.º O **c**, precedido de vogal, e seguido de *a, o, u*, só por excepção, em palavras do fundo popular da lingua, e que decorreram já formadas do latim: *cuco* de *cucus*, *rouco* de *raucus*;

3.º O **f**: *profano* de *profanus;*

4.º O **g**, quando precedido de vogal, e seguido de *a, o, u*: *praga* de *plaga*, *vigor* de *vigor*, *vago* de *vagus*;

5.º O **l**, só por excepção: *alimento* de *alimentum;*

6.º O **m**: *imagem* de *imaginem*;

7.º O **r**: *caridade* de *caritas*;

8.º O **t**: *grato* de *gratus*;

9.º O **v**: *ave* de *avis, lavar* de *lavare*;

10.º O **x**, com o som de *cs*, em diminuto numero de palavras: *fixo* de *fixus*, *sexo* de *sexus*;

11.º O **z**: *azymo* de *azymus*. Tambem vem do arabe: *azeite*, *azafama*.

SECÇÃO 2.ª

Abrandamento, degeneração e syncope de consoantes mediaes.

O **b** transforma-se em *v*: n*evoa* de *nebula*.

O **c** abranda-se em *z*: *dizer* de *dicere*; ou em *g*, quando está antes de *a, o, u*: *advogar* de *advocare*, *degollar* de *decollare*, *agudo* de *acutus*.

O **d** é geralmente syncopado entre vogaes. Esta mesma lettra assimila-se a outras na composição.

O **f** abranda-se em *v*: *ourives* de *aurifex*.

Antes de *e* ou *i*, é o **g** syncopado: *rei* de *rege*, *mais* de *magis*.

O **l** é trocado em *r* ou *d*: *lirio* de *lilium*, *escada* de *scala*; ou tambem syncopado: *dor* de *dolor*; outras vezes, dissolve-se em vogal: *muito* de *multum*.

O **m** troca-se raramente, e o *n*, só excepcionalmente por outras liquidas.

O **n** é syncopado com frequencia: *moimento* de *monumentum*, *semear* de *seminare*. Este facto do desapparecimento do *n* medial é caracteristica muito particular da lingua portugueza.

O **m** e o **n** teem ainda a particularidade de nasalar as vozes a que se pospõem: *em*, *en*, *im*, *in*, etc.

O **p** desce a **b**: *lobo* de *lupus*; e, por intermedio do **b**, a **v**: *escova*, outrora *escoba*, de *scopa*.

O **q** quasi sempre se substitue por **g**: *agua* de *aqua*; ás vezes tambem por **c**: *licor*, *liquor*; por **z**: *cozinha* de *coquina*; e por **ç**: *laço* de *laqueus*.

O **r** muda-se em **l**: *alvitre* ou *alvedrio* de *arbitrium*; ou cae, por euphonia ou por attracção: *queimo* de *cremo*, *trevas* de *tenebras*.

O som do **s** abranda-se no de **z**, entre vogaes: *casa* de *casa*, *rosa* de *rosa*; mas, por amor da derivação, é a lettra *s* conservada. Tambem se abranda em **j**: *igreja* de *ecclesia*; e em **x**, quando é ou não geminado: *paixão* de *passionem*, *coxo* de *cossus*, *bexiga* de *vesica*.

O **t** abranda-se geralmente em **d**: *roda* de *rota*, *amado* de *amatus*; ou se torna em **c**, **ç** ou **z**, si se acha antes de **e** ou **i**, não accentuado: *palacio* ou *paço* de *palatium*, *razão* de *rationem*; e, exceptuado o preterito, é syncopado nas fórmas da segunda pessoa do plural.

O **v** é syncopado nas fórmas do perfeito. Não raramente vem do **b**: *trave* de *trabes*, *amava* de *amabam*; e do **p**: *povo* de *populus*, *escova* de *scopa*.

O **x** degenerou o seu som em **z**: *exame* de *examen*, *exemplo* de *exemplum*; em **s**: *index*, *phenix*, *extra*, *exceder*, *proximo*, *maximo*; e em **ch** (xe): *luxo*, *coxa*.

§ 3.º

Lettras Consoantes Geminadas e Molhadas.

As lettras consoantes que se geminam ou dobram, são: *b, c, d, f, g, l, m, n, p, r, s, t.*

Outrora (sec. 12.º a 16.º) tambem se geminavam vogaes.

Escreviam, por exemplo *avoo, leer, cruu* por *avó, ler, cru*. Do seculo 15.º data a substituição da geminação vocalica pela vogal accentuada.

Quando geminadas, reduzem-se todas estas consoantes a um só som.

Geminam-se as consoantes mencionadas, quando, observados os respectivos processos glotticos, o requer a etymologia ou a pronuncia; o que só se verifica, ou entre vogaes, ou entre lettra vogal e as consoantes *l, r*: *sy***l**-**l***aba*, *a***gg***lomerar*, *a***gg***regar*, *a***rr***uido*.

As geminações tambem se devem dar no radical das palavras derivadas, si as tiver o radical das primitivas de que procedem: *a***pp***ellação*, *a***pp***ellado*, *a***pp***êllo*, etc. de *a***pp***ellar*.

A geminação **ll** molha-se ou abranda-se em **lh**: *cente***lh***a* de *scinti***ll***a*; ou é syncopada: *anguia* de *angui***ll***a*.

A liquida **l**, antes de **i**, tambem se molha: *mu***lh***er*, de *mu***l***ier*, *a***lh***eio* de *a***l***ienus*; e ás vezes antes de **n**.

A geminação **nn** abranda-se em **nh**: *ca***nh***amo* de *ca***nn***abis*.

O **n**, antes de **i**, tambem se molha da mesma fórma que o **l**: *testemu***nh***o* de *testimo***n***ium*, *Hespa***nh***a* de *Hispa***n***ia*.

O **nh** procede ainda de **gn**: *a***nh***o* de *a***gn***us*; *pu***nh***o* de *pu***gn***us*.

§ 4.º

Consoantes Finaes.

O portuguez só consente, como consoantes finaes *s, z, r, l*; *n, m*, no fim de vocabulos, apenas indicam a nasalidade da vogal que os precede.

O **s** final latino conserva-se regularmente em portuguez:

1.º Nas fórmas do plural, provenientes do accusativo feminino e masculino da primeira e da segunda declinação: *coroas* de *coronas*, *donos* de *dominos*; e nas que vieram do nominativo, accusativo e vocativo masculinos da terceira declinação, terminados em *es*: *dores* de *dolores*, *amores* de *amores*.

2.º Na segunda pessoa, em todos os casos em que elle apparece no latim classico: *amas* de *amas*, *amavas* de *amabas*, *amastes* de *amavistis*.

O **z** final não provém, como pensam alguns, do **x** final latino, mas sim do **c** medial: *audaz* de *audacem*, *feliz* de *felicem*, *diz* de *dicit*, *fez* de *fecit*, *fiz* de *feci*, etc.

O **r** e o **l** finaes portuguezes não parecem provir nunca do **r** e **l** finaes latinos.

§ 5.º

Dos Grupos Consonantaes.

Em regra os grupos consonantaes nos advieram do latim, inalterados.

Das principaes excepções já tratamos, as quaes consistem na degeneração de **cl**, **fl** e **pl** em **ch**; no abrandamento das geminações **ll** e **nn** em **lh** e **nh**; e na dissolução em vogal de **c** e **p** dos grupos **ct** e **pt**.

Aos grupos iniciaes, em que **s** é o primeiro elemento (*sc*, *scr*, *str*, *st*, *sp*, etc.), accrescentou o portuguez, como as outras linguas romanicas, a vogal prosthetica **i**, que depois se mudou em *e*.

§ 6.º

Processos observados na adopção dos prefixos.

Ab—Ás vezes é o *b* apocopado: **a***versão*, **a***vocar*.

Abs—Permuta-se em *aus* no vocabulo **aus***ente* (abs + entem).

Ad—Conserva-se em geral, sem alteração alguma, antes de vogal e de *d*, *h*, *j*, *m*, *q*, *v*: **ad***aptar* de **ad***aptare*, **ad***dir* de **ád***dere*, **ad***herir* de **ad***hærere*, **ad***judicar* de **ad***judicare*, **ad***ministrar* de **ad***ministrare*, **ad***quirir* de **ad***quírere* ou **ac***quírere*, **ad***vertir* de **ad***vértere*.

Assimila o *d*, antes de *c*, *f*, *g*, *l*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t*: *a***c***ceder* de *a***c***cédere* (ad+cédere), *a***f***firmar* de *a***f***firmare* (ad+firmare), *a***g***glomerar* de *a***g***glomerare* (ad+glomerare), *a***l***legar* de *a***l***legare* (ad+legare), *a***n***nexar* de *a***n***néctere* (ad+néctere), *a***p***plaudir* de *a***p***pláudere* (ad+pláudere), *a***r***rogar* de *a***r***rogare* (ad+rogare), *a***s***severar* de *a***s***severare* (ad+severare), *a***t***tribuir* de *a***t***tribúere* (ad+tribúere).

Com—Permanece inalterado, antes de *b*, *p*, *m*: **com***binar* de **com***binare* (cum+bini), **com***parar* de **com***parare* (cum+parare), **com***metter* de **com***míttere* (cum+míttere). Exceptua-se **cum***prir* de **com***plére* (cum+plére).

Muda o *m* em *n*, antes de *c*, *d*, *f*, *g*, *j*, *q*, *s*, *t*, *v*: *co***n***ceber* de *co***n***cípere* (cum+cápere), *co***n***dizer* de *co***n***dícere* (cum+dícere), *co***n***fiar* de *co***n***fídere* (cum+fídere), *co***n***gelar* de *co***n***gelare* (cum+gelare), *co***n***junctar* de *co***n***júngere* (cum+júngere), *co***n***querer* (ant.) por *co***n***quistar* de *co***n***quirere* (cum+quœrere), *co***n***sentir* de *co***n***sentire* (cum+sentire), *co***n***trahir* de *co***n***tráhere* (cum+tráhere), *co***n***vir* de *co***n***venire* (cum+venire). Exceptuam-se **com***tigo*, **com***sigo*, **com***vosco*, **com***quanto*, **com***tudo*.

Assimila-o, antes de *l*, *n*, *r*: *co***l***ligar* de *co***l***ligare* (cum+ligare), *co***n***nexão* de *co***n***nexio* (cum+nexio), *co***r***rigir* de *co***r***rígere* (cum+régere). Exceptuam-se *co***n***luio* de *co***n***ludium*, *co***m***nosco* de **cum**+*nobiscum*.

Perde-o, antes de vogal ou *h*: **co***operar* de **co***operari* (cum+operari), **co***honestar* de **co***honestare* (cum+honestare).

Contra—Muda o *a* em *o*, em *contr***o***verter* e seus derivados.

Dis—É immutavel, antes de *c*, *j*, *p*, *q*, *s*, *t*: **dis***correr* de **dis***cúrrere*, **dis***juncção* de **dis***junctio*, **dis***partir* de **dis***partire*, **dis***quisição* de **dis***quisitio*, **dis***solver* de **dis***sólvere*, **dis***trahir* de **dis***tráhere*.

Assimila o *s*, antes de *f*: **dif***fundir* de *dif***f***úndere* (dis + fúndere).

Perde-o, antes de *g*, *l*, *m*, *r*, *v*: **di***gladiar* de **di***gladiari* (dis + gladius), **di***lucidar* de **di***lucidare* (dis + lucidare), **di***minuir* de **di***minúere* (dis + minúere), **di***rimir* de **di***rímere* (dis + émere), **di***vulgar* de **di***vulgare* (dis + vulgare).

Não se deve confundir este prefixo com o prefixo grego *dys*.

Ex—Ás vezes degenera em *is*: **is***enção*.

Em regra, perde o *x* ou é transformado em *es*, preposto a *b*, *g*, *l*, *m*, *v*: **e***brio* (e + bria), **es***bater*; **e***gregio* (e + grex), **es***galhar*; **e***laborar*, **es***ladroar*; **e***manar*, **es***migalhar*; **e***vaporar*, **es***vasiar*. Tambem o perde antes de *d*, *j*, *n*, *r*: **e***dicto*, **e***jecção*, **e***nervar*, **e***rupção*.

Anteposto a *f*, ou é permutado em *es*, ou é o *x* assimilado: **es***faquear*, **ef***feminar* (ex + fémina).

Seguido de vogal e de *h*, *c*, *p*, *q*, *t*, é inalterado: **ex***autorar*, **ex***ecravel*, **ex***inanição*, **ex***orbitar*, **ex***ulceração*, **ex***herdar*, **ex***communhão*, **ex***patriar*, **ex***quisito*, **ex***temporaneo*.

In—Antes de *b*, *p*, *m*, troca-se umas vezes por *em*: **em***barbecer* de **im***barbéscere* (in + barbéscere), **em***pecer* de **im***pedicare* (in + pédica), **em***madeirar* de **in**+*materiare*; noutras, muda o *n* em *m*: **im***buir* de **im***búere* (in + buo), **im***por* de **im***pónere* (in + pónere), **im***mergir* de **im***mérgere* (in + mérgere).

Assimila o *n*, antes de *l*, *m*, *r*: *i***l***ludir* de *i***l***lúdere* (in + lúdere), **im***mutar* de **im***mutare* (in + mutare), *i***r***rogar* de *i***r***rogare* (in + rogare).

É substituido por *en*, ou conserva-se inalterado, achando-se seguido de outras consoantes e de vogal ou *h*.

Inter—E', as mais das vezes, trocado por *entre*: **entre***metter* de **inter***míttere*.

Ob—Assimila o *b*, antes de *c*, *f*, *p*: *o***c***correr* de *o***c***cúrrere* (ob + cúrrere), *o***f***ferecer* de *o***f***ferre* (ob + ferre), *o***p***primir* de *o***p***prímere* (ob + prémere). Exceptua-se *o***b***cecar* de *o***b***cœcare*.

Conserva-se inalterado, antes de outra qualquer lettra: **ob***temperar* de **ob***temperare*, **ob***repticio* de **ob***repticius*.

Post—Dá-se ás vezes a queda do *t*: **pos***por* de **post***pónere*.

Sub—Assimila o *b*, antes de *c*, *f*, *g*, *p*, *r*: *succumbir* de *succúmbere* (sub+cumbo), *suffocar* de *suffocare* (sub+faux), *suggerir* de *suggérere (*sub+gérere), *suppor* de *suppónere* (sub+pónere), *surripiar* de *surrípere* (sub+rípere).

Não muda, preposto a vogaes e a outras consoantes.

Converte-se muitas vezes em *soc*, *sof*, *sor*, com o *b* assimilado: **soc***correr* de **suc***cúrrere* (sub+cúrrere), **sof***frer* de **suf***ferre* (sub+ferre), **sor***rir* de **sub***rídere* (**sub** + *rídere*).

Trans— E' com frequencia convertido em *tra*, *tras*, *tres*: **tra***jecto* de **tra***jectus* ou **trans***jectus*, **tras***montano* de **trans***montanus*, **tres***noutar*.

Antes de *s*, perde a lettra final: **tran***screver* de **tran***scríbere* (trans+scríbere).

Tris—Ás vezes, cae o *s*: **tri***forme* de **tri***formis*. Commummente substitue-se o *i* por *e*: **tres***loucar*.

Vice—Contrahe-se algumas vezes em *vis*: **vis***condado*.

De ordinario passaram para o portuguez, inalterados os demais prefixos.

CAPITULO III.

DOS ALPHABETOS.

Os caracteres alphabeticos ou lettras são em numero de vinte e cinco, e formam quatro collecções ou alphabetos, a saber, o *calligraphico*, o *italico*, o *romano*, o *gothico*.

Usa-se do alphabeto calligraphico nos manuscriptos. Os trabalhos impressos podem se-lo em qualquer typo. Cada especie porem tem uso especial: com os calligraphicos e gothicos estampam-se obras de phantasia, como cartões de visita, circulares, convites, participações, etc.; os italicos teem frequente applicação, quando queremos chamar a attenção do leitor para qualquer ponto do dis-

curso; e nos romanos imprime-se geralmente o texto dos livros.

Cada uma destas collecções subdivide-se em outras duas, que constam de *lettras maiusculas*, *cabidolas* ou *grandes*, e de *lettras minusculas* ou *pequenas*.

São maiusculas: *A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, X, Y, Z.*

São minusculas: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z.*

§ 1.º

Sobre o uso das lettras maiusculas.

Escrevem-se com lettras maiusculas:

1.º A inicial da primeira palavra de qualquer obra ou trabalho, manuscripto ou impresso.

2.º A inicial da primeira palavra que se segue ao ponto final, de interrogação e de exclamação. Exemplo: «Poeta, nesta terra é noute! **P***orque* não te acolheste ao teu ninho? **A***gora* o que te resta, é morrer. **V***ae* abrigar-te entre os orbes; vae derramar em canções a tua alma, no seio immenso de Deus. **A***hi* é que sempre é dia! (Herculano).»

3.º A inicial de todas as palavras dos titulos de qualquer livro, das inscripções de qualquer obra ou sepultura. Isto em calligraphia, porque, em lettra redonda, escrevem-se as palavras com todas as lettras grandes.

4.º A inicial dos nomes proprios: *Deus*, *Antonio*.

5.º As iniciaes do tratamento que se dá ás pessoas qualificadas ou investidas de qualquer autoridade ou poder, e, por civilidade, aos simples cidadãos, e que se exprime ordinariamente por ellas: *Sua Santidade*, *V. Rev.*[ma], *V. Ex.*[a], *V. S.*[a], *Vm.*[cê]

6.º A inicial das palavras que se referem a tudo o que devemos venerar ou respeitar: *Pae*, referindo-nos ao nosso pae.

7.º A inicial de todos os versos. Exemplo:
«E julgareis qual é mais excellente,
Si ser do mundo rei, si de tal gente. (CAMÕES).»

Modernamente alguns bons poetas usam, á imitação dos hespanhoes, da lettra minuscula no principio do verso, quando o antecedente não termina por ponto final, de interrogação e de admiração.

8.º A inicial de todo o discurso que se cita, e se põe ordinariamente depois de dous pontos. Exemplo: «Deus disse: «*Faça-se a luz, e a luz foi feita.*»

Á excepção destes casos, todas as mais lettras que se empregam na escriptura, são minusculas ou pequenas.

§ 2.º

Uso das lettras vogaes na representação das vozes.

Não tem a lingua portugueza tantos signaes quantas as vozes. Usamos por isso, na representação dos sons vogaes oraes, das lettras vogaes *a, e, i, o, u, y*, com o repectivo accento, quando é preciso evitar equivocos, como se vê em—*á—a—é—ê—e—e, i, y—ó—ô—o, u—*; e, na representação dos sons vogaes nasaes, das mesmas lettras vogaes, com o *til, m* ou *n*, como se vê em—*ã, an, am—en, em—in, im, yn, ym—õ, on, om—un, um—*.

O *y* (*i* grego), vogal puramente orthographica, só é tolerada em palavras derivadas do grego: *as***y***lo*, *l***y***ceu*; em alguns nomes proprios: *Cyrillo, Egypto*; em nomes indigenas: *A***y***moré, memb***y**; e em vocabulos peregrinos: **y***acht* (palavra ingleza), **y***atagan* (palavra turca).

§ 3.º

Uso das fórmas divergentes, representativas dos sons vogaes nasaes.

Ã, an, am—Usa-se de *ã*, nas fórmas diphthongaes *ãe, ães, ão, ãos*; de *an*, no principio, meio e fim de palavras: **an***dar*, *enc***an***to*, *l***an**; e de *am*, antes de *b, p, m, n*: **am***bito*, **am***paro*, **am***moniaco*, *d***am***no*.

Recommendam alguns grammaticos que se use da fórma *ã*, no fim de vocabulos; harmonisa-se porem mais com a etymologia a fórma *an*, como se vê em *lan*, *san*, de *lana*, *sana*, em que se deu apenas a apocope do *a* final.

En, em—Tambem se usa de *en*, no principio, meio e fim de palavras: ***en**tre*, *s**en**da*, *specim**en***; assim como de *em*, antes de *b*, *p*, *m*, *n*: ***em**bate*, ***em**porio*, ***em**massar*, *sol**em**ne*.

In, im, yn, ym—Dá-se o uso da primeira destas fórmas no principio e meio de palavras: ***in**fante*, *m**in**gua*; da segunda, antes de *b*, *p*, *m*: ***im**becil*, ***im**peto*, ***im**mortal*; da terceira, no meio: *s**yn**taxe*; da quarta, antes de *b*, *p*, *m*, *n*: *s**ym**bolo*, *s**ym**pathia*, *S**ym**macho*, *h**ym**no*.

Õ, on, om — Faz-se emprego de *õ*, nas fórmas diphthongaes *õe*, *õem*, *ões*; de *on*, no principio, meio e fim de palavras: ***on**da*, *c**on**to*, *can**on***; de *om*, antes de *b*, *p*. *m*, *n*, e no fim de monosyllabos: ***om**breira*, *p**om**pa*, *s**om**ma*, *s**om**no*, *t**om***.

Un, um — Emprega-se *un*, no principio e meio de palavras: ***un**to*, *m**un**do*; e *um*, antes de *b*, *p*, *m*, *n*, e em vocabulos compostos de *circum*: ***um**bigo*, *c**um**prir*, *s**um**ma*, *col**um**na*, *circ**um**ferencia*.

§ 4.º

Uso das fórmas diphthongaes divergentes.

Usa-se de *ae*, em *p**ae***, *sej**ae**s*, *v**ae***; na segunda pessoa do plural do presente do indicativo, e do futuro do imperativo dos verbos da primeira conjugação: *am**ae**s*, *am**ae***; na segunda pessoa do plural do presente do conjunctivo dos verbos da segunda e terceira conjugação: *mov**ae**s*, *un**ae**s*; em algumas fórmas dos verbos em *air*: *s**ae**s*, *s**ae***; e no plural dos nomes acabados em *al*: *anim**ae**s*: de *ay*, em nomes indigenas: *Paragu**ay***, ***ay**curaba*: e de *ai*, nas demais palavras: ***ai**po*, *m**ai**s*, *t**ai**pa*.

Usa-se de *êy*, em nomes indigenas: *Juruc**ey***, ***ey**ra*; em algumas palavras de origem estrangeira: *b**ey***, *d**ey***, *jock**ey***: e de *êi*, nas demais palavras: *d**ei***, *r**ei***.

Usa-se de *óe*, em algumas fórmas dos verbos em *oer*, e dos verbos *construir*, *destruir*: *m***oe**, *constr***oe**, *destr***oe**; e no plural dos nomes acabados em *ol*: *anz***oe***s*, *hespanh***oe***s*: de *óy*, em alguns nomes proprios de pessoas: *El***oy**, *God***oy**; e em nomes tupis: *Nicther***oy**, *Tut***oy***a*: e de *ói*, nas demais palavras: *b***oi***a*, *est***oi***co*.

Usa-se de *ôy*, em nomes indigenas: *G***oy***az*, *Tam***oy***o*: e de *ôi*, nas demais palavras: *j***oi***o*, *m***oi***o*.

Usa-se de *ue*, em algumas fórmas dos verbos acabados em *uir*: *affl***ue**, *infl***ue**; e no plural dos nomes acabados em *ul*: *p***aue***s*, *taf***ue***s*: de *uy*, em alguns nomes proprios, quer sejam indigenas: *C***uy***abá*, *Tap***uy***a*, quer não: *G***uy**, *R***uy**: e de *ui*, nas demais palavras: *f***ui**, **ui***vo*, *t***ui***tivo*.

Usa-se de *ãe*, em *m***ãe** de *m***a***tr***e**; e no plural de muitos nomes acabados em *ão*: *escriv***ãe***s*, *sacrist***ãe***s*: de *aim*, em *c***aim***bra*: de *ão*, em *n***ão**, *qu***ão**, *sin***ão**, *t***ão**; nos substantivos, quer sejam palavras graves, quer agudas: *org***ão**, *cidad***ão**; nos adjectivos: *folgaz***ão**; e nas fórmas verbaes, que teem o accento prosodico da ultima syllaba: *far***ão**: de *am* (ão grave) nas linguagens cujo accento prosodico recae na penultima syllaba: *chamar***am**: de *en* (ẽi), nos vocabulos *jov***en**, *regim***en**: de *em* (ẽi), *im* (ĩi), *um* (ũu), no fim de palavras: *b***em**, *v***em**; *conf***im**, *sell***im**; *for***um**, *vacc***um**: de *eem* (ẽi), em *cr***eem**, *d***eem**, *l***eem**, *t***eem**, *v***êem** (de ver), *v***eem** (de vir): de *õe*, no plural de muitos nomes acabados em *ão*: *serm***õe***s*, *opini***õe***s*; e em *p***õe***s*, *p***õe**, e seus compostos: *disp***õe***s*, *disp***õe**: de *õem*, em *p***õem**, e seus compostos: *disp***õem**: de *om* (õo), no fim dos monosyllabos *b***om**, *c***om**, *d***om** de *dominum*: e de *ui* (ũi), em *m***ui** e *m***ui***to*.

§ 5.º

Sobre o uso de algumas lettras em casos especiaes.

Antes de *i* ou *y* nunca se escreve *j*, e sim *g*: **gi***ba*, **gy***neceu*.

Escreve-se *j*, antes de *e*, no principio de muitas palavras: **j***ejum*, **j***erarchia*, **j***erogliphico*, **j***enolim*, **j***ellala*,

jeropiga, *Jeronymo*, *Jerusalem*, *Jericó*, *Jesus*, etc.; e no meio das que se derivam do verbo latino *jacio*: *objecto*, *sujeito*, *rejeitar*, etc. Quanto ás palavras puramente portuguezas, deve-se usar sempre de *j*, antes de *e*.

No principio das palavras, escreve-se sempre *s*, antes de *a*, *o*, *u*, e nunca *ç*: *sapato*, *sarça*. Tambem se usa de *s*, nos suffixos *oso*, *osa*, *osos*, *osas*: *formoso*, *formosa*, *formosos*, *formosas*. Usa-se ainda de *s*, no fim de muitos nomes que teem uma só fórma, tanto para o singular, como para o plural: *alferes*, *pires*; no plural dos nomes: *casas*, *filhós*; no fim de muitas fórmas verbaes: *dás*, *crês*, etc.: e em *aliás*, *após*, *Deus*, *tres*, etc.

Escreve-se *x*, no principio de algumas palavras, quasi todas de origem arabe: *xadrez*, *xergão*, *xarel*. Quanto ao meio das palavras, depois de som nasal, e tambem depois de diphthongo, ordinariamente se escreve *x*: *enxada*, *enxofre*; *ameixa*, *deixar*. Nas poucas palavras que o conservam no fim, tende elle a desapparecer, pois já se escreve *indice*, *calice*, em logar de *index*, *calix*. Usa-se de *z*, no fim das palavras acabadas nos sons *as*, *es*, *is*, *os*, *us*, com accento prosodico, e cujo plural se forma, accrescentando-se um *s*, com inserção de *e*: *cabaz*, *cabazes*; *matriz*, *matrizes*.

As fórmas dos verbos acabados em *zer*, *zir*, devem todas escrever-se com a lettra *z*, e bem assim as dos da primeira conjugação, que se derivam de verbos latinos que a teem no thema: *baptizar* de *baptizare*. Assim tambem a desinencia *eza*, exceptuada a dos nomes de origem latina, que pedem *s*: *mesa* de *mensa*.

As terminações *cção*, *ção*, *ssão*, *são* correspondem ás terminações do accusativo do singular dos nomes latinos terminados em *ctio*, *tio*, *ssio*, *sio*: *acção* de *actio*, *noção* de *notio*, *missão* de *missio*, *conversão* de *conversio*. Assim tambem as desinencias *cia*, *cio* são correspondentes das do mesmo caso dos nomes em *tia*, *tium* e *tius*: *constancia* de *constantia*, *negocio* de *negotium*, *subreptício* de *subreptitius*.

CAPITULO IV.

Dos systemas de orthographia e das causas de sua irregularidade.

§ 1.º

Systemas orthographicos.

Tres são os systemas orthographicos:—o *phonetico*, o *etymologico*, o *mixto*.

Prescreve o *systema phonetico* que a fórma graphica dos vocabulos represente fielmente a sua correcta pronuncia. Este systema não emprega caracteres ociosos e sem valor, mas tão somente os que correspondem aos sons vivos da lingua. *Physica*, por exemplo, se escreveria, segundo elle, por este modo: *fizica*.

A orthographia que devera ser um systema philosophico e de facil comprehensão aos menos instruidos e aos mais apoucados de intelligencia, é ao em vez um amalgama de doutrinas casuisticas e só accessiveis aos doutos. São as linguas o instrumento, por que todo o individuo, por mais humilde que seja sua condição, manifesta seus pensamentos; deve ser portanto sua representação, por meio da escripta, despida de tudo o que, sem melhora-la, apenas lhe serve de embaraço. Por amor pois do maior numero, daquelles que se não distinguem pela copia de conhecimentos, que, por um acaso feliz, se tornam o apanagio de poucos, cumpria, ha muito, reflectissem as pessoas que em tal desideratum podem influir, nas vantagens que adveem da adopção de uma orthographia mais consentanea com as necessidades sociaes. Mas, quando não fosse por demais momentosa a razão adduzida, bastava a só consideração de que, sendo a nossa orthographia a phonetica, aprenderia a infancia a ler com summa facilidade, em mui breve tempo e por modo assás ameno, para dever ser o systema phonetico abraçado sem detença. Entendendo outrosim o phonetismo com o material dos vocabulos, mais systematicas se tornariam as flexões, alem de se converterem em regulares os verbos accidentalmente irregulares, como se vê em *ficar*, cujo *c* não se mudaria em *qu*, em *fique*, *fiquei*, etc., si houvesse só um signal, para representar o som de *que*.

Não se deprehenda entretanto do que vem de ser exposto, que pode qualquer pessoa orthographar as palavras a seu talante, accommodando-as á sua pronuncia, mesmo quando viciada, e que portanto lhe seja permittido escrever *fio, andá*, em logar de *filho, andar*. Ha ao contrario duas condições que observar na introducção da orthographia da pronunciação. Consiste a

primeira na verificação, por pessoa autorisada e competente, dos signaes que devem ser considerados nacionaes ou indispensaveis á pintura exacta dos sons. É a segunda a elaboração e consequente publicação de um vocabulario phonographico, que fosse de uso obrigatorio nos actos officiaes, com o fim de servir de guia, na escriptura das palavras, áquelles que não as pronunciassem com a devida correcção, ou que tivessem qualquer duvida sobre a sua verdadeira pronuncia. Assim disciplinada a escriptura dos vocabulos, se firmaria a pronuncia delles, caindo por terra a objecção que costumam a oppor, da inadmissibilidade do systema phonico, por lhe servir de base a pronuncia que varia de epoca para epoca, ás vezes de logar para logar, e até de escriptor para escriptor.

Dizem porem os apologistas da orthographia etymologica «que as lettras que os neographos desterram por ociosas, não são inuteis; servem para attestar a origem do vocabulo, a sua evolução, a camada a que pertence, etc.» Entretanto uma parte assás consideravel das palavras que constituem o fundo popular da lingua, é orthographada phoneticamente. Si não fora a influencia erudita, ou si as transformações das palavras obedecessem sempre ás leis naturaes, seria a orthographia mais regular ou mais de accordo com a pronuncia. Assim como se sabe, pelas formas intermediarias, que *mesmo,* cuja graphía está em perfeita harmonia com a pronuncia, vem de *metipsissimus,* saber-se-ia qual a procedencia de qualquer palavra graphada segundo a etymologia, que passasse por nova evolução, adoptando fórma verdadeiramente phonetica. Alem disso a adopção do phonetismo em muitas palavras italianas não tem sido motivo, para não se poder remontar á sua origem, ou fazer o seu estudo historico-comparativo.

A necessidade de reformar a orthographia é reconhecida até por grammaticos contemporaneos que teem explanado a doutrina attinente á sua lingua, de conformidade com os processos modernos, como *A. Brachet* (1), *C. Ayer* (2) e *F. Brunot* (3).

Preceitua a *orthographia etymologica* que se escrevam os vocabulos, conservando-se nelles lettras que tiveram sua razão de ser nas linguas matrizes, e cujo uso na nossa, por ocioso, se não pode justificar. Conservam-se, por exemplo, em *apprehender* o primeiro *p* e o *h*, porque os tem a palavra latina de que se deriva; e em *phthisica*, o *ph* e o *th*, porque, na palavra grega donde vem, ha signaes a elles correspondentes.

---

(1) *Morceaux choisis des grands écrivains du XVI.e siècle, p.* LXXIII.
(2) *Grammaire comparée de la Langue Française,* quatrième édition, § 61.
(3) *Grammaire Historique de la Langue Française,* pag. 94.

Este systema é o mais impraticavel de todos, porque, observado á risca, daria em resultado uma escriptura ridicula e pedantesca, que não seria portuguez nem latim.

A *orthographia mixta*, tambem chamada *usual* ou *ecclectica*, ensina que as palavras de origem popular, aprendidas de outiva, sejam escriptas phoneticamente; e que as de origem erudita, importadas dos escriptores latinos ou gregos, o sejam etymologicamente: *frio—frigido*, *respeito—respectuoso*, *suor—sudorifico*, etc.

Por este systema devem prevalecer as fórmas em uso, já phoneticas, já etymologicas, que forem consideradas pelos glottologos, como sendo o resultado do estudo historico-comparativo dos vocabulos.

§ 2.º

Causas das irregularidades da orthographia.

O *systema phonetico* foi o que dominou no periodo de *syncretismo*, isto é, desde o seculo 12.º ao seculo 15.º Em razão da indisciplina grammatical, que, por falta de uma litteratura grammatical e lexicologica, reinou nessa epoca, a pronuncia variava consideravelmente de logar para logar. Dahi serem muitos vocabulos orthographados por mais de um modo, como *agardecer* e *agradecer*, *nacer* e *nascer*, *piadoso* e *piedoso*, etc.

Com o apparecimento das grammaticas de João de Barros e Fernão de Oliveira, começa o periodo de disciplina grammatical, e portanto a tendencia para exercerem os escriptores uma influencia uniformisadora das fórmas dos vocabulos. Esta tendencia, com o correr dos tempos, se caracterisou por uma especie de idolatria pela escriptura da lingua matriz. Tomaram por isso muitas palavras fórmas inteiramente alatinadas, com prejuizo das que estavam em uso, e que haviam obedecido a leis naturaes, como *oito, caridade*, *ensino*, que passaram a escrever: *octo*, *charidade*, *insino*.

Fazia-se preciso um paradeiro a este exagero etymologico, resultado da ignorancia em que estavam os

eruditos das leis evolutivas da linguagem. Foi elle a adopção do *systema mixto*, *usual* ou *eclectico*, que se tem tornado mais regular, depois que lhe serve de fundamento o criterio historico-comparativo.

Assim as causas das irregularidades da orthographia foram a principio a variabilidade da pronuncia e mais tarde a exagerada influencia erudita.

TITULO TERCEIRO.

SEMIOGRAPHIA.

A *semiographia* trata das notações lexicas.

Notações lexicas, ou são os signaes graphicos, com que notamos a natureza, predominancia, contracção, abrandamento, suppressão ou juncção de sons; ou são os signaes, as lettras ou fracções de palavras, equivalentes de palavras inteiras.

São de tres especies as notações lexicas:—*phonicas*, *etymologicas* e *tachygraphicas*.

CAPITULO I.

NOTAÇÕES PHONICAS.

São *notações phonicas*:—os *accentos*, o *til*, o *trema*, o *agá* e a *cedilha*.

Chamam-se *accentos* os signaes com que, para evitar equivoco ou má pronuncia, se assignala o accento prosodico do vocabulo.

Os accentos são tres: o *agudo* (´), o *grave* (`) e o *circumflexo* (^).

O *accento agudo* recae sobre as vozes abertas e communs, quando se tem de assignalar o accento prosodico, em que se alça fortemente a voz: *sabiá*, *séde*, *ruína*, *avó*, *lúrido*.

O *accento grave* recae sobre as vozes graves, quando se tem de assignalar o accento prosodico, em que se abaixa a voz: *pàra* (preposição).

Este accento não está em uso, porque, quando se faz preciso firmar a correcta pronuncia dos vocabulos, só se costumam a notar as predominantes que pedem accento agudo ou circumflexo, como se vê em *se* (pronome), *sê* (verbo), *sé* (substantivo).

Alguns escriptores usaram do accento grave, em vez do accento circumflexo.

O *accento circumflexo* recae sobre as vozes medias ou fechadas, quando se tem de assignalar o accento prosodico, em que se alça, e abaixa a voz: *pro***vê**, *a***vô**.

Usa-se do accento agudo:

1.º Quando teem os vocabulos por desinencia *á*, *é*, *ó*: *alvar***á**, *rodap***é**, *filh***ó**.

2.º Quando se contrahem vogaes: **á** por **a a** (preposição e artigo), *id***é***a* (nome) por *id***ei***a*.

Querem tambem que seja signal de contracção o accento circumflexo em *têm, vêm*, etc. Discordamos desta opinião, graphando taes palavras por este modo: *teem, veem*, etc., não só porque melhor do que *êm* representa a fórma *eem*, o diphthongo *ẽi*, como tambem porque, na representação dos sons, é sempre preferivel uma lettra a uma notação.

3.º Quando, por se poder dar equivoco, tem-se de notar a prolação de alguma voz, como se vê no vocabulo *pr***é***gar* (fazer predicas) que, em razão de ser o som de sua penultima syllaba mais prolongado que o da mesma syllaba de *pr***e***gar* (segurar com prego, ou fazer pregas), se confundiria com este, si não levasse o accento.

O emprego do accento agudo em syllabas atonas, para marcar prolação de voz, tem dado logar á deturpação da verdadeira pronuncia de alguns vocabulos, como *pég***a***da*, substantivo, que muitos consideram palavra esdruxula, por julgarem que o accento assignala a predominante, quando é notação de que a antepenultima syllaba deve ser pronunciada com maior prolongamento de voz que a mesma syllaba de *pêg***a***da*, participio passado de *pegar*.

4.º Sobre a preposição *a*, não contrahida com as fórmas femininas do artigo definido, quando, por se confundir com este, se dá alteração do verdadeiro sentido da phrase, como se vê neste exemplo: «Matar **á** *sêde.*», o qual, significando «Matar **de** *sêde.*», constitue sentido diverso de «Matar **a** *sêde.*», que quer dizer «*Sacia-la.*»

Assim o entendeu Vieira, quando disse: «... matar á *fome,*» não obstante ser por Grivet [1] levada á conta de erro typographico a collocação do accento agudo deste exemplo na preposição *a;* e tambem Garrett, nesta phrase «...talvez voz mantem á *fome*...» [2].

Tambem se deve accentuar a mesma preposição, quando reger um nome do genero feminino, determinado pelo adjectivo possessivo, si se podér dar amphibologia, como se evidenceia deste exemplo: «Disse-o **á** *minha avó* [3].», o qual exprimiria cousa inteiramente outra do que quiz dizer o escriptor, si estivesse a preposição *a*, sem o respectivo accento.

Está em uso o accento circumflexo nos vocabulos terminados em *ê*, *ô*: *mercê avô*.

Tambem devem ser usados os accentos:

1.º Quando não se possa perceber promptamente pelo sentido o valor do vocabulo, por haver outro que lhe seja homographo, isto é, que se escreva com as mesmas lettras, tendo a accentuação diversa. Exemplo:

«**Véde** a agua do tanque.»
«**Vêde** a agua do tanque.»

Nestas duas phrases, si dos verbos for omittido o respectivo accento, não se sabe si se manda *vedar* ou *ver a agua do tanque*.

Dá-se de ordinario este equivoco, quando as palavras homographas são da mesma especie, como dous substantivos, dous verbos, etc.

Observam alguns escriptores o uso de accentuar as linguagens da primeira pessoa do plural do preterito perfeito, como *amámos, movêmos, unímos*, para as differençar das da mesma pessoa do presente do indicativo.

E' isso porem desnecessario, por terem a mesma pronuncia tanto umas como outras. O contexto do discurso por si só as faz distinguir.

---

(1) *Nova Gram. Analyt. da Ling. Port.*, n.º 139.
(2) *Viagens na Minha Terra,* 3.ª edição. Tomo 2.º, pag. 152.
(3) *Idem,* Tomo 1.º, pag. 268.

2.º Quando anda viciada a pronuncia do vocabulo. **Pán***tano*, por exemplo, deve levar accento na antepenultima syllaba, porque ha logares em que viciosamente o pronunciam, como palavra grave.

3.º Quando a pronuncia do vocabulo se torna duvidosa, por haver autoridades que o accentuam de modo diverso, como se vê em *hippo***drómo**, que, devendo, conforme praticam alguns lexicons, ser accentuado na penultima syllaba, o é entretanto por outros na antepenultima.

4.º Quando é o vocabulo de pronuncia pouco conhecida, ou por ser de uso raro: *no***ctí***vago*, termo poetico; ou por ser um neologismo: *bi***nú***bo* (casado duas vezes).

O *til* representa a nasalidade da prepositiva dos diphthongos: —*ãe*—*ão*—*õe*, *õem*—, e não o accento prosodico propriamente dito; tambem é signal de que na palavra faltam lettras que se omittiram por brevidade: *Frz̃* por *Fernandes*, *Glz̃* por *Gonçalves*, *Sñr* por *Senhor*.

O *trema* que tambem se chama *dierese*, *apices* ou *cimalhas*, indica que a vogal sobre a qual se acha, não forma diphthongo com a que lhe está junta: *ruïna*, *saüde*.

Sendo a vogal, em que deve recair o trema, a syllaba predominante, está em uso substitui-lo pelo accento agudo.

Tambem serve o *trema*, para mostrar quando se pronuncia a lettra *u*, depois de *g* e de *q*: *güarda*, *seqüestro*; mas não se usa delle em nossa lingua.

Recommendamos entretanto que se use do trema nos vocabulos, em que a vogal que o pede, não é a syllaba predominante, e cuja pronuncia precisar ser bem firmada, ou porque ande viciada, como se vê em *ruïndade*, que o vulgo pronuncia, reunindo os dous primeiros sons vogaes, como si formassem diphthongo; ou porque, por *dierese*, se dividiu um diphthongo em duas syllabas, como se vê em *saudosos*, neste verso de Camões: «Nos *saüdosos* campos do Modengo.»

O *h* (agá) só é accento indicativo de aspiração, isto é, de que a vogal se deve pronunciar com grande affluencia de ar, nas interjeições *Ah! Oh! Hum! Ha! ha, ah!*

A *cedilha* é uma especie de virgula que se põe debaixo do *c* (que), quando está antes de *a*, *o*, *u*, para lhe abrandar o som em *s* (se): *caça*, *paço*, *açude*.

CAPITULO II.

NOTAÇÕES ETYMOLOGICAS.

As *notações etymologicas* são: — o *apostropho* e o *hyphen*.

O *apostropho* ou *viraccento* indica suppressão de vogal: *esp'rança*, em logar de *esperança*; e ás vezes só de consoante, e de consoante e vogal: *co'este* por *com este*, *co'andar* por *com o andar*.

Ordinariamente a maior suavidade da pronunciação pede que, na concorrencia de vogaes identicas ou semelhantes no fim de um vocabulo e no principio do seguinte, ambos se pronunciem, como si fossem um só, ainda que na escriptura não venha o signal do apostropho, como *de oliveira*, *minha alma*, *onde iremos*, que devemos pronunciar *doliveira*, *minhalma*, *ondiremos*.

O *hyphen*, tambem chamado *risca de união* ou *diastáse*, usa-se nos seguintes casos:

1.º No fim da regra da escripta, para mostrar que o fragmento de vocabulo que o leva, se liga ao fragmento que está no principio da regra seguinte.

Não se devem apartar as lettras de que se compõem as syllabas; e por isso, quando for preciso dividir um vocabulo, no fim da regra da escripta, por não caber todo nella, far-se-á a divisão pelo fim de alguma de suas syllabas, observando-se rigorosamente a pronuncia: *in-sen-si-vel*, *ab-sol-ver*, *cir-cums-tan-te*, *subs-ti-tu-to*.

Quando a pronuncia não podér servir de base á divisão das syllabas, por se introduzirem nas palavras elementos meramente orthographicos, observar-se-ão as duas regras seguintes:

1.ª Havendo, entre duas syllabas, consoantes dobradas, põe-se a primeira no fim da regra, e a segunda no principio da regra seguinte: **ap**-*parecer*, **ter-ror**.

2.ª Havendo, entre duas syllabas, uma consoante differente da que se lhe segue, e cujo som não faz corpo com o da syllaba precedente, deve acompanhar a syllaba seguinte: *ins-cri*-**pção**, *te*-**cto**, *a*-**cção**, *ra*-**pto**, *fi*-**cto**, *fi*-**cção**.

Mandam alguns grammaticos que as syllabas das palavras compostas sejam sempre divididas, pelas suas partes componentes. Somos de todo avesso a esta opinião, quando a separação dellas não se amolda á pronuncia, como se vê em *ablução, construir,* cujas syllabas se devem separar por este modo: **a-blu-***ção,* **cons-tru-***ir,* porque assim é que se pronunciam: e não por este: **ab-lu-***ção,* **con-stru-***ir.* Si tal não fora, só philologos poderiam fazer esta divisão de syllabas.

2.º Entre o verbo e a palavra enclitica que se lhe junta immediatamente por complemento, para mostrar que se pronunciam, como si fossem uma só: *dizer-***nos**, *façamo-***lo**, *quizeram-n-***o**.

3.º Em palavras formadas *por juxtaposição,* para mostrar que os seus elementos componentes se ligam na pronuncia: *cholera-morbus, guarda-portão.*

CAPITULO III.

NOTAÇÕES TACHYGRAPHICAS.

As *notações tachygraphicas* são as *abreviaturas.*

Quer seja pela pressa, quer por menos trabalho, ou por economia de papel, faz-se uso de abreviaturas, ou de palavras em breve na escripta, para o que se não dá regra certa.

O uso de abreviaturas é actualmente reprovado em escriptos de importancia, ou em papeis dirigidos a pessoas de respeito.

Ha todavia abreviaturas que se admittem em casos especiaes, como as da igreja catholica: *I. C.* (Jesus Christo); as do foro: *A. R.* (Autor, Réu); as do commercio: *S. E. O.* (Salvo erro ou omissão); as que exprimem tratamentos: *V. Rev.*[ma] (Vossa Reverendissima); as de algumas sciencias, como as mathematicas, a medicina, a astronomia, a chimica, etc.: = (igual a), *R* (Recipe = tomae), ⊙ (Sol), *Al.* (aluminium); as de varias artes, como a musica, a arte typographica, etc.: *D. C.* (Da capo), *℈* (voltae); as de certos livros, como os diccionarios, em que são ellas indispensaveis: *adj.* (adjectivo).

LIVRO TERCEIRO.

MORPHOLOGIA.

A *morphologia* estuda as palavras, como seres já organisados, constitutivos da linguagem.

Ella as considera por isso em seu *todo*, classificando-as em varias especies; e em seus *orgãos* ou *elementos morphologicos*, explanando a doutrina attinente ás flexões, e á sua formação, já como derivadas, já como compostas de outras.

Dahi a divisão da *morphologia* em *lexiologia* e *organographia*.

TITULO PRIMEIRO.

LEXIOLOGIA.

Lexiologia, tambem chamada *taxionomia*, é a classificação das palavras em varias especies ou categorias, correspondentes ás idéas que exprimem.

Soffrem as palavras tres divisões:

1.ª Quanto ás suas propriedades caracteristicas;

2.ª Quanto á analogia de suas funcções;

3.ª Quanto á sua fórma.

As palavras, pelo que diz respeito ás suas propriedades caracteristicas, são classificadas em oito especies, chamadas geralmente partes da oração: *substantivo*, *pronome*, *adjectivo*, *verbo*, *preposição*, *adverbio*, *conjuncção*, *interjeição*.

No tocante á analogia de suas funcções, distribuem-se as partes da oração em *nominativas*, *modificativas* e *connectivas*, exceptuada apenas a *interjeição*, cuja funcção não tem analogia alguma com as das outras especies de palavras.

As *nominativas* são destinadas a representar as pessoas ou cousas; e são o *substantivo* e o *pronome*.

São *modificativas* o *adjectivo*, que modifica o substantivo, exprimindo as qualidades que constituem as caracteristicas do objecto por elle significado, ou extendendo sua significação a maior ou menor numero de individuos;

e o *adverbio*, que modifica o adjectivo, fazendo-o exprimir os diversos graus, variantes ou mutações da qualidade.

As *connectivas* servem para designar as relações que se dão entre as palavras e as proposições. São taes o *verbo*, a *preposição* e a *conjuncção*.

Consideradas com relação á sua fórma, arranjam-se ainda as oito especies ou categorias de palavras em dous grupos:—*palavras variaveis* ou *inflexas* e *palavras invariaveis* ou *ininflexas*.

As *variaveis* são o *substantivo*, o *pronome*, o *adjectivo*, e o *verbo*; e as *invariaveis*, a *preposição*, o *adverbio*, a *conjuncção* e a *interjeição*, conhecidas tambem pela denominação de *particulas*.

CAPITULO I.

NOME SUBSTANTIVO.

Nome substantivo é a palavra que designa pessoa ou cousa: *Camões*, *casa:* é o sujeito por excellencia.

Para se apreciar o valor exacto da significação do nome, é essencial saber-se o que sejam *extensão*, e *comprehensão do nome*. Chama-se *extensão* o maior ou menor numero de individuos ou cousas que o nome significa; e *comprehensão*, o maior ou menor numero de qualidades caracteristicas do objecto significado pelo nome. Assim a extensão do nome *homem* são todos os seres a que se applica este nome; sua comprehensão, as qualidades que constituem essencialmente a especie humana, como sejam: ser organisada de certo modo, e dotada de sensibilidade, intelligencia, vontade, etc. A comprehensão está na razão inversa da extensão, e reciprocamente. A palavra *boi*, por exemplo, tem mais comprehensão e menos extensão que o termo *quadrupede*. Os appellativos são os nomes que teem mais extensão e menos comprehensão; os proprios, ao envez, os que teem menos extensão e mais comprehensão.

Divide-se o nome substantivo em *proprio* ou *particular* e *appellativo* ou *commum*.

Nome proprio ou *particular* é o que designa a pessoa ou cousa individualmente, isto é, uma só pessoa ou cousa, certa e determinada, da classe a que pertence: *Colombo*, *America*.

Na designação da pessoa ou cousa individualmente, é ella considerada, sob as qualidades que lhe são proprias, e que, constituindo sua natureza individual, a distinguem de qualquer outra da mesma especie.

Nome appellativo ou *commum* é o que designa a pessoa ou cousa genericamente, isto é, qualquer ou quaesquer pessoas ou cousas da classe a que pertencem: *homem*, *arvore*.

Na designação da pessoa ou cousa genericamente, é ella considerada, sob as qualidades que notamos em todos os seres da mesma especie, e que, constituindo sua natureza commum, caracterisam a classe a que pertencem.

Os nomes proprios foram originariamente nomes communs. **Maria** significa *soberana*; **Theophilo**, *amante de Deus*; etc.

Tornaram-se proprios, porque sua significação foi restringida a individuos determinados.

Actualmente temos muitos exemplos do caracter appellativo ou significativo dos nomes proprios em *Rosa, Clara, Prudencia, Felicidade*, etc.

Alguns nomes communs são considerados proprios, quando empregados de modo individual ou restrictivo, como o *Senhor*, a *Igreja*.

Os proprios passam a ser communs, desenvolvendo-se-lhes o sentido pela mudança de applicação, como *damasco*, (estofo feito de seda, que tomou o nome do logar, em que se fabricava primitivamente), *havana*, (especie de charutos, que se designam pelo nome da cidade que os manufactura); e sendo usados no plural, como se vê neste exemplo: «Os **Vieiras** são raros,» isto é, «Os *oradores* como **Vieira**, etc.»

Ha ainda *locuções substantivas* que consistem no emprego de duas ou mais palavras, exercendo a funcção de um substantivo.

Divide-se tambem a locução substantiva em *propria* e *appellativa*.

E' *propria* a que tem o valor de um nome proprio: *Antonio Gonçalves Dias*, *Rio de Janeiro*.

E' *appellativa* a que tem o valor de um nome appellativo: *cabo de esquadra*, *chapéu de sol*.

Os nomes proprios de pessoas são verdadeiras locuções substantivas, que podem constar de *prenome, nome, sobrenome, cognome*, e *agnome*.

Prenome é o nome do tratamento, titulo ou dignidade, que se antepõe ao nome de baptismo: **Senhor** *Paulo*, **D.** *Jayme*, **Frei** *João*.

Nome é o nome da pia ou de baptismo: *Maria, José.*

Sobrenome é o nome que muitas vezes acompanha o nome de baptismo: *Manoel* **Joaquim**, *João* **Carlos.**

O sobrenome de um homem celebre pode vir a ser o seu verdadeiro nome proprio para os seus posteros: **Virgilio** *(Publio* **Virgilio**), **Cesar** *(Julio* **Cesar**).

Cognome ou *appellido* é o nome ou nomes de familia, que seguem o nome de baptismo ou o sobrenome: *Joaquim* **Gomes de Souza**, *João Francisco* **Lisboa.**

Agnome é o nome ou adjectivo substantivado, posposto ao nome de baptismo, que exprime uma qualidade caracteristica da pessoa de que se trata: *D. Pedro,* **o lidador**; *Napoleão,* **o grande.**

Subdividem-se os nomes appellativos em *concretos* ou *objectivos* e em *abstractos* ou *subjectivos*.

São *concretos* ou *objectivos* os que exprimem objectos que são percebidos pelos sentidos: *livro, rua.*

Os nomes de pessoas são todos nomes concretos.

São *abstractos* ou *subjectivos* os que exprimem objectos imperceptiveis aos sentidos, mas que podem ser concebidos pelo nosso espirito: *Deus, sereia;* ou qualidades que se representam no nosso espirito separadas dos corpos que as conteem, como objectos reaes: *bondade, grandeza.*

CAPITULO II.

PRONOME PESSOAL.

Pronome é a palavra que se põe em logar do nome ou do sujeito, para evitar sua repetição. Exemplo: «*Este livro* é bom; **elle** foi comprado na livraria de Paulo.» A palavra *elle* deste exemplo é pronome, porque está em logar do nome *livro*, cuja repetição assim se evitou.

Em portuguez, apenas ha *pronomes pessoaes.*

Pronome, como o indica a força deste termo, é a palavra que se põe sempre em logar do nome, e que por isso nunca deve ser delle acompanhado. Só os pronomes pessoaes teem, na nossa lingua, esta propriedade. E' certo que ás vezes usaram os classicos do pronome pessoal junto ao nome, como

se vê neste exemplo de João de Barros: «Ao qual recado elle *Hidalcão* não respondera.»; mas tal modo de dizer é hoje considerado uma redundancia, ou um pleonasmo reprovado. Todas as outras palavras chamadas por muitos grammaticos pronomes demonstrativos, possessivos, etc., pelo facto de poderem ser empregadas sós na phrase, são verdadeiros adjectivos determinativos que, nesse caso, se referem a um substantivo occulto, tanto que, subentendido este, se lhe accommodam pela fórma, sem repugnancia alguma, como qualquer adjectivo. Noutras linguas, é que ha pronomes demonstrativos, possessivos, etc., como na franceza, onde estão sempre pelo nome as fórmas *celui, celle, ceux, celles; le mien, la mienne, les miens, les miennes;* etc., ou cuja indole repelle o uso dellas acompanhadas do nome.

Pronome pessoal é o que indica a pessoa grammatical do nome ou do sujeito, em cujo logar está.

Considera Antonio de Moraes Silva o pronome pessoal, como um verdadeiro substantivo; sensivel porem é a differença que ha entre estas duas especies de palavras. O substantivo, como nome da substancia, exprime a idéa de uma ou mais pessoas ou cousas de uma só classe. O pronome pessoal pondo-se em logar de qualquer nome, reproduz a idéa por elle expressa, a qual pode ser de uma ou mais pessoas ou cousas de qualquer classe. *Homem,* por exemplo, designa sempre um ou mais individuos do genero humano; e *casa,* uma ou mais cousas desta especie. Entretanto que o pronome pessoal *elle* dar-nos-á a idéa de qualquer ou quaesquer pessoas ou cousas, seja qual for a classe a que pertençam, conforme o nome de que fizer as vezes.

Tambem não é o pronome pessoal adjectivo determinativo, como, em suas Grammaticas Philosophicas da Lingua Portugueza, opinam Jeronymo Soares Barbosa e o Padre Antonio da Costa Duarte, porque não extende a significação do nome a maior ou menor numero de individuos. Sendo sua funcção estar em logar do nome, da natureza deste depende a idéa que exprime; pelo que será indeterminada, si substituir um simples appellativo; e determinada, si um nome proprio ou um appellativo acompanhado de algum determinativo, como se vê dos seguintes exemplos: «Falam muito em *homens felizes;* não sei porem si elles existem.» «*Paulo* e *Virginia* vivem em perfeita harmonia, com quanto tenha elle genio mais forte que ella.» «*O livro de Pedro* é bonito; elle lhe foi dado por Paulo."

No primeiro exemplo, está a significação do appellativo *homens* restringida pelo adjectivo *felizes*, porque, designando *quaesquer homens felizes,* é esta idéa mais restricta que *quaesquer homens,* idéa expressa por esse mesmo appellativo, sem o adjetivo qualificativo; mas, apezar disso, é a sua significação vaga, porque não designa um numero certo de individuos, e portanto vaga e indeterminada tambem é a idéa reproduzida pelo pronome elles. No segundo exemplo, com quanto a idéa expressa pelas variações elle, ella, seja uma idéa determinada, não determinam ellas os nomes *Paulo* e *Virginia;* e

isso pelo simples facto de reproduzirem idéas expressas por nomes proprios, que, em razão de designarem a pessoa ou cousa individualmente, estão por sua natureza determinados. No terceiro exemplo, o substantivo *livro* está determinado pelo complemento restrictivo *de Pedro,* que lhe restringe a significação, e pelo artigo definido que fa-lo indicar um livro só de modo certo; assim sendo, é a idéa por elle expressa uma idéa determinada: occupando o pronome **elle** o seu logar, nada mais faz que reproduzir essa idéa, sem influir na significação do nome, como influem os adjectivos determinativos.

Pessoas grammaticaes são os differentes papeis que assumem as pessoas ou cousas no discurso.

São as pessoas grammaticaes unicamente tres: — a primeira ou aquella que fala (orador); a segunda ou aquella a quem se fala (ouvinte); a terceira ou aquella de quem se fala (assumpto).

Quatro são os pronomes que as indicam: o pronome *eu*, que indica a primeira pessoa; o pronome *tu*, que indica a segunda; e os pronomes *elle* ou *ella* e *se*, que indicam a terceira.

Dá-se ainda ao pronome *se* o nome de *reflexivo*, porque faz reflectir a acção sobre o mesmo sujeito que a exercita.

Tambem são pronomes reflexivos as fórmas *me*, *te*, *nos*, *vos*, quando complementos directos de verbos reflexivos e pronominaes reflexos.

A variação *se* toma a denominação de *pronome indefinido*, quando, junta a verbos transitivos, os apassiva, ou quando converte verbos pessoaes em impessoaes com fórma passiva, porque se refere a alguem de um modo indeterminado.

As variações *o*, *a*, *o* (n), *os*, *as* do pronome *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, equivalendo a *aquelle*, *aquella*, *aquillo*, *aquelles*, *aquellas*, fazem o officio de pronomes demonstrativos, porque se usam sempre sós na phrase. Exemplos: «Eis aqui *o* que veem a não poder *os* que querem mais do que podem (VIEIRA).» isto é «Eis aqui *aquillo* que veem a não poder *aquelles* que etc.» «No dia do nascimento, ninguem pode saber *o* para que nasce (VIEIRA).» isto é «*aquillo* para que etc.»

Assim tambem *o que*, significando *isto*, referindo-se a sentidos anteriores, mais ou menos extensos: «*O que* eu não pedira, si foram dos vinte generos de cartas em que um rhetorico as dividiu. (RODRIGUES LOBO)» Equivale a «*Isto* eu não pedira etc.»

CAPITULO III.

ADJECTIVO.

Adjectivo é um nome que se junta ao nome appellativo, para o qualificar ou determinar. Dahi a divisão do adjectivo em *qualificativo* e *determinativo*.

A doutrina relativa ao adjectivo está em intima connexão com a do substantivo: 1.º porque o adjectivo qualificativo, referindo-se á comprehensão das idéas, exprime as qualidades comprehendidas na significação do appellativo, e que constituem as caracteristicas do objecto por elle significado; 2.º porque o adjectivo determinativo, referindo-se á extensão das idéas, torna a significação do appellativo extensiva a todos os individuos da classe, a parte delles, ou a um só.

§ 1.º

Adjectivo Qualificativo.

Adjectivo qualificativo é o que exprime a qualidade ou maneira de existir da pessoa ou cousa significada pelo appellativo a que se junta: é o attributo por excellencia. Dahi lhe vem o nome de *attributivo*.

O adjectivo sempre qualifica ou determina um nome appellativo. Quando está junto a um nome proprio, subentende-se o appellativo que designa a classe a que pertence a pessoa ou cousa pelo nome proprio significada. Exemplos: "D. Manoel, *o venturoso*, isto é, *o* **rei** *venturoso*." "*Os* Andes, isto é, *os* **montes** Andes."

Divide-se o adjectivo qualificativo em *explicativo* e *restrictivo*.

Explicativo é o que exprime uma qualidade inherente á pessoa ou cousa designada pelo appellativo. Exemplo: «O **homem** *mortal* vive sobre a terra vida transitoria.»

Restrictivo é o que exprime uma qualidade accidental á pessoa ou cousa designada pelo appellativo. Exemplo: «O **homem** *prudente* sabe regular bem a sua vida.»

Conhece-se si a qualidade expressa pelo adjectivo, é inherente ou meramente accidental á pessoa ou cousa designada pelo appellativo, supprimindo-se o adjectivo; porque, no primeiro caso, não ha offensa do sentido; no segundo, ha.

O qualificativo divide-se ainda em *verbal*, *participio*, *patrio*, *gentilico*, *possessivo*.

Adjectivo verbal é o que vem de verbo: *morredouro*, *vindouro*.

Adjectivo participio é o que participa dos tempos do verbo, e faz as funcções de nome adjectivo: *amando*; *amado*, *amada*, *amados*, *amadas*.

Adjectivo patrio é o que exprime a qualidade de ser alguem natural de estado, provincia, cidade, villa ou de qualquer outra especie de povoação: **paraense**, natural do *Pará*; **lisbonense**, de *Lisboa*; **bethlemita**, de *Bethlem*.

Adjectivo gentilico é o que exprime a qualidade de ser alguem natural de região, paiz ou nação, gente ou povo: **americano**, natural da *America*; **brazileiro**, do *Brazil*; **hebreu**, do *povo hebraico*.

Adjectivo possessivo é o que exprime, proxima ou remotamente falando, a qualidade de ser alguem possuidor de algum objecto: *leis* **manoelinas**, isto é, *leis* **de el-rei D. Manoel**; *bandeira* **nacional**, isto é, *bandeira* **da nação.**

Podem igualmente considerar-se possessivos em relação aos paes ou avoengos os *adjectivos patronimicos:* **Lopes**, ou *filho de Lopo;* **Rodrigues**, ou *filho de Rodrigo*. Como se vê destes exemplos, indicavam estes adjectivos filiação em outro tempo; hoje porem são usados substantivamente, como appellidos hereditarios de certas familias.

§ 2.º

Adjectivo Determinativo.

Adjectivo determinativo é o que, junto ao appellativo, fa-lo significar uma, algumas, ou todas as pessoas ou cousas da classe a que pertencem.

Divide-se o adjectivo determinativo em *articular*, *conjunctivo*, *interrogativo*, *numeral*, *quantitativo*, *possessivo*.

Adjectivo articular é o que determina o appellativo, fazendo-o indicar o objecto, sob as relações de genero, especie, individuo, logar, identidade, collecção e distribuição.

Duas são as especies de adjectivo articular, o *artigo* e o *adjectivo demonstrativo*.

O *artigo* divide-se em *definido* e *indefinido*.

O artigo é uma fórma nova e caracteristica das linguas romanicas, cuja falta no latim classico causava não raro suas obscuridades, a despeito da opinião em contrario de Quintiliano.

Artigo definido é o adjectivo que determina o appellativo, fazendo-o designar, de um modo certo, todas as pessoas ou cousas da classe a que pertencem, parte dellas ou uma só: é o determinativo por excellencia. Exemplos: «**O** *homem* é mortal.» «**O** *homem prudente* é feliz.» «Eis aqui **o** *homem*.» Por causa do artigo definido, o substantivo *homem* designa, no primeiro exemplo, *todo o genero humano*, isto é, *todos os homens*; no segundo, *uma especie de homens*, ou *uma parte do genero humano*, isto é, *todos os homens prudentes*; no terceiro, *um individuo particular*, isto é, *um homem certo e determinado*.

Chamamos o artigo definido o determinativo por excellencia, não só por virtude da sua propriedade caracteristica, exarada na definição supra, como pela propriedade que tambem possue, de concretisar idéas abstractas, quando substantiva partes da oração ou orações inteiras, e ainda por ser elle a palavra para que se appella, sempre que se quer dar ao nome um sentido bem individual ou particular, como se vê do seguinte exemplo: "**O** *João* ainda não está em casa." Nesta phrase, si bem seja *João* um nome proprio que, por sua natureza, está determinado, tem por fim o artigo que se lhe antepoz, particularisar mais a idéa por elle expressa, fazendo ver que *o João* de que se trata, é um individuo que é nosso famulo, ou está para comnosco em relação de intimidade, parentesco ou dependencia, e sobre o qual não se pode dar duvida alguma.

Artigo indefinido é o adjectivo que determina o appellativo, fazendo-o designar, de um modo vago, uma ou algumas pessoas ou cousas da classe a que pertencem. Exemplos: «**Um** *mestre* aprende ensinando.» «Encontrei, ha pouco,

uns *homens.*» No primeiro exemplo, o artigo indefinido determina o appellativo *mestre*, fazendo-o designar *um individuo indeterminado da classe dos mestres*, isto é, *qualquer mestre*; no segundo, determina o appellativo *homens*, fazendo-o designar *alguns individuos indeterminados da classe dos homens*, isto é, *uns homens quaesquer.*

Alem da differença que ha entre o artigo indefinido e o adjectivo numeral cardinal *um*, *uma*, resultante do emprego especial de cada um delles, diverge ainda o primeiro do segundo em ter plural.

Tambem se põe o artigo antes de outra qualquer parte da oração ou de orações inteiras, para substantiva-las. Exemplos: «**O** *bello* é ponto essencial em bellas artes.» «**Os** *porques* só tu os sabes.» «**Um** *viver* assim é insupportavel.» «**O** *dizeres que não farás* não é razão, paraque deixes de faze-lo.»

Adjectivo demonstrativo é o que determina o appellativo, mostrando o logar, a identidade, a collecção e a distribuição das pessoas ou cousas por elle designadas.

Divide-se este adjectivo em *demonstrativo puro*, *collectivo* e *distributivo.*

O *demonstrativo puro*, ou mostra o logar da pessoa ou cousa designada pelo nome, ou mostra a sua identidade.

O demonstrativo puro mostra o logar da pessoa ou cousa designada pelo nome, fazendo ver a posição que occupa ella em relação com as pessoas grammaticaes. Exemplos: «Toma **este** *livro.*» «Dá-me **aquelle** *tinteiro.*» «Chega-me dahi **essa** *cadeira.*» Nestes exemplos, *este livro* é o que está proximo de mim, ou da primeira pessoa; *aquelle tinteiro*, o que está distante de mim e de ti, ou da primeira e da segunda pessoa; *essa cadeira*, a que está perto de ti, ou da segunda pessoa.

Esta relação de logar pode ser meramente virtual, ou existir unicamente na consideração do espirito de quem fala, e de quem ouve, como "*Este homem* de quem vos falei." "*Aquella mulher* que tão pouco se assemelha ás outras." "*Esse capitão* que encheu o mundo com a fama de suas victorias."

Eis os demonstrativos puros desta especie: *este, esse, aquelle.*

Tambem ha demonstrativos puros compostos, como *este outro, aquelle outro, esse outro mesmo*, etc., os quaes servem, para fazer distinguir um objecto de outro da mesma natureza, accrescentando o ultimo a idéa de identidade. Exemplos: "Queres este livro ou *este outro?*" "Quero *esse outro* ou *esse outro mesmo.*"

O demonstrativo puro mostra a identidade da pessoa ou cousa designada pelo nome, fazendo ver que é a propria de que se trata. Exemplo: «*Cicero* **mesmo** não foi poupado pelos triumviros.» isto é «*Cicero em pessoa* ou *a pessoa de Cicero* etc.»

Eis os demonstrativos puros desta especie: *mesmo, proprio*, precedidos ou não do artigo definido.

O *demonstrativo collectivo* mostra a collecção, fazendo o appellativo significar todas as pessoas ou cousas da classe juntamente. Temos apenas um demonstrativo collectivo que é *todo*, seguido do artigo definido, quando está na terminação masculina e na feminina, tanto do singular como do plural. Exemplo: «**Todo o** *homem* é sujeito á morte.» isto é «*O genero humano inteiro* é etc.»

O *demonstrativo distributivo* mostra a distribuição, ou fazendo o appellativo significar todos os individuos da classe separadamente ou cada um de per si; ou fazendo-o significar apenas uma parte delles. No primeiro caso, o *demonstrativo distributivo* é *propric*; no segundo, *partitivo.*

Exemplo do distributivo proprio: «**Cada** *homem* tem seu genio.» que é o mesmo que «*Todos os homens* teem genio, *cada qual* o seu.»

Exemplo do distributivo partitivo: «*Tal* jogava, *tal* dansava.» que é o mesmo que «**Tal** *delles* ou *dentre elles* jogava, **tal** *delles* ou *dentre elles* dansava.»

Eis os distributivos proprios: *cada, todo* (quando, com a significação de *cada* ou *qualquer*, está anteposto a nomes do singular, sem artigo definido), *cada um, cada qual, qualquer, quem quer, a qual* (significando *cada qual).*

Eis os distributivos partitivos: *outro*, *algum*, *nenhum*, *outrem*, *alguem*, *ninguem*, *tal*, *qual*, *quem*, *ambos*, *certo* (anteposto ao nome), *varios* (significando *alguns*), *diversos*, *os mais*, *os demais*.

Adjectivo conjunctivo é o que determina o appellativo, seu termo antecedente, fazendo-o designar, por meio da proposição qualificativa que elle liga, uma ou mais pessoas ou cousas certas e determinadas. Exemplos: «O *homem* **que** *te procurou*, já se foi embora.» «O *homem* **que** *ama a Deus*, vive isento do temor da morte.» No primeiro exemplo, o adjectivo conjunctivo, na fórma invariavel *que*, faz o appellativo *homem*, seu termo antecedente, designar, por meio da proposição qualificativa *te procurou*, que elle liga, *uma pessoa certa e determinada*; no segundo, o adjectivo conjunctivo, na mesma fórma, faz o referido appellativo, seu termo antecedente, designar, por meio da proposição qualificativa *ama a Deus*, que elle liga, *uma especie certa e determinada de homens*, isto é, *todos os homens que amam a Deus*.

Adjectivo interrogativo é o que determina o appellativo, seu termo subsequente, fazendo-o designar, por meio da proposição interrogativa que elle liga, uma ou mais pessoas ou cousas, desconhecidas pelo individuo que pergunta. Exemplos: «**Que** *menino* é este?» «**Que** *livros* queres tu?» No primeiro exemplo, o adjectivo interrogativo, na fórma invariavel *que*, faz o appellativo *menino*, seu termo subsequente, designar, por meio da proposição interrogativa *menino é este?*, que elle liga, uma pessoa desconhecida pelo individuo que pergunta; no segundo, o adjectivo interrogativo, na mesma fórma, faz o appellativo *livros*, seu termo subsequente, designar, por meio da proposição interrogativa *livros queres tu?*, que elle liga, algumas cousas desconhecidas pelo individuo que pergunta.

Adjectivo numeral é o que determina o appellativo, fazendo-o designar um numero certo de pessoas ou cousas.

Divide-se em *cardinal*, *ordinal* e *multiplicativo*.

Numeral cardinal é o que exprime simplesmente o numero.

Eis os numeraes cardinaes: *um*, *dous*, *tres*, *quatro*, *cinco*, *seis*, *sete*, *oito*, *nove*, *dez*, *onze*, *doze*, *treze*, *quatorze*, *quinze*, *dezeseis*, *dezesete*, *dezoito*, *dezenove*, *vinte*, *vinte e um*, *vinte e dous*. . ., *trinta*, *quarenta*, *cincoenta*, *sessenta*, *setenta*, *oitenta*, *noventa*, *cem* ou *cento*, *cento e um*. . ., *duzentos*, *trezentos*, *quatrocentos*, *quinhentos*, *seiscentos*, *setecentos*, *oitocentos*, *novecentos*, *mil*, *mil e um*. . ., *mil cento e um*. . ., *mil e duzentos*, *mil duzentos e um*. . ., *dous mil*, *um milhão* ou *um conto de*, *um bilhão*, etc.

Numeral ordinal é o que exprime o numero por ordem.

Eis os numeraes ordinaes: *primeiro*, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *setimo*, *oitavo*, *nono*, *decimo*, *undecimo* ou *decimo primeiro*, *duodecimo* ou *decimo segundo*, *decimo terceiro*. . ., *vigesimo*, *trigesimo*, *quadragesimo*, *quinquagesimo*, *sexagesimo*, *septuagesimo*, *octogesimo*, *nonagesimo*, *centesimo*, *ducentesimo*, *trecentesimo*, *quadrigentesimo*, *quingentesimo*, *sexcentesimo*, *septigentesimo*, *octingentesimo*, *nongentesimo*, *millesimo*, *millionesimo*, etc.

Numeral multiplicativo é o que exprime o numero de vezes pelo qual é multiplicado o objecto designado pelo appellativo.

Eis os numeraes multiplicativos: *duplo*, *triplo*, *quadrupulo*, *quintuplo*, *sextuplo*, *septuplo*, *octuplo*, *nonuplo*, *decuplo*, *centuplo*, *multiplo*.

Adjectivo quantitativo, que tambem se chama *numeral indefinido*, é o que determina o appellativo, fazendo-o designar uma quantidade indeterminada de pessoas ou cousas.

Eis os adjectivos quantitativos: *pouco* e os seus oppostos *bastante* e *muito*; *menos* e o seu opposto *mais*; *quanto* e o seu opposto *tanto*.

Adjectivo possessivo é o que determina o appellativo, indicando que o objecto certo e determinado, que faz o appellativo significar, pertence a alguma das pessoas

grammaticaes. Exemplo: «**Seu** *livro*, isto é, *o livro* **delle**, ou *o livro* **que lhe pertence.**»

Eis os adjectivos possessivos: *meu*, *teu*, *nosso*, *vosso*, *seu*.

CAPITULO IV.

VERBO.

Verbo é a palavra que exprime a affirmação, ou mostra que a qualidade convem ao sujeito: é por conseguinte o nexo ou copula que une o attributo ao sujeito. Exemplos: «*Deus* **é** *justo.*» «*Estudo.*» No primeiro exemplo, o verbo *é* mostra que a qualidade *de ser justo* convem ao sujeito *Deus*, ou que *Deus* tem, ou é dotado dessa qualidade; no segundo, o verbo *estudo* mostra que convem ao sujeito *eu* a qualidade *de ser estudante*, ou que *eu* tenho ou possuo, no momento em que falo, *a qualidade propria do estudante*, ou *de quem estuda*.

E' pois propriedade essencial ao verbo, ou propriedade pela qual esta palavra se distingue de todas as outras, *o exprimir a affirmação*, isto é, *a relação de conveniencia entre a qualidade, ou idéa accessoria, e a substancia ou idéa principal;* isto, quer a proposição seja affirmativa, quer negativa, como se vê nos seguintes exemplos: "*Deus* é *eterno.*" "*Deus não* é *injusto.*" No primeiro caso, o verbo é mostra que a qualidade *de ser eterno* convem ao sujeito *Deus;* no segundo, o verbo é mostra igualmente que a qualidade *de não ser injusto* convem ao mesmo sujeito *Deus*.

Todo o juizo é affirmativo. O seu enunciado ou a proposição é que pode tomar a fórma negativa. Haveria juizos negativos, si a negativa affectasse o verbo ou a affirmação. Affectando porem o attributo, só ha juizos affirmativos; o que se prova com o facto de se poder resolver toda a proposição negativa em affirmativa: "*Deus não é injusto.*" vale o mesmo que "*Deus é justo.*" Em inglez prova-se isto materialmente, por ser da indole dessa lingua estar sempre a negativa immediatamente junta ao attributo, modificando-o: "The hat is **not** *large.*"

O verbo, ou está separado do attributo, ou forma com elle uma só palavra. Dahi sua divisão em *verbo substantivo* e *verbo adjectivo* ou *attributivo*.

Verbo substantivo é o verbo que exprime a affirmação, separado do attributo. Só ha um que é o verbo *ser*.

Verbo attributivo ou *adjectivo* é o verbo substantivo formando uma só palavra com o attributo grammatical, como **am***ar*, que é o mesmo que *ser* **amante**; **mov***er*, *ser* **movente**; **ped***ir*, *ser* **pedinte**.

Todo o *verbo attributivo* ou *adjectivo* pois consta de duas partes: o *radical* e a *terminação*, que são fórmas mutiladas, aquelle do attributo, e esta do verbo substantivo, como se vê em **tem***er*, que é o equivalente de **temente** *ser*.

Este attributo é, ou um adjectivo com força do *participio presente latino*, ou do nosso *participio presente transitivo antiquado* em *ante*, *ente*, *inte*; ou um adjectivo de significação *absoluta*; ou um adjectivo *relativo*. Dahi a divisão do verbo attributivo em *transitivo*, *intransitivo*, *relativo*.

Verbo transitivo é o verbo adjectivo que, em razão do attributo nelle incluido, exprime a acção do sujeito, passando-a para um objecto, ou pedindo um complemento directo ou objectivo.

O objecto do verbo transitivo, ou é um sujeito diverso, ou o mesmo sujeito: dahi sua subdivisão em *proprio*, *reflexivo*, *pronominal reflexo*.

Verbo transitivo proprio, tambem chamado *activo*, é o que tem, por complemento directo ou objectivo, um nome, pronome, parte da oração substantivada ou oração, que representa sujeito diverso. Exemplos: «Pedro **estuda** *a grammatica.*» «**Visita**-*me* sempre.» «Elle **dava** *uns ais de cortar o coração.*» «**Desejo** *aprender as artes e sciencias*, para ser instruido.»

Verbo reflexivo é o que tem accidentalmente, por complemento directo ou objectivo, um pronome pessoal que representa o mesmo sujeito. Exemplo: «Pedro **feriu**-*se.*»

Verbo pronominal reflexo é o que tem habitualmente, por complemento directo ou objectivo, um pronome pessoal que representa o mesmo sujeito. Exemplo: «Eu não *me* **queixo**.»

Verbo intransitivo, tambem chamado *neutro*, é o verbo adjectivo que, em razão do attributo nelle incluido,

exprime a acção do sujeito de um modo absoluto, isto é, sem passa-la para um objecto, ou sem pedir complemento algum. Exemplo: «O sol **brilha.**»

Verbo relativo é o verbo adjectivo que, em razão do attributo nelle incluido, exprime a acção do sujeito de um modo relativo, ou pedindo um complemento terminativo ou indirecto, isto é, um termo de relação da acção exercida pelo sujeito. Exemplo: «O sacerdote **usa** *de vestes talares.*»

O verbo adjectivo, quando derivado, pode chamar-se ainda *denominativo*, *imitativo*, *frequentativo*, *inchoativo*, *augmentativo*, *diminutivo*, *negativo.*

Verbo denominativo é aquelle cuja acção exprime um certo uso da cousa indicada pelo nome de que é derivado: **aguilhoar**, ferir com *aguilhão.*

Verbo imitativo é aquelle cuja acção imita um estado inherente ao objecto designado pelo nome de que vem: **abespinhar-se**, assanhar-se como a *vespa.*

Verbo frequentativo ou *iterativo* é aquelle cuja acção se repete muitas vezes: **bracejar**, mover, dar com os *braços.*

Os verbos frequentativos que temos, não satisfazem a todas as necessidades da lingua. Suppre-se a sua falta, formando-se uma especie de verbo composto com os verbos *estar, ficar, andar, ir, vir,* etc., e o gerundio dos outros verbos: **estar** *orando,* **ficar** *esperando,* **andar** *viajando,* **ir** *subindo,* **vir** *descendo;* ou ainda com o gerundio proprio, quando o verbo que com elle se combina, exprime movimento: **andar** *andando,* **ir** *indo,* **vir** *vindo.*

Esta especie de verbo composto pode ser *transitivo proprio, reflexivo, pronominal reflexo, intransitivo* ou *relativo*, segundo a natureza da significação do gerundio com que se compõe. Exemplos: "*Estou* **escrevendo** cartas." "*Vou* me **exercitando.**" "*Veio* se **queixando.**" "*Ficou* **expirando.**" "*Andou* **usando** de banhos."

Verbo inchoativo é aquelle cuja acção designa que começa a existir a cousa significada pela palavra primitiva que lhe serve de origem: **alvorecer**, começar a apparecer o *alvor* ou a *alva* da manhan; **adormecer**, começar a *dormir.*

Verbo augmentativo é aquelle que, com augmento ou repetição, indica a mesma acção do verbo, seu primitivo: **batucar**, *bater muito*; **recontar**, *contar de novo*.

A particula *re*, que dá aos verbos o sentido reduplicativo, não é de uso muito frequente em portuguez. Exprime-se, as mais das vezes, o sentido reduplicativo pela circumlocução *tornar a*. Assim, em logar de se dizer *redar* que não está em uso, diz-se *tornar a dar*.

Verbo diminutivo é aquelle que exprime, com diminuição, a mesma acção do seu primitivo: **beberricar**, *beber a miudo e pouco de cada vez*.

Verbo negativo é o que denota uma acção opposta á que é expressa pelo verbo que, junto á preposição *des*, dá logar á sua formação: **desdizer**, *dizer o contrario do que se havia dito*.

CAPITULO V.

PREPOSIÇÃO.

Preposição é uma parte invariavel da oração, que liga complementos ao sujeito ou ao attributo. Exemplo: «*O filho* **de** *João*, si bem seja *propenso* **á** *ira*, não *gosta* **de** *contendas*.» Como se vê deste exemplo, o complemento restrictivo **de** *João* está ligado ao sujeito *o filho* pela preposição *de*; o complemento terminativo **á** *ira*, ao attributo *propenso* pela preposição *a*; e o complemento, tambem terminativo, **de** *contendas*, ao attributo incluido no verbo *gosta* pela mesma preposição *de*.

Eis as principaes preposições: *a*, *abaixo de*, *acerca de*, *adiante de*, *afora*, *acima de*, *alem de*, *ante*, *antes de*, *após*, *a quem de*, *até*, *atráz de*, *com*, *conforme*, *contra*, *de*, *diante de*, *dentro de*, *des*, *desde*, *durante*, *em*, *em baixo de*, *em cima de*, *entre*, *excepto*, *fora de*, *junto de*, *não obstante*, *para*, *para com*, *per*, *perante*, *perto de*, *por*, *por baixo de*, *por cima de*, *por diante de*, *por dentro de*, *por detráz de*, *por entre*, *por fora de*, *por junto de*, *segundo*, *sem*, *sob*, *sobre*.

Quando a preposição é composta, como *alem de*, *por entre*, chama-se *locução prepositiva*.

CAPITULO VI.

ADVERBIO.

Adverbio é uma parte invariavel da oração, que modifica o nome adjectivo, ou o attributo incluido ou não no verbo, accrescentando-lhe alguma circumstancia, ou fazendo-o exprimir os diversos graus, variantes ou mutações da qualidade. Exemplos: «És **pouco** *eloquente.*» isto é «És *eloquente* **em pouca quantidade.**» «*Temo* **muito** a Deus.» isto é «Sou *temente* **em muita quantidade**, ou **muito** *temente* a Deus.»

O adverbio junto a outro adverbio, não lhe modifica a significação; mas sim, a do adjectivo de que se forma, ou do adjectivo por outro adverbio já modificado. Exemplo do adverbio modificando a significação do adjectivo de que se forma outro adverbio: «Estava **mui** *elegantemente* vestido.» isto é «Estava vestido *de modo* **mui** *elegante.*» Neste exemplo, como se vê do complemento circumstancial *de modo* **mui** *elegante,* em que resolvemos *elegantemente*, está **mui** modificando a significação do adjectivo *elegante*, de que se forma aquelle adverbio. Exemplo do adverbio modificando a significação do adjectivo, já modificada por outro adverbio: «Os Santos, **quanto** *mais santos,* **tanto** *menos fiam* de si (FREI LUIZ DE SOUZA).» Neste exemplo, a significação do adjectivo *santos,* já encarecida pelo adverbio *mais,* passa ainda a se-lo pelo adverbio *quanto*; assim tambem a significação do attributo *fiante*, incluido no verbo *fiam*, já encarecida pelo adverbio *menos*, passa ainda a se-lo pelo adverbio *tanto*.

Pode tambem o substantivo vir acompanhado de adverbio, sem constituir isso uma excepção á exclusiva propriedade que lhe reconhecemos, *de modificar sempre a significação de um adjectivo qualificativo;* porque, si é o substantivo um appellativo, sem artigo, faz elle as vezes de verdadeiro adjectivo qualificativo, como se vê neste exemplo: «Eras tu **bem** *menino*, quando encetaste o estudo de primeiras lettras.» isto é «Eras tu **bem** *pequeno*, etc.»; si é, ou um appellativo precedido de algum determinativo, ou um nome proprio, deve-se subentender um adjectivo qualificativo, como se vê dos seguintes exemplos: «*Uma vida* **assim**, quizera eu ter." isto é "Uma vida *passada* **assim**, ou *passada* **deste modo**, etc." "**Unicamente** *Colombo* se obstinava em crer no descobrimento de um novo mundo." isto é "*Colombo* **unicamente** *considerado*, ou *considerado* **de um modo unico**, etc."

Como se vê dos exemplos produzidos, tem o adverbio por equivalente um complemento circumstancial, ou uma preposição com o seu complemento, em que se pode sempre resolver; pelo que exprime todas as circumstancias expressas pelos complementos das preposições.

Exemplos de alguns adverbios:

De modo—*assim*, *como*, *quasi*, *bem*, *mal*.
De tempo—*hoje*, *hontem*, *amanhan*, *logo*.
De ordem—*primeiramente*, *secundariamente*.
De quantidade—*muito*, *pouco*, *assás*, *mais*.
De affirmar—*sim*, *devéras*, *certamente*.
De negar—*não*, *nunca*, *jamais*.
De interrogar—*como?*, *porque?*, *quando?*, *onde?*.
De logar—*aqui*, *ahi*, *alli*, *cá*, *lá*, *acolá*.
De duvida—*talvez*, *quiçá* (antiquado).
De exclusão—*só*, *somente*, *apenas*, *unicamente*.

O adverbio, em cuja composição entra o adjectivo qualificativo, ou que delle se forma, admitte tambem graus de significação, como o adjectivo que o compõe, ou donde vem, segundo se vê em *elegantemente*, positivo; *mais elegantemente*, comparativo; *elegantissimamente* ou *muito elegantemente*, superlativo: e em *ás escondidas*, positivo; *mais ás escondidas*, comparativo; *muito ás escondidas*, superlativo.

Quando o adverbio é composto, como *ás pressas*, *por ventura*, chama-se *locução adverbial*.

CAPITULO VII.

CONJUNCÇÃO.

Conjuncção é uma parte invariavel da oração, que, para formar um corpo de discurso, ou liga palavras, proposições ou periodos a outros termos da mesma especie, approximando-os simplesmente; ou liga só uma proposição a outra, subordinando a segunda á primeira. Dahi duas

classes de conjuncções:—*conjuncções de approximação* e *conjuncções de subordinação.*

§ 1.º

Conjuncções de approximação.

Chama-se *conjuncção de approximação* a que liga uma palavra a outra, uma proposição a outra, um periodo a outro, sem fazer do primeiro termo depender o segundo, nem exercer neste influencia alguma. Exemplos: «*Paulo* **e** *Virginia* amaram-se muito.» «*Chegou hontem* **e** *partiu hoje.*» «A indulgencia e a affabilidade são virtudes *que custam pouco*, **mas** *que produzem muito.*» «*Todos sabemos que a morte é consequencia inevitavel á natureza humana.* **Entretanto** *não nos preparamos para ella que quasi sempre nos apanha despercebidos.*» Nestes exemplos, não faz a conjuncção de approximação termo algum dependente de outro, nem exerce nelles influencia alguma; pois no primeiro approxima simplesmente a palavra *Virginia* á palavra *Paulo*; no segundo, a absoluta approximada *partiu hoje* á principal *chegou hontem*; no terceiro, a subordinada circumstancial qualificativa *que produzem muito* á da mesma especie *que custam pouco*; no quarto, o periodo *Não nos preparamos* etc. ao periodo *Todos sabemos* etc.

A conjuncção de approximação subdivide-se em *copulativa*, *disjunctiva*, *continuativa*, *adversativa*, *conclusiva*, *explicativa*.

A *copulativa* une os termos, sem lhes accrescentar idéa alguma particular, alem da que resulta da simples ligação. Taes são: *e*, *e bem assim*, *não só... mas tambem*, *nem*, *tambem*.

A *disjunctiva* ou *alternativa* ata os termos, e separa as idéas. Taes são: *já... já*, *nem... nem*, *ou* (repetida ou não), *ora... ora*, *quando... quando*, *quer... quer*, *seja... seja*, *si... si*.

A *continuativa* ou *transitiva* marca a passagem ou transição de um sentido para outro. Taes são: *dahi, depois, entretanto, neste comenos, neste interim, nestes entrementes, no emtanto, ora, outrosim, pois.*

A *adversativa* põe um termo em opposição com outro. Taes são: *comtudo, mas, porem, sinão* (significando *mas*), *todavia.*

A *conclusiva* ou *illativa* serve para fazer tirar uma inducção, conclusão ou consequencia do termo ou termos antecedentes. Taes são: *assim, conseguintemente, emfim, finalmente, logo, pelo que, pois* (pospositiva), *por conseguinte, porisso, poronde, portanto.*

A *explicativa* liga termos que explicam, desenvolvem ou exemplificam aquelle a que se approximam. Taes são: *a saber, assim como, como, isto é, ou, por exemplo, verbi gratia.*

§ 2.º

Conjuncções de Subordinação.

Chama-se *conjuncção de subordinação* a que, influindo ou não no modo do verbo, liga só proposições, subordinando-as a outras, ou como meras circumstancias, ou como partes essenciaes. Exemplos: «**Em quanto** *fores feliz*, contarás muitos amigos.» «Supponho **que** *serás mais feliz nesta empresa.*» No primeiro exemplo, a conjuncção *em quanto* não só subordina a proposição *fores feliz* á principal *contarás muitos amigos*, accrescentando-lhe uma ciscumstancia de tempo, mas influe-lhe ainda no modo do verbo, levando-o ao conjunctivo; no segundo, a conjuncção *que* subordina a proposição *serás mais feliz nesta empresa* á principal *supponho*, como complemento objectivo della, e portanto, como parte essencial, sem influir-lhe no modo do verbo.

Dahi a divisão da conjuncção de subordinação em *circumstancial* e *subjunctiva.*

SECÇÃO 1.ª

Conjuncção de Subordinação Circumstancial.

Conjuncção de subordinação circumstancial é a que liga a proposição subordinada circumstancial conjunccional á proposição por esta modificada.

Subdivide-se esta especie de conjuncção em *temporal*, *condicional*, *concessiva*, *causal*, *final* e *modal*.

A *temporal*, tambem chamada *periodica* ou *ciscumstancial propriamente dita*, é o liame da proposição conjunccional que modifica o facto por outra enunciado, accrescentando-lhe uma circumstancia de tempo. Taes são: *antes que*, *apenas*, *assim que*, *até que*, *como*, *depois que*, *desde que*, *em quanto*, *entretanto que*, *logo que*, *mal*, *mal que*, *quando*, *sempre que*, *sinão quando*, *tanto que*.

A *condicional* é o liame da proposição conjunccional que modifica o facto por outra enunciado, exprimindo uma condição. Taes são: *como*, *com tanto que*, *desde que*, *excepto si*, *quando*, *salvo si*. *sem que*, *si*, *sinão*, *uma vez que*.

A *concessiva ou hypothetica* é o liame da proposição conjunccional que modifica o facto por outra enunciado, exprimindo uma concessão ou hypothese. Taes são: *ainda quando*, *ainda que*, *apezar de que*, *bem que*, *como quer que*, *como si*, *com quanto*, *dado que*, *dado o caso que*, *dando de barato que*, *embora*, *em que* (antiquada), *mesmo que*, *nem que*, *por mais que*, *por maior que*, *por muito que*, *posto que*, *quando* (significando *ainda que)*, *quando mesmo*, *si bem que*, *supposto que*.

A *causal* é o liame da proposição conjunccional que modifica o facto por outra enunciado, accrescentando-lhe a circumstancia de causa. Taes são: *cá* (antiquada), *como*, *já que*, *pois*, *pois que*, *pelo muito que*, *por quanto*, *porque*, *que* (significando *porque)*, *sendo que*, *uma vez que*, *visto como*, *visto que*.

A *final* é o liame da proposição conjunccional que modifica o facto por outra enunciado, accrescentando-lhe

a circumstancia de fim. Taes são: *afim de que*, *de medo que*, *paraque*, *porque* (significando *paraque).*

A *modal* é o liame da proposição conjunccional que modifica o facto por outra enunciado, accrescentando-lhe a circumstancia de modo. Taes são: *á medida que*, *ao passo que*, *á proporção que*, *assim como*, *bem como*, *como*, *como que*, *conforme*, *de fórma que*, *de maneira que*, *de modo que*, *de sòrte que*, *segundo*, *sem que*.

SECÇÃO 2.ª

Conjuncção de Subordinação Subjunctiva.

Conjuncção de subordinação subjunctiva é a que liga a proposição subordinada integrante subjunctiva á proposição de que é dependencia. Taes são: *que*, as suas compostas *a que*, *em que*, *de que*, *do que*, *com que*; *como*, as suas compostas *em como*, *de como*; *quando*, *quão*, *si*.

Quando a conjuncção é composta, como *antes que*, *posto que*, chama-se *locução conjunctiva*.

CAPITULO VIII.

INTERJEIÇÃO.

Interjeição é uma parte invariavel da oração, curta e viva, com que se exprimem os sentimentos subitos da alma.

Eis as principaes *interjeições*: de dor — *ai*, *ai de mim*, *ai Jesus*; de prazer — *ah*, *oh*, *viva*, *bello*; de admiração — *ah!*, *oh!*, *hui!*, *irra!*; de susto — *Jesus*, *ai*; de animação — *eia*, *ora*, *sus*, *animo*, *bravo*, *avante*, *vamos*; de chamar — *ó*, *olá*, *psiuh*; de impor silencio — *chiton*, *tá*, *silencio*; de exprimir desejo — *oxalá*, *oh*; de indignação — *apre*, *fóra*, *fóra daqui*.

Toda a interjeição é uma *proposição implicita*, isto é, uma proposição que, sem ter os seus termos expres-

sos, os encerra entretanto em si; pelo que *olá* é o mesmo que *vem cá*, ou *estou te chamando*; *ai*, o mesmo que *quanta* ou *que dor sinto*.

Quando a interjeição é composta, como *ai de mim*, *ora sus*, chama-se *locução interjectiva*.

CAPITULO IX.

OUTRAS CLASSES OU FAMILIAS DE PALAVRAS.

Dividem-se ainda as palavras em tres classes ou familias, conforme a analogia do *som*, *fórma* ou *sentido*. que teem entre si: 1.ª *familia phonica*; 2.ª *familia morphica*; 3.ª *familia ideologica*.

A *familia phonica* compõe-se de palavras que teem analogia phonica ou graphica. Taes são as *palavras homonymas*, *homophonas*, *homographas* e *paronymas*.

Palavras homonymas são as que se pronunciam e escrevem do mesmo modo: *livro* (substantivo), *livro* (verbo).

Palavras homophonas são as que teem a mesma pronuncia, porem graphia differente: *eça* (substantivo), *essa* (adjectivo).

Palavras homographas são as que teem identica orthographia, mas diversa accentuação: *sábia* (adjectivo), *sabía* (verbo), *sabiá* (substantivo).

Palavras paronymas são as que teem pronuncia e orthographia quasi semelhantes: *matilha*, *mantilha*.

A *familia morphica* consta das *palavras cognatas*.

Palavras cognatas são aquellas que teem raiz ou radical commum.

Dividem-se em *proximas* e *remotas*.

São *proximas*, quando a raiz ou radical é perfeitamente igual: **am***or*, **am***ante*, **am***ador*, **am***avel*, etc.

São *remotas*, quando a raiz ou radical apresenta modificações, mais ou menos accentuadas: *con***fec***ção*, *of***fic***io*, **fac***to*, *ef***fei***to*.

A *familia ideologica* comprehende as *palavras mononymas*, *synonymas*, *polynonymas* e *antonymas*.

Palavras mononymas são as que teem uma só significação: *paul*, *plaga*.

Palavras synonymas são as que teem significação identica ou mais ou menos semelhante: *avaro*, *avarento*; *inimigo*, *adversario*, *desaffecto*.

Palavras polynonymas são as que teem muitas significações: *luz*, *pé*.

Palavras antonymas são as que exprimem idéas oppostas ou antagonicas: *amor*, *odio*.

TITULO SEGUNDO.

ORGANOGRAPHIA.

Organographia é a descripção dos orgãos dos vocabulos.

Orgão de um vocabulo é qualquer parte delle, que exerce uma funcção, ou tem um sentido.

Na estructura da palavra *semideuses*, descobre a analyse tres orgãos: a raiz — *deus* —, nome do ente supremo, que designa a idéa principal; o prefixo — *semi* —, que a restringe pela idéa accessoria de metade ou meio; e a terminação — *es* —, que a modifica pela idéa, tambem accessoria, de pluralidade.

Divide-se a organographia em *flexionismo* e *etymologia*.

CAPITULO I.

FLEXIONISMO.

Flexionismo é a doutrina das *flexões*.

Esta parte da organographia tambem é conhecida por *kampenomia*, *ptoseonomia* e *flexiologia*.

Flexão é a propriedade que teem os vocabulos de mudar de terminação, para exprimirem variações de sentido.

Na palavra subordinada á flexão ou variavel, distinguem-se dous orgãos ou elementos morphologicos: o *thema* e a *terminação*.

Thema ou *radical* é a parte invariavel da palavra inflexa, modificada pela terminação. Em *cantar*, *contradizer*, os themas são *cant*, *contradiz*.

Todo o thema encerra uma noção vaga, isto é, uma *significação generica* ou *radical*.

Chamam tambem *raiz* ao thema ou radical; ha porem entre esses orgãos grande differença.

Raiz é o elemento mais simples da palavra, resistindo a qualquer decomposição analytica, que encerra a idéa matriz. Em *respeitavel*, em que facilmente se distingue o verbo *respeitar* e a terminação *vel*, si eliminarmos o prefixo *re*, teremos *speitar* de *spectare*, que remonta ao verbo latino *specere* (ver, olhar), formado da terminação *ere*, e da parte invariavel *spec*, que se encontra em todas as linguas indo-européas.

Dentro do dominio de uma lingua é este o unico criterio que pode servir de base ao conceito de *raiz*. E' claro porem que, em um sentido mais lato e com referencia, não a uma lingua, mas á totalidade das linguas que constituem uma familia, a palavra *raiz* indica a fórma hypothetica donde decorreu uma serie de vocabulos que teem entre si afinidade material e de sentido, mais ou menos definida e explicita. As raizes, neste caso, representam o resultado de inducções theoricas, apoiadas na analyse comparativa dos idiomas; e o seu estudo constitue o que se pode chamar *etymologia transcendente*, que está fóra dos limites dos factos observados.

O *thema*, ou é a raiz em sua pureza, como *am* de **am***ar*; ou é formado da raiz modificada por um prefixo, como *prefaz* de **prefaz***er*; ou é constituido pela raiz alterada, como se vê em **faç***o*, **fiz***esse*, cujas raizes *faç*, *fiz* são a raiz primitiva *fac* de **fac***ere*, alterada.

Nas linguas modernas, analyticas, é de pouca importancia o estudo das raizes e fórmas thematicas, ao envez das linguas syntheticas, como o sanskrito, o grego e o latim.

No portuguez, em consequencia dos varios elementos historicos (latino, grego, celtico, germanico, phenicio, arabe, hebraico, africano, tupi, etc.), é difficil a determinação sincera e criteriosa de todas as raizes, e ás vezes por ventura impossivel. Só se podem determinar com segurança as gregas, as latinas, as germanicas e algumas celticas.

Terminação ou *desinencia* é a parte variavel da palavra inflexa, que modifica a idéa expressa pelo thema, como se vê em *entend***er**, *entend***o**, *entend***ia**, que teem por desinencias *er*, *o*, *ia*.

Ha duas especies de flexão:

Flexão nominal ou flexão do substantivo, pronome e adjectivo.

Flexão do verbo ou conjugação.

§ 1.º

Flexão do Substantivo.

A *flexão do nome* marca o *genero*, o *numero* e o *grau* do substantivo.

Entre os gregos e os romanos, a terminação dos nomes variava tambem, para mostrar a funcção que desempenham na phrase. Em "*Amo Deum.*" por exemplo, a desinencia *um* do accusativo *Deum* significa que o nome *Deus* é o complemento objectivo do verbo *amo*. Estas terminações chamam-se *casos*, (do latim *casus*, queda). Assim entendidos, são os casos uma propriedade commum a quasi todas as linguas antigas, e a muitas das modernas, da familia aryana, como o allemão e as linguas slavas. Elles porem desappareceram das linguas romanicas, assim como do inglez, em que se conhece apenas uma especie de genitivo assignalado pela addição de um *s* ao radical do nome; e isto por effeito da tendencia analytica, já intensa no latim barbaro, a qual foi substituindo as flexões dos casos pelo uso multiplicado de preposições. Todavia é incontestavel que temos uma declinação nos pronomes, pois que distinguimos nelles, por fórmas differentes, o sujeito e os complementos; e que, mesmo nos substantivos, se distinguem vestigios dos casos latinos.

NOMINATIVO—O expoente proprio deste caso, que representava o sujeito, era o suffixo originario *s*. O latim classico já o tinha perdido em um grande numero de nomes, como *hora*, *puer*, *vir*. Na linguagem popular de Roma, este facto era ainda mais geral, como provam as inscripções do tempo dos ultimos imperadores.

Desse expoente do nominativo ainda conservam vestigios *Deus*, *Jesus*, *simples*, e muitos nomes proprios de origem litteraria, como *Boreas*, *Matheus*, *Moysés*, *Venus*.

Alem disto muitos nomes proprios, sem a caracteristica do nominativo, por conservarem a mesma fórma deste caso em latim, são delle verdadeiros vestigios. Eis alguns exemplos: *Apollo*, *Carthago*, *Cicero*, *Cupido*, *Juno*, *Nero*.

Ha alguns nomes que se sabe terem vindo do nominativo, pela accentuação que conservam. Exemplos: *sór* de *sóror*, *oris; sérpe* de *sérpens*, *entis*.

Genitivo—Desde o periodo classico começou o genitivo a ser substituido pelo ablativo com a preposição *de*: «persona **de** *mimo* (Cicero).» Nos monumentos authenticos do baixo latim, esse uso era geral. Dahi os poucos vestigios morphicos deste caso no dominio romanico e principalmente no portuguez. Eis alguns specimens: *aqueducto* de *aquæ ductus*, *cabisbaixo* de *capitis bassus*, *condestavel* de *comes stabuli*, *cujo* de *cujus*.

A maior parte do pequeno numero dos vestigios do genitivo dá-se em termos compostos, de formação latina, como *jurisconsulto* de *juris consultus*, *legislação* de *legis lationem*, *plebiscito* de *plebis scitus*, *senatusconsulto* de *senatus consultus*; ou em termos de formação erudita, como *mappa-mundi*, *petroleo* de *petræ-oleum*.

Do genitivo-plural apenas temos diminutos vestigios em substantivos de transcripção erudita, como *triumviros* de *trium* e *viros*, *duumviros* de *duum* (duorum) e *viros*.

Dativo—Quasi nenhuns são os vestigios deste caso, cuja flexão organica era imperfeita já no latim, por confundir-se com o locativo, genitivo, ablativo e instrumental. Nota-se a sua presença em alguns nomes compostos, como *devoto* de *deo votus* (dado a Deus); *fideicommisso* de *fidei commissus*.

Accusativo—O accusativo, a fórma mais primitiva da declinação latina, foi o que desappareceu mais cedo, em consequencia da perda da consoante *m*, sua caracteristica, perda que deu em resultado a sua confusão com o nominativo e o ablativo. *Servus* (nom.) e *servum* (accus.), pela queda das suas caracteristicas *s* e *m*, transformaram-se em *servu;* e, como o *u* final latino tinha o som de *ô*, confundiram-se com o ablativo *servo*.

A queda do expoente *m* do accusativo remonta aos mais antigos documentos da lingua latina, e mais se foi generalisando no latim vulgar. Nos documentos em latim lusitano do seculo 8.° a 10.°, o accusativo já não tinha

valor casual. São frequentes a cada passo construcções como esta: «*cum filios meos.*»

Os principaes vestigios desse caso encontram-se em nomes derivados de substantivos latinos da terceira declinação, como *sabão* de *saponem*, *imagem* de *imaginem*, *tempo* de *tempus*.

Vocativo—Deste caso que era a repetição emphatica do nominativo, quasi nada nos ficou. Eis um dos seus raros vestigios:—*avemaria*.

Ablativo—Era o caso de maior emprego no latim, principalmente depois da perda do locativo e do instrumental; e, sendo o que mais relações representava, foi-lhe necessario o auxilio de certas preposições. São mais frequentes os seus vestigios em fórmas adverbiaes, como *agora* de *hac hora*, *logo* de *loco*, *como* de *quomodo*, *boamente* de *bonamente*.

SECÇÃO 1.ª

Genero.

Chama-se *genero do nome* a propriedade que tem o substantivo de indicar o sexo do individuo que significa.

Considerado o substantivo quanto ao genero, divide-se em *nome do genero masculino* e *nome do genero feminino*.

Nome do genero masculino é o que designa pessoa ou animal do sexo masculino: *Antonio*, *leão*.

Nome do genero feminino é o que designa pessoa ou animal do sexo feminino: *Antonia*, *leoa*.

Ha comtudo nomes de entes animados, que não teem esta propriedade. Taes são: os *nomes epicenos* ou *promiscuos* e os *communs de dous*.

Chamam-se *nomes epicenos* ou *promiscuos* os nomes que, sendo só masculinos ou só femininos, designam entretanto pessoas, animaes ou plantas, tanto do sexo masculino como do feminino: *conjuge*, *jacaré*, *mamoeiro*, que sempre são masculinos; e *sentinella*, *cobra*, *palmeira*, sempre femininos.

Chamam-se *nomes communs de dous* os nomes de ministerios, profissões ou officios, que são masculinos, si se referem ao homem; e femininos, si se referem á mulher: *espia*, *guarda*, *interprete*.

São nomes communs de dous:

1.º Os que terminam em *a*: o *capellista*, a *capellista*. Exceptuam-se *autocrata*, que faz no feminino *autocratriz*; *papa*, *papeza* ou *papiza*; *poeta*, *poetiza*; *propheta*, *prophetiza*.

2.º Os que terminam em *e*: o *artifice*, a *artifice*. Exceptuam-se *abbade*, que faz no feminino *abbadessa*; *alcaide*, *alcaidessa*; *alfaiate*, *alfaiata*; *archiduque*, *archiduqueza*; *conde*, *condessa*; *duque*, *duqueza*; *frade*, *freira*; *infante*, *infanta* (titulo); *mestre*, *mestra*; *monge*, *monja*; *presidente*, *presidenta*; *principe*, *princeza*; *sacerdote*, *sacerdotiza*; *visconde*, *viscondessa*.

Nesta especie de nomes, devemos classificar os appellidos de familia, que, sem mudar de terminação, denotam individuos de ambos os sexos, como *Peixoto, Cardoso*; pois dizemos igualmente *o Senhor* ou *a Senhora Peixoto*, *o Senhor* ou *a Senhora Cardoso*.

Nas linguas primitivas, era o sexo dos individuos indicado, por meio de substantivos differentes. Da lingua-mãe nos advieram os seguintes: *bode*, *cabra*; *boi*, *vacca*; *cão*, *cadella*; *carneiro*, *ovelha*; *cavallo*, *egua*; *compadre*, *comadre*; *dom* (titulo, de *dominus)*, *dona*; *frei*, *soror*; *gamo*, *corça*; *genro*, *nora*; *homem*, *mulher*; *macho*, *mula*; *padrasto*, *madrasta*; *pae*, *mãe*; *padrinho*, *madrinha*; *rei*, *rainha*; *veado*, *cerva*.

Essa classe de nomes pertence em sua maior parte ao fundo primitivo da linguagem humana, e está por isso fora das regras da analogia.

Com o correr dos tempos, adoptaram as linguas o facil artificio de serem os sexos designados pelo mesmo substantivo, com a simples mudança da terminação.

Na lingua portugueza, mostram a differença do sexo, mudando de terminação:

1.º Os nomes acabados em *o*, que o mudam em *a*: *Julio*, *Julia*; *pambo*, *pomba*. Exceptuam-se *avô*, que faz *avó*; *diacono*, *diaconiza*; *gallo*, *gallinha*.

2.º Os acabados em *ão*, cujo plural se fórma em *ãos* ou *ães*, os quaes mudam sua desinencia em *an*; *irmão*, *irman*; *orphão*, *orphan*; *charlatão charlatan*.

3.º Os acabados em *ão*, cujo plural se fórma em *ões*, os quaes mudam sua terminação em *ôa* ou *ana*: *leão*, *leoa*; *Sebastião*, *Sebastiana*. Exceptuam-se *barão*, que faz *baroneza*; *ladrão*, *ladra* ou *ladrona*; *perdigão*, *perdiz*.

4.º Os augmentativos acabados em *ão*, que mudam este diphthongo em *ona*: *mocetão*, *mocetona*.

5.º Os acabados em *im*, que mudam esta desinencia em *ina*: *Joaquim*, *Joaquina*; *Chrispim*, *Chrispina*. Exceptuam-se alguns nomes epicenos ou promiscuos: *affim*, *mucuim*.

6.º Os acabados em *e*, que não são nomes de ministerios, profissões ou officios, os quaes tomam um *a*: *gigante*, *giganta*; *elephante*, *elephanta*. Este nome tambem tem o feminino *elephôa*.

7.º Os acabados no dipthongo *êu*, que o mudam em *éa*: *Irineu*, *Irinéa*; *atheu*, *athéa*.

8.º Dos acabados em *éu*, ha *co-réu*, *heréu*, *réu*, que fazem no feminino *co-ré*, *heré*, *ré*; *tabaréu*, *tabaréa* ou *tabarôa*.

9.º Os acabados em *u accentuado*, aos quaes se accrescenta *a*: *peru*, *perua*. Exceptuam-se *mu*, que faz no feminino *mula*, e alguns nomes epicenos ou promiscuos, como *jacu*, *tatu*.

10.º Os acabados em *l*, *r*, *z*, a que se junta *a*: *Raphael*, *Raphaela*; *zagal*, *zagala*; *senhor*, *senhora*; *marquez*, *marqueza*. Exceptuam-se *pardal*, que faz *pardoca*; *actor*, *actriz*; *cantor*, *cantora*, *cantatriz* ou *cantarina*; *czar*, *czarina*; *embaixador*, *embaixatriz*; *imperador*, *imperatriz*; *prior*, *priora* ou *prioreza*; *rapaz*, *rapariga*; e *martyr*, que é commum de dous.

Até o seculo 16.º só tinham uma fórma em cada numero os nomes terminados em *or*: "Quanto mais que eu sou a *devedor* (Jorge Ferreira)."

11.º *Javali*, que faz *javal***ina**. Os mais nomes acabados em *i*, são epicenos: *jaboti*, *jacami*.

12.º *Hero***e**, que faz *hero***ina**; e *deus*, *deus***a** ou *d***éa**.

Ha tambem, na lingua portugueza, varios nomes que, não denotando sexo, teem comtudo duas terminações: *jarr*o, *jarr*a; *cest*o, *cest*a; *sacc*o, *sacc*a; *barc*o, *barc*a; etc. Estes nomes, na terminação feminina, exprimem o mesmo objecto que na masculina, porem com menos altura ou profundidade, e com mais ambito ou largura.

Ás vezes o masculino exprime a cousa simplesmente, e a fórma feminina accrescenta-lhe uma idéa de collectividade, como *marujo, maruja; grito, grita.*

Ha ainda substantivos semelhantes a outros na fórma, mas que não são congeneres, nem na significação, nem na etymologia. Eis alguns delles: *banho, banha; barro, barra; escolho, escolha; peito, peita; prato, prata: queixo, queixa.*

Quanto aos nomes invariaveis, si são epicenos ou promiscuos, sabe-se qual o sexo dos individuos que significam, juntando-se-lhes os adjectivos *macho* e *femea*, por este modo: *o* **jacaré** *macho*, *o* **jacaré** *femea; o macho da* **cobra**, etc.: si communs de dous, pelos substantivos e pronomes ou adjectivos biformes, que os acompanharem, como se vê destes exemplos: «*S. Sebastião* (ou *Santa Barbara)*, **martyr** da fé, soffreu atrozes tormentos.» «*Elle* (ou *ella)* serve de **guia.**» «Que *bom* (ou *boa*) **interprete** és tu.»

Fundando-se a divisão do genero em masculino e feminino na distincção natural dos seres animados relativamente ao sexo, só deviam pertencer ao genero masculino os nomes de pessoas e animaes do sexo masculino, e ao feminino os nomes de pessoas e animaes do sexo feminino; todos os nomes de cousas inanimadas deviam ser do genero neutro.

A lingua ingleza é a unica que segue este caminho natural; por isso é nella a doutrina do genero dos nomes materia summamente facil, ao envez do que se dá nas outras.

Na lingua portugueza porem, foram classificados os nomes de cousas inanimadas, já no genero masculino, já no feminino, ou por analogia sexual, ou porque seguem

o genero da etymologia latina, ou porque teem desinencia analoga á de nomes derivados do latim, ou por indole propria da lingua.

Por analogia, são masculinos os nomes proprios de anjos, deuses falsos, heroes, ventos, montes, mares, rios, mezes, que a poesia, a pintura e a esculptura costumam a representar em figura de homem: *Gabriel*, *Jupiter*, *Enéas*, *Áquilo*, *Etna*, *Atlantico*, *Amazonas*, *Janeiro*.

São tambem, por analogia, femininos os nomes proprios de deusas falsas, nymphas, sereias, parcas, furias, harpias e outras figuras allegoricas, das virtudes e vicios, das sciencias, das artes liberaes e das cinco partes da terra, a que, na poesia, pintura e esculptura, dão a fórma de mulher: *Venus*, *Daphne*, *Caridade*, *Soberba*, *Jurisprudencia*, *Grammatica*, *America*.

São masculinos, porque o são em latim os nomes de que se derivam:

1.º Os que acabam em *o* (breve), vindos de nomes masculinos da segunda declinação, que formam o nominativo em *us*: *mund*o (de mund*us*, i), *ann*o (de ann*us*, i); ou de nomes da quarta declinação, que tambem formam o nominativo em *us*: *frut*o (de fruct*us*, us), *ris*o (de ris*us*, us).

2.º Os que acabam na voz nasal *en*, derivados de nomes masculinos que teem no nominativo esta mesma terminação: *lich*en (de lich*en*, énis), *hym*en (de hym*en*, enis).

3.º Os que acabam por *im*, procedentes de nomes masculinos da terceira declinação em *inis*: *f*im (de f*inis*, is), *conf*im (de conf*inis*, is).

4.º Os que acabam em *ão* (ão grave), que teem por etymologia substantivos masculinos da segunda declinação em *anus*: *ráb*ão (de ráph*anus*, i),

5.º Os que acabam em *ão* (ão agudo), que adveem de nomes masculinos da terceira declinação, que findam no nominativo em *o*: *carv*ão (de carb*o*, onis), *serm*ão (de serm*o*, onis).

6.º Os que acabam em *l*, ou *r*, que se derivam de nomes masculinos que teem iguaes desinencias: *so*l (de so*l*, is), *pavo*r (de pavo*r*, óris).

7.º Os que acabam em *s*, que procedem de nomes masculinos da terceira declinação, terminados do mesmo modo; *herpes* (de herpe*s*, étis), *lapis* (de lapi*s*, idis).

8.º Os monosyllabos *som*, *tom*, que veem de *sonus*, *tonus*.

O genero neutro latino, já a obliterar-se sob o Imperio, perdeu-se nas linguas romanicas, por virtude da decadencia do latim barbarisado pelos godos, e do caracter negativo e irracional distribuição de tal genero. Todavia conservamos ainda vestigios delle em *isto* (esto, ant.) de *istud; isso* (esso, ant.) de *ipsum; aquillo* (aquello, ant.) de *ecce-illud; tudo* de *totum; al* (ant.) de *aliud; algo* (ant.) de *aliquod*; *o* (pron. dem.) de *illud*.

Os nomes portuguezes que veem de nomes latinos do genero neutro, foram classificados, por via de regra, no genero masculino; pelo que são masculinos:

1.º Os terminados em *a* (breve), procedentes de nomes neutros da terceira declinação, que teem no nominativo esta mesma terminação: *enigma* (ænigm*a*, atis), *poema* (de poem*a*, atis).

2.º Os terminados em *e*, provenientes de outros nomes neutros da terceira declinação: *exame* (de examen, inis), *leite* (de lac, lactis).

3.º Os terminados em *o* (breve), derivados de nomes neutros da segunda declinação, que formam o nominativo em *um*: *reino* (de reign*um*, i), *segredo* (de secret*um*, i).

4.º Os terminados no som *en*, vindos de nomes neutros da terceira declinação, que acabam no nominativo nesta mesma desinencia: *certamem* (de certam*en*, inis), *regimem* (de regim*en*, inis.)

5.º Os terminados em *um*, procedentes de nomes neutros da segunda declinação, que teem aquella mesma desinencia: *album* (de alb*um*, i), *forum* (de for*um*, i),

6.º Os terminados em *ão* (ão grave), que teem por etymologia substantivos neutros da segunda declinação em *anum*: *orgão* (de órgan*um*, i).

7.º Os terminados em *ão* (ão agudo), resultantes de nomes neutros de qualquer declinação: *trovão* (de tonitrum, *i*), *verão* (de ver, eris e anus, i).

8.º Os terminados em *l* ou *r*, que se derivam de nomes neutros que teem iguaes desinencias: *fel* (de fe*l*, fellis), *nectar* (de necta*r*, aris).

9.º O monosyllabo *dom* (presente), que vem de *donum, i.*

São femininos, porque o são em latim os nomes de que são derivados:

1.º Os que teem por desinencia *a* (breve), que se derivam geralmente de nomes da primeira declinação, que tambem terminam em *a*: *patria* (de patri*a*, æ), *vida* (de vit*a*, æ). Incluem-se nestes nomes os derivados de nomes neutros, já da segunda, já da terceira declinação, que entraram na lingua portugueza, depois de passarem á primeira declinação latina, pela fórma do plural em *a*: *folha* (foli*a* de folium, ii), *testemunha* (testimoni*a* de testimonium, ii), *penhora* (pignor*a* de pignus, oris). *obra* (oper*a*, de opus, eris).

Exceptuam-se *cometa*, *dia*, *mappa*, *planeta*, que os nossos maiores arrolavam no genero feminino, por se guiarem somente pela terminação.

2.º Os que teem por desinencia *ie*, que passaram para a nossa lingua dos nomes da quinta declinação, cujo nominativo finda em *es*: *effigie* (de effigi*es*, ei), *progenie* (de progeni*es*, ei).

3.º Os que teem por desinencia *ão* (ão agudo), que procedem de nomes do genero feminino da terceira declinação, cujo nominativo acaba em *io* ou *do*: *lição* (de lect*io*, onis), *occasião* (de occas*io*, onis); *multidão* (de multitu*do*, inis), *solidão* (de solitu*do*, inis).

4.º Os que teem por desinencia *z*, que veem de nomes do genero feminino da terceira declinação, que formam o nominativo em *x*: *paz* (de pa*x*, acis), *raiz* (de radi*x*, ícis); ou de nomes do mesmo genero e da mesma declinação, que formam o nominativo em *as*: *rigidez* (de rigídit*as*, átis), *solidez* (de solídit*as*, átis).

5.º Os que teem por desinencia *ade*, tomados dos nomes do genero feminino da terceira declinação, cuja

terminação do nominativo é *as*: *band***ade** (de bónit*as*, átis), *pied***ade** (de píet*as*, átis).

6.º Os que teem por desinencia *gem*, que são oriundos de nomes do genero feminino da terceira declinação, com o nominativo terminado em *go*: *ima***gem** (de imá*go*, inis), *ori***gem** (de orí*go*, inis).

Do seculo 14.º ao 17.º, os nomes em *agem* eram geralmente masculinos: *um imagem*, *um viagem*, *seu linhagem*.

7.º Os que teem por desinencia *an*, e que resultam de nomes da primeira declinação em *ana*: *l***am** (de *lana*, *æ)*, *avell***am** (de avel*lana*, æ).

Ha muitos nomes acabados em *e*, que proveem geralmente de nomes da terceira declinação, que são, como em latim, parte do genero masculino: *csped***e** (de cespes, itis), *foll***e** (de follis, is); e parte do genero feminino: *bas***e** (de basis, is), *torr***e** (de turris is).

As palavras importadas de linguas estrangeiras, conservam o genero das de que se originam: *um chope* (alt. allem. *sckoppen*, masc.), *uma soirée*.

São masculinos, porque teem desinencia analoga á de nomes masculinos procedentes do latim, os que terminam em *o* (breve), *im*, *um*, *ão*, *l*, *r*, *s*, *z*, e que não teem origem latina: *coc***o**, *tach***o**; *alfen***im**, *marf***im**; *surt***um**, *tec***úm**; *golf***ão**, *sot***ão**; *bord***ão**, *padr***ão**; *mattaga***l**, *paio***l**; *elixi***r**, *talhe***r**; *arrá***s**, *pire***s**; *ga***z**, *mati***z**.

Dá-se o mesmo com os augmentativos em *ão*, ainda que os positivos sejam femininos: *barrac***ão**, *casar***ão**.

São femininos, porque teem desinencia analoga, á de nomes femininos procedentes do latim, os que terminam em *a* (breve), *ez*, *gem*, e que não teem origem latina: *mac***a**, *sal***a**; *pallid***ez**, *sensat***ez**; *ara***gem**, *para***gem**. Exceptua-se *trem***a**.

São masculinos, por indole propria da lingua:

1.º Os acabados em *á* (berto): *alvar***á**, *tafet***á**. Exceptua-se *pá*, de origem latina.

2.º Os acabados em *e*, que não teem derivação latina: *achaqu***e**, *lequ***e**.

3.º Os acabados em *i*: *abacaxi*, *bisturi*.

4.º Os acabados em *ó* (aberto): *fricandó*, *mocotó*. Exceptuam-se *enxó*, *filhó*, *ilhó*, *mó*.

5.º Os acabados em *u*: *bahu*, *sagu*. Exceptua-se *tribu*, que foi masculino em latim.

6.º Os acabados em diphthongo oral: *breu*, *quinau*. Exceptuam-se *lei*, *grei*, *nau*.

7.º Os acabados no diphthongo nasal *em* (ẽi): *armazem*, *vintem*. Exceptuam-se *nuvem*, *ordem*.

São femininos, por indole propria da lingua, os que teem por terminação *ôr*, de uma só syllaba: *dor*, *côr*.

Muitos vocabulos mudaram de genero, quer na passagem do latim ou do grego para o portuguez, quer mesmo depois de já pertencerem ao nosso lexico. *Carvalho*, *cedro*, *roble*, as lettras do alphabeto eram do genero feminino em latim; *cataplasma* era masculino em grego; ainda do seculo 16.º ao 18.º *pyramide*, *amethysta*, *saphira*, *hyperbole*, *catastrophe*, *alleluia*, etc. eram masculinos; e *epiphonema*, *enthymema*, *fim*, *cometa planeta*, *mappa*, etc., eram do genero feminino.

Alguns nomes, numa accepção, são masculinos; noutra, femininos. Eis exemplos delles: *cabeça* significando *parte do corpo*, é feminino; na accepção de *chefe*, é masculino: *capital* exprimindo *cidade principal*, é feminino; empregado para significar *fundos monetarios* ou *valores*, é masculino: *cura*, com a significação de *parocho*, é masculino; designando o *acto de curar*, é feminino: *espia*, na accepção de *corda*, é feminino; significando *vigia*, é commum de dous: *lente*, denotando *vidro de augmento*, é feminino; equivalendo a *professor*, é commum de dous: *recruta* tomado em *sentido collectivo*, é feminino; usado para designar os *individuos que constituem a recruta*, é masculino: *scisma*, si significa *dessidencia na unidade da igreja*, é masculino; si, *apprehensão de espirito*, é feminino: *sota* é feminino, quando significa *dama*, nas cartas de jogar; é masculino, empregado na significação de *individuo que boleia nas carruagens*: *trombeta*, *corneta*, *rabeca*, *flauta*, etc., servindo para nomear *instrumentos*, são femininos; nomeando porem os *individuos que os*

tocam, são communs de dous: *vogal*, sendo *nome de lettras*, é feminino; como designativo da *pessoa que tem voto em algum conselho*, é commun de dous.

SECÇÃO 2.ª

Numero.

Chama-se *numero do nome* a propriedade que tem o appellativo de designar, ou uma só pessoa ou cousa, ou mais de uma pessoa ou cousa.

Os nomes proprios não teem plural, porque designam uma só pessoa ou cousa, certa e determinada. Assim, quando dizemos *os Camões, os Vieiras*, fazem estes nomes o officio de verdadeiros appellativos, pois valem o mesmo que *os poetas, como Camões*; *os oradores, como Vieira*.

Considerado o nome appellativo ou commum quanto ao numero, divide-se em *nome do singular* e *nome do plural*.

E' *nome do singular* o que significa uma só pessoa ou cousa: *mãe, livro*.

E' *nome do plural* o que significa mais de uma pessoa ou cousa: *mães, livros*.

I

Formação do plural do appellativo.

Regra geral:—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*.

O *s* é a caracteristica do plural, desde a origem da lingua; e representa o plural do accusativo latino, caso que o portuguez mais tomou para typo geral dos substantivos, e que termina em *s* nas cincos declinações latinas, com excepção apenas dos nomes neutros.

Casos particulares desta regra.

A juncção da consoante *s* ao appellativo, para se lhe formar o plural, faz-se de seis modos:

1.º Sem se dar nelle alteração alguma;
2.º Com troca da ultima lettra;
3.º Com inserção da vogal *e*;
4.º Com suppressão do *l* final;
5.º Com suppressão do *l* final e inserção de *e*;
6.º Com suppressão do *l* final e inserção de *i*.

Primeiro caso—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*, sem se dar nelle alteração alguma, quando termina em vogal, na consoante *n*, em diphthongo oral e nos nasaes *ãe* e *ão*, quer grave, quer agudo: *livro*, *livros*; *joven*, *jovens*; *lei*, *leis*; *mãe*, *mães*; *orphão*, *orphãos*; *christão*, *christãos*. Exceptuam-se *ademan*, *canon*, que fazem no plural *ademanes*, *canones*; e muitos dos nomes acabados em *ão*, dos quaes parte muda no plural este diphthongo em *ães*: *pão*, *pães*; e parte em *ões*: *sermão*, *sermões*.

Os substantivos em *ão*, derivados do latim, formam o plural em *ãos*, *ães*, *ões*, conforme a sua derivação.

Formam-n-o em *ãos*, si o accusativo do plural dos nomes latinos de que veem, termina em *anos*: *christãos* de *christianos*, accus. do pl. de *christianus*.

Formam-n-o em *ães*, si o accusativo do plural dos nomes latinos de que veem, termina em *anes*: *pães* de *panes*, accus. do pl. de *panis*.

Formam-n-o em *ões*, si o accusativo do plural dos nomes latinos de que veem, termina em *ones*: *sermões* de *sermones*, accus. do pl. de *sermo*.

Sabendo-se que o *til* é um *n* abreviado que nasalisa a vogal sobre que está, os tres suffixos do plural *anos*, *anes*, *ones*, ficam naturalmente *ãos*, *ães*, *ões*.

Na linguagem antiga, até o seculo 15.º, a formação do plural dos nomes desta categoria não era tão incerta, porque havia duas fórmas no singular, uma em *am* (pam, cam), que dava o plural em *ães* (pães, cães), e a outra em *om* (liçom, coraçom), que seguia o plural em *ões* (lições, corações). A confusão das fórmas *am* e *om* em *ão*, é que produziu a difficuldade da formação do plural dos nomes acabados em *ão*.

Os que se não originam do latim, formam o plural em *ões*, desinencia a que sempre mais se affeiçoou o povo: *botões* (or. germ.), *limões* (or. ar.), *vagões* (or. ingl.).

Segundo caso—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*, com troca da ultima lettra em outra:

1.º Quando acaba por *em*, *im*, *om*, *um*, cujo *m* troca-se em *n*: *virge***m**, *virge***ns**; *fi***m**, *fi***ns**; *so***m**, *so***ns**; *je-ju***m**, *jeju***ns**.

O plural destes nomes resulta de uma pequena alteração nas desinencias do accusativo do plural dos nomes latinos de que procedem. *Virgens* é corrupção de *virgines*, *fins*, de *fines*, etc.

2.º Quando acaba por *x*, o qual se troca em *ce*: *cali***x**, *cali***ces**.

Estes nomes teem no plural a mesma fórma dos seus correspondentes latinos.

Exceptuam-se os nomes, em que o *x* tem o som de *cs*: *coccix*, *helix*, *onix*, *pollex*, *silex*, *thorax*, que são invariaveis.

Terceiro caso—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*, com inserção da vogal *e*, quando sua terminação é *r* ou *z*: *ardor*, *ardor***es**; *noz*, *noz***es**.

Taes nomes procedem em grande parte de nomes latinos da terceira declinação, de cujo accusativo conservam a desinencia intacta.

Tambem seguem esta regra os substantivos *Deus*, *cós*, que fazem no plural *deuses*, *coses*; exceptuando *simples*, na accepção de *ingrediente*, que faz no plural *simpli***ces**, todos os mais nomes acabados em *s*, são invariaveis: *ourives*, *alferes*, *caes*, (caminho á borda do mar ou rios), *pires*, etc.

Os nomes terminados em *s*, tambem tinham no plural terminação consentanea com a do accusativo do plural dos nomes latinos da terceira declinação, pois diziam *os alfereses*, *os ouriveses*, *os caeses*, *os pireses*, etc.

Quarto caso—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*, com suppressão do *l* final, quando termina em *il* (agudo): *edil*, *edis*.

Quinto caso—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*, com suppressão do *l* final, e inserção de *e*, quando tem por desinencia *al*, *ol*, *ul*: *cana***l**, *cana***es**; *so***l**, *so***es**; *pau***l**, *pau***es**. Exceptuam-se *mal*, *cal* (cano de telhado ou rua de jardim), *real* (unidade mo-

netaria do paiz), *consul*, que fazem no plural *ma***les**, *ca***les**, *r***éis**, *consu***les**. *Real* (moeda hespanhola) faz *reales*.

SEXTO CASO—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*, com suppressão do *l* final e inserção de *i*, quando finda em *él*, (agudo) ou *èl* (grave): *capite***l**, *capite***is**; *nicke***l**, *nicke***is**.

Os nomes terminados em *al, el, il, ol, ul*, formavam o plural, no portuguez antigo e medio, mui regularmente. São exemplos disto *corales, parceles, aniles, arreboles, curules*. Destas fórmas contrahidas pela queda da consoante medial *l*, originaram-se as actuaes—*coraes, parceis, anis, arreboes, curues*. Figuram ainda como amostra da flexão primitiva—*males, cales, reales, consules*.

Conta a lingua portugueza grande numero de substantivos acabados em *o*, que no plural mudam o *ô* (fechado) da penultima syllaba em *ó* (aberto): *c***ô***ro*, *c***ó***ros*; *f***ô***rro*, *f***ó***rros*.

Os nomes de procedencia estrangeira, que conservam a mesma fórma das linguas de que veem, ou que não adoptaram fórma verdadeiramente nacional, seguem a regra geral na formação do plural, como se vê nestes exemplos: *deficits, hurrahs, post-scriptums, te-deums, requiems, tramways*.

II

Formação do plural dos nomes compostos.

O plural dos nomes compostos não se fórma sempre da mesma maneira.

Os nomes compostos de palavras que se ligam, alteradas em sua fórma, ou sem se discriminarem pelo hyphen, tomam o signal do plural só no fim: *fidalgo*, formado de *filho de algo*, que faz no plural *fidalgos*; *pontapé*, *pontapés*.

Os nomes compostos de duas palavras que se ligam, discriminadas pelo hyphen, ou são invariaveis, ou formam o plural, juntando-se a ambos os termos componentes, ou somente ao ultimo a consoante *s*, segundo a natureza e o sentido particular delles.

São invariaveis os nomes compostos, em cuja formação entram substantivos do plural: *papa-jantares*, *aguas-furtadas*, que só se usam no plural; e os que se compõem de um verbo e de um adverbio, ou de verbos differentes: *pisa-mansinho*, *ganha-perde*, que se usam só no singular.

Formam o plural, juntando-se a ambos os termos componentes a consoante *s*, os nomes compostos, ou de dous substantivos, ou de um substantivo e de um adjectivo, ou de um adjectivo e de um substantivo, ou de um mesmo verbo repetido: *couve-flor*, *couves-flores*; *amor-perfeito*, *amores-perfeitos*; *salvo-conducto*, *salvos-conductos*; *ruge-ruge*, *ruges-ruges*.

Formam o plural, juntando-se somente ao ultimo termo componente a consoante *s*, os nomes compostos, ou de um adverbio e de um adjectivo, ou de um substantivo junto a um verbo, preposição ou a certos prefixos derivados do grego e do latim: *sempre-viva*, *sempre-vivas*; *guarda-portão*, *guarda-portões*; *ante-sala*, *ante-salas*; *pseudo-propheta*, *pseudo-prophetas*; *ex-director*, *ex-directores*.

Os nomes que se compõem de tres palavras, sem se alterar o material dellas, ou são invariaveis: *bemmequeres* (nome de uma flor); ou formam o plural, juntando-se a lettra *s* ao ultimo termo componente: *bemtevi*, *bemtevis*; *malmequer*, *malmequeres*.

III

Nomes defectivos em numero.

Os *appellativos defectivos em numero*, ou teem só singular, ou só plural.

Tem só singular:

1.º Os nomes de sciencias e artes, quando tomados individualmente: *geographia*, *musica*.

Si dissermos *as geographias*, *as musicas*, referimo-nos a differentes tratados deste genero. O substantivo *mathematica* emprega-se tanto no singular como no plural.

2.º Os nomes de religiões, seitas e partidos ou facções politicas: *christianismo*, *lutheranismo*, *opportunismo*, *nihilismo*

3.º Os nomes de metaes: *ouro*, *prata*.

Quando significam objectos delles fabricados, teem plural: *os ouros*, *as pratas*, *os nickeis*.

4.º Os nomes de productos animaes ou vegetaes: *leite*, *assucar*.

Pluralisam-se em linguagem commercial, quando se quer especificar as varias qualidades: *as sedas, os trigos*. Os antigos diziam — *meles* ou *meis*, *arrozes*, *azeites*, *leites*.

5.º Os nomes de ventos: *norte*, *sul*.

Usam-se somente no plural, quando os ventos reinam por tempo mais ou menos dilatado: *as brizas, os nordestes*.

6.º Os nomes de virtudes e vicios: *caridade*, *embriaguez*.

Quando dizemos *as caridades, as embriaguezes*, referimo-nos a actos praticados. Exemplo: "*As caridades* de Jesus Christo, isto é, *os actos de caridade* de Jesus Christo."

7.º Os nomes de substancias elementares inorganicas: *hydrogenio*, *azote*.

8.º Os nomes de necessidades do organismo: *fome*, *sêde*.

9.º Os nomes abstractos: *pureza*, *belleza*.

10.º Alguns nomes collectivos: *prole*, *plebe*.

Teem só plural:

1.º Os nomes que significam ajuntamentos de cousas da mesma especie: *cominhos*, *farelos*.

2.º Os nomes que designam misturas de cousas differentes: *fezes, viveres*.

3.º Os nomes de cousas pares, ou compostas de duas partes inseparaveis: *bofes*, *algemas*.

Actualmente alguns destes nomes são mais usados no singular. Taes são: *calça*, *ceroula*, *tesoura*.

4.° Os nomes de varios povos: *aborigenes*, *romanos*.
5.° Os nomes dos naipes: *ouros*, *copas*.
6.° Os nomes das horas canonicas: *completas*, *matinas*.

Tambem são usados só no plural: — *alviçaras*, *ambages*, *annaes*, *arredores*, *arrhas*, *calendas*, *cans*, *cocegas*, *confins*, *damas* (jogo), *endoenças*, *esgares*, *esponsaes*, *exequias*, *fastos*, *fauces*, *férias* (vacação), *grelhas*, *herpes*, *idos*, *lampas*, *lemures*, *manes*, *migas*, *nonas*, *nupcias*, *pareas*, *penates*, *primicias*, *proceres*, *sevicias*, *syrtes*, *trevas*.

Outros nomes ha finalmente que teem no plural duas accepções, uma das quaes não se coaduna com a do singular, como se vê destes exemplos: "Para um homem destemido, qualquer *arma* serve, ou quaesquer *armas* servem." "As *armas* do Brazil são uma esphera; *as* de Portugal, as quinas."

IV

Appellativos Collectivos.

Ha appellativos que no singular não designam um só individuo ou cousa, e no plural mais de um individuo ou cousa. Taes são os *appellativos collectivos*.

Chama-se *appellativo collectivo* o appellativo que no singular significa uma só reunião de individuos, ou uma só collecção de cousas; e no plural, mais de uma reunião ou collecção: *povo*, *povos*; *livraria*, *livrarias*.

O appellativo collectivo divide-se em *geral* e *partitivo*.

Collectivo geral é o que significa uma reunião ou collecção inteira: *assembléa*, *cento*.

Collectivo partitivo é o que significa parte de uma reunião ou collecção: *maioria* ou *minoria* de *assembléa*, *quarteirão*.

SECÇÃO 3.ª

Grau.

Grau do nome é a propriedade que tem o substantivo de designar pessoa ou cousa de tamanho maior ou menor que o regular.

Considerado o substantivo quanto ao grau, divide-se em *augmentativo* e *diminutivo*.

Augmentativo é o que significa pessoa ou cousa maior que a que é designada pelo substantivo de significação positiva, de que se forma: *Gonça***lão** formado de *Gonçalo*; *homem***zarrão**, de *homem*; *port***ão** de *porta*.

Diminutivo é o que significa pessoa ou cousa menor que a que é designada pelo substantivo de significação positiva, de que se forma: *Gonça***linho**, formado de *Gonçalo*; *homem***zinho**, *homun***culo**, *homem***zito**, de *homem*; *por***tinha**, de *porta*.

É consideravel o uso dos diminutivos derivados de nomes proprios, mormente quando designam individuos da especie humana; e rarissimo o dos augmentativos que teem igual procedencia.

A significação dos augmentativos é mais ou menos exagerada, e a dos diminutivos mais ou menos attenuada, conforme a terminação.

Os augmentativos de significação mais exagerada formam-se, accrescentando-se ao positivo a desinencia *ão*: de *casaca*, *casac***ão**; de *rapaz*, *rapa***gão**; de *casa*, *casa***rão**; de *moço*, *moc***etão**: de *cão*, *can***zarrão**.

Os augmentativos de significação menos exagerada formam-se, accrescentando-se ao positivo masculino a terminação *az* ou *aço*: de *ladrão*, *ladra***vaz**; de *ministro*, *ministr***aço**; e ao positivo feminino a terminação *ona* ou *tona*: de *mulher*, *mulher***ona**; de *moça*, *moce***tona**.

Os diminutivos de significação menos attenuada formam-se, juntando-se ao positivo masculino as terminações *ête*, *óto*, *ôto* ou *ilho*: de *moço*, *moc***ete**; de *rapaz*, *rapa***zote**; de *perdiz*, *perdi***goto**; de *pó*, *polv***ilho**: e ao positivo feminino alguma das terminações *agem*, *êta*, *óta*, *ilha* ou *ôila*: de *villa*, *vill***agem** ou *vill***ota**; de *ilha*, *ilh***eta** ou *ilh***ota**; *de manta*, *mant***ilha**; de *moça*, *moç***oila**.

Os diminutivos de significação mais attenuada formam-se, juntando-se ao positivo que acaba em vogal ou nas consoantes *s*, *z*, as terminações *inho* ou *ito*, *inha* ou *ita*: de *filho*, *filh***inho** *ou* *filh***ito**; de *rapariga*, *rapari-*

*gu***inha** ou *rapari gu***ita**; de *pires*, *pires***inho**; de *luz*, *luz***inha**: e ao positivo que acaba em *l*, *r*, voz nasal ou diphthongo, as terminações *zinho* ou *zito*, *zinha* ou *zita*: de *animal*, *animal***zinho** ou *animal***zito**: de *dor*, *dor***zinha** ou *dor***zita**: de *irman*, *irman***zinha** ou *irman***zita**: de *mãe*, *mãe***zinha** ou *mãe***zita.**

Os nomes terminados em *ca* ou *co*, mudam essas desinencias em *qu*, na formação do diminutivo, para se conservar o som guttural do *c*: de *cas***ca**, *cas***qu***inha*; de *bi***co**, *bi***qu***inho*.

Tambem para se conservar o som guttural do *g*, mudam em *u* a vogal final os nomes acabados em *ga* ou *go*: de *preg***a**, *preg***u***inha*: de *fig***o**, *fig***u***inho*.

Nem todo o augmentativo ou diminutivo significa sempre objectos maiores ou menores que os de tamanho regular.

Empregam-se ás vezes em sentido *meliorativo* ou *pejorativo*.

O augmentativo é *meliorativo*, quando empregado para louvar: *mocetona*; e *pejorativo*, quando empregado para vituperar ou ridicularisar: *soberbaço*, *mulherão*.

O diminutivo é *meliorativo*, si tem por fim acarinhar, amimar ou denotar agrado:

«Alli no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve *passarinho*. (CAMÕES)»;

Ou exprimir ternura, compaixão:

«E as mães que o som terrivel escutaram,
Aos peitos os *filhinhos* apertaram. (CAMÕES).»

E' *pejorativo*, si tem sentido depreciativo, ironico, burlesco ou satyrico: *homunculo*, *logarejo*.

Tambem se formam augmentativos de verbos e de adjectivos qualificativos: de *beber*, *beberrão*, *beberraz*; de *valente*, *valentão*: e diminutivos, de adjectivos qualificativos: de *rico*, *riquinho*.

§ 2.º

Flexão de Pronome.

A *flexão do pronome* recebe a denominação de *caso do pronome*, em razão de exprimir, alem do genero e numero, as relações que entre si teem as palavras.

Divide-se o *caso do pronome pessoal* em *recto* ou *directo* e em *obliquo* ou *indirecto*.

O *caso recto* dos pronomes pessoaes é o primeiro de cada numero, e representa o sujeito; todos os mais são *obliquos*, e servem de complemento.

O pronome pessoal é sempre do genero do sujeito que representa, e declina-se por este modo:

PRIMEIRA PESSOA.

Numero singular: *Eu, me, mim, migo.*
Numero plural: *Nós, nos, nosco.*

SEGUNDA PESSOA.

Numero singular: *Tu, te, ti, tigo.*
Numero plural: *Vós, vos, vosco.*

TERCEIRA PESSOA.

Numero singular: *Elle, ella; o, a; lhe:*
Numero plural: *Elles, ellas; os, as; lhes.*

Nestas fórmas dos pronomes pessoaes, nota-se que as da primeira e da segunda pessoa são invariaveis em genero, contrastando com phenomeno totalmente opposto na terceira pessoa. Explica-se o primeiro facto pela desnecessidade de se declarar o sexo de pessoas, como a primeira e a segunda, que, na qualidade de interlocutores—orador e ouvinte—, estão presentes e se conhecem; e o segundo, pela conveniencia de se determinar, o melhor possivel, a terceira, objecto do discurso, que, no momento em que se fala, pode estar ausente, ou ser desconhecida a um dos interlocutores.

O reflexivo *se* serve para ambos os numeros; não tem caso recto, pelo que não representa o sujeito, e só a elle se refere; e declina-se assim:

Numero singular e plural: *Se, si, sigo.*

Me, *te*, *lhe*, perdem o *e*, juxtapondo-se-lhes *o*, *a*, *os*, *as*: *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, etc.

De *lhes*, em identicas condições, alem do *e*, elide-se o *s*: *lhos*.

Muitos escriptores indicam estas suppressões com um apostropho: *m'o, m'a, m'os, m'as*, etc. Os nossos maiores porem julgavam desnecessario este signal neste caso, orthographando estas alterações sem elle.

O, *a*, *os*, *as*, assumem as fórmas primitivas *lo*, *la*, *los*, *las*, quando se juxtapõem a verbos acabados em *r*, *s*, *z*, aos pronomes *nos*, *vos*, ao adverbio *eis* e á preposição *per*. Em tal caso, dá-se tambem a suppressão das consoantes finaes destes vocabulos, as quaes até o seculo passado se assimilavam ao *l* daquellas fórmas: *trazê-lo*, *trazemo-lo*, *tra-lo*, *no-lo*, *vo-lo*, *ei-lo*, *pelo*, outrora *trazêllo*, *trazemollo*, *trallo*, *nollo*, *vollo*, *eillo*, *pello*, por *trazer-o*, *trazemos-o*, *traz-o*, *nos-o*, *vos-o*, *eis-o*, *per-o*.

Ha outra opinião com respeito a esta alteração. Consiste ella em sustentarem que as referidas consoantes se mudam por euphonia em *l*. Fieis a este modo de sentir, escrevem assim os exemplos mencionados: *trazêl-o*, *trazemol-o*, *tral-o*, *nol-o*, *vol-o*, *eil-o*.

A permuta do *s* em *l*, em *nol-o*, etc., é inteiramente contraria a todas as regras da phonetica.

Quando as mesmas fórmas do pronome *elle* (o, a, os, as) estão juxtapostas a verbos que teem por desinencia um diphthongo nasal, intercala-se entre ellas e os verbos um *n* euphonico: *deixam-n-o*, *louvem-n-o*, *põe-n-o*.

Entendem outros que o *n*, posto entre a flexão verbal terminada em diphthongo nasal e o pronome, é o *l* das fórmas antigas *lo, la, los, las*, nelle assimilado, por influencia do som nasal da terminação do verbo.

Ha ainda quem nutre a opinião de ser a lettra em questão o *n* da terminação pessoal *nt* dos verbos latinos, após a queda da consoante final *t*, que ensurdecera. Este modo de entender deve ser rejeitado, á vista do uso da lettra *n*, observado pelos antigos, quando as fórmas pronominaes *o*, *a*, *os*, *as*, precediam o verbo, e estavam depois de qualquer palavra terminada em diphthongo nasal: *não no dá*, *quem no afaga*.

E' inteiramente improprio o uso do apostropho entre o *n* e o pronome, porque não se dá suppressão da lettra. A notação propria para o caso, é o hyphen, que é o signal empregado na distincção de lettras euphonicas, que se mettem de permeio nas palavras, como se vê nestes exemplos da lingua franceza: "*aime-t-il? aime-t-elle? a-t-on aimé?*"

A preposição *em* e as fórmas pronominaes *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, quando por aquella regidas, escrevem-se assim: *nelle*, *nella*, *nelles*, *nellas*.

A lettra *n* é neste caso um vestigio da preposição antiga *en*, de uso muito frequente no seculo 13.º e no 14.º, como se vê nos *Ineditos de Alcobaça*, onde se encontra esta combinação: *eno*, *ena*. Devia pois ter-se dado a juncção da preposição ao pronome *(enelle, enella)*, etc.), e mais tarde a apherese do *e*.

Pela mesma razão se escreve *no*, *num*, *nalgum*, *noutro*, *neste*, *nesse*, *naquelle* por *em o*, *em um*, *em algum*, *em outro*, *em este*, *em esse*, *em aquelle*.

Querem outros que se tenha dado na preposição *em* a queda do *e* por apherese, e a permuta do *m* em *n*.

Outros finalmente opinam que se verificou a ellipse da preposição *em*, depois de dominar o uso de por euphonia se collocar entre ella e o pronome a consoante *n*.

A preposição *de*, quando rege as mesmas fórmas pronominaes (elle, ella, elles, ellas), tambem soffre sua alteração, que consiste em perder o *e* por synalepha: *delle*, *della*, *delles*, *dellas*.

O mesmo se dá, achando-se ella seguida dos vocabulos *o* (artigo definido ou pronome demonstrativo), *este*, *aquelle*, *esse*, *aqui*, *alli*, *ahi*.

§ 3.º

Flexão do Adjectivo.

O adjectivo, não representando directamente pessoas ou cousas, não pode ter por si mesmo genero, nem numero; varia entretanto em sua terminação, para accommodar-se ao genero e ao numero do substantivo que qualifica ou determina.

SECÇÃO 1.ª

Fórmas do Adjectivo.

O adjectivo considerado quanto á sua fórma, divide-se em seis categorias:

1.ª Ou é uniforme;
2.ª Ou é biforme tanto no singular como no plural;
3.ª Ou é biforme só no singular;
4.ª Ou é biforme só no plural;
5.ª Ou é triforme no singular e biforme no plural:
6.ª Ou é invariavel.

São uniformes, ou teem uma só fórma em cada numero:

1.º Os qualificativos terminados em *e*, *al*, *el*, *il*, *ul*, *ar*, *er*, *az*, *iz*, *oz*, *m*, *n*: *grave*, *graves*; *mortal*, *mortaes*; *cruel*, *crueis*; *amavel*, *amaveis*; *imbecil*, *imbecis*; *habil*, *habeis*; *azul*, *azues*; *familiar*, *familiares*; *esmoler*, *esmoleres*; *fugaz*, *fugazes*; *feliz*, *felizes*; *atroz*, *atrozes*; *affim*, *affins*; *joven*, *jovens*.

2.º Os qualificativos *só*, *sós*; *anterior*, *anteriores*; *bicolor*, *bicolores*; *citerior*, *citeriores*; *exterior*, *exteriores*; *incolor*, *incolores*; *inferior*, *inferiores*; *interior*, *interiores*; *multicor*, *multicores*; *posterior*, *posteriores*; *semsabor*, *semsabores*; *superior*, *superiores*; *tricolor*, *tricolores*; *ulterior*, *ulteriores*; *reinol*, *reinoes*; *cortez*, *cortezes*; *montez*, *montezes*; *pedrez*, *pedrezes*; *soez*, *soezes*.

3.º Os comparativos syntheticos *maior*, *maiores*; *mor*, *mores*; *menor*, *menores*; *melhor*, *melhores*; *peior*, *peiores*.

4.º O distributivo proprio *qualquer*, *quaesquer*.

5.º O interrogativo *qual?* *quaes?*

6.º O quantitativo *bastante*, *bastantes*.

São biformes tanto no singular como no plural, isto é, teem duas fórmas em cada numero:

1.º Os qualificativos acabados em *o*, que no feminino mudam esta desinencia em *a*: *justo*, *justa*; *justos*, *justas*.

2.º Os qualificativos acabados em *u*, *ol*, *or*, *ez*, *uz*, que tomam o *a* no feminino: *cru*, *crua*; *crus*, *cruas*: *hespanhol*, *hespanhola*; *hespanhoes*, *hespanholas*: *vencedor*, *vencedora*; *vencedores*, *vencedoras*: *hollandez*, *hollandeza*; *hollandezes*, *hollandezas*: *andaluz*, *andaluza*; *andaluzes*, *andaluzas*.

Ha adjectivos em *or* que tem duas fórmas no feminino singular: *trabalhador*, *trabalhadeira*; *vendedor*, *vendedeira*; etc.

Os adjectivos em *ol*, *or*, *ez*, eram outrora uniformes. Diziam, por exemplo, *lingua hespanhol*, *mulher amador*, *donas entendedores*, *portuguez linguagem*.

3.º Os qualificativos acabados em *êu*, que formam o feminino em *éa*: *europeu*, *européa*; *europeus*, *européas*.

4.º Os qualificativos acabados em *ão*, que o mudam em *an* no feminino: *vão*, *van*; *vãos*, *vans*.

5.º Os qualificativos *bom*, *boa*; *bons*, *boas*: *mau*, *má*; *maus*, *más*: *judeu*, *judia*; *judeus*, *judias*: *sandeu*, *sandia*; *sandeus*, *sandias*: *ilhéu*, *ilhoa*; *ilhéus*, *ilhoas*: *poltrão*, *poltrona*; *poltrões*, *poltronas*: *rabão*, *rabona*; *rabões*, *rabonas*.

6.º O artigo definido *o*, *a*; *os*, *as*.

7.º O artigo indefinido *um*, *uma*; *uns*, *umas*.

8.º Os demonstrativos puros *mesmo*, *mesma*; *mesmos*, *mesmas*: *o mesmo*, *a mesma*; *os mesmos*, *as mesmas*: *proprio*, *propria*; *proprios*, *proprias*: *o proprio*, *a propria*; *os proprios*, *as proprias*.

9.º O distributivo partitivo *certo*, *certa*; *certos*, *certas*.

10.º O conjunctivo *o qual*, *a qual*; *os quaes*, *as quaes*.

11.º O conjunctivo e o interrogativo *cujo*, *cuja*; *cujos*, *cujas*.

12.º Os quantitativos *pouco*, *pouca*; *poucos*, *poucas*: *muito*, *muita*; *muitos*, *muitas*: *quanto*, *quanta*; *quantos*, *quantas*: *tanto*, *tanta*; *tantos*, *tantas*.

13.º Os numeraes multiplicativos *duplo*, *dupla*; *duplos*, *duplas*: etc.

14.º Os possessivos *meu*, *minha*; *meus*, *minhas*: *teu*, *tua*; *teus*, *tuas*: *nosso*, *nossa*; *nossos*, *nossas*: *vosso*, *vossa*; *vossos*, *vossas*: *seu*, *sua*; *seus*, *suas*.

São biformes só no singular, isto é, teem duas fórmas só no singular:

1.º Os distributivos proprios *todo*, *toda*; *cada um*, *cada uma*.

2.º O numeral cardinal *um*, *uma*; e aquelles que o teem como elemento componente: *vinte um*, *vinte uma*; etc.

3.º Os numeraes ordinaes: *primeiro*, *primeira*; *segundo*, *segunda*; etc. Diz-se todavia *os primeiros dias*, etc.

São biformes só no plural, isto é, teem duas fórmas só no plural:

1.º Os distributivos partitivos *ambos*, *ambas*; *diversos*, *diversas*; *varios*, *varias*; *os mais*, *as mais*; *os demais*, *as demais*.

2.º Os numeraes cardinaes: *dous*, *duas*; *duzentos*, *as*; *trezentos*, *as*; *quatrocentos*, *as*; *quinhentos*, *as*; *seiscentos*, *as*; *setecentos*, *as*; *oitocentos*, *as*; *novecentos*, *as*; e os compostos em cuja formação entram estes adjectivos, como *vinte e dous*, *vinte e duas*; etc.

São triformes no singular e biformes no plural:

1.º Os adjectivos demonstrativos puros *este*, *esta*, *isto* (*esto*, ant.); *estes*, *estas*: *aquelle*, *aquella*, *aquillo* (*aquello*, ant.); *aquelles*, *aquellas*: *esse*, *essa*, *isso* (*esso*, ant.); *esses*, *essas*.

2.º O demonstrativo collectivo *todo*, *toda*, *tudo*; *todos*, *todas*.

3.º Os distributivos partitivos *outro*, *outra*, *al* (ant.); *outros*, *outras*: *algum*, *alguma*, (*algo*, ant.); *alguns*, *algumas*: *nenhum*, *nenhuma*, *nada*; *nenhuns*, *nenhumas*.

São invariaveis:

1.º Os qualificativos *junior*, *prestes*, *senior*, *simples*, *traquinas*.

2.º Os distributivos proprios *cada*, *cada qual*, *quem quer*, *qual* ou *a qual* (significando *cada qual*).

3.º Os distributivos partitivos *outrem*, *alguem*, *ninguem*, *tal*, *qual*, *quem*.

4.º Os conjunctivos e interrogativos *que*, *quem*.

5.º Os numeraes cardinaes, com excepção de *um*, *dous*, *duzentos*, *trezentos*, *quatrocentos*, *quinhentos*, *seiscentos*, *setecentos*, *oitocentos*, *novecentos*, e dos compostos, em que entram estes, como partes componentes.

6.º Os quantitativos *menos*, *mais*.

SECÇÃO 2.ª

Formação do plural dos adjectivos qualificativos.

O plural dos adjectivos qualificativos forma-se da mesma maneira que o dos substantivos; quando porem acabam em *ìl* (grave), mudam esta terminação em *êis*: *futil*, *futeis*; e, quando em *ôso*, mudam o *ô* em *ó*: *virtuoso*, *virtuosos*: conservam a tonica das fórmas do singular, si é *ô* (fechado) ou *ó* (aberto): *balôfo*, *balôfa*, *balôfos*, *balôfas*; *devóto*, *devóta*, *devótos*, *devótas*; ou só a tonica da fórma feminina do singular, si ella é *ó* (aberto), e si a da masculina é *ô* (fechado): *nôvo*, *nóva*, *nóvos*, *nóvas*. Exceptua-se *canhôto*, *canhóta*, *canhôtos*, *canhótas*.

SECÇÃO 3.ª

Graus do Adjectivo Qualificativo.

Chama-se *positivo* o qualificativo que, exprimindo a qualidade simplesmente, é susceptivel de graus de significação, como *justo*, de que se podem formar *mais justo*, *menos justo*, *tão justo*, *muito justo*, etc.

O *positivo*, ou o qualificativo assim considerado, admitte dous graus de significação, o *comparativo* e o *superlativo*.

Os comparativos e superlativos dividem-se em *organicos* ou *syntheticos* e *inorganicos* ou *analyticos*. Chamam-se *comparativos* e *superlativos syntheticos* os que constam de uma só palavra; e *analyticos*, os que constam de uma locução.

O *comparativo* exprime a qualidade, comparando-a com outra.

Divide-se em *comparativo de superioridade*, *inferioridade* e *igualdade*.

O *comparativo de superioridade* exprime a qualidade, comparando-a vantajosamente com outra; e forma-se, juntando-se ao positivo o adverbio *mais*. Exemplo: «*João* é **mais sabio** *que* Paulo.»

O *comparativo de inferioridade* exprime a qualidade, comparando-a desvantajosamente com outra; e forma-se, juntando-se ao positivo o adverbio *menos*. Exemplo: «*Paulo* é **menos sabio** *que* João.»

O *comparativo de igualdade* exprime a qualidade, comparando-a igualmente com outra; e forma-se, juntando-se ao positivo o adverbio *tão*. Exemplo: «Era **tão sabio** como *discreto*.»

Para dar-se uma comparação, fazem-se necessarios dous termos: o primeiro é o comparativo; e o segundo, uma proposição subordinada integrante subjunctiva, que pode estar clara ou occulta, como se vê dos seguintes exemplos: "Será **mais afamado** *que ditoso*." isto é, "*que* ou *do que foi elle ditoso*." "Foi **menos feliz** da segunda vez." isto é "*que* ou *do qae foi elle feliz da primeira vez*."

Quando o comparativo é de superioridade ou de inferioridade, liga-se-lhe o segundo termo de comparação pela conjuncção *que* ou pela locução conjunctiva *do que*; sendo de igualdade, são seus liames as conjuncções *como* e *quão*, ou o adverbio *quanto*.

Somente os adjectivos qualificativos *grande*, *pequeno*, *bom*, *mau* teem comparativos syntheticos, que são *maior* ou *mor*, *menor*, *melhor*, *peior*, vestigios da formação latina em *or*. Destes quatro adjectivos só *pequeno* e *mau* teem comparativo de superioridade, formado pela juncção do adverbio *mais*. *Grande* substitue a *magno*, e *pequeno* a *parvo*.

São ainda vestigios da formação em *or*, *inferior*, *junior*, *senior* e *superior*, que eram comparativos de *infero*, *juvenis*, *senex* e *supero*, e que actualmente são simples adjectivos. De *infero* e *supero* se faz uso ainda em Botanica: *ovario infero*, *corolla supera*.

A maior parte dos adjectivos em *or*, como *anterior*, *citerior*, *exterior*, *interior*, *posterior*, *ulterior*, foram verdadeiros comparativos syntheticos, que, como taes, se obliteraram, passando alguns a ser substantivos. Sirvam de exemplo *senhor* de *senior*, e *prior* de *prior*.

O *superlativo* exprime a qualidade levada ao ultimo grau de encarecimento para mais ou para menos.

Divide-se em *absoluto* e *relativo*.

O *superlativo absoluto* exprime o encarecimento da qualidade absolutamente, isto é, considerando-a isoladamente num ou mais individuos certos, sem relação á mesma qualidade de outros individuos da classe.

Forma-se o *superlativo absoluto* de dous modos:

1.º Juntando-se ao positivo os adverbios *muito*, *pouco*, ou outros que signifiquem *muito*. Exemplos: «*Este soldado* é **muito bravo** e *aquelle* **pouco forte.**» «Estou **summamente penhorado.**»

Seja qual for o adjectivo, pode o superlativo ser sempre formado por este modo, que, por ser menos emphatico, é usado com mais frequencia.

2.º Juntando-se ao positivo a terminação *simo*, com ou sem o incremento *is*.

A terminação *simo* provem de *timo* (prim. *tamas*), suffixo do superlativo latino, com a assimilação do *t* em *s* (1).

Incremento dos nomes são as lettras ou syllabas, que, nos casos obliquos do latim, ás vezes excedem ao radical do nominativo do singular, sem se incluir nellas a terminação propriamente dita.

O incremento *is* é a fórma a que se reduziu o suffixo neutro *ius* do comparativo latino, e que se intercala entre o thema do positivo e a terminação do superlativo, como se vê do seguinte exemplo: "THEMA—*alto*, *alt*—**ius**; *alt*—**is**; *alt*—**is**—*simus* (2)."

Formam o superlativo, accrescentando-se-lhes a terminação *simo*, sem o incremento *is*:

1.º Os adjectivos *agil*, *difficil*, *dissimil* ou *dissemelhante*, *facil*, *fragil*, *gentil*, *humil* ou *humilde*, *senil*, *simil* ou *semelhante*, cujos superlativos, verificada a queda do *s* da terminação *simo*, são *agilimo*, *difficilimo*, *dissimilimo*, *facilimo*, *fragilimo*, *gentilimo*, *humilimo*, *senilimo*, *similimo*.

2.º Os adjectivos *acre*, *agro*, *aspero*, *celebre*, *integro*, *livre*, *misero*, *niger*, *pobre*, *prospero*, *pulchro*, *salubre*, *tetro*, *ubere*, cujos superlativos, verificada a assimilação em *r* do *s* da terminação *simo*, depois de substituidos pelas fór-

---

(1) GUARDIA ET WIERZEYSKI.—*Gram. Élem. de la Lang. Lat.*, § 101: e *Gram. de la Lang. Lat.*, *Première Partie*, § 62, 2.º

(2) OBRAS CIT. *idem*.

mas masculinas dos adjectivos latinos que lhes dão origem, *acer*, *ager*, *asper*, etc., são *acerrimo*, *agerrimo*, *asperrimo*, *celeberrimo*, *integerrimo*, *liberrimo*, *miserrimo*, *nigerrimo*, *pauperrimo*, *prosperrimo*, *pulcherrimo*, *saluberrimo*, *teterrimo*, *uberrimo*.

Formam o superlativo, accrescentando-se-lhes a terminação *simo*, com o incremento *is*, os adjectivos terminados em *u*, *l*, *r*, *e*, *o*, *ão*, *m*, *s*, *z*, *vel*, *co*, *go*,

Si os adjectivos terminam em *u*, *l*, *r*, não se dá nelles alteração alguma: *cru*, **cruissimo**; *liberal*, **liberalissimo**; *singular*, **singularissimo**.

Si em *e* ou *o*, supprimem-se estas vogaes: *grave*, **gravissimo**; *bello*, **bellissimo**.

Si em *ão*, muda-se esta desinencia em *an*: *são*, **sanismo**.

Si em *m*, troca-se se esta lettra em *n*: *commum*, **communissimo**.

Si em *s* ou *z*, convertem-se estas lettras em *c*: *simples*, **simplicissimo**; *capaz*, **capacisssimo**. Exceptua-se *prestes*, que faz **prestissimo**.

Si em *vel*, transforma-se esta terminação em *bil*: *amavel*, **amabilissimo**.

Si em *co*, faz-se a mudança desta desinencia em *qu*: *rouco*, **rouquissimo**. Exceptuam-se *parco*, que faz **parcissimo**; *publico*, **publicissimo**; *pudico*, **pudicissimo**.

Si em *go*, é esta terminação mudada em *gu*: *largo*, **larguissimo**.

Si em *dico* (de *dicere*), *fico* (de *facere*), e *volo* (de velle), são seus superlativos os mesmos dos adjectivos, seus cognatos; de *maledico*, e *maledicente*, **maledicentissimo**; de *benefico* e *beneficente*, **beneficentissimo**; de *magnifico* e *magnificente*, **magnificentissimo**; de *malefico* e *maleficente*, **maleficentissimo**; de *munifico* e *munificente*, **munificentissimo**; de *prolifico* e *prolificante*, **prolificantissimo**; de *terrifico* e *terrificante*, **terrificantissimo**; de *benevolo* e *benevolente*, **benevolentissimo**, de *malevolo* e *malevolente*, **malevolentissimo**.

Em *fiel* e seu composto *infiel*, *geral*, *sabio*, *sagrado*, e *christão*, substitue-se o radical popular pelo erudito: *fidelissimo*, *infidelissimo*, *generalissimo*, *sapientissimo*, *sacratissimo* e *christianissimo*.

Uns adjectivos qualificativos teem dous superlativos syntheticos, um com o incremento, e o outro sem elle. Taes são: *acre*, que tem **acrissimo** e **acerrimo**; *agil*, **agilissimo** e **agilimo**; *aspero*, **asperissimo** e **asperrimo**; *celebre*, **celebrissimo** e **celeberrimo**; *difficil*, **difficilissimo** e **difficilimo**; *facil*, **facilissimo** e **facilimo**; *fragil*, **fragilissimo** e **fragilimo**; *gentil*, **gentilissimo** e **gentilimo**; *gracil*, **gracilissimo** e **gracilimo**; *humil* ou *humilde*, **humilissimo** ou **humildissimo** e **humilimo**; *integro*, **integrissimo** e **integerrimo**; *livre*, **livrissimo** e **liberrimo**; *negro*, **negrissimo** e **nigerrimo**; *pobre*, **pobrissimo** e **pauperrimo**; *prospero*, **prosperissimo** e **prosperrimo**; *salubre*, **salubrissimo** e **saluberrimo**; *senil*, **senilissimo** e **senilimo**; *simil* ou *semelhante*, **semelhantissimo** e **similimo**.

Outros os teem, sendo o radical de um de fórma popular e o do outro de fórma erudita. Taes são: *amigo*, que tem **amiguissimo** e **amicissimo**; *antigo*, **antiguissimo** e **antiquissimo**; *cruel*, **cruelissimo** e **crudelissimo**; *doce*, **docissimo** e **dulcissimo**; *frio*, **frissimo** e **frigidissimo**; *nobre*, **nobrissimo** e **nobilissimo**.

Outros finalmente os teem com radicaes differentes, um regular, e o outro irregular. Taes são: *alto*, que tem **altissimo** e **summo** ou **supremo**; *baixo*, **baixissimo** e **infimo**; *bom*, **bonissimo** e **optimo**; *grande*, **grandissimo** e **maximo**; *mau*, **malissimo** e **pessimo**; *pequeno*, **pequenissimo** e **minimo**.

O *superlativo relativo*, exprime o encarecimento da qualidade relativamente, isto é, considerando-a num ou mais individuos certos com relação á mesma qualidade dos outros individuos da classe.

Forma-se o superlativo relativo, antepondo-se o artigo definido aos comparativos de superioridade e de in-

ferioridade. Exemplos: «*Este capitão* é **o mais bravo** *de todos os do exercito.*» «*Este estudante* é **o menos applicado** *entre os outros estudantes da classe.*»

O superlativo relativo pede um termo de relação, porque o artigo que se antepõe aos comparativos de superioridade e de inferioridade, para formar o superlativo, desperta em nós a idéa de individuo, e esta a da classe em que o grupamos. Este termo de relação, cujo liame é sempre *de* ou *entre*, pode estar occulto, como se vê neste exemplo: "*Esta flor é* **a mais bella.**" isto é, "**a mais bella** *de todas.*"

Formam-se ainda phrases comparativas e superlativas por outros modos. Sirvam de exemplo as seguintes: "*Antes* queira mediocridade propria *que* demasia alheia. (VIEIRA)." "*Primeiro* estão dentes *que* parentes. (D. F. M. DE MELLO)." "São *tantas* as cabeças *quantas* as sentenças." "Arguia com *tanta* subtileza, ardor e vivacidade *que* era o pasmo de quantos o viam e ouviam. (J. F. LISBOA)." "*Taes* são os bens da fortuna *que* carecer delles é miseria, e possui-los, perigo. (VIEIRA)." "No adquirir e perder amigos, nos devemos portar com o *mesmo* ou maior sentido *que*, no adquirir ou perder fazenda (BERNARDES)." "Esta ultima addição merecia *igual* ou melhor logar *que* as outras. (BERNARDES)." "Na educação intellectual, muitas mais e *muito mais variadas* são as differenças que o sexo, a posição social, a indole, as propensões do educando estabelecem. (GARRET)." "Terribilissimos foram os sonhos que Deus mandou ao Presbytero; mas por ventura *mais terrivel* é a sua significação. (HERCULANO)."

§ 4.º

Flexão Verbal ou Conjugação.

Chama-se *flexão verbal* ou *conjugação* a propriedade que tem o verbo de mudar de terminação, para indicar a *pessoa* e o *numero* do sujeito a quem respeita a affirmação, exprimir o *tempo* a que ella se refere, e significar o *modo*, por que a mesma se faz. De quatro accidentes pois consta a conjugação do verbo, *pessoas*, *numeros*, *tempos* e *modos*.

Pessoas e *numeros do verbo* são as inflexões que elle toma, para indicar a pessoa e o numero do sujeito a quem respeita a affirmação.

Tempos do verbo são as inflexões que elle toma, para exprimir a affirmação em relação ao presente, ao

passado ou preterito e ao futuro, ou ás tres epocas da duração do tempo.

Os tempos chamados primitivos são tres: *presente*, *passado* ou *preterito* e *futuro*.

Presente é o tempo, em que a cousa existe; *preterito*, em que existiu; e *futuro*, em que existirá.

Modos do verbo são as inflexões que elle toma, para significar os diversos modos, por que se faz a affirmação.

A lingua portugueza tem inflexões verbaes, para significar unicamente cinco modos ou maneiras de affirmação, a saber:

O *modo indicativo*, em que a affirmação se faz simplesmente: *amo*, *amei*, *amarei*.

O *modo condicional*, em que a affirmação se faz condicionalmente: «*Fariamos*, si podessemos, ou ainda si poderamos fazer.»

O *modo imperativo*, em que a affirmação se faz imperiosamente: *faze tu*, *fazei vós*.

O *modo conjunctivo* ou *subjunctivo*, em que a affirmação se faz modificadamente, ou com dependencia de outra: «Convem que *estudes*.»

O *modo infinito* ou *infinitivo*, em que a affirmação se faz indeterminadamente: «*Morrer* o homem ou *morrermos* é inevitavel.»

São modificações do infinito o *participio*, o *gerundio* e o *supino*.

Tanto o infinito como as suas modificações chamam-se *fórmas nominaes do verbo*: o *infinito*, porque, em razão de ser a fórma verbal primitiva ou originaria, é adoptada para typo do verbo, ou para nomear ou dar a conhecer os verbos nos lexicons; o *participio*, porque tem a propriedade do adjectivo, de modificar nomes substantivos; o *gerundio* e o *supino*, porque são verdadeiros nomes verbaes invariaveis. Exemplos: «*Falar*.» «Este menino é muito *apreciado*.» «Ficou *orando*, isto é, *em oração*.» «Tenho *vivido*.» «No primeiro exemplo, o infinito *falar* é o nome de um verbo da primeira conjugação; no segundo, o participio passado *apreciado* é

um adjectivo, porque modifica o substantivo *menino*, com que concorda em genero e numero; no terceiro, o gerundio *orando* é um nome verbo, porque equivale a *em oração*; no quarto, o supino *vivido* tambem faz o officio de verdadeiro nome verbal, porque declara o complemento ou acabamento da acção.

O *participio*, já definido em outro logar, divide-se em *participio presente*, *preterito*, *preterito composto* e *futuro*.

Participio presente ou *activo* é um adjectivo invariavel, terminado em *ando*, *endo*, *indo*, que exprime a acção na actualidade, quer esteja formando proposição participio, quer seja mera dependencia do nome ou do sujeito. Exemplos: «**Reinando** *Tullo*, os albanos foram vencidos pelos romanos.» «Os *soldados* **trazendo** os despojos, clamavam: «Ai dos vencidos!»

Salta aos olhos a procedencia desta doutrina, attendendo-se á traducção latina dos exemplos supra-mencionados: "Albani, **regnante** *Tullo*, a romanis victi sunt." "*Milites*, spolia **gerentes**, clamabant": "Væ victis!"

Participio preterito, *passado* ou *passivo* é um adjectivo variavel que exprime a acção recebida: *amado*, *amada*, *amados*, *amadas*; *movido*, *movida*, *movidos*, *movidas*; *unido*, *unida*, *unidos*, *unidas*.

Ha participios passados que, já acompanhados do verbo *ser*, já acompanhados do verbo *estar*, fazem as vezes de verdadeiros adjectivos qualificativos, como se vê destes exemplos: "*Ser* **calado** significa *ser discreto*; *estar* **calado**, *estar em silencio no momento em que se fala*." "*Ser* **distrahido** significa *ser distrahido por natureza*; *estar* **distrahido**, *estar distrahido momentaneamente*." Importa pois não confundi-los nestas accepções com o emprego que, como se vê das phrases seguintes, se faz delles, como participios passados: "As baterias inimigas *foram* **caladas** pelo nosso fogo." "*Foi* **distrahido** de suas occupações por um assumpto imprevisto."

Outros participios passados não teem significação adjectiva, como os precedentes, mas usam-se com o verbo *ser*, quando passivos, e com o verbo *estar*, quando exprimem um estado. Exemplos: "*Foi* **ferido** de um lado. Elle já *estava* **ferido**, quando cheguei." "A questão *foi* **resolvida**, a nosso favor. Vamo-nos embora; *está* **resolvida** a questão."

Participio preterito composto é uma fórma verbal composta do participio presente dos auxiliares *haver* e *ter*, e do supino do verbo attributivo, a qual exprime

simplesmente a acção na anterioridade, sem envolver idéa de passividade: **havendo** ou **tendo** *amado, movido, unido.*

Participio futuro é uma fórma verbal composta do participio presente dos auxiliares *haver* e *ter*, e do presente do infinito impessoal do verbo attributivo, a qual exprime simplesmente a acção por fazer: **havendo** ou **tendo** de *amar, mover, unir.*

Dos participios futuros latinos em *tus* e *dus (moriturus, a, um ; educandus, a, um)* são vestigios alguns substantivos e adjectivos em *ouro* e *ando,* que indicam ainda uma acção futura, como *ancoradouro, lavadouro; duradouro, vindouro: examinando, doutorando; nefando, venerando.*

Gerundio é uma especie de nome verbo invariavel com o caracter de substantivo, tambem terminado em *ando, endo, indo,* que exprime a acção actual de uma certa maneira, ou accrescentando uma circumstancia ao verbo a que se junta. Exemplo do gerundio exprimindo uma circumstancia de causa: «Algumas feridas fazem-se maiores, *curando.*»

Tambem é palmar a existencia do gerundio, vertendo-se este exemplo para latim: "Vulnera quædam fiunt majora, *curando.*" Si fosse participio presente a palavra portugueza *curando,* devia ser traduzida, neste exemplo, por *curans, curantis,* e não, como o foi, pelo gerundio em *do,* do ablativo.

Supino é uma especie de nome substantivo invariavel, que exprime a acção anterior na voz activa. Formam-se, com elle e os auxiliares *haver* e *ter*, os tempos compostos do preterito e alguns do futuro: *hei* ou *tenho* **falado**; *haverei* ou *terei* **escripto.**

Que é diversa do participio passado a palavra que chamamos *supino,* denominação aceita de longa data por distinctos grammaticos, prova-o o simples confronto das acções que essas duas fórmas verbaes exprimem: a acção pelo supino expressa, é feita pelo sujeito; a que o participio passado exprime, é ao contrario por elle recebida. Exemplos: "*Elle* tem **estudado já** todas as materias do curso de humanidades." "O *latim* foi por elle **estudado,** ha muito tempo." A doutrina que considera, como sendo a mesma cousa, estas duas inflexões, reduz-se á sustentação de que uma phrase na voz activa é ao mesmo tempo passiva, ou que a voz activa é o mesmo que a voz passiva: o que é absurdo.

O verbo em relação á conjugação pode ser *auxiliar*, *regular*, *irregular*, *pessoal*, *impessoal*, *unipessoal*, *defectivo*.

SECÇÃO 1.ª

Auxiliares do Verbo.

Chamam-se *auxiliares*, os verbos que, perdendo o caracter que lhes é proprio, servem para formar os tempos compostos de todos os verbos. Taes são: *haver* e *ter*.

Conjugação dos Verbos Auxiliares.

HAVER.		TER.	

MODO INDICATIVO.

Tempo presente.

	HAVER		TER
N. S.	Hei, (1),	N. S.	Tenho,
	Has,		Tens,
	Ha.		Tem.
N. P.	Havemos,	N. P.	Temos,
	Haveis,		Tendes,
	Hão.		Teem.

Preterito imperfeito.

	HAVER		TER
N. S.	Havia,	N. S.	Tinha,
	Havias,		Tinhas,
	Havia.		Tinha.
N. P.	Haviamos,	N. P.	Tinhamos,
	Havieis,		Tinheis,
	Haviam.		Tinham.

(1) A ellipse do pronome sujeito, por tornar a phrase concisa, dá-lhe mais vigor ou energia. Evitando, alem disso, a monotonia do dizer, pela não repetição delle, dota-o de mais fluencia ou harmonia. Por virtude destas vantagens que á lingua portugueza adveem desta especie de ellipse, é esta considerada uma belleza. Cumpre pois que a ella se habitue o alumno, decorando sem os pronomes estes verbos e os que se acham adiante conjugados.

Outro.

N. S. Houvera,	N. S. Tivera,
Houveras,	Tiveras,
Houvera.	Tivera.
N. P. Houveramos,	N. P. Tiveramos,
Houvereis,	Tivereis,
Houveram.	Tiveram.

Preterito perfeito.

N. S. Houve,	N. S. Tive,
Houveste,	Tiveste,
Houve.	Teve.
N. P. Houvemos,	N. P. Tivemos,
Houvestes,	Tivestes,
Houveram.	Tiveram.

Preterito mais que perfeito.

N. S. Houvera,	N. S. Tivera,
Houveras,	Tiveras,
Houvera.	Tivera.
N. P. Houveramos,	N. P. Tiveramos,
Houvereis,	Tivereis,
Houveram.	Tiveram.

Futuro absoluto.

N. S. Haverei,	N. S. Terei,
Haverás,	Terás,
Haverá.	Terá.
N. P. Haveremos,	N. P. Teremos,
Havereis,	Tereis,
Haverão.	Terão.

Futuro imperfeito composto.

(O verbo *haver*, como auxiliar, não tem este tempo).

N. S.	Hei	de ter.
	Has	
	Ha	
N. P.	Havemos	
	Haveis	
	Hão	

Futuro mais que perfeito composto.

(Idem).

N. S.	Havia	de ter.
	Havias	
	Havia	
N. P.	Haviamos	
	Havieis	
	Haviam	

MODO CONDICIONAL.

Futuro.

N. S.	Haveria,	N. S.	Teria,
	Haverias,		Terias,
	Haveria.		Teria.
N. P.	Haveriamos,	N. P.	Teriamos,
	Haverieis,		Terieis,
	Haveriam.		Teriam.

Outro.

N. S.	Houvera,	N. S.	Tivera,
	Houveras,		Tiveras,
	Houvera.		Tivera.
N. P.	Houveramos,	N. P.	Tiveramos,
	Houvereis,		Tivereis,
	Houveram.		Tiveram.

MODO IMPERATIVO.

Futuro.

N. S. Ha tu. [1].	N. S. Tem tu.
N. P. Havei vós.	N. P. Tende vós.

MODO CONJUNCTIVO.

Presente.

N. S. Haja,	N. S. Tenha,
Hajas,	Tenhas,
Haja.	Tenha.
N. P. Hajamos,	N. P. Tenhamos,
Hajaes,	Tenhaes,
Hajam.	Tenham.

Preterito imperfeito.

N. S. Houvesse,	N. S. Tivesse,
Houvesses,	Tivesses,
Houvesse.	Tivesse.
N. P. Houvessemos,	N. P. Tivessemos,
Houvesseis,	Tivesseis,
Houvessem.	Tivessem.

Outro.

N. S. Houvera,	N. S. Tivera,
Houveras,	Tiveras,
Houvera.	Tivera.
N. P. Houveramos,	N. P. Tiveramos,
Houvereis,	Tivereis,
Houveram.	Tiveram.

---

(1) A inversão das proposições, outra belleza de nossa lingua, constitue uma caracteristica das proposições de imperativo e de infinito pessoal. No intuito de se adquirir o habito de construi-las na ordem inversa, é que fazemos conjugar os tempos daquelles dous modos com os pronomes claros e pospostos

Futuro.

N. S.	Houver,	N. S.	Tiver,
	Houveres,		Tiveres,
	Houver.		Tiver.
N. P.	Houvermos,	N. P.	Tivermos,
	Houverdes,		Tiverdes,
	Houverem.		Tiverem.

MODO INFINITO PESSOAL.

Presente.

Haver. — Ter.

Participio presente.

Havendo. — Tendo.

Gerundio.

Em havendo. — Em tendo.

Participio preterito.

Havido, a, os, as. — Tido, a, os, as.

Supino.

Havido. — Tido.

MODO INFINITO PESSOAL.

Presente.

N. S.	Haver eu,	N. S.	Ter eu,
	Haveres tu,		Teres tu,
	Haver elle.		Ter elle.
N. P.	Havermos nós,	N. P.	Termos nós,
	Haverdes vós,		Terdes vós,
	Haverem elles.		Terem elles.

Estes verbos, quando attributivos, auxiliam-se, ou a si mesmos, ou um ao outro; e, como auxiliares, não teem participio preterito nem supino. Conservam-se nelles estas fórmas, paraque, quando os conjugar, como attributivos, possa o alumno formar a sua voz passiva, e os tempos do preterito e do futuro, que, na voz activa, se compõem, juntando-se-lhes o supino.

SECÇÃO 2.ª

Conjugação do Verbo Substantivo.

MODO INDICATIVO.

Presente.

N. S.	Sou,	N. P.	Somos,
	És,		Sois,
	É.		São.

Preterito imperfeito.

N. S.	Era,	N. P.	Eramos,
	Eras,		Ereis,
	Era.		Eram.

Preterito perfeito.

N. S.	Fui,	N. P.	Fomos,
	Foste,		Fostes,
	Foi.		Foram.

Preterito perfeito composto.

N. S.	Hei ou tenho	sido.
	Has ou tens	
	Ha ou tem	
N. P.	Havemos ou temos	
	Haveis ou tendes	
	Hão ou teem	

Preterito anterior.

N. S. Houve ou tive
Houveste ou tiveste
Houve ou teve
N. P. Houvemos ou tivemos
Houvestes ou tivestes
Houveram ou tiveram
} sido.

Preterito mais que perfeito.

N. S. Fora,
Foras,
Fora.

N. P. Foramos,
Foreis,
Foram.

Preterito mais que perfeito composto.

N. S. Havia ou tinha
Havias ou tinhas
Havia ou tinha
N. P. Haviamos ou tinhamos
Havieis ou tinheis
Haviam ou tinham
} sido.

Outro.

N. S. Houvera ou tivera
Houveras ou tiveras
Houvera ou tivera
N. P. Houveramos ou tiveramos
Houvereis ou tivereis
Houveram ou tiveram
} sido.

Futuro absoluto.

N. S. Serei,
Serás,
Será.

N. P. Seremos,
Sereis,
Serão.

Futuro imperfeito composto.

N. S.	Hei ou tenho	de ser.
	Has ou tens	
	Ha ou tem	
N. P.	Havemos ou temos	
	Haveis ou tendes	
	Hão ou teem	

Futuro perfeito composto.

Primeira fórma.

N. S.	Haverei ou terei	sido.
	Haverás ou terás	
	Haverá ou terá	
N. P.	Haveremos ou teremos	
	Havereis ou tereis	
	Haverão ou terão	

Segunda fórma.

N. S.	Haverei ou terei	de ser.
	Haverás ou terás	
	Haverá ou terá	
N. P.	Haveremos ou teremos	
	Havereis ou tereis	
	Haverão ou terão	

Futuro mais que perfeito composto.

N. S.	Havia ou tinha	de ser.
	Havias ou tinhas	
	Havia ou tinha	
N. P.	Haviamos ou tinhamos	
	Havieis ou tinheis	
	Haviam ou tinham	

Futuro anterior composto.

N. S. Houve ou tive
Houveste ou tiveste
Houve ou teve
N. P. Houvemos ou tivemos
Houvestes ou tivestes
Houveram ou tiveram
} de ser.

Futuro anterior perfeito composto. (1)

N. S. Hei de ter
Has de ter
Ha de ter
N. P. Havemos de ter
Haveis de ter
Hão de ter
} sido.

Futuro anterior mais que perfeito composto. (2).

N. S. Havia de ter
Havias de ter
Havia de ter
N. P. Haviamos de ter
Havieis de ter
Haviam de ter
} sido.

MODO CONDICIONAL.

Futuro.

N. S. Seria,
Serias,
Seria.

N. P. Seriamos,
Serieis,
Seriam.

---

(1) Exemplo: "*Ha de ter sido* discreto, depois dos conselhos que lhe dei."

(2) Exemplo: "*Havia de ter sido* feliz, si frequentasse os bons."

Outro. (1).

N. S.	Fora,	N. P.	Foramos,
	Foras,		Foreis,
	Fora.		Foram.

Futuro perfeito composto.

Primeira fórma.

N. S. Haveria ou teria
Haverias ou terias
Haveria ou teria
N. P. Haveriamos ou teriamos
Haverieis ou terieis
Haveriam ou teriam
} sido.

Segunda fórma.

N. S. Haveria ou teria
Haverias ou terias
Haveria ou teria
N. P. Haveriamos ou teriamos
Haverieis ou terieis
Haveriam ou teriam
} de ser.

Outro.

Primeira fórma. (2)

N. S. Houvera ou tivera
Houveras ou tiveras
Houvera ou tivera
N. P. Houveramos ou tiveramos
Houvereis ou tivereis
Houveram ou tiveram
} sido.

---

(1) Exemplo: "Melhor *fora* (seria) que quem tinha de sua mão a chave da natureza, desprezasse por indigna a chave de cortezão (LATINO COELHO.—*Elogio do Barão de Humboldt,* pag. 290)."

(2) Exemplo: "Melhor *houvera sido* (haveria sido) todavia que a rainha tivesse esperado a demissão do ministerio... (IDEM.—*Elogio de D. Fr. Francisco de S. Luiz.* Nota 13.ª)"

Segunda fórma. [1]

N. S. Houvera ou tivera
Houveras ou tiveras
Houvera ou tivera
N. P. Houveramos ou tiveramos
Houvereis eu tivereis
Houveram ou tiveram
} de ser.

MODO IMPERATIVO.

Futuro.

N. S. Sê tu. N. P. Sede vós.

MODO CONJUNCTIVO.

Presente.

N. S. Seja, N. P. Sejamos,
Sejas, Sejaes,
Seja. Sejam.

Preterito imperfeito.

N. S. Fosse, N. P. Fossemos,
Fosses, Fosseis,
Fosse. Fossem.

Outro. [2].

N. S. Fora, N. P. Foramos,
Foras, Foreis,
Fora. Foram.

---

[1] Exemplo: "Interminavel ou prolixa *houvera de ser* (haveria de ser) a enumeração de quantos documentos nos exhibem os mythos e as memorias helenicas,... (IDEM.—*Introd. á Oração da Coroa de Demosthenes*, pag. LIII)."

[2] Exemplo: "Si pois a lingua patria não existiria, si não *fora* (fosse) a degeneração da lingua mãe, onde está o padrão por que havemos de aferir esta suprema e inexcedivel perfeição, em que uma linguagem se diz fixada, e em que é urgente circumda-la de muros e barreiras, paraque não a venham elementos forasteiros macular e corromper? (LATINO COELHO.—*Elogio de D. Fr. Francisco de S. Luiz*, Nota 4.ª)."

Preterito composto.

N. S. Haja ou tenha
Hajas ou tenhas
Haja ou tenha
N. P. Hajamos ou tenhamos
Hajaes ou tenhaes
Hajam ou tenham
} sido.

Preterito mais que perfeito composto.

N. S. Houvesse ou tivesse
Houvesses ou tivesses
Houvesse ou tivesse
N. P. Houvessemos ou tivessemos
Houvesseis ou tivesseis
Houvessem ou tivessem
} sido.

Outro. (1).

N. S. Houvera ou tivera
Houveras ou tiveras
Houvera ou tivera
N. P. Houveramos ou tiveramos
Houvereis ou tivereis
Houvèram ou tiveram
} sido.

---

(1) Exemplos: "As lendas religiosas testificariam, si bem que sob mythicos aspectos, as antigas relações da Grecia com as afastadas terras do Oriente, onde vivia um povo aryano, si não *hoveram sido* (hovessem sido) redigidas após as victoriosas excurções de Alexandre Magno. (LATINO COELHO.—*Introd. á Oração da Coroa de Demosthenes,* pag. LXXVII)." "A supposição destes cosmographos era seguida por grande numero de cartographos que em seus mappas desenhavam o paraiso, com tão plena e sincera consciencia, como si a situação dos seus logares *tivera sido* (tivesse sido) determinada por inspecção ocular e por meio de processos astronomicos (IDEM.—*Galeria de Varões Illustres de Portugal,* n.º 2, Vasco da Gama, 1.ª Parte, pag. 161)."

Futuro.

N. S.	For,	N. P.	Formos,
	Fores,		Fordes,
	For.		Forem.

Futuro imperfeito composto.

N. S.	Haja ou tenha	de ser.
	Hajas ou tenhas	
	Haja ou tenha	
N. P.	Hajamos ou tenhamos	
	Hajaes ou tenhaes	
	Hajam ou tenham	

Futuro perfeito composto.

Primeira fórma.

N. S.	Houver ou tiver	sido.
	Houveres ou tiveres	
	Houver ou tiver	
N. P.	Houvermos ou tivermos	
	Houverdes ou tiverdes	
	Houverem ou tiverem	

Segunda fórma.

N. S.	Houver ou tiver	de ser.
	Houveres ou tiveres	
	Houver ou tiver	
N. P.	Houvermos ou tivermos	
	Houverdes ou tiverdes	
	Houverem ou tiverem	

Futuro mais que perfeito composto.

N. S.	Houvesse ou tivesse	de ser.
	Houvesses ou tivesses	
	Houvesse ou tivesse	
N. P.	Houvessemos ou tivessemos	
	Houvesseis ou tivesseis	
	Houvessem ou tivessem	

Outro.

N. S. Houvera ou tivera
Houveras ou tiveras
Houvera ou tivera
N. P. Houveramos ou tivera-
mos
Houvereis ou tivereis
Houveram ou tiveram
} de ser.

MODO INFINITO IMPESSOAL.

Presente.

Ser.

Preterito.

Haver ou ter sido.

Participio presente.

Sendo.

Gerundio.

Em sendo.

Participio preterito composto.

Havendo ou tendo sido.

Futuro.

Haver ou ter de ser.

Participio futuro composto.

Havendo ou tendo de ser.

Supino.

Sido.

MODO INFINITO PESSOAL.

Presente.

N. S.	Ser eu,	N. P.	Sermos nós,
	Seres tu,		Serdes vós,
	Ser elle.		Serem elles.

Preterito.

N. S. Haver ou ter eu
Haveres ou teres tu
Haver ou ter elle
N. P. Havermos ou termos nós
Haverdes ou terdes vós
Haverem ou terem elles } sido.

Futuro.

N. S. Haver ou ter eu
Haveres ou teres tu
Haver ou ter elle
N. P. Havermos ou termos nós
Haverdes ou terdes vós
Haverem ou terem elles } de ser.

SECÇÃO 3.ª

Verbos regulares.

É *regular* o verbo que, em todas as suas fórmas, conserva o radical do presente do infinito impessoal, e tem as mesmas terminações do paradigma ou modelo da conjugação a que pertence, como se vê em **cant***ar*, que, em todos as fórmas, conserva o radical *cant*, e tem as mesmas terminações de *amar*, seu modelo.

A lingua portugueza tem só tres conjugações regulares de verbos attributivos: a primeira que faz o infinito em *ar*: **amar**; a segunda, em *er*: **mover**; a terceira, em *ir*: **unir.**

	Amar.	Mover.	Unir.

MODO INDICATIVO.

Presente.

S.	Am*o*,	Mov*o*,	Un*o*,
	Am*as*,	Mov*es*,	Un*es*,
	Am*as*.	Mov*e*.	Un*e*.
P.	Am*amos*,	Mov*emos*,	Un*imos*,
	Am*aes*,	Mov*eis*,	Un*is*,
	Am*am*.	Mov*em*.	Un*em*.

Preterito imperfeito.

S.	Am*ava*,	Mov*ia*,	Un*ia*,
	Am*avas*,	Mov*ias*,	Un*ias*,
	Am*ava*.	Mov*ia*.	Un*ia*.
P.	Am*avamos*,	Mov*iamos*,	Un*iamos*,
	Am*aveis*,	Mov*ieis*,	Un*ieis*,
	Am*avam*.	Mov*iam*.	Un*iam*.

Preterito perfeito.

S.	Am*ei*,	Mov*i*,	Un*i*,
	Am*aste*,	Mov*este*,	Un*iste*,
	Am*ou*.	Mov*eu*.	Un*iu*.
P.	Am*amos*,	Mov*emos*,	Un*imos*,
	Am*astes*,	Mov*estes*,	Un*istes*,
	Am*aram*.	Mov*eram*.	Un*iram*.

Preterito perfeito composto.

N. S.	Hei ou tenho Has ou tens Ha ou tem	*amado, movido, unido.*
N. P.	Havemos ou temos Haveis ou tendes Hão ou teem	

Preterito anterior. (1)

S.	Houve ou tive Houveste ou tiveste Houve ou teve	*amado, movido, unido.*
P.	Houvemos ou tivemos Houvestes ou tivestes Houveram ou tiveram	

Preterito mais que perfeito.

S.	Am*ara*,	Mov*era*,	Un*ira*,
	Am*aras*,	Mov*eras*,	Un*iras*,
	Am*ara*.	Mov*era*.	Un*ira*.
P.	Am*aramos*,	Mov*eramos*,	Un*iramos*,
	Am*areis*,	Mov*ereis*,	Un*ireis*,
	Am*aram*.	Mov*eram*.	Un*iram*.

Preterito mais que perfeito composto.

S.	Havia ou tinha Havias ou tinhas Havia ou tinha	*amado, movido, unido.*
P.	Haviamos ou tinhamos Havieis ou tinheis Haviam ou tinham	

---

(1) Este tempo tem sido usado por alguns autores, como se vê numa Serranilha do Cancioneirinho, n.° XXVII, em que Pero Carcia Burgalez se exprime assim: "Do que me *houve jurado.*" (TH. BRAGA.—*Man. da Hist. da Litt. Portug.*, pag. 49); e na Decada 1.°, Livro 10.°, Cap. 2.°, onde João

Outro. (1).

S.	Houvera ou tivera	
	Houveras ou tiveras	
	Houvera ou tivera	
P.	Houveramos ou tiveramos	*amado*, *movido*, *unido*.
	Houvereis ou tivereis	
	Houveram ou tiveram	

Futuro absoluto.

S.	Am*arei*,	Mov*erei*,	Un*irei*,
	Am*arás*,	Mov*erás*,	Un*irás*,
	Am*ará*.	Mov*erá*.	Un*irá*.
P.	Am*aremos*,	Mov*eremos*,	Un*iremos*,
	Am*arêis*,	Mov*erêis*,	Un*irêis*,
	Am*arão*.	Mov*erão*.	Un*irão*.

Futuro imperfeito composto.

S.	Hei ou tenho	
	Has ou tens	
	Ha ou tem	
P.	Havemos ou temos	de *amar*, *mover*, *unir*.
	Haveis ou tendes	
	Hão ou teem	

---

de Barros diz: "Como *teve elegido* o logar para a fortaleza, andou buscando alguma pedra." Hoje porem é raro entre nós o seu emprego.

(1) Exemplos: "Depois que passando sob o dominio de varios emphyteutas, o *tivera adquirido* (tinha adquirido) o major Humboldt, o gosto elegante do novo proprietario havia se empenhado em tornar mais formosa aquella mansão senhorial... (LATINO COELHO.—Elogio do Barão de Humboldt pag. 47." "No trajecto de Puerto Cabello para os deliciosos valles de Araguay, verificou Humboldt, pelos seus proprios olhos, a existencia e as propriedades da celebrada arvore da vacca, de que até então *houvera duvidado* (havia duvidado), apezar do que das suas maravilhas tinha ouvido referir (*Obra cit.*, pag. 180.)

Futuro perfeito composto.

Primeira Fórma.

S. Haverei ou terei Haverás ou terás Haverá ou terá P. Haveremos ou teremos Havereis ou tereis Haverão ou terão	*amado*, *movido*, *unido*.

Segunda fórma.

S. Haverei ou terei Haverás ou terás Haverá ou terá P. Haveremos ou teremos Havereis ou tereis Haverão ou terão	de *amar*, *mover*, *unir*.

Futuro mais que perfeito composto.

S. Havia ou tinha Havias ou tinhas Havia ou tinha P. Haviamos ou tinhamos Havieis ou tinheis Haviam ou tinham	de *amar*, *mover*, *unir*.

Futuro anterior composto. (1).

S. Houve ou tive Houveste ou tiveste Houve ou teve P. Houvemos ou tivemos Houvestes ou tivestes Houveram ou tiveram	de *amar*, *mover*, *unir*,

---

(1) Exemplo: "Não contava bem Antonio Vieira oito annos de idade quando em 1615 *teve de acompanhar* sua familia para a metropole do Brazil. (JOÃO FRANCISCO LISBOA.— *Vida do Padre A. Vieira*)."

Futuro anterior perfeito composto. (1).

S.	Hei de ter	*amado, movido, unido.*
	Has de ter	
	Ha de ter	
P.	Havemos de ter	
	Haveis de ter	
	Hão de ter	

Futuro anterior mais que perfeito composto. (2).

S.	Havia de ter	*amado, movido, unido.*
	Havias de ter	
	Havia de ter	
P.	Haviamos de ter	
	Havieis de ter	
	Haviam de ter	

MODO CONDICIONAL.

Futuro.

S.	Am*aria*,	Mov*eria*,	Un*iria*,
	Am*arias*,	Mov*erias*,	Un*irias*,
	Am*aria*.	Mov*eria*.	Un*iria*.
P.	Am*ariamos*,	Mov*eriamos*,	Un*iriamos*,
	Am*arieis*,	Mov*erieis*,	Un*irieis*,
	Am*ariam*.	Mov*eriam*.	Un*iriam*.

Outro. (3).

S.	Am*ara*,	Mov*era*,	Un*ira*,
	Am*aras*,	Mov*eras*,	Un*iras*,
	Am*ara*.	Mov*era*.	Un*ira*.
P.	Am*aramos*,	Mov*eramos*,	Un*iramos*,
	Am*areis*,	Mov*ereis*,	Un*ireis*,
	Am*aram*.	Mov*eram*.	Un*iram*.

---

(1) Exemplo: "*Hei de ter jantado,* quando chegares. (PAULINO DE SOUZA—*Grammaire Portugaise*, pag. 101)."

(2) Exemplo: "O orador *havia de ter falado,* quando entraste no recinto da assembléa."

(3) Exemplo: "De si *podera* (poderia) dizer, como o heroe da India: "Mal com el-rei, por causa dos homens, e mal com os homens por causa de el-rei. (LATINO COELHO.—*Elogio de D. Frei Francisco de S. Luiz,* nota 11.ª.)"

Futuro perfeito composto.

Primeira fórma.

S.	Haveria ou teria	*amado, movido, unido.*
	Haverias ou terias	
	Haveria ou teria	
P.	Haveriamos ou teriamos	
	Haverieis ou terieis	
	Haveriam ou teriam	

Segunda fórma.

S.	Haveria ou teria	de *amar, mover, unir.*
	Haverias ou terias	
	Haveria ou teria	
P.	Haveriamos ou teriamos	
	Haverieis ou terieis	
	Haveriam ou teriam	

Outro (1)

Primeira fórma.

S.	Houvera ou tivera	*amado, movido, unido.*
	Houveras ou tiveras	
	Houvera ou tivera	
P.	Houveramos ou tiveramos	
	Houvereis ou tivereis	
	Houveram ou tiveram	

Segunda fórma.

S.	Houvera ou tivera	de *amar, mover, unir.*
	Houveras ou tiveras	
	Houvera ou tivera	
P.	Houveramos ou tiveramos	
	Houvereis ou tivereis	
	Houveram ou tiveram	

---

(2) Exemplos: "O padre Vieira, que discorrera por tantas peregrinas regiões, enriqueceu a lingua com palavras e modismos, que João de

MODO IMPERATIVO.

Futuro.

S.	Am*a* tu.	Mov*e* tu.	Un*e* tu.
P.	Am*ae* vós.	Mov*ei* vós.	Un*i* vós.

MODO CONJUNCTIVO.

Presente.

S.	Am*e*,	Mov*a*,	Un*a*,
	Am*es*,	Mov*as*,	Un*as*,
	Am*e*.	Mov*a*.	Un*a*.
P.	Am*emos*,	Mov*amos*,	Un*amos*,
	Am*eis*,	Mov*aes*,	Un*aes*,
	Am*em*.	Mov*am*.	Un*am*.

Preterito imperfeito.

S.	Am*asse*,	Mov*esse*,	Un*isse*,
	Am*asses*,	Mov*esses*,	Un*isses*,
	Am*asse*.	Mov*esse*.	Un*isse*.
P.	Am*assemos*,	Mov*essemos*,	Un*issemos*,
	Am*asseis*,	Mov*esseis*,	Un*isseis*,
	Am*assem*.	Mov*essem*.	Un*issem*.

Barros *houvera taxado* (haveria taxado) de contrarios á vernaculidade, como a elle entendia e praticava. (LATINO COELHO.—*Elogio de D. Frei Francisco de S. Luiz,* nota 4.ª)." "A sua immaculada austeridade nos *houvera de persuadir* (haveria de persuadir) que bem presidiria ao fomento da instrucção e á reforma dos abusos academicos, quem tanto prezava a illustração e a pureza dos costumes. (*Obra cit.* Nota 8.ª)."

Outro. (1).

S. Am*ara*,	Mov*era*,	Un*ira*,
Am*aras*,	Mov*eras*,	Un*iras*,
Am*ara*.	Mov*era*.	Un*ira*.
P. Am*aramos*,	Mov*eramos*,	Un*iramos*,
Am*areis*,	Mov*ereis*,	Un*ireis*,
Am*aram*.	Mov*eram*.	Un*iram*.

Preterito composto.

S. Haja ou tenha
Hajas ou tenhas
Haja ou tenha
P. Hajamos ou tenhamos
Hajaes ou tenhaes
Hajam ou tenham
} *amado*, *movido*, *unido*.

Preterito mais que perfeito composto.

S. Houvesse ou tivesse
Houvesses ou tivesses
Houvesse ou tivesse
P. Houvessemos ou tivessemos
Houvesseis ou tivesseis
Houvessem ou tivessem
} *amado*, *movido*, *unido*.

---

(1) Exemplo. "Salvo o respeito ao immortal cantor (Camões), preterindo as observações sobre o estylo, a linguagem, os episodios, em que algo se depara que censurar, é licito colligir que não seria em Macedo temeraria a analyse do poema, si o *fizera* (fizesse) com imparcialidade, etc. (LATINO COELHO.— *Elogio de D. Frei Francisco de S. Luiz,* Nota 6.ª)."

Outro. (1).

S.	Houvera ou tivera	*amado, movido, unido.*
	Houveras ou tiveras	
	Houvera ou tivera	
P.	Houveramos ou tiveramos	
	Houvereis ou tivereis	
	Houveram ou tiveram	

Futuro.

S.	Am*ar*,	Mov*er*,	Un*ir*,
	Am*ares*,	Mov*eres*,	Un*ires*,
	Am*ar*.	Mov*er*.	Un*ir*.
P.	Am*armos*,	Mov*ermos*,	Un*irmos*,
	Am*ardes*,	Mov*erdes*,	Un*irdes*,
	Am*arem*.	Mov*erem*.	Un*irem*.

Futuro imperfeito composto.

S.	Haja ou tenha	de *amar, mover, unir.*
	Hajas ou tenhas	
	Haja ou tenha	
P.	Hajamos ou tenhamos	
	Hajaes ou tenhaes	
	Hajam ou tenham	

Futuro perfeito composto.

Primeira fórma.

S.	Houver ou tiver	*amado, movido, unido.*
	Houveres ou tiveres	
	Houver ou tiver	
P.	Houvermos ou tivermos	
	Houverdes ou tiverdes	
	Houverem ou tiverem	

(1) Exemplos: "Si não *tivera trajado* (tivesse trajado) a purpura romana, teria tido por distincção a honra mais singular de a ter merecido pelos seus dotes evangelicos. Si não *houvera subido* (houvesse subido) nunca

Segunda fórma.

S. Houver ou tiver
Houveres ou tiveres
Houver ou tiver
P. Houvermos ou tivermos
Houverdes ou tiverdes
Houverem ou tiverem
} de *amar*, *mover*, *unir*.

Futuro mais que perfeito composto.

S. Houvesse ou tivesse
Houvesses ou tivesses
Houvesse ou tivesse
P. Houvessemos ou tives-
semos
Houvesseis ou tivesseis
Houvessem ou tivessem
} de *amar*, *mover*, *unir*.

Outro. (1).

S. Houvera ou tivera
Houveras ou tiveras
Houvera ou tivera
P. Houveramos ou tivera-
mos
Houvereis eu tivereis
Houveram ou tiveram
} de *amar*, *mover*, *unir*.

ás prelaturas, o seu aspecto venerando, e os seus costumes verdadeiramente pastoraes teriam feito lembrar nelle a autoridade e a doutrina dos prelados (*Obra cit.*, pag. 6)."

(1) Exemplo: "Descendo ao particular, infinita materia fora, si *houvera de discorrer* (houvesse de discorrer) pelas virtudes de que o autor da natureza a dotou, e fez admiravel em cada um de vós. (VIEIRA.—*Sermões*)."

MODO INFINITO IMPESSOAL.

Presente.

Am*ar*.	Mov*er*.	Un*ir*.

Preterito.

Haver ou ter *amado*.	Haver ou ter *movido*.	Haver ou ter *unido*.

Participio presente.

Am*ando*.	Mov*endo*.	Un*indo*.

Gerundio.

Em am*ando*.	Em mov*endo*.	Em un*indo*.

Participio preterito.

Am*ado*, *a*, *os*, *as*.	Mov*ido*, *a*, *os*, *as*.	Un*ido*, *a*, *os*, *as*.

Participio preterito composto.

Havendo ou tendo *amado*.	Havendo ou tendo *movido*.	Havendo ou tendo *unido*.

Futuro.

Haver ou ter de *amar*.	Haver ou ter de *mover*.	Haver ou ter de *unir*.

Participio futuro composto.

Havendo ou tendo de *amar*.	Havendo ou tendo de *mover*.	Havendo ou tendo de *unir*.

Supino.

Am*ado*.	Mov*ido*.	Un*ido*.

MODO INFINITO PESSOAL.

Presente.

S.	Am*ar* eu,	Mov*er* eu,	Un*ir* eu,
	Am*ares* tu,	Mov*eres* tu,	Un*ires* tu,
	Am*ar* elle.	Mov*er* elle.	Un*ir* elle.
P.	Am*armos* nós,	Mov*ermos* nós,	Un*irmos* nós,
	Am*ardes* vós,	Mov*erdes* vós,	Un*irdes* vós,
	Am*arem* elles.	Mov*erem* elles.	Un*irem* elles.

Preterito.

S. Haver ou ter eu
Haveres ou teres tu
Haver ou ter elle
P. Havermos ou termos nós
Haverdes ou terdes vós
Haverem ou terem elles

} *amado*, *movido*, *unido*.

Futuro.

S. Haver ou ter eu
Haveres ou teres tu
Haver ou ter elle
P. Havermos ou termos nós
Haverdes ou terdes vós
Haverem ou terem elles

} de *amar*, *mover*, *unir*.

Conjuga-se pois qualquer verbo regular, nos tempos simples, juntando-se ao radical, ou á parte que precede as terminações *ar*, *er*, *ir*, do presente do infinito impessoal, as inflexões respectivas, que se acham gryphadas

nos modelos das tres conjugações; nos tempos compostos do preterito, combinando-se as linguagens dos auxiliares com o supino; e, nos tempos compostos do futuro combinando-se as linguagens dos auxiliares, ora com o supino, ora com o presente do infinito impessoal.

SECÇÃO 4.ª

Verbos irregulares.

É *irregular* o verbo que, em todas as suas fórmas, ou somente em algumas, apresenta anomalias *thematicas*, *flexionaes* e *thematico-flexionaes*.

As anomalias são *thematicas,* quando o verbo não conserva o mesmo radical do presente do infinito impessoal, como em *digo* de *dizer*, *cubro* de *cubrir*.

As anomalias são *flexionaes*, quando o verbo tem terminações diversas das do seu paradigma, como em *estive* de *estar*, *dás* de *dar*.

As anomalias são *thematico-flexionaes*, quando o verbo não conserva o mesmo radical do presente do infinito impessoal, e tem terminações diversas das do seu paradigma, como em *soube* de *saber*, *fizeram* de *fazer*.

Os *verbos irregulares*, ou são *accidentalmente irregulares*, ou *essencialmente irregulares*.

Ha verbos irregulares que são ao mesmo tempo destas duas especies, como se vê em *sigo* de *seguir*.

I

Verbos accidentalmente irregulares.

Verbos accidentalmente irregulares são aquelles cuja pronuncia não é alterada pelas modificações que soffrem em sua fórma, como *eleger*, que, sem se dar alteração de som, soffre em *elejo*; *eleja*, *elejas*, etc. a mudança do *g*, em *j*.

Primeira Conjugação.

São accidentalmente irregulares, nas fórmas que teem o radical seguido de *e*:

1.º Os verbos em *gar*, que pedem a vogal *u*, entre o radical e a inflexão: *rogue*, *roguei* de *rogar*.

2.º Os verbos em *car* ou *ccar*, que mudam o *c* ou *cc* em *qu*: *fique*, *fiquei* de *ficar*; *peque*, *pequei* de *peccar*.

3.º Os verbos em *çar*, que perdem a cedilha: *ice*, *icei* de *içar*.

Segunda e terceira conjugação.

São accidentalmente irregulares, nas fórmas que teem o radical seguido de *a* ou *o*:

1.º Os verbos em *cer* e *cir*, que pedem uma cedilha: *conheço*, *conheça* de *conhecer*; *resarço*, *resarça*, de *resarcir*.

2.º Os verbos em *ger* e *gir*, que mudam o *g*, em *j*: *abranjo*, *abranja* de *abranger*; *finjo*, *finja* de *fingir*.

3.º Os verbos em *guer* e *guir*, que perdem a vogal *u*: *ergo*, *erga* de *erguer*; *distingo*, *distinga* de *distinguir*. Exceptua-se *arguir*, que sempre a conserva.

II

Verbos essencialmente irregulares.

Verbos essencialmente irregulares são aquelles cuja pronuncia é alterada pelas modificações que soffrem em sua fórma, como *pedir*, que, com alteração de som, soffre um *peço*, *peça*, etc., a mudança do *d* em *ç*.

Nos verbos essencialmente irregulares, dão-se as seguintes particularidades que cumpre conhecer, porque facilitam sua conjugação:

1.ª Quando um verbo é irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, communica essa irregularidade a todas as linguagens do presente do subjunctivo, como se vê em *ouvir*, que faz, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, *ouço*, e, no presente do subjunctivo, *ouça*, *ouças*, *ouça*, *ouçamos*, *ouçaes*, *ouçam*. Exceptuam-se os verbos *dar*,

estar, haver, ir, querer, saber, que, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, fazem *dou, estou, hei, vou, quero, sei*, e, no presente do subjunctivo, *dê, esteja, haja, vá, queira, saiba.*

2.ª Quando um verbo é irregular nas segundas pessoas do presente do indicativo, communica essa irregularidade ao imperativo, como se vê em *crer*, que faz, nas segundas pessoas do presente do indicativo, *crês, credes*, e, no imperativo, *crê, crede.*

3.ª Quando um verbo é irregular na terceira pessoa do plural do preterito perfeito do indicativo, communica essa irregularidade ao preterito mais que perfeito do indicativo, e ao preterito imperfeito e futuro do subjunctivo, como se vê nas seguintes linguagens do verbo *fazer*: **Indicativo**, terceira pessoa do plural do preterito perfeito, *fizeram*; preterito mais que perfeito, *fizera, fizeras, fizera, fizeramos, fizereis, fizeram*: **Subjunctivo**, preterito imperfeito, *fizesse, fizesses, fizesse, fizessemos, fizesseis, fizessem*; futuro, *fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.*

4.ª Quando um verbo é irregular no presente do infinito impessoal, communica essa irregularidade ao futuro absoluto do indicativo, ao futuro simples do condicional, e ao presente do infinito pessoal. Dá-se isto apenas com os verbos *pôr* e *ir*, cujos tempos mencionados são: *porei, irei*; *poria, iria*; *pôr eu, ir eu.*

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO.

Dar.

INDIC. *pres.* D*ou*, d*ás*, d*á*, damos, daes, d*ão*.
» *perf.* Dei, d*é*ste, d*e*u, d*e*mos, d*é*stes, d*e*ram.
SUBJ. *pres.* D*ê*, d*ê*s, d*ê*, demos, deis, d*e*em.

Estar.

INDIC. *pres.* Est*ou*, est*á*s, est*á*, estamos, estaes, est*ão*.
» *perf.* Est*ive*, est*ive*ste, est*eve*, est*ive*mos, est*ive*stes, est*ive*ram.
SUBJ. *pres.* Est*eja*, est*ejas*, est*eja*, est*eja*mos, est*eja*es, est*eja*m.

Moscar.

INDIC. *pres.* M*u*sco, m*u*scas, m*u*sca, moscamos, moscaes, m*u*scam.

Verbos terminados em **ear.**

Os verbos em *ear* tomam um *i* euphonico na primeira, segunda e terceira pessoa do singular, e na terceira do plural do presente do indicativo, e communicam esta irregularidade ás mesmas pessoas do presente do subjunctivo, e á segunda do singular do imperativo, como se vê nas seguintes fórmas do verbo *cear*:

INDIC. *pres.* Ce*i*o, ce*i*as, ce*i*a, ce*i*am.
IMPER. *fut.* Ce*i*a.
SUBJ. *pres.* Ce*i*e, ce*i*es, ce*i*e, ce*i*em.

Crear entretanto conjuga-se nos mesmos tempos, por este modo:

INDIC. *pres.* Cr*i*o, cr*i*as, cr*i*a, creamos, creaes, cr*i*am,
IMPER. *fut.* Cr*i*a, creae.
SUBJ. *pres.* Cr*i*e, cr*i*es, cr*i*e, creemos, creeis, cr*i*em.

Alguns verbos terminados em **iar.**

Alguns verbos derivados de substantivos terminados em *ancia*, *ença* ou *encia*, como *anciar*, *sentenciar*, *agenciar*, exigem um *ê*, antes do *i*, que precede a inflexão, nos mesmos tempos e pessoas, em que os verbos em *ear* pedem um *i*, como se vê em *cadenciar*, que faz:

INDIC. *pres.* Cadenc*e*io, cadenc*e*ias, cadenc*e*ia, cadenc*e*iam.
IMPER. *fut.* Cadenc*e*ia.
SUBJ. *pres.* Cadenc*e*ie, cadenc*e*ies, cadenc*e*ie, cadenc*e*iem.

Tambem seguem esta regra *basofiar*, *commerciar*, *incendiar*, *mediar*, *negociar*, *obsequiar*, *odiar*, *palliar*, *premiar*, *remediar* e o derivado *intermediar*.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO.

Caber.

INDIC. *pres.* Ca*i*bo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

INDIC. *perf.* C*ou*be, c*ou*b*e*ste, c*oube*, c*ou*bemos, c*ou*-b*e*stes, c*ou*b*e*ram.

IMPER. *fut.* Não tem.

Por este conjuga-se *saber*, que differe só na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, que é *sei*.

Comprazer.

INDIC. *pres.* Comprazo, comprazes, *compraz*, comprazemos, comprazeis, comprazem.

Crer.

INDIC. *pres.* Cre*i*o, cr*ê*s, cr*ê*, cremos, cr*ede*s, cr*e*em. Tambem se conjuga assim o verbo *ler*.

Dizer.

INDIC. *pres.* Di*g*o, dizes, *diz*, dizemos, dizeis, dizem.
» *perf.* Di*sse*, di*ss*e*s*te, di*sse*, di*ss*emos, di*sse*stes, di*sse*ram.

INDIC. *fut.* *Dir*ei, *dir*ás, *dir*á, *dir*emos, *dir*eis, *dir*ão.

CONDIC. *fut.* *Dir*ia, *dir*ias, *dir*ia, *dir*iamos, *dir*ieis, *dir*iam.

INF. IMP. *p. p.* Di*t*o, di*t*a, di*t*os, di*t*as.
» » *sup.* Di*t*o.

Fazer.

INDIC. *pres.* Fa*ç*o, fazes, *faz*, fazemos, fazeis, fazem.
» *perf.* F*i*z, f*i*zeste, f*e*z, f*i*zemos, f*i*zestes, f*i*zeram.

INDIC. *fut.* *Far*ei, *far*ás, *far*á, *far*emos, *far*eis, *far*ão.

CONDIC. *fut.* *Far*ia, *far*ias, *far*ia, *far*iamos, *far*ieis, *far*iam.

INF. IMP. *p. p.* F*eit*o, f*eit*a, f*eit*os, f*eit*as.
» » *sup.* F*eit*o.

Haver.

Vejam-se as paginas 156 a 160, onde foi este verbo conjugado, como auxiliar.

Como este, conjuga-se o seu composto *rehaver*, que só se usa nas fórmas que tem *v*.

Jazer.

INDIC. *pres.* Jazo, jazes, *jaz*, jazemos, jazeis, jazem.

Perder.

INDIC. *pres.* Per*c*o, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Poder.

INDIC. *pres.* Po*ss*o, podes, pode, podemos, podeis, podem.
INDIC. *perf.* P*u*d*e*, pod*e*ste, p*ou*d*e*, podemos, pod*e*stes, pod*e*ram
IMPER. *fut.* Não tem.
INF. IMP. Não tem participio preterito.

Pôr (contracção de *poer*, antiquado).

INDIC. *pres.* Po*nh*o, pões, põe, pomos, po*nde*s, põem.
» *imp.* P*unh*a, p*unh*as, p*unh*a, p*unh*amos, p*unh*eis, p*unh*am.
INDIC. *perf.* P*uz*, p*oz*este, p*oz*, p*oz*emos, p*oz*estes, p*oz*eram.
INF. IMP. *pres.* Pôr.
» » *p. pres.* Pondo.
» » *ger.* Em pondo.
» » *p. pret.* Pos*t*o, pos*t*a, pos*t*os, pos*t*as.
« » *sup.* Pos*t*o.

Prazer (unipessoal).

INDIC. *pres.* *Praz*.
» *perf.* Pr*ouve*.
Faltam-lhe o participio passado e o supino.

Si bem não seja na terceira pessoa do plural a irregularidade do preterito perfeito, que não a tem, por ser este verbo unipessoal, communica-se ella ao mais que perfeito do indicativo *prouvera*, e ao imperfeito e futuro do subjunctivo *prouvesse*, *prouver*.

Prover.

INDIC. *pres.* Prov*ej*o, provês, prov*ê*, provemos, pro-v*ede*s ou proveis, prov*ê*em.

IMPER. *fut.* Prov*ê*, prov*ede* ou provei.

Querer.

INDIC. *pres.* Quero, queres, *quer*, queremos, quereis, querem.

INDIC. *perf.* Qu*iz*, qu*iz*este, qu*iz*, qu*iz*emos, qu*iz*es-tes, qu*iz*eram.

IMPER. *fut.* Não tem.

SUBJ. *pres.* Que*i*ra, que*i*ras, que*i*ra, que*i*ramos, que*i*-raes, que*i*ram.

Requerer.

INDIC. *pres.* Reque*i*ro, requeres, *requer*, requeremos, requereis, requerem.

Ter.

Veja-se este verbo, nas paginas 156 a 160, onde se acha conjugado, como auxiliar.

Trazer.

INDIC. *pres.* Tra*g*o, trazes, *traz*, trazemos, trazeis, trazem.

INDIC. *perf.* Tr*ouxe*, tr*ouxe*ste, tr*ouxe*, tr*ouxe*mos, tr*ouxe*stes, tr*ouxe*ram.

INDIC. *fut.* *Trar*ei, *trar*ás, *trar*á, *trar*emos, *trar*eis, *trar*ão.

CONDIC. *fut.* *Trar*ia, *trar*ias, *trar*ia, *trar*iamos, *tra-r*ieis, *trar*iam.

Valer.

INDIC. *pres.* Val*h*o, vales, vale, valemos, valeis, valem.
INF. IMP. Não tem participio preterito.

Ver.

INDIC. *pres.* V*ej*o, vês, vê, vemos, v*ed*es, vêem.
» *perf.* Vi, v*i*ste, v*i*u, v*i*mos, v*i*stes, v*i*ram.
INF. IMP. *p. p.* V*ist*o, v*ist*a, v*ist*os, v*ist*as.
» » *sup.* V*ist*o.

TERCEIRA CONJUGAÇÃO.

Acudir.

INDIC. *pres.* Acudo, ac*o*des, ac*o*de, acudimos, acudis, ac*o*dem.

Acompanham este verbo em suas anomalias *atupir*, *bulir*, *construir*, *cuspir*, *destruir*, *engulir*, *entupir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*, *subir*, *sumir*, *tussir*.

Adherir.

INDIC. *pres.* Adh*i*ro, adheres, adhere, adherimos, adheris, adherem.

E assim *advertir*, *compellir*, *competir*, *concernir*, *convellir*, *convergir*, *despir discernir*, *divergir*, *divertir*, *emergir*, *enxerir*, *expellir*, *ferir*, *gerir*, *immergir*, *impellir*, *inherir*, *interserir*, *inserir*, *mentir*, *preterir*, *reflectir*, *repellir*, *repetir*, *seguir*, *sentir*, *servir*, *submergir*, *suggerir*, *vestir*.

Por analogia, teem as mesmas irregularidades de *ferir*, si bem que delle não derivados, os verbos *aferir*, *anteferir*, *auferir*, *conferir*, *correferir*, *deferir*, *desferir*, *differir*, *indeferir*, *inferir*, *preferir*, *proferir*, *referir*, *transferir*.

Aggredir.

INDIC. *pres.* Aggr*i*do, aggr*i*des, aggr*i*de, aggredimos, aggredis, aggr*i*dem.

Pelo mesmo modo, os verbos *delir, denegrir, prevenir, progredir, remir, serzir, transgredir.*

Cobrir.

INDIC. *pres.* C*u*bro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

INF. IMP. *p. pret.* Cob*ert*o, cob*ert*a, cob*ert*os, cob*ert*as.

INF. IMP. *sup.* Cob*ert*o.

O verbo *dormir* tem as mesmas irregularidades de *cobrir*, menos a do participio preterito e supino, em que é regular.

Cortir.

INDIC. *pres.* C*u*rto, c*u*rtes, c*u*rte, cortimos, cortis, c*u*rtem.

Conjugam-se do mesmo modo *ordir, poir, polir, sortir.*

Frigir.

INDIC. *pres.* Frijo, fr*e*ges, fr*e*ge, frigimos, frigis, fr*e*gem.

INF. IMP. *p. pret.* Fr*it*o, fr*it*a, fr*it*os, fr*it*as.

Ir.

INDIC. *pres.* *Vou, vaes, vae, vamos* ou *imos, ides, vão.*
» *imp.* *Ia, ias, ia, iamos, ieis, iam.*
» *perf.* *Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.*
SUBJ. *pres.* *Vá, vás, vá, vamos, vades, vão.*
INF. IMP. *pres.* *Ir.*
» » *p. pres.* *Indo.*
» » *ger.* *Em indo.*

INF. IMP. *p. pret. Ido, ida, idos, idas.*
» » *sup. Ido.*
» » *Ido.*

Pedir.

INDIC. *pres.* Peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
Conjugam-se da mesma maneira *ouvir*, *medir*.

Despedir, *expedir*, *impedir* e *desimpedir*, com quanto não sejam formados de *pedir* (petere), teem as mesmas irregularidades deste, por *interferencia* ou *analogia morphica*.

Rir.

INDIC. *pres.* R*i*o, r*i*s, r*i*, rimos, r*ides*, riem.
INF. IMP. Não tem participio preterito.

Vir.

INDIC. *pres.* V*enh*o, v*en*s, v*em*, vimos, v*inde*s, v*e*em.
« *imp.* Vi*nh*a, vi*nh*as, vi*nh*a, vi*nh*amos, vi*nh*eis, vi*nh*am.
INDIC. *perf.* Vi*m*, vi*e*ste, v*eio*, vi*e*mos, vi*e*stes, vi*e*ram.
IMPER. *fut.* V*em*, v*inde*.
INF. IMP. *p. pret.* Vi*n*do, vi*n*da, vi*n*dos, vi*n*das.
» » *sup.* Vi*n*do.

Desavir, composto de *vir*, e que tem as mesmas irregularidades deste, é, no preterito perfeito do indicativo, conjugado por individuos menos cultos, como si fosse composto de *haver*; dizem: *deshouve*, *deshouveste*, *deshouve*, *deshouvemos*, *deshouvestes*, *deshouveram*, devendo dizer: *desavim*, *desavieste*, *desaveio*, *desaviemos*, *desaviestes*, *desavieram*.

Verbos terminados em **air**.

Os verbos em *air* pedem um *i*, entre o radical e a terminação, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, e em todas as pessoas do presente do

subjunctivo, como se vê nas seguintes fórmas do verbo *esvair*:

INDIC. *pres*. Esva*i*o, esvaes, esvae, esvaimos, esvais, esvaem.

SUBJ. *pres*. Esva*i*a, etc.

Comprehendem-se nestes verbos *cair*, *sair*, *trair*.

Verbos terminados em **hir.**

Os verbos em *hir*, derivados de verbos latinos compostos de *trahere*, como *abstrahir*, *attrahir*, *contrahir*, mudam o *h* em *i*, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, e no presente do conjunctivo: *abstra***i***o*; *abstra***i***a*, etc.

Verbos terminados em **uzir.**

Os verbos em *uzir* perdem o *e* final ou a terminação, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, como se vê em *produzir*, que faz *produz*.

Verbos irregulares compostos.

Os verbos irregulares compostos teem as mesmas irregularidades que os simples de que se formam. Exceptuam-se *comprazer*, *prover*, *rehaver*, *requerer*, que não teem todas as irregularidades dos seus simples *prazer*, *ver*, *haver*, *querer*.

Participios passados irregulares.

Ha verbos cujos participios passados teem fórma irregular, e diversa da do supino. Taes são:

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO.

Infinitos.	*Supinos.*	*Participios passados.*
Aceitar,	aceitado,	aceito ou aceite;
Annexar,	annexado,	annexo;
Aprompar,	aprompado,	prompto;
Aquietar,	aquietado,	quieto;
Bemquistar,	bemquistado,	bemquisto;

Infinitos.	*Supinos.*	*Participios passados.*
Cegar,	cegado,	cego;
Completar,	completado,	completo;
Conjunctar,	conjunctado,	conjuncto;
Densar,	densado,	denso;
Entregar,	entregado,	entregue;
Enxugar,	enxugado,	enxuto;
Exemptar,	exemptado,	exempto;
Expressar,	expressado,	expresso;
Expulsar,	expulsado,	expulso;
Faltar,	faltado,	falto;
Fartar,	fartado,	farto;
Findar,	findado,	findo;
Fitar,	fitado,	fito;
Inquietar,	inquietado,	inquieto;
Isentar,	isentado,	isento;
Juntar,	juntado,	junto;
Limpar,	limpado,	limpo;
Livrar,	livrado,	livre;
Malquistar,	malquistado,	malquisto;
Manifestar,	manifestado,	manifesto;
Matar,	matado,	morto;
Murchar,	murchado,	murcho;
Occultar,	occultado,	occulto;
Quietar,	quietado,	quieto;
Safar, *tirar fóra* ou *desembaraçar,*	safado,	safo;
Salvar,	salvado,	salvo;
Seccar,	seccado,	sêcco;
Segurar,	segurado,	seguro;
Soltar,	soltado,	sòlto;
Sujeitar,	sujeitado,	sujeito;
Suspeitar,	suspeitado,	suspeito;
Vagar,	vagado,	vago.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO.

Infinitos.	*Supinos.*	*Participios passados.*
Acender,	acendido,	aceso;
Benzer,	benzido,	bento;
Eleger,	elegido,	eleito;
Encher,	enchido,	cheio;
Entanguecer,	entanguecido,	entanguido;

Infinitos.	*Supinos.*	*Participios passados.*
Incorrer,	incorrido,	incurso;
Morrer,	morrido,	morto;
Nascer,	nascido,	nado ou nato;
Pender,	pendido,	penso;
Prender,	prendido,	preso;
Propender,	propendido,	propenso;
Reeleger,	reelegido,	reeleito;
Romper,	rompido,	roto;
Suspender,	suspendido,	suspenso;
Tender,	tendido,	tenso ou teso.

TERCEIRA CONJUGAÇÃO.

Infinitos.	*Supinos.*	*Participios passados.*
Adstringir,	adstringido,	adstricto;
Distinguir,	distinguido,	distincto;
Exprimir,	exprimido,	expresso;
Extinguir,	extinguido,	extincto;
Frigir,	frigido,	frito;
Inserir,	inserido,	inserto;
Recluir,	recluido,	recluso;
Surgir,	surgido,	surto;
Tingir,	tingido,	tinto.

São supinos as fórmas regulares destes verbos, e participios passados as irregulares, porque aquellas só se conjugam com *haver* e *ter*, e estas com *ser* e *estar*, como se vê em *tem* ou *ha aceitado; foi aceito, está aceito.* Dá-se comtudo o caso de serem algumas das fórmas irregulares conjugadas tambem com os verbos *haver* e *ter;* procede isso da confusão que teem feito do participio preterito com o supino, não admittindo este, que entretanto differe daquelle, tanto na fórma como na significação.

Outros verbos ha que, alem do participio preterito regular, teem outro irregular. Taes são:

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO.

Infinitos.	*Supinos.*	*Part. pass. reg.*	*Part. pass. irreg.*
Affeiçoar,	affeiçoado,	affeiçoado, a,	affecto;
Arrebatar,	arrebatado,	arrebatado, a,	rapto, *ant.;*
Assegurar,	assegurado,	assegurado, a,	asserto;
Assentar,	assentado,	assentado, a,	assente;
Botar, *embotar,*	botado,	botado, a,	bôto;

Infinitos.	*Supinos.*	*Part. pass. reg.*	*Part. pass. irreg.*
Captivar,	captivado,	captivado, a,	captivo ou capto;
Circumcidar,	circumcidado,	circumcidado, a,	circumciso;
Compaginar,	compaginado,	compaginado, a,	compacto;
Concretar,	concretado,	concretado, a,	concreto;
Condensar,	condensado,	condensado, a,	condenso;
Cortar,	cortado,	cortado, a,	corto, *ant.;*
Confessar,	confessado,	confessado, a,	confesso;
Cultivar,	cultivado,	cultivado, a,	culto;
Curvar,	curvado,	curvado, a,	curvo;
Descalçar,	descalçado,	descalçado, a,	descalço;
Despertar,	despertado,	despertado, a,	desperto;
Dispersar,	dispersado,	dispersado, a,	disperso;
Estreitar,	estreitado,	estreitado, a,	estreito;
Exceptuar,	exceptuado,	exceptuado, a,	excepto, *usado hoje como preposição;*
Excusar,	excusado,	excusado, a,	excuso, *ant.;*
Extremar,	extremado,	extremado, a,	extreme, *ant.;*
Fixar,	fixado,	fixado, a,	fixo;
Ignorar,	ignorado,	ignorado, a,	ignoto;
Infectar,	infectado,	infectado, a,	infecto;
Infestar,	infestado,	infestado, a,	infesto;
Inficionar,	inficionado,	inficionado, a,	infecto;
Lesar,	lesado,	lesado, a,	leso;
Libertar,	libertado,	libertado, a,	liberto;
Misturar,	misturado,	misturado, a,	misto;
Molestar,	molestado,	molestado, a,	molesto;
Pegar,	pegado,	pegado, a,	pêgo;
Professar,	professado,	professado, a,	professo;
Raptar,	raptado,	raptado, a,	rapto;
Rejeitar,	rejeitado,	rejeitado, a,	rejeito, *ant.;*
Requisitar,	requisitado,	requisitado, a,	requisito;
Revoltar,	revoltado,	revoltado, a,	revôlto;
Salpresar,	salpresado,	salpresado, a,	salpreso;
Sepultar,	sepultado,	sepultado, a,	sepulto, *ant.;*
Situar,	situado,	situado, a,	sito;
Suxar,	suxado,	suxado, a,	suxo;
Voltar,	voltado,	voltado, a,	vôlto, *ant.*

SEGUNDA CONJUGAÇÃO.

Infinitos.	*Supinos.*	*Part. pass. reg.*	*Part. pass. irreg.*
Absolver,	absolvido,	absolvido, a,	absolto ou absoluto;
Absorver,	absorvido,	absorvido, a,	absorto;

Infinitos.	*Supinos.*	*Part. pass. reg.*	*Part. pass. irreg.*
Agradecer,	agradecido,	agradecido, a,	grato;
Apprehender,	apprehendido,	apprehendido, a,	apprehenso;
Arrepender,	arrependido,	arrependido, a,	arrepeso, *ant.*;
Attender,	attendido,	attendido, a,	attento;
Bemquerer,	bemquerido,	bemquerido, a,	bemquisto;
Colher,	colhido,	colhido, a,	colheito, *ant.*;
Comer,	comido,	comido, a,	comesto, *ant.*;
Conceder,	concedido,	concedido, a,	concesso, *ant.*;
Conhecer,	conhecido,	conhecido, a,	cognito;
Conter,	contido,	contido, a,	conteúdo, *ant.*;
Convencer,	convencido,	convencido, a,	convicto;
Converter,	convertido,	convertido, a,	converso;
Corromper,	corrompido,	corrompido, a,	corrupto;
Coser,	cosido,	cosido, a,	coseito, *ant.*;
Cozer,	cozido,	cozido, a,	couto, *ant.*;
Crer,	crido,	crido, a,	creúdo, *ant.*;
Defender,	defendido,	defendido, a,	defeso;
Descrer,	descrido,	descrido, a,	descreúdo, *ant.*;
Desenvolver,	desenvolvido,	desenvolvido, a,	desenvolto;
Despender,	despendido,	despendido, a,	despeso, *ant.*;
Deter,	detido,	detido, a,	deteúdo, *ant.*;
Dever,	devido,	devido, a,	deúdo ou devudo, *ant.*;
Dissolver,	dissolvido,	dissolvido, a,	dissoluto;
Devolver,	devolvido,	devolvido, a,	devoluto;
Emprender,	emprendido,	emprendido, a,	empreso, *ant.*;
Envolver,	envolvido,	envolvido, a,	envolto;
Escolher,	escolhido,	escolhido, a,	escolheito, *ant.*;
Esconder,	escondido,	escondido, a,	escuso, *outrora* scondudo, *ant.*;
Escorrer,	escorrido,	escorrido, a,	escorreito;
Escurecer,	escurecido,	escurecido, a,	escuro;
Extender,	extendido,	extendido, a,	extenso;
Interromper,	interrompido,	interrompido, a,	interrupto, *pouco usado*;
Inverter,	invertido,	invertido, a,	inverso;
Ler,	lido,	lido, a,	leúdo, *ant.*;
Manter,	mantido,	mantido, a,	manteúdo, *ant.*;
Metter,	mettido,	mettido, a,	mettudo, *ant.*;
Pacer ou pascer,	pacido ou pascido,	pacido, a ou pascido, a,	paúdo, *ant.*;
Perder,	perdido,	perdido, a,	perdudo, *ant*;
Perverter,	pervertido,	pervertido, a,	perverso;
Pretender,	pretendido,	pretendido, a,	pretenso;

Infinitos.	*Supinos.*	*Part. pass. reg.*	*Part. pass. irreg.*
Prover,	provido,	provido, a,	proveúdo, *ant.;*
Querer, *querer bem,*	querido,	querido, a,	quisto;
Reconhecer,	reconhecido,	reconhecido, a,	recognito;
Recoser,	recosido,	recosido, a,	recoseito, *ant.;*
Recozer,	recozido,	recozido, a,	recouto *ant.*;
Refranger,	refrangido,	refrangido, a,	refracto;
Remover,	removido,	removido, a,	remoto;
Reprehender,	reprehendido,	reprehendido, a,	reprehenso;
Resolver,	resolvido,	resolvido, a,	resoluto ou resolto;
Reter,	retido,	retido, a,	reteúdo, *ant.;*
Retorcer,	retorcido,	retorcido, a,	retorto;
Revolver,	revolvido,	revolvido, a,	revoluto ou revôlto;
Sobreprehender,	sobreprehendido,	sobreprehendido, a,	sobreprehenso;
Solver,	solvido,	solvido, a,	soluto;
Submetter,	submettido,	submettido, a,	submisso;
Subtender,	subtendido,	subtendido, a,	subtenso;
Surprehender,	surprehendido,	surprehendido, a,	surpreso;
Tanger,	tangido,	tangido, a,	tacto;
Ter,	tido,	tido, a,	teúdo, *ant.*;
Tolher,	tolhido,	tolhido, a,	tolheito, *ant.*;
Torcer,	torcido,	torcido, a,	torso ou torto;
Volver,	volvido,	volvido, a,	vôlto, *ant.*

TERCEIRA CONJUGAÇÃO.

Infinitos.	*Supinos.*	*Part. pass. reg.*	*Part. pass. irreg.*
Abstrahir,	abstrahido,	abstrahido, a,	abstracto;
Acquirir,	acquirido,	acquirido, a,	acquisito;
Adquirir,	adquirido,	adquirido, a,	acquisto;
Affligir,	affligido,	affligido, a,	afflicto;
Aspergir,	aspergido,	aspergido, a,	asperso;
Assumir,	assumido,	assumido, a,	assumpto;
Cingir,	cingido,	cingido, a,	cinto ou cento, *ant.;*
Circumduzir,	circumduzido,	circumduzido, a,	circumducto;
Coagir,	coagido,	coagido, a,	coacto;
Compellir,	compellido,	compellido, a,	compulso;
Comprimir,	comprimido,	comprimido, a,	compresso;
Compungir,	compungido,	compungido, a,	compuncto;
Concluir,	concluido,	concluido, a,	concluso;
Conduzir,	conduzido,	conduzido, a,	conducto;
Confundir,	confundido,	confundido, a,	confuso;
Contrahir,	contrahido,	contrahido, a,	contracto;
Contundir,	contundido,	contundido, a,	contuso;

Infinitos.	*Supinos.*	*Part. pass. reg.*	*Part. pass. irreg.*
Convellir,	convellido,	convellido, a,	convulso;
Corrigir,	corrigido,	corrigido, a,	correcto;
Diffundir,	diffundido,	diffundido, a,	diffuso;
Digerir,	digerido,	digerido, a,	digesto;
Diluir,	diluido,	diluido, a,	diluto;
Dirigir,	dirigido,	dirigido, a,	directo;
Distrahir,	distrahido,	distrahido, a,	distracto;
Dividir,	dividido,	dividido, a,	diviso, *pouco usado;*
Effundir,	effundido,	effundido, a,	effuso;
Emergir,	emergido,	emergido, a,	emerso;
Erigir,	erigido,	erigido, a,	erecto;
Expargir,	espargido,	espargido, a,	esparso;
Excluir,	excluido,	excluido, a,	excluso;
Exhaurir,	exhaurido,	exhaurido, a,	exhausto;
Eximir,	eximido,	eximido, a,	exempto;
Expellir,	expellido,	expellido, a,	expulso;
Extorquir,	extorquido,	extorquido, a,	extorto;
Extrahir,	extrahido,	extrahido, a,	extracto;
Fingir,	fingido,	fingido, a,	ficto;
Haurir,	haurido,	haurido, a,	hausto;
Illudir,	illudido,	illudido, a,	illuso;
Immergir,	immergido,	immergido, a,	immerso;
Incluir,	incluido,	incluido, a,	incluso;
Induzir,	induzido,	induzido, a,	inducto;
Infligir,	infligido,	infligido, a,	inflicto;
Infundir,	infundido,	infundido, a,	infuso;
Instruir,	instruido,	instruido, a,	instructo, *pouco usado*;
Insurgir,	insurgido,	insurgido, a,	insurrecto;
Introduzir,	introduzido,	introduzido, a,	introducto;
Obtundir,	obtundido,	obtundido, a,	obtuso,
Omittir,	omittido,	omittido, a,	omisso;
Opprimir,	opprimido,	opprimido, a,	oppresso;
Possuir,	possuido,	possuido, a,	possesso;
Produzir,	produzido,	produzido, a,	producto;
Reassumir,	reassumido,	reassumido, a,	reassumpto;
Remittir,	remittido,	remittido, a,	remisso;
Repellir,	repellido,	repellido, a,	repulso;
Reprimir,	reprimido,	reprimido, a,	represso, *pouco usado*;
Restringir,	restringido,	restringido, a,	restricto;
Submergir,	submergido,	submergido, a,	submerso;
Supprimir,	supprimido,	supprimido, a,	suppresso, *pouco usado*

Muitos dos participios passados irregulares destes verbos são usados actualmente, ou substantivamente, ou como meros adjectivos qualificativos.

Participios passados e supinos irregulares.

Outros verbos ha finalmente que, por se terem antiquado as fórmas regulares, teem tanto o participio passado como o supino irregulares. Taes são:

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO,

Infinitos.	*Fórmas antiquadas.*	*Part. pass. e sup. irreg.*
Ganhar,	ganhado,	ganho;
Gastar,	gastado,	gasto;
Pagar,	pagado,	pago.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO.

Infinitos.	*Fórmas antiquadas.*	*Part. pass. e sup. irreg.*
Circumscrever,	circumscrevido,	circumscripto;
Descrever,	descrevido,	descripto;
Dizer,	dizido,	dito;
Escrever,	escrevido,	escripto;
Fazer,	fazido,	feito;
Inscrever,	inscrevido,	inscripto;
Interdizer,	interdizido,	interdicto;
Perfazer,	perfazido,	perfeito;
Prescrever,	prescrevido,	prescripto;
Proscrever,	proscrevido,	proscripto;
Subscrever,	subscrevido,	subscripto.

TERCEIRA CONJUGAÇÃO.

Infinitos.	*Fórmas antiquadas.*	*Part. pass. e sup. irreg.*
Abrir,	abrido,	aberto;
Cobrir,	cobrido,	coberto;
Descobrir,	descobrido,	descoberto;
Encobrir,	encobrido,	encoberto;
Imprimir,	imprimido,	impresso:
Reimprimir,	reimprimido,	reimpresso;
Soabrir,	soabrido,	soaberto.

SECÇÃO 5.ª

Verbos Pessoaes, Impessoaes, Unipessoaes e Defectivos.

Chama-se *pessoal* o verbo que, em accepção propria, é usado em todas as pessoas, com sujeito conhecido, claro ou occulto, como *tu falas*, *canta*.

Chama-se *impessoal* o verbo que, em accepção propria, é usado na terceira pessoa do singular, sem sujeito conhecido.

O verbo adjectivo pode ser impessoal de duas maneiras, ou na fórma activa, como *chove*; ou na fórma apassivada, como *vive-se*. O primeiro é o verbo impessoal propriamente dito; o segundo, o verbo pessoal convertido em impessoal.

Os verbos impessoaes, como *vive-se*, *corre-se*, *escreve-se*, etc., são verdadeiros equivalentes dos verbos impessoaes latinos, com fórma passiva, *vivitur*, *curritur*, *scribitur*, etc.

O verbo impessoal propriamente dito pode, em accepção figurada, passar a ser pessoal accidental. Exemplo: «*Trovejas* na voz.»

Chama-se *unipessoal* o verbo que, em accepção propria, é usado na terceira pessoa, ou do singular, ou do plural, com sujeito conhecido. Exemplos: «A flor *desabrocha*.» «As flores *desabrocham*.»

O verbo pessoal converte-se algumas vezes em *unipessoal accidental*. Exemplos: «*Convem* que estudes.» «*Faz* hoje annos que elle nasceu.» «*Deu* dez horas.»

O correctissimo escriptor brazileiro, João Francisco Lisboa, põe o verbo *fazer* no plural em phrases, como a do exemplo supra-mencionado: Exemplos: "A propaganda politica, não ha nega-lo, afrouxa e quebra visivelmente do seu antigo ardor; mas ainda não *fazem quatro annos* que a guerra civil assolou um dos pontos mais importantes do imperio, etc." "Foi começado no dia 2 de Fevereiro de 1848, *fazem* agora justamente *dez annos*, e entretanto a sua extensão total é de duas milhas, etc."

Quanto ao verbo *dar*, é Constancio de opinião que se pode usar delle tanto no singular como no plural, e que portanto tão correcto é dizer: "*Deu* dez horas." como "*Deram* dez horas"; porque, na primeira phrase, se subentende o sujeito *o relogio*, e, na segunda, *os relogios*.

Chama-se *defectivo* o verbo a que faltam tempos ou pessoas, como, por exemplo, *feder*, que não se emprega nas pessoas em que ao *d* devera seguir-se *a* ou *o*. Em logar deste verbo, costumam a empregar o gerundio *fedendo*, precedido de *estar*; é porem mais conveniente usar-se da expressão *cheirar mal*, unica admittida na linguagem da gente culta.

Nalguns logares, o povo baixo suppre as pessoas que faltam ao verbo *feder*, dizendo *feço*; *feça*, *feças*, etc.

São tambem considerados defectivos os verbos *abolir*, *aborrir*, *adir*, *addir*, *aguerrir*, *balir*, *banir*, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *combalir*, *commedir*, *condir*, *delinquir*, *demolir*, *descommedir*, *embair*, *emollir*, *empedernir*, *espavorir*, *exhaurir*, *exinanir*, *explodir*, *extorquir*, *fallir*, *florir*, *fornir*, *fremir*, *ganir*, *haurir*, *languir*, *latir*, *monir*, *precaver*, *renhir*, *retorquir*, *revellir*, *rever* (significando *coarse*, *verter)*, porque se usam só nas fórmas em que o radical é seguido de *i*. *Banir*, *brandir*, *carpir*, *exhaurir*, *fremir*, *ganir*, *haurir*, *latir*, *rever*, tambem se empregam nas linguagens que teem *e*, após a raiz.

O verbo *precaver* vem do verbo latino *prœcavére*; nada tem de commum com os verbos *ver* e *vir*. Temos visto entretanto pessoas que dispõem de sua instrucção, usar delle no presente do indicativo e do conjunctivo, como si fosse composto de *ver* ou *vir*, dizendo: *precavejo*, *precavês*, *precavê*, etc.; *precaveja*, *precavejas*, *precaveja*, etc.: *precavenho*, *precavens*, *precavem*, etc.; *precavenha*, *precavenhas*, *precavenha*, etc.

De *soer* só estão em uso as fórmas *soe*, *soem*; *soia*, *soiam*.

Nas fórmas em que é conjugavel o verbo *rever*, acima mencionado, acompanha elle o verbo *prover*.

Todos os verbos impessoaes e unipessoaes, ou propriamente ditos, ou assim considerados em casos espe-

ciaes, são por sua natureza, defectivos, assim como todo o verbo irregular que carecer de algum tempo ou pessoa.

SECÇÃO 6.ª

Vozes do Verbo Transitivo.

Voz do verbo transitivo é a differente maneira, pela qual é exercitada a acção por elle expressa. Ha tres vozes em portuguez: *activa*, *passiva*, *media* ou *reflexa*.

Diz-se que o verbo transitivo está na voz activa, quando é transitivo proprio, porque passa a acção do sujeito para outro sujeito, em que ella se emprega. Exemplo: «*Estimo* a Pedro.»

Diz-se que o verbo transitivo está na *voz passiva*, quando o sujeito não é agente, ou não faz a acção, como na voz activa, mas é della paciente ou recipiente.

Não possue a lingua portugueza verbo passivo ou flexões proprias da voz passiva, porque nella está sempre o verbo adjectivo na fórma de verbo activo.

Suppre-se a sua falta de tres modos:

1.º Juntando-se ao verbo substantivo o participio preterito do verbo transitivo, ou o attributo sob esta fórma. Exemplo: «Pedro **é** *estimado* por mim.»

2.º Juntando-se ás terceiras pessoas do singular e plural do verbo transitivo, como complemento directo apparente, o pronome indefinido *se*, quando o sujeito da proposição é cousa, e não pessoa propriamente dita. Exemplos: «A obra *fez*-**se**.» «*Citem*-**se** as testemunhas.»

Convem observar que não se deve usar deste modo de apassivar o verbo nos dous casos seguintes: 1.º Quando está expresso o complemento indirecto. Assim não se deve dizer: «*Regam-se estas flores* **pelo jardineiro.**», mas sim «*Estas flores são regadas* **pelo jardineiro.**»; 2.º Quando a acção podér ser feita pelo sujeito; e isso, porque pode haver equivoco, como se vê deste exemplo: «*Mataram-se* **muitos inimigos.**», pois não se sabe si os **inimigos** *se suicidaram*, ou *si foram mortos*.» Para evitar este equivoco, cumpre que se diga: «*Foram mortos* **muitos inimigos.**»

3.º Formando-se uma especie de verbo composto com os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir*, *vir*, etc., o gerundio

do verbo *ser*, e o participio passado do verbo transitivo que se quer appassivar. Exemplos: «**Estar** *sendo* felicitado.» «**Ficar** *sendo* castigado.» «**Andar** *sendo* perseguido.» «**Ir** *sendo* impellido.» «**Vir** *sendo* contrariado.»

Consegue-se o mesmo, usando-se de um substantivo adjectivado, em logar do participio passado. Exemplo: «Não quero que **estejas** *sendo* **ludibrio** dessa gente.»

Pelo verbo na voz passiva, assim composto, se exprime a paixão em movimento, isto é, a continuidade ou prolongação do estado passivo; bem como pelo verbo na voz activa, composto com o gerundio (pag. 110), se representa a acção em movimento ou a sua repetição.

Não são passivas as phrases que se formam com o verbo *estar*, acompanhado do participio passado, porque nellas é este um subattributo que indica apenas um estado ou maneira de existir do sujeito, e não uma acção feita por um agente, e recebida pelo sujeito. Exemplo: «*Estava* **cansado.**» que vale o mesmo que "*Achava-se* **cansado.**"

A *voz media* ou *reflexa* é uma especie de voz entre a activa e a passiva, porque nella pede o verbo, por complemento directo ou objectivo, um pronome pessoal que se converte em simples intermediario da acção do sujeito, para faze-la reflectir sobre elle proprio.

Diz-se que o verbo está na *voz media* ou *reflexa*, quando é, ou simplesmente reflexo, ou pronominal reflexo. Exemplos: «Eu *me* **feri**, tu *te* **feriste**, etc.» «Eu *me* **queixo**, tu *te* **queixas**, etc.»

No primeiro caso, o verbo não dá logar a conjugação alguma especial, porque é accidentalmente reflexo; no segundo, sim, porque o é sempre, ou se conjuga habitualmente com o mesmo pronome que representa o sujeito.

Conjugação do verbo pronominal reflexo.

MODO INDICATIVO.

Presente.

N. S.	Eu me condoo,	N. P.	Nós nos condoemos,
	Tu te condoes,		Vós vos condoeis,
	Elle se condoe.		Elles se condoem.

Assim se conjugam com os pronomes todos os mais tempos deste e dos outros modos. Quando porem se supprime o pronome sujeito, pode o pronome que a elle se refere, ser anteposto ou posposto ao verbo, e até intercalado, conforme a natureza da proposição, ou da fórma verbal que a constitue [1].

CAPITULO II.

Etymologia.

A *Etymologia* trata da constituição do lexico.

Chamam-n-a tambem *morphogenia* e *lexiogenia*.

A etymologia faz remontar, por meio da *filiação* e da *comparação*, á fórma typica ou primitiva dos vocabulos, desfigurados ou gastos pelas migrações, e pelo seu evolucionar lento e graduado de seculos.

A *filiação* ou a *historia dos vocabulos* consiste na averiguação das fórmas de transição, que ligam o vocabulo primitivo ao actual.

Ella baseia-se nos principios da evolução material, ou nas leis da sua alteração phonetica [2]; e consta de quatro phases que são: 1.ª a do latim classico; 2.ª a do latim barbaro; 3.ª a dos *romances* ou linguas que succederam ao latim barbaro, como o portuguez e o francez antigos; 4.ª a da lingua moderna.

Eis alguns vocabulos, cuja evolução se realisou em taes phases:

Chamma que procede de *flamma*, do latim classico, pela transformação do grupo consonantal *fl* em *ch*;

Fortaleza, derivado de *fortalitia*, palavra do latim barbaro;

Coitado, cuja proveniencia se explica pelo portuguez antigo que o possuia, como participio do archaismo *coytar* (maguar);

Deixar, fórma moderna, que vem de *laxare*, pela fórma antiga e intermediaria *leixar*.

---

[1] Veja-se *Part. 2.ª, Liv. 1.º, Tit. 1.º, Cap. 1.º, § 3.º, Secç. 3.ª*.
[2] Veja-se a *Part. 1.ª, Liv. 1.º, Tit. 1.º, Cap. 2.º*

Comparação é a investigação dos processos e dos factos uniformes e dissemelhantes de um grupo de linguas.

Determinada a *filiação* de um vocabulo, recorre-se á *comparação*, procurando o termo de lingua congenere, que a comprove, ou que a corrija, si for erronea.

A palavra *viagem*, por exemplo, vem da latina *viaticus*, pela queda da vogal breve. Si houvesse duvida sobre esta derivação, por não conter o vocabulo *viagem* o *t* do seu primitivo, a comparação delle com a fórma *viatge*, do provençal, que conserva tal lettra, a faria desapparecer.

São congeneres do portuguez e portanto elementos naturaes de comparação o italiano, o hespanhol, o francez, o provençal e o valachio, linguas romanas ou novo-latinas.

O lexico portuguez, ou o conjuncto de todos os vocabulos da lingua portugueza, constituiu-se por *derivação* e por *composição*.

§ 1.º

Derivação das palavras.

Tres são as fontes de derivação das palavras portuguezas:

1.ª O elemento latino;
2.ª O elemento estrangeiro;
3.ª O elemento vernaculo.

SECÇÃO 1.ª

Elemento latino.

O portuguez originou-se do latim; pelo que são latinos, em sua grande maioria, os vocabulos que constituem o lexico ou o vocabulario portuguez. Apezar porem de ser latina a origem do lexico portuguez, dão-se entre este e o latino profundas differenças que passamos a assignalar.

1.ª *Palavras que deviam existir no latim popular, que não foram empregadas na litteratura.* Não possuimos o lexico latino completo, já porque o que nos resta da litteratura latina, é apenas uma parte, já porque, ainda que a possuissemos toda, ella não representaria inteiramente a lingua falada, por haver muitos termos populares ou locaes, que nunca chegaram a ser reproduzidos pela escripta.

Ha, por esse motivo, casos, em que, sem conhecermos directamente pelos escriptores latinos o typo primitivo de uma palavra portugueza, podemos affirmar que ella já existia em latim. Dão-se elles, quando é ella derivada por um processo de formação, que não existe em portuguez. Sirva de exemplo *aguçar*, que vem da palavra latina *acutiare*. *Aguçar* não podia resultar de *agudar* que seria derivado de *agudo*, porque *d* não se muda em *ç*; nem do radical *agu*=lat. *acu* em *acutus*, *acuere*, etc., por meio do suffixo *uça* ou *ca*, porque em portuguez não existe tal processo de derivação. Ao contrario, em latim derivava-se regularmente de *acutus* o substantivo *acutia*, como de *nequitus*, *nequitia*; de *peritus*, *peritia*; e de *acutia*, *acutiare*, que, pelas alterações phoneticas normaes, deu o vocabulo portuguez *aguçar*.

Tambem pode suppor-se que já existia na lingua mãe o vocabulo de radical latino, não mencionado no lexico latino, ainda mesmo que não tenhamos prova directa disso, quando não é derivado por processo desconhecido ao latim, ou quando não ha documento que nos prove ser de formação moderna, ou de data posterior ao quinto seculo de nossa era.

2.ª *Palavras provenientes do latim popular, que foram empregadas na litteratura.* Devem em geral considerar-se como pertencendo ao latim popular as palavras usadas pelos escriptores latinos do periodo ante-classico ou post-classico, evitadas na boa latinidade, que se reproduzem no portuguez. Exemplos:

Lat. abante,	*Port.* avante;
absconsus,	esconso ou escuso;

Lat. jejunare,	*Port.* jejuar;
jentare,	jantar; etc.

3.ª *Substituição de palavras pelas suas synonymas.* Nos seguintes exemplos, a palavra que permaneceu, pertencia indubitavelmente á lingua popular, ou nella devia ter muitas vezes applicação mais extensa que na lingua litteraria.

Palavras desapparecidas.	*Palavras que permaneceram.*
œdes, domus,	casa,
bilis,	fel,
culina,	coquina (cozinha),
anguis, etc.	serpens, colubra, (cobra) etc.

4.ª *Fórmas divergentes.* Fórmas divergentes são as palavras que, com fórmas differentes, se derivam de um mesmo vocabulo latino.

Ha que distinguir varios casos:

1.º Fórma popular, isto é, proveniente directamente da tradição latina, e alterada segundo as tendencias organicas da lingua, ao lado da fórma erudita, tirada dos autores ou do lexico latino, e accommodada apenas á pronuncia portugueza. Exemplos:

Fórmas populares.	*Fórmas eruditas.*	*Fórmas latinas.*
dobro,	duplo,	duplum;
nedio,	nitido,	nitidus;
redondo,	rotundo,	rotundus;
delgado,	delicado,	delicatus; etc.

Consiste o *caracter differencial* entre as fórmas eruditas e as populares em apresentarem estas maior alteração e desvio do typo latino do que aquellas.

2.º Duas ou mais fórmas, todas populares correspondendo a significações diversas da da palavra primitiva.

I—As fórmas proveem de uma fórma anterior que não se conserva em portuguez, como fórma popular. Exemplos:

Fórmas populares.	*Palavras latinas.*
artigo e *artelho*,	articulus;
alvitre e *alvedrio*,	arbitrium;
chumbo e *prumo*,	plumbum;
coroa e *coronha*,	corona; etc.

II—Uma das fórmas populares provém da outra ainda existente. Exemplos:

Fórmas populares.	*Palavras latinas.*
caudal de cabedal,	capitalis;
safo de salvo,	salvus;
cem de cento,	centum;
grão de grande,	grandis; etc.

3.º Fórmas latinas alteradas em uma das outras linguas romanicas, encontram-se ao lado das fórmas propriamente portuguezas das mesmas palavras. Exemplos:

chefe, *fr.* chef, ao lado de cabo, *lat.* caput;
lhano, *hesp.* llano, ao lado de chão, *lat.* planus;
opera, *ital.* opera, ao lado de obra, *lat.* opera; etc.

4.º Fórma archaica ao lado de outra, vigente. Exemplos:

Fórmas archaicas.	*Fórmas vigentes.*	*Palavras latinas.*
segre,	seculo,	seculum,
geolho,	joelho,	genuculum; etc.

5.º Fórmas divergentes, produzidas pela deslocação do accento. Exemplos:

pôlpa e polypo de pólypus,
Isidro e Isidóro de Isidórus,
Thiago e Jacob de Jacóbus, etc.

6.º Uma das fórmas provem do nominativo e a outra do accusativo de nomes imparisyllabos. Exemplos:

serpe de serpens e *serpente* de serpentem;
sabio de sapiens e *sapiente* de sapientem; etc.

As *fórmas divergentes* receberam o nome de *duplas*, porque em geral se apresentam duas, uma popular e outra erudita, como *obrar* e *operar* de *operare*. Ha porem exemplos de tres e quatro fórmas divergentes, como se vê em *magua*, *mancha*, *macula* de *macula*; e em *chão*, *lhano*, *piano*, *plano* de *planus*.

As fórmas divergentes não se referem só ao elemento latino.

Tambem se observam fórmas divergentes no elemento arabe, como *réz* e *arraes* de *ar-raz*; *zero* e *cifra* de *zifr*; *azimuth* e *zenith* de *assent*.

Observam-se igualmente algumas divergencias entre vocabulos de origem germanica, como *léste* e *éste*, *espuma* e *escuma*.

5.ª *Substituição de palavras latinas por outras, derivadas do mesmo radical ou de palavras desapparecidas.* Muitas palavras latinas foram substituidas por derivados mais complexos do mesmo thema ou raiz, derivados que, em muitos casos, já existiam em latim, e que, noutros, decorrem muito provavelmente delle. Na primeira columna dos exemplos que seguem, vae a fórma morta; na segunda, a fórma hypothetica ou real latina, que substitue aquella; na terceira, a fórma portugueza:

spes,	sper-antia,	esperança;
pollex,	pollicare, *adj. lat.*,	pollegar;
unguis,	ungula,	unha;
civis,	çivitatanus,	cidadão; etc.

6.ª *Substituição de palavras latinas por outras novas, derivadas de radical latino.* Muitas palavras foram substituidas por derivados novos de outros themas ou raizes, isto é, as cousas que significavam, receberam nova denominação, por as ter o espirito encarado sob outro aspecto.

Foram substituidas por exemplo:

cervus por *veado* de *venatus*, a caça;
torpedo, o peixe que entorpece, por *tremelga*, o peixe que faz tremer;
acetum por *vinagre* (vinum acre);
senectus por *velhice* de *vetulities*, derivado de *vetulus*, velho; etc.

7.ª *Desapparecimento de palavras latinas, para evitar homonymia.* Succede muitas vezes que, em virtude da alteração phonetica, duas palavras, a principio distinctas nos sons, cheguem a confundir-se nelles completamente, a ser homonymas. Exemplos:

celha de *cilium* (plur. *cilia*), e *celha* ou *selha* de *situla*;
cento, part. ant. de cingir, de *cinctus*, e *cento* de *centum*;
cobra, ant. por *copla*, de *copula*, e *cobra*, de *coluber*;
morena, de muræna, e *morena* por *mourena*, de moura; etc.

Ha nas linguas tendencia para evitar homonymos, caracterisada pelos seguintes factos:

1.º Uma palavra scinde-se em duas e mais fórmas differentes, por causa das suas significações diversas.

2.º Uma palavra que devia em regra ser alterada phoneticamente, segundo uma certa direcção, deixa de o ser, ou é alterada noutra, para evitar a homonymia; é assim que as fórmas latinas *coopero*, *foro*, que em regra deviam dar em portuguez *cobro*, *foro*, se mudaram em *cubro*, *furo*, para evitar a homonymia com *cóbro*, de *cuperio* (no latim *recuperio*), e a com *fôro* de *foro*, do latim *forum*.

3.º Muitas vezes um dos homonymos desapparece diante do outro. Eis alguns exemplos de palavras que desappareceram por esse motivo:

ager que devia dar *agro*, apparece só no antigo portuguez, e como nome de logar, diante de *acer* (agro);
jácere (lançar), diante de *jacére* (jazer);
métere (ceifar) que daria *meter*, diante de *mittere* (metter);
cœdere que devia dar *ceder*, diante de *cédere* (ceder); etc.

8.ª *Alterações na significação das palavras*. Exemplos:

Admorsus perdeu o sentido de *mordedura*, e apresenta-se em portuguez na fórma *almoço* (hespanhol *almuerso*), com o sentido do latim *jentaculum*. O *d* mudou-se nesta palavra em *l*, como em *Alfonsus* por *Adfonsus*, *nalga* por *nadega*, *julgar* do latim *judicare*, etc.

Apotheca foi usado em latim, para designar um logar, em que se guardavam provisões, um celleiro, uma adega; em portuguez, adquiriu o sentido de casa pequena, na fórma *botica* que hoje designa uma loja ou estabelecimento pharmaceutico; e o de taberna volante, taberna pequena e immunda, na fórma *bodega*.

Charta (carta) significava em latim papel, escripto, livro, folha; em portuguez significa o mesmo que o latim *litteræ* e *epistola*.

I

Etymologia dos substantivos. Influencia dos casos na etymologia dos nomes.

Os substantivos portuguezes originaram-se geralmente do latim, mormente os do vocabulario antigo que representa uma evolução lenta da lingua popular dos romanos.

Ha-os entretanto de origens diversas.

Quanto aos nomes proprios de pessoas, passaram, por influencia religiosa, para o portuguez, pelo latim, os nomes hebraicos de personagens biblicos, e bem assim os nomes de martyres latinos e gregos dos primeiros tempos da religião.

Nomes proprios de pessoas, hebraicos ou biblicos: *Anna*, *David*, *Esther*, *Jeremias*, *Jeronymo*, *João*, *Joaquim*, *Job*, *Manoel*, *Maria*, *Moysés*, *Pedro*, *Sara*.

Nomes proprios de pessoas, latinos: *Antonio*, *Caio*, *Claudina*, *Deodato*, *Felix*, *Mario*, *Ursula*.

Nomes proprios de pessoas, gregos: *Diogenes*, *Eugenio*, *Euphrosina*, *Philippe*, *Theocrito*, *Theophilo*.

Com a invasão dos visigodos, foram adoptados tambem nomes de origem gothica ou germanica, como *Adolpho*, *Affonso*, *Carlos*, *Clotilde*, *Duarte*, *Eduardo*, *Elvira*, *Isabel*, *Luiz*, *Rodolpho*.

Os nomes proprios de pessoas tambem teem fórmas divergentes: *Duarte* e *Eduardo*, *Luiz* e *Ludovico*, *Adolpho* e *Ataulpho*, *Raul* e *Rodolpho*.

Alguns cognomes, hoje portuguezes, originaram-se de familias estrangeiras que emigraram para o reino. Taes são: os *Accioles* que vieram de Florença, e se estabeleceram na ilha da Madeira; os *Brandões*, de origem germanica, que os nobiliarios dão como vindos de Inglaterra; os *Cavalcantes*, familia italiana; os *Espindolas*, familia genoveza. Estas duas ultimas familias emigraram no seculo 16.°, como se vê dos nobiliarios portuguezes.

Os cognomes ou appellidos de familia, outrora *adjectivos patronimicos*, teem tambem origens diversas. Os derivados do latim, formam-se do ablativo do plural, como *Paes* (filho de *Paio*) de *Pelagiis*; os que veem do arabe, pela anteposição da palavra *ben* que significa *filho*, como *Benjamim*, filho da direita.

É de origem latina a maioria dos nomes appellativos, sobretudo os abstractos, *avareza*, *virtude*.

Os nomes technicos de sciencias derivam-se do grego, como *astronomia*, *biologia*.

Os nomes de artes e de bellas artes proveem, em grande parte, das linguas vivas, maiormente do italiano, no tocante á pintura e á musica; *aquarella*, *pastel*; *adagio*, *allegro*.

Exercendo os casos grande influencia na derivação dos nomes, deve a etymologia determinar, sempre que for possivel, o caso de que um nome se deriva.

Divergem porem as opiniões sobre qual seja o verdadeiro *caso etymologico*.

Opinam uns grammaticos pelo *ablativo*; e outros, pelo *accusativo*.

Os primeiros baseiam-se no facto de terem de ordinario os nomes derivados do latim, a mesma ou quasi a mesma fórma do ablativo, como se vê em *hora* e *reino*, que são identicos aos ablativos latinos *hora* de *hora, æ*, e *regno* de *regnum, i*.

Os segundos, cuja opinião é hoje mais acatada, fundamentam o seu asserto no seguinte:

1.º Em ser o ablativo inadmissivel, como caso etymologico do plural, por quanto *horas* vem de *horas*, e não de *horis*; *servos* de *servos*, e não de *servis*.

2.º Em representar ás vezes a intercalação de uma nasal a caracteristica do accusativo, como *lo*m*tra* de *lutra*m.

Esta razão não é decisiva, porque a nasalidade pode proceder de uma prolação de lettra inicial, como em *m*im de *mihi*, *m*ancha de *macula*.

3.º Em ser incontestavelmente o accusativo o caso etymologico das linguas romanas que tiveram declinação, no periodo medieval, isto é, do francez e do provençal.

4.º Em provirem os nomes derivados dos imparisyllabos neutros, do accusativo, como se vê em *tempo* de *tempus*, e não de *tempore*; *corpo* de *corpus*, e não de *corpore*.

Prova esta derivação o differir consideravelmente nos imparisyllabos o accusativo do ablativo, por uma syllaba. Si *tempo* e *corpo* viessem do ablativo, teriam as fórmas *tempre, corpre*, analogas a *arvore, lebre*, de *arborem* ou *arbore*, *leporem* ou *lepore*, nomes, em que o accusativo apenas diverge do ablativo em ter mais uma lettra, e que fornecem argumentos, para se sustentarem, com igual vantagem, as duas opiniões.

II

Etymologia do Pronome.

Todas as fórmas dos pronomes pessoaes nos vieram do latim.

Eu, de *ego* (nominativo), verificadas a queda do *g*, consoante media, e a permuta do *o* final em *u*.

Ha as fórmas archaicas *ie*, *ieu*, aquella do seculo 12.°, e esta do seculo 13.°

Me de *me* (accusativo), apenas com alteração da pronuncia.

Mim, de *mihi* (dativo), ou antes da fórma contracta *mi*, usada já até pelos classicos latinos, e identica á fórma antiga portugueza, ainda empregada por Camões. O *m* final é epithesico ou paragogico.

Cp. *assi*, *assim*, *si*, *sim*; *nem* (=lat. *sic. nec*).

Migo de *mecum* (cum me), pelas mudanças do *e* em *i*, do *c* em *g*, do *u* em *o*, e queda do *m* final.

Os escriptores antigos escreviam simplesmente *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, ou porque obedecessem inconscientes á tradição latina, ou porque conservassem ainda a noção logica da composição. Perdida porem de todo esta noção, originaram-se as fórmas redundantes ou pleonasticas *commigo*, *comtigo*, *comsigo*, *comnosco*, *comvosco*, que vicejaram com as mais simples *migo tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, no seculo 13.° e no 14.°

Nós de *nos* (nominativo), conservou-se inalteravel na pronuncia, tomando apenas um accento agudo, para se differençar de *nos*.

Nos, de *nos* (accusativo), conservou-se ao contrario inalteravel na escriptura, mas mudou o som do *ó* aberto para *ô* fechado.

Nosco, do latim barbaro *noscum* (cum nobis), contracção regular de *nobiscum*, pela queda da consoante medial *b*, perda subsequente do *i*, e alterações já apontadas em *cum* de *mecum*.

Tu, de *tu* (nominativo), sem alteração alguma.

Te, de *te* (accusativo), da mesma maneira que *me*.

Ti, de *tibi* (dativo) pela queda da consoante medial *b*, e contracção dos dous *ii*.

Tigo, de *tecum* (cum te), pela mesma fórma que *migo*.

Vós, de *vos* (nominativo), exactamente como *nós*; *vos*, de *vos* (accusativo), como *nos*; e *vosco* do latim barbaro *voscum* (cum vobis), contracção de *vobiscum*, como *nosco*.

Elle (*ello*, ant.), *ella*, *elles*, *ellas* de *ille*, *illa*, *illos*, *illas*, fórmas masculinas e femininas do nominativo do singular e do accusativo do plural do demonstrativo *ille*, *illa*, *illud*, as quaes mudaram o *i* em *e*. *Illos* soffreu mais a mudança do *o* em *e*, provavelmente por influencia do singular.

O, *a*, *os*, *as*, tiveram por origem *illum*, *illam*, *illos*, *illas*, fórmas masculinas e femininas do accusativo tanto do singular como do plural do mesmo adjectivo demonstrativo *ille*, *illa*, *illud*. Elidido o *m* das fórmas do singular, e permutado o *u* da primeira em *o*, deu-se a queda da penultima syllaba, resultando as fórmas antiquadas *lo*, *la*, *los*, *las*, que mais tarde se reduziram a *o*, *a*, *os*, *as*, pela suppressão do *l* inicial.

Lhe, *lhes*, originaram-se dos dativos *illi*, *illis*, que nossos ante-passados converteram em *lle*, *lles*, *le*, *les*, *lhi*, *lhis*. Deu-se portanto nestas palavras a queda da primeira syllaba; depois alterou-se o *i* em *e* e molhou-se o *l*.

Lhe conservou-se invariavel até o seculo 16.°

Se, *si*, *sigo* vieram-nos pelo mesmo modo que *te*, *ti*, *tigo*. *Se*, do accusativo *se*; *si*, do dativo *sibi*; *sigo*, de *secum*.

III

Etymologia do Adjectivo.

Em regra, tiram os adjectivos sua origem dos adjectivos correspondentes latinos.

Adjectivo Qualificativo.

Veem os adjectivos qualificativos portuguezes, terminados:

a) em *e*, dos adjectivos latinos em *er* (m.), *is* (f.), *e* (n.): *acre=acer*, *acris*, *acre*; em *is* (m. e f.), *e* (n.): *breve=brevis*, *e*; em *ens*, *entis*: *diligente=diligens*, *entis*; e dos participios em *ns*: *reinante=regnans*, *antis*; *temente=timens*, *entis*; *pedinte=petens*, *entis*.

b) em *al*, dos latinos em *alis* (m. e f.), *ale* (n.): *mortal=mortalis*, *ale*.

c) em *el*, dos latinos em *elis* (m. e f.), *ele* (n.): *cruel=crudelis*, *ele*.

d) em *il*, dos latinos em *ilis* (m. e f.), *ile* (n.): *habil=habilis*, *ile*.

Os qualificativos em *ol* são de derivação vernacula: *reinol=reino+ol*.

e) em *ul*, dos latinos em *ulis* (m. e f.), *ule* (n.): *curul=curulis*, *ule*.

f) em *ar*, dos latinos em *aris* (m. e f.), *are* (n.): *singular=singularis*, *are*.

Os qualificativos em *er* tambem são de derivação vernacula: *esmoler=esmola+er*.

g) em *or*, dos latinos em *or*, *oris*: *conservador=conservator*, *oris*.

h) em *az*, *iz*, *oz*, dos latinos em *ax*, *acis*; *ix icis*; *ox*, *ocis*: *audaz=audax*, *acis*; *feliz=felix*, *icis*; *atroz=atrox*, *ocis*.

i) em *ez*, dos latinos em *ensis*, *ense*: *pedrez=petrensis*, *ense*.

Com a terminação *uz* só nos occorre o adjectivo *andaluz* que é de derivação estrangeira.

j) em *m*, *n*, dos latinos em *enis*, *ene*; *inis*, *ine*: *joven=juvenis*, *ene*; *affim=affinis*, *ine*.

k) em *vel*, dos latinos em *bilis*, *bile*: *amavel*=*amabilis*, *ile*.

l) em *o* e *u*, dos latinos da primeira classe: *justo* =*justus*, *a*, *um*; *cru*=*crudus*, *a*, *um*.

Temos dous adjectivos, um em *om*, outro em *au*, que conservam vestigios desta declinação: *bom*=*bonus*, *a*, *um*; *mau*=*malus*, *a*, *um*.

m) em *êu*, dos latinos em *æus* ou *eus*: *hebreu*=*hebræus*, *a*, *um*.

n) em *ão*, dos latinos em *anus*, *ana*, *anum*: *christão* =*christianus*, *ana*, *anum*.

Adjectivo Determinativo — Artigo Definido.

As fórmas *o*, *a*, *os*, *as*, da artigo definido procedem de *illum*, *illam*, *illos*, *illas*, accusativos masculinos e femininos tanto do singular como do plural do adjectivo demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud*.

Dada a elisão do *m* final das fórmas do singular, e a suppressão da syllaba inicial de todas, a qual já no latim era atona, resultaram as fórmas antigas *lo*, *la*, *los*, *las*, conservadas ainda em *a la mar*, *a la fé*, *a la moda*, *a la par*, etc., e que, por causa de dialectos, perduraram conjunctamente com *o*, *a*, *os*, *as*, dellas resultantes pela queda do *l*.

Impugnam outros esta opinião, sustentando provir o artigo definido de *hoc*, *hac*, *hos*, *has*, fórmas masculinas e femininas do ablativo do singular e do accusativo do plural de *hic*, *hæc*, *hoc*, fundados no facto de outrora tambem se orthographar o artigo com *h* que consideram um vestigio daquellas fórmas.

Esta etymologia é inadmissivel pelas razões seguintes:

Não se podia ter dado a queda da lettra *c*, por ser isso contrario ao criterio historico, segundo o qual é ella, ou conservada, como em *agora* de *hac hora*, ou compensada pela nasalisação ou pela accentuação, quando desapparece, como em *nem*, *sim*, *lá* de *nec*, *sic*, *illac*.

Alem disso é esta derivação contraria á origem do artigo definido das outras linguas romanas que, sem discrepancia, aceitam, como tal, o adjectivo demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud*.

Finalmente, no portuguez do seculo 16.°, é que apparecem as fórmas *ho*, *ha*, *hos*, *has*, cujo uso se extendeu ao seculo 17.°, concomitantemente com o de *o*, *a*, *os*, *as*, que já existiam na lingua, desde o seculo 12.°, a par de *ilo*, *ila*, *ilos*, *ilas*, *lo*, *la*, *los*, *las*; o que leva a crer que o emprego do *h*, neste caso, deve se attribuir á orthographia irregular e vacillante, então em uso, que, sem dado algum etymologico, legitimava a existencia delle em *hc*, *hia*, *hum*, etc.

Tambem é inaceitavel a origem helenica. A pouca influencia exercida na lingua popular pelo grego, o foi por meio do latim que, não tendo artigo, não podia te-lo recebido da lingua grega.

No portuguez antigo, esteve em uso o artigo hespanhol: *el gado*. Actualmente a lingua só o adopta em *el-rei*.

Em muitos vocabulos derivados do arabe, o artigo dessa lingua perdeu o seu caracter proprio, passando a ser verdadeiro prefixo: **al***face*, **al***gazarra*.

Artigo Indefinido.

A procedencia de *um*, *uma*, *uns*, *umas*, fórmas do artigo indefinido, são os accusativos masculinos e femininos *unum*, *unam*, *unos*, *unas* do adjectivo *unus*, *una*, *unum*, que, entre os romanos, designava já uma unidade indeterminada, ou tinha o sentido de *um certo* (quidam).

A permuta do *m* em *n* (una=uma), que se justifica pelo exemplo *mastruço* de *nasturtium*, tem origem no erro graphico *uma* por *ũa*.

Adjectivos demonstrativos puros da primeira especie.

Este, *esta*, *isto* (*esto*, ant.), de *iste*, *ista*, *istud*.

As fórmas *este*, *esta*, eram geralmente usadas no seculo 13.° e no 14.°, juntamente com *iste*, *ista* e o plural *istes*.

Antigamente possuia a lingua as seguintes fórmas compostas que desappareceram: *aquesto* (ecc'istum), *aquesta* (ecc'istam), com a fórma neutra *aquisto*.

Os adjectivos demonstrativos latinos *hic*, *iste*, *ipse*, *ille*, passaram para o portuguez, mas nem sempre na fórma simples. Quando os romanos queriam indicar mais claramente a idéa demonstrativa dos adjectivos *iste*, *ille*, antepunham-lhes *hic*, ou o adverbio *ecce*. Dahi os adjectivos populares *hic-iste*, *hic-ille*, *ecce-iste*, *ecce-ille*, etc.

Esse, *essa*, *isso* (*esso*, ant.), de *ipse*, *ipsa*, *ipsum*.

O *p* do grupo consonantal *ps* não soava na linguagem popular; o que reduziu phoneticamente este adjectivo latino a *esse*, *essa*, *isso*.

Aquelle, *aquella*, *aquillo* (*aquello*, ant.), das fórmas populares *ecce-illum*, *ecce-illam*, *ecce-illud*, que soavam *ek-illum*, *ek-illam*, *ek-illud*.

Os compostos *este outro*, *esse outro*, *aquelle outro* veem de *iste-alterum*, *ipse-alterum*, *ecce-illum-alterum*.

Adjectivos demonstrativos puros
da segunda especie.

Mesmo, *mesma*, deriva-se de *metips'mus*, contracção de *metipsimus* que por seu turno se contrahiu do superlativo *metipsissimus*, por meio das fórmas *medessmo*, *medesmo*, donde se originou a fórma *meesmo* (seculo 15.º), e a actual *mesmo*,

Proprio, *propria*, de *proprium*, *propriam*.

Adjectivo demonstrativo collectivo.

Todo, *toda*, *tudo* de *totum*, *totam*, *totum*.

Demonstrativos distributivos proprios.

Cada é derivado de *kata*, palavra grega, mas por intermedio do latim medieval.

Cada um, *cada uma*; *cada qual*, formaram-se por juxta-posição no seio da lingua.

Qualquer, *quemquer*, são de formação popular vernacula, como o prova a fórma archaica *qualquizer*: *qual* + *quer* (quizer), *quem* + *quer* (quizer).

A qual (significando *cada qual*) tem a mesma procedencia que o adjectivo conjunctivo *o qual*, *a qual*.

Demonstrativos distributivos partitivos.

Outro, *outra* (*altro*, *a*, ant.), *al* (ant.), de *alterum*, *alteram*, *aliud*.

Algum, *alguma*, *algo* (ant.), de *aliqu' unum*, *aliqu' unam*, *aliquod*.

Nenhum, *nenhuma*, é de formação portugueza, pela juxtaposição de *nem* a *hum*, *huma*=*nec unum*, *nec unam*; e *nada* vem de *nulla* (res) *nata*.

Outrem, *alguem*, *ninguem*, teem sua origem na propria lingua, pela agglutinação de *outro*, *algum* com o substantivo *homem*, e de *nem* com *alguem*.

Tal, de *talis*.

Qual, como *o qual*, adjectivo conjunctivo.

Quem, da mesma maneira que o adjectivo conjunctivo *quem*.

Ambos, *ambas*, de *ambos*, *ambas*.

Varios, *varias*, de *varios*, *varias*.

Diversos, *diversas*, de *diversos*, *diversas*.

Os mais, *os demais*, por juxtaposição de elementos vernaculos.

Adjectivo Conjunctivo.

Que, *cujo*, do adjectivo conjunctivo latino *qui*, *quæ*, *quod*; *que*, do nominativo *qui*; *cujo*, do genitivo *cujus*.

Quem é de formação vernacula, pela agglutinação de *que* e *homem*, e equivale a *o qual homem*.

Qual, de *qualis*, *quale*, com o artigo definido juxtaposto.

Adjectivo Interrogativo.

Que, *cujo*, do adjectivo interrogativo latino *quis* ou *qui*, *quæ* ou *qua*, *quod* ou *quid*; *que*, do nominativo *quis* ou *qui*; *cujo* do genitivo *cujus*.

Quem formou-se no proprio seio da lingua, agglutinando-se *que* e *homem*, e é o equivalente de *que* ou *qual homem*.

Qual, de *qualis*, *quale*, sem o artigo definido.

Adjectivos Numeraes.

A differença que ha entre os adjectivos numeraes portuguezes e os latinos, é apenas phonetica.

Numeraes Cardinaes.

Um, uma,	de unum, unam;
dous *(duos*, arch.), duas,	» duos, duas;
tres,	» tres;
quatro,	» quatuor;
cinco,	» quinque;
seis,	» sex;
sete,	» septem;
oito,	» octo;
nove,	» novem;
dez,	» decem.

Com respeito a estes adjectivos, temos de notar apenas que é mui frequente a permuta do *q* latino em *c* ou *c* brando portuguez antes de *e* e *i*, verificada em *cinco* de *quinque*.

Onze,	de un (de) cim;
doze,	« duo (de) cim;
treze,	» tre (de) cim;
quatorze,	» quatuor (de) cim;
quinze,	» quin (de) cim;
dezeseis,	» decem et sex;
dezesete,	» decem et septem;
dezoito,	» decem et octo;
dezenove,	» decem et novem.

Os adjectivos *onze* a *quinze* são contracções regulares dos typos latinos que, pela acção dissolvente das leis phoneticas, soffreram a transformação da desinencia *cim* em *ze*. Quanto ás fórmas de *dezeseis* a *dezenove*, afas-

tou-se o portuguez das fórmas syntheticas *sexdecim*, *septemdecim*, etc., adoptando as analyticas *decem et sex*, *decem et septem*, etc., a que os proprios romanos davam preferencia, por serem mais claras.

Vinte,	de vi (g) inti;
trinta,	» tri (g) inta;
quarenta,	» quadra (g) inta;
cincoenta,	« quinqua (g) inta;
sessenta,	» sexa (g) inta;
setenta,	» septua (g) inta;
oitenta,	» octo (g) inta;
noventa,	» nona (g) inta.

Deu-se o atrophiamento das fórmas latinas, pela queda da consoante medial *g*.

Cem *(cento)*,	de cemtum;
duzentos *(dous centos)*,	» ducentos;
trezentos *(tres centos)*,	» trecentos;
quatrocentos,	» quadringentos;
quinhentos,	» quingentos;
seiscentos,	» sexcentos;
setescentos,	» septingentos;
oitocentos,	» octingentos;
novecentos,	» nongentos.

O facto mais notavel da adopção destes adjectivos, é a transformação do *g* em *c*.

Mil e seus multiplos são perfeitos correspondentes das fórmas latinas. *Milhão*, *bilhão*, etc., são de derivação vernacula.

Numeraes Ordinaes.

Os adjectivos numeraes ordinaes foram importados directamente do latim.

Primeiro (primario),	de primarium;
segundo,	» secundum;
terceiro (terciario),	» tertiarium;
quarto,	» quartum; etc.

Numeraes multiplicativos.

Veem os multiplicativos das fórmas em *plus*, que tinham uma correspondente em *plex*, como se vê em *duplus*, *duplex*; *triplus*, *triplex*.

Duplo,	de duplum;
triplo,	» triplum;
quadruplo,	» quadruplum; etc.

Das fórmas *plex* ha *simplice* (arch.), *duplice*, *triplice*, *multiplice*, que são de formação erudita, e correspondem a *dobro*, *tresdobro*, *cemdobro*, do fundo popular da lingua.

Adjectivos Quantitativos.

Pouco, de *paucum*.
Bastante, de formação portugueza.
Muito, de *multum*.
Menos, de *minus*.
Mais, de *magis*.
Quanto, de *quantum*.
Tanto, de *tantum*.

Adjectivos possessivos.

Meu, minha,	de meum, meam;
teu, tua,	» tuum, tuam;
nosso, nossa,	» nostrum, nostram;
vosso, vossa,	» vostrum (vestrum), vostram;
seu, sua	» suum, suam.

Por analogia da fórma *meu*, predominou o diphthongo, *eu*, em *teu, seu*.

Tendo-se molhado o *n* da fórma antiga *miana*, o povo a pronunciava *mianha*, *mienha*, donde *minha*, correspondente á franceza *mienne*, e á hespanhola *mieña*.

No portuguez antigo, havia ainda as fórmas contractas, *mia*, a par de *ma*, *ta*, *sa*: *mia* ou *ma molher*, *ta fila*, *sa vida*.

Nosso, *vosso*, passaram pelas fórmas intermediarias *nostro*, *vostro*, que estiveram em uso até o seculo 14.º; sua transformação operou-se pela queda da consoante medial *r*, e assimilação do *t* ao *s*.

IV

Etymologia do Verbo.

De todas as linguas romanicas é o portuguez a que mais fielmente conserva as fórmas da conjugação latina.

Verbo Substantivo.

Ser vem da fórma romanica *essere* que nada mais é que a fórma latina *esse* a que, desde o seculo 6.º, juntou a linguagem popular a desinencia *re*, por analogia aos verbos da segunda conjugação, como se vê em *potere*, *volere*, *inferrere* por *posse*, *velle*, *inferre*.

Tem o verbo *ser* duas raizes:—*es*, de *esse* e *fu*, de *fuere*.

Formaram-se de *es*:

1.º O *presente do indicativo*:

Sou,	de *sum*,
és,	» *es*,
é,	» *est*,
somos,	» *sumus*,
sois,	» *sitis*, em logar de *estis*,
são,	» *sunt*.

Encontram-se as fórmas archaicas da primeira pessoa do singular *sum*, *som*, *soou*, *sõo*, *sam*, *san*, *são sejo*. *São*, por *sou*, ainda hoje está em uso entre os minhotos. *Sejo* foi usado por confusão com *sedeo*. Mas, já no latim vulgar, havia as fórmas *su* e *so*, que explicam a fixação da fórma *sou*, pela queda do *m* final ou da terminação da primeira pessoa do singular, e diphthongação da vogal *o* por alongamento.

A segunda pessoa do singular não soffreu alteração alguma, por ser sua caracteristica a lettra *s*. Gil Vicente usou da fórma *ses*.

E' de notar na terceira pessoa do singular a fórma *est*, a par de *é* nos autores do seculo 13.º e do 14.º Encontra-se tambem a fórma *eres* que se reduziu a *e's*, e mais tarde a *é*, fórma vigente, porque o *s* é a desinencia da segunda pessoa.

A primeira pesoa do plural mudou o *u* em *o*; mas, ainda no seculo 13.º, dizia-se *sumus*, reproduzindo-se a fórma latina.

Houve, na segunda pessoa do plural, completo desvio do typo latino, com a substituição de *estis* pela correspondente do presente do conjunctivo *sitis* que deu *sondes*, *soedes*, *sodes*, donde *soes* ou *sois*, por syncope do *d* medial.

A terceira pessoa do plural *sunt*, usada no seculo 13.°, por apocope do *t*, produziu *sum*, depois *som* e *son*, e a final *sam* e *são*, fórmas que estão em perfeita analogia com a terceira pessoa do plural de todos os verbos portuguezes.

2.° O *imperfeito do indicativo*:

Era,	de *eram*,
eras,	» *eras*,
era,	» *erat*,
éramos,	» *erámus*,
éreis,	» *erátis*,
eram,	» *erant*.

A segunda pessoa do plural *erades*, *eratis* encontra-se no *Cancioneiro de D. Diniz*. Tambem se acha a fórma portugueza *sia*, em logar de *era*, Explica-se este facto pela synonymia de *esse*, *stare* e *sedére*; usavam de *sia*. contracção de *sedebat*, em vez de *era*, como de *sejo* por *sou*.

Na primeira e na segunda pessoa do plural, houve mudança do accento do *a* formativo para a raiz.

3.° O *futuro absoluto* e o *futuro simples do condicional*: *serei*, etc.; *seria*, etc.

Formaram-se estes dous tempos pelo processo periphrasistico, peculiar ás linguas romanas: *serei=essere+habeo*, *ceria=essere+habebam*. (V. pg. 234).

4.° O *futuro do imperativo*: *sê*, *sede*, que proveem de *esse*, *es-sete*.

Sustentam outros que veem de *sede*, *sedete*, por confusão de *esse* com *sedére*.

5.° O *subjunctivo presente*:

Seja	provém	de	*siam*,	fórma	do	latim	popular.
sejas	»	»	*sias*,	»	»	»	»
seja	»	»	*siat*,	»	»	»	»

sejamos provém	de *siamus*,	fórma do latino	popular.
sejaes »	» *siatis*,	» » »	»
sejam »	» *siant*,	» » »	» [1]

Fr. João Claro usou de *seiaes*, na segunda pessoa do plural.

6.º O *participio presente*: *sendo* que foi tomado de *sens*, *sentis*, que só apparece nos compostos, como *ab-sens*, *prœ-sens*. O gerundio *sendo* e o supino *sido*, que não existem em latim, formaram-se analogicamente.

O *Elucidario* recolheu a fórma archaica *seente*.

Formaram-se de *fu*:

1.º O *preterito perfeito do indicativo*:

Fui	de *fui*,
foste	» *fuisti*,
foi	» *fuit*,
fomos	» *fúimus*,
fostes	» *fuístes*,
foram	» *fuerunt*.

D. Diniz usou de *seve* por *fui*.

2.º O *mais que perfeito do indicativo*:

Fora	de *fueram*,
foras	» *fueras*,
fora	» *fuerat*,
foramos	» *fuerámus*,
foreis	» *fuerátis*,
foram	» *fuerant*.

3.º O *imperfeito do subjunctivo*:

Fosse	de *fuissem*,
fosses	» *fuisses*,

[1] Ferdinand Brunot.—*Gram. Hist. de la Lang. Franç.*, pag. 430, § 288.

fosse	de *fuisset*,
fossemos	» *fuissémus*,
fosseis	» *fuissétis*,
fossem	» *fuissent*.

Apparece em *Fr. João Claro*, Cap. 3.º, a fórma *focedes*.

4.º O *futuro do subjunctivo*:

For	de *fuerim*,
fores	» *fueris*,
for	» *fuerit*,
formos	» *fuérimus*,
fordes	» *fuéritis*,
fòrem	» *fuerint*.

Notada por *Diez* ha nos *Foros da Guarda*, 401 e 402, as fórmas *sever*, *severem*.

VERBOS REGULARES.

A quasi homogeneidade das terminações dos verbos torna evidente que primitivamente só havia uma conjugação. As modificações devidas á lettra final do thema, é que deram origem ás tres conjugações.

É o infinito a fórma verbal que mais distinctamente apresenta a vogal caracteristica; dahi ser elle tomado para typo dos tres grupos de flexões verbaes.

A vogal thematica, caracteristica do primeiro grupo ou conjugação é o *a* de *ar;* do segundo, o *e* de *er;* do terceiro, o *i* de *ir*.

A primeira conjugação corresponde á latina em *are*: *amar* de *amare;* a segunda, ás latinas em *ere* (longo) e *ere* (breve): *dever* de *debére*, *fazer* de *fácere*; a terceira, ás latinas em *ire* e *ere* (breve): *vir* de *venire*; *conduzir* de *condúcere*. Isto, comparando-se o portuguez actual com o latim classico. Não assim com o latim barbaro, onde, pela deslocação do accento, apparecem já, si bem que confusamente, as fórmas *dicére*, *facére*, *immergire*, *conducire*, a par de *dicere*, *fácere*, *immergere*, *condúcere*.

INDICATIVO.

Presente.

Amo	de amo,	Devo	de debeo,
amas	» amas,	deves	» debes,
ama	» amat,	deve	» debet,
amamos	» amamus,	devemos	» debemos,
amaes	» amatis,	deveis	» debetis,
amam	» amant.	devem	» debent.

Sinto	de sentio,
sentes	» sentis,
sente	» sentit,
sentimos	» sentimus,
sentis	» sentitis,
sentem	» sentiunt.

Este tempo representa os typos com sensivel fidelidade.

A terminação da primeira pessoa do singular é a mesma em todas as conjugações.

A segunda conservou o *s* final, sua caracteristica; mudou porem o *i* dos verbos da terceira e da quarta conjugação em *e*.

Na terceira pessoa, deu-se, em todos os tempos, a queda do *t* final.

Esta apocope tem explicação no facto de não admittir a indole da lingua outras consoantes finaes que não sejam *l*, *m*, *n*, *r*, *s*, *z*.

O *u* da desinencia da primeira pessoa do plural, conservado até o seculo 13.º, permutou-se desta epoca em diante, em *o*, em todos os tempos das tres conjugações.

Na segunda pessoa, syncopou-se o *t* da terminação, depois de abrandado em *d*: *amatis* (lat.)=*amades* (port. do seculo 12.º ao 16.º)=*amaes* (port. hodierno.)

No seculo 15.°, é que começou a dar-se a syncope do *d*, que se tornou definitiva no seculo 16.° Actualmente ainda ha vestigios desta lettra em *pondes*, *tendes, vindes*, porque ella se acha protegida contra a syncope pela consoante *n*; e em *credes*, *ledes*, *vêdes*, *rides*, *ides*, ou porque o thema é uma simples raiz vocalica (*ide*) ou porque, pela syncope da consoante e contracção de vogaes (*ler*=*leer*, de *le*(g)*ere*, *crer*=*creer*, de *cre*(d)*ere*, o thema se acharia reduzido a uma consoante, ou ligação de consoantes iniciaes da raiz e á sua desinencia.

A vogal *e* da desinencia da segunda pessoa do plural *des, de*, do antigo portuguez, achando-se, pela queda da consoante *d*, em contacto com a vogal final do thema, comporta-se da seguinte fórma no portuguez moderno: sendo a vogal do thema *a* accentuado, o *e* não se modifica: *amá-es*, *amá-e*; sendo *a* não accentuado, o *e* funde-se com elle no diphthongo *ei*: *amáve-is*, *dizíe-is, sentie-is*, por *amáva-es*, *dizía-es*, *sentia-es*; sendo *e*, muda-se o *e* da desinencia em *i*: *dize-is, have-is*; sendo *i*, é por este absorvido o *e*: *senti-s*, *vestí-s*.

O *t* da desinencia da terceira pessoa do plural apparece inteiramente apocopado. O *n* da terminação, tornado final, funde-se com a vogal que o precede numa vogal nasalisada. Dahi vem estar na escripta representado no portuguez antigo por *n, m* ou *til*: *façan*, *entren*; *conoscam*, *forum*; *tiverõ*, *trouuerõ*; mas na idade media com *m* é que mais usualmente se representava a voz nasal. No portuguez moderno, si os verbos são da primeira conjugação, as fórmas da terceira pessoa do plural do presente do indicativo terminam por *ão* (representado com *am*, quando grave), a que correspondem até o seculo 15.° *am* (an), *um* (un), *om* (on); e si são da segunda e da terceira conjugação, por *em*.

O *a* de *ão* é a desinencia do thema verbal; *amã-o* de *ama-n* (t), e o *o* é paragogico. O *e* de *em* provém, ora do *e*, ora do *u*, latinos.

Imperfeito.

Ama*v*a	de	ama*b*am,	Devia	de	debe(b)am,
Ama*v*as	»	ama*b*as,	devias	»	debe(b)as,
ama*v*a	»	ama*b*at,	devia	»	debe(b)at,
amá*v*amos	»	ama*b*ámus,	deviamos	»	debe(b)ámus,
amá*v*eis	»	ama*b*átis,	devieis	»	debe(b)átis,
ama*v*am	»	ama*b*ant.	deviam	»	debe(b)ant.

Sentia	de	sentie(b)am,
sentias	»	sentie(b)as,
sentia	»	sentie(b)at,
sentiamos	»	sentie(b)ámus,
sentieis	»	sentie(b)átis,
sentiam	»	sentie(b)ant.

Na primeira pessoa do singular, houve suppressão do *m* final.

Já no latim vulgar da decadencia, era frequente esta apocope (*su* por *sum*, *capere* por *caperem*), á semelhança do que se praticava no antigo latim, com as fórmas do accusativo do singular, nas quaes o *m* final era ordinariamente apocopado.

Deu-se, em todas as fórmas da primeira conjugação, a permuta do *b* em *v*.

Esta permuta que remonta ao latim do segundo seculo (*miravili*, *Favio*), tornou-se geral desde o quarto seculo.

A queda do *b* nas terminações dos verbos da segunda e da terceira conjugação é uma syncope vulgar, como se vê em *cubitus*, *côto*.

Não se verificou o mesmo com os verbos da primeira conjugação, porque resultaria hiato: *amá-a (amá(b)am)*.

E' de notar ainda a deslocação do accento nas fórmas da primeira e da segunda pessoa do plural.

Preterito perfeito.

Am*ei*	de	am*a*(v)*i*,	Dev*i*	de	deb*e*(v)*i*.
amaste	»	ama(vi)sti,	dev*e*ste	»	deb*e*(v)*i*sti.
amo*u*	«	ama*v*it,	dev*eu*,	»	deb*e*it,
amamos	»	ama(vi)mus,	dev*e*mos	«	deb*e*(v)*i*mus,
amastes	»	ama(vi)stis,	dev*e*stes	»	deb*e*(v)*i*stis,
amaram	›	ama(ve)runt.	dev*e*ram	»	deb*e*(v)*e*runt.

Sent*i*	de	sent*i*(v)*i*,
sent*i*ste	»	sent*i*(v)*i*sti,
senti*u*	»	senti*v*it,
sent*i*mos	»	sent*i*(v)*i*mus,
sent*i*stes	»	sent*i*(v)*i*stis,
sent*i*ram	»	sent*i*(v)*e*runt.

O preterito perfeito formou-se, tomando para typo o dos perfeitos latinos em *ave, evi, ivi.*

Nas fórmas em *avi* (primeira conjugação latina e portugueza), deu-se o seguinte:

1.º Na primeira pessoa do singular, foi o *v* syncopado, e o diphthongo *ai*, que ficou em consequencia dessa syncope, mudou-se em *ei*: *am***ei**=*am***a**(v)**i**.

Esta syncope do *v* dava-se já no latim vulgar da decadencia: *probai*, por *probavi*, *edificai*, por *œdificavi*. A mudança de *ai* em *ei* é frequentissima em portuguez, como se vê em *celleiro* de *cellarius*, *primeiro* de *primarius*.

2.º Na segunda pessoa do singular, e em todo o plural, desappareceram completamente as syllabas *vi* e *ve*: *amaste*=*ama*(vi)*sti*, etc.

Esta queda era muito commum em latim: *curarunt, jurarit, negarint ambularis.*

3.º Na terceira pessoa do singular, houve apocope da terminação *it*, que não soava na linguagem popular; a lingua não podendo supportar um *v* terminando uma palavra, dissolveu-o em *u*: *amo***u**=*ama***v**-*it*.

Foi assim que em nossa lingua *nau* veio de *nave*.

Sobre as terminações dos verbos em *evi* (segunda conjugação latina e portugueza), ha que observar:

1.º Que na primeira e na segunda pessoa do singular e do plural, houve syncope do *v* de *vi*, e que o diphthongo restante *ei* se contrahiu em *i* na primeira pessoa do singular: *dev***i**=*deb***e**(v)**i**; e em *e* nas outras tres: *dev***e***ste*=*deb***e**(v)**i***sti*, etc.

2.º Que na terceira pessoa do plural tambem houve syncope do *v*, e ainda contracção dos dous *e e*, por se

terem posto em contacto com essa syncope: *deveram*=*debe*(v)erunt.

3.º Que, na terceira pessoa do singular, a terminação *vit* se acha representada por *u*, exactamente como nos verbos em *avi*: deve*u*=*debev-it*.

Nas terminações dos verbos em *ivi* (quarta conjugação latina e terceira portugueza), ha que notar:

1.º A syncope do *v*, seguida da contracção em *i*, não só dos dous *i i* da primeira e da segunda pessoa tanto do singular como do plural, os quaes, por virtude dessa syncope, ficaram em contacto, como tambem do *i* e *e* da terceira pessoa do plural: *senti*=*senti*(v)i, etc., *sentiram*=*senti*(v)*erunt*.

A syncope do *v* de *vi* era em latim particularmente frequente nos verbos em *ivi*.

2.º A dissolução do *v* em *u* na terceira pessoa do singular, depois de verificada a queda de *it* final: *sentiu* =*sentiv-it*.

Alguns verbos da terceira conjugação formavam já em latim o seu perfeito em *ivi* pela analogia dos verbos em *i*, como se vê em *cupio, is, ivi* ou *ii, itum, ere*.

Mais que perfeito.

Amara	de ama(ve)ra-m,	Devera	»	debe(ve)ra-m,
amaras	» ama(ve)ras,	deveras	»	debe(ve)ras,
amara	» ama(ve)ra-t,	devera	»	debe(ve)ra-t.
amáramos	» ama(ve)rámus,	devêramos	»	debe(ve)rámus,
amáreis	» ama(ve)rátis,	devêreis	»	debe(ve)rátis,
amaram	» ama(ve)rant.	deveram	»	debe(ve)rant.

Sentira	de	senti(ve)ra-m,
sentiras	»	senti(ve)ras,
sentira	»	senti(ve)ra-t,
sentiramos	»	senti(ve)rámus,
sentireis	»	senti(ve)rátis,
sentiram	»	senti(ve)rant.

Formou-se do tempo correspondente em latim, já syncopado no periodo classico: *cantaram* por *cantaveram*.

Houve deslocação do accento na primeira e na segunda pessoa do plural.

Futuro absoluto.

Amarei	=amar+hei	de amare habeo,
amaras	=amar+has	» amare habes,
amará	=amar+ha	» amare habet,
amaremos	=amar+havemos	» amare habemûs,
amarêis	=amar+haveis	» amare habetis,
amarão	=amar+hão	» amare habent, etc.

Na epoca da decadencia, deixando de ser pronunciadas as finaes latinas, houve forçosa confusão de fórmas; pelo que era impossivel aos populares a distincção entre o imperfeito *amabam*, *amabas*, *amabat*, etc. e o futuro *amabo, amabis*, *amabit*, etc. Para removerem este embaraço, crearam os romanos uma nova fórma de futuro, composta do infinito do verbo e do presente de *habere*: *amare habeo* deu *amar+hei*, e, pela fusão dos elementos, *amarei*, etc.

Como se acaba de ver, é o processo de formação deste futuro o periphrasistico, adoptado, com excepção do valachio, por todas as linguas romanicas; não é portanto tempo simples, mas os seus elementos componentes acham-se por tal modo agglutinados, que é impossivel classifica-lo nos tempos compostos.

IMPERATIVO.

Futuro.

Ama de ama,	Deve de debe	Sente de senti,
amae » ama*te*.	devei » debe*te*	senti » senti*te*

Nos documentos anteriores ao seculo 14.º, a desinencia da segunda pessoa do plural era invariavelmente *de* (=lat.-*te*): *amade*, *fazede*, etc. fórmas que vigoraram

ainda no seculo 15.º e no 16.º, tendo já, como concorrentes as syncopadas *temperaae*, *sabee*, etc., que differem das modernas em ter a vogal tonica representada pelo *a* e *e* geminados.

Como as respectivas do indicativo, são relembradoras das fórmas archaicas as fórmas *crede*, *lede*, *ponde*, *tende*, *véde*, *ide*, *ride*, *vinde*.

CONDICIONAL.

Futuro.

Amaria=amar+hia (contracção de *havia*) de *amare habebam*; etc.

Este tempo que era supprido em latim pelo imperfeito do subjunctivo, tambem é em rigor um tempo composto, porque se forma pelo mesmo processo periphrasistico do futuro absoluto, agglutinando-se o imperfeito do indicativo de *haver* com o infinito.

Presente.

Ame	de amem,		Deva	de debeam,	
ames	» ames,		devas	» debeas,	
ame	» amet,		deva	» debeat,	
amemos	» amemus,		devamos	» debeamus,	
ameis	» ametis,		devaes	» debeatis,	
amem	» ament.		devam	» debeant.	

Sinta	de sentiam,
sintas	» sentias,
sinta	» sentiat,
sintamos	» sentiamus,
sintaes	» sentiatis,
sintam	» sentiant.

Como nas outras linguas romanas, conservou este tempo o typo latino tanto nas fórmas como na accentuação. Suas modificações são regulares, e consistem na queda

do *m* das primeiras pessoas do singular, do *t* final das terceiras e do *t* medial das segundas do plural. Nos derivados da flexão em *e* e *i*, dá-se geralmente a syncope da vogal thematica: *deva* por *devea*=lat. *debeam*; *vista* por *vestia*=*vestia-m*.

Imperfeito.

Amasse	de	ama(vi)ssem,	Devesse	de	debe(vi)ssem,
amasses	»	ama(vi)sses,	devesses	»	debe(vi)sses,
amasse	»	ama(vi)sset,	devesse	»	debe(visset,
amassemos	»	ama(vi)ssemus,	devessemos	»	debe(vi)ssemus,
amasseis	»	ama(vi)ssetis,	devesseis	»	debe(vi)ssetis,
amassem	»	ama(vi)ssent,	devessem	»	debe(vi)ssent.

Sentisse	de	senti(vi)ssem,
sentisses	»	senti(vi)sses,
sentisse	»	senti(vi)sset,
sentissemos	»	senti(vi)ssemus,
sentisseis	»	senti(vi)ssetis,
sentissem	»	senti(vi)ssent.

Este tempo, cuja formação é commum ás linguas romanicas, deriva-se das fórmas do mais que perfeito do subjunctivo do latim popular, *amassem*, etc., procedentes das do latim classico, *amavissem*, etc., por syncope de *vi*. Houve alem disso deslocação do accento na primeira e na segunda pessoa do plural.

Futuro.

Amar	de	ama(ve)rim,	Dever	de	debe(ve)rim,
amares	»	ama(ve)ris,	deveres	»	debe(ve)ris,
amar	»	ama(ve)rit,	dever	»	debe(ve)rit,
amarmos	»	ama(ve)rlmus,	devermos	»	debe(ve)rimus,
amardes	»	ama(ve)ritis,	deverdes	»	debe(ve)ritis,
amarem	»	ama(ve)rint,	deverem	»	debe(ve)rint.

Sentir	de	senti(ve)rim,
sentires	»	senti(ve)ris,
sentir	»	senti(ve)rit,
sentirmos	»	senti(ve)rimus,
sentirdes	»	senti(ve)ritis,
sentirem	»	senti(ve)rint.

Deu-se a syncope do *v* entre vogaes, seguida da absorpção da vogal atona pela accentuada: *amar*=*amaer* de *ama*-(v)*e*-*r*(im), etc.

INFINITO.

Presente.

As fórmas do infinito em *ar* veem das fórmas latinas em *are*: *amar*=*amare*; as em *er*, das em *ere* (longo) ou *ere* (breve): *dever*=*debere*, *fazer*=*facere*; as em *ir*, das em *ere* (breve) ou *ire*: *cair*=*cadere*, *sentir*=*sentire*; perdido apenas o *e* final, e identificadas na accentuação.

Por analogia das fórmas temporaes, o portuguez junta muitas vezes ao infinito as desinencias pessoaes: *amar*, *amares*, *amar*, *amarmos*, *amardes*, *amarem*.

As construcções do infinito com pronomes nas orações do modo infinito, o obscurecimento ha tanto tempo completamente realisado da funcção verdadeira do infinito e a analogia, explicam perfeitamente este facto peculiar do portuguez.

Participio presente.

Até o seculo 16.º, esteve em uso o participio presente derivado do tempo correspondente em latim, como se vê dos seguintes exemplos do portuguez antigo: «... per'las ricas e *imitantes* a cor da aurora (CAMÕES.» «... os quaes *tementes* Nostro Señor (REGRA DE S. BENTO).»

Hoje as fórmas em *ante*, *ente*, *inte* perderam inteiramente a força participal, sendo apenas empregadas como simples adjectivos ou substantivos: *tirante*, *obediente*; *caminhante*, *poente*.

Escriptores contemporaneos teem empregado estas fórmas, como participios, com o fim de ver si restabelecem tal uso.

Obliterado o participio presente que provinha directamente do participio presente latino, foi supprida a sua falta pelas fórmas em *ando*, *endo*, *indo*, procedentes do gerundio latino em ablativo: «O general dos inimigos, *animando* o exercito, dizia a cada passo: etc.» «*Ajudando* Deus, o negocio terá bem exito.»

Como se vê da traducção destes exemplos, *animando* e *ajudando* teem a mesma força participal de *animans, antis* e *juvans, antis:* «Dux hostium, exercitum *animans,* passim loquebatur: etc:» «Deo *juvante,* res bene succedet.»

Gerundio.

Das fórmas do gerundio, pela perda da distincção dos casos, só permaneceu a do ablativo: «A mulher manda *obedecendo.* (Mulier *parendo* imperat).» «Elle emprega o tempo *lendo* historia. (Consumit tempus *legendo* historiam).» As fórmas do genitivo, dativo e accusativo foram substituidas pelo infinito regido de preposição: *de amar* (amandi), *a amar* (amando), *para amar* (amandum).

Nos verbos em *i*, o *e* do suffixo contrahiu-se com o *i* final do thema verbal: *vestindo* de *vesti-endo.*

Participio preterito ou passivo.

Conservou-se o typo dos participios preteritos dos derivados em *a* e *i*, isto é, dos participios em que o suffixo *to* é precedido das vogaes de derivação *a*, *i*, abrandando-se o *t* do suffixo em *d*, por se achar entre vogaes: *amado* de *amato*, *vestido* de *vestito.* A primeira e a terceira conjugação portuguezas ganharam por esse modo um typo apropriado de participio preterito; mas, faltando tal typo á segunda, baseada sobre os verbos latinos em *e*, o portuguez e bem assim as outras linguas romanicas lançaram mão do typo dos participios em *uto*, como *diluto*, *secuto*, *soluto*, formando os antigos participios em *udo*: *esta-*

beleçudo, *perdudo*, etc., que cairam em desuso no seculo 16.º, e foram substituidos por participios em *ido*, por analogia da terceira conjugação: *estabelecido*, *perdido*, etc.

O portuguez conserva ainda consideravel numero de participios com fórma primitiva: *posto* de *pos(i)to*, *feito* de *facto*, *dito* de *dicto*, etc. Na linguagem hodierna, temos exemplos da fórma archaica em *teúdo*, *manteúdo*, *conteúdo*, *sanhudo*, etc., mas como simples adjectivos.

Supino.

O *supino* é o mesmo participio passado, quando invariavel. É assim chamado, porque, junto aos auxiliares *haver* e *ter*, assume o caracter do supino em *um*, latino, ou de um nome verbal que exprime a acção na voz activa, e pede ou não complemento, conforme a natureza do verbo de que procede: «*Tenho* **viajado** muito.» «Elle *havia* **comprado** uma casa.»

O supino concordava outrora com o termo que representa o objecto da acção por elle expressa: "Os *mares que* temos **navegados**." "As *victorias que* haviamos **alcançadas**." Desta construcção muitas vezes resultava equivoco com as phrases, em que os verbos *haver* e *ter*, tomados na sua significação propria, teem o complemento objectivo modificado pelo participio, como se vê destes exemplos: "Os *soldados que* tenho *feridos*." "Os soldados que tenho *ferido*." O primeiro exemplo designa *os soldados do corpo que estão feridos;* o segundo, *aquelles que feri*.

Tempos Compostos.

Os tempos compostos formam-se periphrasticamente: os do preterito e alguns do futuro, juntando-se o supino aos auxiliares *haver* e *ter*: *hei* ou *tenho* **amado**, *haverei* ou *terei* **amado**, etc.; e os do futuro, chamados de *significação começada*, por exprimirem uma acção começada na tenção e por fazer na execução, ligando-se o presente do infinito impessoal aos mesmos auxiliares pela preposição *de*: *hei* ou *tenho de* **amar**, *haveria* ou *teria de* **amar**, etc.

Desappareceram completamente no dominio romano o futuro simples do indicativo (*amabo*) e o imperfeito (*amarem*) e perfeito (*amaverim*) do

subjunctivo, pela semelhança mais ou menos exacta com outras fórmas temporaes. *Cantabo*, por exemplo, podia confundir-se facilmente com *cantabam; cantaerem*, com *cantarim* e *cantaram;* e *audiam* (presente), com *audiam* (futuro). As fórmas antigas viveram por algum tempo ao lado das novas, até que, por superfluas, foram substituidas por estas. Fez-se esta substituição por meio da periphrase, juntando-se o verbo *habere* ao participio passado que em portuguez tomou o nome de supino, quando se tornou invariavel: "De Cœsare satis **dictum** *habeo* por *dixi*.„ "Copias quas *habebat* **paratas** por *paraverat*.„; e juntando-se ao infinito o mesmo verbo *habere* que, por um uso que necessariamente decorria já do latim vulgar, collocaram antes do infinito, como se vê das formulas **habeo** *dicere*, **habeo** *audire*, etc., mais frequentes na lingua popular que na litteraria, e que equivalem a *habeo dicendum*, *habeo audiendum*, ou a *habeo quod dicam*, *habeo quod audiam*. Por este meio, adquiriu a lingua grande numero de fórmas analyticas ou compostas, e creou duas flexões originaes, o futuro absoluto (*amarei* de *amar+hei*) e o futuro simples do condicional (*amaria* de *amar+hia* ou *havia*). No portuguez e no hespanhol, deram ao verbo *tenere*, muito mais preciso, este emprego de *habere*.

Voz Passiva.

Em latim os verbos passivos teem fórmas syntheticas nos tempos da primeira serie ou de acção incompleta: *amor*, *amaris* ou *amare*, *amatur*, etc.; e fórmas analyticas nos da segunda serie ou de acção completa: *amatus*, *a*, *um sum* ou *fui*, etc.

O portuguez rejeitou as fórmas syntheticas, e adoptou em todos os tempos as analyticas: *sou amado*, *era amado*, etc.

A substituição das fórmas syntheticas pelas analyticas já era frequente no latim popular: *sum amatus* por *amor*, *sunt aspecta* por *aspectantur*, etc.

Alem do processo indicado para exprimir a passividade, o portuguez, com as linguas suas congeneres, renovou, mas só nas terceiras pessoas, o do latim primitivo, que consiste em juntar ás fórmas do verbo o pronome *se:* «*Vende*-**se** uma casa.» «*Compram*-**se** livros.» «*Ama*-**se**.» «*Vive*-**se**.»

Os elementos latinos deste processo fundiram-se a final, dando em resultado as fórmas syntheticas dos tempos de acção incompleta do periodo classico, como se vê em *amo-r* de *amo-re=amo-se*, em que se mudou em *r*

o *s* do pronome *se*, por achar-se entre vogaes, e perdeu-se o *e*, por influencia do accento.

É de formação vernacula o outro modo de apassivar o verbo que consiste em juntar-se a *estar*, *ficar*, *andar*, *ir*, *vir*, etc., o gerundio de *ser*, e o participio passado do verbo que se quer apassivar; *estar* **sendo** *castigado*, etc.

Verbos irregulares.

A grammatica historica não pode admittir que haja verbos irregulares. Os que são considerados taes, obedeceram, como os regulares, aos principios etymologicos da filiação historica, isto é, soffreram as transformações phoneticas de que eram susceptiveis, como quaesquer vocabulos, conservando mais regularmente as fórmas latinas, donde se originaram, como se vê em *di**g**o*, *fa**ç**o*, *ja**z**o*, *ve**nh**o*, *va**lh**o* de *di**c**o*, *fa**c**io*, *ja**c**eo*, *ve**n**i**o***, *va**l**eo*, etc. Mas parece preferivel adoptar modernamente as denominações de *verbos regulares* e *irregulares*, que estão mais em relação com o estado actual da flexão verbal.

V

Etymologia das palavras invariaveis.

É em geral latina a etymologia das palavras invariaveis; muitas dellas porem são de formação romana, posterior ao latim culto.

Preposições.

Latinas:—*a* de *ad*, *ante* de *ante*, *com* de *cum*, *contra* de *contra*, *de* de *de*, *em* de *in*, *entre* de *inter*, *per* e *por* de *per*, *por* (em favor de) de *pro*, *sem* de *sine*, *sob* de *sub*, *sobre* de *super*.

Romanas:—*após* (pós) de *ad+post*, *até* (té) de *hactenus*, *desde* de *de+ex+de*, *para* de *per+ad* (*pera*, port. ant.).

Adverbios.

LATINOS: — *alem* de *alliunde (allende*, no hesp.);
alhures (arch.) de *aliorsum (alii oris)*;
aliás de *alias*;
alli de *illic*, pela queda do *c* final e mudança do *i* inicial em *a* (cp. *antre*, *entre* de *inter)*;
antes de *ante*;
até de *hactenus*;
bem de *benè*;
cedo de *cito*;
cerca de *circa*;
como? de *quomodo*, pela intermediaria *quomo*;
eis de *ecce*;
fóra de *foras* (foris);
hi de *hic*;
hoje de *hodie (hoc die*;
inda de *inde*;
já de *jam*;
lá de *illac*;
logo de *loco*;
longe de *longe*;
mais de *magis*;
mal de *malè*;
meio de *medium* (algum tanto);
menos de *minus*;
mui, *muito* de *multum*;
nada de *nata (nulla* (res) *nata)*;
não de *non*;
nunca de *nunquam*;
onde de *undè*;
ora de *hora*;
perto de *pressum* (que se junta, que se avizinha de *premere*;
pouco de *paucum*;
quando? de *quando*;

quanto? de *quantum*;
quasi de *quasi*;
sempre de *semper*;
sim de *sic*;
só de *solum*;
tarde de *tarde*;
tanto de tantum;
tão de *tam*;
tras de *trans*.

ROMANOS: — *acaso* de *ad* + *casum*;
acinte de *ab* + *sciente*;
acolá de *hac* + *illá* (illac);
adrede de *ad* + *recte*;
agora de *hac* + *hora*;
algures de *al*, *quoris* (*aliquis oris*=alguma região);
arriba de *ad* + *ripam* (para a praia);
assás de *ad* + *satis*;
assim de *ad* + *sic*;
aqui (*qui*, ant.) de *ecce* + *hic* (ec'hic), segundo Diez; ou da fórma pleonastica *hac* + *hic*, no sentir de outros;
avante de *abante* (ab + ante), lat. pop.;
cá de *ecc'hac* (donde *ecá*, *cá*);
dentro de *de intro*;
então de *in tunc*;
hontem de *hodie* + *ante*, na opinião de alguns; de *ad* + *noctem*, segundo outros;
nenhures de *neoris* (nec oris), opposto de *algures*;
quiçá de *quis sapit*, lat. pop.

Ha alem destes os adverbios em *mente*, como *placidamente*.

Por não serem accentuadas, perderam-se as terminações adverbiaes latinas *e* e *ter*: *certè*, *prudenter*; recorreu por isto o portuguez á fórma periphrastica, mui frequente entre os escriptores do Imperio: "*bona mente* factum." O suffixo *mente* é por conseguinte o ablativo latino do substantivo

feminino *mens*, *mentis* (espirito, entendimento, mente), que em latim já empregavam no sentido de *modo* ou *maneira*, e que, sem soffrer modificação phonetica, pode separar-se do adjectivo, conservando ainda a idéa etymologica ou a sua vida propria: "Lutaram *sabia* e *poderosa*mente.

Conjuncções.

LATINAS : — *como* de *quomodo*;
e de *et* (*et*, port. ant.);
ergo de *ergo*;
logo de *loco*;
mas de *magis* (adv.);
nem de *nec*;
ora de *hora*;
ou de *aut*;
pois de *post*;
quando de *quando*;
que de *quam* e *quod*;
si de *si*.

ROMANAS: — *assim* de *ad + sic*;
porem de *per inde* ou *pro inde*, lat. pop. (*por ende*, port. ant.);
porque de *per quæ* ou *per quod*, lat. pop.;
tambem de *tam benè*. lat. vulgar.

Interjeições.

As verdadeiras interjeições, sejam instinctivas ou naturaes: *ah! eh! hui! oh!* etc., sejam onomatopicas: *bum, tras*, *psiuh*, etc., sejam formadas pelo reforço similar: *zaz tras*, *bum bum*, *tim tim*, etc., como verdadeiros gritos espontaneos, que são, encontram-se em quasi todas as linguas, e por isso não teem etymologia.

SECÇÃO 2.ª

Elemento Estrangeiro.

O elemento estrangeiro provém, ou das linguas faladas na peninsula iberica, anteriormente ao latim; ou

das linguas dos conquistadores, depois do dominio romano; ou de origens diversas.

I

Elementos provenientes das linguas faladas na peninsula, anteriormente ao latim.

Elementos euskaros. — Na região pyrenaica da França e da Hespanha, fala-se ainda hoje uma lingua que tem o nome geral de *basco*, *vasconço* ou *biscainho*, a que os proprios que a falam, chamam *euskara*. Esta lingua tem servido a varios etymologistas, para explicar muitas palavras do hespanhol e do portuguez; mas uma origem euskara só é provavel para um pequeno numero de palavras das linguas romanicas da peninsula.

Entre os vocabulos portuguezes, a que se tem com mais verosimilhança attribuido uma origem euskara, citaremos: *aba*, *abarca*, *balsa*, *bezerro*, *bizarro*, *charco*, *charro*, *griseta*, *esquerdo*, *mandrião*, *morro*, *sarrazina*.

Elementos celticos.—Os elementos celticos do portuguez, como das outras linguas romanicas, dividem-se em cinco classes:

1.ª Um certo numero de palavras, como *dolmen* (mesa de pedra), usadas quasi exclusivamente na linguagem litteraria, nos vieram dos dialectos celticos modernos.

2.ª Algumas palavras usadas tambem na linguagem litteraria, são tiradas do latim antigo, como *druida*, *bardo*, que eram palavras celticas.

3.ª Algumas palavras que nos ministram os escriptores gregos ou romanos, e que dão como celticas, ou que podem com verosimilhança ser consideradas taes, encontram-se no fundo popular da nossa lingua. Ei-las: *bacia*, *bico* de *beccus*, *bojo*, *bragas* de *braccas* (accus.), *carpinteiro* de *carpentum*, *carro* de *carrus*, correspondendo a *currus*, *catrefa* de *caterva*, *cavallo* de *caballus*,

cerveja de *cerevisia*, *chopa* de *clupea* (nome de peixe), *cugullo* de *cucullus*, *legua* de *leuca*, *lança* de *lancea*, *sabão* de *saponem*, *tomento* de *tomentum*, *trado* de *taratrum*.

4.ª Algumas palavras portuguezas populares acham explicação etymologica nos dialectos celticos modernos: assim *cambo*, *cambaio*, etc. explicam-se por um radical celtico.

5.ª Do francez nos vieram as seguintes que podem ser consideradas como de origem celtica: *arnez*, *bagagem*, *caes*, *chapa*, *chapéu*, *garrote*.

Elementos phenicios — A lingua phenicia, dialecto semitico, muito proximo do hebreu, foi sem duvida falada por grande numero de colonisadores da Hespanha, antes do dominio romano, na zona meridional maritima, e numa extensão assás consideravel das costas do Atlantico. Os raros vestigios que della se encontram no portuguez, são, sem contar alguns nomes de logar, *atum*, *barca*, *mamona*, *mappa*.

Elementos gregos — Estes elementos acham-se consideravelmente representados nas linguas peninsulares; mas, de nenhuma das palavras portuguezas ou hespanholas de origem grega, se pode affirmar que fosse trazida á Hespanha pelos colonos gregos. Quasi todas ellas faziam parte do vocabulario latino, quando o latim foi trazido á peninsula; ou foram introduzidas posteriormente nesta região, durante o dominio romano.

Eis algumas palavras portuguezas populares, de origem grega, que não se acham representadas nos monumentos da litteratura latina: *anco* (canto, angulo), *bolsa*, *ermo*, *sumo*, *tio*, *taleiga* (sacco), *cara*, *caravella*; *calma*, *chato*.

Algumas palavras da mesma especie passaram, ao que parece, das outras linguas romanicas para a nossa; taes são: *colla*, *golfo*, *grangéa*, *pagem*.

Vieram-nos ainda do grego, por intermedio dos arabes, *alcaparra*, *quilate*.

II

Elementos provenientes das linguas faladas pelos conquistadores na peninsula, depois do dominio romano.

Estes elementos são o *germanico* e o *arabe*. Exceptuando o latim, são elles muito mais importantes do que aquelles de que nos temos occupado até aqui.

Elementos germanicos — A invasão dos barbaros do norte da Europa tambem fez succumbir o poderio romano na peninsula hispanica. Os vencidos porem impozeram aos vencedores, pela superioridade de sua cultura intellectual e de sua civilisação, os seus costumes, culto e idioma.

A despeito disto, não poderam deixar de aceitar muitos vocabulos da lingua germanica, referentes ás suas instituições politicas e judiciarias, ao direito privado, aos titulos hierarchicos, ao systema feudal, á guerra, á navegação, ás divisões arbitrarias do solo, etc.

Esta importação germanica, si bem alterasse o vocabulario latino, não deixou de enriquece-lo; mas a sua influencia no portuguez foi apenas accidental e superficial, porque as palavras desta origem nos chegaram *latinisadas*: *werra*, por exemplo, transformada no latim vulgar em *guerra*, passou para o portuguez sob esta fórma, alguns seculos depois.

Os vocabulos de origem germanica dividem-se em tres classes:

1.ª Palavras introduzidas na lingua latina, antes da invasão da peninsula hispanica, pelos barbaros alistados nos exercitos romanos: *burgo*, *garante*, *ganhar*, *guerra*, *guarda*, *guante*, *sáia*, etc.

2.ª Termos de guerra e titulos jerarchicos, do direito feudal, das instituições politicas e judiciarias, etc., que os suevos, alanos, godos e visigodos importaram comsigo, por occasião da conquista da peninsula hispanica: *alta*, *alabarda*, *arauto*, *baluarte*, *brecha*, *boldrié*, *bedel*, *barão*,

cota, *dardo*, *escaramuça*, *elmo*, *estoque*, *furriel*, *feudo*, *flecha*, *gage*, *gabella*, *marechal*, *sabre*, *vassallo*, etc.

3.ª Termos nauticos introduzidos principalmente pelos normandos que desde o seculo 9.º invadiram a Galliza, e estanciaram no seculo seguinte nas margens do Minho: *arpão*, *arpéu*, *barco*, *boças*, *bordo*, *bote*, *batel*, *canoa*, *chalupa*, *croque*, *dique*, *escota*, *frota*, *frete*, *galeota*, *gageiro*, *mastro*, *ovens*, *quilha*, *sonda*, *timão*, *vaga*, *norte*, *sul*, *éste*, *oeste*, etc.

ELEMENTOS ARABES — Depois dos godos, vieram os arabes que, desde o seculo 7.º, dominaram toda a peninsula, com excepção do territorio basco. O dominio arabe, deixou, em cerca de trezentas palavras da nossa lingua, vestigios bem evidentes da sua influencia. Esses termos referem-se em geral á vida physica, aos usos domesticos, ás instituições civis, politicas e militares, á construcção, á philosophia, á medicina e ás sciencias naturaes.

Eis alguns vocabulos derivados da lingua arabica: *acepipe*, *açougue*, *açude*, *alazão*, *bazar*, *barraca*, *café*, *cafila*, *cafre*, *camelo*, *carmim*, *caravana*, *cifra*, *cabala*, *falua*, *fulano*, *farnel*, *jasmim*, *laudano*, *marfim*, *mascara*, *recife*, *tamarindo*, *zenith*, *zero*.

Quasi todos os nomes que começam por *al* no portuguez, são de origem arabica; este prefixo é o artigo arabe que se fundiu na palavra, deixando de ter vida propria.

São raros os adjectivos de procedencia arabe, da qual tambem não nos veio verbo algum, nem palavras que exprimam idéas abstractas.

III

Elementos provenientes de origens diversas.

Comprehendemos nesta divisão os elementos que, depois de constituida a lingua portugueza no seculo 13.º,

provieram quer das linguas modernas, quer das antigas de todas as partes do mundo, pela litteratura, pelo commercio, pela marinha, por colonias de individuos falando linguas estrangeiras.

Elementos hespanhoes—Apezar da influencia da litteratura hespanhola sobre a portugueza, da proximidade geographica, o numero das palavras, verdadeiramente hespanholas, que se encontram em portuguez, não é consideravel; esse facto é devido a terem o portuguez e o hespanhol um vocabulario pela maior parte commum, de fórma que o portuguez não carece de ir lá buscar o que possue como proprio.

Eis algumas palavras de origem hespanhola: *basto* (termo de jogo), *el-dorado*, *espadilha*, *esteira*, *fandango*, *frente*, *hediondo*, *lhano*, *manilha*, *muchacho*, *quixote*, *sarabanda*, *zarzuella*.

Elementos ciganos--Da lingua dos ciganos da peninsula passaram para o portuguez popular alguns termos. Taes são:

calão	do cigano	*calló=cigano*,
piella	» »	*pijar=beber*,
pira1	» »	*pirelar=andar*.

Elementos francezes—A era dos gallicismos data do declinar do seculo 11.º ou do despontar do immediato; mas é principalmente da epoca de D. João 4.º que o idioma portuguez começa a receber incremento lexicologico do francez.

Os neologismos de origem franceza referem-se mais á moda, a iguarias, á ficção litteraria; ou são nomes proprios ou geographicos, indicadores de productos ou invenções: *grenat*, *capotta*; *croquette*, *mayonnaise*; *amphytrião*, *tartufo*; *Bordeaux*, *Chambertain*; *medoc*, *guilhotina*.

O elemento francez é sem contestação nos ultimos tempos o maior factor barbaro da grammatica e do vocabulario. Por influencia do francez, o portuguez é hoje mais analytico do que nos tempos classicos; a phrase

vernacula vae perdendo o habito das inversões; os vocabulos teem soffrido continuamente modificações de sentido. Por virtude ainda dessa influencia, é que importamos, por meio delle, neologismos inglezes, allemães e até italianos.

ELEMENTOS ITALIANOS—Os *quinhentistas*, classicos do seculo 16.º, por sua grande cultura do italiano, introduziram varios vocabulos dessa lingua, como *soneto*, *madrigal*, *tercetto*. Alguns ainda são anteriores, taes como os termos de marinha, *tramontana* (estrella), *caravella*, *sotavento*, etc.

As palavras derivadas do italiano são em geral relativas ás bellas artes, á litteratura, ao commercio: *adagio*, *andante; aquarella*, *pastel; cantata*, *esdruxulo*; *agio*, *banco;* etc.

ELEMENTOS GERMANICOS DE INTRODUCÇÃO MODERNA—Do allemão vieram-nos, por meio do francez, entre outros os seguintes termos: *bismutho*, *caparrosa*, *cobalto*, *kirsch*, *obús*, *potassa*, *valsa*, *zinco*.

O inglez tem-nos ministrado grande numero de termos de commercio, caminhos de ferro, marinha, *sport*, cozinha, etc.: *cheque*, *dollar*; *breque* (break), *tunnel*; *paquete* (vapor), *yacht*; *jockey*, *groom*; *pudim*, *sandwich*.

Das linguas escandinavas temos, entre outros os seguintes termos: *fiord* (termo geographico), *nickel* (do sueco).

ELEMENTOS DE LINGUAS AMERICANAS—São em grande numero os vocabulos herdados da lingua tupi: *cacique*, *pagé*, *taba*, *boré*, *maracá*, *cuia*, *igara*, *ubá*, *mundéu*, *tacape*, *curare*, *caipora*, etc.

No reino vegetal, este elemento tornou muito opulento o nosso vocabulario: *abacate*, *abacaxi*, *araçá*, *capim*, *caroba*, *caju*, *cipó*, *goiaba*, *embira*, *jaboticaba*, *jacarandá*, *mandioca*, *mangaba*, *peroba*, *pitanga*, etc.

Por virtude deste elemento não é menos rico o nosso lexico, no que diz respeito á zoologia: *araponga*, *arara*, *capivara*, *coatí*, *ema*, *gia*, *giboia*, *jacú*, *jacutinga*, *jaboti*, *macuco*, *marimbondo*, *mico*, *mutuca*, *onça*, *paca*, *piranha*, *sabiá*, *surucucu*, etc.

Tambem é consideravel o numero de nomes locaes que nos legaram os primeiros habitadores do Brazil: *Andarahy*, *Caçapava*, *Capanema*, *Carioca*, *Cattete*, *Catumby*, *Guarany*, *Ypiranga*, *Itajubá*, *Mogy*, *Paraná*, etc.

Das republicas hespanholas tambem nos vieram alguns termos: *pampas*, *cochilas*, *jalapa*, *chocolate*, *alpaca*, *condor*, *caimão*.

ELEMENTOS DAS LINGUAS AFRICANAS—Algumas palavras desta origem foram introduzidas no portuguez indirectamente pelos arabes até o seculo 14,°: *papagaio*, *azagaia*, etc.; outras vieram directamente pelo commercio e trato entre portuguezes e africanos no seculo 15.° e no 16.° *bugio*, *buzio*, *gimbo*; outras finalmente se immiscuiram no Brazil, depois do seculo 17.°: *inhame*, *calundu*, *giló*.

Quasi todos os vocabulos desta origem pertencem á lingua bunda e aos dialectos do Congo: *banzar*, *banzé*, *batuque*, *calunga*, *lundu*, *malungo*, *moleque*, *mandinga*, *molambo*, *samba*, *combuca*, *zanga*, etc,

Em alguns logares da Africa, ainda se fala um dialecto portuguez, distincto do reinol.

ELEMENTOS DAS LINGUAS ASIATICAS—Alem dos elementos que nos vieram pelos conquistadores musulmanos da peninsula, temos recebido, desde a idade media, um numero assás importante de termos das diversas linguas asiaticas, quer pela litteratura, quer pelo commercio. Os nossos escriptores do seculo 16.° e 17.°, que se occupam das cousas da Asia, offerecem grande numero desses termos.

Eis alguns exemplos dos mais usados: CHINEZES—*chá*, *hyson*, *nankim*, *setim*; INDICOS — *bengala*, *cabaia*, *canja*, *ganga*, *junco*, *nababo*; MALAIOS—*bambu*, *beliche*, *laca*, *mangue*, *orango-tango*, *sagu*; PERSAS—*azul*, *balcão*, *caravana*, *catre*, *damasco*; TURCOS—*formão*, *horda*, *janizaro*, *kiosque*, *odalisca*, *pachá*.

Do Hebraico, apezar do consideravel numero de judeus residentes em Portugal e no Brazil, poucos termos temos, e em geral pertencem á linguagem ecclesiastica,

ou generalisaram-se por influencia della. Exemplos: *alleluia*, *amen*, *cherubim*, *hosanna*, *jubileu*, *paschoa*, *rabino*, *sabbado*, *Satanaz*, *seraphim*.

Elementos russos ou slavos—*caleche*, *cosaco*, *czar*, *mazurka*, *redowa*, *steppe*, etc.

Elementos hungaros— *coche*, *cocheiro*, *sutache*, *hussard*, etc.

SECÇÃO 3.ª

Elemento vernaculo.

Elemento vernaculo é o processo pelo qual se formam palavras novas de outras, já existentes na lingua.

A derivação vernacula, ou é *impropria* ou *propria*.

I

Derivação impropria.

A derivação é *impropria*, quando, sem o accrescimo de *suffixos*, soffrem as palavras modificação de sentido, ou mudança de categoria grammatical: *bordeaux*, *o feito*. No primeiro exemplo, *Bordeaux*, nome proprio de logar, deu o derivado *bordeaux*, nome de um vinho, por se ter modificado o seu sentido; no segundo, *feito* é um nome derivado, porque mudou de categoria grammatical, passando de participio a substantivo.

Formam-se da maneira impropria *substantivos*, *adjectivos* e *particulas*.

Substantivos.

Os substantivos formam-se de qualquer categoria grammatical.

De *nomes proprios* que, pela mudança de sentido ou por uma acção psychologica, tornam-se communs: *damasco*, uma especie de estofo, assim chamado, porque primitivamente se fabricava em *Damasco*, na Syria.

De *pronomes* designando-se a personalidade da pessoa grammatical: «Em mim ha dous *eus,* um segundo a carne, outro segundo o espirito.»

De *adjectivos,* ou designando-se o objecto pela qualidade que mais attrahe a attenção: *dormente*, *jornal*; ou substantivando-se o adjectivo: *o util*, *o agradavel.*

De *verbos*, fazendo-se o nome derivar:

ou da *primeira pessoa* do singular do presente do indicativo, principalmente dos verbos da primeira conjugação: *amanho*, *esgoto*;

ou do *imperativo*: *degola*, *combate*;

ou do *participio passado: tratado*, *visto*, *producto*;

Esta formação, outrora muito productiva, vae se esterilisando.

ou do *infinito*: *o saber*, *o querer*.

No seculo 16.°, é que começou a empregar-se o infinito com flexão do plural, quando, em vez de denotar uma acção *(o cantar),* representa seres ou substancias *(os seres, os haveres).*

Das fórmas verbaes, são derivações esporadicas raras as que foram tomadas de tempos differentes dos mencionados, como *os provarás* (futuro absoluto de *provar).*

De *particulas*: *o contra*, *o sim*, *o porque*, *os ais*. .

Adjectivos.

Os *adjectivos* derivados impropriamente proveem de substantivos: chapéu *monstro*, vestido *carmesim*.

Particulas.

Ha *particulas* que se derivam, ou de substantivos: *silencio! animo!;* ou de adjectivos: *segundo*, *caro*, *bello!*; ou de participios presentes antiquados: *durante*, *não obs tante*; ou de verbos: *vamos! viva!*

II

Derivação propria.

A derivação é *propria*, quando as palavras se formam de outras, juntando-se-lhes *suffixos*.

Suffixo é o elemento morphologico ou orgão que se pospõe ao radical, modificando-lhe a significação: *pinh***eiro**, *form***oso**.

Cada suffixo tem sentido ou valor proprio, que se revela em todos os derivados que delle se formam; mas em geral o derivado tem sentido mais restricto que o primitivo, e equivale a um substantivo combinado com um adjectivo: *jardimzinho*=*jardim pequeno*; ou a um verbo com o seu complemento: *escolher*=*fazer uma escolha.*

Ás vezes, intercala-se, entre o radical e o suffixo das palavras derivadas, uma consoante euphonica: *machuca***d***ela*, *flor***z***inha*; ou uma syllaba com o valor de suffixo: *cabel***lei***reiro.*

Os suffixos, ou são de formação popular, ou de origem erudita. Estes não entram na derivação propriamente portugueza; mas alguns delles, como *ario*, *al, ista*, *ismo*, etc., são hoje de uso vulgar, e estão, por assim dizer, nacionalisados e com força creadora; outros teem fórma dupla, uma popular e outra erudita, muitas vezes com significação tambem dupla: *prim***eiro**, *prim***ario**; *ra***zão**, *ra***ção**; *just***iça**, *just***eza**.

O mesmo suffixo pode ter varias significações: *eiro*, por exemplo, em *tint***eiro**, exprime o continente; em *sapat***eiro**, o factor; em *cavall***eiro**, o agente da acção; em *pinh***eiro**, a arvore em relação ao fruto.

Com elementos tomados do latim, formou o portuguez consideravel numero de vocabulos novos.

Substantivos.

Os substantivos derivam-se, ou de substantivos, ou de adjectivos, ou de verbos.

São numerosos os *suffixos nominativos* os quaes, ou nos veem do latim, ou são de formação exclusivamente portugueza.

Eis os suffixos nominativos:

aça exprime quantidade: *fumaça*, *vidraça*; augmento com sentido pejorativo: *bocaça*, *barbaça*.

aço, de *acem*, accus. dos nomes lat. em *ax*, exprime augmento: *cartapaço* (hoje, *cartapacio*), *espinhaço*; effeito da acção: *cansaço*, *inchaço*; tem ás vezes sentido pejorativo: *poetaço*, *senhoraço*.

ação, do lat. *actionem*, accus. dos nomes lat. em *io*, exprime acção, junto a verbos da primeira conjugação: *ligação*, *publicação*.

acho exprime inferioridade, má qualidade: *riacho*, *vulgacho*, *muchacho*.

ada, do lat. *actus*, *a*, *um*, exprime grandeza ou extensão: *cumiada*, *fachada*; golpe ou pancada: *facada*, *pedrada*; continuidade ou prolongação: *caminhada*, *risada*; reunião ou collecção de objectos da mesma especie: *rapaziada*, *barricada*; tempo: *alvorada*, *noutada*; producto dos objectos designados pelos primitivos: *marmellada*, *cocada*; quantidade contida na capacidade das cousas significadas pelos radicaes: *caldeirada*, *tachada*; acção desairosa, baixa: *tratantada*, *velhacada*; effeito da acção: *emboscada*, *calçada*.

ado, do lat. *atus*, exprime reunião de pessoas constituidas em dignidade, a jurisdicção dellas, e o territorio em que esta se exerce: *senado*, *professorado*, *condado*; dahi um sentido collectivo, augmentativo, extensivo: *eirado*, *silvado*, *palavreado*; e ainda a significação de emprego, profissão, dignidade: *soldado*, *magistrado*, *marquezado*.

agem, do lat. *aticum*, contrahido em *at'cum*, exprime collecção de objectos da mesma especie: *folhagem*, *plumagem*; estado: *aprendizagem*, *camaradagem*; resultado de uma acção: *ancoragem*, *lavagem*.

al, do lat. *alis*, exprime collectividade ou reunião de muitos individuos ou cousas da mesma especie; *col-*

meal, *ritual*; abundancia ou grande quantidade: *lamaçal*, *lodaçal*; e forma quasi todos os nomes de plantações: *arrozal*, *laranjal*.

alha, do lat. *alia*, exprime ajuntamento: *cordoalha*, *cainçalha*; alargamento, extensão: *fornalha*, *muralha*; e ás vezes tem sido collectivo e ao mesmo tempo pejorativo: *canalha*, *gentalha*.

alho, do lat. *aculus*, exprime desprezo, vileza, inferioridade: *espantalho*, *frangalho*; é tambem augmentativo e collectivo-pejorativo: *parvoalho*, *serralho*.

ama exprime accumulação das cousas designadas pelos substantivos a que se junta: *courama*, *dinheirama*.

ame, **ume** (pop.), do lat. *ame*, exprime collecção, intensidade, augmento: *cordame*, *gravame*, *cavername*, *cardume*, *azedume*, *queixume*.

ança, **ença**, **ancia**, **encia**, do lat. *antia*, *entia*, formam geralmente nomes abstractos, correspondentes aos adjectivos em *ante*, *ente*, *inte*, que exprimem qualidade, estado, acção, effeito da acção: *bonança*, *esperança*, *doença*, *crença*, *observancia*, *vigilancia*, *prudencia*, *existencia*.

Muitos dos derivados em *ança* não teem correspondentes em latim.

ando, **a**, de *de andus*, *a*, fórmas dos part. fut. pass. lat., exprime acção ou effeito della: *examinando*, *a*, *doutorando*, *a*, *propaganda*.

anha, do lat. *anea*, exprime extensão, grandeza: *campanha*, *façanha*, *montanha*.

ante exprime o sujeito da acção indicada pelo verbo: *brilhante*, *calmante*; e, por analogia, a profissão: *almirante*, *commandante*.

anzil exprime augmento: *corpanzil*.

ão, do lat. *anem*, *onem*, *ionem*, exprime agente ou profissão subalterna: *centurião*, *hortelão*; augmento: *portão*, *rapagão*; estado, qualidade: *perfeição*, *sujeição*; acção ou effeito della: *discussão*, *rasgão*.

aria, do lat. *arius*, *a*, *um*, exprime collecção quantidade: *livraria*, *escadaria*; *gritaria*, *pancadaria*; officina estabelecimento: *chapelaria*, *colchoaria*, *albergaria*, *hospe-*

daria; acção ou facto desprezivel: *patifaria*, *velhacaria*, *ridicularia*, *zombaria*.

ario, do lal. *arius*, exprime profissão ou occupação: *estatuario*, *lapidario*; collectividade ou reunião: *ovario*, *vocabulario*; logar onde se guardam os objectos indicados pelo radical: *erario*, *herbario*.

Oppõe-se a **ante**: *mandante*, *mandatario*; a **al**: *original*, *originario*; e corresponde a **oso**: *tumultuoso*, *tumultuario*.

astro, de origem litteraria, é pejorativo: *poetastro*.

ato, fórma classica, do lat *atus*, é o mesmo que *ado*, de origem popular; exprime cargo, o tempo delle e a sua jurisdicção: *canonicato*, *decemvirato*, *generalato*.

Tambem é muito usado em termos technicos de chimica, que designam saes: *sulfato citrato*.

az, do accus. dos nomes lat. em *ax*, exprime augmento, intensidade: *cartaz*, *Satanaz*; ás vezes é pejorativo: *dansaraz*, *machacaz*.

azio exprime extensão, augmento: *balazio*, *copazio*.

bulo, **culo**, **bro**, **cro**, do lat. *bulum*, *culum*, exprime acção, instrumento: *thuribulo*, *cenaculo*, *candelabro*, *sepulcro*. As tres primeiras fórmas são de origem erudita; a de origem popular toma a fórma *agre* em *milagre* de *miraculum*.

cia, **ia**, atonos, do lat. *itia*, *ia*, exprimem qualidade: *audacia*, *perfidia*. O suffixo *ia* serve tambem para formar nomes de paizes: *Arabia*, *Germania*, *Italia*, *Phenicia*.

cida, do lat. *cida*, exprime matador: *homicida*, *regicida*.

cola, do lat. *cola*, exprime profissão agraria: *agricola*, *vinicola*; habitante: *incola*, *monticola*.

corne exprime ponta, chifre: *bicorne*, *unicorne*.

dade, de *tatem*, accus. de nomes da terceira declinação lat. em *tas*, exprime existencia de um estado qualquer: *verdade*, *sociedade*, *magnanimidade*, *hereditariedade*; qualidade abstracta, considerada em si: *felicidade*, *crueldade*. Por analogia, tomaram este suffixo muitos nomes

de derivação diversa, como *amizade* de *amicitia*, *soledade* de *solitudinem*, etc.

Corresponde a **ão**: *variedade, variação*; e, no seculo 16.°, a **eira**: *ceguidade, cegueira.*

Junto a palavras acabadas em *io* ou *ia*, é precedido de um *e*, em que se muda o *o* ou *a*: *variedade, anciedade.* Si a palavra acaba em *l*, precede-o um *i* euphonico: *realidade.* Exceptuam-se *beldade, crueldade, igualdade, lealdade.* Si a palavra acaba em *o*, precedido de consoante ou de vogal que não seja *i*, ou si finalisa em *e*, mudam-se o *o* e *e* finaes em *i*: *raridade, idoneidade, proficuidade, brevidade.* Si a palavra acaba em *az, iz, oz*, muda-se o *z* em *c*, e introduz-se um *i*: *capacidade, felicidade, velocidade.* Si a palavra acaba por *im, um*, muda-se o *m* em *n*, e accrescenta-se um *i*: *latinidade, communidade.* Exceptua-se *ruïndade. Simples* e *duplex* dão *simplicidade* e *duplicidade.* Si a palavra acaba em *vel* (do lat. *bilis*), muda-se o *vel* em *bil* da fórma latina, que era a do portuguez antigo (*affabil, terribil*, etc.): *mobilidade.* Ha suppressão do *i* que existiu em latim, em *bondade, christandade, divindade, humildade, irmandade, leviandade, maldade, mortandade, trindade, verdade, virgindade.* Em *vaidade* supprimiu-se o *n*, que precedia o *i* em *vanitas*, e em *sanguinidade*, trocou-se por *i* o *e* de *sanguineo.* Em *cidade, herdade, humidade*, supprimiu-se a penultima syllaba (*civitas, hereditas, humiditas*). São excepções de maior alteração *amizade, saudade, vontade. Fealdade* e *frialdade* são os unicos exemplos em que o *o* muda-se em *al.* Conservaram a fórma latina *magestade, potestade, tempestade.*

ebre é pejorativo: *casebre.*

eca tambem deprecia o objecto significado pelo primitivo: *folheca, padreca.*

edo, do lat. *etum*, exprime collecção das arvores designadas pelo radical dos nomes a que se junta: *arvoredo, olivedo*; grandeza: *penedo, rochedo.* Ha ainda a fórma feminina em *alameda.*

eira, corrupção de *aria*, exprime capacidade para conter: *carteira, papelleira*; ou para produzir: *pereira, figueira*: collectividade, extensão: *sementeira, parreira, cabelleira, cordilheira*; acção: *calçadeira, choradeira.* Tem tambem significação depreciativa: *maroteira, ladroeira.*

eiro, popular, corresponde ao erudito *ario*, exprime o continente: *saleiro, celeiro*; aptidão, habito, cargo, profissão, factor: *casamenteiro, careteiro, porteiro, carpinteiro, selleiro*; logar, situação: *atoleiro, picadeiro*; arvores, plan-

tas: *limoeiro*, *mamoeiro*; intensidade, extensão: *aguaceiro*, *luzeiro*; depreciamento: *caloteiro*, *trapaceiro*.

Ha differença na significação dos suffixos *ario*, *eiro*, *or* e *ado* ou *ato*, com quanto todos indiquem cargo, profissão: *ario* denota posição inferior; *eiro*, ainda mais inferior; *or* e *ado*, ou *ato*, alta dignidade, posição elevada.

ejo exprime diminuição com sentido pejorativo: *animalejo*, *quintalejo*; só depreciamento: *sertanejo*, *gracejo*; extensão: *cortejo*, *gargarejo*.

el exprime diminuição: *canastrel*, *cordel*.

ela, do lat. *ela*, exprime resultado da acção: *tutela*, *apalpadela*; collectividade: *parentela*, *clientela*.

Nos derivados populares, intercala-se um *d*.

êlho, a, do lat. *iculus*=*ic'lus*, é pejorativo: *fedelho*, *francelho*, *azelha*.

êllo, a, exprime diminuição: *portello*, *viella*.

ena exprime quantidade numerica: *novena*, *quarentena*.

enda, de *enda*, fórma feminina do part. fut. pass. lat., exprime resultado da acção: *offerenda*, *legenda*.

engo, do lat. *aneus*, exprime depreciação; *mostrengo* (de monstro).

enta, do lat. *entum*, exprime collecção: *ferramenta*.

ente, do lat. *entem*, de *ens*, *entis*, exprime resultado da acção, logar onde, agente: *precedente*, *poente*, *servente*.

eolo, do lat. *eolus*, fórma erudita, exprime diminuição: *alveolo*, *capreolo*.

es forma appellidos de familia, que foram outrora adjectivos patronimicos: *Alvares* de *Alvaro*, *Soares* de *Soeiro*.

êta, ête, êto, óta, óte, ôto, suffixos romanos, exprimem diminuição; *costelleta*, *diabrete*, *folheto*, *casota*, *velhote*, *perdigoto*; **êto** designa tambem quantidade: *terceto*, *quarteto*; e forma ainda nomes technicos da chimica: *iodoreto*, *sulfureto*.

ez, eza, iza, êssa, do lat. *issa*, *itia*. Os tres ultimos formam o feminino de nomes que indicam cargos ou profissões; *princeza*, *poetiza*, *abadessa*; os dous primeiros exprimem qualidades: *solidez*, *polidez*, *agudeza*, *pureza*.

No seculo 15.º, *ez*, *eza* correspondiam a *dade* e a *ura*: *nudez*, *nuidade*; *viuvez*, *viuvidade*; *brandeza*, *brandura*; *farteza fartura*. Ainda temos exemplos desta confusão em *clareza*, *claridade*; *torpeza*, *torpidade*; *tristeza*, *tristura*.

ia exprime profissão, emprego, industria: *advocacia*, *capellania*, *cirurgia*; territorio, logar, estabelecimento, onde se exerce o emprego ou industria: *freguezia*, *delegacia*, *academia*, *pagadoria*; acção ou seu effeito: *correria*, *tomadia*; ajuntamento, extensão, quantidade: *clerezia*, *marezia*, *penedia*; qualidade, estado: *cortezia*, *galhardia*, *alegria*, *primazia*.

iça, icia, do lat. *itia*, exprime qualidade, estado: *justiça*, *preguiça*, *caricia*, *malicia*.

ice, do lat. *itie*, exprime qualidade ou estado: *meiguice*, *velhice*; é usado ainda com sentido depreciativo ou burlesco: *bernardice*, *doutorice*.

iço exprime diminuição: *canniço*, *passadiço*.

ico, do lat. *icus*, exprime diminuição: *abanico*, *burrico*.

ico, suffixo atono, exprime seita, communidade, origem, profissão: *estoico*, *musico*.

iculo, a, fórma litteraria, do lat. *iculus*, *a*, exprime diminuição: *monticulo*, *versiculo*, *auricula*, *radicula*.

ido, a, do lat. *itus*, *a*, exprime o resultado da acção: *estalido*, *ganido*, *ferida*, *investida*.

idão, do lat. *itudinem*, exprime qualidade ou estado: *mansidão*, *servidão*.

il, do lat. *ilis*, exprime diminuição: *pernil*, *tamboril*; logar onde: *covil*, *redil*.

ilha, do lat. *ilia*, exprime collecção: *camarilha*, *matilha*.

ilho, a, de *iculo*, *a*, é diminutivo: *rastilho*, *vidrilho*, *mantilha*, *serrilha*; exprime tambem intensidade da acção: *andarilho*, *afogadilho*.

im, do lat. *inus*, esprime diminuição: *camarim*, *espadim*.

ina, do lat. *ina*, exprime profissão, officio, logar onde são elles exercidos: *medicina*, *officina*. Em chimica, significa força, virtude: *estrychnina*, *estearina*.

inho, a=ino, a, de *inus*, *a*. É o mais vulgar de todos os suffixos diminutivos da nossa lingua; *livrinho*, *casinha*. Ha diminutivos que teem as duas fórmas: *pequeninho*, *pequenino*; *Antoninho*, *Antonino*.

Ás vezes intercala-se um *z*: *quintalzinho*, *grãozinho*.

io exprime collecção: *mulherio*, *rapazio*; intensidade, acção: *bafio*, *pousio*, *feitio*, *enterrio*; estado, qualidade: *poderio*, *senhorio*.

io, suffixo atono do lat. *ium*, exprime acção, logar em que ella se exerce: *vaticinio*, *imperio*.

isco exprime diminuição: *chovisco*, *pedrisco*.

ismo, do lat. *ismus*, exprime religião, crença, seita, doutrina: *christianismo*, *islamismo*; *sebastianismo*, *socialismo*; qualidade: *brilhantismo*, *purismo*; palavra, locução peculiar a uma lingua ou logar: *gallicismo*, *hellenismo*, *solecismo*; generalisação do significado do substantivo primitivo: *organismo*, *transformismo*.

ista, do latim *ista*, exprime emprego, occupação: *jornalista*, *sacrista*, *oculista*, *dentista*; individuo que toca um instrumento: *rabequista*, *pianista*; partidario ou adepto de systema, escola, seita ou idéa: *opportunista*, *socialista*, *calvinista*.

ito, a é uma differenciação do suffixo *inho*, *a*: *livrito*, *mosquito*, *cabrita*, *mulherita*.

iz, suff. pop. port. Ha apenas um exemplo em *chamariz*; é tambem terminação feminina de alguns nomes em *or*: *actor*, *actriz*; *imperador*, *imperatriz*.

me, **men**, de origem classica, encontra-se só em nomes derivados do latim: *exame*, *liame*; *certamen*, *specimen*.

mento, do lat. *mentum*, de *minere*, exprime estado, acção: *contentamento*, *atrevimento*; resultado da acção: *ornamento*, *tratamento*. Muitos já nos foram transmittidos pelo latim: *documento* (de *docere*, instruir, ensinar), *alimento* (de *alere*, alimentar), etc.

Corresponde a *ção*: *fundamento*, *fundação*; *fragmento*, *fracção*; *sentimento*, *sensação*.

monia, do lat. *monia*, exprime acção: *acrimonia*, *parcimonia*.

ôila exprime diminuição: *moçoila*, *caçoila*.

ôlho é diminutivo: *ferrolho*.

ólo, **a** tambem é diminutivo: *bolinholo*, *portinhola*, *saccola*, e ás vezes pejorativo: *rapazola*, *graçola*.

ona, suffixo feminino de augmentativos em *ão*: *mocetona*, *valentona*; tem tambem sentido pejorativo: *pobretona*, *sabichona*.

or, do lat. *or*, exprime agente da acção: *leitor*, *inventor*, *cobrador*, *agricultor*; serventia, uso, instrumento: *espanador*, *regador*, *penteador*.

orio, do lat. *orium*, exprime extensão, augmento: *territorio*, *promontorio*; o instrumento com que se faz a acção: *vesicatorio*, *vomitorio*; o logar em que ella se exerce: *cartorio*, *escriptorio*; depreciamento: *camelorio*, *chapelorio*.

ôrra exprime augmento: *cabeçorra*, *pitorra*.

ouro, do lat. *orium*, exprime estado: *casadouro*; acção futura: *duradouro*, *vindouro*; o logar onde se pratica a acção: *ancoradouro*, *matadouro*.

Ouro corresponde a *ijo*: *escondedouro*, *esconderijo*.

tude, do lat. *tutem*, de *tus*, *tutis*, exprime estado, qualidade: *juventude*, *solicitude*.

ucho, é pejorativo: *papelucho*, *pequerrucho*.

ugem, do lat. *ugo*, exprime abundancia: *ferrugem*, *lanugem*; intensidade: *babugem*, *rabugem*.

ulho, do lat. *uculum*, exprime collecção: *pedregulho*.

ulo, **a**, fórma erudita, exprime diminuição: *casulo*, *globulo*, *celula*, *formula*.

ura, do lat. *ura*, exprime estado, qualidade: *amargura*, *formosura*; acção, resultado ou effeito da acção: *abertura*, *captura*; collecção: *abotoadura*, *dentadura*.

Corresponde a **or**: *amargor*, *amargura*; a **mento**: *ligadura*, *ligamento*; *a* **acção**: *fractura*, *fracção*.

Adjectivos.

Tambem se formam adjectivos pelo processo da derivação, juntando-se *suffixos* a themas nominaes e verbaes.

Eis os principaes *suffixos adjectivos*:

aceo, do lat. *aceus*, muito usado em termos de botanica, designa as qualidades geraes de um grupo ou serie de individuos, a que o radical serve de typo: *rosaceo*, *gallinaceo*, *farinaceo*.

ado, do lat. *atus*, designa semelhança, imitação: *abahulado*, *afrancezado*; abundancia: *barbado*, *estrellado*; uso ou posse do objecto expresso pelo primitivo: *togado*, *alado*.

aico designa origem, procedencia: *hebraico*, *romaico*.

al, **el**, **il**, do lat. *alis*, *elis*, *ilis*, designa concernente, pertencente ou relativo a: *medicinal*, *estadoal*, *cruel*, *fiel*, *viril*, *senil*.

Al é muito productivo; andam por trezentos os adjectivos de base nominal, formados com este suffixo. As outras duas fórmas encontram-se mais em adjectivos vindos directamente do latim.

ando, **endo**, **undo**, de *andus*, *endus*, *undus*, fórmas do part. lat., designam acção: *execrando*, *tremendo*, *oriundo*.

O primeiro corresponde a **avel**: *venerando*, *veneravel*; o ultimo a **ario**: *oriundo*, *originario*.

aneo, do lat. *aneus*, designa pertença: *cutaneo*, *succedaneo*.

ano, **ão**, do lat. *anus*, designam origem, seita: *pernambucano*, *beirão*, *dominicano*, *pagão*.

Hoje quasi todos os adjectivos patrios e gentilicos teem a sua fórma syncopada: *Assyrio*, *Egypcio*, *Etyope*, *Indio*, *Syrio*. Estes suffixos teem por synonymos: **aico**, **atico**, **eiro**, **engo**, **enho**, **ense**, **ez**, **iaco**, **ico**, **ino**, **ista**: *judaico*, *asiatico*, *brazileiro*, *flamengo* (de Flandres), *extremenho* (da Extremadura), *atheniense*, *portuguez*, *egypciaco*, *indico*, *argentino*, *paulista*.

ante, **ente**, **inte**, que correspondem ás desinencias dos part. pres. activos latinos, designam o sujeito da acção ou do estado indicado pela significação do verbo: *semelhante*, *pertencente*, *seguinte*.

Não existem em portuguez muitos dos verbos thematicos destes adjectivos: *ambulante* de *ambulare (andar)*; ou vão caindo em desuso; *febricitante* de *febricitar*.

ar, do lat. *aris*, *arius*, designa o continente: *articular*, *cellular*; proprio de, pertencente ao relativo a: *familiar*, *militar*.

ario, **eiro**, do lat. *arius*, designam que o objecto significado pelo substantivo a que se junta o adjectivo assim terminado, tem, faz ou soffre a qualidade, estado ou faculdade, indicada pelo radical: *voluntario*, *incendiario*, *tributario*, *interesseiro*, *embusteiro*.

Nas palavras de fundo popular, predomina mais a segunda fórma.

ato, do lat. *atus*, designa estado inherente: *immediato*, *innato*; abundancia; *sensato*, *timorato*.

atico, suff. litt. do lat. *aticus*, designa pertencente a, proprio de: *aquatico*, *magestatico*; origem: *asiatico*, *indiatico*.

avel, **evil** ou **ebil**, **ivel** ou **ibil**, **ovel** ou **obil**, **uvel**, **bil**, **il**, do lat. *abilis*, *ebilis*, *ibilis* *obilis*, *ubilus*, *bilis*, *ilis*, teem significação activa e passiva. No primeiro caso designam capacidade de fazer ou produzir a cousa significada pelo radical da palavra primitiva: *penetravel*, *terrivel* ou *terribil*, *movel* ou *mobil*, *voluvel*, *nubil*,

fragil; no segundo, possibilidade de vir a ser o que indica o radical do verbo, de que se derivam os adjectivos: *louvavel*, *indelevel*, *flebil*, *possivel* ou *possibil*, *docil*.

Avel é de formação popular, e **ivel**, de erudita; o primeiro oppõe-se a **ante** e **oso**: *amavel, amante, amoroso*; o segundo, a **ivo**: *sensivel, sensitivo*.

Os adjectivos em **bil** e **il** nos vieram já formados do latim: *nubil* (de *nubere,* casar), *facil* (de *facere,* fazer).

az, do lat. *ax*, designa grande quantidade do que é designado pelo radical das palavras a que se junta: *audaz*, *capaz*, *loquaz* (de *loquere*, falar), *efficaz* (de *efficere*, effectuar).

bundo, **cundo**, do lat. *bundus*, *cundus*, designam tendencia, estado: *moribundo*, *furibundo*, *iracundo*, *rubicundo*.

Equivale a **oso**: *furioso*, *iroso*.

ecimo, **esimo**, do lat. *ecimus*, *esimus*, juntos a numeraes cardinaes, formam numeraes ordinaes: *decimo*, *centesimo*.

engo designa procedencia, pertença, referencia: *abbadengo*, *avoengo*, *realengo*.

enho, do lat. *enus*, designa que se tem a propriedade ou qualidade, indicada pelo radical do nome a que se liga: *ferrenho*, *rouquenho;* procedencia: *extremenho* (natural da Extremadura).

ense, do lat. *ensis,* designa procedencia, origem: *forense*, *paraense*.

ente, do lat. *ente,* ablativo de *ens*, *entis*, participio de *esse*, designa estado: *paciente*, *prudente*.

ento, do lat. *ento,* designa intensidade, abundancia, frequencia, tendencia: *nojento*, *ferrugento*, *ciumento*, *bulhento*.

Este suffixo é muitas vezes precedido de algumas das lettras euphonicas **c**, **l**, **r**, **nh**: *alvacento, succulento, friorento*, *morrinhento*.

eo, do lat. *eus*, designa relativo a, semelhante a, feito de: *giganteo*, *arachnoideo*, *ferreo*.

Equivale a **oso**: *ferreo, ferruginoso.*

esco, do lat. *iscum*, designa modo, propriedade, origem, semelhança: *principesco*, *cavalleiresco*, *dantesco*, *senegalesco*. Ás vezes tem significação depreciativa: *fradesco*, *pedantesco*.

éste, do lat. *estis*, designa pertencente a, proprio de, relativo a: *agreste*, *celeste*.

éstre, do lat. *estris*, *ester*, designa relativo a: *campestre*, *equestre*.

evo, do lat. *ævus*, designa idade: *coevo*, *longevo*.

ez, **a**, do lat. *ensis*, designa procedente de, proprio de: *montanhez*, *camponez*.

fico, do lat. *ficus*, designa causa efficiente: *benefico*, *terrifico*.

forme, do lat. *formis*, designa fórma: *biforme*, *fusiforme*.

fugo, do lat. *fugare*, designa que foge, que afugenta: *centrifugo*, *febrifugo*.

gero, do lat. *ger*, designa que traz ou leva comsigo: *armigero*, *lanigero*.

iaco, do lat. *iacus*, designa tendencia, procedencia: *maniaco*, *egypciaco*.

icio, do lat. *icius*, designa pertença: *cardinalicio*, *vitalicio*, *patricio*.

iço, da lat. *icius*, designa propensão, vezo: *alagadiço*, *espantadiço*; natureza ou condição: *massiço*, *roliço*.

ico, do lat. *icus*, designa participante, relativo, pertencente a: *comico*, *aristocratico*, *scenico*.

ido, do lat. *idus*, designa a qualidade propria do substantivo em alto grau: *calido*, *timido*, *humido*.

Como *az* e *undo*, é um suffixo improductivo.

ifero, do lat. *iferus*, designa producção, continente: *frutifero*, *mammifero*.

inho, **ino**, do lat. *inus*, designam semelhança, origem, relação: *marinho*, *crystallino*, *marino*, *salino*.

io designa propensão, intensidade: *fugidio*, *escorregadio*.

ista, do lat. *ista*, designa origem: *nortista*, *sulista*.

ivo, do lat. *ivus*, designa força, aptidão, faculdade para fazer alguma cousa: *auditivo*, *instructivo*, *corrosivo*.

É de formação classica, mas vae se tornando popular.

olico, do lat. *olicus*, corresponde a **ico**: *melancolico*, *symbolico*, *parabolico*.

onho, do lat. *onius*, designa causa efficiente: *enfadonho*, *tristonho*.

orio, do lat. *orius*, designa que produz: *diffamatorio*, *satisfactorio*; tambem é pejorativo: *finorio*, *simplorio*.

oso, do lat. *osus*, designa posse: *astucioso*, *ocioso*.

É, como o era já em latim, um dos suffixos mais productivos da nossa lingua.

paro, do lat. *parere*, designa que pare: *oviparo*, *primiparo*, *viviparo*.

sono, do lat. *sonus*, designa que soa: *altisono*, *unisono*.

timo, do lat. *simus*, suffixo indicador de superlatividade. São em numero diminuto os vocabulos em que figura, sempre com o *s* inicial convertido em **t**: *legitimo*, *maritimo*.

udo, do lat. *utus*, designa abundancia, posse, mas com a idéa de grandeza, augmento: *cabelludo*, *pelludo*; é empregado ainda como pejorativo: *abelhudo*, *linguarudo*.

um designa a especie de animaes indicados pelo radical do nome a que se junta: *cabrum*, *ovelhum*, *vaccum*. Corresponde a **ar**: *cavallar*, *muar*.

urno, **ierno**, do lat. *urnus*, *iernus*, designam tempo: *diurno*, *hodierno*.

vago, do lat. *vagus*, designa que vagueia, que anda errante, que gira: *noctivago*, *undivago*.

volo, do lat. *volus*, designa que voa: *altivolo*.

Verbos.

O portuguez forma verbos derivados de substantivos, adjectivos primitivos e de verbos simples.

Eis os principaes suffixos verbaes:

açar indica frequencia: *escorraçar*, *esvoaçar*.

antar, **entar**, **ontar** indicam passar lenta e successivamente ao estado expresso pelo radical: *lamentar*, *avelhentar*, *amedrontar*.

ar, do lat. *are*, forma quasi todos os verbos da primeira conjugação, derivados de substantivos. Estes verbos exprimem ao mesmo tempo a acção e o seu objecto, ou a acção e uma circumstancia della: *desgostar*, causar desgosto; *aperfeiçoar*, fazer com perfeição.

ascer, **escer**, **ecer**, do lat. *ascere*, *escere*, *iscere*, indicam começar com progressão da idéa: *nascer*, *florescer*, *amanhecer*. **Ecer**, junto a adjectivos, com os prefixos **a**, **em** ou **en**, significa tornar-se ou fazer-se: *amarellecer*, tornar-se amarello; *empallidecer*, tornar-se pallido; *envelhecer*, fazer-se velho.

ceber, do lat. *capere*, indica tomar: *perceber*, *receber*.

ear, fórma syncopada de *ejar*, indica tendencia, semelhança e frequencia: *folhear*, *saborear*, *branquear*.

egar tem a mesma significação de **ecer**, **escer**: *carregar*, *fumegar*.

ejar, **igar**, **gar**, **ugar**, do lat. *icare*, indicam tendencia, semelhança ou frequencia: *verdejar*, *flammejar*, *bocejar*, *mastigar*, *castigar*, *fustigar*, *vingar*, *amargar*, *folgar*, *madrugar*.

ferir, do lat. *ferre*, indica levar: *conferir*, *differir*.

ficar, do lat. *ficare* de *facere*, indica fazer: *clarificar*, *purificar*.

futar, do lat. *futare*, indica ser muitas vezes: *confutar*, *refutar*.

iar, junto ao radical de substantivos terminados em *ancia*, *ença* ou *encia*, indica frequencia: *extravaganciar*, *presenciar*, *diligenciar*.

icar (icare), **inhar** (inho + ar), **iscar** (isco + ar), **itar** (itare), **migar**, indicam com diminuição ou depreciação a repetição de um acto: *adocicar*, *namoricar*, *escrevinhar*, *escoucinhar*, *rabiscar*, *fariscar*, *dormitar*, *chupitar*, *choramigar*.

ir, junto a adjectivos, indica tornar, fazer: *denegrir*, fazer negro qualquer objecto.

isar ou **izar**, do lat. *izare*, indica imitação, frequencia: *judaisar*, *pulverisar*; junto a adjectivos, significa tornar: *esterilisar*, *fertilisar*.

ladar ou **latar**, do lat. *latus*, part. de *fero*, indica levar: *trasladar*, *relatar*.

mergir, do lat. *mergere*, indica mergulhar: *emergir*, *submergir*.

metter ou **mittir**, do lat. *mittere*, indica mandar, enviar: *prometter*, *remetter*, *admittir*, *transmittir*.

pellir, do lat. *pellere*, indica empurrar, forçar: *compellir*, *impellir*.

pilar indica juntar: *compilar*, *recompilar*.

plicar, do lat. *plicare*, indica dobrar, envolver: *complicar*, *duplicar*, *replicar*.

portar indica levar: *importar*, *transportar*.

primir, do lat. *premere*, indica apertar: *comprimir*, *opprimir*.

scender, do lat. *scandere*, indica subir; *ascender*, *descender*.

spirar, do lat. *spirare*, indica respirar, desejar: *aspirar*, *conspirar*.

trahir, do lat. *trahere*, indica arrastar, puxar, trazer: *attrahir*, *contrahir*, *subtrahir*.

vergir, do lat. *vergere*, indica propender, inclinar: *convergir*, *divergir*.

verter ou **vertir**, do lat. *vertere*, indica virar: *converter*, *inverter*, *advertir*, *divertir*.

ucar ou **ocar**, **usar**, **uscar**, **utar**, indicam frequencia: *batucar*, *beijocar*, *lambusar*, *chamuscar*, *labutar*.

Suffixos gregos.

Ha tambem em portuguez muitos elementos de derivação tomados do grego, que se juntam tanto a radicaes gregos como a latinos e portuguezes.

A derivação grega tem sido abundante manancial da technologia scientifica, mormente de termos de medicina e chimica.

Eis os principaes suffixos gregos:

agogo, guia: *demagogo*, *pedagogo*.

algia, dor: *nevralgia*, *odontalgia*.

archia, governo: *monarchia*, *heptarchia* (sete governos).

cele, tumor: *encephalocele*, *grastrocele*.

cracia, governo: *aristocracia*, *democracia*.

crisia, juizo: *cacocrisia*, *hypocrisia*.

derme, pelle: *epiderme*, *pachyderme*.

doxia, doutrina: *heterodoxia*, *orthodoxia*.

doto, dado: *antidoto* (dado contra).

gamia, casamento: *bigamia*, *polygamia*.

gamo, casado: *bigamo*, *polygamo*.

geneo, especie: *heterogeneo*, *homogeneo*.

genia, geração: *androgenia*, *patogenia*.

genio ou **geno**, gerado: *hydrogenio*, *oxigenio androgeno*.

glypho, eu gravo: *hieroglypho*, *triglypho*.

gnosia, **gnose**, **gnosis**, **gonia**, conhecimento: *autognosia*, *diagnose* ou *diagnosis*, *cosmogonia*.

gono, angulo: *pentagono*, *potygono*.

graphe, escripta: *epigraphe*.

graphia, escriptura, descripção: *calligraphia*, *estenographia*, *cosmographia*, *geographia*.

grapho, que escreve ou descreve: *calligrapho*, *estenographo*, *cosmographo*, *geographo*.

ite, inflammação: *bronchite*, *hepatite*.

latria, adoração: *iconolatria*, *idolatria*.

logia, tratado, doutrina, theoria: *archeologia*, *biologia*, *metrologia*.

machia, combate: *tauromachia*.
mancia, vaticinação: *cartomancia*, *necromancia*.
mania, loucura: *bibliomania*, *monomania*.
metria, medida: *geometria*, *trigonometria*.
metra, o que mede: *geometra*.
nomo, conhecedor das leis ou regras: *astronomo*, *agronomo*.
nomia, conhecimento das leis ou regras: *astronomia*, *agronomia*.
oide, que tem a fórma de: *espheroide*, *ovoide*.
omalo, igual, plano: *anomalo*.
onymo, nome: *homonymo*, *synonymo*.
orama, vista: *neorama*, *panorama*.
pathia, doença, affecção, sentimento: *allopathia*, *sympathia*, *antipathia*.
pédia, educação: *encyclopédia*, *gymnopédia*.
phagia, habito de comer: *anthropophagia*.
phago, que come: *antropophago*, *carpophago*.
phobia, temor, aversão: *hydrophobia*.
phobo, o que teme ou tem aversão: *hydrophobo*.
phoro, productor: *phosphoro*, *electrophoro*.
phyto, nascido: *neophyto*, *zoophyto*.
plegia, paralysia: *hemiplegia*, *paraplegia*.
plexia, acção de ferir, bater, atacar: *apoplexia*.
pola, vendedor: *bibliopola*.
pole, **poli** ou **polis**, didade: *metropole*, *Tripoli*, *Petropolis*.
polio, eu vendo: *monopolio*.
pteros, azas: *chiropteros* (azas-mãos), *apteros* (sem azas).
scopio, vista: *microscopio*, *estereoscopio*.
sophia, sabedoria: *philosophia*.
sthenia, força, vigor: *asthenia*.
stylo, columna: *diastylo*, *peristylo*.
strophe, volta: *catastrophe*, *apostrophe*.
technia, **technica**, arte, sciencia: *mnemotechnia*, *pyrotechnia*, *polytechnica*.
theca, deposito: *bibliotheca*.

these, posição: *antithese*.
thono, **tono**, som: *arteriothono*, *monotono*.
tomia, incisão: *anatomia*, *urethrotomia*.
trophia, nutrição: *atrophia*.
urgia, trabalho: *liturgia*, *metallurgia*.

§ 2.º

Composição das palavras.

Effectua-se a composição das palavras, ou por *prefixação*, ou por *juxtaposição*, ou por *agglutinação*.

SECÇÃO 1.ª

Prefixação.

Formam-se vocabulos por *prefixação*, juntando-se *prefixos* a palavras, já existentes na lingua.

Prefixo é o elemento morphologico ou orgão, que se antepõe á palavra principal, modificando-lhe a significação: **in***justo*, **contra***dizer*.

Os prefixos teem significação exacta, e mais positiva que os suffixos que exprimem apenas uma idéa vaga e pouco definida.

O prefixo pode ser:

1.º *Expletivo*, si não alterar a significação do radical: **a***levantado*, **em***barcar*.

2.º *Inexpletivo*, si alterar mais ou menos a significação generica do radical: **com***bater*, **pre***por*.

3.º *Separavel*, si se emprega tambem isoladamente, como preposição ou adverbio: **contra***tempo*, **bem***aventurado*.

4.º *Inseparavel*, si figura só encorporado á palavra principal: **in***dolente*, **re***primir*.

5.º *Mutavel*, si se dá assimilação, permuta ou suppressão de lettras.

O *prefixo mutavel* é:

a) Assimilado, quando, por attracção do elemento inicial do radical, se lhe torna igual o seu ultimo elemento litteral: **sup***por*, **il***lustre*.

b) Permutado, quando, no todo ou em parte, soffrer substituição de lettras: **em***barbecer* de **im***barbescere* (in + barbescere), **con***dizer* de **con***dicere* (cum + dicere).

c) Apocopado, quando, para evitar hiato ou choque desagradavel de consoantes, se verificar a suppressão da lettra final: **a***viltar* de *a***d** + *viltare*, **e***migrar* de **ex** + *migrare*.

6.º *Immutavel*, si seus elementos litteraes não soffrem alteração alguma: **ad***aptar* de **ad***aptare*.

7.º *Juxtaposto*, si se juntar á palavra por meio do hyphen: **ex**-*chefe*, **vice**-*director*.

8.º *Thematico*, si, permittindo que se lhe junte outro prefixo, der logar á formação de uma palavra sobrecomposta: *re***com***por*, *in***dis***pensavel*.

O processo da composição por prefixos dá origem a substantivos e adjectivos, e principalmente a verbos; e é o mais rico e fecundo, sobretudo quando combinado com o da derivação.

Os prefixos, ou são *preposições* ou *adverbios*, e proveem do latim e do grego.

I

Prefixos de origem latina.

A.—Corresponde aos prefixos latinos *ab*, *ad*, e significa augmento, intensidade: *adiantar*, *aclarar*, *afadigar*, *atormentar*; desvio, separação: *apartar*, *amovivel*; agglomeração, conjuncto: *apinhar*, *alistamento*; imitação, semelhança: *abotinado*, *afidalgado*; prolongação: *alongar*, *aprazar*; reducção, mudança: *abiscoutar*, *adelgaçar*; oppressão, perseguição: *acutilar*, *acotovelar*, *arrombar*, *acoimar*; disposição, collocação: *abancar*, *acampar*, *alinhar*, *aboletar*; approximação: *achegar-se*, *acercar-se*; transformação: *achatar*.

Este prefixo empregava-se antigamente com muitos verbos, em que hoje se usa da preposição **em**: *afeitar*, *enfeitar*; *abainhar*, *embainhar*. Em muitas palavras, é expletivo: *alampada*, *abobada*, *ametade*, em vez de *lampada*, etc.

Ab.—Significa augmento, intensidade: *aborrecer*, *abominar*; separação, desvio: *absolver*, *abdicar*; opposição: *abjurar*.

E' juxtaposto em expressões latinas, como **ab**-*æterno*, **ab**-*initio*, **ab**-*intestato*; e apocopado em **a**versão, **a**vocar.

Abs.—Significa privação, separação: *abscesso*, *abscisão*, *abster*, *abstrahir*.

Usa-se deste prefixo antes de palavras que começam por *c* ou *t*; e toma a fórma *aus* em **aus**ente de *abs*+*entem*.

Ad.—Significa augmento, força, intensidade: *aggravar*, *affirmar*, *accorrer*; mudança: *arruar*, *arruïnar*, *assetinar*; proximidade, juncção: *adjacente*, *agglomerar*, *agglutinar*; opposição: *affrontar*, *arremetter*; destino, direcção: *adquirir*, *adoptar*, *admittir*, *adhesão*; uniformidade, disposição favoravel: *acclamar*, *advogar*, *acceder*, *applaudir*.

E' prefixo assimilado antes de *c*, *f*, *g*, *l*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t*; e immutavel antes de vogal e de *d*, *h*, *j*, *m*, *q*, *v*.

Amb ou **ambi.**—Significa ambos, dous: *ambiguidade*, *ambidextro*; circuito, giro: *ambito*, *ambiente*.

Este prefixo que se encontra no lexico latino sob as fórmas *am*, *amb*, *ambi*, não se tornou fecundo nas linguas modernas.

Ante.—Significa posição anterior ou fronteira: *antecamara*, *antesala*; prioridade, precedencia: *antepassados*, *antediluviano*, *antedata*, *antecipar*.

Bem ou **bene.**—Significa bondade: *bemquisto*, *benemerito*.

São de origem popular os vocabulos prefixados com **bem**: *bemdito*, *bemaventurado*; e de origem erudita, os que o forem com **bene**: *benemerencia*, *beneplacito*.

Bi.—Significa dualidade: *bipede*, *bipartido*.

Bis.—Significa duas vezes: *bisavô*, *bisneto*.

Circum.—Significa em roda, em torno: *circumferencia*, *circumscrever*.

Em *circuito*, etc., é apocopado.

Cis.—Significa aquem, de cá: *cisplatino*, *cisalpino*.

Com.—Significa intensidade, concomitancia: *coordenar*, *conceber*, *colligir*, *corresponder*.

É immutavel antes de *b*, *p*, *m*; permutado em *con* antes de *c*, *d*, *f*, *g*, *j*, *q*, *s*, *t*, *v*; assimilado antes de *l*, *n*, *r*; e apocopado antes de vogal ou *h*.

Contra.—Significa opposição: *contradizer*, *contradansa*.

Tem a fórma *contro* em *controverter* e seus derivados.

De.—Significa de dentro para fora: *demittir*; de cima para baixo: *decair*, *depor*; augmento, intensidade: *declarar*, *devastar*, *declamar*; destruição, ruina: *derrocar*, *derribar*; dilação, alongamento: *demorar*, *decurso*, *deter*; separação, afastamento: *debandar*, *deportar*, *degollar*; procedencia: *depender*, *deduzir*, *derivar*; opposição: *debater*, *debellar*.

Des.—Significa destruição: *desmantelar*, *desmoronar*; augmento, intensidade: *descommunal*, *desinquietar*, *desperdiçar*; negação: *desengano*, *deshonra*, *desempedir*.

Dis.—Significa augmento, intensidade: *dissimular*, *dissolver*; desvio, separação: *discordar*, *distracção*; distribuição, coordenação, dispersão: *diffundir*, *distribuir*, *dispor*; negação: *dissemelhança*, *dissuadir*, *dissonante*.

É immutavel este prefixo antes de *c*, *j*, *p*, *q*, *s*, *t*; assimilado, seguindo-se-lhe *f*; e apocopado, anteposto a *g*, *l*, *m*, *r*, *v*. **Des** é a sua fórma moderna; e **dis**, a archaica.

E (=*ex*, lat.).—Significa augmento: *eloquente*, *enumerar*; origem, procedencia: *emanar*, *emigrar*; extracção, separação: *emergir*, *emancipar*.

Em ou **en** (=*in*, lat.).—Significa introducção: *embainhar*, *engarrafar*; transição: *empallidecer*, *engordar*; modo: *embandeirar*, *enfeitar*.

E' immutavel, quando se lhe segue *b*, *p*, *m*; e permutado em *en*, antes de outras consoantes ou de vogal.

Entre (=*inter*, lat.).—Significa intervallo, situação media: *entreacto*, *entrelinha*; reciprocidade, relação mutua: *entreter*, *entrelaçar*; quasi, pouco mais ou menos, algum tanto, um pouco: *entrever*, *entreabrir*, *entreconhecer*.

E' de uso frequente e popular.

Es (=*ex*, lat.).—Significa augmento, intensidade: *esburacar*, *espicaçar*; extensão: *escanchar*, *estirar*; extracção: *esgotar*, *escorrer*; separação: *esbulhar*, *escolher*; transição: *esverdinhar*, *espalmar*.

Ex.—Significa augmento, intensidade: *excelso*, *exprobrar*; extracção, separação: *exorbitar*, *expatriar*; privação, cessação: *ex-ministro*, *ex-governador*.

Nesta ultima accepção, é juxtaposto; antes de *f*, ou é transformado em *es*, ou é assimilado; ás vezes, por degeneração phonetica, transforma-se em *is*, (isenção); e em regra é apocopado ou permutado em *es*, quando seguido de *b*, *g*, *l*, *m*, *v*; e immutavel, si precede a *c*, *p*, *q*, *t*, e a vogaes ou *h*. Tambem é apocopado, anteposto a *d*, *j*, *n*, *r*.

Extra.—Significa fóra, além: *extraordinario*, *extramuros*, *extravagante*.

In.—Significa augmento, intensidade: *inundar*, *illustre*; negação: *indispensavel*, *immortal*; auxilio, favor: *implorar*, *invocar*; transição, mudança: *incandescer*, *inflammar*; opposição: *impugnar*, *impellir*; introducção: *injectar*, *inserir*.

E' assimilado, antes de *l*, *m*, *r*; permutado em *im*, estando preposto a *b*, *p*, *m*; e immutavel, si antecede a vogal, ou *h* e a *c*, *d*, *f*, *g*, *j*, *n*, *q*, *r*, *s*, *t*, *v*; e juxtaposto em phrases latinas, como *in-folio*, *in-petto*.

Inter.—Significa entre, no meio: *interpor*, *interromper*.

Inter só forma palavras de origem erudita.

Intro, intra.—Significam dentro de, tendencia para logar interno: *introduzir*, *intrometter*, *intracraneano*, *imtramedullar*.

Só apparecem em vocabulos herdados do latim.

Mal *ou* **male.**—Significa mau exito, imperfeição: *malquisto*, *maltratar*, *malevolo*, *maleficio*.

A primeira fórma é popular; a segunda, erudita.

Meio (=*medius*, lat.).—Significa por metade, um pouco, não de todo: *meio-relevo*, *meio-abatido*.

Menos (=*minus*, lat.).—Significa inferioridade: *menoscabo*, *menospreço*.

Não.—Significa negação: *não conformidade*, *não razão*.

Ob.—Significa augmento, intensidade: *obscurecer*, *offuscar*, *opprimir*; opposição, contrariedade: *objectar*, *obstar*, *offerecer*, *oppor*.

E' assimilado antes de *c*, *f*, *p*; e immutavel, si a palavra principal começar por outra qualquer lettra.

Per.—Significa através, pelo meio: *permeavel*, *perfurar*; augmento: *perscrutar*, *persistente*; perfeição, conclusão: *perfazer*, *peroração*; frequencia: *perpassar*, *percorrer*.

Quasi todos os vocabulos que se formam com este prefixo, são de origem erudita.

Pos (=*post*, lat.).—Significa depois: *pospor*, *posthumo*.

Pos é a fórma archaica portugueza, que se transformou successivamente em *empós*, *após*, *depós*, *depois*.

Pre (=*præ*, lat.).—Significa anterioridade, excellencia: *precaução*, *predizer*, *predominar*, *preferir*; augmento, intensidade: *preponderar*, *prevalecer*.

Preter (=*præter*, lat.).—Significa excesso, além: *preterir*, *preternatural*. Só existe em raros vocabulos de origem classica.

Pro.—Significa origem, derivação: *procedencia*, *progenie*; intensidade: *proclamar*, *provocar*; precedencia, anterioridade: *prognostico*, *projecto*, *prover*; para diante, para longe: *progredir*, *prolongar*; em logar de, por: *pronome*, *promover*.

Quasi.—Significa proximidade: *quasi-contrato*, *quasi-delicto*.

Re.—Significa augmento, intensidade: *realçar*, *rebaixar*; opposição, para trás, atrás: *reagir*, *recostar*, *refrear*; repetição: *reanimar*, *recapitular*; negação: *reprovar*.

Retro.—Significa para trás: *retrogradar*, *retroceder*. Só figura em vocabulos de origem erudita.

Satis.—Significa assás: *satisfação*, *satisfactorio*.

Sem, prefixo vernaculo (=*sine*, lat.), significa exclusão, negação: *semsaboria*, *sem razão*.

Semi.—Significa meio: *semicirculo*, *semidouto*.

Sine.—Significa exclusão: *sine-cura*.

Sob (=*sub*, lat.).—Significa abaixo, debaixo: *sobpor*, *solettrar*, *soccorro*, *soffrer*, *sorrir*.

E' assimilado antes de *c*, *f*, *r*; raramente, immutavel; e, ás vezes, apocopado.

Sobre (=*super*, lat.).—Significa acima, posição superior: *sobrepor*, *sobreestar*, *sobreviver*, *sobrehumano*.

Soto, sota (=*subtus*, lat.).—Significa por baixo, inferior: *sotapiloto*, *sotopor*.

Sub.—Significa abaixo, debaixo, immediato: *subjugar*, *substituto*, *subchefe*.

E' assimilado, seguido de *c*, *f*, *g*, *p*, *r*; immutavel, antes de vogal e de outras consoantes; e apocopado em *sujeito*, *sujeitar*, *sujeição*.

Subter.—Significa sob, abaixo de: *subterfugio*, *subterfugir*.

Super.—Significa acima, muito: *superlativo*, *superfluo*.

Trans, tras, tres, tra.—Significa alem de, através de: *transpor*, *trasladar*, *tresmalhar*, *traduzir*.

Tris, tri, tres, tre.—Significa triplicação: *trisavô, trifolio, tresloucar, trecentesimo.*

Ultra.—Significa além: *ultramar, ultramontano.*

Vice, vis.—Significa em vez, em logar: *vice-reitor, vice-consul, visconde.*

II

Prefixos do origem grega.

A, an, privação: *atheu, anonymo.*

A fórma *an* usa-se antes de vogal ou *h.*

Amphi, dualidade: *amphibio, amphibologia.*

Ana, elevação: *anagogia* (elevação do espirito ás cousas celestes); entre, por entre: *anasarca*; para trás: *anastrophe*; repetição: *anaphora*; retiro: *anachoreta*; semelhança: *analogia.*

Anti, ant, opposição: *antidoto, antagonismo.*

Apo, afastamento: *apogeu* (longe da terra), *apostasia.*

Arce, arch, archi, primazia, precedencia: *arcebispo, archanjo, archiduque.*

Cata, abaixamento: *catastrophe*; opposição: *catapulta.*

Dia, intermediação: *diametro, diagonal.*

Dys, mau estado, difficuldade: *dyspepsia, dysphonia.*

Ec, ex, apartamento: *eclipse, exodo.*

En, em, tendencia para dentro: *encephalo, embrião.*

Endo, internação: *endocephalo.*

Epi, ep, eph, superposição: *epitaphio, epoca, ephemero.*

Eu, bem, bom: *euphonia, eucharistia.*

Exo, externação: *exophtalmia* (saida do olho para fora da orbita).

Hyper, excesso, superioridade: *hypercritico, hyperbole.*

Hypo, hyp, diminuição, inferioridade: *hypocrita, hypothese, hypallage.*

Mega, grande: *megametro*, *megacephalo*.

Meta, met, successão, mudança, transformação: *metaphora*, *meteoro*, *metamorphose*.

Para, par, proximidade: *paranympho*; comparação: *paradigma*; opposição: *paradoxo*.

Peri, circuito: *periphrase*, *peristylo*.

Pro, anteposição: *programma*, *prolegomenos*.

Pros, tendencia: *proselyto*, *prosodia*.

Syn, sym, syl, sy, ajuntamento, simultaneidade: *synodo*, *sympathia*, *syllaba*, *systema*.

SECÇÃO 2.ª

Juxtaposição.

Dá-se a composição dos vocabulos por *juxtaposição*, quando, com ou sem a interposição do hyphen, se juntam os elementos componentes, conservando cada um delles a sua propria orthographia, e a sua syllaba predominante: *saca-rolhas*, *menoridade*.

Na juxtaposição, cumpre ter muito em vista a ordem dos elementos componentes do vocabulo.

Em regra, o primeiro elemento é geral; e o segundo, particular. Em *couve-flor*, por exemplo, *couve* exprime o genero; e *flor*, a especie.

No latim porem, a inversão é regular: o primeiro elemento é que designa a idéa especifica. Resultam deste facto as excepções que se verificam nos compostos eruditos, que proveem do latim, ou que se formam, de conformidade com os typos latinos de composição: em *silvicultura, agricultura,* os elementos *silvi* (selva) e *agri* (campo) representam o sentido particular; e *cultura,* o geral.

Formam-se por juxtaposição *substantivos*, *adjectivos*, *verbos* e *palavras invariaveis*.

I

Substantivos.

Formam-se substantivos por juxtaposição, ou de elementos vernaculos, ou de elementos gregos.

Substantivos formados de elementos vernaculos.

Cinco são as especies de substantivos formados por juxtaposição com elementos vernaculos.

1.ª Os compostos por *addição*;
2.ª Os compostos por *apposição*;
3.ª Os compostos de *concordancia*;
4.ª Os compostos de *subordinação*;
5.ª Os compostos com o *imperativo*.

Exceptuando os nomes compostos com o imperativo em que a palavra principal é um verbo, nas outras especies é ella um substantivo.

Nomes compostos por addição são aquelles que se formam de dous substantivos que estão em relação de nexo: *usufruto* (do latim *ususfructus*, abreviação de *ususfructusque*, o uso e o fruto).

Nomes compostos por apposição são aquelles que tambem se formam de dous substantivos, sendo um delles modificado pelo outro, como nome apposto: *papel-moeda* (papel que serve de moeda).

Nos compostos por apposição, o nome do genero pode preceder o nome da especie: *mãe-patria*; ou, o que é mais frequente, a idéa da especie é marcada pelo nome apposto: *porco-espinho*.

Nomes compostos de concordancia são aquelles em que o termo determinante é um adjectivo que está em relação de concordancia com a palavra principal ou o substantivo: *clara-boia*, *sangue-frio*.

Geralmente o determinante precede o determinado: *gentil-homem*, *plata-fórma*. São muitas porem as excepções: *canto-chão*, *senso-commum*.

Si o adjectivo for numeral, determina o substantivo, e sempre o precede: *cento-peia*, *centimetro*.

Nomes compostos de subordinação são aquelles em que o determinante é um substantivo que está em relação de dependencia com o determinado: *terrapleno*.

Na formação antiga, juntam-se os dous termos sem preposição, e o determinante que exprime a relação res-

trictiva, precede a palavra principal: *quartel-mestre*. Ha excepções como *mappa-mundi*, *banho-maria*, etc. O portuguez não rejeitou este processo do latim, classico e popular: *ferrovia*, etc.

Na formação moderna, unem-se os dous membros por preposições: *mão de obra*, *barco a vapor*, *doutor em direito*.

Nomes compostos com o imperativo, verdadeiro producto de phrases inteiras, são aquelles que se formam de um verbo na segunda pessoa do singular do imperativo, seguido do seu complemento objectivo, de um adverbio, do mesmo imperativo ou de imperativo differente: *beija-mão*, *bota-fora*, *luze-luze*, *vae-vem*.

Substantivos formados de elementos gregos.

Os nomes compostos de elementos gregos, ou foram importados directamente do grego, ou são de formação nova. A maior parte dos compostos novos tem origem em diversas combinações de um certo numero de *prefixos* e *suffixos*, ou entre si, ou com alguns outros *radicaes*.

Tratamos já dos prefixos e suffixos propriamente ditos; por isso limitamo-nos a adduzir apenas a lista das principaes palavras gregas que servem de radicaes, algumas das quaes tambem podem ser empregadas como suffixos.

Acro, extremo, cume: *acrostico*, *acropole*.
Anemo, vento: *anemometro*, *anemoscopio*.
Anthropo, homem: *anthropophago*, *anthropologia*.
Auto, por si mesmo: *autographo*, *autobiographia*.
Baro, peso: *barometro*, *barymetria*.
Biblio, livro: *bibliomania*, *bibliophilo*.
Bio, vida: *biologia*, *biometro*.
Caco, mau: *cacophonia*, *cacologia*.
Cephalo, cabeça: *cephalalgia*, *cephaloide*.
Chiro, **chir**, mão: *chirographia*, *chiromancia*.
Chromo, cor: *chromolithographia*, *chromophoro*.
Chrono, tempo: *chronica*, *anachronismo*.
Chriso, ouro: *chrysolitho*, *chrysologia*.

Cosmo, mundo: *cosmopolita*, *microcosmo*.
Crypto, occulto: *cryptographia*, *cryptogamo*.
Cyano, **cyan**, azul: *cyanoptero*, *cyanose*.
Cyclo, circulo: *cycloliuto*, *cycloptero*.
Cyno, cão: *cynocephalo*, *cynismo*.
Cysto, **cyst**, bexiga: *cystocele*, *cystalgia*.
Demo, povo: *democracia*, *demagogo*.
Electro, electricidade: *electrometro*, *eletroscopio*.
Entomo, insecto: *entomologia*, *entomophago*.
Etho, costumes: *ethnographia*, *ethopéa*.
Galacto, leite: *galactophoro*, *galactometro*.
Gastro, **gastr**, ventre, estomago: *gastronomia*, *gastro-enterite*.
Geo, terra: *geographia*, *geologia*.
Gymno, nu: *gymnoto*, *gymnosophista*.
Gyn, **gyneco**, mulher: *gyneceu*, *gynecocracia*.
Heli, **helio**, sol: *helioscopio*, *heliotropo*.
Hemo, **hema**, **hemato**, sangue: *hemorrhagia*, *hemagogo*, *hematocephalo*.
Hetero, **heter**, outro, diverso: *heterodoxo*, *heterogeneo*.
Hiero, **hier**, sagrado: *hieroglypho*, *hierarchia*.
Hippo, **hip**, cavallo: *hippodromo*, *hippomania*.
Homo, **homeo**, ou **homœ**, identico, igual: *homogeneo*, *homeopathia*.
Hydro, **hydr**, agua: *hydrographia*, *hydromel*.
Hygro, humido: *hygroscopio*, *hygrometro*.
Ichtyo, peixe: *ichtyologia*, *ichtyophago*.
Icono, imagem: *iconoclasta*, *iconographia*.
Ideo, idéa: *ideographia*, *ideologia*.
Idio, proprio, particular: *idiopathia*, *idiosyncrasia*.
Litho, **lith**, pedra: *lithographia*, *lithologia*.
Macro, **macr**, grande: *macrocephalo*, *macropetalo*.
Micro, **micr**, pequeno: *microcosmo*, *microscopio*.
Meso, **mes**, que está no meio: *mesologia*, *mesothorax*.
Metro, medida: *metrologia*, *metronomo*.
Miso, **mis**, que odeia: *misanthropo*, *misogamo*.
Mytho, fabula: *mythologia*, *mythographia*.
Morpho, fórma: *morphologia*, *polymorpho*.

Neo, novo: *neophito*, *neographo*.
Nevro, nevr, nervo: *nevralgia*, *nevroptero*.
Noso, doença: *nosographia*, *nosogenia*.
Nycto, nict, de noute: *nyctobato*, *nyctographo*.
Odonto, dente: *odontalgia*, *odontoide*.
Œno, œn, vinho: *œnologia*, *œnometro*.
Onoma, nome: *onomastico*, *onomatopéa*.
Ophi, ophio, serpente: *ophidio*, *ophiophago*.
Ophtalmo, olho: *ophtalmia*, *ophtalmoscopio*.
Ornitho, passaro: *ornithologia*, *ornithotomia*.
Ortho, orth, recto, certo: *orthographia*, *orthophonia*.
Orycto, fossil: *oryctotechnia*, *oryctologia*.
Osteo, osso: *osteologia*, *osteoscopio*.
Oxy, ox, acido (chimica), agudo (historia natural): *oxygeneo*, *oxyphonia*.
Paleo, paleonto, antigo: *paleographia*, *paleontologia*.
Pan, panto, tudo: *panorama*, *pantheismo*.
Pathos, molestia: *pathologia*, *pathogenesia*.
Philo, phil, amigo: *philologia*, *philantropia*.
Phlebo, veia: *phleborrhagia*, *phlebotomia*.
Phono, voz: *phonologia*, *telephone*.
Photo, phot, phos, luz: *photographia*, *photometro*, *phosphoro*.
Phren, cerebro: *phrenologia*, *phrenesi*.
Physio, natureza: *physiologia*, *physionomia*.
Podo, poda, pé: *podoptero*, *antipoda*.
Pseudo, pseud, falso: *pseudonymo*, *pseudopropheta*.
Psycho, psych, alma: *psychologia*, *psychico*.
Psychro, frescura: *psychrometro*.
Pyro, pyr, fogo: *pyrometro*, *pyrotechnia*.
Rhino, rhin, nariz: *rhinoceronte*, *rhinalgia*.
Semio, signal: *semiographia*, *semiologia*.
Stereo, solido: *stereoscopio*, *stereometria*.
Strato, strat, exercito: *estrategia*, *estratagema*.
Tele, longe: *telegramma*, *telescopio*.
Thera, cura: *therapeutica*.
Theo, Deus: *theocracia*, *atheu*.
Thermo, calor: *thermometro*, *thermal*.

Topo, top, logar: *topographia, topologia.*
Typo, modelo: *typographia, typomania.*
Zoo, animal: *zoologia, zoophito.*

Os nomes compostos de elementos gregos, constituidos em radicaes, dão origem a outros substantivos, a adjectivos, a verbos e adverbios: de *photographia*, por exemplo, vem *photographo, photographico, photographar, photographicamente.*

A estes nomes compostos cumpre accrescentar os que se formam de nomes de numero, gregos:
Mono, mon, um só: *monomania, monosyllabo.*
Di, dis, dous: *dilemma, distico.*
Tri, tres: *trigonometria, trilogia.*
Tetra, quatro: *tetracordio, tetraédro.*
Pent, penta, cinco: *pentagono, pentapole.*
Hex, seis: *hexaédro, hexagono.*
Hepta, hebd, sete: *heptagono, hebdomadario.*
Oct, octo, oito: *octaédro, octogono.*
Ennea, nove: *enneacordio, enneapetalo.*
Deca, dez: *decalogo, decalitro.*
Endeca, onze: *endecándria, endecagono.*
Dodeca, doze: *dodecágyno, dodecándria.*
Icos, vinte: *icosaédro, icosándria.*
Hécaton, hecato, hecto, cento: *hecatonstylo, hecatombe, hectare.*
Kilo, mil: *kilogramma, kilolitro.*
Myria, dez mil: *myriametro, myriapodo.*
Poly, muitos: *polygamia, polyglotta.*
Hemi, meio: *hemicyclo, hemispherio.*
Proto, prot, primeiro: *prototypo, protoxydo.*
Deuto, deutero, segundo: *deuteronomio, deuteropathia.*
Trito, terceiro: *tritóxydo.*

Nomes compostos irregularmente.

Ha *nomes compostos irregulares*, cuja formação insolita escapa a qualquer classificação. Taes são:

1.º As phrases tomadas substantivamente: *malmequer*, *aqui d'el-rei*.

2.º Os nomes compostos pela reduplicação: *Lulú*, *Totó*.

3.º Os *hybridismos*, isto é, os vocabulos compostos de elementos tirados de linguas differentes: *sociologia*, *monoculo*. No primeiro exemplo, *socio* é elemento latino; *logia*, grego: no segundo, *mono* é grego; *oculo*, latino.

O hybridismo popular e de uso vulgar é admissivel, como *cipó-chumbo*, porque *cipó*, de origem tupi, estando popularisado ou nacionalisado, se cruza mui naturalmente com o termo *chumbo*, ou se lhe adapta facilmente, como si entre elles houvesse affinidade. Não assim os hybridismos scientificos ou de formação erudita, que são condemnados pelos puristas, porque os eruditos devem formar as palavras de elementos homogeneos.

4.º Os nomes compostos introduzidos no idioma por influencia de linguas estrangeiras, como *high-life*, *tramway*, *roast-beef*, de linguas germanicas; *xeque-mate*, *benjoim*, *masmorra*, de linguas semiticas; *capoeira* (matto), *Catumby*, de linguas americanas.

II

Adjectivos.

Os *adjectivos juxtapostos* formam-se de adjectivos.

Ha duas especies de adjectivos juxtapostos:

1.ª Adjectivos compostos *por addição*;

2.ª Adjectivos compostos *de subordinação*.

Os *compostos por addição* formam-se de dous adjectivos de igual valor, que modificam ao mesmo tempo um dado substantivo: «escola *medico-cirurgica*, povos *greco-romanos*.»

Pertencem a esta classe os adjectivos numeraes compostos: «*vinte e dous* livros, tomo *decimo primeiro*.»

Os *compostos de subordinação* formam-se tambem de dous adjectivos, sendo o segundo modificado pelo pri-

meiro tomado adverbialmente: «ostras *fresco-abertas*, isto é, ostras *abertas de fresco.*»

Quer num, quer noutro caso, só o ultimo adjectivo concorda com o substantivo a que se referem.

Exceptuam-se *surdo-mudo;* os adjectivos que teem por primeiro elemento o adjectivo *meio* significando *até o meio exactamente:* «a bandeira portugueza é *meia branca* e *meia azul*, isto é, tem uma metade *toda branca*, e a outra *toda azul*»; e os numeraes ordinaes compostos: «casa *decima segunda.*»

Meio significando *algum tanto* é invariavel: "reflexões meio-*politicas.*"

III

Verbos.

Os *verbos juxtapostos* formam-se de um verbo precedido de um substantivo com força de complemento, ou de um adjectivo, como subattributo: *manobrar* (manu operare), trabalhar com a mão; *purificar*, ficar puro.

IV

Palavras invariaveis.

Em regra formam-se por juxtaposição:

1.º Locuções prepositivas, como *de fronte de*, *em cima de;*

2.º Locuções adverbiaes, como *talvez*, *por ventura*;

3.º Locuções conjunctivas, como *outrosim*, *portanto*;

4.º Locuções interjectivas, como *ai Jesus*, *fóra daqui.*

SECÇÃO 3.ª

Agglutinação.

Formam-se vocabulos *por agglutinação*, quando os elementos componentes, fundidos em um só vocabubo, estão subordinados a uma unica syllaba predominante: *vinagre* (vinho acre ou agro) do lat. *vinum acre*, *planalto* (plano alto).

Ha nomes compostos cujos elementos vieram já agglutinados do latim: *ourives* de *aurifex* composto de *aurum* (ouro) e de *facere* (fazer), *privilegio* que se compõe de *privus* (particular) e de *lex* (lei).

A agglutinação é uma juxtaposição em estado mais adiantado, por effeito da contracção e fusão das fórmas.

§ 3.º

Alterações lexicas.

As linguas estando sujeitas, como tudo quanto existe, á lei fatal da transformação, nunca se podem considerar fixadas: — *desenvolvem-se e evolvem-se continuamente.*

Concorrem muito para o seu desenvolvimento e continuo evolucionar duas forças oppostas, que manteem o equilibrio da vida que lhes é propria, uma que *elimina*, outra que *assimila*.

Essas duas forças são conhecidas pelas denominações de *archaismos* e *neologismos*.

Os *archaismos* são as folhas seccas que vão caindo da arvore da linguagem; os *neologismos*, a folhagem com que os idiomas se renovam, e revestem de frescura e graça.

SECÇÃO 1.ª

Archaismos.

Archaismos são os vocabulos ou quaesquer factos grammaticaes, que desappareceram de uma lingua.

Tambem se chama *archaismo* o emprego pelos escriptores de palavras caidas em desuso.

Eis as principaes causas da morte das palavras:

1.º Perda do objecto que a palavra significa: *alcaide*, nome de um cargo, ha muito, extincto; *polé* que designava um instrumento de supplicio, outrora em uso.

2.ª A moda: *aparador*, *consólo* foram desterrados, aquelle por *etagère*; e este, por *dunkerque*.

3.ª O pedantismo litterario que rejeita arbitrariamente muitas palavras, como *medicinar*, mais expressivo que *tratar*, e que differe de *medicar*.

4.ª A ignorancia de termos de bom cunho, usados pelos escriptores, como *chovediço*, *pupillagem*.

5.ª A introducção de neologismos, synonymos de palavras já existentes na lingua: *arteirice*, por exemplo, caiu em desuso, depois que do latim se tirou a synonyma *astucia* que era nova no seculo 15.º

6.ª Substituição por outras, derivadas do mesmo thema: *altivez* que substituiu *altividade*.

7.ª O desuso da palavra num ou mais sentidos: *britar* que actualmente tem só a significação de *quebrar pedra em fragmentos miudos*, antiquou-se no sentido geral de *partir*, *quebrar*, e no figurado de *annullar*.

8.ª Acquisição de sentido novo: *aguadeiro* queria dizer *proprio para resguardar da chuva*; hoje, *homem que vende agua*.

9.ª O sentido baixo ou obsceno que por transferencia se dá a muitas palavras: *botar*, *feder*, *tresandar*.

Ha seis especies de archaismos:

1.ª *Archaismos proprios*, ou termos inteiramente obsoletos de que se faz uso apenas em documentos historicos: *bayanca* (barranca), *cabiscol* (chantre).

2.ª *Archaismos phonicos*: *boveda* (abobada), *tredor* (traidor).

3.ª *Archaismos orthographicos*: *he*, *hum*, *ley* por *é*, *um*, *lei*.

4.ª *Archaismos flexionaes*, como *amades* por *amaes*, e os participios em *udo*. Dizem-se tambem *morphologicos*.

5.ª *Archaismos syntacticos*, como o emprego de certos verbos sem preposição: *começar dar* por *começar* **a** *dar*; o uso do gerundio regido da preposição *em*: **em** *amanhecendo*; e certas inversões arrojadas.

6.ª *Archaismos semanticos*, ou palavras que, conservando sua fórma integral originaria, perderam certo e

determinado sentido: *arreio* no sentido de *enfeite*, *fazenda* significando *sentimento* ou *estado da alma*.

SECÇÃO 2.ª

Neologismos.

Neologismo é qualquer vocabulo novo, formado de elementos proprios da lingua, ou importado de linguas estranhas.

Dahi a divisão dos neologismos em *intrinsecos* e *extrinsecos*.

Chamam-se *intrinsecos* os neologismos creados no proprio seio da lingua; e *extrinsecos* os que são importados de linguas estranhas.

Os *neologismos intrinsecos* formam-se:

1.º Por derivação impropria: *o puxado* (aposentos em seguida ao corpo principal do predio), *um desfrutavel* (individuo que se dá ao ridiculo).

2.º Por derivação propria: *proposital*, *propositalmente* de *proposito*; *externar* de *externo*; *bisar* de *bis*.

São condemnaveis neologismos como estes: "*Beneficiar-se* o actor tal." "Eis um homem bem *posicionado*".

3.º Por juxtaposição de elementos vernaculos: *ferrovia*, *guarda-pó*.

4.º Por translação de sentido: *amolar* (dar séca), *vigario* (homem astuto) na phrase *conto do vigario*.

5.º Por archaismos, isto é, pela resurreição de palavras da lingua, que haviam sido votadas ao esquecimento: *finado* (morto), *queixumes*.

Os neologismos extrinsecos formam-se:

1.º Por juxtaposição de elementos gregos e latinos: *decagono*, *telegraphia*; *agricultura*, *placidamente*.

2.º Por introducção de palavras de outras linguas estrangeiras: *chalet*, *claque*; *jockey*, *tunnel*; *valsa*, *kirsch*; *quartetto*, *allegro*; *bolero*, *guerrilha*; *yankee*, *tapera*.

3.º Por hybridismo, isto é, por composição de elementos tirados de linguas differentes: *sociologia* (do elemento latino *socius*, e do grego *logia), bureaucracia* (do francez *bureau*, e do grego *kratos*, poder), *zincographia* (do allemão *zinco*, e do grego *graphia).*

Os neologismos extrinsecos tomam diversas denominações, conforme as linguas de que veem.

Si procedem do latim, chamam-se *latinismos*; si do grego, *grecismos* ou *hellenismos*; si do hebraico, *hebraismos*; si do francez, *francezismos* ou *gallicismos*; si do inglez, *anglicismos*; si do allemão, *germanismos*; si do italiano, *italianismos*; si do hespanhol, *castelhanismos*; si de linguas americanas, *americanismos*; etc.

Os neologismos dividem-se ainda em *populares, litterarios* e *technicos.*

Neologismos populares são os termos espontaneamente introduzidos na lingua pelo povo: *bilontra*, *barata* significando *mulher de mantilha.*

Neologismos litterarios são os termos creados pelos litteratos, ou por elles tirados das obras das litteraturas estrangeiras, antigas e modernas: *aurilavrado*, *levipede; incredulo*, *doloroso* por *incréu*, *doroso*; *barricada*, *tartufo.*

Neologismos technicos ou *scientificos* são os termos creados pelos sabios, e em geral formados de elementos gregos e latinos, com que se designam os novos inventos ou descobertas scientificas, artisticas e industriaes: *barometro*, *oleographia*, *viticultura.*

PARTE SEGUNDA.

SYNTAXE.

A *syntaxe* ensina a coordenar as palavras e as proposições, de modo que sejam a expressão pura ou artistica do pensamento.

Divide-se em *syntaxe grammatical* e *litteraria.*

LIVRO PRIMEIRO.

SYNTAXE GRAMMATICAL.

A *syntaxe grammatical* coordena as palavras e as proposições, fazendo-as enunciar pura e simplesmente o pensamento.

Subdivide-se em *syntaxe de palavras* e *syntaxe de proposições*.

TITULO PRIMEIRO.

SYNTAXE DE PALAVRAS.

A *syntaxe de palavras* trata das palavras relacionadas entre si, formando a proposição ou o periodo simples.

É *geral* ou *particular*.

CAPITULO I.

SYNTAXE GERAL.

A *syntaxe geral* trata em geral das palavras, como elementos da proposição ou do periodo simples.

Periodo simples é o sentido perfeito e absoluto, que consta de uma só proposição: «*Deus creou o mundo em seis dias*».

Proposição é o enunciado do juizo.

Juizo é o acto do entendimento, pelo qual affirmamos uma cousa de outra; ou, noutros termos, a percepção da relação de conveniencia entre duas idéas.

Entendimento é a intelligencia entendendo ou funccionando no exercicio perfeito de suas faculdades, como a vontade, a attenção, a memoria.

A proposição tambem se chama *oração*, *phrase*, *sentença*; e contem tres termos, *sujeito*, *verbo*, *attributo*.

Sujeito é a pessoa ou cousa a que convem alguma qualidade: é a idéa principal, o objecto do juizo.

Attributo é a qualidade que convem ao sujeito: é a idéa accessoria.

O *verbo* exprime a affirmação, ou mostra que a qualidade convem ao sujeito: é a palavra por excellencia.

Exemplo de uma proposição plena, ou com os seus tres termos claros: «*Deus é omnisciente.*» *Deus*, sujeito; *é*, verbo; *omnisciente*, attributo.

Do sujeito e attributo sob varios aspectos.

O *sujeito* e o *attributo* dividem-se em *grammaticaes* e *totaes*.

Sujeito grammatical é o sujeito representado por nome substantivo, pronome, parte da oração substantivada, oração. Exemplos: «A *virtude* é adoravel; *ella* brilha em qualquer estado da vida.» «O *bello* das artes é certamente o mais admiravel depois do da natureza.» «O *quando* só de Deus é sabido.» «*Amar a Deus* é a maior das virtudes; *ser amado de Deus*, a maior das felicidades. (VIEIRA).»

Attributo grammatical é o attributo representado por nome adjectivo ou cousa equivalente. Exemplos: «O merito é *modesto.*» «A ira é *furor.*» «Este homem é *de bem*, isto é, *homem de bem.*»

Sujeito total ou *logico* é o que, acompanhado ou não de complementos, representa, com toda a inteireza, a pessoa ou cousa a que convem alguma qualidade.

Attributo total ou *logico* é o que, acompanhado ou não de complementos, exprime, com toda a inteireza, a qualidade que convem ao sujeito.

O *sujeito* e o *attributo totaes* ou *logicos* tambem podem ser *simples* e *compostos*, *incomplexos* e *complexos*.

Sujeito simples é o que representa um só objecto ou objectos da mesma natureza. Exemplos: «*O sol* é brilhante.» «*Os meninos* são levianos.»

Attributo simples é o que exprime uma só qualidade ou o conjuncto das qualidades constitutivas de um genero

ou de uma especie. Exemplos: «O cão é *fiel.*» «O cão é *um animal.*»

O substantivo figura em geral na proposição, como sujeito ou complemento, mas pode tambem, como o adjectivo, servir de attributo, e então designa o conjuncto das qualidades que constituem o genero ou a especie. Quando dizemos: "O cão é *fiel*", apenas attribuimos ao sujeito uma qualidade, *a de ser fiel*. Dizendo porem: "O cão é *um animal*", affirmamos que o *cão* tem todas as qualidades ou propriedades que caracterisam o animal; noutros termos, comprehendemos a especie *cão* na especie superior ou no genero, *o animal* (¹).

Sujeito composto é o que representa objectos differentes ou de natureza diversa. Exemplos: «*Pedro* e *João* são irmãos.» «*O cão* e *o gato* são animaes domesticos.»

Attributo composto é o que exprime diversas maneiras de existir do sujeito. Exemplo: «Cicero foi *orador* e *philosopho.*»

Sujeito e *attributo incomplexos* são o sujeito e o attributo, que não teem complementos. Exemplos: «*Deus* é *omnipotente.*»

Sujeito e *attributo complexos* são o sujeito e o attributo, que teem complementos.

Exemplo do sujeito complexo: «**O homem** *que sabe regular a sua vida*, é prudente.»

Exemplo do attributo complexo: «O mundo foi **creado** *por Deus.*»

Dá-se ainda o nome de *vocativo* ao sujeito de verbos na segunda pessoa, quando é destinado a chamar ou a excitar a attenção da pessoa, com quem se fala. Exemplos:

«**Ó tu**, guarda divina, *tem* cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado. (Camões).»

«Bem *poderas*, **ó Sol**, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia. (Idem).»

Estando o verbo occulto, subentendem-se os imperativos *ouve, ouvi; attende, attendei.*

(¹) C. Ayer. — *Grammaire comparée de la langue française, première édition*, n.º 361, in fine; e *quatrième edition,* § 165, I, b, in fine.

Da construcção ou collocação dos termos da proposição.

A proposição pode estar na *ordem directa* ou na *inversa*.

Está na *ordem directa* ou *analytica*, quando os seus termos se acham naturalmente collocados, tendo o primeiro logar o sujeito ou idéa principal, o segundo o verbo ou idéa de nexo, o terceiro o attributo ou idéa accessoria. Exemplo: «Nenhum governo é bom para os homens maus. (MARQUEZ DE MARICÁ).»

Está na *ordem inversa* ou *synthetica*, quando os seus termos se acham invertidos, transtornada a ordem natural da precedencia. Exemplo: «Era naquelle tempo clara *a fama de D. Duarte de Menezes, governador de Tanger, cujo nome os africanos ouviam com temor, e nós com reverencia.* (J. FPEIEE).»

Esta inversão comtudo não se faz arbitrariamente, mas, em certos e determinados casos, como no emprego da proposição participio, da de infinito pessoal, da de sujeito composto ou de sujeito complexo, e ainda das proposições imperativas, interrogativas e exclamativas, sem que entretanto estes casos especiaes excluam a inversão de qualquer proposição de sujeito simples e incomplexo do modo finito, quando o requer a harmonia da phrase.

Classificação das proposições que constituem o periodo simples, consideradas quanto á significação.

A proposição que constitue o periodo simples, pode ser *declarativa, interrogativa, optativa, imperativa, exclamativa.*

É *declarativa*, quando declara ou indica um facto: «*A noute está linda.*»

A *proposição declarativa*, tambem chamada *enunciativa* ou *expositiva*, é *positiva*, si affirma a realidade de um

facto: «*Antonio saiu.*»; é *negativa*, si affirma que o facto não é real: «*Antonio não saiu.*»

É *interrogativa*, quando exprime um facto duvidoso: «*Carlos seria feliz em tal empresa?*» «*Carlos não se casou?*»

É *optativa*, quando enuncia um desejo: «*Anceio pela sua nomeação.*»

É *imperativa*, quando se requer, ordena ou pede que se faça alguma cousa: «*Vem cá.*» «*Leva-me esta carta á casa de Paulo.*»

É *exclamativa*, quando é o enunciado de um sentimento de enthusiasmo, admiração ou respeito: «*É sublime!*» «*Estou pasmo!*»

As relações entre as palavras de que se compõe a proposição, são de *nexo*, de *concordancia*, de *dependencia* ou *subordinação*.

§ 1.º

Das palavras sob as relações de nexo.

As *relações de nexo* entre as palavras são determinadas, ou pela conjuncção de approximação ligando uma palavra a outra, ou pela preposição ligando um termo consequente a outro antecedente, ou pelo verbo ligando os outros termos da proposição.

SECÇÃO 1.ª

Ligação das palavras pela conjuncção de approximação.

A conjuncção de approximação liga sempre palavras da mesma especie. Exemplos: «*Honra* e *gloria* é o nome de um drama.» «*Dous* e *dous* são quatro.»

SECÇÃO 2.ª

Ligação das palavras pela preposição.

A preposição liga a um termo antecedente outro consequente que exprime uma relação de dependencia ou subordinação, isto é, liga ao sujeito ou ao attributo, como seu complemento, um nome, pronome, parte da oração substantivada ou oração.

Exemplos da preposição ligando um nome ao sujeito e ao attributo: «**O instincto** *da conservação* é **innato** *no homem.*» «Elle está **cheio** *de vida.*» «**Falou** *com ardor.*»

Exemplos da preposição ligando um pronome ao sujeito e ao attributo: «**A vida** *delle* está em perigo.» «Sou **estimado** *por elle.*» «Os nossos maiores inimigos **existem** *dentro de nós mesmos*: são nossos erros, vicios e paixões. (MARQUEZ DE MARICÁ).»

Exemplos da preposição ligando partes da oração substantivadas ao sujeito e ao attributo: «**A intemperança** *no comer e beber* é prejudicial ao homem.» «Já me acho **cansado** *deste meu mau estar.*» «Elle **vive** só *para os comes e bebes.*»

Exemplos da preposição ligando uma oração ao sujeito e ao attributo: «**A arte** *de matar gente* progride admiravelmente.» «Nunca nos devemos julgar **dispensados** *de fazer bem.*» «**Attenta** *em vigiar que o campo se lavre logo.*»

SECÇÃO 3.ª

Ligação dos termos da proposição.

A ligação do attributo ao sujeito da proposição faz-se unicamente pelo verbo, e pela conveniencia de fórma e concordancia entre elles, sem intervenção dos liames da conjuncção e preposição. Exemplo: «*Deus* **é** *misericordioso.*» *Deus*, sujeito; *é*, verbo; *misericordioso*, attributo.

§ 2.º

Das palavras sob as relações de concordancia.

As *relações de concordancia* entre as palavras são determinadas, ou pela fórma especial que sempre toma o verbo, para concordar com o sujeito; ou pela fórma, tambem especial, que ordinariamente toma o adjectivo, para concordar com o nome.

SECÇÃO 1.ª

Concordancia do verbo com o sujeito.

O verbo concorda com o sujeito simples em numero e pessoa, accommodando-se a elle pela fórma.

Verifica-se esta concordancia ou seja o sujeito nome ou pronome ou parte da oração substantivada ou oração. Exemplos: «**O homem** *pensa.*» «**Eu** *delibero.*» «*É* vergonhoso **mentir** ou **o mentir.**» «A ninguem se *deve* **fazer mal.**»

Exceptuam-se os seguintes casos:

1.º Quando a proposição é conversivel e identica, ou tem por attributo um substantivo, não adjectivado, o verbo ser concorda com o attributo, e não com o sujeito: Exemplos: «A renda de Pedro *são* **mil escudos.**» «O que mais me agrada, *são* **as pinturas.** (¹).»

Proposição conversivel e identica é a proposição que tem por attributo um substantivo, não adjectivado, ou acompanhado do artigo ou de outro determinativo, e que pode por isso permittir que se converta o sujeito em attributo, e vice-versa. Nesta especie de proposição, o que determina a natureza dos termos, é a sua posição. Si dissermos: «A renda de Pedro *são* **mil escudos**», o sujeito é *a renda de Pedro,* e o attributo, *mil escudos*;

(¹) JERONYMO SOARES BARBOZA.—*Gram. Phil. da Ling. Port.*, 2.ª edição, pag. 118; PAULINO DE SOUZA.—*Grammaire Portugaise*, pag. 519.

mas, si invertermos a mesma proposição, e dissermos: «Mil escudos *é* **a renda de Pedro**», o sujeito passará a ser *mil escudos*, e o attributo, *a renda de Pedro*.

a) Concorda tambem com o attributo, quando a proposição indica horas ou dias dos mezes: «*São* **oito horas.**» «Hontem *foram* **dezoito** (1).»

b) Concorda ainda com o attributo, quando a proposição tem por sujeito *isto*, *isso*, *aquillo*, *tudo*, *o que* (significando *isto)*, e por attributo nomes do plural sem artigo ou outro adjectivo determinativo: «Isto não *são* **palavras de animação.**» «*Eram* tudo **memorias de alegria** (2).»

2.º O verbo da proposição qualificativa que tem por sujeito a fórma *que* do adjectivo conjunctivo, não concorda com esta, mas sim com o termo antecedente, si é o caso recto de um pronome pessoal. Exemplo:

«És **tu** *que* do oceano á furia insana
Pões limites e cobro, (G. Dias).»

Ha escriptores que tambem põem em pratica esta concordancia, quando a fórma do adjectivo conjunctivo é *quem*, como se vê destes exemplos: «**Somos** *quem* **somos**. (Paiva).» «**Eu** sou *quem* **falo**. (J. S. Barroza.—*Gram. Phil. da Ling. Port.*, 2.ª edição, pag. 229)». «Dize que **sou** *quem* te **mando**. (Gonzaga.—*Lyra*, XXXVI, verso 38).» «Mas **Tu** és, ó meu Deus, *quem* me **soltaste** das maternaes entranhas. (S. Caldas.—*Ps.* XXI).» «Não sou **eu** *quem*, influindo em Ario, **invadi** a Alexandria, e **alcancei** o triumpho... (Padre Manoel Bernardes.—*Nova Floresta*, C. Tit. VII)».“E em nome tal és **tu** *quem* **falas**! (Garrett.—*Lyrica* XI, verso 119).” “És **tu** *quem* **dás** rumor á quieta noute, (G. Dias.—*Te Deum*, verso 14).” “É verdade, disse a mãe, és **tu** *quem* **ganhas** para sustentar a casa, (F. Adolpho Coelho.—*Leituras correntes*, *Prim. Liv.*, pag. 9).”

Verifica-se ainda a mesma concordancia, quando designam uma só entidade o pronome, sujeito da proposição modificada pela qualificativa, e o seu attributo; e quando

(1) Paulino de Souza.—*Obra cit.*, pag. 508; A. Grivet.—*Nova Gram. Anal. da Ling. Port.*, pag. 397.
(2) A. Epiphanio da Silva Dias.—*Gram. Port. Elem.*, 4.ª edição, pag. 90; A. Grivet.—*Obra cit.*, pag. 396.

este, representado por um nome, um demonstrativo puro ou adjectivo ordinal, é o antecedente do conjunctivo. Exemplos: «**Sou** *um homem pobre que* **vivo** nestes campos. (Bernardes).» «**Tu** és *o Deus que* **fizeste** o céu. (citado por Diez).» «**Eu** fui *aquelle que* **préguei** os primeiros annos do reinado de Vossa Majestade. (Vieira).» «Fui **eu** *o que* nas trevas **preparei** a discordia dos homens livres. (Herculano.)» «Quem **és** *a que* me **falas?** (B. Ribeiro).» «Fui **eu** *o primeiro que falei.* (Herculano).»

Ha finalmente estas expressões idiomaticas: «*Vós* **é** que fostes, *Elles* **é** que foram», contrarias á regra geral da concordancia do verbo com o seu sujeito, mas que teem mais força do que construidas por uma fórma regular, em que se não empregasse a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *ser*.

Quando o sujeito é composto, ora põe-se o verbo no plural, concordando com a pessoa grammatical que tem precedencia, ou com todas as palavras que o formam; ora põe-se no singular, concordando com a ultima.

Põe-se o verbo no plural, concordando com a pessoa grammatical que tem precedencia, quando as palavras que constituem o sujeito, exprimem differentes pessoas grammaticaes, ainda que estejam ligadas por alguma conjuncção disjunctiva. Exemplos: «**Eu** e *os meus* nos **alegraremos** summamente. (Vieira).» «**Vós** e *vossos filhos* **haveis de ser** os moidos (Idem).» «Nem **eu**, nem *meus companheiros* **estamos** de accordo de pagar seus estudos com as nossas cabeças. (Duarte Ribeiro de Macedo).»

A primeira pessoa tem precedencia sobre a segunda; e esta, sobre a terceira.

Põe-se o verbo no plural, concordando com todas as palavras que constituem o sujeito, quando representam a terceira pessoa, ainda que seja cada uma do singular. Exemplos: «**Camões e Tasso** *compozeram* epopéas.» «**Pompeu, Lentulo, Scipião** *pereceram* miseravelmente.» «**Elle e ella** *amam-se* muito.»

Põe-se o verbo no singular, concordando com a ultima palavra das de que se forma o sujeito:

1.º Quando as palavras que compõem o sujeito, são synonymas. Exemplo: «*A necessidade*, *a pobreza*, *a fome*, **a falta do necessario para o sustento da vida** *é* o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio que despoticamente domina sobre todos os que vivem. (Vieira.)»

2.º Quando as palavras que compõem o sujeito, são da terceira pessoa, e estão unidas pela conjuncção *ou*. Exemplo: «*Pedro* ou **João** *falará*.»

3.º Quando as palavras que compõem o sujeito, constituem uma gradação. Exemplo: «Este sacrificio *vosso interesse*, *vossa honra*, **Deus** o exige.»

4.º Quando as palavras que compõem o sujeito, estão precedidas, ou terminam por um termo que as resuma, como *tudo*, *nada*, *ninguem*, *cada um*, etc. Exemplos: «*O ouro*, *os diamantes e as perolas*, **tudo** *é* terra e da terra. (VIEIRA.)» «*Jogos*, *conversações*, *espectaculos*, **nada** o *tirava* de seu retiro. (A. F. CASTILHO.)»

«*As plantas*, *rios*, *flores*, *prados*, *fontes*,
Cada um com lingua muda ao sol *falava*. (ULYSSÉA).»

Tambem vae o verbo para o singular, quando o sujeito é composto, si consta este de mais de uma proposição integrante. Exemplos: «**É** preciso *que te appliques ao estudo*, e *sejas de comportamento illibado*.» «**Ignora**-se *quem foi o inventor do alphabeto*, e *que povo usou delle primeiro*.» «**É** loucura *dar conselhos a outrem*, e *não toma-los para si*.»

Não é raro ainda encontrar-se nos classicos o verbo no singular, quando a proposição é de sujeito composto, e está na ordem inversa. Exemplo: «**Falta**-me *o tempo* e *o alento*, para escrever. (VIEIRA).»

SECÇÃO 2.ª

Concordancia do adjectivo com um ou mais appellativos.

O adjectivo concorda em genero e numero com o appellativo que qualifica ou determina, accommodando-se a elle pela fórma. Exemplos: «*As* **orações** *fervorosas* agradam a Deus.» «*Este* **homem** é *sabio.*»

Opera-se ainda esta concordancia:

1.º Quando o attributo ou subattributo está unido ao sujeito pelo verbo. Exemplos: «A **mocidade** é *desinteressada.*» «**Ninguem** nasce *mau.*"

2.º Quando o termo com que concorda o adjectivo, é pronome. Exemplos: "**Tu** és *estudioso.*" "**Elle** é *meu.*"

Mas, si os pronomes são *nós* e *vós*, e representam apenas uma pessoa, ou são empregados em logar de *eu* e *tu,* põe-se o adjectivo no singular. Exemplos: "Seremos *conciso* na exposição." "Sereis *estimado*, si fordes *instruido.*"

3.º Quando o termo qualificado ou determinado é parte da oração substantivada, ou oração tomada como nome. Exemplos: "Os **porques** com que sustentou a causa, são mui *valiosos.*" "É *glorioso* **o morrer pela patria.**"

O que até aqui temos adduzido sobre a concordancia do adjectivo, verifica-se, quando este é biforme, pois que, sendo uniforme, concorda só em numero. Exemplo: "Não nos é *possivel* **seguir o autor** nos *intermináveis* **meneios** de sua *exuberante* **argumentação.** (J. F. LISBOA)."

Quando o adjectivo qualifica appellativos do mesmo genero, põe-se no plural e fórma masculina ou feminina, conforme o genero dos nomes. Exemplos: "A **terra** e a **lua** são *redondas.*" "O **sol** e os mais **astros** são *redondos.*"

Quando o adjectivo qualifica appellativos de genero diverso, põe-se no plural e fórma masculina. Exemplos: "O **exercito** e a **marinha** achavam-se *desorganisados.* (J. F. LISBOA)." "**Homens, mulheres** e **creanças** foram *aprisionados* na guerra."

Achando-se porem o adjectivo anteposto ou posposto a nomes de cousas inanimadas, e a elles immediatamente juntos, concorda, ora com o nome do plural, ora com o mais vizinho.

Concorda com o nome do plural, concorrendo nomes do plural com nomes do singular. Exemplos:

"Todos vós que me ouvis, vistes boiantes,
Á mercê da corrente, *o arco* e **as settas**
Feitas pedaços, por mim mesmo inuteis. (G. DIAS)"

"Resplendor de innocencia, onde *casados*
A açucena e **os jasmins** aos brancos lyrios
Um só perfume grato aos céus envia. (IDEM)."

Ha comtudo escriptores que, neste mesmo caso, fazem o adjectivo concordar com o nome do singular. Exemplo:

"Tem Lucena capitulos tão cheios
De lusa preciosissima abastança,
Em **phrase** e *termos escolhida* e *nobre*. (FILINTO)."

Concorda com o mais vizinho:

1.º Quando o adjectivo qualifica nomes quasi synonymos ou de significação semelhante. Exemplos: "Pedindo que lhe mandasse cortar a cabeça pelo *abuso* e **excesso** commettido. (J. F. LISBOA)."

2.º Quando o adjectivo qualifica nomes ligados pela conjuncção **ou**, clara ou occulta. Exemplos: «O termo do combate ha de ser uma *derrota* ou **triumpho** *completo*.»

«Não encontres um *tronco* (ou), uma **pedra**,
Posta ao sol, *posta* ás chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar. (G. DIAS).»

3.º Quando o adjectivo qualifica nomes que exprimem uma gradação qualificativa. Exemplos: «Affonso de Albuquerque mostrou *coragem*, *severidade* e **um caracter** *violento.*»

4.º Quando concorrem nomes do plural de genero diverso. Exemplos:

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, **imprecações** *profundas* soam. (G. DIAS.)"

"Desde a primeira palavra, affrontou-se o orador com a divindade com uns *meneios* e **fórmas** tão *estranhas*, e com uma tal audacia de pensamentos que faz involuntariamente recordar a passagem de Homero, citada por Longino entre os exemplos do sublime. (J. F. LISBOA)."

Concorrendo varios appellativos seguidos de um termo que resuma as idéas por elles expressas, como *tudo*, *nada*, o adjectivo concorda com esse termo. Exemplo: "Na casa da mulher cuidadosa, *os moveis*, *as roupas*, *o serviço de mesa*, **tudo** é bem *tratado*."

Casos ha porem, em que o adjectivo concorda com o substantivo cuja idéa se quer fazer sobresair. Exemplo: "**O riso** ou *alegria* do peccador não é animado com vida do espirito. (BERNARDES)."

Si o adjectivo é composto de adjectivos, só o ultimo é que concorda com o nome a que se referem. Exemplo: "*A população hispano*-**romana** desapparecera em grande parte debaixo das espadas implacaveis dos barbaros. (HERCULANO)."

O adjectivo, como termo dependente do substantivo, nunca lhe impõe a lei, mas recebe-a delle; pelo que são incorrectos estes dizeres: "**As litteraturas** *franceza* e *italiana*." "**Os** *primeiro* e *segundo* **andares**.

Com a devida correcção, dir-se-á, repetindo-se o artigo, e pondo-se o substantivo no singular: "**A litteratura** *franceza* e a *italiana*." "**O** *primeiro* e o *segundo* **andar**."

O *adjectivo conjunctivo* concorda em genero e numero com um termo antecedente e claro, e outro conse-

quente, quasi sempre occulto: Exemplo: "O **homem** *a quem* procuras, já partiu." isto é "O **homem** *o qual homem* etc."

O adjectivo conjunctivo vae sempre para o principio da oração, quer represente o sujeito, quer um simples complemento.

O *adjectivo interrogativo* concorda em genero e numero com um termo subsequente, quasi sempre claro. Exemplo: "*Que* dizes?" isto é "Quero saber *que* ou *qual* **cousa** dizes?"

SECÇÃO 3.ª

Concordancia semeiotica.

Concordancia semeiotica ou *latente* é aquella em que o verbo parece discordar do seu sujeito, ou em numero, ou em pessoa, e o adjectivo do seu substantivo, ou em genero, ou em numero, ou em genero e numero ao mesmo tempo, porque as suas flexões não se governam por palavras claras na proposição, mas por palavras occultas, accommodadas ao sentido.

Exemplo em que o verbo parece discordar do seu sujeito em numero: "Acudiu todo o **campo** ao arrecife, e *mataram* cinco dos nossos. (FREI L. DE SOUZA)" isto é "e *mataram* **elles** (os soldados acampados) cinco dos nossos."

Exemplo em que o verbo parece discordar do seu sujeito em pessoa: "Na innocencia do infante és **tu** *quem* **falas**. [1] (DIAS)."

Por virtude da precedencia que tem a segunda pessoa grammatical sobre a terceira, o verbo *falas*, da proposição qualificativa, concorda com o pronome *tu*, antecedente do adjectivo conjunctivo, e não com este, não obstante ser o sujeito.

---

[1] A. GRIVET.—*Nova Gram. Analyt. da Ling. Port.*, pag. 478, n.º 574.

Para explicar-se esta concordancia, faz-se mister attender á natureza da idéa expressa pelo pronome pessoal, antecedente do conjunctivo, e á natureza da relação em que está este adjectivo para com o mesmo termo antecedente; e para isso importa estabelecer os dous principios seguintes: 1.° "A primeira e a segunda pessoa teem precedencia sobre a terceira, ou, noutros termos, são aquellas mais nobres que estas." 2.° "O adjectivo conjunctivo identifica-se por tal modo com o primeiro termo ou com o termo antecedente, que faz ser perfeita reproducção deste o segundo ou o termo consequente [1]." Si são verdadeiros estes dous principios, a idéa que é a da segunda pessoa, expressa pelo pronome *tu*, do exemplo do texto, predomina á da terceira pessoa, que exprime a fórma *quem*, do adjectivo conjunctivo, e esta, por seu turno, identificando-se com o termo antecedente *tu*, reproduz não só a idéa do individuo representado pelo nome em cujo logar está o pronome, como ainda a que lhe é connexa, isto é, a da pessoa grammatical ou da segunda pessoa, que o mesmo pronome indica. Verificada assim, por meio da fórma *quem*, a reproducção exacta do sentido do primeiro termo ou do termo antecedente *tu*, o verbo concorda com o pronome, e não com o adjectivo conjunctivo.

Exemplo em que o adjectivo parece discordar do seu substantivo em *genero*: "Vossa **excellencia** foi *servido*."

O adjectivo *servido* não concorda com o substantivo *excellencia*, mas sim com o appellativo da classe a que pertence a pessoa a que elle se refere, o qual é um substantivo do genero masculino, como *ministro*, *senador*, etc.

Exemplos em que o adjectivo parece discordar do seu substantivo em *numero*: "Antes sejamos *breve* que *prolixo*. (Barros)."

Breve e *prolixo* referem-se ao pronome *nós*, occulto, que foi aqui empregado em logar do pronome *eu*.

Exemplo em que o adjectivo parece discordar do seu substantivo em *genero* e *numero* ao mesmo tempo:

"Estava o campo coberto de valorosa **gente**, e *todos apostados* a vencer" isto é "e *todos* **os homens** *apostados* a vencer."

---

[1] F. Sotero dos Reis.—*Gram. Port.* 3.ª ediç., pag. 26.

§ 3.º

Das palavras sob as relações de dependencia ou subordinação.

As *relações de dependencia* ou *subordinação* entre as palavras são determinadas pelo *complemento* que indica a subordinação de uma palavra a outra.

SECÇÃO 1.ª

Dos complementos ou da dependencia das palavras.

Complemento é toda a palavra ou oração, que completa o sujeito ou o attributo.

Ha quatro especies de complementos, que são: *restrictivo*, *objectivo*, *terminativo*, *circumstancial.*

Complemento restrictivo é o que restringe a significação vaga do appellativo ou de qualquer termo a elle equivalente, determinando-a.

Este complemento é sempre regido da preposição *de,* e pode ser nome, parte da oração substantivada, oração, e ás vezes pronome.

Exemplos desta especie de complemento restringindo a significação vaga do appellativo: "**O amor** *da virtude* eleva nosso espirito a Deus." "A sabedoria é **a arte** *de viver*, isto é *da vida.*» «**A procedencia** *dos porques* foi reconhecida por todos.» «A economia é **a sciencia** *de evitar despesas inuteis.*» «**O livro** *delle* é bonito.»

Exemplos desta especie de complemento restringindo a significação vaga de termos equivalentes de substantivos: «**O bem formado** *desta cabeça* é digno do pincel de um grande artista.» «**O até quando** *da minha ausencia* não se pode bem fixar.» «**O viver** *deste homem* é bem diverso do dos outros.»

O *adjectivo qualificativo* que se refere á comprehensão das idéas, exprimindo uma qualidade da substancia

—pessoa ou cousa—designada pelo nome, é equivalente do *complemento restrictivo*, em que se converte, substituindo-se pelo substantivo abstracto que significa essa qualidade, precedido da preposição *de*, pois **homem** *probo*, **mulher** *virtuosa* valem o mesmo que **homem** *de probidade*, **mulher** *de virtude*.

Este mesmo adjectivo, quando junto ao substantivo que qualifica, pode, por meio do adjectivo conjunctivo, resolver-se em proposição circumstancial qualificativa que é, pelo seu turno, equivalente do complemento restrictivo. Exemplos: «**O homem** *justo*, isto é, *que é justo*, vive com a consciencia tranquilla.» «**Cesar** *recebendo aviso de haver o inimigo torcido a marcha*, manda levantar o campo.» isto é «**Cesar** *que recebe* etc.»

O *adjectivo determinativo* que se refere á extensão das idéas, determinando por qualquer modo essa extensão em relação á substancia—pessoa ou cousa—designada pelo nome a que se junta, não constitue complemento, excepto quando na determinação vem ao mesmo tempo envolvida uma idéa de qualidade, como o logar, a ordem, a propriedade. Exemplos destes tres casos excepcionaes: «*Este* **panno** é fino.» isto é «**O panno** *que está perto de mim*, é fino [1].» «**El-rei D. João,** *o terceiro de Portugal*, introduziu no reino a inquisição.» isto é «**El-rei D. João,** *que foi o terceiro de nome na ordem dos reis de Portugal*, introduziu etc.» «Mande-me o *meu* **album**.» isto é «Mande-me o **album** *que me pertence*.»

O nome apposto a outro, seja proprio, seja appellativo, é tambem equivalente do complemento restrictivo; porque, no primeiro caso, converte-se nelle, antepondo-se-lhe a preposição *de*, e, no segundo, resolve-se em proposição circumstancial qualificativa. Exemplos: «No **baluarte** *S. João*, isto é, *de S. João* se resistia á violencia do ferro, sem temer a do fogo. (J. Freire).» «**Tito,**

---

(1) A. J. Sylvestre de Sacy.— *Principes de Grammaire Générale Première Partie, Chapitre* VII, pag, 60.

amor e delicias do genero humano, julgava perdido o dia em que não fazia bem a alguem, isto é, **Tito**, *que era amor, e que era delicias do genero humano*, julgava etc.»

Complemento objectivo ou *directo* é o que representa o objecto—pessoa ou cousa—sobre que recae a acção do sujeito do verbo transitivo.

Este complemento, quando nome de pessoa, é precedido da preposição *a*; quando nome de cousa, não; e pode ser nome, pronome, qualquer parte da oração substantivada, oração. Exemplos: «**Amemos** *a Deus* sobre todas as cousas, e *ao proximo*, como a nós mesmos.» «O homem **fertilisa** com a cultura *a terra ainda a mais ingrata.*» «**Prezo**-*te* por tuas excellentes qualidades.» «**Amo** *o bello das artes,* bem como o da natureza.» «Não **direi** *o como* e *o quando*, por não ser necessario.» «**Sabes** *que o que pedes, é mui difficil de alcançar.*»

A preposição *a* pode ás vezes estar occulta: "Gente que **segue** *o torpe Mafamede.* (CAMÕES.)"

O objecto do verbo transitivo vem algumas vezes acompanhado de um adjectivo ou substantivo adjectivado, que é delle verdadeiro attributo "Consideravam-n-**o** *feliz.*" "Nomearam-**me** *presidente.*"

Este adjectivo ou substantivo adjectivado desempenha ás vezes a mesma funcção, achando-se precedido de *por*, *como* ou *de:* "Já **me** não comem *por tolo* ou *como tolo.*" "Tendo-**o** *por amigo* ou *como amigo.*" "Os historiadores reputam **D. João 3.º** *de intelligencia apoucada.*"

Mudadas estas orações para a voz passiva, taes attributos passam a ser subattributos do sujeito: "**Elle** era considerado *feliz.*" "**Eu** fui nomeado *presidente.*" "**Elle** é tido *por amigo* ou *como amigo.*" "**D. João 3.º** foi pelos historiadores reputado *de intelligencia apoucada.*"

Complemento terminativo ou *indirecto* é o termo que modifica o verbo, o adjectivo e nome relativos, determinando-lhes a relação.

Este *complemento* ou *termo de relação*, que tambem pode ser nome, pronome, parte da oração substantivada, oração, é sempre precedido de preposição, excepto quando é *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*, casos dos pronomes pessoaes, os quaes nunca levam preposição antes de si.

Exemplo do complemento terminativo modificando o *verbo relativo*, ou o *attributo* nelle incluido: «O mun-

do **obedece** *a Deus.*» «**Falou**-*me* arrebatadamente.» «**Annuiu** *áquelle seu até amanhan.*» «É impossivel que a inveja **deixe** *de perseguir a quem os principes amam.*»

Exemplos do complemento terminativo modificando o *adjectivo relativo:* "Este homem é **dado** *ao estudo.*" "Esta menina *me* é **cara**." "Sou **amante** *do bello.*" "O navio estava **prestes** *a partir para a India.*"

Exemplos do complemento terminativo modificando o *nome relativo*: "**A vocação** *para a vida monastica* era muito frequente naquelles tempos de fé viva." "**A inclinação** *por ti* é evidente em Pedro." "**O amor** *do eu* é natural no homem." "Tenho grande **disposição** *para aprender as bellas artes.*"

Complemento circumstancial é o que modifica o adjectivo ou o verbo, accrescentando-lhes alguma circumstancia por preposição accommodada.

Como o objectivo e o terminativo, pode este complemento ser nome, pronome, parte da oração substantivada, oração.

O complemento circumstancial exprime principalmente, entre outras, as circumstancias de *causa*, *companhia*, *concessão*, *conformidade*, *distancia*, *divisão*, *espaço*, *exclusão*, *fim*, *frequencia*, *instrumento*, *logar*, *materia*, *medida*, *meio*, *modo*, *opposição*, *ordem*, *origem*, *preço*, *quantidade*, *substituição*, *tempo*, *taxação*, *troca*.

Exemplos do complemento circumstancial accrescentando ao *adjectivo* as circumstancias de *modo*, *meio*, *exclusão*, *fim*: "Este sitio é **escabroso** *em extremo.*" "*Por elle* foi **conseguido** o que desejava." "É **bella** *sem sinão.*" "O templo foi **feito** *para orarmos.*"

Exemplos do complemento circumstancial accrescentando ao *verbo* ou ao *attributo* nelle incluido, as circumstancias de *instrumento*, *ordem*, *materia virtual*, *causa:* "**Feriu**-se *com a espada.*" "**Ia** *atrás de mim* no cortejo." "**Falou** largamente *sobre os porques* da questão." "Não pode o homem **conceber** longa esperança, *por ser mortal.*"

A circumstancia de *tempo* divide-se em circumstancia de *tempo anterior*, *actual* e *posterior*. Exemplos:

"**Chegou** hontem *de noute á hora marcada.*" "**Estou escrevendo** *neste momento.*" "**Virá** *para o anno pela paschoa*, como prometteu."

A circumstancia de *logar* divide-se em circumstancia de *logar onde*, *donde*, *por onde*, *aonde*, *para onde*. Exemplos: «Nasceu *em Athenas.*» «Venho *de França.*» «Andou *pelo Peru.*» «Foi *ao Rio de Janeiro.*» «Partiu *para a Bahia.*»

SECÇÃO 2.ª

Conversão Grammatical.

Quando se muda a oração da voz activa para a passiva, o complemento directo do verbo transitivo passa a ser o sujeito da oração pela passiva, e o sujeito da oração na voz activa, a ser o complemento indirecto do participio passivo; mas o complemento circumstancial fica sempre invariavel, assim como o indirecto do verbo transitivo-relativo.

Exemplo da oração na voz activa: "*Hontem á tarde* emprestei *meu lapis* a um collega."

Exemplo da mesma oração na voz passiva: "*Meu lapis* foi *por mim* emprestado *a um collega* hontem á tarde."

O complemento indirecto do participio passivo, que representa o agente, como dizem os grammaticos, liga-se ao participio pela preposição *por*, e ás vezes *de*.

SECÇÃO 3.ª

Collocação dos complementos.

Os complementos collocam-se na proposição, observando-se a *lei de posição*, que consiste na collocação dos complementos, segundo as suas relações de dependencia com o sujeito e o attributo.

Exceptuam-se os casos seguintes:

1.º Quando ao verbo attributivo se juntam tres ou quatro complementos de diversa natureza, convem não

só collocar os mais extensos depois dos que o são menos, mas ainda antepor um delles ao verbo, ordinariamente o circumstancial, para não offender o ouvido com uma collocação desusada e aspera. Eis aqui um exemplo disto: «*Com toda a contricção* peço *a Deus perdão de minhas culpas.*», e não «Peço *perdão de minhas culpas a Deus com toda a contricção.*», porque offenderia o ouvido.

2.º Quando os verbos, participios e gerundios teem por complementos os pronomes pessoaes *me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes*, podem estes antepor-se, pospor-se, ou collocar-se entre as fórmas verbaes, conforme melhor convier á boa harmonia, e á clareza que deve reinar no discurso.

Eis as regras principaes sobre a collocação dos pronomes *me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes,* de cuja observancia resulta harmonia ao dizer:

1.ª Nunca deve começar o periodo ou uma proposição absoluta por um pronome no caso obliquo, excepto si está regido de preposição. Por tal motivo incorre em erro quem diz: "*Me* parece", ao passo que se permitte: "*A mim* me parece."

2.ª Pospõe-se o pronome ao verbo, si é este uma fórma verbal simples, e si por ella começa o periodo. Exemplos: «Amo-*te.*» «Dize-*me* tu uma cousa.»

3.ª De ordinario, estando a proposição na ordem directa, antepõe-se ou pospõe-se o pronome ao verbo, si tem por sujeito um substantivo, e está no presente, imperfeito, perfeito e mais que perfeito do indicativo. Exemplos: «Pedro *me* estima, *me* estimava, *me* estimou, *me* estimara, ou estima-*me*, etc.» Casos ha porem, em que é melhor faze-lo preceder o verbo. Só a consulta do ouvido poderá determina-los.

4.ª Antepõe-se sempre o pronome ao verbo:

a) Si o sujeito é um pronome, e está antes do verbo. Exemplos: Elle *me* chama.» «Eu *me* condoo de ti.» «Tu *te* feriste.»

b) Achando-se o verbo no futuro absoluto e no futuro simples do condicional, si por elle não

começa a phrase. Exemplos: «Eu *te* darei.» «Tu *me* amarias.»

No caso de principiar a phrase por alguma fórma destes tempos, para se não infringir a regra primeira, deve-se dizer por tmese: «Dar-*te*-ei.» «Amar-*me*-ias.»

c) Sendo o verbo uma palavra exdruxula, e não começando por elle a phrase. Exemplo: «Si fosse assim, como dizes, *te* amaramos muito.» Dando elle principio á phrase, para não se aberrar tambem da regra primeira, ou se dará outro torneio ao dizer, ou se apellará para a figura tmese, caso seja a fórma verbal a primeira pessoa do plural do futuro simples do condicional.

d) Vindo o adverbio antes do verbo. Exemplo: «Já *me* encontrei com elle.»

e) Nas phrases negativas. Exemplos: Ninguem *se* incommoda com isso.» «Nada *te* estimula.»

f) Si as proposições forem conjunccionaes, qualificativas, subjunctivas, interrogativas ou infinitivas preposicionaes de infinito pessoal. Exemplos: «Terás de receber bons mimos, si *te* applicares ao estudo.» «Quem *me* avisa, meu amigo é.» «Consente que *te* felicite pelo bom exito dos teus estudos.» «Que *me* queres?» «Occorreu o facto antes de *me* avisarem.» «A virtude para muitos consiste em *se* portarem com hypocrisia.»

5.ª Na proposição infinitiva, quer circumstancial, quer integrante, preposicional de infinito impessoal, colloca-se o pronome, ou antes, ou depois do verbo. Exemplos: «Teem sido improficuos os meus esforços, para *te* convencer, ou para convercer-*te*.» «Bem contra a minha vontade deixo de *te* ensinar, ou de ensinar-*te*.»

Si porem a proposição infinitiva, tanto de infinito pessoal como de impessoal, tiver por liame a preposição *a*, o pronome só se pospõe ao verbo. Exemplos: «A darem-*se* dissabores com a tua presença, é melhor que

não vás.» «Accorreu a defender-*me* dos maus tratos que me davam.» «Ao recolherem-*se* os presos, houve grande tumulto.» «Continuem a portar-*se* bem.»

6.ª Quando o verbo é uma fórma verbal composta dos auxiliares *haver* e *ter* e do supino, o pronome se lhe antepõe, ou se lhe mette de permeio, si pelo verbo não tem começo a phrase. Exemplos: «Esta minha pretenção *me* tem custado, ou tem-*me* custado muitos dissabores.» Exceptuam-se as fórmas do futuro perfeito composto do indicativo e do condicional, que levam o pronome antes de si. Exemplos: «Elle *me* terá apreciado?» «Elle *nos* teria acompanhado?»

7.ª Iniciando-se a phrase por estas mesmas fórmas verbaes, o pronome é collocado depois do auxiliar. Exemplo: «Tem-*me* custado muitos dissabores esta minha pretenção.»

Em respeito á regra primeira, sendo o verbo alguma fórma dos futuros indicados, por tmese intercala-se o pronome no auxiliar. Exemplos: «Ter-*me*-á elle apreciado?» «Ter-*nos*-ia acompanhado?»

8.ª Nas fórmas dos tempos do futuro, chamados de significação começada na tenção e por fazer na execução, que se compõem dos auxiliares *haver* e *ter*, e do presente do infinito impessoal a elles ligado pela preposição *de*, pode o pronome ser-lhes anteposto, intercalado ou posposto, si a phrase não é iniciada pelo verbo. Exemplos: «Eu *te* hei de amar, eu hei de *te* amar, ou eu hei de amar-*te*.»

Dá-se o mesmo, quando o verbo está no futuro anterior perfeito composto ou no futuro anterior mais que perfeito composto. Exemplos: «Elle *me* ha de ter escripto, elle ha de *me* ter escripto, elle ha de ter-*me* escripto.» «Eu *te* havia de ter amado, eu havia de *te* ter amado, ou eu havia de ter-*te* amado.»

Sendo o verbo a primeira palavra da phrase, o pronome, ou se intercala, ou se pospõe. Exemplos: «Ha de *te* amar, ou amar-*te*.» «Ha de *me* ter escripto, ou ter-*me* escripto.» «Havia de *te* ter amado, ou ter-*te* amado.»

9.ª Quando a um verbo se segue uma proposição integrante infinitiva pura, observa-se a mesma collocação. Exemplos: «Eu *te* quero dar, *te* dar, ou dar-*te* uma boa noticia.» «Quero *te* dar, ou dar-*te* uma boa noticia.»

10.ª Nos verbos frequentativos compostos de *estar*, *ficar*, *andar*, *ir*, *vir*, etc., e do gerundio, si não se dá começo á phrase pelo verbo, ou se lhes antepõe o pronome, ou se lhes intercala. Exemplos: «Eu *me* estou apoquentando, ou eu estou *me* apoquentando muito comtigo.» «Elle *se* ficou exercitando, ou elle ficou *se* exercitando.»

Sendo iniciaes da phrase estas mesmas fórmas verbaes compostas, antepõe-se o pronome ao gerundio. Exemplos: «Estou *me* queixando.» «Ando *me* divertindo.»

3.º Quando o complemento do verbo é de outra especie, ou não é nenhum dos pronomes mencionados, pode-se-lhe antepor, em muitos casos; isto quer na prosa, quer no verso, pois tanto se diz *com pressa* **escrevo**, e *com razão* **falo**, como **escrevo** *com pressa*, e **falo** *com razão*.

4.º Quando os complementos o são do adjectivo, podem tambem antepor-se-lhe, em muitos casos, quer na prosa, quer no verso, porque tanto se diz *em tudo* **magnifico**, e *de comer* **repleto**, como **magnifico** *em tudo*, e **repleto** *de comer*.

§ 4.º

Alterações Syntacticas.

Chamam-se *alterações syntacticas* as mudanças que, nos diversos periodos de uma lingua, experimenta um typo syntactico, sem deixar de exprimir a mesma relação grammatical.

As alterações syntacticas resultam principalmente das alterações morphologicas, como a perda dos casos, que, multiplicando o uso das preposições, deu logar á introducção ou generalisação de processos syntacticos correspondentes a outros existentes na lingua, que foram por elles substituidos.

Sirva de exemplo a expressão latina *unus de multis*, em que o ablativo *multis* regido da preposição *de*, substituiu o genitivo.

Resultam tambem as alterações syntacticas das modicações que soffrem as fórmas grammaticaes, e que as fazem constituir processos syntacticos novos, mas que lhes são equivalentes, por conservarem a mesma funcção grammatical.

São exemplos disto:

1.º O verbo *começar*, hodiernamente em uso, com um infinito precedido geralmente da preposição *a*, e muito raramente da preposição *de*, constitue um novo processo synctatico, porque, por extensão crescente, passou o infinito impessoal a ser regido de preposição: «Começou *dar*, **a** *dar* ou **de** *dar*.»

2.º O emprego actual do gerundio sem a preposição *em* é tambem um novo processo syntactico, por se ter nelle reduzido o uso obsoleto que o fazia ser regido da mesma preposição: «*Amanhecendo*=**em** *amanhecendo*, isto é, *logo que amanhecer*.»

Diz-se que a alteração é *semantica*, quando, sem se alterar a fórma grammatical, adquire ella sentido novo: «*Tomar chá com alguem* (mofar de alguem).»

§ 5.º

Typos syntacticos divergentes.

Typos syntacticos divergentes são locuções diversas, mas equivalentes, que exprimem uma mesma idéa.

Não devemos confundir *os typos syntacticos divergentes* com *as alterações syntacticas*: os primeiros são construcções esporadicas e parallelas, adoptadas classicamente num mesmo periodo da lingua; ao passo que as segundas se produzem em epocas differentes, e caracterisam as phases de uma lingua ou o seu movimento evolutivo.

Os typos syntacticos divergentes podem ser de *construcção*, de *concordancia*, de *regencia*.

SECÇÃO 1.ª

Typos divergentes de construcção.

Si bem que *analytica*, é a lingua portugueza das romanicas a que tem mais liberdade no arranjo syntactico das palavras, como se vê dos seguintes exemplos, em que a syntaxe é a mesma:

«Deus creou o mundo em seis dias.»
«Creou Deus o mundo em seis dias.»
«Em seis dias Deus creou o mundo.»
«Deus creou em seis dias o mundo.»

Cumpre todavia notar que neste caso não é arbitraria a collocação dos termos; ella pode variar, com tanto que respeite as relações de subordinação. A preposição *em*, por exemplo, deve estar immediatamente junta de *seis dias*, termo por ella regido; e por isso seriam erroneas estas combinações:

«Deus em creou seis dias o mundo.»
«Deus creou em o mundo seis dias.» etc.

SECÇÃO 2.ª

Typos divergentes de concordancia.

Eis dous exemplos de typos divergentes de concordancia:

1.º A concordancia do adjectivo com o nome do plural, quer masculino, quer feminino, quando concorre um nome do singular com outro do plural: «Os *dinheiros* e a fazenda eram *muitos*." "As *fazendas* e o dinheiro eram *muitas*."

2.º A concordancia do verbo, quando toma a fórma, já do singular, já do plural, por ser o sujeito um collectivo partitivo do singular, modificado por um nome do plural, regido da preposição *de*: "A *maioria* dos homens *entende* ou *entendem*."

SECÇÃO 3.ª

Typos divergentes de regencia.

Eis os mais importantes typos divergentes de regencia: "Morrer *a* fome ou *de* fome." "Mandou *ler* ou *que lesse*." "*Me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*, *se* ou *a mim*, *a ti*, *a elle*, *a nós*, *a vós*, *a elles*, *a si*." "Começar *a* escrever ou *de* escrever." "Pegar *da* penna ou *na* penna." "Arrancar *a espada* ou *da espada*." "Até *casa*, até *a casa* ou até *á casa*." "Apaixonado *pelas* cousas da patria ou *das* cousas da patria." "O seu amor *ás* almas, *pelas* almas ou *para com* as almas." "*Seu*, *sua*, etc. ou *delle*, *della*, etc." "*Aquelle* dia ou *naquelle* dia." "Creou *Antonio*, como filho ou creou *a Antonio*, etc." "Andar a *dizer* ou andar *dizendo*." "Bradar *soccorro* ou *por soccorro*." "Chamar *a alguem* ou *por alguem*." "Cumprir *a lei* ou *com a lei*." "Bastará notar outros testemunhos *pelos quaes se poderá julgar dos outros*, ou *pelos quaes se poderão julgar os outros*." "Limpar *a suspeita* ou *da suspeita*.» «Assim o ouvimos *aos antigos* ou *dos antigos*.» «Persuadiram-*n-o a ler* ou persuadiram-*lhe que lesse*.» «Usar *villanias* ou *de villanias*.» «Deparou-*me* Deus *este amigo* ou deparar *com uma pessoa*.»

SECÇÃO 4.ª

Factores dos typos syntacticos divergentes.

As principaes causas da divergencia ou parallelismo syntactico são:

1.ª Typos similares originarios: «*Igual a* ou *igual de*.» «Mais *que* ou mais *do que*.»

2.ª Synonymia preposicional: «*Por* obedecer ou *para* obedecer.» «Cercado *por* ou cercado *de*.»

3.ª Extensão crescente do infinito impessoal: «Começou *fazer*, *de fazer* ou *a fazer*.»

4.ª Equivalencia de fórmas verbaes: «*Amo* as flores ou as flores *são amadas* por mim.» «Andar *buscando* ou *a buscar*."

5.ª Predicação synthetica e analytica: "*Amo* os livros ou sou *amante* dos livros."

6.ª Acção verbal dupla: "Saber *tudo* ou *de tudo*." "Subir *por* ou subir *a*."

7.ª Influencia estrangeira: "Não é *que* ou não é *sinão*." "Morar *em* ou morar *a*."

8.ª Influencia euphonica e decoro: "*A sua* faca, a faca *que lhe pertence, pertencente a ella* por a *faca della*."

9.ª Ellipse: "Após *elle* ou após *delle*." "*Anoutecendo* ou *em anoutecendo*."

10.ª Influencia da declinação organica: "Quem vos ouve, *a mim* ouve ou ouve-*me*."

11.ª Tendencia analytica: "Dizem *ser* ou dizem *que é*."

12.ª Vestigios da voz media: "*Ir* ou *ir-se*." "*Partir* ou *partir-se*."

13.ª Emphase: "*Eu* o vi ou *eu mesmo* o vi." "*Não* quero ou *não* quero *nada*."

14.ª Influencia articular e pronominal: "*Meu* chapéu ou *o meu* chapéu." "*Que* aconteceu ou *o que* aconteceu." "*Que* é ou *o que* é." "*Tudo o que* ou *o que*."

15.ª Mudança de categoria grammatical: "*O sabio* ou *o homem sabio*. "*A vida* ou *o viver*."

CAPITULO II.

SYNTAXE PARTICULAR.

A *syntaxe particular* trata em particular das palavras, como elementos da proposição ou do periodo simples.

§ 1.º

Substantivo.

O substantivo, quer proprio, quer appellativo, ou serve de sujeito, ou de complemento.

Quando appellativo, pode ser tambem:

a) attributo: "Os captivos foram *presa* dos soldados."

b) subattributo: "As cousas do mundo foram chamadas por Salomão *vaidade* das vaidades."

Chama-se *subattributo* o adjectivo ou substantivo adjectivado, que, como o attributo propriamente dito, tambem attribue ao sujeito uma maneira de existir. Exemplos: "*Estou* **cansado.**" "A primeira habitação de Adão *foi chamada* **paraiso.**" No primeiro exemplo, é subattributo o participio passado *cansado*, que, como o attributo *estante* incluido no verbo, tambem attribue uma qualidade ao sujeito *eu;* no segundo, é subattributo o substantivo adjectivado *paraiso* que, como o attributo *chamada*, separado do verbo, tambem attribue uma qualidade ao sujeito *a primeira habitação de Adão.*

c) apposto: "Lucrecia, *raro exemplo* de honestitidade, foi formosa."

Nestes casos, achando-se o substantivo sem artigo, e portanto adjectivado, considera-se como exprimindo uma simples qualidade que se affirma de um sujeito, sem attenção ás fórmas genericas e numericas.

Os substantivos adjectivados fazendo as vezes de verdadeiros adjectivos, podem ser modificados por adverbios: "Elle é **mais** *homem* do que tu." "Isto é **muito** *verdade.*"

As partes da oração substantivadas são sempre do genero masculino, e do numero singular ou plural, conforme a idéa que exprimem: "Alli se discutiu *o pro* e *o contra.*" "Havia naquelle rir *uns longes* de melancolia."

As orações substantivadas são tambem consideradas substantivos, do genero masculino, e sempre do numero singular: «É preciso *que saias desta terra.*»

Os nomes proprios assumem a flexão do plural:

1.º Quando designam ao mesmo tempo duas ou mais pessoas ou cousas, que tenham o mesmo nome: «*Os dous Plinios*, isto é, *o Plinio velho* e *o moço.*» «*Os tres Horacios.*» "*As tres Americas*, isto é, *a America septentrional*, *a central* e *a meridional.*" "*Os Dwinas*, isto é, *o Dwina do norte* e *o do sul.*"

2.° Quando são empregados como substantivos communs: "*Tenho dous Christos de marfim*, isto é, *duas imagens de Jesus Christo, feitas de marfim.*" "É necessario que haja *Saues liberaes*, paraque haja *Davids animosos* (Vieira)., isto é, É necessario que haja *homens liberaes, como Saul*, paraque haja *homens animosos, como David.*" "És mais forte que *dous Golias,* isto é, que *dous homens, como Golias.*" "Comprei *cinco havanas*, isto é, *cinco charutos fabricados em Havana.*" "Possuo *dous terras novas*, isto é, *dous cães da Terra Nova.*" "A Russia tem tantos habitantes, como *quatro Italias*, isto é, como *quatro paizes habitados como a Italia.*" "O monte Branco tem a altitude de *quatro Vesuvios*, isto é, de *quatro montanhas da altura do Vesuvio.*" "O Atlantico tem mais agua que *vinte Mediterraneos*, isto é, que *vinte mares como o Mediterraneo.*"

Todo o nome commum usado como nome proprio de logar, conserva sempre seu genero: *o Porto*, *o Rio*, *a Bahia*, etc.

Os substantivos em geral precedem os adjectivos: **mulher** *virtuosa*. Esta ordem pode ser invertida, mormente quando o adjectivo é explicativo: *marmore duro, duro marmore.*

Ha locuções em que o uso juxtapoz os vocabulos, de modo a ser inadmissivel a inversão: "*Deus padre, estrella fixa, mão direita.*"

Repete-se algumas vezes o substantivo acompanhado da conjuncção *e* ou da preposição *de*, para exprimir augmento, prolongação, abundancia, excesso: «Estive alli *dias* e *dias.*» «*Dinheiro* e *mais dinheiro.*» «Só Deus é *rei* dos *reis.*»

§ 2.°

Pronome.

SECÇÃO 1.ª

Funcções dos pronomes pessoaes.

Os pronomes pessoaes fazem o officio, já de sujeito, já de attributo, já de complemento.

Desempenham a funcção de sujeito:

1.º Os casos rectos: **eu** *leio*, **tu** *lês*, **elle** ou **ella** *lê*, etc.

2.º Os casos obliquos *me*, *te*, *o* ou *a*, *nos*, *vos*, *os* ou *as*, nas orações integrantes infinitivas puras, quando, servindo de complementos objectivos, e com sujeito proprio, tem este força do accusativo, sujeito da oração infinitivo-latina: «O mestre mandou-**me** *estudar*, mandou-**te** *estudar*, mandou-**o** *estudar*, etc.»; e, nas orações integrantes infinitivas preposicionaes que servem de complemento terminativo, e teem por sujeito um pronome que é ao mesmo tempo complemento objectivo das proposições a que se ligam: «Forçou-**me** *a sair.*» «Ensinou-**te** *a ser homem de bem.*» «O inimigo provocou-**o** *a bater-se,*»

Em raros casos, servem de attributo os casos rectos: «Eu sou *tu* e tu és *eu.* (BERNARDES).» «Era preciso que eu fosse *elle*, para proceder assim.»

Representam o papel de complemento objectivo:

1.º Dos verbos transitivos proprios os casos obliquos *me*, *te*, *o* ou *a*, *nos*, *vos*, *os* ou *as*: «Protege-*me.*» «Enganam-*te.*» «Defendiam-n-*o.*» «Ama-*nos.*» «Respeitam-*vos.*» «Guarda-*os.*»; e os casos rectos *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, com a preposição *a*, referindo-se á pessoa de quem se fala, e nunca áquella a quem se fala: «Ama a teu inimigo, porque, amando *a elle*, me amas a mim. (VIEIRA.)»

2.º Dos verbos transitivos reflexivos e pronominaes reflexos os casos obliquos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*: «Eu *me* corto, tu *te* cortas, elle *se* corta, etc.» «Eu *me* arrependo, tu *te* arrependes, elle *se* arrepende, etc.»

Servem de complemento terminativo:

1.º Os casos obliquos *me*, *te*, *lhe*, *se*, *nos*, *vos*, *lhes*: «Dize-*me* a verdade.» «Contaram-*te* uma inverdade.» «Fico-*lhe* obrigado.» «Mestre que *se* dá os parabens de um bom discipulo, (SOUZA).» «Escreveram-*nos* então.» etc.

2.º Os casos obliquos *mim*, *ti*, *si* e os rectos *elle* ou *ella*, *nós*, *vós*, *elles* ou *ellas*, regidos de preposição adequada ao sentido relativo do termo antecedente:

«Não se trata *de mim.*» «Queixou-se *de ti.*» «Só cuida *de si.*» «Falou *delle.*» «Interessa-se *por nós.*» «Elle foi traido *por vós.*» etc.

São complementos circumstanciaes:

1.º Si bem que raramente, os casos obliquos *me, te, lhe, se, nos, vos, lhes*: «Deu-*me*, deu-*te*, deu-*lhe*, deu-*se*, deu-*nos*, etc. pancadas, isto é, Deu pancadas *em mim, em ti, nelle, em si, em nós*, etc."

2.º Os casos obliquos *mim, ti, si* e os rectos *elle* ou *ella, nós, vós, elles* ou *ellas*, regidos de preposição accommodada á circumstancia que se quer exprimir: «*Em mim* ha dous eus.» «Dirigiu-se *p'ra ti.*» «Não cabe *em si* de contente.» «Caiu *nella.*» «*Entre nós* e *vós* ha um abysmo.»

3.º Os casos obliquos *migo, tigo, sigo, nosco, vosco*, acompanhados da preposição *com*, que com elles faz corpo: «Vem *commigo.*» «Amanhan serei *comtigo.*» etc.

Representa o complemento restrictivo o caso recto *elle* regido da preposição *de*: «A habitação *della* está muito bem localisada.»

A relação restrictiva é expressa ainda por *lhe, lhes*, quando equivalem a *delle, della, delles, dellas* ou a *seu, sua, seus, suas*: «Conheço-*lhe* as manhas, isto é, Conheço as manhas *delle* ou *suas* manhas.»

Tambem são complementos restrictivos os pronomes *me, te, nos, vos*, si se podem resolver em *meu, teu, nosso, vosso*. «Roubaram-*me* a bengala, isto é, *minha* bengala.» «Louvo-*te* a paciencia, isto é, *tua* paciencia.» «Baldaram-*nos* os esforços, isto é, *nossos* esforços.»

Os pronomes portuguezes não teem casos correspondentes aos genitivos latinos *mei, tui, sui, nostrum* ou *nostri, vestrum* ou *vestri*. Suppre-se esta falta com os adjectivos possessivos *meu, teu, seu, nosso, vosso*: "**minha** *casa*, isto é, a casa *que me pertence*; **seu** *lapis*, isto é, *o lapis* **delle** ou o lapis *que lhe pertence*."

SECÇÃO 2.ª

Funcção do pronome demonstrativo.

O, a, o (n.), *os, as*, quando equivalem a um demonstrativo, como *tal, taes, aquelle, aquella, aquillo, aquelles,*

aquellas, são um verdadeiro pronome demonstrativo, porque, nas fórmas masculinas e femininas, estão sempre em logar de um nome; e, na neutra, de um termo que pode ser membro de phrase, proposição ou sentido mais ou menos extenso e complicado com referencia immediata ou remota ao que fica dito, ou se tem na mente, e vae dizer.

Este pronome desempenha as seguintes funcções:

1.ª De sujeito: «*O* que encontraste no jardim, é o meu melhor amigo, isto é, *Aquelle* que etc.» «*O* que é honesto, é verdadeiramente util, isto é, *Aquillo* que etc.»

2.ª De attributo: «O homem que blasona de honesto, nem sempre *o* é, isto é, nem sempre é *tal*.» »Foi um principe original, e nenhum houve antes delle, de que podesse ser *copia*, nem haverá outro que *o* seja sua. (Vieira).» «A palavra amigo é *a* de que mais se abusa na sociedade, isto é, é *aquella* de que etc.»

3.ª De subattributo: «Estaes convencida, e eu tambem *o* estou.»

4.ª De complemento objectivo: «Esta historia acabará de desenganar *os* que devem se-lo, isto é, *aquelles* que etc.»

Não se deve confundir este pronome, quando complemento objectivo, com *o*, *a*, *os*, *as*, fórmas de *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, pois que, no desempenho dessa funcção, ao contrario do que com estas se dá, é elle sempre antecedente do adjectivo conjunctivo, e independe do hyphen.

SECÇÃO 3.ª

Funcção do pronome indefinido.

Ensinam alguns, mas erradamente, que o pronome indefinido *se* é sempre a expressão litteral do pronome indefinido francez *on*. Deste engano resulta o facto de considerarem *se* como sujeito em phrases como estas: «Alugam-*se* casas.» «Fala-*se*.», porque *on*, nas corres-

pondentes francezas, desempenha essa funcção. Em taes exemplos, *se* é um termo dependente do verbo ou um complemento objectivo apparente, cujo papel se cifra em converter verbos pessoaes em impessoaes com fórma passiva, ou em apassivar verbos transitivos.

Ligeiro confronto destas duas palavras basta para fazer convencer da palmar differença que entre ellas ha.

1.° O pronome indefinido francez *on*, que, no seculo 12.°, tinha por graphia *om*, e, em tempos mais remotos, *hom*, nada mais é que o nominativo do singular do substantivo latino *homo*, e significa propriamente *un homme*: "*On* lui amène son destrier." isto é "*Un homme* lui amène son destrier." Entretanto o pronome indefinido *se* vem do caso obliquo *se* do pronome latino *sui*, *sibi*, *se*.

Ha em portuguez o vocabulo *hom* ou *homem*, tomado em sentido indefinido, e usado sem artigo, que corresponde exactamente ao *on* francez, e cujo emprego foi pouco a pouco caindo em desuso: "Cá sem razom seria ao afflicto accrescentar *hom* afflicção. (D. DUARTE)." "Grão trabalho e custosa cousa é fazer *homem* o que deve. (SOUZA)."

O *on* francez pois não tem actualmente equivalente directo em portuguez. Conforme o sentido do discurso, pode ser traduzido de diversas maneiras: 1.ª pelo pronome indefinido *se*: "Vae-*se* = *On* va." "Ama-se a virtude. = *On* aime la vertu." 2.ª por *um homem*: "Pode *um homem* viver solitario no meio de sua familia.= *On* peut être solitaire dans sa maison."; 3.ª por *o homem*: "Convem que *o homem* forme na solidão o seu caracter. =Il faut qu'*on* forme son caractère dans la solitude."; 4.ª por *os homens*: "Não attendem *os homens* bastante ás lições da experiencia. = *On* n'écoute pas assez les leçons de l'expérience."; 5.ª por *uma pessoa*: "Ainda *uma pessoa* não pode dar o negocio por seguro. = *On* ne peut encore compter sur rien."; 6.ª por *a gente*, no estylo familiar: "O que *a gente* desperdiça, tira-o aos seus herdeiros. = Ce que *l'on* prodigue, *on* l'ôte à son héritier."; 7.ª pelos adjectivos *alguem*, *cada um*, *ninguem*, *quem*, *qualquer*, *todos*: "Si *alguem* vos perguntar, etc.=Si *l'on* vous interroge, etc.„ "Creia *cada um* o que quizer, mas eu penso etc.=*On* en croira tout ce qu'on voudra, mais je pense etc.„ "*Ninguem* escreve sinão para ser entendido.=*On* n'écrit que pour être compris.„ "*Quem* é pobre, deve ser industrioso.=Quand *on* est pauvre, il faut être industrieux.„ "Ao seu porte guerreiro, *qualquer* ou *qualquer pessoa* o reconhecia facilmente.=A son air martial, *on* le reconnaissait aisèment.„ "Elle o disse, e *todos* se lembram disso.=Il l'a dit, et *on* s'en souvient.„; 8.ª pela terceira pessoa do plural sem sujeito expresso: "*Dizem* que etc.=*On dit* que etc.„; 9.ª pela primeira pessoa do plural: "A festa dos Tabernaculos era, como já *vimos* (isto é, como *nós* que falamos, escrevemos, entendemos ou lemos), uma commemoração, etc.=La fête des Ta-

bernacles était, comme *on* l'a déjà vu, une commémoration, etc.„; 10.ª pelo verbo na voz passiva formada pelo verbo *ser* e o participio passado: "Tres vezes a fio *foi confirmado* nesta dignidade.==*On* le confirma trois fois de suite dans cette dignité.„; 11.ª dando á phrase construcção differente: "*Custou muito* a salva-lo.==*On eut de la peine* à le sauver.„ "*Já se vê* que queremos falar aqui de etc.==*On sent* que nous voulons parler de etc.„

As phrases francezas, cujos verbos são reflexivos ou pronominaes reflexos, tornam-se inintelligiveis, si se traduzir *on* por *se*: "*On s'y tue, on se repent,* dariam estas moxinifadas: "*ahi se se abafa, se se arrepende.*"

Devido ainda ao facto de pensarem que *se* é sujeito, como termo sempre correspondente a *on*, commettem muitos estes dous gallicismos de construcção: 1.º "*Não se é* obrigado a dizer a verdade toda. *(On n'est pas* obligé de dire toute la vérité).„ Em bom portuguez dir-se-á: "*Não somos* obrigados, ou *Ninguem, nenhuma pessoa, nenhum homem* é obrigado a dizer a verdade toda.„; 2.º "Nestas reuniões, o espirito, não *se* **o** *procura.* (Dans ces réunions, l'esprit, *on ne* **le** *cherche* pas).„ Em linguagem castiça, dever-se-á construir esta phrase deste modo: "Nestas reuniões, não *se procura* espirito.„ Deste gallicismo pullulam estas duas incongruencias: 1.ª Pospor-se ao indefinido *se* o pronome *o* que, em caso algum, deve ser assim collocado; 2.ª Achar-se na phrase o pronome pessoal *o* como complemento do verbo, do qual já o é *se*, quando para isso não ha razão, visto que se refere a *espirito* que, alem de estar expresso, é o sujeito.

2.º Tanto o pronome francez *on,* como o indefinido portuguez *se* conservam a mesma força das palavras latinas de que veem: aquelle é sempre sujeito do singular; e este, complemento.

3.º Sendo o sujeito a idéa principal do juizo, o termo que a representa, é inteiramente independente do verbo; o que não se dá com *se* que, a elle posposto, se lhe liga pelo hyphen, como termo rigorosamente dependente delle.

4.º *On* pode estar em relação com um substantivo do plural, ou com adjectivos de fórma masculina ou feminina tanto do singular como do plural; não corre o mesmo com o pronome *se*: "*On* n'est point des *esclaves.* (MOLIÈRE).„ "*On* est *heureuse* d'être mère. (NODIER).„ "*On* est *égaux,* quand on s'aime. (FAVART).„

5.º O vocabulo *on* dá sempre começo á phrase, ao contrario do que se verifica com o pronome *se* que nunca a deve iniciar.

6.º Em conclusão, na lingua franceza, tambem se encontram phrases, em que o verbo está apassivado pelo pronome *se* que grammatico algum francez considera sujeito dellas: "Tout ce qui *se mange* avec plaisir, *se digère* avec facilité. (BERNARDIN DE SAINT PIÈRRE).„ A phrase franceza "Tout ce qu'*on mange* avec plaisir etc.„ significa o mesmo; mas a funcção exercida por *on* é mui diversa da que desempenha *se* em "Tout ce qui *se mange* etc.

§ 3.º

Adjectivo.

SECÇÃO 1.ª

Adjectivo Qualificativo.

O adjectivo qualificativo pode estar antes ou depois do substantivo. Casos ha porem em que os restrictivos collocados antes, teem uma significação; e, collocados depois, outra, como se vê nos seguintes exemplos: *homem* **bom**, que vive honradamente; **bom** *homem*, de boa indole: *homem* **pobre**, sem fortuna; **pobre** *homem*, de pouca ponderação, insignificante: *homem* **puro**, que tem costumes puros; **puro** *homem*, que tem a natureza de homem, sem mistura: *homem* **rico**, que tem fortuna; **rico** *homem*, nobre, distincto: *homem* **santo**, canonisado; **santo** *homem*, de costumes muito puros: *homem* **verdadeiro**, que fala verdade; **verdadeiro** *homem*, que tem os caracteres do genero humano: **certo** *amigo*, indeterminado; *amigo* **certo**, verdadeiro, fiel: etc.

Em regra, o adjectivo posposto tem sentido proprio; e o anteposto, translato.

O adjectivo *meio* em composição com outro é invariavel, significando *algum tanto*; e variavel, se exprime exactamente *a metade*: janella *meio*-aberta=janella *algum tanto* aberta; janella *meia*-aberta=janella de que está aberta a metade exactamente.

Em palavras compostas, contrahe-se em *mor* o adjectivo comparativo *maior*: alferes-*mor*, tambor-*mor*; e bem assim na formação do adverbio *mormente*, mais usado que *maiormente*. Algumas vezes dá-se o mesmo na poesia: «*Mor* seria o martyrio.»

Não admittem superlativo organico ou synthetico:

1.º Os adjectivos que terminam por duas vogaes: *bravio*, *doentio*, *ferreo*, *idoneo*, *necessario*, *vadio*.

2.º A maior parte dos adjectivos compostos, sobretudo os que constituem a technologia scientifica: *bellige-ro*, *cabisbaixo*, *centripeto*, *dynamico*, *febrifugo*, *grandiloquo*, *noctambulo*, *paregorico*, *psychologo*, *scenographico*, *sudorifico*, *uroscopico*, *vegeto-mineral*.

3.º Os adjectivos de significação, mais ou menos definida. São taes os que exprimem:

a) As fórmas geometricas dos corpos: *conico*, *oval*, *parallelo*, *quadrado*, *redondo*, *triangular*.

b) Os diversos pontos geographicos do globo terrestre: *antarctico*, *arctico*, *austral*, *boreal*, *central*, *glacial*, *meridional*, *occidental*, *oriental*, *septentrional*.

c) Os logares ou a patria de que alguem é natural: *americano*, *brazileiro*, *europeu*, *fluminense*, *paulista*, *sergipano*.

d) O estado civil das pessoas: *casado*, *solteiro*, *viuvo*.

e) As diversas modalidades do tempo ou da duração: *annual*, *diario*, *diurno*, *eterno*, *hibernal*, *hodierno*, *matutino*, *mensal*, *nocturno*, *automnal*, *perpetuo*, *semanal*, *secular*, *vespertino*, *vitalicio*.

f) As personalidades historicas celebres: *affonsino*, *camoneano*, *dantesco*, *homerico*, *manuelino*, *ptolomaico*, *socratico*.

g) As qualidades immutaveis e definidas: *astral*, *corporal*, *divino*, *espiritual*, *filial*, *infinito*, *immortal*, *lunar*, *maternal*, *paternal*, *perfeito*, *physico*, *sideral*, *solar*.

As fórmas *divinissimo*, *infinitissimo*, *mesmissimo*, *muitissimo*, *principalissimo*, *supremissimo* são superlativos apenas exteriormente, porque a flexão não lhes altera o conceito significativo [1].

---

(1) Maximino de Araujo Maciel.—*Grammatica Descriptiva*, pag. 141.

Casos ha em que o superlativo absoluto torna-se relativo, juntando-se-lhe o artigo definido: *o miserrimo* dos homens, *a formosissima* entre as mulheres.

Quando um adjectivo está collocado depois de dous nomes, dos quaes o segundo figura como complemento do primeiro, ora concorda com um, ora com outro, conforme o sentido: *botões* de metal *redondos*, botões de *metal amarello*.

É idiotismo muito empregado usar-se em phrases exclamativas de adjectivos seguidos da preposição *de* e de um pronome ou de um substantivo, precedido ou não de adjectivo: «*Feliz delle! Coitado do João! Pobre do teu amigo!*» Em phrases que não sejam exclamativas, pode-se pôr antes do adjectivo o artigo definido: «*A pobre da menina.*»

Em nomes compostos, perde o adjectivo *grande* sua ultima syllaba antes de consoante, e só o *e final* antes de vogal: *gran*-cruz, *grand*-almirante. A fórma *grão* que, no primeiro caso, se emprega de preferencia á fórma *gran*, serve para os dous generos: *grão*-mestre, *grão*-mestra.

O adjectivo *santo* se contrahe em *são* antes de consoante: *São* Pedro; e conserva-se inalterado antes de vogal: *Santo* Aleixo; a sua fórma feminina porem em caso algum soffre alteração: *Santa* Maria, *Santa* Anna.

Os adjectivos *cabrum*, *ovelhum*, *vaccum* só se empregam com o substantivo *gado*: gado *cabrum*, etc.

SECÇÃO 2.ª

Adjectivo Determinativo.

I

ARTIGO.

a) *Uso do artigo definido.*

Antepõe-se o artigo definido:

1.º Aos appellativos,

a) que desempenham a funcção de sujeito ou de complemento objectivo, quando significam todos os individuos da classe: «**O** *carneiro* é manso.» «Receio mais **o** *tigre* do que **o** *leão.*»

b) que teem significação restringida por um complemento restrictivo, ou por qualquer termo a este equivalente: «**O** *chapéu de Maria* está na moda.» «**O** *homem probo* é acatado.» «**O** *paraiso*, *primeira habitação de Adão*, chamava-se Eden.» «Já leste **o** *livro que te emprestei?*»

O complemento restrictivo ou seu equivalente pode estar occulto: «Chegou *o homem*, isto é, *o homem* **de que te falei, que ficou de vir**, etc.

c) que se acham determinados pelo demonstrativo collectivo *todo*, *toda*, *todos*, *todas*: «Gastou *toda* **a** *sua fortuna.*» «Foi exacto no cumprimento de *todas* **as** *obrigações contrahidas.*»

2.º Aos nomes proprios de pessoas,

a) quando alcunhas: «**O** *Tiradentes.*» «**O** *Caramuru.*»

b) quando significam individuos celebres: «**O** *Cesar.*» «**O** *Vasco da Gama.*»

c) quando exprimem pessoas que são familiares aos interlocutores: «Viste **o** *Correa?*» «**O** *Julio* é uma excellente pessoa.»

d) quando por synecdoche se convertem em communs: «**Os** *Castros.*» «**O** *Homero portuguez.*»

3.º Aos nomes proprios de cousas, si significam

a) as cinco partes do mundo e grandes regiões: «**A** *Europa.*» «**A** *America.*» «**O** *Sahara.*» «**A** *Nigricia.*»

Outrora dizia-se *Europa*, *Asia*, etc. sem artigo.

b) paizes: «**O** *Brazil.*» «**A** *França.*» Exceptuam-se *Portugal*, *Castella* e poucos mais, salvo quando acompanhados de algum termo que lhes limite o sentido: «**O** *Portugal do Marquez de Pombal.*» «**A** *nossa Castella.*»

c) provincias, estados ou divisões analogas: «**O** *Minho.*» «**O** *Maranhão.*» São numerosas as excepções a esta regra: «*Pernambuco*, *S. Paulo*, *Santa Catharina*, etc.''

d) astros, ilhas, cidades, villas ou outras quaesquer especies de povoações, e si foram communs em sua origem: ''**O** *Cruzeiro* do Sul e **as** *Ursas.*'' ''**A** *Madeira.*'' ''**O** *Recife.*'' ''**O** *Funchal.*''

e) montanhas ou montes: ''**Os** *Andes.*'' ''**O** *Olympo.*''

f) promontorios ou cabos: ''**O** *Ortegal.*'' ''**O** *Passaro.*''

g) mares: '' **O** *Pacifico.*'' ''**O** *Adriatico.*''

h) estreitos: ''**O** *Bosphoro.*'' ''**O** *Sund.*'' Exceptuam-se *Gibraltar*, *Jenikalé* e outros.

i) rios: ''**O** *Amazonas.*'' ''**O** *Tietê.*''

j) obras primas — artisticas ou litterarias: ''**A** *Alhambra.*'' ''**A** *Eneida.*''

k) embarcações: ''**A** *Trajano.*» «**O** *Pirapama.*»

4.° Ás partes da oração ou ás orações, para substantiva-las: «Ás vezes **o** *barato* sae caro.» «Em mim ha dous *eus*, **o** *eu* da carne, **o** *eu* do espirito.» «**Os** *dares* e **os** *tomares.*» «**O** *gabares-te de sabio* prova seres ignorante.''

5.° Aos nomes de parentesco e de objectos possuidos, em substituição aos adjectivos possessivos, si o sentido da phrase é tão claro que não deixa duvida sobre o possuidor: «Foi com **o** *irmão.*» isto é «com **seu** *irmão.*» «Perdi **as** *luvas.*'' isto é ''**as minhas** *luvas.*''

6.° Ao nome *senhor*, *a*, *es*, *as*, acompanhado ou não de substantivo, quando não é usado como rigoroso vocativo: '' **O** *Senhor* já me tem obsequiado muito.'' ''**A** *Senhora D. Thereza* saiu.» «Que dizem da paz **os** *Senhores Representantes da Nação?*»

7.° Aos adjectivos qualificativos que precedem ou seguem a nomes proprios de pessoas, quando constituem os epithetos, por que são regularmente conhecidas: ''**O** *eloquente Cicero.*» «*D. Affonso*, **o** conquistador.»

8.º Aos comparativos de superioridade e de inferioridade, para se formar o superlativo relativo: «A lingua de um povo é **o** monumento *mais importante* da sua historia.» "Demosthenes, **o** *mais eloquente* orador da Grecia." "Tu és **o** *menos feliz* de todos."

9.º Aos adjectivos demonstrativos *mesmo*, *proprio*, quando á idéa de identidade se junta a da determinação do individuo: "É este *o homem?* É **o** mesmo."

10.º Ás fórmas *qual*, *quaes*, quando funccionam como adjectivo conjunctivo: "Alguns homens ha, para **os** *quaes* a virtude é um vocabulo vazio de sentido."

11.º Aos adjectivos numeraes cardinaes que indicam horas, si se acham regidos de preposição: "**Ás** *quatro horas.*" "**Das** *cinco* **ás** *sete.*" "**Pelas** *onze horas da noute.*"

12.º Aos adjectivos numeraes ordinaes, quando precedem os nomes: "**O** *primeiro seculo.*" "**A** *segunda classe.*"

13.º Aos adjectivos possessivos, quando se tem de designar com mais especialidade ou individuação o objecto expresso pelo nome: "Esse chapéu que tendes, é **o** *meu.*" "Estou com **a** *minha* enxaqueca." "Pois todos estes que aqui tendes presentes, não são tambem vossos filhos? Sim, são: são meus filhos; mas não são **o** *meu filho.* (VIEIRA)."

Cumpre observar que escriptores, quer antigos, quer modernos, usam frequentemente do artigo definido antes dos possessivos, mesmo quando não se dá a necessidade da individuação.

b) *Omissão do artigo definido.*

Omitte-se o artigo definido:

1.º Geralmente antes dos nomes proprios de pessoas ou de animaes, quando desacompanhados de restrictivos: «*Maria* colheu muitas flores.» «Chama-se *Bucephalo* o cavallo de Alexandre.»

2.º Antes dos nomes proprios de astros, ilhas, cidades, villas ou de outras quaesquer povoações, os quaes não foram communs em sua origem: «*Ceylão* é rica.»

«*Lisboa* é banhada pelo Tejo.» «*Jupiter* é maior que *Mercurio.*»

3.º Antes do substantivo capital de uma definição: «*Geographia* é a descripção da terra.»

4.º Antes dos substantivos que constituem uma enumeração: «*Penitencia*, *zelo*, *sabedoria*, *amor*, *fortaleza*, tudo se acha em S. Francisco, copia de Christo. (VIEIRA).»

5.º Antes de appellativos tomados em sentido indeterminado ou partitivo: «Tenhamos *paciencia.*» «Recebeste *dinheiro?*»

6.º Antes dos vocabulos ou palavras em apostrophe: «Não terei, *Senhores*, pejo de vos dizer que ao viso-rei da India faltam nesta doença as commodidades que acha nos hospitaes o mais pobre soldado! (J. FREIRE).» «*Eurico! Eurico!* enlouqueceste.»

7.º Antes dos termos principaes dos ditos sentenciosos: «*Ovelha* que bala, *bocado* perde.»

8.º Antes de termos synonymos: «O fumo, *tabaco* ou *betum* é uma planta originaria da America.»

9.º Antes de termos relativos ao mesmo individuo, exceptuando o primeiro delles: «O rei da Prussia e *imperador* da Allemanha.» «O bom e *sabio* D. Romualdo.»

10.º Antes dos nomes attributos: «Este é pae de Pedro.»

11.º Depois do adjectivo *todo*, *toda*, quando é distributivo proprio, ou tem a significação de *cada*: «O cumprimento de *toda* obrigação contrahida é um dever sagrado.» isto é «O cumprimento de *cada* obrigação etc.»

12.º Antes do adjectivo interrogativo: «*Que* dizes?»

13.º Antes dos adjectivos numeraes, designativos dos dias nas datas: «Galileu nasceu a *15* de Fevereiro de 1564, e morreu em *9* de Janeiro de 1642.»

Com o adjectivo numeral ordinal *primeiro* emprega-se geralmente o artigo: «No *primeiro* de Abril.», com quanto se possa dizer tambem: «Venha a *primeiro* de Maio.» Estando claro o substantivo *dias*, ou podendo ser facilmente subentendido, tambem se usa do artigo: «Aos *doze* dias do mez de Janeiro.», ou simplesmente: «Aos *doze* de Janeiro.»

14.º Antes das phrases exclamativas: «*Dia feliz!*» «*Que lindo passarinho!*»

c) *Uso do artigo indefinido.*

Levam o artigo indefinido antes de si:

1.º Os nomes appellativos tomados em sentido vago ou indeterminado: «**Um** *homem sensato* não fazia tal.» «São **uns** *amigos* do Rio.»

2.º Os nomes proprios,

a) quando adjectivados: «Casimiro de Abreu foi **um** *Lamartine.*»

b) quando, fazendo o officio de appellativos, são empregados em sentido emphatico: «Aqui morreu de miseria **um** *Camões.*»

c) quando designam pessoas que não se conhecem, ou antes que se conhecem só de nome: «Mandaram como capitão **um** *Francisco Dias.*»

d) quando significam pessoas de vida muito obscura: «É **um** *José Antonio.*»

3.º Os verbos no infinito tomados substantivamente: «Ha gente para quem a vida é **um** *perpetuo soffrer.*»

4.º Qualquer parte da oração substantivada: «Basta-me **um** *sim* da sua parte.»

5.º Os substantivos do plural, quando o artigo indefinido indica uma quantidade indeterminada: «Chegaram **uns** *estudantes.*» isto é «*alguns* estudantes.»

d) *Omissão do artigo indefinido.*

Não se usa do artigo indefinido:

1.º Antes dos nomes attributos: «Maria é *escriptora.*»

Por emphase, ou quando o substantivo é acompanhado de algum modificativo, pode ser empregado o artigo indefinido: "Augusta é uma *heroina;* e Magdalena, uma *escriptora fluente.*"

2.º Antes de substantivos, como os das phrases seguintes, que teem significação geral: «É *cousa* que pouco

me interessa.» «É *cão* de caça.» «Ha *brazileiro* que o ignore?» «Conservei em *frasco* bem tapado.» «Assignar *termo.*» «Fazer *face.*» «Como *paciente ovelha.*» etc.

3.º Antes dos nomes appostos: "Sapho, *poetiza maviosa*, precipitou-se de um rochedo.»

4.º Antes do distributivo partitivo *outro*, *a*, *os*, *as:* «Si este não lhe convem, aqui tem *outro.*» «Não quero estes livros; mostre-me *outros.*»

e) *Repetição dos artigos.*

Repete-se o artigo:

1.º Antes dos nomes antonymos: «Aqui tendes diante dos vossos olhos **o** *bem* e **o** *mal*, **a** *agua* e **o** *fogo*, **a** *vida* e **a** *morte*. (BERNARDES).»

2.º Antes dos substantivos de genero ou numero differente: «Soam, roncam, bramem como leões, representam **as** *forças*, **o** *odio*, **a** *crueldade*, **o** *furor*, em fórmas horrendas. (LUCENA).»

Ha escriptores de nota que nem sempre se conformam com esta regra: "Ditosos aquelles que, a preço de seu risco, compraram a segurança da *patria, mulheres, filhos, religião.* (D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO)." "Oh! homem! dizia um dos dous frades a quem **a** *tez* macilenta e **as** *barbas* e *cabellos* grisalhos davam certo ar de autoridade sobre o outro. (A. HERCULANO).»

3.º Antes de adjectivos ligados pela conjuncção *e*, que se referem a um dado substantivo, já modificado por outro qualificativo, quando exprimem qualidades ou idéas incompativeis: «Foram as duas melhores espadas **da** *lei velha* e **da** *nova*. (VIEIRA).»

4.º Antes dos membros de uma gradação: «**Um** *gesto*, **uma** *palavra*, **um** *olhar* bastava para infundir respeito.»

Ás vezes, com o fim de dar á phrase mais movimento e energia, supprime-se o artigo antes dos substantivos que constituem uma gradação: "Imagine o leitor **a** *zanga, despeito*, *odio*, *raiva*, *furia* e *rancor*, que ficaria subsistindo entre os dous frades."

II

ADJECTIVO DEMONSTRATIVO.

a) *Adjectivo demonstrativo puro.*

Os adjectivos demonstrativos puros *este*, *esse*, *aquelle* juntos aos possessivos, dão ao dizer muita precisão e clareza, porque tanto uns como outros equivalem a phrases inteiras: «*Este meu lapis*, isto é, *o lapis que está aqui*, e *que me pertence.*»; e, sendo o possessivo *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, torna-se alem disso impossivel a ambiguidade que do seu emprego pode resultar, por se referir, ora á pessoa a quem se fala, ora á pessoa de quem se fala: «*Essa sua exigencia*, isto é, *essa exigencia que o Sñr. faz.*» «*Aquelles seus conselhos*, isto é, *os conselhos que o Sñr. me deu.*» «*Aquelle seu amigo*, isto é, *aquelle amigo do Sñr.* ou *o amigo que lhe pertence*, e *que está distante do Sñr.*»

Com taes demonstrativos puros, acompanhados de *como,* constroem-se phrases ellipticas e comparativas de sentido vago, mas que constituem verdadeiras bellezas. As phrases: «*Este como ninho*, *esses como astros*, *aquellas como estrellas*, equivalem a *esta cousa que parece ninho*, *essas cousas que parecem astros*, *aquellas cousas que parecem estrellas.*»

Tambem se constroem phrases semelhantes com o artigo indefinido que, em tal caso, assume o caracter de demonstrativo: «**Um** *como ninho*, isto é, **uma** *cousa que parece ninho.*»

Ás vezes é meramente emphatico o emprego dos demonstrativos: «*Esses homens* que desprezam a virtude, e amam o vicio, são mais infelizes do que pensam.»

Tambem se usa delles em sentido depreciativo: «Não me fale *nisso* ou *nesse homem*»; e familiar: «*Isso* (o filho, por exemplo) tem me custado muitas lagrimas.» «*Aquillo* (um amigo) é homem com quem se pode contar.»

Algumas vezes empregam-se *este*, *esta*, *estes*, *estas* por *tal:* «Não sáia com *este* tempo, ou com um tempo *destes.*» isto é «Não sáia com *tal* tempo.»

Os adjectivos *tal*, *o tal*, *semelhante* podem, em certas proposições, ser considerados como demonstrativos puros: «Nunca vi *tal homem.*» isto é «Nunca vi *este homem*, ou *o homem de quem falaes.*» «*O tal sujeito* enganou-nos.» isto é "*Aquelle sujeito sobre que falamos*, etc." "Não digas *semelhante cousa.*» isto é «Não digas *isso* ou *tal cousa.*»

No estylo corrente, commercial ou epistolar, diz-se frequentemente *nesta*, *nessa*, com referencia ao substantivo *cidade*, occulto.

Quando se fala com emphase, pospõe-se *mesmo* aos casos rectos dos pronomes pessoaes: «*Eu mesmo* fiz.» «*Tu mesmo* disseste.» "*Ella mesma* escreveu."

Tambem pode ser collocado depois de *mim*, *ti*, *si*, *nós*, *vós*: "*de mim mesmo*, *a ti mesmo*, *de si mesmo*, *por nós mesmos*"; e ainda depois de *commigo*, *comtigo*, *comsigo*: "*commigo mesmo*, etc." Não se pode dizer entretanto: "*comnosco mesmos*, *comvosco mesmos*"; mas sim: "*com nós mesmos*, *com vós mesmos.*"

Mesmo não se repete, si estiver modificando mais de um substantivo consecutivo, ainda que de generos differentes: "Eram *os mesmos* chefes e soldados." "Tinha *as mesmas* qualidades e defeitos que seu pae."

Antes dos substantivos, vem sempre precedido do artigo definido: "É *o mesmo homem* ou *a mesma mulher.*"

Mesmo, *mesma*, etc. tem superlativo synthetico: "É *o mesmissimo homem.*"

Este superlativo pode ser usado tambem depois dos pronomes pessoaes: "É *elle mesmissimo.*"

Tambem se usa de *proprio*, *propria*, *proprios*, *proprias*, equivalendo a *mesmo*, *mesma*, *mesmos*, *mesmas*, depois dos pronomes, sem artigo definido: "*Tu proprio* o fizeste." "Alienar-se de *si proprio.*"; e antes dos substantivos, com elle: "*O proprio Deus.*" "*Os proprios reis.*"

b) *Demonstrativo collectivo.*

O adjectivo demonstrativo *todo* é collectivo nestes dous casos:

1.º Quando, nas fórmas masculinas e femininas tanto do singular como do plural, faz o appellativo significar todos os individuos da classe juntamente: "*Todo o homem* é mortal." isto é "*Todos os homens* são mortaes." Neste caso, equivalendo ao adjectivo latino *omnis*, colloca-se antes do nome, e é seguido do artigo definido.

2.º Quando, na fórma masculina e feminina do singular, faz o appellativo significar o objecto considerado em todas as suas partes integrantes: "Queimou-se *toda a casa* ou *a casa toda*." Neste caso, equivalendo ao adjectivo latino *totus* ou a *inteiro*, põe-se antes ou depois do substantivo determinado pelo artigo definido.

Algumas vezes emprega-se *todo* significando *inteiramente*. Apezar desta sua significação adverbial, por euphonia concorda com o substantivo ou pronome: "Está *toda mudada*." "O collete está *todo roto*." "Estamos *todos molhados*."

Neste caso, quando *todo* está no plural, pode dar-se ambiguidade, como se vê do ultimo exemplo, que parece ter tambem esta significação: *Nós todos* estamos molhados.", a qual diverge de: "Nós estamos *inteiramente molhados*." Temendo esta confusão, diziam os escriptores antigos: "*Todo entanguidos*." "*Todo afflictas*." É porem preferivel dar outro torneio á phrase, e empregar algum dos adverbios *totalmente*, *inteiramente*, *de todo*: "Estamos *inteiramente molhados*.» Ha casos entretanto em que *todo* fica sempre invariavel, como em "*Providencia todo-poderosa*.»; mas então liga-se ao adjectivo pelo hyphen.

Tudo é sempre collectivo universal, e independe do artigo: "*Tudo* é vaidade." isto é "*Todas as cousas* etc."

Em geral o demonstrativo collectivo *todo* não se repete, quando determina substantivos consecutivos: "*Todos os nossos erros e illusões*."

c) *Adjectivos demonstrativos distributivos proprios*.

Cada distribue positivamente os individuos de uma classe ou as partes de uma totalidade, isto é, considera as partes de um todo, quaesquer que ellas sejam, como outras tantas unidades proporcionaes, para por ellas distribuir o attributo da proposição, clara ou occulta que

suppõe antes de si: "*Cada homem* tem sua opinião." isto é "*Todos os homens* teem opiniões, *cada qual* ou *cada um* a sua." "São doze os hospedes; destine a *cada tres* um quarto."

Muitas vezes pospõem-se a *cada* os adjectivos *um*, *qual*: "*Cada um* colhe, segundo semeia." "*Cada qual* com seu igual."

O adjectivo demonstrativo *todo* é distributivo proprio, quando, na fórma masculina e feminina do singular, faz o appellativo significar todos os individuos da classe separadamente ou cada um de per si: "*Todo homem sensato* despreza a ostentação." isto é "*Cada* ou *qualquer homem sensato* despreza etc." "Compre a casa por *todo preço*." isto é "*por qualquer preço*." Neste caso, *todo* equivale a *cada* ou *qualquer*, e antepõe-se ao nome, sem artigo.

Qualquer refere-se a individuos indeterminados — pessoas ou cousas —, tomados indistinctamente dentre os da classe; pode ser posto antes ou depois do appellativo: "*Qualquer homem* conhece isso." "*Um homem qualquer* vos ensinará o caminho." "Com *qualquer esmola* fica contente o mendigo."

Quemquer distribue o objecto, designando uma pessoa indeterminada da classe, tomada tambem indistinctamete: "*Quemquer* que seja." isto é "*Qualquer pessoa* que seja, *Seja que pessoa for* ou *Seja quem for*."

A qual tem a mesma significação de *cada qual*: "Esta questão complexa envolvia muitas outras, *a qual* dellas mais espinhosa. (J. F. Lisboa)." isto é "*cada qual* dellas etc."

O *a* que vem antes de *qual*, é preposição; constitue isto um idiotismo da lingua.

d) *Adjectivos demonstrativos distributivos partitivos.*

Outro exprime partes ou porções contrapostas: "*Umas* tocavam, *outras* dansavam." isto é "*Umas dellas* tocavam, *outras dellas* etc."

Umas, neste exemplo, por se lhe oppor *outras*, converte-se de artigo em partitivo. É ainda partitivo, quando repetido:

"Das gentes populares *uns* approvam
A guerra com que a patria se sustinha;
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinham. (CAMÕES.)"

O substantivo precedido de *um e outro*, conserva-se sempre no singular: "*Um e outro* advogado", e não "*advogados*" Em Frei Luiz de Souza, encontram-se exemplos do plural, que não devem ser imitados.

Outro significando *differente*, é qualificativo: "São *outros* os mares da China, e muito *outros* os que se atravessam della para o Japão."

Al, fórma neutra e antiquada de *outro*, quer dizer *outra cousa*: *Al* não façaes." isto é "Não façaes *outra cousa*." Usa-se ainda de *al* no fim das sentenças de absolvição, onde é uma palavra sacramental: "Si por *al* não estiver preso."

O adjectivo *algum, alguma, algo*, etc. extrahe da totalidade dos individuos, já um, já muitos, indeterminadamente: "Tenho *algum dinheiro*." "*Alguns homens* ha."

Em phrases como estas: "*Homens ha*." *Annos ha*." está este adjectivo occulto por ellipse.

Tambem ha ellipse de partitivos, em phrases como as seguintes, em que *delles* parece ser o sujeito: "*Delles* falaram; *delles* obraram; *delles* conservaram-se inactivos." isto é "*Uns* delles; *outros* delles; *alguns* delles etc."

Algum posposto ao substantivo em phrases que tem o verbo modificado por uma negação, toma o sentido negativo de *nenhum*: "*Não* vi homem *algum*." isto é "*Não* vi homem *nenhum*."

Algo, fórma neutra e antiquada de *algum*, é o mesmo que *alguma cousa*: "Os sacrificios para impetrar misericordia, hão de custar *algo* a quem os offerece."

Tambem se usa de *algo*, como adverbio, significando *algum tanto*, *um pouco*; "Perdeu um estribo, e fez um revez *algo desairoso*."

Nenhum é um universal que applica negativamente um attributo a todos os individuos da classe: «*Nenhum* homem me appareceu alli.»

Nenhum não significa o mesmo que *nem um*, si bem seja destas palavras composto. *Nem um* tem sentido mais absoluto: "*Nem um* só dia de alegria teve."

Os escriptores antigos usavam algumas vezes do adverbio *não* em uma oração que tinha por sujeito um nome modificado pelo adjectivo *nenhum*, posto antes do verbo: "*Nenhum* mal *não* é crido." Mas tal modo de dizer, imitado do francez, está hoje proscripto da boa linguagem portugueza. Devemos dizer, dando outra feição ao contexto: "*Não* é crido mal *algum*." "*Não* é crido mal *nenhum*." "*Nenhum* mal é crido."

No sentido de *nullo*, *sem vigor*, *sem effeito*, é o adjectivo *nenhum* um *qualificativo*: "Tendo por *nenhumas* as perdas. (FREI BERNARDO DE BRITO)."

Nenhum oppõe-se a *um*, *outro*, *algum*, quando intervem a conjuncção *mas*: "*Um* ou *um dentre elles* falou pouco; *outro* ou *outro dentre elles*, *muito*: *algum* ou *algum dentre elles*, entre pouco e muito: mas *nenhum* ou *nenhum dentre elles*, satisfactoriamente.

Nada, fórma neutra de *nenhum*, equivale a *nenhuma cousa*: «*Nada* duvida quem não sabe.»

Outrem (outro homem) refere-se a uma pessoa indeterminada, que está na relação de segunda para com outra, primeira na ordem: «*Outrem* o julgue, que eu o que quero provar, é o milagre. (VIEIRA.)»

Alguem (algum homem) diz-se de uma pessoa indeterminada, e vaga, que se não nomeia, nem pode nomear: «*Alguem* ha que o diz.»

Ninguem (nenhum homem) nega indeterminadamente alguma cousa de todas as pessoas de uma classe: «*Ninguem* se contenta com a sua sorte.»

Usa-se de *outrem*, *alguem*, *ninguem* com adjectivos, já na fórma masculina, já na feminina, segundo o sexo das pessoas de quem se fala: "*Outrem* mais *prendado* ou *prendada* do que eu." "Aqui não ha *alguem* tão *isento* ou *isenta* de vaidade que etc." "Aqui não ha *ninguem* que não fique *soudoso* ou *saudosa* do Snr."

No estylo familiar, *alguem* significa ás vezes pessoa de consideração: "Cuida que é *alguem*."; e *ninguem*, ao contrario, individuo sem importancia: "É um *ninguem*."

Ninguem vindo antes do verbo, não admitte outra negação, mas, depois delle, não a exclue: "*Ninguem* pode dizer desta agua não beberei." "*Não* vejo *ninguem*."

Oppõem-se *outrem*, *alguem*, *ninguem* aos pronomes pessoaes *eu*, *tu*, *elle*, com preferencia dos primitivos, seus analogos, *outro*, *algum*, *nenhum*, porque envolvem já em si a idéa de pessoa: "Eu trabalhei, e *outrem* ou *alguem* lucrou." "Tu lembraste, e *outrem* ou *alguem* fez." "Elle recitou, mas *outrem* ou *alguem* compoz o discurso." "*Ninguem* obedecerá, ainda que *eu*, *tu* e *elle* mandemos."

Tal é partitivo, quando repetido em phrases consecutivas: «*Tal* jogava, *tal* dansava.» isto é «*Tal* delles ou dentre elles etc.»

Precedido do artigo indefinido, equivale a *certo*: «*Um tal* homem chegou-se a mim.» isto é «*Um certo* homem etc.''

É qualificativo, si, comparando um ou mais individuos com outros, indica a semelhança que entre elle ha: "*Tal* amo, *tal* creado." "*Tal* a grei, *tal* o rei." "*Tal* foi na vida, *assim* na morte."

Neste caso é correlato a *tal*, *qual*, *assim*, *como*, *assim como*; e está muitas vezes occulto: "As estrellas os céus acompanhavam *qual campo* revestido de boninas. (CAMÕES)." isto é "*tal qual campo* etc."

Em tal sentido, emprega-se tambem precedido de *que*: "Por onde está Ixion e Tantalo, por onde demora Sisypho, e outros maganões *que taes?*" isto é "*taes como estes*."

Noutros casos, *tal* exprime a qualidade de grandeza, força, intensidade, e então é seguido de *que*: "*Tal* foi o terror *que* a cidade ficou inteiramente deserta."

Usa-se ainda de *tal*, depois de nomes proprios de pessoas, quando não se sabe seu sobrenome ou appellido: "Manoel de *tal*." "Joaquim de *tal*."

Qual só é partitivo, si se acha repetido em phrases consecutivas: «*Qual* as plumas vermelhas faz de brancas, *qual* co'os pennachos do elmo açouta as ancas etc. (CAMÕES).» isto é «*Qual* ou *uns* delles ou dentre elles, *qual* ou *outros* delles etc.»

Correlativo a *tal* e *assim*, é qualificativo, porque indica a semelhança que ha entre os dous termos de uma comparação: "*Qual* diante do algoz o condemnado... *Tal* diante do principe indignado etc. (CAMÕES)."

Como *tal* e *qual*, é *quem* adjectivo partitivo, achando-se repetido em phrases consecutivas: «*Quem* lhe dava uma ovelha, *quem* um carneiro, *quem* um novilho. (SÁ DE MENEZES).» isto é «*Quem* ou *uns* delles ou dentre elles, *quem* ou *outros* delles ou dentre elles etc.»

Ambos se refere ordinariamente a dous objectos conhecidos ou já mencionados, e se emprega, quando se quer indicar um facto que lhes é commum: «*Ambos* os chapéus são meus.»

Este adjectivo que necessita sempre do emprego de um determinativo, pode se pôr antes ou depois do substantivo; mas, si está collocado antes, deve preceder o determinativo que é quasi sempre o artigo definido.

Certo limita a significação do appellativo a uma ou mais pessoas ou cousas, conhecidas por quem as nomeia, mas que occulta á pessoa com quem fala: «Diz *certo escriptor.*» isto é «*um escriptor*, para mim *certo*, mas que quero deixar em incerteza para quem me dirijo.»

Este adjectivo é partitivo, se precede o nome; succedendo-o, é qualificativo, e significa então *verdadeiro*: "Amigo *certo.*" "Cousa *certa.*"

Varios, diversos, com a significação de *alguns*, tambem são considerados partitivos: «Com effeito *varios* diplomas daquelle anno descobrem as inquietações do rei de Portugal. (V. DA SILVA).» «Darei breve noticia deste homem, porque nestes escriptos se ha de ouvir o seu nome *diversas* vezes. (J. FREIRE).»

Os mais, *os demais* extrahem da totalidade dos individuos uma parte que consta de muitos indeterminadamente, e que é o resto relativo a outra parte antecedente: «Tres soldados dormiam, *os mais* velavam.» «*Os demais* seguiram-lhe o exemplo.»

III

Adjectivo Conjunctivo.

O qual, *cujo*, *que* referem-se a pessoas e a cousas.

Ha uma excepção quanto a *que*, o qual nunca se emprega para exprimir a relação do possuidor da cousa, quando este é pessoa. Diz-se, por exemplo, "a pessoa *cujo* dinheiro ou *da qual* o dinheiro," e não "a pessoa *de que* dinheiro."

Quem refere-se unicamente a pessoas, porque já envolve em si a idéa de pessoa: pois vale tanto como *o qual homem*. Exemplos: «O viajante *que* ou *o qual* ou *a quem* procuras, não existe nesta cidade, *a que* ou *á qual* ainda não chegou.»

Neste exemplo, *que, o qual* exprimem uma relação de pessoa; *a que, á qual*, de cousa; mas *a quem*, uma relação só de pessoa.

«O proprietario, *cuja* historia te contei, ou *do qual* ou *de quem* te contei a historia, fez um predio, *cuja* capacidade ou *do qual* ou *de que* a capacidade pode bem accommodar duas familias.»

Neste outro exemplo, o primeiro *cuja*, o primeiro *do qual* e *de quem* exprime uma relação de pessoa; o segundo *cuja*, o segundo *do qual* e *de que*, uma relação de cousa. Alem disto, ha que fazer esta observação: *Cuja* não concorda, no primeiro caso, com *proprietario*, nem, no segundo, com *predio*, seus termos antecedentes; mas, em ambos, com a cousa possuida, isto é, *historia* e *capacidade*.

Todas as vezes que houver ambiguidade de sentido, por se poder referir *que* a outro substantivo que não seja o seu termo antecedente, é elle substituido por *o qual, a qual*, etc.: «A desobediencia dos israelitas ás ordens de Deus, *a qual* é materia continua das queixas de Moysés, etc.»

Neste exemplo, si, em logar de *a qual* estivesse *que*, haveria ambiguidade, porque podia referir-se tanto a *Deus* como a *desobediencia*.

É de effeito muito desagradavel, quer na prosa, quer no verso, porque torna a phrase enfadonha, a repetição frequente de *que*: «Esta vida *que* hontem foi, e amanhan não poderá ser, e *que* hoje vae passando, *que* é mais *que* uma flor *que* se murcha? *Que* é mais *que* uma luz *que* se apaga? E *que* é mais *que* uma sombra *que* foge? (CHAGAS).»

Para evitar esta repetição fastidiosa da palavra *que*, emprega-se ainda *o qual, a qual*, etc.: «Certas plantas *as quaes* nada teem que as distinga» por «Certas plantas *que* nada teem etc. Mas, todas as vezes que não ha equivoco ou repetição desagradavel, prefere-se geralmente o emprego da fórma invariavel *que*.

A necessidade de empregar com frequencia proposições qualificativas, para supprir a falta de participios presentes, ou antes para evitar o equivoco destes com o gerundio, é um dos principaes defeitos do portuguez: mas os grandes mestres da lingua procuram sempre encobri-lo, seja omit-

tindo, quando não são essenciaes, as circumstancias por taes proposições expressas; seja recorrendo, si é possivel, ao participio, sem confusão com o gerundio, para exprimi-las, e ainda a simples adjectivos verbaes; seja fazendo a ellipse do adjectivo conjunctivo *que*, sempre que o caso o permitte, ou a substituição delle por *o qual, a qual*, etc.

As fórmas *cujo*, *cuja*, etc., são muitas vezes precedidas de preposição; mas esta rege o substantivo que as segue, e que indica a cousa possuida: «Senhora eu vi Polinarda, neta do imperador Palmerim, *de* cuja *formosura* se fala tanto por extremo. (F. DE MORAES).» isto é «*da formosura* da qual etc.»

O adjectivo conjunctivo, complemento objectivo, tendo por antecedente um nome de pessoa, pode, como o substantivo, ser precedido da preposição *a*; importa porem, neste caso, que se use de *quem*, e não de *que*: «O homem *a quem* encontrou etc.»

Com a preposição *sem* deve se empregar *o qual, a qual*, etc. por amor da euphonia: «O amigo, *sem o qual* não posso viver.» As outras preposições tambem podem preceder as fórmas *o qual, a qual*, etc.; mas o uso geral as faz reger de preferencia a *quem*.

Quando o adjectivo conjunctivo está precedido do adjectivo *um*, modificado por um substantivo do plural regido da preposição *de*, cumpre ver si elle se refere ao adjectivo *um*, ou si ao substantivo do plural.

No primeiro caso, o verbo da proposição qualificativa vae para o singular, porque o adjectivo conjunctivo, seu sujeito, se refere a um nome do singular occulto, determinado pelo adjectivo *um*: «Foi esta **uma** de suas acções, **que** mais me *maravilhou*.» isto é «Foi esta **uma acção** de suas acções, **a qual acção** mais me *maravilhou*.»

No segundo caso, o verbo da proposição qualificativa vae para o plural, porque o adjectivo conjunctivo, seu sujeito, se refere ao substantivo do plural, complemento do adjectivo *um*: «O Vouga é um dos **rios** de Portugal **que** *entram* no mar. (LEÃO).» isto é «O Vouga é um dos **rios** de Portugal **os quaes rios** *entram* no mar.»

IV

Adjectivo interrogativo.

Quem? refere-se sempre a pessoas: «*Quem* vem lá?» «*Quem* és tu?» «*A quem* procuras?»

Quando complemento objectivo, como neste ultimo exemplo, pode se supprimir a preposição *a*, si não se der equivoco; é porém mais elegante emprega-la sempre.

Que? usado com o substantivo, seu termo subsequente, occulto, refere-se a cousas: «*Que* queres?» isto é «*Que cousa* ou *que cousas* queres?»; e com elle claro, tanto a pessoas como a cousas: «*Que homem* é este?» «*Que objectos* são esses?»

Qual? quaes? dizem-se tambem de pessoas e de cousas, quer esteja claro o substantivo a que se referem, quer não: «*Qual* foi *o inventor* dos relogios?» «Entre vós ha um *falsario*. *Qual* é?» «*Qual* é o seu *parecer*?» «*Quaes* eram as minhas?»

É comtudo preferivel o uso de *quem*, quando se trata de pessoas.

É obsoleto o emprego das fórmas *cujo? cuja? cujos? cujas?*: «*Cuja* é esta carta?"

Substituem-n-as *de quem?*, *de que?*, *de qual?*, *de quaes?*: "*De quem de que* ou *de qual pessoa* é esta carta?"

V

Adjectivo Numeral.

Os adjectivos numeraes cardeaes fazem o officio de substantivos:

1.º Quando usados como nomes dos algarismos significativos: «Este *dous* está mal feito.» «Os *oitos* deste numero estão quasi apagados?»

2.º Quando tomados como nomes de cartas de jogar: «O *quatro* de espadas.» «De trunfo só tenho o *dous*.»

Usa-se de *cem:*

1.° Si a quantidade por elle expressa, o é abstractamente: «*Cem.*»

2.° Seguindo-se-lhe um substantivo precedido ou não de adjectivo qualificativo: «*Cem* homens.» «*Cem* valorosos soldados.»

3.° Na composição dos adjectivos numeraes cardeaes, que decorrem de *cem mil* a *cem mil novecentos e noventa e nove*, ou se refiram a unidades, ou a contos de réis: «*Cem* mil e quatro soldados.» «*Cem* mil novecentos e oito contos de réis.»

Emprega-se *cento* na composição dos adjectivos numeraes cardeaes, que medeiam entre *cem* e *duzentos*, ou se trate de unidades, ou de milhares ou de milhões, etc.: «*Cento* e um a *cento* e noventa e nove.» «*Cento* e um mil a *cento* e noventa e nove mil.» «*Cento* e um milhão a *cento* e noventa e nove milhões.» etc.

Cento, tomado substantivamente, é collectivo: «Um *cento* de laranjas.» «Quatro *centos* de cebolas.»

Nos adjectivos numeraes cardeaes compostos, põe-se a conjuncção *e* entre os termos designativos das unidades, dezenas e centenas das classes de unidades simples, milhares, milhões, bilhões, etc., como se vê dos exemplos seguintes:

Exemplos de adjectivos numeraes cardeaes, constando de termos designativos de *unidades* e *dezenas* de algumas classes de unidades: «Setenta *e* duas unidades.» «Setenta *e* dous mil.» «Setenta *e* dous milhões.» «Setenta *e* dous bilhões.»

Exemplos de adjectivos numeraes cardeaes, constando de termos designativos de *unidades* e *centenas* de algumas classes de unidades: «Quatrocentas *e* oito unidades.» «Quatro centos *e* oito mil.» «Quatrocentos *e* oito milhões.» «Quatrocentos *e* oito bilhões.»

Exemplos de adjectivos numeraes cardeaes, constando de termos designativos de *dezenas* e *centenas* de algumas classes de unidades: «Trezentas *e* vinte unidades.» «Tre-

zentos *e* vinte mil.» «Trezentos *e* vinte milhões.» «Trezentos e vinte bilhões.»

Exemplos de adjectivos numeraes cardeaes, constando de termos designativos de *unidades*, *dezenas* e *centenas* de algumas classes de unidades: «Setecentas *e* quarenta *e* duas unidades.» «Setecentos *e* quarenta e dous mil.» «Setecentos *e* quarenta *e* dous milhões.» «Setecentos *e* quarenta *e* dous bilhões.»

Não se interpõe a conjuncção entre os grupos de tres termos designativos das unidades, dezenas e centenas, que constituem as diversas classes de unidades: «*Dous trilhões, duzentos e vinte e cinco bilhões, trezentos e trinta e quatro milhões, seiscentos e setenta e oito mil, novecentos e cincoenta e quatro unidades.*»

Dá-se o mesmo, quando não se faz menção de uma ou mais das classes de unidades, intermedias á primeira e á ultima; ou quando não se dá valor algum a uma ou duas das tres ordens consecutivas de cada uma dessas classes: «*Cincoenta e oito bilhões, novecentas e oitenta e sete unidades* (58,000,000,987).» «*Quarenta e sete trilhões, vinte e cinto bilhões, tres milhões, seiscentas mil, quatrocentas e cincoenta e nove unidades* (47,025,003,600,459).»

Todavia, quando, na primeira classe ou na classe de unidades simples, faltam, ou unidades e dezenas, ou dezenas e centenas, ou só centenas, faz-se necessaria a interposição da dita conjuncção, entre o termo ou termos que representam a primeira classe ou a classe de unidades simples e o termo ou termos que representam a classe immediatamente anterior: «Tres mil *e* quatrocentos (3,400).» «Oitenta e cinco mil *e* dous (85,002).» «Quatrocentos e oitenta e seis mil *e* quarenta e tres (486,043).»

Na computação chronologica por seculos, emprega-se o adjectivo numeral ordinal anteposto ou posposto ao nome, e o numeral cardinal só posposto: «No *decimo terceiro* seculo ou no seculo *decimo terceiro.*» «No seculo *quatorze.*»

Na computação dos dias do mez, usa-se de numeraes cardinaes: «A *onze* de Junho.» Exceptua-se o dia primeiro de cada mez: «*Primeiro* de Janeiro.»

Na enumeração dos reis e personagens celebres do mesmo nome, empregam-se os numeraes ordinaes até dez, e os cardinaes de dez em diante: «Pedro *quarto* (IV).» «Luiz *quatorze* (XIV).»

Os adjectivos numeraes ordinaes indicando simplesmente a ordem, antepõem-se ao nome: «O *primeiro* livro.»; pospõem-se-lhe porem, si indicam uma divisão: "O livro *primeiro*."

Vindo um adjectivo numeral cardinal junto a um ordinal, é indifferente a collocação delles; pode este ser posto antes daquelle, e vice-versa: "As *primeiras dez* casas desta rua pertencem-lhe ou As *dez primeiras* casas etc."

Fazem os cardinaes o officio de ordinaes, quando pospostos ao nome, com o qual entretanto deixam de concordar: "Leia-se á pagina *duzentos e dous*."

VI

Adjectivo Quantitativo.

Muito e *bastante* extendem indeterminadamente a significação do nome a grande quantidade de individuos ou de um todo: "*Muitos* são os infelizes." "Inspirar *muita* aversão" "Ha *bastante* gente." "Elle possue *bastante* dinheiro."

Pouco extende indeterminadamente a significação do nome a pequena quantidade de individuos ou de um todo: «*Poucos* são os felizes.» «Inspirar pouca sympathia.»

Muito, *bastante* e *pouco*, quando no plural, tornam-se partitivos, juntando-se-lhes os complementos *delles*, *dentre elles*, ou *outro analogo*: "*Delles* (dos soldados) *poucos* ficaram mortos; *muitos* ou *bastantes*, feridos."

Pouco tambem é partitivo, antepondo-se-lhe o artigo indefinido: "*Uns poucos* de homens."; e ainda, quando, posto depois de um adjectivo numeral cardinal, exprime o resto indeterminado de uma quantidade: "*Cento e poucos*."

Mais e *menos* fazem o nome significar quantidades de individuos, comparativamente maiores ou menores que as designadas por outro nome: «Ha *mais crimes* que *virtudes* ou menos *virtudes* que *crimes.*»

Tanto faz o nome exprimir uma quantidade indefinida, porem mais ou menos conhecida: «Pois lá havia *tanta gente* assim?!»

Quanto faz o nome exprimir uma quantidade indefinida, porem inteiramente desconhecida, que leva implicita a idéa de duvida: «*Quantos trabalhos*, *quantas lidas* não lhe tem custado este emprehendimento!»

Tanto em opposição a *quanto*, *que*, *como*, é adjectivo comparativo, "*Tantas* foram as sentenças, *quantas* as cabeças." isto é "*Tão grande* foi o *numero* das sentenças *como o* das cabeças." "Cesar ganhou tantas victorias *como* Alexandre." isto é "Cesar ganhou *tão grande numero* de victorias *como* Alexandre." "Era *tanta* a gente *que* mal se podia romper." isto é "Era *tão grande a quantidade* de gente que, etc.

Quanto em opposição a *tanto,* tambem é adjectivo comparativo: *Quantas* boas acções nos conta a historia, *tantos* exemplos nos dá."

Emprega-se ainda o adjectivo quantitativo *tanto* como partitivo, exprimindo uma quantidade approximada: "*Cincoenta e tantos.*"

Formam-se com *tanto* e os adjectivos *um*, *outro*, *algum*, *cada* os adjectivos partitivos compostos *um tanto, outro tanto*, *algum tanto, cada tanto.*

Quanto, em relação com o demonstrativo collectivo *todo*, *toda*, *tudo*, faz as vezes de adjectivo conjunctivo: "*Todos quantos predios* elle tem, herdou-os de seu irmão." isto é "*Todos os predios*, *que* ou *os quaes predios* elle tem, etc." "*Quanto* ha no céu e na terra, *tudo* Deus creou." isto é "*Tudo* ou *todas as cousas que* ou *as quaes cousas* ha, etc."

VII

Adjectivo Possessivo.

O adjectivo possessivo, uma vez expresso não deve ser repetido: «Grande foi *seu* contentamento e espanto,» e não «*seu* contentamento e *seu* espanto.»

Sendo o sujeito da proposição o possuidor, usar-se-á de *seu*, *sua*, *seus*, *suas:* «*Este pintor* quer vender *os seus quadros.*»; si não o for, cumpre que se empregue *delle*, *della*, *delles*, *dellas:* «O Sñr Castro viu o pintor e *os*

quadros delle.» Si se dissesse: «e *os seus quadros*», haveria ambiguidade.

Nosso e *vosso* tambem se empregam, como *nós* e *vós*, designando a primeira e a segunda pessoa do singular; por isso pode um prelado dizer: «A *nossos* veneraveis irmãos» por «a *meus* veneraveis irmãos»; e um escriptor, por modestia: «*Nossas* opiniões» em vez de «*minhas* opiniões.»

Não é indifferente a collocação do adjectivo possessivo, poisque ás vezes, anteposto ao nome, lhe dá uma significação; e, posposto, outra: «*Saudades tuas*» são as saudades que tenho de ti; e «*tuas saudades*», as que tens de outrem: «*Saudades minhas*» significa saudades de mim; e «*minhas saudades*», as que tenho de outra pessoa.

Casos ha ainda em que, posto depois do nome, junta-lhe a idéa de carinho ou predilecção: «Ó filho *meu!*» «Ó patria *minha!*» equivalem a «Ó *meu querido* filho!" «Ó *minha cara* patria!»

§ 4.º

Verbo.

SECÇÃO 1.ª

Haver e ter.

Não são synonymos os verbos auxiliares *haver* e *ter*, nos tempos do futuro, que se formam do presente do infinito impessoal, a elles ligado pela preposição *de*, e que exprimem uma acção começada na tenção, e por fazer na execução: **haver** designa *vontade, tenção, resolução espontanea*, como *hei de estudar;* **ter** denota *necessidade, dèver, obrigação*, como *tenho de estudar.*

Muitos grammaticos chamam o verbo *haver* de impessoal, quando empregado como nas phrases seguintes: «*Ha* homens extraordinarios.» «*Havia* iguarias.» «Si *houver* tempo, irei visita-lo.» É elle ao contrario o mesmo verbo *haver*, pessoal e transitivo, com a significação

de *ter* ou *possuir*, derivado de *habere*, que, em tal caso, é elegantemente usado no singular com o sujeito occulto, o qual facilmente se subentende pelo sentido, como se vê das mesmas phrases que em seguida se acham repetidas os sujeitos claros: «*Ha* homens extraordinarios, isto é, com **O mundo** *ha* ou *tem* homens extraordinarios.» «*Havia* iguarias, isto é, **A mesa** *havia* ou *tinha* iguarias.» «Si *houver* tempo, irei visita-lo, isto é, Si **eu** *houver* ou *tiver* tempo, irei visita-lo.»

Pelo processo da substituição, torna-se evidente a natureza do termo que, em phrases como as sobreditas, dizemos ser o complemento objectivo do verbo *haver*, e outros, o sujeito. Na maxima seguinte: "*Ha* **fanfarrões** de sciencia, como **os** *ha* de valor e nobreza.", o Marquez de Maricá não substituiu, na segunda proposição, o substantivo *fanfarrões* pelo caso recto *elles*, como devera, si fosse sujeito, mas sim pelo pronome *os*, que, neste caso, tem força de accusativo latino, e é por isso, como o substantivo a que se refere, complemento objectivo do verbo *ha*.

Ha uma construcção com o verbo *ter*, toda especial da lingua, que consiste em pedir elle, por complemento objectivo, uma proposição integrante infinitiva ligada pela conjuncção, *que*: «*Tenho* muito **que** fazer.» isto é «*Tenho* **que** *fazer muita cousa* ou *muitas cousas*.»

SECÇÃO 2.ª

Ser e estar.

Já ficou preceituado que só ha um verbo substantivo, o verbo *ser*, que entra, como elemento, em todos os verbos attributivos.

Pretendem alguns grammaticos que *estar* tambem o seja.

Si este fosse verbo substantivo, deveria, como aquelle, exprimir só e simplesmente a affirmação; mas tal se não dá, tanto que não pode ser substituido um pelo outro, sem se alterar o sentido da proposição.

Em "*Pedro é rico*," por exemplo, o sentido não é o mesmo que em «*Pedro está rico*.» Na primeira destas

orações, affirma-se simplesmente que a qualidade de *ser rico* é o attributo de *Pedro*, sem se colligir dahi que antes o não tivesse sido, idéa que se acha incluida na segunda, e que, para imprimir-se naquella, seria preciso recorrer a uma palavra ou a um complemento modificativo do attributo *rico*, e dizer: «*Pedro* é **actualmente** ou **no tempo presente** *rico.*» Addicionando entretanto o adverbio ou o complemento á oração «*Pedro está rico,*» nenhuma idéa de mais se lhe imprimirá.

Alem disto a oração «*Pedro está rico.*» pode ser cabalmente substituida por esta: «*Pedro enriqueceu.*»; a outra, não.

Do exposto, segue-se que o verbo *estar* não é verbo substantivo, ou que, a se-lo, tambem *enriqueceu* o é; o que ninguem ainda ousou sustentar.

Estar pois, que se resolve em *ser estante,* e vem do verbo latino *stare* (estar firme), já envolve em sua significação a idéa de *estada*, *estado*, *attitude* em certa maneira, ou a idéa de *existencia modal*, e já é por conseguinte o verbo substantivo combinado com o attributo, ou um verdadeiro verbo attributivo.

Casos ha em que o verbo substantivo, conforme sua significação, deve ser considerado attributivo, e até auxiliar.

E' attributivo:

1.° Quando significa *estar*: "Amanhan *serei* comvosco."

2.° Quando significa *existir*: "Eu sou o que *sou*." isto é "Eu sou aquelle que *existo*."

3.° Quando significa *succeder* ou *acontecer*: "Como *foi* isso?" isto é "Como *succedeu* ou *aconteceu* isso?"

4.° Quando tomado unipessoalmente: "*Era* alli que os meus amigos se reuniam."

E' auxiliar, quando, significando *ter*, se emprega com alguns verbos intransitivos: "**Era** *chegado* o momento." isto é "**Tinha** *chegado* o momento."

Emprega-se o verbo *ser*, si a qualidade expressa pelo attributo é inherente ou habitual no sujeito; e o verbo *estar*, si a qualidade expressa pelo subattributo, é nelle accidental ou transitoria. Exemplos: «Este homem *é* **doente**.» «Este homem *está* **doente**.» No primeiro exemplo, affirma-se de um homem que o seu estado de

saude é habitualmente mau ou cheio de achaques; no segundo, que o seu estado de saude, constantemente bom, acha-se hoje por casualidade alterado.

Nisto leva o portuguez, como o hespanhol e o italiano, que tambem possuem estas dous verbos, grande vantagem, não só ao francez que carece do verbo *estar*, e não pode por conseguinte fazer taes distincções, sem recorrer a circumloquios, para evitar equivocos, mas ainda ao mesmo latim, donde o tomou, e converteu em outro, mudando-lhe a significação.

Não é só o verbo *estar* que pede, alem do attributo nelle incluido, um adjectivo ou subattributo que exprime uma qualidade accidental ou transitoria do sujeito. Os verbos *andar*, *conservar-se*, *ficar*, *permanecer*, *existir*, *sentir-se* e outros mais teem a mesma propriedade: "Este homem *anda, conserva-se, fica, permanece, existe, sente-se* **doente**."

SECÇÃO 3.ª

Verbo adjectivo.

Nem sempre é o verbo adjectivo de uma só especie: pode o *verbo transitivo* ser ao mesmo tempo *relativo*, e tornar-se *intransitivo*, bem como converter-se o *intransitivo* em *transitivo* e *relativo*, e até o *relativo* em *transitivo*.

O *verbo transitivo* é ao mesmo tempo *relativo*, quando, alem do complemento directo ou objectivo, pede um termo de relação, ou um complemento indirecto ou terminativo: «Dei **um livro** *a Pedro.*» «Inclino-**me** *a seguir a profissão das armas.*» «Condoo-**me** *de ti.*»

O *verbo transitivo proprio* torna-se *intransitivo:*

1.º Quando, tomado absolutamente, não pede complemento directo ou objectivo: «Pedro *ama.*» isto é «*tem* ou *experimenta amor.*»

2.º Quando usado em sentido translato ou figurado: "Aquella dama já principia a *quebrar.*"

O *verbo intransitivo* converte-se em *transitivo:*

1.º Quando se lhe dá, por complemento directo ou objectivo, o substantivo cognato do verbo, acompanhado de um adjectivo qualificativo: «Antonio **vive** *vida feliz.*»

O substantivo cognato raras vezes apparece só na phrase: "Cantando *cantigas*. (C. DE ABREU)."
Ha exemplos deste uso com substantivos não identicos, mas apenas analogos na significação: "Chorar *lagrimas*." "Dormir *somnos*."

2.º Quando tomado em sentido figurado ou translato: «*Chorava* alli minhas maguas. (B. RIBEIRO).»

3.º Quando se resolve em objectivo o complemento circumstancial que o modifica: «Descer *o rio*.» em vez de «Descer *pelo rio*.» «Dormir *duas horas*.» em logar de «Dormir *por* ou *durante duas horas*.»

O *verbo intransitivo* passa a ser *relativo*, quando se dá um termo de relação á acção exercida pelo sujeito: «Tu morreste *para o mundo*.»

O *verbo relativo* assume o caracter de *transitivo*, convertendo-se em objectivo o seu complemento terminativo: «Creio *o que dizes*.» por «Creio *no que dizes*.» «Não consinto *isso*.» por «Não consinto *nisso*.»

SECÇÃO 4.ª

Tempos.

Os unicos tempos simples são o *presente*, o *passado* ou *preterito* e o *futuro*, que alguns grammaticos chamam primitivos: *amo*, presente; *amei*, passado ou preterito; *amarei*, futuro.

O *presente* é indivisivel; mas o *preterito* e o *futuro* admittem graus de perfeição em anterioridade e posterioridade. Dahi a necessidade de novas inflexões que exprimam esses graus, as quaes constituem os tempos compostos do verbo, quer na fórma, quer simplesmente no sentido.

Os tempos compostos na fórma são muito conhecidos.

Tempos compostos no sentido, só tem dous a lingua portugueza — o *preterito imperfeito* e o *preterito mais que perfeito* do indicativo: «Eu *ceava* ou *ceara*, quando elle entrou.» isto é «Eu *estava ceando* ou *tinha ceado*, quando etc.» Destes exemplos vê-se que esses dous tempos simples na apparencia são compostos no sentido, por

que são justamente equivalentes a dous tempos compostos.

Para dar realce e vivacidade ao estylo, emprega-se o presente do indicativo:

1.º Pelo preterito perfeito do indicativo: «E Jesus *toma*-o pela mão, e *leva*-o até a margem do lago.»

Este tempo que recebe neste caso o nome de *presente historico*, é um recurso litterario que produz effeito pittoresco á narrativa.

2.º Pelo futuro absoluto do indicativo: «*Vou* amanhan.»

Emprega-se o presente do indicativo pelo futuro absoluto do mesmo modo, quando a acção tem de effectuar-se em epoca proxima que quasi attinge o presente: "*Vou* logo."; quando a acção futura começa no momento em que se fala: "Elle *está* de volta dentro de quinze dias."; e quando é indeterminado o tempo em que se tenciona fazer a acção annunciada: "Logo que podér, *parto* para a França."

3.º Pelo imperfeito do subjunctivo: «Si *adivinho*, não caía nessa.»

4.º Pelo futuro do subjunctivo: «Si *falas*, arrependes-te.»

Por uso popular, emprega-se o imperfeito do indicativo em logar do futuro do condicional: «*Procedias* bem, si saisses um pouco.»

Para dar mais intimativa ao dizer, usa-se, ao confirmar uma ordem, ou ao concluir um discurso, do preterito perfeito composto do indicativo, em vez do preterito perfeito do mesmo modo: «*Tenho dito.*» «*Tenho concluido.*»

Nas proposições dubitativas, emprega-se algumas vezes:

1.º O futuro absoluto do indicativo pelo presente: «Quantos não *estarão* hoje sem pão!»

2.º O futuro perfeito composto do indicativo pelo preterito perfeito do mesmo modo: «Quantos não *terão* já *commettido* as mesmas faltas que actualmente condemnam?»

Nos escriptos do seculo 16.º, empregava-se ás vezes o imperfeito do indicativo pelo presente: "Os dias vivo

chorando; as noutes mal as *dormia*. (B. Ribeiro)." isto é "mal as *durmo*."

As fórmas do futuro do imperativo, que possue apenas as das segundas pessoas, só se usam em phrases affirmativas.

Com o presente do subjunctivo, supprem-se, nas phrases affirmativas, as fórmas que faltam ao imperativo na primeira pessoa do plural, e na terceira tanto do singular como do plural, e constroem-se todas as phrases imperativo-negativas: "*Partamos*, *parta*, *partam*." «*Não faças*, *não faça*, *não façamos*, *não façaes*, *não facam*.»

§ 5.º

Palavras Invariaveis.

SECÇÃO 1.ª

Preposição.

A preposição, por si só, exprime uma simples relação de nexo, isto é, liga simplesmente complementos ao sujeito ou ao attributo incluido ou não no verbo.

A relação de subordinação só fica definida ou determinada pelos dous termos, o antecedente e o consequente, entre os quaes se põe a preposição, servindo-lhes de liame, isto é, pelo complemento e pelo termo, — sujeito ou attributo — que o pede, ou que elle modifica.

Si o termo antecedente é um substantivo appellativo, e o termo consequente, um nome, pronome, parte da oração substantivada, oração, regidos da preposição *de*, que lhe restringem a significação vaga, a relação por taes termos determinada, diz-se *restrictiva*.

A relação restrictiva exprime principalmente a propriedade ou a possessão e o fim ou o objecto: "*O dono* **da casa** nos recebeu muito bem." "*A cultura* **da intelligencia** melhora o homem."

Si o termo antecedente é o verbo transitivo, e o termo consequente ou o termo por elle pedido, um nome,

pronome, parte, da oração substantivada ou oração, que representa o objecto sobre que recae a acção do sujeito, a relação por taes termos determinada, diz-se *objectiva:* "*Tens feito* **profundo estudo da lingua vernacula.**" "Elle **se** *esmera* em todo o genero de pinturas que emprehende." "Tu **te** *revês* na tua imagem, como um Narciso."

Si o termo antecedente é um appellativo, adjectivo ou verbo de significação relativa, e o termo consequente ou o termo por elle rigorosamente pedido, um nome, pronome, parte da oração substantivada, oração, quasi sempre regidos de preposição, a relação por taes termos determinada, diz-se *terminativa*: "*O amor* **ao estudo** é feliz disposição para aprender." "Alexandre foi *amante* **da gloria das armas.**" "*Acudiu* **ao seu chamado.**"

Si o termo antecedente é um adjectivo ou um verbo attributivo, e o termo consequente ou o termo que o modifica, e que lhe accrescenta uma circumstancia, um nome, pronome, parte da oração substantivada, oração, sempre regidos de preposição, a relação por taes termos determinada, diz-se *circumstancial.*

Eis as principaes circumstancias, e as preposições que ligam os complementos que as exprimem:

Causa — "Estava morrendo **a** *pura sêde.*" "Nunca mais logrou saude **com** *a grande perda de sangue que soffreu.*" "Parecia querer estalar **de** *dor.*" "Combatia **pela** *patria.*" "Está contente, **por** *ter feito bom negocio.*"

Companhia — "Saiu **com** *elle* de casa."

Conformidade — "Conformou-se **com** *o meu parecer.*" "Obrou **segundo** ou **conforme** *a lei.*"

Distancia — "Anoutecendo aqui, ao outro dia amanhecem dahi **a** *dez* ou *quinze leguas.* (Barros)" "**Desde** *Minas* **até** *o Rio*, o terreno é muito accidentado." "Este sitio dista de Roma *sete leguas*, isto é, **até** *sete leguas* ou **cerca de** *sete leguas.*"

Espaço — "Ia tão debilitado de forças que descansava **de** *espaço* **a** *espaço.*" "Collocou as balizas **com** *in-*

tervallos razoaveis." "Andou *longo tracto de caminho*, isto é, **por** *longo tracto de caminho.*"

Exclusão — "**A' excepção do** *commandante*, todos os officiaes assistiram ao cortejo." "Tudo é vaidade, **excepto** *amar e servir a Deus.*" "Foram todos passear, **menos** *o dono de casa.*" "É um homem **sem** *instrucção.*"

Fim — "Saiu **a** *passear.*" "Partiu **com** *o proposito de nunca mais voltar.*" "Falou **no** *intuito de convencer-nos*, mas não o conseguiu." "Levantou-se, **para** *orar*".

Instrumento — "Mas elle emfim com causa deshonrado diante della **a** *ferro frio* morre. (CAMÕES)" "Cortou-se **com** *a faca.*" "Feriu-se **num** *espinho.*" "Caiu varado **pela** *lança.*"

Logar onde — "Estar **á** *porta.*" "O réu occupava o centro do tribunal **ante** *o juiz.*" "Escondeu-se **debaixo da** *escada.*" "Pozeram o chapéu **dentro da** *caixa.*" "Morreu **em** *Lisboa.*" "Os Pyreneus estão **entre** *a França e a Hespanha.*" "Fica **junto ao** *mar.*" "Collocou-o **sob** *a mesa.*" "Está **sobre** *a terra.*"

Logar donde — "Partiu **de** *Portugal.*"

Logar aonde — "Vem **ao** *Brazil.*" "Foi **até** *a cidade.*"

Logar para onde — "Irá **para** *o Rio de Janeiro.*"

Logar por onde — "Passou **pela** *porta.*"

Logar virtual — "Saiu **do** *assumpto*, fazendo uma digressão."

Materia — "Esta capa é bordada **a** *ouro.*" "Construiu o muro **com** *pedra ensossa.*" "Annel **de** *prata.*" isto é "*feito* **de** *prata.*"

Materia virtual — "Discorreu **sobre** *moral*, mas não falou **nos** *deveres do homem para comsigo mesmo*, **de** *que* não teve tempo de tratar."

Medida — "Elevou o muro **a** *duas toezas.*" "Profundou o poço *sete braças*, isto é, **até** *sete braças.*" "Subiu com o edificio *uns vinte palmos*, isto é, **cerca de** *uns vinte palmos.*" "O fosso é **de** *quatro metros de largura.*" "Poz a parede da frente **em** *vinte pés de alto.*"

Meio — "**Pelo** *teu intermedio*, se fará tudo." "Soube **por** *meu irmão* do que se passou."

Modo — "Veste-se **á** *moda antiga* ou simplesmente **á** *antiga.*" "Leio **com** *cuidado.*" "Cobriu-se toda **de** *dó.*" "O mar rebentava **em** *flor* na costa." "Veio **por** *intendente.*"

Opposição — «O marinheiro mettido em quatro taboas, se atreve, não só **com** *os ventos e tempestades*, mas **com** *os elementos.*» «Alarico marchou **contra** *Roma.*» «Ir **sobre** *alguem.*» «Crescer **sobre** ou **para** *alguem.*»

Ordem — «Estava **antes de** *ti* na ordem hierarchica.» «**Após** *o bispo* seguia-se o deão.» «Vinha **atrás de** *mim* na procissão.» «Chegou **depois d***elle.*» «Ficava **diante de** *nós.*»

Origem — «Isto nos vem **de** *Deus.*»

Preço — «Comprou tudo **a** *peso de ouro.*» «Pagou tudo **com** *vinte mil réis.*» «Cedeu-me as fazendas **pelo** *custo.*» «Isocrates vendeu uma oração **por** *vinte talentos.*»

Quantidade — «Está fundeada no porto uma esquadra **de** *trinta vasos.*» isto é «*composta* ou *constando* **de** *trinta vasos.*»

Tempo anterior — «Tomou o grau de doutor **a** *15 de Abril.*» «Partiu hontem **de** *manhan.*» «Estou sobre mim **desde** *os meus quinze annos.*» «Morreu **durante** *o ultimo inverno.*» «Chegou *o anno passado*, isto é, **em** *o anno passado.*» «Veio **pela** *paschoa.*» «Viveu *longo tempo*, isto é, **por** *longo tempo.*» «Deu-se o facto **sob** *os consules.*» «Passeava **sobre** *a tarde.*»

Tempo actual — «Só agora **ás** *dez horas da manhan*, posso sair de casa.» «Vivo recluso **de** *dia*, todo entregue ao trabalho da escripta.» «Estou estudando **n***este momento.*»

Tempo posterior — «Irei ver-te **no** *anno seguinte.*» «Guardar pão **para** *Maio* e lenha **para** *Abril.*»

Tempo virtual — «**Nas** *conjuncturas arriscadas*, é que se conhece o grande politico.»

Não devem ser regidas da mesma preposição palavras que demandam preposições differentes; pelo que são

correctas estas phrases: «Util e agradavel **a** *todos.*» «Nasceu e foi educado **em** *Pariz.*»; não assim: «Affavel e querido **de** *seus amigos.*», porque *affavel* e *querido* exigem preposições differentes. Para se escoimar esta phrase de tal sinão, dir-se-á: «Affavel **com** *seus amigos* e querido **d***elles.*»

Não se repetem geralmente as preposições cujos regimens são palavras que teem quasi o mesmo sentido: «Viver **na** *molleza* e *ociosidade.*» «Encanta a todos **com** *a sua bondade* e *doçura.*» «Elle deve a vida **á** *clemencia* e *magnanimidade* do vencedor.» «Encontram-se os mesmos preconceitos **na** *Europa*, *Asia*, *Africa* e até **na** *America.*»

Mas, si os regimens teem sentido opposto, ou são de categoria differente, é preciso repetir a preposição: «**Na** *cidade* e **no** *campo.*» «Cumpri os vossos deveres **para com** *Deus*, **para com** *vossos paes* e **para com** *a patria.*»

Si bem sejam positivas estas regras, podem comtudo ser infringidas, quando o exigir a harmonia ou outra qualquer necessidade do estylo.

Uma preposição nunca deve ser empregada na mesma phrase com accepções differentes. São por isso reprovadas phrases, como estas: «**Sobre** *a tarde* iamos á casa delle discorrer **sobre** *a immortalidade* da alma.» «Comecei **por** *provar-lhe* **por** *todos os meios.*» É mister, neste caso, substituir uma das preposições por outra equivalente, ou dar outro torneio á phrase: «**Sobre** *a tarde* iamos á casa delle discorrer **á cerca da** *immortalidade* da alma.» «Comecei **por** *provar-lhe empregando todos os meios.*» ou «Comecei *provando-lhe* **por** *todos os meios.*»

SECÇÃO 2.ª

Adverbio.

São correlatos de *tão* e *tanto* o adverbio *quanto* e a conjuncção *como:* «Seria mais feliz, si fosse *tão* prudente

quanto é atrevido.» «*Tão* formosa *como* ingrata.» «Eu vos ajudarei *tanto quanto* podér.» «Trabalhamos *tanto como* vós.»

Todavia, estando occulto o verbo do segundo termo da comparação, ou collocado depois do attributo desse mesmo termo que é sempre uma proposição integrante subjunctiva, pode *quão* ser tambem correlato de *tão:* «Si fosse *tão* prudente *quão* atrevido ou *quão* atrevido *é.*»

Ás vezes costuma-se a supprimir o adverbio *tanto* no primeiro termo da comparação: «Isso é verdade *quanto* pode ser.» isto é «*tanto quanto* pode ser.»

Tambem se empregam *tanto* e *quanto* antes dos comparativos *maior*, *melhor*, *peior*, e dos adverbios *mais*, *menos*: «*Tanto* peior.» «*Quanto* peior, melhor.» «*Quanto* mais.» «*Tanto* menos.»

Diz-se *primeiro* ou *primeiramente*, *segundo*, *terceiro* ou *em segundo logar*, *em terceiro logar*, etc.; não se pode porem dizer *segundamente*, *terceiramente*, etc., porque dos adjectivos numeraes ordinaes só o adjectivo *primeiro* permitte que se lhe junte o suffixo *mente.*

Achando-se ligados por uma conjuncção dous ou mais adverbios compostos de um adjectivo e do substantivo *mente*, é de rigor na lingua portugueza a ellipse desse substantivo no primeiro ou primeiros desses adverbios: «Exprimiu-se *sabia* e *eloquentemente.*», em logar de «Exprimiu-se *sabiamente* e *eloquentemente.*»

Emprega-se comtudo a fórma completa de todos elles, si se quer encarecer ou tornar emphatica a idéa que exprimem: «Vivamos neste mundo *sabiamente*, *piamente* e *justamente.* (VIEIRA).»

Conta a lingua portugueza grande numero de adverbios em *mente*, os quaes exprimem em sua maior parte a circumstancia de modo; mas nem todos os adjectivos se prestam á formação delles. Diz-se, por exemplo, *sobriamente*, *plenamente*, *novamente;* e não, *ebriamente*, *cheiamente*, *velhamente.*

Certos adverbios são susceptiveis de tomar a fórma diminutiva: *pertinho*, *mansinho.* Cumpre entretanto observar que estes diminutivos que attenuam realmente a significação de muitos adverbios, augmentam a de outros: "*pertinho* quer dizer *bem perto; de vagarzinho*, *bem devagar.*"

Empregam-se com muita frequencia adverbios ou locuções adverbiaes latinas, como *interim*, *gratis*, *maximè*, *a priori*, *ex professo*; e bem assim algumas outras expressões tambem latinas, que, sem ser adverbios em latim, tomam tal caracter, passando para nossa lingua. Eis algumas dellas: *ipso facto*, *currente calamo*, *vice-versa*, *por fas e por nefas*, *de proprio motu*.

São sempre negativas as phrases cujos verbos estão modificados pelos adverbios *jamais*, *nunca*; mas, sendo estes adverbios collocados antes do verbo, independe este do adverbio *não*: «*Jamais* descanso.» «*Nunca* fui á Europa.»; não assim, sendo-o depois: *Não* descanso *jamais*.» «*Não* fui *nunca* á Europa.»

E' frequente o emprego dos adverbios *jamais*, *nunca*, um pelo outro, si bem não seja exactamente a mesma sua significação. Nesta phrase; "Prometto *jamais* ou *nunca* vos deixar.", *nunca* é expressão mais propria. Já em "E' o melhor homem que *jamais* ou *nunca* vi.", *jamais* é o que melhor convem.

Nunca deve ser empregado sobretudo nas phrases positivas: "*Nunca* pude convence-lo."; *jamais* é preferivel nas proposições interrogativas, ou naquellas cujo sentido é duvidoso: "Que homem de juizo se agastou *jamais* sem causa?" "Duvido que tal promessa *jamais* se realise."

Aqui é mais preciso, e emprega-se, quando se quer indicar o logar em que está a pessoa que fala: «Moro *aqui*.» «*Aqui* se reuniam os amigos.»; *cá* é mais vago: «Venha *cá*.» «*Cá* esteve, mas não o vi.»

Para dar mais força ou precisão á phrase, ou para distinguir mais particularmente o sujeito, pospõe-se o adverbio *cá* aos pronomes da primeira pessoa, e o adverbio *lá* aos das outras: «Eu *cá*, nós *cá*, tu *lá*, elle ou ella *lá*, vós *lá*, elles ou ellas *lá*.» Tambem se põem antes algumas vezes, mas raramente: "*Cá* eu, *cá* nós."

Estes adverbios podem tambem preceder o substantivo: "*Cá* o Torquato não pensa assim." "*Cá* o amigo lhe dirá."

Algumas vezes estes adverbios collocados depois dos pronomes, dão á phrase um sentido particular, equivalente de uma reticencia: "Eu *cá* sei." "Elles *lá* sabem." Outras vezes imprimem-lhe sentido interrogativo: "Eu *cá* sei?" "Elle *lá* sabe?" Estas differentes significações dependem muito da intonação da voz, com que é a phrase pronunciada.

Os abverbios *melhor*, *peior* modificam só a verbos: "Entendeu-o *melhor* que todos.» «Fizestes mal; porem quem vos aconselhou, fez *peior*. (VIEIRA).»

A idéa expressa por taes adverbios, designa-se pelas locuções adverbiaes *mais bem*, *mais mal*, si o termo modificado é um participio preterito: «Esta fortaleza está *mais bem* provida de munições.», e não «*melhor* provida etc.» «Pode haver resolução *mais mal* entendida que lançar a pique o navio? (VIEIRA).», e não «*peior* entendida etc.»

Alguns adverbios conservam o sentido relativo dos adjectivos de que se formam: «Traçar uma recta parallelamente *a outra*» Neste exemplo, *parallelamente* pede um termo regido da preposição *a*, porque o adjectivo *parallelo* tambem o pede.

Hoje dá-se isto mais com adverbios de modo.

Onde indica o logar em que se está, ou faz alguma cousa; *aonde*, o logar a que se vae, com animo de parar pouco tempo; *para onde* o logar para que se vae, com tenção de ficar ou demorar; *donde*, o logar de que se sae ou vem; *por onde*. o logar por que se vae, segue ou parte: "Napoles, *para onde* vou, e *onde* ficarei todo o anno." "Lisboa, *aonde* me dirijo, e *donde* parto para Londres." "Madrid, *por onde* passarei na minha viagem a Pariz."

São incorrectas as phrases, como as seguintes, em que empregam *onde* por *aonde* e *para onde*, *aonde* e *donde* por *onde*: "*Onde* vaes?" por "*Aonde* vaes?" "*Onde* levas tuas aguas, Tejo aurifero? (GARRETT)." por "*Para onde* levas, etc." "*Aonde* estou?" por "*Onde* estou?" "Não tinha parte *donde* se deitasse. (CAMÕES)." por "Não tinha parte *onde* etc."

Adonde foi usado por alguns classicos em logar de *onde*: "Esse ar immenso, *adonde* naufragando estão continuamente os meus sentidos. (CAMÕES)." Tal emprego é actualmente considerado o cumulo da incorrecção.

Antepõe-se o adverbio:

1.° Ao adjectivo qualificativo, ou termos a elle equivalentes: "Este homem é *muito* sabio." "É *bastante* tarde."

2.º Ao participio preterito nas phrases passivas: "Serás *dignamente recompensado.*"

3.º Ao subattributo: "Sairam dalli *inteiramente desenganados.*"

Pospõe-se o adverbio:

1.º Ao verbo, quer seja a sua fórma simples, quer composta: "Come *bem.*» «Tem trabalhado *pessimamente.*» "Teve de deliberar *prudentemente.*"

Mas, para dar ao discurso emphase ou energia, pode começar a phrase pelo adverbio: "*Muito* mente aquelle sujeito." "*Bem* vejo que não se engana." Nisto porem o melhor guia é o uso.

Ha duas especies de negação:—a *negação simples* e a *negação intensiva* ou *reforçada.*

Negação simples é a que se faz com auxilio de uma só palavra de sentido negativo: «*Não* quero.»

Na maior parte dos Estados do Brazil, a negativa *não* duplica-se, tomando o caracter intensivo: "*Não* quero, *não.*"

Nem sempre é negativo o adverbio *não.* Emprega-se muitas vezes, com o fim de reforçar a expressão: "Quantos a esta hora *não* estão mortos!"

Negação intensiva ou *reforçada* é a que se faz, empregando duas ou mais palavras de sentido negativo.

Divide-se em *similar* e *dissimilar.*

Negação similar é a que se faz, repetindo a mesma palavra negativa: «Dona, vá-se embora, que eu *não* solto, *não.* (SYLVIO ROMERO — *Cant. pop. do Brazil).*» «*Nem* de vós, *nem* de Deus, *nem* d'al. (CANC. VAT.)» «*Nada,* minha senhora, *nada.* (ANTONIO JOSÉ).»

Negação dissimilar é a que se faz por meio de palavras negativas de natureza e sentido inteiramente diversos: «*Nem* as cabras *não* as vi. (GIL VIC.)» «*Não* são menos *nem* são mais. (IDEM).» «*Não* aceitamos *nada.*» «*Não* vimos *nenhum.*» «*Não* julgue *ninguem.*»

A negação dissimilar tambem se faz com o auxilio de equivalentes adverbiaes de sentido negativo. Os equivalentes adverbiaes são *jamais, nunca:* «*Não* descanso

jamais.» «*Nunca* me tolhe *ninguem*. (GIL VIC.)» «*Nunca jamais* quiz casar. (GARCIA DE REZ.)»

Tem-se reduzido muito o numero de fórmas de negação dissimilar, empregadas pelos classicos.

Ha ainda a *negação metaphorica* que se faz com o auxilio de certas palavras do fundo e cabedal da lingua: «*Não* ver *boia.*» «Um que *não* tem *ceitil*. (GIL VIC.)» «*Não* tem *nem cheta*. (CASTILHO).» «*Não* soubesse tres *dedos* de latim. (F. DE MORAES).» «*Não* vê *pataca.*» «A antiguidade *não* sabia *patavina*. (CASTILHO).» «De louça *nem* um *pires.*» «*Não* vi *rasto.*» «Que de si *nem signal* deixe. (F. ELYSIO).» «*Não* ha *nem sombra.*»

Ás vezes é duplo o emprego de negativas metaphoricas: «*Não* herdo *eira nem beira*. (G. VIC.)» «Pois *não* é *carne nem peixe*. (IDEM).» «*Nem chique, nem mique, nem nada*. (IDEM).»

Quando todas as proposições do periodo são negativas, diz-se que ha *negação seriaria, periodica* ou *cumulativa*.

Tambem se exprime a negação pela preposição *sem*: "*Sem* tirar *nem* pôr." "*Sem* tom *nem* som."

SECÇÃO 3.ª

Conjuncção.

Quando a conjuncção *e* liga dous ou mais termos, conserva-se clara só no ultimo: "A ingratidão perverte o juizo, perturba a razão, cega o entendimento *e* corrompe a vontade (H. PINTO)."

Ao envez disso, é conservada clara em todos, si se quer encarecer a idéa que exprimem: "Remo para elle, chego; pego-lhe no braço; *e* o recolho, *e* o enxugo, *e* o aqueço, *e* o agasalho no meu collo. (A. RIBEIRO DOS SANTOS).»

Constituindo os termos, de que é liame, uma gradação, deverá ser supprimida antes de todos elles: «*As*

cidades, *os campos*, *os valles*, *os montes*, tudo era mar. (VIEIRA).»

No estylo biblico ou poetico, é muito commum o emprego della no começo dos periodos: «*E* estando Jesus olhando, viu os ricos que lançavam as suas offerendas no gazophylacio. *E* viu tambem uma pobrezinha viuva que lançava duas pequenas moedas. *E* disse: «Na verdade vos digo que esta pobre viuva lançou mais que todos os outros. (EVANG. DE S. LUCAS).»

Nem é copulativa e disjunctiva.

Sendo copulativa, equivale a *e não:* «Disse-lhe eu a verdade, *nem* outra cousa lhe podia dizer.» isto é «*e não* lhe podia dizer outra cousa.» «Não trabalham, *nem* deixam trabalhar.» isto é «Não trabalham, *e não* deixam trabalhar.»

Não é curial o uso de se antepor a conjuncção *e* a *nem*, por já a conter em sua significação.

Quando disjunctiva, deve vir expressa no principio dos termos que liga: «*Nem* come, *nem* bebe.»

Acha-se comtudo occulta algumas vezes: "Logo lhe pareceu cavalleiro, ainda que armas *nem* cavallo trouxesse." isto é "ainda que *nem* armas *nem* cavallo trouxesse."

Ás vezes é expressão emphatica: "De tantos que eram, *nem* um só escapou." isto é "*não* escapou um só."

Apezar de sua significação negativa, é empregada por alguns autores pela conjuncção *e:* «Por ventura a necessidade será lá tamanha, *nem* a esmola tão bem empregada?» isto é «*e* a esmola etc.»

Equivale ainda: 1.º a *nem mesmo*: «*Nem* de graça me serve.» isto é «*Nem mesmo* de graça me serve.»; 2.º a *como si*: «Foges de mim, *nem que* eu fosse teu inimigo.» isto é «*Como si* eu fosse etc.»; 3.º a *quando mesmo*: «*Nem que* elle se deite de joelhos.» isto é «*Quando mesmo* elle se deite etc.» 4.º a *sem:* «*Sem* fructos *nem* flores.» isto é «*Sem* fructos e *sem* flores.»

Não se deve confuntir *tambem* com *tão bem.* A primeira expressão é conjuncção copulativa prepositiva e

pospositiva; a segunda, locução adverbial: "*Tambem* eu não gosto nada disto, senhora Brizida. (R. DA SILVA)." "De Egas Moniz a lealdade e honra aqui *tambem* refere. (GARRETT)." "Elle é *tão bem* educado como tu."

Mas e *porem* são adversativas. Esta porem é prepositiva e pospositiva; e aquella, só prepositiva: "Estava tudo em ordem, *porem* notamos, ou notamos *porem* que etc." "Elle quer, *mas* eu não quero."

Si a primeira proposição for negativa, e a segunda affirmativa, poder-se-á usar de *sinão* em logar de *mas*: "Não se deve julgar o homem por uma só acção, *sinão* por muitas."

Pois é continuativa, conclusiva ou causal. Quando continuativa ou causal, é prepositiva: "Qual é mais antigo no mundo, o conselho ou o papel? *Pois* assim como naquelle tempo se faziam os conselhos sem papel, porque se não poderão fazer agora? (VIEIRA)." "*Pois* choraste, meu filho não és! (G. DIAS)."; quando conclusiva, é pospositiva: "Ora *pois* socega, e não chores. (A. HERCULANO)." Comtudo antepõe-se ás vezes, como conclusiva, a phrases interrogativas: "Eu creio que o Sñr. me chamou. *Pois* não chamou? (CASTILHO)."

Que, a conjuncção por excellencia, pois representa varias particulas latinas, como *ut*, *ne*, *quin*, *quominus*, *quod*, *quid*, e entra na composição de muitas locuções conjunctivas, como *antes que*, *com tanto que*, *ainda que*, *poisque*, *paraque*, *á medida que*, se emprega muitas vezes com a significação de *porque*: "Eu o affirmo, *que* estou certo disso." isto é "*porque* estou etc."

Quando se succedem proposições integrantes ligadas pela conjuncção subjunctiva *que*, é facultativo conserva-la expressa só na primeira dellas ou em todas: "Supponho *que* irá á Europa, e frequentará uma de suas faculdades." ou "Supponho *que* irá á Europa e *que* frequentará etc."

Dá-se o mesmo com o adjectivo conjunctivo, quando são successivas as proposições qualificativas: "Este homem *que* vejo, e ouço." ou "Este homem *que* vejo, e *que* ouço."

Sendo a primeira proposição affirmativa, e a segunda negativa ou vice-versa, é preferivel exprimir a conjuncção *que*: "Parece-me *que* elle acha a casa pequena, e *que* por isso não a quer comprar." "Disseram-me *que* elle não está contente com a compra dos terrenos, e *que* por essa razão os quer revender."

Tambem se supprime por elegancia a conjuncção subjunctiva *que*, mesmo na primeira phrase: "Estimarei faça boa viagem." isto é "Estimarei *que* faça etc." "Peço-te vás falar-lhe." isto é "Peço-te *que* vás etc."

Em certas phrases vulgares, como "Dá-lhe *que* dá-lhe." "Meche *que* meche." "Zumba *que* zumba.", e nalguns proverbios, como "Medo guarda a vinha *que* não vinhateiro.", a conjuncção *que* é copulativa, e significa *e*.

Porque é usado algumas vezes por *paraque*: "Ao rei presentes mando, *porque* a boa vontade que mostrava, tenha firme. (CAMÕES)." isto é "*paraque* a boa vontade etc."

É preciso não confundir as conjuncções *porque*, *paraque* com o adjectivo conjunctivo *que* regido das preposições *por* e *para*. Aquellas devem-se escrever com os seus elementos ligados; e este, separado das ditas preposições: "Os vexames *por que* tenho passado." "A cidade *para que* vaes."

O emprego pleonastico de duas conjuncções, quando o sentido do texto só demanda uma dellas, si bem fosse observado por escriptores, já antigos, já modernos, acha-se actualmente proscripto pelos que mais castiçamente escrevem nossa lingua. Eis as conjuncções que mais frequentemente se encontram juntas nalguns classicos: *mas porem*, *mas comtudo*, *e porem*, *e mas*, *e comtudo*, *e nem*.

SECÇÃO 4.ª

Interjeição.

A interjeição enunciando syntheticamente um juizo, ou sendo uma verdadeira proposição implicita, não dá logar a regra alguma especial de syntaxe.

Todavia, quanto ao seu uso, ha que notar o seguinte:

1.º A maior parte das interjeições se junta aos nomes em segunda pessoa ou vocativo, ainda que não venham acompanhados da interjeição *ó*: «**Ah!** *dotes naturaes*, não vos entende quem etc. (LOBO).» «**Ora sus**, *gente forte*, etc. (CAMÕES).»

2.º Algumas veem ás vezes acompanhadas do adjectivo exclamativo *que* ou de *quão* e *quanto*: «**Oh** *que* entremezes da fortuna! (VIEIRA).»

3.º É especial da interjeição *ai* ser seguida de um complemento regido da preposição *de*: "**Ai** *de mim!*" "**Ai** *dos vencidos!*"

4.º Tambem é proprio da interjeição *oxalá* levar o verbo ao conjunctivo: "**Oxalá** *fossem* meus votos ouvidos!"

5.º Quando está o vocativo no principio da phrase e antes do verbo, costuma-se a exprimir a interjeição *ó*: «**Ó** *Pedro*, vem cá.»; si porem si acha no meio da phrase e depois do verbo, supprime-se muitas vezes: «Vem cá, *Pedro*.»

São interjeições diversas — *ó* e *oh*: a primeira é vocativa, isto é, serve para evocar ou chamar: "Ó *morte*, este misero soccorre."; a segunda denota admiração e outros affectos: "Oh que tragedias do mundo! (VIEIRA)."

TITULO SEGUNDO.

SYNTAXE DE PROPOSIÇÕES.

A *syntaxe de proposições* trata das proposições relacionadas entre si, formando o periodo composto.

Periodo composto é o sentido perfeito e absoluto, que consta de mais de uma proposição. Exemplo: "Deus creou o mundo em seis dias, e descansou no setimo."

Assim como as palavras se ligam e combinam entre si, para formar a proposição ou o enunciado do juizo, sem o qual não pode haver linguagem; assim tambem as proposições se ligam e combinam entre si, para formar o periodo composto ou o enunciado do raciocinio, que é em ultima analyse um sentido absoluto que se liga pelo seu turno a outros sentidos, para formar o discurso seguido.

As proposições que formam o periodo composto, ou são grammaticalmente independentes umas das outras, e se acham por isso em simples relação de nexo; ou estão em relação de dependencia syntactica umas para com outras.

Dahi a divisão das proposições em *absolutas* e *subordinadas*.

CAPITULO I.

Proposições absolutas ou proposições consideradas sob a relação de nexo.

Proposição absoluta é a que constitue, por si só, periodo simples, ou não depende de outra em sua construcção; tem o seu verbo no indicativo, imperativo ou condicional.

As *proposições absolutas* subdividem-se em *principaes* e *approximadas*.

Absoluta principal é a absoluta a que se approximam, ou de que dependem todas as outras do periodo composto.

Exemplo do periodo, composto de absolutas: "Ninguem foi, ninguem sabe, e todos viram. (G. Dias)."

A primeira proposição deste periodo diz-se principal, só porque pela ordem analytica occupa o primeiro logar.

Esta especie de periodo tambem é chamada *proposição composta por approximação.*

Exemplo do periodo composto de uma absoluta, modificada por subordinadas: "Soprando vento favoravel, *largou o navio do porto*, para seguir a derrota que lhe estava designada."

Dão ainda a esta especie de periodo a denominação de *proposição complexa* ou *composta por subordinação.*

Absoluta approximada é a absoluta, que, ou só, ou acompanhada de subordinadas, se liga á principal sem modifica-la.

Chamam-n-a tambem *coordenada*. Rejeitamos esta denominação, porque *coordenação* é toda collocação de termos, feita por virtude de uma regra qualquer de syntaxe. Isto posto, como se designa uma dada collocação de termos por uma expressão que convem a todas?

Ha duas especies de proposições absolutas approximadas:

1.ª Proposição absoluta approximada syndetica;

2.ª Proposição absoluta approximada asyndetica.

Proposição absoluta approximada syndetica é a que se liga á principal por uma conjuncção de approximação ou da primeira classe. Exemplos: "A morte é desgraça commum á humanidade, **pois** *todo o homem deve morrer*, **logo** *todo o homem é desgraçado.*"

Praposição absoluta approximada asyndetica, tambem chamada *collateral*, é a que se liga á principal por *juxtaposição*, ou sendo simplesmente collocada ao lado de outra. Exemplos: "O tempo voa; *as suas mudanças são successivas*; *nós com o tempo mudamos.*"

As proposições absolutas approximadas, quer da primeira, quer da segunda especie, tomam ainda a denominação de *contractas*, quando, tendo termos communs, são estes expressos uma só vez. Exemplos: "*Deus* creou o mundo em seis dias; fez no ultimo o homem á sua imagem e semelhança; depois desta admiravel obra da creação, descansou no setimo." isto é "*Deus* creou o mundo em seis dias; *Deus* fez etc." "*Esta casa é bem construida*, e *confortavel*," isto é «*Esta casa é bem construida, e esta casa é confortavel.*» "*José* sabe *portuguez* e *francez.*" isto é "*José* sabe *portuguez* e *José* sabe *francez.*"

Não ha contracção de proposições approximadas, quando a conjuncção unindo apenas palavras, está fazendo o officio de preposição. Exemplo: "*Dous e dous* são quatro." isto é "*Dous* com *dous* são quatro." E isto, porque são irreductiveis em proposições simples, visto que não se pode dizer: "Dous são quatro *e* dous são quatro."

A proposição absoluta approximada *syndetica* subdi-de-se em *copulativa*, *disjunctiva*, *continuativa*, *adversativa*, *conclusiva* e *explicativa*, conforme a especie de conjuncção de approximação, que lhe serve de liame.

CAPITULO II.

Proposições subordinadas, ou proposições consideradas sob a relação de dependencia ou subordinação.

Proposição subordinada é a que depende de outra em sua construcção.

As *proposições subordinadas* subdividem-se em *circumstanciaes* e *integrantes.*

§ 1.º

Proposições subordinadas circumstanciaes.

Proposição subordinada circumstancial é a que modifica proposições de qualquer especie, accrescentando-lhes uma simples circumstancia.

Ha quatro especies de proposições subordinadas circumstanciaes:

1.ª Proposição subordinada circumstancial conjunccional;

2.ª Proposição subordinada circumstancial qualificativa;

3.ª Proposição subordinada circumstancial infinitiva preposicional;

4.ª Proposição subordinada circumstancial participio.

SECÇÃO 1.ª

Proposição subordinada circumstancial conjunccional (1).

Proposição subordinada circumstancial conjunccional é a proposição subordinada circumstancial ligada á proposição que modifica, por uma conjuncção de subordinação

(1) F. DIEZ. — *Gram. des Lang. Rom.,* vol. 3.º, pag. 316. A. EPIPHANIO DA SILVA DIAS. — *Gram. Portug. Elem.,* § 197.

circumstancial. Exemplo: «**Em quanto** *te demoras*, passa o tempo de partir.»

A proposição circumstancial conjunccional tem o seu verbo no indicativo, si a circumstancia que accrescenta, é um facto positivo, e só convencionalmente subordinado a outro por força da conjuncção; e no conjunctivo, si é um facto hypothetico, e, por sua natureza, subordinado a outro.

Exemplos da proposição circumstancial conjunccional com o verbo no indicativo: "**Quando** *se deu este memoravel successo*, era eu bem menino, mas tenho delle perfeita lembrança." "**Tanto que** *foi avisado da ordem de prisão passada contra elle*, occultou-se em casa de um amigo."

Neste caso, é esta especie de proposição conversivel em proposições absolutas, si supprimirmos as conjuncções de subordinação que as ligam, ou as substituirmos por conjuncções de approximação.

Exemplos dos mesmos periodos, com a conversão mencionada: "*Deu-se este memoravel successo*; era eu bem menino; mas tenho delle perfeita lembrança." "*Foi avisado da ordem de prisão passada contra elle*, **e** occultou-se em casa de um amigo."

Exemplo da proposição circumstancial conjunccional com o verbo no conjunctivo: «Proferes ameaças, **para que** *nos infundas terror*.»

A proposição subordinada circumstancial conjunccional é *temporal*, *condicional*, *concessiva*, *causal*, *final* e *modal*, conforme a especie de conjuncção de subordinação circumstancial, que a liga.

SECÇÃO 2.ª

Proposição subordinada circumstancial qualificativa (1).

Proposição subordinada circumstancial qualificativa é a proposição subordinada circumstancial que, equivalendo a um adjectivo qualificativo, exprime uma circumstancia do objecto significado pelo nome que, na proposição por

(1) A. EPIPHANIO DA SILVA DIAS.—*Gram. Port. Elem.*, §§ 198 e 200,

ella modificada, é o antecedente do adjectivo e adverbios conjunctivos, seus liames. Exemplos: "*Deus* **que** *é justo*, premeia os bons, e castiga os maus." isto é "*Deus justo* premeia etc." "Enéas veio á *Italia*, **onde** *fundou um reino*." isto é "**na qual** *Italia fundou um reino*."

Chamam-se *adverbios conjunctivos* os adverbios de logar *onde*, *donde*, *por onde*, *aonde*, *para onde*, porque se resolvem no adjectivo conjunctivo, pelo qual se põem na proposição.

A proposição subordinada circumstancial qualificativa divide-se, quanto ao sentido, em *proposição qualificativa explicativa* e *proposição qualificativa restrictiva*."

Proposição qualificativa explicativa é a que exprime uma circumstancia inherente ao objecto significado pelo antecedente do conjunctivo. Exemplo: "O *homem* **que** *é mortal*, vive sobre a terra vida transitoria."

Proposição qualificativa restrictiva é a que exprime uma circumstancia accidental ao objecto significado pelo antecedente do conjunctivo. Exemplo: "O *homem* **que** *é prudente*, sabe regular bem a sua vida."

Facil é distinguir a proposição qualificativa explicativa da proposição qualificativa restrictiva, porque a primeira pode se supprimir, sem offensa do sentido; a segunda, não.

A proposição circumstancial qualificativa tem, como a circumstancial conjunccional, o seu verbo no indicativo, quando o facto por este enunciado, é um facto positivo; e no conjunctivo, quando é um facto condicional ou hypothetico.

Exemplos da proposição circumstancial qualificativa, com o verbo no indicativo: "Enéas fugiu de Troia **que** *tinha sido tomada*." "A virtude não floresce, **onde** *a religião desfallece*. (MARQUEZ DE MARICÁ)."

Casos ha notaveis, em que o adjectivo conjunctivo que liga a proposição circumstancial á que modifica, está por uma conjuncção, seja de approximação, seja de subordinação.

Exemplo da proposição circumstancial qualificativa, fazendo o adjectivo conjunctivo as vezes de uma conjuncção de approximação: "Alcibiades passou á Asia a ter com Pharnabaso **a quem** *captivou por suas maneiras insinuantes.*"

Neste caso, esta especie de proposição é conversivel em absoluta approximada, sendo este adjectivo substituido pela conjuncção de approximação e pelo pronome *o*, como se vê no mesmo exemplo, com a conversão referida: "Alcibiades passou á Asia a ter com Pharnabaso, **e o** *captivou por suas maneiras insinuantes.*"

Exemplos da proposição circumstancial qualificativa, fazendo o adjectivo conjunctivo as vezes de conjuncção de subordinação: "Somos levados a adquirir certos conhecimentos **em que** *reputamos bello sobresair.*" isto é "**porque nelles** *reputamos bello sobresair.*" "Fui á capital do orbe christão, **que**, *ha muito, desejava visitar.*" isto é "**porque**, *ha muito*, **a** *desejava visitar.*"

Neste caso porem, a proposição circumstancial não muda de natureza, e está o adjectivo conjunctivo por uma conjuncção de subordinação e um pronome pessoal.

Exemplos da proposição circumstancial qualificativa, com o verbo no conjunctivo: "Não ha no mundo vivente algum **que** *não seja sujeito á morte.*" "A terra, **onde** *te for bem*, será p'ra ti a patria ou uma segunda patria."

Quando esta especie de proposição tem o verbo no conjunctivo, faz tambem o adjectivo conjunctivo as vezes de conjuncção de subordinação e pronome, como se vê nos seguintes exemplos: "Creou Deus a mulher **que** *fosse a companheira do homem, em todos os trabalhos da vida.*" isto é "*paraque ella fosse a companheira do homem, em todos os trabalhos da vida.*" "Artaxerxes pediu aos athenienses um chefe **que** *prepozesse ao seu exercito.*" isto é "**paraque o** *prepozesse ao seu exercito.*"

A proposição subordinada circumstancial qualificativa divide-se, quanto á sua fórma, em *pura*, *preposicional* e *local*.

Proposição qualificativa pura é a que tem por liame o adjectivo conjunctivo. Exemplos: "Dirigiram-se para umas cabanas de lavradores, **as quaes** *demoravam sobre uma linda assomada.*" "O navio **cuja** *vinda se esperava*, não chegou." isto é "**do qual** *navio se esperava a vinda.*" «**Quem** *cala*, consente.» isto é «*O homem* **que** *cala*, consente.» «O viajante **a quem** *procuras*, não existe nesta cidade.» isto é «O viajante **que** *procuras*, etc.»

A proposição qualificativa deste ultimo exemplo não é qualificativa preposicional, como pode parecer, por se achar a fórma *quem* do adjectivo conjunctivo, regida da preposição *a;* porque esta a rege pelo simples facto de representar ella pessoa, e ser complemento objectivo de *procuras*, tanto que pode ser, como acima se vê, substituida pela fórma *que*, sem preposição.

Proposição qualificativa preposicional é a que tem por liame o adjectivo conjunctivo regido de preposição. Exemplos: «Eis aqui o menino **sobre o qual** *lhe falei.*» «Quero dar-te a conhecer a pessoa, **de cuja** *vida me occupei na nossa ultima palestra.*» isto é «*da vida* **da qual** *pessoa* etc.» «O amigo, **com quem** *hoje jantei*, captivou-me em extremo.» isto é «O amigo, **com o qual** *amigo hoje jantei*, etc.» «Houve tempo **que** *os trabalhos não o quebrantavam.*» isto é «Houve tempo **em que** ou **no qual** *tempo* etc.»

Como se vê deste ultimo exemplo, a proposição que rege o adjectivo conjunctivo, está ás vezes occulta.

Proposição qualificativa local [1] é a que tem por liame um adverbio conjunctivo. Exemplos: «O logar **onde** *descansamos*, é dos mais aprazíveis.» isto é «O logar **no qual** *logar* etc.» «A terra, **donde** *vieste*, é bem longinqua.» isto é «A terra, **da qual** *terra* etc.» «O caminho, **por onde** *andamos*, é escabroso.» isto é «O caminho, **pelo qual** *caminho* etc.» «O arrabalde **aonde** *foste passear*, é muito bonito.» isto é «O arrabalde, **ao qual** *arrabalde* etc.» «A cidade, **para onde** *vamos*, é

---

[1] GUARDIA ET WIERZEYZKY. — *Gram. Elém. de la Lang. Lat.*, § 228, 11, 1.º

bastante populosa.» isto é «A cidade, **para a qual** *cidade* etc.»

Como o mostram estes exemplos, esta especie de proposição exprime sempre circumstancias de logar, e resolve-se em proposições qualificativas preposicionaes.

SECÇÃO 3.ª

Proposição subordinada circumstancial infinitiva preposicional (1).

Proposição subordinada circumstancial infinitiva preposicional é a proposição subordinada circumstancial, com o verbo no infinito, ligada á proposição que modifica, por uma preposição. Exemplo: «**Para** *sermos felizes*, pouco nos basta.»

A proposição circumstancial infinitiva vae para o infinito pessoal, quando tem sujeito diverso do da proposição por ella modificada. Exemplo: «**Por** *serem os ventos contrarios*, não poude o navio adiantar muito aquelle dia.»

Conserva-se porem no infinito impessoal, quando o sujeito de ambas as proposições, modificada e modificante, é o mesmo. Exemplo: «**Sem** *estudar*, não aprendes.»

Diz Frederico Diez (2) que o infinito pessoal, tenha ou não sujeito proprio, se emprega, quando é possivel substitui-lo por um modo finito. Exemplos: "Basta *sermos* dominantes, isto é, que *sejamos* dominantes." "Não o podeis achar, sem me *matardes*, isto é, sem que me *mateis*.

Encontram-se com effeito em escriptores, quer antigos, quer modernos, proposições circumstanciaes de infinito pessoal com sujeito identico ao das que modificam; mas, carecendo ellas de harmonia, sobretudo quando o infinito está proximo ao verbo da proposição modificada, muitos, em tal caso, substituem a fórma pessoal pela impessoal. Dahi a regra supra.

---

(1) Adoptamos esta denominação da divisão que faz *Frederico Diez* do infinito em *puro* e *preposicional*, na pag. 204 do Tomo 3.º da sua *Grammaticas das Linguas Romanas.*

(2) *Obra cit.*, Tomo 3.º pag. 202.

E' innegavel que é a fórma impessoal muito mais suave ao ouvido que a pessoal nestes exemplos de Jacintho Freire: "*Recolhiam-se* uma noute *o imperador* e *o infante*, e ao *entrar* (quando entravam) de uma porta, sobre qual havia de passar diante, pleitearam ambos a cortezia, querendo um que precedesse o hospede, outro a majestade. (*Vida de D. João de Castro*, edição de 1835, pag. 7)." "*Os que poderam escapar fugindo, despertaram* o arraial com gemidos e vozes, sem *saber* (sem que soubessem) affirmar cousa certa. (*Obra cit.*, pag. 130)," "*Os portuguezes haviam defendido* as ruinas de sua fortaleza, sem *perder* (sem que hovessem perdido) uma pedra. (*Obra. cit.*, pag. 133)." "E chegando ao logar determinado, *se baquearam* em terra, para não *ser* vistos (paraque não fossem vistos) dos mouros. *Obra cit.*, pag. 139)."

Tolera-se todavia que seja de infinito pessoal a proposição circumstancial infinitiva com sujeito identico:

1.° Quando está o verbo della proximo do sujeito, e antes da proposição que ella modifica. Exemplos: «Mandou aperceber um caravelão com duzentos e cincoenta *soldados que*, por **acharem** os mares grossos, *chegaram* a Baçaim com trabalho. (J. Freire).» «Para se *consolarem* **os infelizes** *dormiam* tranquillos em seus leitos macios. (A. Herculano).»

Dá-se esta excepção, porque produz dissonancia estar o verbo na fórma impessoal, exigindo o sujeito que lhe está junto, a fórma pessoal.

2.° Quando está o infinito distante do verbo da proposição modificada. Exemplos: «*Estes* porem, concertados de antemão, como se evidenciou, o plano da traição, por **julgarem** que, depois de sua submissão, os nossos, ou não haviam fazer a guarda do campo, ou pelo menos haviam faze-la mal, delles com as armas que retiveram occultas, delles com escudos de cascas de arvores e vimes tecidos, que tinham á pressa coberto de couro, conforme a brevidade do tempo, na terceira vela da noute, por onde a subida para nossas fortificações parecia menos ardua, *arremettem* subitamente da praça com todas as suas forças. (F. Sotero dos Reis.— *Trad dos Com. de Cesar*, Liv. 2.°, XXXIII).» «*Sobem e descem* a este inferno os *miseraveis escravos* (quasi afogando-se com a grossura do ar subterraneo, inapto

para a respiração humana) por escadas de couro cru de boi, com seus cepos a intervallos, para **descansarem**, (BERNARDES.—*Liv. Clas.*, Tomo 1.°, pag. 154).»

3.° Quando se podér dar amphibologia. Exemplo: «Virtude, sem *trabalhares* e *padeceres*, não verás tu jamais com teus olhos. (BERNARDES.—*Luz*, pag. 256).»

Si, neste exemplo, se tivesse usado do infinito impessoal, dizendo-se: "Virtude, sem *trabalhar* e *padecer*, etc.", podia ser a phrase entendida por este modo: "Virtude, sem *alguem trabalhar*, e sem *alguem padecer*, etc.", o que é bem diverso [1].

A proposição subordinada circumstancial infinitiva é sempre conversivel em proposição subordinada circumstancial conjunccional. Exemplos: «*Sem a cultivares*, a terra não te produz bons frutos.» isto é «*Sem que a cultives*, etc.» «*Por conhecer o mal que causara com sua leviandade*, José arrependeu-se de ter falado indiscretamente.» isto é «*Porque conheceu o mal que causara com sua leviandade*, etc.»

SECÇÃO 4.ª

Proposição subordinada circumstancial participio.

Proposição subordinada circumstancial participio é a proposição subordinada circumstancial ligada á proposição que modifica, pelo participio que nella está pelo verbo. Exemplo: «**Destruida** *Troia*, Enéas veio á Italia.»

A proposição circumstancial participio forma-se com o participio presente ou preterito composto, quando tem sujeito diverso do da proposição por ella modificada.

Exemplo desta especie de proposição formada com participio presente: «**Reinando** *Priamo*, foi destruida Troia.»

---

[1] PAULINO DE SOUZA.—*Grammaire Portugaise*, pag. 557. DR. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO.—*Gram. Port. Philos.*, Liv. 3.°, Cap. 6.°, IX, pag. 282 e 286.

Esta proposição resolve-se em proposições circumstanciaes conjunccionaes do modo indicativo e conjunctivo; pelo que «**Reinando** *Priamo*» vale tanto como «**Quando** *reinava Priamo*, ou **Em quanto** *reinava Priamo*, e **Como** *reinasse Priamo*.»

Exemplo desta especie de proposição formada com participio preterito composto: «**Acabada** *a pratica*, mandou tocar a investir.» isto é «**Tendo sido** *acabada a pratica*, etc.»

Esta proposição tambem se resolve em proposições circumstanciaes conjunccionaes do modo indicativo e conjunctivo, e ainda em proposição circumstancial infinitiva; pois «**Tendo sido** *acabada a pratica*» é o mesmo que «**Depois que** *a pratica foi* ou *teve sido acabada*, **Como quer que** *a pratica fosse* ou *tivesse sido acabada*, e **Depois de** *ter sido a pratica acabada*.»

§ 2.º

Proposições subordinadas integrantes ou completivas.

Proposição subordinada integrante ou *completiva* é a que modifica proposições de qualquer especie, completando-lhes o sentido, como parte essencial.

A proposição subordinada integrante ou completiva completa o sentido da proposição que modifica, como parte essencial, ou é sempre um termo rigorosamente necessario á sua integridade, porque é o sujeito ou o attributo della, ou porque é de um destes seus dous termos complemento restrictivo, objectivo ou terminativo.

Ha tres especies de proposições subordinadas integrantes:

1.ª Proposição subordinada integrante subjunctiva;
2.ª Proposição subordinada integrante interrogativa;
3.ª Proposição subordinada integrante infinitiva.

SECÇÃO 1.ª

Proposição subordinada integrante subjunctiva.

Proposição subordinada integrante subjunctiva é a proposição subordinada integrante ligada á de que depende, por uma conjuncção de subordinação subjunctiva.

A proposição subordinada integrante subjunctiva subdivide-se em *pura* e *preposicional.*

É *pura* a proposição subordinada integrante subjunctiva, quando tem por liame alguma das conjuncções subjunctivas *que, como, quando, quão, si.* Exemplos: «Quero **que** *estudes.*» «Nero mostrou-se sobre o throno tão feroz **como** *imbecil e cobarde.*» isto é «**como** *se mostrou imbecil e cobarde.*» «Tão formosos **quão** *negros estes* (tempos), *em que a plebe peleja pela licença.* (A. HERCULANO).» isto é «Tão formosos **quão** *negros eram estes* (tempos) etc.» «Não me disse **quando** *vem.*» «Não sei **si** *o facto occorreu assim.*»

É *preposicional* a proposição subordinada integrante subjunctiva, quando tem por liame as conjuncções subjunctivas *que, como,* precedidas de preposição. Exemplos: «Applica-te **a que** *se faça o serviço com cuidado.*» «Attenta **em que** *o campo se lavre no menor espaço possivel.*» «É mais espirituosa **do que** *formosa.*» isto é «**do que** *é formosa.*» «Farei **com que** *melhores de posição.*» «Estou crente **em como** *tal desgraça se não dê.*» «Fico inteirado **de como** *a cousa se tem passado.*»

A proposição integrante ligada pela conjuncção subjunctiva *que,* ou suas compostas que se põem por ella, e suppõem a ellipse de alguma palavra a que se deva seguir tal conjuncção, tem, excepto em casos especiaes, o seu verbo no conjunctivo, o qual enuncia sempre neste caso um facto condicional, hypothetico e subordinado ao facto positivo enunciado pelo verbo da proposição a que ella se prende. Exemplos: «Convem

que *sejas prudente nos teus negocios.*» «Inclino-me **a que** *venha a acontecer assim.*» isto é «**a** *crer,* ou **a** *suppor* **que** etc.»

Casos ha porem, em que a proposição integrante ligada pela conjuncção subjunctiva *que*, tem o verbo no indicativo: primeiro, quando o facto enunciado pelo seu verbo só é convencionalmente subordinado a outro; segundo, quando ella é comparativa.

Exemplo do primeiro caso: «Creio **que** *sabes do que se passa.*»

Neste exemplo, pode até a proposição subordinada passar a ser a principal, com a suppressão da conjuncção *que*, e a principal a ser subordinada com a juncção de um liame accommodado, claro ou occulto, como abaixo se vê: «Sabes do que se passa, **como** *creio.*» ou simplesmente «*creio.*»

Exemplo do segundo caso: «Serás, como espero, mais bem succedido nesta empresa **que** *nas outras.*» isto é «**que** *foste bem succedido nas outras.*»

Raros são os casos, em que a proposição integrante se liga á de que depende, por outra conjuncção subjunctiva que não seja *que*, ou alguma de suas compostas *a que, com que, em que, do que*, excepto quando ella é o segundo termo de uma comparação de igualdade.

Mas, nestes raros casos, o verbo da integrante pode estar no conjunctivo ou no indicativo, segundo a natureza do facto por elle enunciado. Exemplos: «Ninguem pode saber melhor **si** *é ou não verdade o que estou dizendo.*» «Ninguem pode saber melhor **si** *seja ou não verdade o que estou dizendo.*»

A proposição integrante subjunctiva porem, quando é o segundo termo de uma comparação de igualdade, liga-se á proposição de que é dependencia, pelas conjuncções *como, quão*, ou pelo adverbio *quanto*, posto por ellas, e tem o seu verbo no indicativo. Exemplo: «O caminho pela serra era tão extenso **como** *ingreme.*» isto é «**como** *era ingreme*»; podia ser tambem: «**quão** ou **quanto** *ingreme.*»

SECÇÃO 2.ª

Proposição subordinada integrante interrogativa.

Proposição subordinada integrante interrogativa é a proposição subordinada integrante ligada á de que depende, pelo adjectivo e adverbios interrogativos. Exemplos: «Dize-me **quem** *és?*» «Não sei **como** *és feliz?*»

Os adverbios interrogativos são: *onde?*, *donde?*, *por onde?*, *aonde?*, *para onde?*, *como?*, *porque?*, *quando?*, Chamam-se assim, porque se resolvem no adjectivo interrogativo, pelo qual se põem na proposição.

A proposição integrante interrogativa pode ter o seu verbo no indicativo ou no conjunctivo, segundo o facto por elle enunciado, é positivo, condicional ou hypothetico.

Esta especie de proposição, quando tem o verbo no indicativo, põe-se de ordinario só no discurso, com a proposição de que depende, occulta, a qual pode ser *pergunto*, *quero saber*, *dize-me*, ou outra accommodada, requerida pelo sentido. Exemplos: «**Quem** *és?*» que é o mesmo que «*Dize-me* **quem** *és?*» «**Aonde** *vaes?*» que é o mesmo que «*Dize-se* **a que** *parte vaes?*»

Quando esta especie de proposição tem o verbo no conjunctivo, põe-se no discurso com a proposição por ella modificada, clara, como se vê nos seguintes exemplos: «Ignora-se **quem** *tenha sido o inventor do alphabeto.*» «**Por onde** *se dirija*, não está certo.»

Quando porem a proposição ligada pelo dito adjectivo, é, em vez de interrogativa, simplesmente *exclamativa*, dá logar a grande numero de ellipses, quer tenha o verbo no indicativo, quer no conjunctivo, como se vê neste exemplo: «**Que** *bravo!*» que pode supprir-se por esta fórma: «Admiro **que** *bravo se mostrou* ou *se tenha mostrado.*»

SECÇÃO 3.ª

Proposição subordinada integrante infinitiva.

Proposição subordinada integrante infinitiva é a proposição subordinada integrante, com o verbo no infinito, ligada á de que depende, pelo mesmo verbo no infinito ou por uma preposição.

Dahi a sua divisão em *infinitiva pura* e *infinitiva preposicional.* ([1]).

Proposição subordinada integrante infinitiva pura é a que se liga á de que depende, pelo mesmo verbo no infinito. Exemplo: «Desejo **estudar** *as humanidades.*»

Proposição subordinada integrante infinitiva preposicional é a que se liga á de que depende, por uma preposição. Exemplos: «Aprendemos **a** *disputar*, e não, **a** *viver.*»

Quando esta especie de proposição serve de sujeito ou attributo, é sempre infinitiva pura e de infinito pessoal. Exemplos: «*Nascer*, *crescer* e *morrer* é proprio da natureza humana.» isto é «*Nascer*, *crescer* e *morrer* **alguem** é proprio da natureza humana.» «Nota-se, em certas estações do anno, *andarem* **as aves** *em bandos pelos campos.*» «Dar esmolas aos pobres é *emprestar a Deus.*» isto é «*emprestar* **alguem** *a Deus.*»

Si é complemento, ou é pura, ou preposicional.

Neste caso, ou vae para o infinito pessoal, ou conserva-se no impessoal.

Vae para o infinito pessoal, todas as vezes que tem sujeito proprio, ou diverso do da proposição por ella modificada. Exemplos: «Julgo **seres** *sabedor.*» «As duas qualidades essenciaes, para não desagradarmos na sociedade, consistem **em** *sabermos calar e escutar.*»

Exceptuam-se os dous casos seguintes, em que é ella de infinito impessoal:

1.º Quando, sendo infinitiva pura, e servindo de complemento objectivo, constitue um latinismo, isto é, tem o seu sujeito força do accusativo, sujeito da oração

---

([1]) Veja-se a nota 1.ª da pag. 378.

infinitivo-latina. Exemplos: «Não **nos** manda Deus *perdoar as nossas dividas, amar os nossos inimigos?* (GARRETT).» isto é «Não manda Deus *que* **nós** *perdoemos as nossas dividas, que* **nós** *amemos os nossos inimigos?*» «Si eu prégara aos homens, e tivera a lingua de Santo Antonio, eu **os** fizera *tremer*. (VIEIRA).» isto é «eu fizera *que* **elles** *tremessem*.» «Dissera o dono do campo a seus creados que tratassem de metter a fouce, *si vissem estar* **os pães** *já sazonados*. (BERNARDES).» isto é «si vissem *que* **os pães** *estavam já sazonados*.»

Com o fim de corroborar a doutrina exarada nesta regra, adduzimos os seguintes exemplos extrahidos de classicos latinos: "*Sperare* **nos** amici jubent. (CICERO).—Nossos amigos **nos** mandam *esperar*, isto é, mandam *que* **nós** *esperemos*." "Jubete **istos** *foras exire*. (TERENCIO).—Mandae-**os** *sair*, isto é, *que* **elles** *sáiam*." "Lex **peregrinum** vetat *ascendere in*. . . (CICERO). — A lei prohibe *subir* **o estrangeiro** a. . . ., isto é, *que* **o estrangeiro** *suba a*. . ."

Em razão de, em portuguez, não terem casos os substantivos, envolve, sua difficuldade o saber quando tem o sujeito força de accusativo, si é elle como no terceiro exemplo, um substantivo. Solve-se porem essa difficuldade pelo processo da substituição. Podendo ser o sujeito substituido por *o*, *a*, caso obliquo do pronome *elle*, *ella*, tem elle força de accusativo; não a tem sendo-o pelo caso recto do mesmo pronome. Exemplo do primeiro caso: "Mandou Rumecão *entrar* **quinhentos turcos** pelas ruinas do baluarte. (J. FREIRE)." isto é "Rumecão os mandou *entrar* etc." Não se pode dizer, neste caso: "Rumecão mandou **elles** *entrar* etc." Exemplo do segundo caso: "Creio *estar* **Pedro** *contente*." isto é "Creio *estar* **elle** *contente*."

2.º Quando, sendo infinitiva preposicional, e servindo de complemento terminativo, é o seu sujeito ao mesmo tempo complemento objectivo do verbo da proposição a que se liga. Exemplos: «*Obrigae*-**nos**, por continuação dos vossos dons, *a confessar que sois o protector e amigo constante dos brazileiros*. (MONTE ALVERNE).» «Companheiros e amigos, não **vos** *ensinarei a temer*, nem *a desprezar esses poucos portuguezes que dentro daquelles muros estaes vendo encerrados*. (J. FREIRE).» «E, como aguia que *provoca* **os filhos** *a voar*, quiz que assistisse com elle pessoalmente em uma cerimonia dos reis, seus successores. (FREI L. DE SOUZA).»

Conserva-se invariavelmente no infinito impessoal, quando o sujeito de ambas as proposições, modificada e

modificante, é o mesmo. Exemplos: «Quero **instruir**-*te na grammatica.*» «Arrependemo-nos frequentemente **de** *ter falado*, e raras vezes **de** *estar em silencio.*»

Tambem se verifica esta regra, quando é a proposição integrante infinitiva preposicional complemento terminativo de um adjectivo qualificativo de significação relativa, porque tem ella o mesmo sujeito da circumstancial qualificativa, em que se pode resolver o mencionado adjectivo. Exemplo: «**Forçados** *a render-se pela necessidade de tudo*, deputam-lhe os Helvecios embaixadores. (F. Sotero dos Reis. — *Trad. dos Com. de Cesar*, pag. 37).» isto é «Os Helvecios **que foram forçados** *a render-se pela necessidade de tudo*, etc.»

A proposição integrante infinitiva é ou não resoluvel em proposição integrante subjunctiva.

Dá-se a resolução:

1.º Quando serve de sujeito. Exemplos: «Bom é *estudares.*» isto é «Bom é *que estudes.*» «Convem *dar o seu a seu dono.*» isto é «Convem *que se dê o seu a seu dono.*»

Exceptua-se a integrante infinitiva, sujeito de uma proposição que tenha por verbo o verbo substantivo, quando o infinito enuncia um facto na sua maior abstracção, e é por isso evidentemente tomado pelo nome. Exemplos: «*Sentir* é pensar.» isto é «*O sentir*, *o sentimento*, ou *o acto de sentir* é pensar.» «*Fazer o movimento de rotação em vinte e quatro horas* é proprio da terra.» isto é «*O acto de fazer* etc.» «*Chover no alto Egypto* é raro.» isto é «*O acto de chover* etc.»

2.º Quando, com sujeito proprio, faz o officio de complemento objectivo, ou terminativo do adjectivo e verbo relativos. Exemplos: «Vi em tanta multidão *succederem-se uns aos outros no serviço sem a menor confusão.*» isto é «Vi em tanta multidão *que se succedíam uns aos outros* etc.» «Fui sabedor pelos exploradores *de terem passado o rio tres partes das tropas.*» isto é «Fui sabedor pelos exploradores *de que teem passado o rio* etc." "Não me admiro *de serem ingratos para commigo.*"

isto é "Não me admiro *de que sejam ingratos para commigo.*"

3.º Quando, com sujeito identico ao da proposição que modifica, é complemento objectivo ou terminativo do adjectivo e verbo relativos, e tem por verbo o verbo substantivo. Exemplos: "Os fatuos presumem *ser sabios com dous dedos de sciencia.*" isto é "Os fatuos presumem *que são sabios* etc." "Este quadro é digno *de ser visto.*" isto é "Este quadro é digno *de que seja visto.*" "Não se recordam *de ter sido os primeiros a provocar-me.*" isto é "Não se recordam *de que foram os primeiros* etc."

A proposição integrante infinitiva rejeita a resolução:

1.º Quando serve de attributo Exemplo: "Ensinar aos ignorantes é *fazer uma obra de misericordia.*"

2.º Quando é complemento terminativo de um substantivo de significação relativa. Exemplos: "É nelle commum a propensão *para perdoar.*" "Tem grande aptidão *para escrever.*"

3.º Quando, com sujeito identico ao da proposição que modifica, faz o officio de complemento objectivo, ou terminativo do adjectivo e verbo relativos, e tem por verbo um verbo adjectivo. Exemplos: "Preciso *falar comtigo.*" "Tudo quanto existe no mundo, é sujeito *a perecer.*" "Gosto *de trabalhar.*"

Este caso tem excepções, quando é ella complemento objectivo. Exemplo: "Creio *dizer a verdade.*" isto é "Creio *que digo a verdade.*"

Sobre as integrantes infinitivas que desempenham a funcção de complemento restrictivo, regra alguma se pode estabelecer, porque ou são conversiveis, ou não.

Exemplos que permittem a conversão: "Desvaneceram-se as esperanças *de poder eu ser feliz.*" isto é "*de que possa eu ser feliz.*" "Elle trabalha com a mira *de enriquecer.*" isto é "*de que ha de enriquecer.*"

Exemplos que não permittem a conversão: «O instincto *de evitar perigos* é inherente á natureza humana.» «Todos gozam do direito *de viver*, sem empecer a outrem.»

CAPITULO III.

Das proposições consideradas sob a relação de concordancia.

A *concordancia das proposições* ou *correlação dos tempos verbaes* dá-se, quando se põem em correspondencia os tempos dos verbos das proposições que constituem o periodo composto.

A correlação dos tempos verbaes pode ser *homogenea* ou *synchronica* e *heterogenea* ou *anachronica*.

É *homogenea* ou *synchronica*, si os verbos estiverem no mesmo tempo, ainda que os modos sejam differentes: «Creio que *vem* ou que *venha.*»

É *heterogenea* ou *anachronica*, si os verbos estiverem em tempos differentes: «*Creio* que *virá.*»

§ 1.º

Correlação dos tempos do indicativo.

a) A corrrelação do presente faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Affirmo** que *vem*, *vinha*, *veio*, *tem vindo*, *viera*, *tinha vindo*, *virá*, *tem de vir*, *terá vindo*, *terá de vir*, *tinha de vir*, *teve de vir*, *ha de ter vindo*, *havia de ter vindo.*»

2.º Com os tempos do condicional: «**Affirmo** que *viria*, *teria vindo*, *teria de vir*.

3.º Com o presente, preterito composto, mais que perfeito, futuro imperfeito composto e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Estimo** que *venhas*, *tenhas vindo*, *tivesses vindo*, *tenhas de vir*, *tivesses de vir.*»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Supponho** *virem*, *terem vindo*, *terem de vir.*»

b) A correlação do imperfeito faz-se:

1.º Com o imperfeito, preterito mais que perfeito, futuro mais que perfeito composto e futuro anterior mais que perfeito composto do indicativo: «**Affirmava** que *vinha*, *viera*, *tinha vindo*, *tinha de vir*, *havia de ter vindo.*»

2.º Com os tempos do condicional: «**Suppunha** que *viria*, *teria vindo*, *teria de vir.*»

3.º Com o imperfeito, preterito mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Suppunha** que *viesse*, *tivesse vindo*, *tivesse de vir.*»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Affirmava** *virem*, *terem vindo*, *terem de vir.*»

c) A correlação do preterito perfeito faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Affirmei** que *vem*, *vinha*, *veio*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Affirmei** que *airia*, etc.»

3.º Com o imperfeito, mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Suppuz** que *viesse*, *tivesse vindo*, *tivesse de vir.*»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Suppuz** *virem*, etc.»

d) A correlação do preterito perfeito composto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Tenho affirmado** que *vem*, *vinha*, *veio*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Tenho affirmado** que *viria*, etc.»

3.º Com o presente, preterito composto, preterito mais que perfeito, futuro imperfeito composto e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Tenho estimado** que *venhas*, *tenhas vindo*, *tivesses vindo*, *tenhas de vir*, *tivesses de vir.*»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: **Tenho affirmado** *ser* elle rico, *ter sido* elle rico, *ter de ser* elle rico.»

e) A correlação do mais que perfeito faz-se:

1.º Com o imperfeito, preterito mais que perfeito, futuro mais que perfeito composto e futuro anterior mais que perfeito composto do indicativo: «**Affirmara** ou **tinha affirmado** que *vinha*, *viera*, *tinha vindo*, *tinha de vir*, *havia de ter vindo.*»

2.º Com os tempos do condicional: **Affirmara** ou **tinha affirmado** que *viria*, etc.

3.º Com o imperfeito, preterito mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Suppozera** ou **tinha supposto** que *viesse*, *tivesse vindo*, *tivesse de vir*.»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Affirmara** ou **tinha affirmado** *virem*, etc.»

f) A correlação do futuro absoluto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Affirmarei** que *vem*, *vinha*, *veio*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Affirmarei** que *viria*, etc.»

3.º Com o presente, preterito composto, futuro simples, futuro imperfeito composto e futuro perfeito composto do subjunctivo: «**Direi** que *venha*, quando *tenha vindo*, quando *vier*, quando *tenha de vir*, quando *tiver vindo*, quando *tiver de vir*.»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Achará** bom *virem*, etc.»

g) A correlação do futuro imperfeito composto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Tenho de affirmar** que *vem*, *vinha*, *veio*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Tenho de affirmar** que *viria*, etc.»

3.º Com o presente, preterito composto e futuro imperfeito composto do subjunctivo: «**Tenho de suspeitar** que *venha*, *tenha vindo*, *tenha de vir*.»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Tenho de affirmar** *virem*, etc.»

h) A correlação do futuro perfeito composto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Terá affirmado** ou **de affirmar** que *falas*, *falavas*, *falaste*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Terão sabido** ou **de saber** que *contarias*, etc.»

3.º Com o presente, preterito composto, futuro simples, futuro imperfeito composto e futuro perfeito composto do subjunctivo: «Pouco se **terá perdido** ou **de**

perder, quando *venhas*, *tenhas vindo*, *vieres*, *tenhas de vir*, *tiveres vindo*, *tiveres de vir*.»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Ter-se-á dito** ou **de dizer** *vires* tu armado, *teres* tu *vindo* ou de *vir* armado.»

i) A correlação do futuro mais que perfeito composto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Tinha de affirmar** que *vem*, *vinha*, *veio*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Tinha de affirmar** *que viria*, etc.»

3.º Com o imperfeito, mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Tinha de** te **pedir** uma cousa, caso *fosses*; **tinha de ficar** em teu logar, si *tivesses ido*; **tinha de** te **incumbir** de um negocio, si *tivesses de ir*.»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: **Tinha de affirmar** *irem*, etc.»

j) A correlação do futuro anterior composto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Tive de affirmar** que *vens*, *vinhas*, *vieste*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Tive de affirmar** que *virias*, etc.»

3.º Com o imperfeito, mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: **Tive de suspeitar** que *viesse*, *tivesse vindo*, *tivesse de vir*.»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Tive de affirmar** *virem*, etc.»

k) A correlação do futuro anterior perfeito composto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Ha de ter affirmado** que *vem*, *vinha*, *veio*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Ha de ter affirmado** que *viria*, etc.»

3.º Com o presente, preterito composto e futuro imperfeito composto do subjunctivo: «**Ha de ter desejado** que *venha*, *tenha vindo*, *tenha de vir*.»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Ha de ter affirmado** *virem*, etc.»

l) A correlação do futuro anterior mais que perfeito composto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Havia de ter affirmado** que *vens*, *vinhas*, *vieste*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Havia de ter affirmado** que *virias*, etc.»

3.º Com o imperfeito, mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Havía de ter desejado** que *fosses*, *tivesses ido*, *tivesses de ir*.»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Havia de ter affirmado** *virem*, etc.»

§ 2.º

Correlação dos tempos do condicional.

A correlação dos tempos do condicional faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «Eu **affirmaria, teria affirmado** ou **de affirmar** que elle *fala*, *falava*, *falou*, etc.»

2.º Com os proprios tempos do condicional: «Eu **diria, teria dito** ou **de dizer** que *virias*, *terias vindo*, *terias de vir*.»

3.º Com o imperfeito, mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Desejariamos, teriamos desejado** ou **de desejar** que *falasses*, *tivesses falado*, *tivesses de falar*.»

4.º Com os tempos no infinito pessoal: «**Seria, teria sido** ou **de ser** bom *sairmos*, *termos saido*, *termos de sair*.»

§ 3.º

Correlação do futuro do imperativo.

A correlação do futuro do imperativo faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Dizei**-lhe que *parto*, *partia*, *parti*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Dizei**-lhe que eu *viria*, *teria vindo*, *teria de vir*.»

3.º Com o presente, futuro simples, futuro imperfeito composto e futuro perfeito composto do subjunctivo: «**Dize** que *venha*, si *vier*, quando *tenhas de vir*, si *tiver* elle *partido*, si *tiver de partir*.

4.º Com os tempos do infinito pessoal: **Dize**-lhe *partir* eu, *ter* eu *partido*, *ter* eu *de partir*.»

§ 4.º

Correlação dos tempos do subjunctivo.

A correlação dos tempos do subjunctivo faz-se com todos os tempos do indicativo, condicional, infinito pessoal e até do mesmo subjunctivo.

Exemplos dos tempos do subjunctivo em correspondencia com tempos do indicativo, condicional e infinito pessoal:

Ainda que **diga**	que *vaes*, que *ias*, que *foste*,
Si eu **dissesse**.	que *tens ido*, que *foras*,
Quando eu **tenha dito**	que *tenhas ido*, que *irás*, que *tens de ir*,
Quando eu **tivesse dito**	que *terás ido*, que *terás de ir*,
Quando eu **disser**.	que *tinhas de ir*, que *tiveste de ir*, que *ha de ter ido*,
Quando eu **tenha de dizer** . . .	que *havia de ter ido*, que *irias*,
Quando eu **tiver dito** ou **de dizer**.	que *terias ido*, que *terias de ir*,
Quando eu **tivesse de dizer** . . .	*ires*, *teres ido*, *teres de ir*.

Exemplos de tempos do subjunctivo em correspondencia com outros do mesmo modo: «Quando mesmo eu **diga** que *fosses.*» «Si eu **dissesse** ou **tivesse dito** que Pedro *fosse.*»

§ 5.º

Correlação de todos os tempos com os tempos do infinito impessoal.

O infinito impessoal, em razão da immediata dependencia em que está na phrase, é de uma malleabilidade sem igual; pelo que pode qualquer tempo corresponder com elle.

Exemplos em que o infinito impessoal serve de complemento objectivo:

«**Quero, queria, quiz,** etc. *estudar.*»

«**Quereria, teria querido,** ou **de querer** *estudar.*»

«**Manda**-o *estudar.*

«**Queira, quizesse, tenha querido,** etc. *estudar.*»

Exemplos em que o infinito impessoal serve de complemento terminativo:

«**Deixo, deixava, deixei,** etc. *de estudar.*»

«**Deixaria, teria deixado,** ou **de deixar** *de estudar.*»

«**Deixa** tu *de fazer* isso.»

«**Deixe, deixasse, tenha deixado,** etc. *de estudar.*»

CAPITULO IV.

COLLOCAÇÃO DAS PROPOSIÇÕES.

A collocação das proposições é parte essencial da construcção, porque, sendo as subordinadas circumstanciaes rigorosos complementos circumstanciaes, e as integrantes, já complementos restrictivos, objectivos e terminativos, já sujeitos e attributos, da sua boa ou má dis-

posição no periodo, depende, não só a clareza ou confusão, mas ainda a harmonia ou desharmonia do sentido por elle formado, e por conseguinte do discurso que não é sinão uma serie de sentidos absolutos approximados, ou por conjuncções de primeira classe, ou simplesmente pela ordem, geração e successão natural das idéas.

As proposições devem ser collocadas no periodo, segundo as relações de nexo e dependencia de seus enunciados, uns com outros; mas podem as subordinadas ser antepostas ou pospostas ás proposições de que são dependencia, e até nellas intercaladas, como melhor o requererem a expressão do pensamento, e a harmonia da phrase total. No modo de satisfazer estes requisitos, é que se distingue a boa ou má collocação, e consiste todo o artificio da disposição das proposições.

Assignar regras especiaes a esta collocação que é quasi toda pratica, e em que tem tanta parte o ouvido, é por certo cousa bem difficil; mas no entretanto, apontaremos aqui algumas, por onde se pode guiar o escriptor principiante.

§ 1.º

Regra sobre a collocação das proposições absolutas.

As proposições absolutas devem ser collocadas, no periodo que comprehende mais de uma, ou successivamente, quando entre ellas se não mettem de permeio proposições subordinadas, ou, no caso contrario, separadamente, cada uma com as suas respectivas dependencias.

§ 2.º

Regra sobre a collocação das proposições subordinadas circumstanciaes.

1.ª As proposições subordinadas circumstanciaes qualificativas devem ser collocadas logo depois do nome que, nas proposições por ellas modificadas, é o termo ante-

cedente do adjectivo e adverbios conjunctivos, os quaes vão sempre para o principio das proposições a que dão origem, de modo que, entre elles e o antecedente, não se metta outra palavra de permeio.

2.ª As proposições subordinadas circumstanciaes conjunccionaes, participio e infinitivas devem ser collocadas antes, no meio ou depois das proposições por ellas modificadas, segundo o pedirem a boa expressão do pensamento, e a harmonia da phrase total.

§ 3.º

Regras sobre a collocação das proposições subordinadas integrantes.

1.ª As proposições subordinadas integrantes subjunctivas, interrogativas e infinitivas puras devem ser collocadas depois das proposições por ellas modificadas, quando são sujeitos destas, que ficam assim collocadas na ordem inversa, si bem que, nos bons autores, ha exemplos do contrario, principalmente quando se mette de permeio alguma proposição qualificativa.

2.ª Estas mesmas proposições devem ser collocadas depois das proposições por ellas modificadas, quando são complementos objectivos dos verbos destas.

3.ª As proposições subordinadas integrantes subjunctivas e infinitivas preposicionaes devem ser collocadas depois das palavras cujo sentido modificam, como complementos ou terminativos ou restrictivos.

Estas duas ultimas regras são geralmente observadas na prosa; na poesia porem, ha não poucos exemplos em contrario.

LIVRO SEGUNDO.

SYNTAXE LITTERARIA OU ESTYLISTICA.

A *syntaxe litteraria* ou a *estylistica* trata do estylo.

Estylo é um certo modo original ou particular, que

tem cada homem na coordenação ou disposição das palavras e das proposições, quando fala ou escreve.

Esta originalidade ou particularidade procede do emprego de certos pensamentos e palavras, a que cada um propende.

Todo o homem tem estylo; porem o estylo caracteristico e digno de analyse é o daquelles que mais se teem distinguido na arte de falar e escrever, como os poetas, oradores, historiographos, etc.; e o das escolas litterarias ou grupos de escriptores, que, em suas composições, observaram certas normas.

Considera-se o estylo em relação á *quantidade* ou á *qualidade da elocução.*

Em relação á *quantidade da elocução*, ou ao maior ou menor numero de palavras, por que se exprimem os pensamentos, divide-se em *attico*, *asiatico*, *rhodio* e *laconico*.

O *attico* é o modo de dizer preciso e irreprehensivel nos pensamentos e nas palavras: ajusta cada palavra a cada idéa.

O *asiatico* é o modo de dizer empolado, vão e mui sobejo de palavras e pensamentos superfluos e de ornatos excessivos: traduz uma idéa por muitas palavras.

O *rhodio* é o modo de dizer medio entre o attico e o asiatico: não tem a redundancia deste, nem a precisão daquelle.

O *laconico* é o modo de dizer tão conciso e apanhado que quasi se torna inintelligivel: traduz muitas idéas por uma palavra.

O melhor delles é o *attico*, e depois o *rhodio*; os outros, como extremos, são na generalidade viciosos.

O attico tambem se chama *preciso;* o asiatico, *prolixo, diffuso*, ou *verboso*; o rhodio, *desenvolvido* ou *abundante;* o laconico, *conciso* ou *apanhado.*

O estylo considerado em relação á *qualidade da elocução*, ou ao maior ou menor grau do seu ornato, dividese em *simples*, *sublime* e *temperado.*

O *simples*, tambem chamado *tenue*, *infimo* ou *subtil*, é o que enuncia as idéas com palavras proprias, claras e significativas, sem usar de ornatos: é a traducção fiel e simples do pensamento.

E' peculiar ás obras didacticas e ás narrativas vulgares.

O *sublime*, tambem chamado *nobre*, *grande*, *robusto* ou *vehemente*, é o que se serve, com exuberancia, de todo o genero de ornatos, empregando as amplificações mais bellas, os tropos mais valentes, as figuras mais energicas: é a traducção longinqua e atrevida do pensamento.

E' proprio das paixões violentas, do heroismo, dos assumptos epicos.

O *temperado*, tambem chamado *mediocre*, *ornado* ou *flórido*, é o que faz uso dos ornatos moderadamente, como o meio termo entre o simples e o sublime: é a traducção livre e ornamentada do pensamento.

E' o mais empregado na poesia, na historia e no romance.

O simples tem por fim a convicção; o temperado, o deleite; o sublime, a persuasão.

O estylo sublime comprehende o simples e o temperado, porque, para ser a palavra a expressão livre e ornamentada do pensamento, é preciso que já se tenha concebido sua traducção fiel e simples; e, para ser a palavra a expressão longinqua e atrevida do pensamento, é preciso igualmente que já se tenha concebido sua traducção livre e ornamentada.

Quando uma idéa assoma aos olhos do pensamento, traz comsigo sua expressão natural e propria; depois a analogia apresenta outra expressão mais longe um pouco, porem mais bella; por fim attinge-se a uma expressão remotissima, ainda que não contraria, com tanto que dê muito mais belleza, muito mais enthusiasmo.

E' por isso que a fusão destes tres estylos é a eloquencia por excellencia.

A estas classificações juntaram os modernos a do estylo considerado quanto ao modo de formar os periodos.

Si todos ou a maior parte dos periodos de um discurso ou escripto constam de uma só phrase curta ou de phrases curtas e desligadas, toma o estylo a fórma de *solto* ou *cortado*; si apresentam singela e directamente sem symetria de partes, nem suspensão de sentido, uma phrase extensa ou varias phrases ligadas, toma o estylo a fórma *ordinaria*; emfim si apresentam duas ou mais partes cadenciadas e dispostas artificiosamente, de modo

que o ouvido se deleita, e o sentido vae incompleto até a conclusão, tem o estylo a fórma *periodica*.

Todas estas classificações são boas debaixo do ponto de vista a que olham; mas são insufficientes para caracterisar qualquer estylo. Dous ou mais escriptores escrevem, por exemplo, em estylo simples e conciso, e toda-via não deixa cada um delles de ter um estylo tão individual como a sua physionomia. Serão simples e concisos; mas um será obscuro, outro claro; um profundo, outro superficial; um original, outro vulgar; etc.

Assim designar o estylo de cada um delles pelas qualificações de simples e conciso, não é caracterisar-lhes o estylo, porque não é indicar a feição caracteristica, que distingue esse escriptor de outro tambem simples e conciso.

Os estylos das escolas litterarias são multiplos. Na litteratura portugueza porem, distinguem-se quatro categorias que accentuam perfeitamente as transições ou evoluções:—o *classico*, o *gongorico*, o *romantico*, o *naturalista*.

O *estylo classico*, creado no seculo 16.º pelos quinhentistas, é o estylo dos nossos melhores escriptores. Caracterisa-se pelo latinismo do vocabulario e da syntaxe.

O *estylo gongorico*, conhecido pelos nomes de *gongorismo*, *marinismo*, *cultismo* ou *culteranismo*, é o estylo da decadencia. É de mau gosto, e caracterisa-se pelas turgidas metaphoras, empolado da phrase, antitheses desvairadas, hyperboles disparatadas, trocadilhos, repetições de palavras e circumloquios ou periphrases absurdas. Esteve em vigor no seculo 17.º e no 18.º em quasi toda a Europa.

A *Phenix renascida* representa em Portugal a phase mais intensa e desenvolvida do gongorismo.

O *estylo romantico* que dominou em principios deste seculo, imprimiu na lingua um caracter novo, determinado pela riqueza excessiva da imaginação e pela condemnação absoluta da immobilidade classica, dos excessivos latinismos e dos termos mythologicos.

A escola romantica foi iniciada na França por Chateaubriand e Lamartine; e em Portugal, por Alexandre Herculano, Almeida Garrett e o Visconde de Castilho.

A *nova escola naturalista* aceita a reforma operada pelo romantismo, porem dá mais valor á observação dos factos do que á imaginação que é para ella um defeito, um elemento perturbador. Seu estylo é caracterisado pelo genero descriptivo, pela abundancia de adjectivação e pela repetição de adverbios, com o intuito de dar uma idéa de todas as minudencias, attributos e circumstancias de um facto ou de um ser.

O *estylo naturalista* em nossa lingua é uma imitação, frequentemente servil, de Balzac, Flaubert e Zola, escriptores naturalistas francezes.

Tambem se classificam os estylos, segundo o genero litterario em que são usados. Taes são: — *o estylo epistolar*, *o dramatico*, *o didascalico*, *o elegiaco*, *o epico*, etc.

Do estylo simples, do temperado e do sublime saem tres virtudes para a elocução.

Do estylo simples, a *clareza;* do temperado, a *pureza;* do sublime, o *ornato.*

TITULO PRIMEIRO.

CLAREZA.

A clareza da elocução consiste no emprego de palavras taes que a sua significação ou sentido se comprehenda immediatamente.

CAPITULO I.

REQUISITOS DA CLAREZA.

Os requisitos da clareza são:— a *precisão,* a *ordem,* a *correcção* e a *propriedade dos termos.*

Dá-se a *precisão,* quando não se diz nada de mais nem de menos.

Dá-se a *ordem,* quando se collocam as palavras de modo que facilmente se percebe a relação que umas teem com as outras.

Dá-se a *correcção*, quando se unem e relacionam as palavras umas com as outras em conformidade com as leis syntacticas.

O unico vicio contrario á correcção é o *solecismo*.

Chama-se *solecismo* toda a coordenação de palavras contra as leis da syntaxe recebida: «José em conversa commigo tratou muito de *si.*» por «tratou muito *do Senhor*, *de Você*, *de V. M.cê*, *de V. S.a*, *de V. Ex.a*, etc.»

Do emprego que do pronome *si* se faz neste exemplo, representando a segunda pessoa, quando é elle da terceira, e tem por fim fazer reflectir a acção sobre o sujeito, que a pratica, resulta o equivoco de parecer que «José tratou muito *de si mesmo* ou *da sua propria pessoa*», sendo certo todavia que quem emitte a proposição, quer dizer que «José tratou muito *da pessoa a quem está falando.*»

Dá-se a *propriedade dos termos*, quando se tomam as palavras no sentido natural, habitual, ou no mais accommodado ás idéas.

E' da *propriedade dos termos*, que resultam as mais frisantes pinturas, as mais vivas descripções.

CAPITULO II.

VICIOS CONTRA A CLAREZA.

Os vicios contra a clareza ou as causas da obscuridade são *lexicas* e *syntacticas*.

§ 1.º

Vicios lexicos contra a clareza.

Vicios lexicos contra a clareza são os que se verificam no emprego de palavras destacadas.

São principalmente cinco:

1.º Os *archaismos*, porque, como palavras desusadas que são, teem em geral significação desconhecida.

2.º Os *neologismos*, porque são palavras introduzidas de novo na lingua, e por isso de significação pouco conhecida.

3.º Os *provincianismos*, porque, sendo familiares em certos estados ou provincias, são ignorados noutras.

4.º As *palavras technicas*, porque são obscuras para aquelles que ignoram as artes ou sciencias, em que são termos proprios.

5.º Os *homonymos*, porque, com a mesma fórma, significam objectos differentes.

§ 2.º

Vicios syntacticos contra a clareza.

Vicios syntacticos contra a clareza são os que se verificam no emprego de palavras combinadas em proposição ou phrases.

São taes:

1.º *Longo rodeio de palavras*, porque, accumulando-as em demasia, não pode a attenção do ouvinte ou do leitor perceber facilmente as relações que exprimem.

2.º A *perissologia*, porque é uma palavrosidade excessiva e van, que distrahe o espirito do objecto principal.

3.º A *meiosis* ou *demasiada concisão*, porque subtrahe á phrase palavras necessarias á intelligencia do pensamento.

4.º As *expressões refinadas* ou *enigmaticas*, porque, em termos claros, envolvem sentidos mysteriosos e portanto inintelligiveis.

5.º A *requintada transposição de palavras*, porque, consistindo numa collocação emmaranhada das palavras, torna o dizer confuso. Exemplo:

«Entre todos, c'o dedo eras notado,
Lindos moços de Arzila, em galhardia.
(AFFONS. AFRIC., III, 73).»

6.º O *extenso parenthesis*, porque obscurece o discurso, em razão de deixar por muito tempo em suspensão o sentido principal.

7.º A *amphibologia* ou *ambiguidade*, porque faz a phrase offerecer dous sentidos ao mesmo tempo: «Heitor Achilles chama a desafio. (ULYSSÉA. C. VI, 72).» «A aguia matou a pomba no *seu* ninho.»

TITULO SEGUNDO.

PUREZA.

A elocução será *pura*, si empregarmos palavras ou expressões, autorisadas pelo uso dos que bem falam ou escrevem.

Esta qualidade se adquire pela leitura persistente dos melhores monumentos litterarios, antigos e modernos.

Os vicios oppostos á pureza são:

1.º Os *archaismos*, porque são palavras ou phrases que envelheceram, e que as linguas lançam de si por inuteis.

2.º Os *neologismos*, quando, por affectação ou ignorancia, são usados em vez de termos nacionaes, que cabalmente lhes correspondem.

3.º Os *solecismos*, porque são construcções viciosas, contrarias ás leis da syntaxe recebida.

Denominam-se *corruptelas* os solecismos de uso geral nas classes incultas; e *idiotismos* os que são aceitos por todas as classes da sociedade.

4.º Os *peregrinismos* ou *barbarismos*, porque são expressões estrangeiras, cuja estructura ou pronunciação é contraria á indole da lingua vernacula.

5.º Os *provincianismos*, porque são expressões peculiares a certos estados ou provincias, que se não admittem na linguagem da gente culta.

6.º O *purismo*, porque, consistindo no refinado emprego de palavras só de cunho portuguez, torna o dizer affectado.

7.° Os *cacographismos*, porque são verdadeiros erros orthographicos.

TITULO TERCEIRO.

ORNATO.

Si ainda nos conservassemos no estado das hordas barbaras, bastar-nos-ia manejar a lingua com simples *clareza*.

Si fossemos apenas um povo civilisado, ser-nos-ia sufficiente enunciar o pensamento com tal ou qual *pureza*.

Não somos barbaros, nem tão pouco civilisados; temos alguma cousa mais: — somos politicos.

Portanto cumpre-nos ter uma linguagem, não só *clara*, como os barbaros, não só *pura*, como os civilisados, mas principalmente *ornada*, como as nações politicas do globo, porque a linguagem ornada é a elocução por excellencia.

Não devemos exprimir o nosso pensamento, tendo somente em vista ser entendidos e fugir dos erros; mas, de tal arte que sympathisem com o nosso dizêr, e identifiquem-se com o nosso pensar.

Ornato pois é o que dá mais *força*, *vigor* e *belleza* ao discurso, já claro e puro.

As qualidades constitutivas do ornato são: — *virilidade*, *naturalidade* e *decencia*.

Virilidade é a qualidade que communica ás palavras certa energia.

Naturalidade é a qualidade que communica ás palavras a cor da natureza.

Decencia é a qualidade que communica ás palavras o caracter de justeza com as idéas.

A cada uma destas virtudes oppõe-se um vicio.

Á virtude da virilidade a *mollicie*, ou vicio que enlanguesce e effemina a expressão.

Á virtude da naturalidade a *affectação*, ou vicio que contrafaz a expressão.

Á virtude da decencia a *incongruencia*, ou vicio que desune a expressão do pensamento.

No tocante ás expressões, cumpre observar o seguinte:

1.º Devem ser portuguezas de cunho.

2.º Devem-se preferir as mais polidas e euphonicas.

3.º Devem empregar-se discretamente as antiquadas, renovadas e neologicas, e isso mesmo quando julgadas necessarias ou uteis.

Alem dos vicios mencionados, ha ainda outros genericos, mais especiaes e definidos. Taes são:

1.º O *cacophaton*, ou a juncção ou disjuncção de sons, a que o vulgo associa idéas de torpeza.

2.º A *tapinosis*, que apouca a dignidade ou grandeza do objecto.

3.º A *auxesis*, ou expressão muito superior á grandeza do objecto.

4.º A *phrase desordenada*, ou insipidez e desleixo de elocução.

5.º A *meiosis*, ou falta de complementos na oração.

6.º A *tautologia*, ou repetição ociosa.

7.º A *homeologia*, ou monotonia fastidiosa.

8.º A *macrologia*, ou traducção viciosa e palavrosa de uma idéa, cuja versão simples realçara mais.

9.º O *pleonasmo*, ou uso de palavras superfluas para a intelligencia do pensamento.

10.º A *periergia*, ou ostentação de purismo grammatical.

11.º O *cacozelon*, ou mau arremedo de locuções frivolas.

12.º O *cenismo*, ou emprego de palavras de varias linguas, ou mistura de palavras sublimes com baixas, antigas com modernas, poeticas com vulgares.

Divide-se o ornato em tres classes ou graus:— *pinturas*, *conceitos*, *adorno*.

CAPITULO I.

PINTURAS.

Pintura é o retrato da natureza, isto é, a expressão de um facto ou de uma idéa sensivel, por meio das palavras que mais frisantes lhe sejam, ou pelos modos mais approximados á natureza.

Enumeram-se seis generos de pinturas: — *enarguéas*, *semelhanças*, *parabolas*, *imagens*, *bosquejos*, *emphases*.

Enarguéa é a pintura tão natural e viva que parece reproduzir o mesmo original; é sempre o resultado de expressões proprias e energicas. Exemplo:

«Eu o vi! — tremendo era no gesto,
Terrivel seu olhar;
E o cenho carregado pretendia
O globo dominar. (G. Dias).»

Semelhança é a pintura de um objecto confrontado com outro de relação proxima. Exemplo:

«Qual naufrago que viu tragar as ondas
Um após outro os tristes companheiros,
E ganha a custo solitaria praia,
— Tal sobrevivo no deserto mundo. (Balduino).»

Parabola é a pintura de um objecto confrontado com outro de relação remota. Exemplo:

«Tu és vaga e melindrosa,
Qual formosa
Borboleta num jardim,
Que as flores todas afaga,
E divaga
Em devaneio sem fim. (G. Dias).»

Nas semelhanças e nas parabolas, ora o semelhante precede o semelhado, ora procede delle.

Tambem ha dellas vagas, quando não ligam determinadamente o semelhante ao semelhado. Exemplo:

«Sae da larva a borboleta,
Sae da rocha o diamante:
De um cadaver frio e mudo,
Sae uma alma radiante! (G. DIAS).»

Imagem é uma semelhança resumida ou uma comparação mui rapida. Exemplo: «Repetido por milhares de bocas, este grito restrugiu e echoou, como o estourar de uma trovoada distante. (A. HERCULANO).»

Bosquejo ou *syntomía* é uma pintura rapida e concisa, mas não acabada, que deixa o espirito em suspensão, ou imaginando as circumstancias e o final della. Exemplo:

«E se divisam
Por entre as sombras de verdura, ao longe,
As casas branquejando e os altos templos. (B. DA GAMA).»

Emphase é uma pintura que encerra mais ou menos idéas que as palavras não dizem. Exemplo:

«Fomos santos então: — Homero o mundo
Creou segunda vez: — o inferno, o Dante:
— Milton, o paraiso: — fomos grandes! (G. DIAS).»

CAPITULO II.

CONCEITOS.

Conceitos são producções originaes do espirito, ou imitações fieis da natureza, que transmittem á elocução mais vigor ou belleza.

Dividem-se em *conceitos fortes* e *conceitos agudos* ou *sentenças*.

§ 1.º

Conceitos fortes.

Chamam-se *conceitos fortes* os que vigoram o discurso.

Dos conceitos fortes ha dous generos: o *sublime* e a *amplificação*.

Sublime é o conceito que, ou pela grandeza do objecto, ou pela excellencia e raridade da acção, produz admiração e espanto. São notavel exemplo do sublime aquellas palavras de D. João de Castro, enviando seu filho com soccorro aos sitiados na fortaleza de Diu: «Pelo que toca á vossa pessoa, não fico com cuidado; porque por cada pedra daquella fortaleza arriscarei um filho. (J. FREIRE).»

Amplificação é o conceito que engrandece a dignidade e amplitude do objecto, ou a sua indignidade e atrocidade.

Divide-se a amplificação em *absoluta* e *relativa*.

Amplificação absoluta é a que se circumscreve á essencia do objecto, isto é, a que considera o objecto em si proprio, sem relação a outros: decompondo-o em todas as suas partes, busca engrandece-lo pela multiplicidade das circumstancias.

A amplificação absoluta faz-se por tres modos:— por *gradação*, pelo *raciocinio*, por *congeries* ou *ajuntamento*.

A *amplificação por gradação* extende o pensamento, encaminhando-o como que por graus, isto é, subindo do inferior ao superior, do minimo ao maximo, ou descendo do superior ao inferior, do maximo ao minimo.

A amplificação por gradação, ou é *analytica*, ou *synthetica*.

É *analytica* a que sobe do menor ao maior. Exemplo: «É uma violencia prender um cidadão; uma impiedade açouta-lo; quasi um parricidio mata-lo; que nome deverá ter o crucifica-lo? (CICERO.— *Verrina* V).»

É *synthetica* a que desce do maior ao menor. Exemplo:

«Oh! doce paiz de Congo,
Doces terras de alem-mar!
Oh! dias de sol formoso!
Oh! noutes de almo luar!

«Desertos de branca areia,
De vasta, immensa extensão,
Onde livre corre a mente,
Livre bate o coração!

«Onde a leda caravana
Rasga o caminho passando,
Onde bem longe se escutam
As vozes que vão cantando!

«Onde longe inda se avista
O turbante musulmano,
O yatagan recurvado
Preso á cinta do africano! (G. Dias).»

Ha tambem uma gradação concisa e saliente, que faz subir ou descer a idéa principal, por meio de uma successão de palavras da mesma especie. Exemplo:

«Dos ares a soidão quebrando irado
Da torre soa o sino: — o som de agouros
Estoura, *ruge*, *vibra*, *mingua* e *morre*. (G. Dias).»

A *amplificação pelo raciocinio* avulta o pensamento capital por idéas a elle connexas, isto é, engrandece as circumstancias do objecto, para dahi se inferir a grandeza delle.

Ha seis modos de amplificação pelo raciocinio:

1.º Inferir da grandeza dos consequentes a grandeza dos antecedentes. Esta grandeza entende-se tanto das cousas physicas como das moraes. Exemplo:

«Eram poucos, é certo: — e contra os poucos
Armadas as nações aqui pugnavam. (Magalhães).»

2.º Inferir da grandeza dos antecedentes a grandeza dos consequentes. Exemplo:

«Foi duro o afan, acerrima a contenda,
Será fundo o descanso. (G. Dias).»

3.º Dentre muitas circumstancias da mesma ordem, apoucar de proposito algumas, aliás graves, paraque pareçam maiores as que queremos engrandecer. Exemplo:

«Que eu vos prometto, filha, que vejaes
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente. (Camões).»

4.º Engrandecer a difficuldade da acção, exagerar a magnitude do feito, para dahi inferir a força do agente. Exemplo:

«Heroico feito de honra,
Proceder co'a virtude vinculado!
Nem outro — a não ser esse —
Melhor podéra assignalar um homem
Revestido de rigida constancia. (Pessoa da Silva).»

5.º Exagerar a importancia dos meios, para della se deduzir a do fim. Exemplo:

«Mil seculos de gosto
Contente eu trocaria
Por um momento desses
Que vejo assim Armia. (Balduino).»

6.º Exagerar a mole do instrumento, para se imaginar a estatura ou a força de quem o vibra. Exemplo:

«Por cajado na mão tinha um coqueiro,
Cuja ponta nas nuvens se occultava,
E a base no abysmo se enterrava.
Sustenta a esquerda mão por arco um tronco
De pesado madeiro extenso e bronco.
(Bartholomeu Cordovil).»

A *amplificação por congeries* ou *ajuntamento* consiste na accumulação de idéas ou pensamentos semelhantes ou quasi identicos, que se dispõem debaixo de uma certa ordem ou gradação. Exemplo:

«Terra de Santa Cruz! — amar-te puro,
Ser extremado, vigilante guarda
Dos teus direitos, defender teu povo,
É crime de masmorra! (PESSOA DA SILVA).»

Amplificação relativa ou *por comparação* é a que, sem se limitar já á essencia do objecto, o engrandece, saindo fora delle, e confrontando-o com outro ou outros de ordem inferior, igual ou superior.

Dahi tres especies de amplificação relativa ou comparativa: — de *menor a maior*, de *igual a igual*, de *maior* a *menor*.

Exemplo da primeira especie: «Si pois esta suprema intelligencia nos mostra tanta bondade e sabedoria no modo, por que cuidou no destino de tão pequeno animal, — como é possivel que tenha desamparado o homem, a mais perfeita de todas as suas creaturas? (LOPES DE MOURA).»

Exemplo da segunda especie:

«A flor purpurea, que matiza o prado,
Si o vento da manhan lhe entorna o calix,
Perde aroma talvez: — porem mais bello
Colorido lhe vem do sol nos raios:
As fagueiras feições daquelle rosto
Assim foram tambem: — não foi do tempo
Fatal o perpassar as faces lindas. (G. DIAS).»

Exemplo da terceira especie:

«A barata, que blatera;
A cigarra, que atordoa;
O grilo, que agudo chia;
A arara, que tudo atroa,

São importunos, de certo:
Mas inda é mais insoffrivel
Um politico, que em lojas
Bufa com tom de infallivel. (Feliciano Diniz).»

§ 2.°

Conceitos agudos ou sentenças.

Chamam-se *conceitos agudos* os que embellecem o discurso.

Ha delles uma só especie — as *sentenças*.

Sentença é uma reflexão profunda e luminosa, cuja verdade se funda no raciocinio ou na experiencia.

São tres as expecies de sentenças: — *gnomas*, *enthymemas*, *epiphonemas*.

Gnomas são umas maximas abstractas e geraes, que se podem applicar a casos particulares. Exemplo: «Si podessemos ler no coração dos homens, qual seria a sociedade em que estariamos a nossa vontade?»

Enthymemas são umas maximas, que fina e concisamente oppõem ou contrastam duas idéas entre si. Exemplo: «A sciencia medica ensina a curar os doentes; a arte da guerra, a matar os sãos.»

Epiphonemas são umas exclamações reflexivas e precisas ao cabo de uma narração. Exemplo:

«Inda conserva o pallido semblante
Um não sei que de magoado e triste
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte! (B. da Gama).»

No emprego das sentenças, tenham-se muito em vista as regras seguintes:

1.° Seja o discurso moderadamente entresachado dellas, porque, si forem muito frequentes, o estylo se tornará pretencioso e pedantesco.

2.ª Empreguem-n-as discretamente, isto é, de modo que venham tão a ponto que pareçam nascer da mesma natureza do assumpto.

3.ª Faça uso dellas só quem, pelo estudo e experiencia, tem obtido autoridade.

CAPITULO III.

ADORNO.

O *adorno*, terceiro grau do ornato, matiza e floreia o discurso pelo accommodado emprego dos *tropos* e das *figuras*.

§ 1.º

Tropos.

Tropo é a mudança que com virtude se faz do sentido proprio de uma palavra para outro relativo.

Os tropos supprem a pobreza da lingua, sem a alterar com innovações de palavras; ennobrecem a elocução, porque se afastam da linguagem commum; dão do objecto uma idéa mais clara, mais viva, e por vezes mais concisa do que podiam dar as palavras proprias; servem de adoçar e disfarçar idéas tristes, desagradaveis ou indecentes; e finalmente deleitam fazendo ver ao mesmo tempo e distinctamente dous objectos, e as relações que esses objectos teem entre si.

Esta mudança não deve ser arbitraria, mas fundarse em uma relação natural, como a *semelhança*, a *contrariedade*, a *coexistencia*, a *comprehensão*.

Destas relações manam quatro tropos geraes: — da semelhança, a *metaphora;* da contrariedade, a *ironia;* da coexistencia, a *metonymia;* da comprehensão, a *synecdoche*.

SECÇÃO 1.ª

Metaphora.

Metaphora é a translação do sentido proprio da palavra para outro, por effeito da semelhança que o espirito acha entre o objecto de que se toma a palavra, e aquelle para que se transfere.

Quando necessitamos dar a conhecer não só um objecto, como tambem a semelhança que temos observado entre elles e o outro que com elle se parece, podemos faze-lo por dous modos: ou dizendo expressamente que uma cousa é semelhante a outra, debaixo de tal ou tal ponto de vista, ou pondo o nome desta pelo daquella. O primeiro chama-se *semelhança* ou *comparação*; o segundo, *metaphora.*

Vê-se pois que esta não consiste sinão em dar a um objecto o nome de outro com o qual tem uma relação de semelhança, e que é um simile expressado em fórma compendiosa. Suppõe-se que o objecto é tão semelhante ao outro, que, sem se fazer expressamente a comparação entre elles, como na *semelhança* formal, pode-se pôr o nome de um em logar do nome de outro.

Si, considerando um homem virtuoso e bemfazejo, dissermos: "Este homem é bom *como um anjo.*", empregaremos uma *semelhança;* si porem, considerando-o do mesmo modo, dissermos simplesmente; "E' um *anjo*,", empregaremos uma *metaphora.*

E' este o tropo mais usado, e a que se devem as mais vivas e brilhantes locuções.

Dá-se a metaphora substituindo:

1.º O animado pelo animado. Exemplo:

«Vergonha eterna á geração que insulta
O *Leão* que magnanimo se entrega. (Magalhães).»

2.ª O inanimado pelo inanimado. Exemplo:

«Sua espada, cometa dos tyrannos,
Foi o *sol* que guiou a humanidade. (Idem).»

3.º O animado pelo inanimado. Exemplo:

«A espada lhe *gemia* na bainha. (Idem).»

4.º O inanimado pelo animado. Exemplo: «Não vae longe daqui o *lume* da Igreja, S. Thomaz. (Souza)»

Sendo a relação de semelhança o fundamento da *allegoria* e da *catachrese*, são ellas duas especies de *metaphora*.

Allegoria é uma metaphora continuada ou uma serie de metaphoras.

A allegoria, ou é *total*, ou *mixta*.

É *total*, quando todas as expressões são metaphoricas. Exemplo:

«Eis aqui o logar, onde eclipsou-se
O metéoro fatal ás regias frontes!
Rubro estava o horizonte, a terra rubra!
Dous astros ao occaso caminhavam;
Tocado ao seu zenith haviam ambos;
Ambos iguaes no brilho, ambos na queda
Tão grandes como em horas de triumpho!(MAGALHÃES).»

É *mixta*, quando as expressões são em parte proprias, em parte metaphoricas. Exemplo:

Foi no mar de um cuidado
Meu coração pescado:
Anzoes, os olhos bellos;
São linhas teus cabellos;
Com solta gentileza.
Cupido, pescador; isca, a belleza.

(BOTELHO DE OLIVEIRA).»

A allegoria tambem se emprega muitas vezes sem translação das palavras, exprimindo-se, pelos termos na significação propria, uma cousa ou pessoa, figurativa de outra.

Taes são os *apologos* e as *parabolas*, quando se tomam pela narração de um successo imaginado, mas com moralidade.

O apologo representa animaes ou arvores; a parabola, factos hypotheticos.

Exemplo do apologo:

Rubicundo peru roncava inchado,
Por ver-se de gallinhas rodeado;
Canta o gallo vizinho,—e elle, tremendo,
Mais fino que um cordel vae-se escondendo.

Ha generaes
Entre mulheres,
Que na batalha
Nem são alferes. (TEIXEIRA).»

De parabolas ha muitos exemplos no Evangelho, onde o reino dos céus se compara, já *a dez virgens*, já *á rede lançada ao mar*, já *ao thesouro escondido*.

Catachrese ou *abuso* é a translação fundada tambem na relação de semelhança, que por necessidade se faz da palavra de um objecto para outro, que não tem nome, como quando dizemos: «Uma *folha* de papel.» «Um *pé* de mesa.»

Quando as expressões do pensamento metaphorico parecem exageradas, quando ultrapassam os limites da verdade, quando engrandecem o sujeito alem de suas proporções naturaes, quando mesmo o diminuem muito aquem de sua realidade objectiva, então recebe a metaphora o nome especial de *hyperbole*. Exemplo:

«Olhae, vêde esses ferros,
Ufanos de guardar homem tão grande,
Como estão ostentando um nobre orgulho;
Porem, oh!—que toca-los
Não tenteis, atrevidos,
Que honrados, como são,—si o vosso dedo
Lhes pozerdes, infame,
Ve-los-eis—esses ferros—
Deshonrados por vós, suar de pejo.
(PESSOA DA SILVA.)»

SECÇÃO 2.ª

Ironia.

Ironia ou *irrisão* é a expressão do pensamento, opposta ao sentimento. Exemplo:

«É dotado de um entendimento
Tão vivo e esperto,
Que fora um Beliz,
Si lhe houvesse o juizo illustrado
Um dedo de grego
Outro de latim. (Gregorio de Mattos).»

De todos os tropos é a ironia o mais arrojado, porque, sem modificar, augmentar ou diminuir o pensamento, dá á expressão um sentido repugnante e inteiramente contrario a esse mesmo pensamento.

São especies de ironia:—o *sarcasmo*, o *asteismo*, a *antiphrase*, o *euphemismo*, a *paremia.*

O *sarcasmo* escarnece ou ataca impunemente a um ente que, por infeliz ou desvalido, já não se pode vingar. Exemplo: «Ó lá, tu que destroes o templo de Deus, e que o reedificas em tres dias, livra-te a ti mesmo, descendo da cruz. (S. Marcos.—XV, 28 e 30).»

O *asteismo* vitupera apparentando elogiar, ou elogia simulando vituperar.

Empregaria o asteismo quem, falando de um poeta de mau gosto, dissesse: «Quem gosta do gongorismo, tambem gosta das poesias deste individuo.»; assim o professor que, referindo-se ao seu melhor discipulo, se exprimisse por esta fórma: «Eis aqui o alumno mais ignorante da minha aula.»

A antiphrase veste de galas pensamentos tristes, funestos ou sinistros, exprimindo-os por meio de palavras de idéas agradaveis e contrarias. Exemplo:

«A morte é refrigerio da desgraça,
E para o justo a noute de um bom dia. (Borges de Barros).»

O *euphemismo* disfarça, com palavras decentes, idéas desagradaveis, odiosas ou torpes. Exemplo: «Deus o favoreça.» por «Não tenho que lhe dar.»

Paremia é um dictado de sentido ironico e allusivo a algum pensamento por outro emittido. Exemplo: «Quer ensinar o padre nosso ao vigario.» isto é «Quer ensinar a quem sabe muito bem a cousa de que trata.»

SECÇÃO 3.ª

Metonymia.

Metonymia é a substituição de uma palavra por outra, de idéas, natural ou artificialmente connexas, coexistentes ou successivas.

Esta substituição realisa-se pelos modos seguintes:

1.º A causa pelo effeito. Exemplo:

> «Quando o *sacro instrumento* quebra a augusta
> Mudez do santuario. (G. DIAS).»

2.º O effeito pela causa. Exemplo:

> «Surdo aos *trovões* da guerra que bradavam.
> (MAGALHÃES).»

3.º O signal pela cousa significada. Exemplo: «O Cardeal D. Henrique do *baculo* foi chamado para o *sceptro.*»

4.º O inventor pelo invento. Exemplo: «Um *stradivarius.*» por «Um violino de Stradivarius.»

5.º O autor pela sua obra. Exemplo:

> «Já com *Philinto* e com *Bocage* ao lado
> Da poesia aos vergeis se extenda o passo. (G. REIS).»

6.º O logar em que a cousa se faz, pela propria cousa. Exemplo: «Uma garrafa de *Xerez.*» em logar de «Uma garrafa de vinho feito em Xerez.»

7.º O continente pelo conteudo. Exemplo:

> «Assim a invicta *Grecia,* a invicta *Roma*
> Seus grandes dias celebrava outrora. (BALDUINO).»

8.° O conteudo pelo continente. Exemplo:

«Que alli vão despedir-se concertaram,
Onde a anchora pesada *o sal* feria. (ULYSSÉA).»

9.° O possuidor pelo objecto possuido Exemplo:

«E ao vasto peso da disforme quilha
Gemeu *Neptuno*, e as ondas se encurvaram. (B. DA GAMA).»

10.° O objecto possuido pelo possuidor. Exemplo:
«Em Diu não descansavam *as armas*. (J. FREIRE).»

11.° O collectivo pelo distributivo. Exemplo:

«Cae a idade innocente, a curva idade:
Ah! que eu sinto gemer a *humanidade!* (B. DA GAMA).»

12.° As partes do corpo pelo sentido ou sentimento de que são ou se suppõe serem os orgãos. Exemplos: «Tenho *bom ouvido.*» por «*boa audição.*» «És um homem sem *entranhas.*» por «sem *compaixão.*»

13.° O antecedente pelo consequente. Exemplo: «O sol já se tinha erguido no horizonte.» significando que «*já era dia.*»

14.° O consequente pelo antecedente. Exemplo: «Já as estrellas brilhavam no firmamento.» significando que «*já era noute.*»

Estes dous ultimos modos tomam o nome especial de *metalepse.*

Por *metonymia* tambem costumam a dar ás moedas os nomes dos soberanos, em cujos reinados foram cunhadas. Exemplos: «Um *napoleão.*» «Dous *luizes.*»

SECÇÃO 4.ª

Synecdoche.

Synecdoche é o tropo, pelo qual, em vez do nome de um objecto, se emprega o de outro, que o comprehende, ou que é nelle comprehendido.

Usa-se deste tropo, quando se toma:
1.º O todo pela parte. Exemplo:

«Adeus, *brilhante céu* da patria minha! (Magalhães).»

2.º A parte pelo todo. Exemplo:

«Mas a *vela* no horizonte
Para sempre se perdeu. (G. Dias).»

3.º O plural pelo singular. Exemplo:

«Que o rumo turbulentas mentir façam
Ás gentes dos *Brazis*. (Titara).»

4.º O singular pelo plural. Exemplo:

«Foram, qual hoje o *rude americano*,
O *valente Romano*, o *sabio Argivo*. (Durão).

5.º O genero pela especie. Exemplo:

«Ouvi, cheios de susto,
Mortaes, a voz de um Deus immenso e justo.»
(Caldas).

6.º A especie pelo genero. Exemplo:

«E a foz do rio e o tumido caminho
Gemeu com *tanto cedro* e *tanto pinho*. (B. da Gama).»

7.º O sujeito pelo attributo. Exemplo:

«Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem *Virgilios*, nem *Homeros*. (Camões).»

8.º O attributo pelo sujeito. Exemplo:

Principe acclamam com festivo modo
O *Filho do trovão*—do sertão todo. (Durão).»

Dão a este modo de synecdoche a denominação especial de *antonomasia*, que muitos consideram um tropo differente.

9.° O numero determinado pelo indeterminado. Exemplo:

«Entretanto esse heroe de *mil batalhas*
Entre os seus generaes ordens dictava. (MAGALHÃES.)»

10.° O numero indeterminado pelo determinado. Exemplo:

«Reclina-se *outro* em teu nevado seio. (G. DIAS).»

11.° A materia pela fórma. Exemplo:

«Não é tão duro o *bronze* do mosteiro. (BALDUINO.)»

12.° A fórma pela materia. Exemplo:

«Ora a avareza
Impunha o sceptro em toda a *redondeza*. (CALDAS).»

13.° O abstracto pelo concreto. Exemplo:

«Cae a *soberba ingleza* do seu throno. (CAMÕES).»

14.° O concreto pelo abstracto. Exemplo: «Insondavel ao *homem*» por «insondavel á *razão*.»

15.° A classe pelo individuo. Exemplo: «O *lyrico romano*» por «*Horacio*.»

16.° O individuo pela classe. Exemplo: «É um *Salomão*.» por «É *muito sabio*.»

§ 2.°

Figuras.

Chamam-se *figuras* certas fórmas particulares da elocução, que, em razão de serem o resultado do emprego de uma ideologia escolhida ou de uma phraseolo-

gia apurada, manifestam o pensamento de modo mais nobre, mais energico, mais elegante que as fórmas ordinarias.

Dividem-se em *figuras de pensamento* e em *figuras de palavras*.

SECÇÃO 1.ª

Figuras de pensamento.

Figuras de pensamento são aquellas que, por dependerem somente do racional da expressão, ou terem sua razão no ideal das palavras, subsistem sempre, ainda que se mude a phraseologia.

Classificam-se as figuras de pensamento em tres generos, segundo os meios, por que se opera a *persuasão*, unico fim da eloquencia, isto é, a *convicção*, a *moção*, o *deleite*.

I

Figuras de pensamento para convencer.

Podem reduzir-se a oito as figuras de pensamento para convencer. Taes são: — *interrogação*, *resposta*, *preterição*, *prolepse*, *perplexidade*, *communicação*, *suspensão*, *permissão*.

Interrogação é a figura, pela qual, fingindo-se ignorar uma cousa, se pergunta, não para saber, mas para instar e intimar mais. Exemplo:

«Mas acaso sabe o cysne,
Terno canto desferindo,
Que, em cada accento que solta,
A vida lhe vae fugindo?

«Nós acaso conhecemos
Melhor que elle nossa sorte?
Podemos dizer—este hymno
É nosso hymno de morte? (MAGALHÃES).»

Resposta é a figura, pela qual, perguntando-se uma cousa se responde outra, que associa ao facto pela pergunta expresso, em vez de uma simples affirmação ou negação, alguma circumstancia aggravante ou attenuante delle. Exemplos: «Este homem é um ladrão? — *E assassino.* —»

> «Oh! Porque não venceu? — *Facil lhe fora!* (MAGALHÃES).»

Preterição é a figura que, simulando prescindir de uma cousa, ou cala-la, indirectamente a vae dizendo. Exemplo:

> «Quanto aos loros, quanto ás cilhas,
> Fora melhor ficar mudo:
> Si der um 'spirro o cavallo,
> Lá se vão cilhas e tudo. (GUALBERTO REIS).»

Prolepse é a figura que previne, e refuta antecipadamente alguma objecção que se suspeita. Exemplo: «Não venho aqui ser orgão de paixões, misturar a intriga com a dor, lisonjear os ouvidos de uns á custa das crenças dos outros, offender um Deus de paz e uma religião de amor, escarnecer aquelle tumulo, vilipendiar o ministerio sagrado, e tornar-me um digno objecto de desprezo. O meu quadro é simples, innocente e inoffensivo. (MALHÃO).»

Perplexidade é a figura que simula uma indecisão sobre o ponto preciso, por onde ha de começar ou acabar, e sobre o que ha de dizer ou calar. Exemplo:

> «Da lyra desaccorde os sons cadentes,
> Que o teu dia requer, ó virgem bella,
> Como hei de desferir?
> E tantos predicados excellentes,
> Que possues, de que modo alçarei nella,
> Que aos evos possam ir? (MUNIZ BARRETO).»

Communicação é a figura, pela qual alguem, confiado no seu direito, commette a decisão do assumpto a outros,

fingindo identificar o sentimento proprio com o delles, ou procurando faze-los commungar nas mesmas idéas. Exemplo: «Que havemos de fazer? Que farieis vós numa occasião semelhante? Como deliberarieis, si fosseis traídos, como eu o fui?»

Suspensão é a figura que, pela prolongada exageração das circumstancias, demora a conclusão de um pensamento, para por tal modo concentrar a curiosidade que, esperando-se um successo ou facto extraordinario, occorre um de somenos importancia; ou vice-versa. Exemplo: «Quantas vezes agradeceu ella humildemente a Deus duas grandes graças: — uma, a de te-la feito christan; a outra... que esperaes vós, senhores? Talvez o haver ella restabelecido os negocios do rei, seu filho? Não! Foi o te-la feito rainha desgraçada. (Bossuet. — *Orac. fun. da rainha de Inglaterra).*»

Permissão é a figura que deixa ao arbitrio dos ouvintes e ainda dos proprios adversarios a decisão de alguma cousa. Exemplo: «Si é justo diante de Deus ouvir-vos a vós antes que a Deus, julgae-o vós; porque não podemos deixar de falar das cousas que temos visto e ouvido. *(Act.* IV, 19*).*»

II

Figuras de pensamento para mover.

As principaes figuras de pensamento, empregadas para mover o coração, resumem-se a seis: — *exclamação, parrhésia, prosopopéa, apostrophe, aposiopése, ethopéa.*

Exclamação é a figura que exprime os transportes da paixão ou as emoções mais vivas do coração na mais férvida phraseologia Exemplo:

«Filho inditoso, malfadado joven!
Oh!... Sentença cruel!... Oh! fado austero!...
Que antithese fatal!... que dor de morte,
Que espectac'lo, meu Deus!... que scena triste!
(Bolivar).»

Parrhésia ou *licença* é a figura que finge falar livremente e mais do que é permittido e conveniente, para chegar a um fim a que não parecia dirigir-se, como o de louvar fina e delicadamente, debaixo das fórmas de uma imputação; ou vice-versa. Exemplo: «Sim, hei de exprobrar-vos a vossa preguiça, até que vos cureis della... Si vos tivesse menos amizade, faria de vossa indolencia assumpto de gracejo; mas estremeço-vos muito e por isso vos reprehendo muito. (VOLTAIRE.--*Carta a Thiriot).*»

Prosopopéa ou *personificação* é a figura que introduz ficticiamente a falar pessoas, reaes ou suppostas, divindades ou manes e seres irracionaes ou insensiveis.

Dahi tres especies de prosopopéas: — *dialogismo*, *idolopéa* e *prosopopéa* propriamente dita.

O *dialogismo* finge pessoas a falar comsigo mesmas, umas com outras ou comnosco. Exemplo: «Menino, de que seita sois? Um responderá: eu sou Calvino; outro: eu sou Lutherano. (VIEIRA).»

A *idolopéa* imagina a falar um Deus, principalmente mithologico ou pagão e os manes dos finados que se evocam dos tumulos. Exemplo: «Ministro da religião de Jesus Christo, olha por mim e por ti!... Não inquietes os meus restos mortaes; são restos de um christão! — Não prostituas a tua lingua; é a lingua de um ministro do Deus humilde de cruz! (MALHÃO).»

A *prosopopéa*, propriamente dita, introduz a falar os animaes irracionaes ou as cousas inanimadas. Exemplo: «A patria! Como elle (Camões) a estremecia!... Que o digam os perigos a que se expoz, embalado sobre as ondas; que o digam os heroismos que elle praticou em numerosas batalhas; que o digam as saudades que o pungiram naquella gruta de Macau!... (SILVA RAMOS).»

Apostrophe é a figura que finge esquecer o assumpto, para se dirigir a outro personagem existente ou phantastico. Exemplos:

«Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostraes, e cavalleiros? (CAMÕES).»

«Vós, ó concavos valles que podestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes
Por muito grande espaço repetistes! (IDEM).»

Aposiopése ou *reticencia* é a figura que suspende o sentido da oração, deixando-o incompleto. Exemplo:

«Mas moura emfim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa. (CAMÕES).»

Ethopéa é a figura que retrata qualquer personagem com todas as suas feições physicas e com todos os seus caracteres moraes. Exemplo:

«O Padre Mestre, vendo-se obrigado
A recontar de Ulysses o trabalho,
Para o tempo ganhar de recorda-los,
Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
Saca, nas espalmadas mãos o tende,
Em ambas sopesado o leva á penca,
Com 'strondo se assoa, e dobrado o colhe:
D'sturro então sorvida uma pitada,
O habito sacode, aos sovacos
Alça o cordão, arrocha-o na casola,
E de papo ao Deão assim responde: (DINIZ).»

Tambem se dão a esta figura as denominações de *mimésis*, *caracter*, *retrato*.

A *hypotypose* que alguns consideram como uma especie de *ethopéa*, é a mesma *enarguéa* de que já tratamos.

III

Figuras de pensamento para deleitar.

São apenas duas as figuras de pensamento para deleitar: — *epanorthóse* e *anamnésis*.

Epanorthóse ou *correcção* é a figura que finge arrependimento do que se adiantou, ou emenda do que se disse. Exemplo:

«Feras! mas feras, não: que mais monstruosos
São da nossa alma os barbaros effeitos. (DURÃO).»

Anamnésis é a figura que finge lembrança repentina de uma passagem estranha, que se ia esquecendo, ou que foi suggerida pela presença de alguma cousa. Exemplo: «Agora o annel de Pisão me suscitou a lembrança de uma cousa que de todo me tinha escapado. A quantos homens de bem, cuidaes vós, tirou elle dos dedos os anneis de ouro? (CICERO).»

SECÇÃO 2.ª

Figuras de palavras.

Figuras de palavras são aquellas que, por dependerem somente do material da expressão, ou terem sua razão na disposição local dos vocabulos, não subsistem, si mudarem a symetria das palavras.

As *figuras de palavras* dividem-se em figuras por *accrescentamento*, *diminuição* ou *situação* de palavras.

I

Figuras por accrescentamento de palavras.

Epizeuxis ou *reduplicação* é a figura que repete seguidamente a mesma palavra. Exemplos:

«É *Roma*, é *Roma*, é a cidade eterna! (MAGALHÃES).»

Diácope ou *separação* é a figura que repete a mesma palavra, mettendo outra de permeio. Exemplo:

«*Estala*, ó coração, *estala*, acaba. (IDEM).»

Anaphora é a figura que repete a mesma palavra no principio de muitas orações. Exemplo:

«*Tornam* prados a despir-se,
Tornam flores a murchar,
Tornam de novo a vestir-se,
Tornam depois a seccar. (G. DIAS.)»

Epistrophe é a figura que repete a mesma palavra no fim de muitas orações. Exemplo: «Tudo acaba com a *morte*, e tudo se acaba com a *morte*, até a mesma *morte*. (VIEIRA).»

Symploce é a figura que repete uma palavra ou phrase no principio e fim de muitas orações. Exemplo: «*Que faz* o lavrador na terra, cortando-a com o arado? *Busca pão*. *Que faz* o soldado na campanha, derramando o sangue? *Busca pão*. *Que faz* o navegante no mar, lutando com as ondas? *Busca pão*. (VIEIRA).»

Anaphora alternada é a figura que repete alternadamente as primeiras palavras de differentes orações. Exemplo: «*Tu* velas de noute, para aconselhares as tuas partes; *aquelle*, para chegar cedo com o exercito ao logar destinado. *Tu* acordas, ao cantar dos gallos; *aquelle*, ao som das trombetas. *Tu* formas um libello; *aquelle*, um campo de batalha, etc. (CICERO).»

Ploce é a figura que faz corresponder a palavra do meio da phrase com a do principio, ou do fim da outra. Exemplos: «*Amor* que pode crescer, não é *amor* perfeito. (VIEIRA).»

«Essa é a *patria* minha, a *patria* amada,
Que a *vida* deu a quem me deu a *vida*.
(MAGALHÃES).»

Epanalépse é a figura que principia e acaba a oração com a mesma palavra, ou o periodo com a mesma phrase. Exemplos:

«*Troveja* mortes, damnos mil *troveja*. (SALDANHA).»

«*Meigas flores gentis, quem vos não ama?*
Em vós inspirações o bardo encontra;
Devaneios de amor, a ingenua virgem;
A abelha, o mel; a humanidade, encantos,
Odores, nutrição, balsamo e cores:
Meigas flores gentis, quem vos não ama? (G. DIAS).»

Epánodos ou *regressão* é a figura que repete, dividindo, as palavras que primeiro disse juntas, ou as idéas que exprimem. Exemplos: «Admiravel foi David *na harpa* e *na funda*; com a *harpa* afugentava demonios, com a *funda* derrubava gigantes. (VIEIRA).»

«*Ambos* fora de si, desacordados:
Elle mais de observar cousa tão bella,
Ella absorta no somno, em que pegara. (DURÃO.)»

Polyptóton ou *derivação* é a figura que repete a mesma palavra, fazendo-a mudar de flexão, ou exprimir relações diversas. Exemplos:

«E *fuja*, e apresse no *fugir* a morte. (B. DA GAMA).»

«Já co'as infestas armas pelejando
A *lança* á *lança* oppõem, o *peito* ao *peito*.
(ULYSSÉA).»

Anadiplósis é a figura que repete no principio de outra oração a palavra que fechou a oração antecedente. Exemplo:

«O regedor das ilhas, que *partia*:
Partia alegremente navegando. (CAMÕES).»

Exergásia ou *synonymia* é a figura que repete as mesmas idéas por expressões synonymas. Exemplo: «Em se tratando dos negocios de Deus, era *fogo*, era *raio*, era *corisco*... assim *abrazavam*, assim *feriam*, assim *penetravam*, suas palavras. (SOUZA).»

Polysyndeton é a figura que emprega muitas conjuncções ou a mesma muitas vezes repetida. Exemplo: «O bom engenho ha de ter agudeza *e* subtileza *e* força e velocidade. (H. PINTO).»

Climax ou *gradação* é a figura que repete os termos, fazendo passar a ultima palavra de uma oração para primeira da segunda, a ultima da segunda para primeira da terceira, e assim por diante. Exemplo:

«Nosso céu tem mais estrellas,
Nossas varzeas teem mais *flores*,
Nossas *flores* teem mais *vida*,
Nossa *vida* mais amores. (G. DIAS).»

Pleonasmo é a figura que accrescenta alguma cousa á legitima construcção. Exemplos: «Eu *mesmo* o vi *com estes olhos.*» «Parece-me *a mim.*» «Os grandes feitos que os portuguezes obraram naquelle dia, o oriente *os* diga. (J. FREIRE).»

Periphrasis é a figura que traduz um pensamento em muitas palavras. Exemplo:

«Banha o sol os horizontes,
Trepa os castellos dos céus,
Aclara serras e fontes,
Vigia os dominios seus: (G. DIAS).»

Umas vezes a periphrasis é necessaria; outras, util.

É necessaria, quando traduz uma idéa sordida, torpe, obscena ou triste, por suas circumstancias mais decentes, honestas, castas ou alegres.

É util, quando troduz a idéa original, decente ou bella por seus matizes e variações mais agradaveis.

A periphrasis dá á elocução um sainete particular, uma belleza exquisita; mas, não mudando a essencia do pensamento, não pode ser considerada como um tropo.

II

Figuras por diminuição de palavras.

Ellipse é a figura que supprime uma ou mais palavras que facilmente se subentendem pelo sentido. Exemplo: «Cantar quero os combates e a victoria. (F. ELYSEO).» isto é «Cantar quero *eu* etc.»

Quando supprime conjuncções, toma a ellipse o nome de *asyndeton* ou *dissolução*. Exemplo: «A nossa artilharia, não cessando de jogar noute e dia, levava pelos ares *corpos*, *pernas*, *braços*, *cabeças*. (SOUZA). »

Zeugma ou *juncção* é a figura, pela qual o verbo de varias phrases só se acha expresso no principio e no meio da primeira, ou no fim da ultima. Exemplos: «*Venceu* ao pudor a lascivia; ao temor, a audacia; á razão, a loucura. (CICERO).» «O caminho da verdade *é* unico; e o da felicidade, vario e infinito. (ARRAES).» «Certo que tal não és, Catilina, que nem da torpeza o pudor, nem do perigo o medo, nem do furor a razão jamais te *apartou*. (CICERO).»

III

Figuras por situação de palavras.

As *figuras de palavras por situação* dividem-se em figuras por *consonancia*, *symetria*, *contraposição* ou *transposição* de palavras.

a) *Figuras por consonancia.*

Paranomásia ou *agnominacio* é a figura que emprega na mesma phrase palavras paronymas. Exemplo: «As *magnetes* attrahem o ferro; os *magnates*, o ouro. (VIEIRA).»

Antanaclásis ou *repercussão* é a figura que emprega na mesma phrase palavras homonymas e homophonas. Exemplos: «Á força de fazer *razão* a todas as *saudes*, ia perdendo a *saude* e a *razão*. (DIN. DA CRUZ). «Tro-

cando *pennas* com *pennas*, mais *penas* padeço eu.» *(De uma cantiga popular).*

b) *Figuras por symetria.*

Párison é a figura que faz as orações principiar e acabar por palavras toantes, isto é, por palavras que do accento tonico até o fim teem as mesmas lettras vogaes, mas differentes lettras consoantes. Exemplo: «Saudades dos que saem, nenhumas me *ficam*; e os que entram, nenhuma confiança me *inspiram*. (VASCONCELLOS).»

Homeoteleuton ou *desinencia semelhante* é a figura que termina phrases successivas pelos mesmos consoantes. Exemplo: «Já sei, Senhor, que vos haveis de *enternecer* e *arrepender*, e que não haveis de *ter* coração para *ver* taes lastimas e taes estragos. (VIEIRA).»

Com quanto se encontrem exemplos desta figura nos classicos, entendemos que, por tornar o dizer affectado, só deve ser empregada em proverbios.

Homeoptoton ou *cadencia semelhante* é a figura que emprega successivamente nomes exprimindo a mesma relação, ou verbos nos mesmos tempos. Exemplos: «*Desta casa*, *do sitio della*, *de seus principios* e *das maravilhas* que nella obrou o céu, não se pode dizer pouco. (SOUZA).» «Aquellas dez virgens do vosso evangelho todas se *renderam* ao somno, todas *adormeceram*, todas *foram* iguaes no mesmo descuido. (VIEIRA).»

Isocólon é a figura que constroe os periodos com membros ou phrases iguaes ou quasi iguaes. Exemplo: «Não ha planta viçosa que esta geada não corte; flor delicada que este sol não murche; arvore robusta que este furacão não derribe; rochedo duro que este raio não lasque. (MALHÃO).»

c) *Figuras por contraposição.*

Antithese é a figura que contrapõe idéas ou sentidos, Exemplos: «Não ha no mundo alegria sem sobresalto,

não ha concordia sem dissensão, não ha descanso sem trabalho, não ha riqueza sem miseria, não ha dignidade sem perigo, finalmente não ha gosto sem desgosto. (HEITOR PINTO).»

«Porque essas honras vans, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente;
Melhor é merece-los, sem os ter,
Que possui-los, sem os merecer. (CAMÕES).»

Antimetábole é a figura que contrapõe idéas ou sentidos por meio da polyptoton ou derivação. Exemplos: «Não *vivo* para *comer*; *como* para *viver*. (SOCRATES).» «Ha ahi homens tão avessos *que se accendem com o que se deviam de apagar*, e *apagam-se com o que se deviam de accender*. (H. PINTO).»

d) *Figuras por hyperbato ou transposição de palavras.*

As *figuras por hyperbato* consistem na transposição de palavras com ou sem perturbação da ordem grammatical; e comprehendem a *anastrophe*, o *parenthesis*, a *synchisis* e a *tmese*.

A *anastrophe* que consiste na ordem prepostera ou avessa das palavras, é especie de hyperbato muito frequente na poesia. Exemplos:

«*De Jesus Christo* **a igreja** vezes nove. (FILINTO).»
«*O céu, a terra, as ondas* **atroando.** (CAMÕES).»

Devendo dizer-se pela lei de posição: «**a igreja** *de Jesus Christo*», «**atroando** *o céu, a terra, as ondas*.»

O *parenthesis* que consiste num sentido interposto noutro, é especie de hyperbato muito mais frequente na prosa que na poesia, e unicamente toleravel, quando a phrase interposta é muito curta. Exemplo:

«O' tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Si de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vence-la)
A estas creancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della. (CAMÕES.)»

A *synchisis* que consiste na ordem confusa das palavras ou na transposição destas, com perturbação da ordem grammatical, é especie de hyperbato, que tem algumas vezes cabimento no verso, para produzir effeito imitativo. Exemplo:

«**A grita** se levanta ao céu, *da gente*. (CAMÕES).»

A *tmese* desloca a enclitica do seu logar proprio para o meio do vocabulo de que é dependencia. Exemplos: «*Chama-***lo***-á*» por «**o** *chamará*.» «*Amar-***me***-ia*» por «**me** *amaria*.»

TITULO QUARTO.

HARMONIA.

Ha ainda uma virtude commum a todo o genero de estylos:—é a *harmonia*.

Harmonia é a combinação de sons, aprazivel ao ouvido, quer pelo accorde que entre elles se deve dar, quer pela sua relação com as idéas e sentimentos que exprimem.

Dahi duas especies de harmonia, uma relativa á fórma, chamada *harmonia musical* ou *mechanica*; outra relativa á idéa, chamada *harmonia onomatopica* ou *imitativa*.

CAPITULO I.

Harmonia musical ou mechanica.

A *harmonia musical* ou *mechanica* consiste no accorde dos sons, resultante da escolha das palavras e da construcção das phrases.

Divide-se a harmonia musical ou mechanica em *melodia* e *cadencia*.

§ 1.º

Melodia.

A *melodia* trata da escolha e combinação das palavras em relação aos sons.

Eis as principaes regras da melodia:

1.ª Entremear vocabulos grandes com pequenos, por modo que a phrase não seja formada só de monosyllabos, nem exclusivamente de polysyllabos.

2.ª Variar o emprego dos sons vogaes e dos sons consoantes.

Uma phrase é tanto mais melodiosa quanto maior variedade apresentar de sons vogaes e de sons consoantes. Exemplos:

«Rugindo estoura o mar em brutas serras.»
«Amargas ancias causa amar ingratas.»

O primeiro verso é optimo, porque contem todas as cinco vogaes; o segundo é mau, porque contem só duas.

3.ª Variar a construcção das phrases, e evitar o emprego da mesma palavra duas ou mais vezes proximamente, e de termos acabados pela mesma maneira, ou que formem consonancia.

Exceptuam-se os dous casos seguintes:

1.º Si a rima é obrigatoria, como succede muitas vezes nas composições metricas. Exemplo:

«Campos bem *aventurados*,
Tornae-vos agora *tristes*,
Que os dias em que me *vistes*
Alegre, já são *passados*. (Camões).»

2.º Quando a repetição é empregada de proposito, para dar relevo e força á phrase. Exemplo: «*A vossos*

pés está a fazenda, *a vossos pés estão* os interesses, *a vossos pés estão* os escravos, *a vossos pés estão* os filhos, *a vossos pés está* o sangue, *a vossos pés está* a vida. (VIEIRA).»

4.ª Por meio das figuras de dicção, supprimir, accrescentar ou mudar as lettras ou syllabas.

5.ª Introduzir na phrase palavras a mais, ou que nada accrescentam ao sentido della, só com o intuito de a tornar mais harmoniosa, emphatica ou energica.

Estas palavras chamam-se *verbos de encher* ou *cunhas*. Exemplo:

«Ouvi: que vereis com vans façanhas,
Phantasticas, *fingidas*, *mentirosas*,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas de engrandecer-se desejosas: (CAMÕES).»

Neste exemplo, as palavras *phantasticas, fingidas*, *mentirosas*, são verbos de encher ou cunhas.

Si taes palavras são monosyllabos, tomam ainda a denominação de *particulas explectivas* ou *de realce*. Exemplo: «Mal se faz *de* crer o que se não cuida, nem espera. (FREI L. DE SOUZA).»

Neste exemplo, a preposição *de* é particula explectiva ou de realce.

§ 2.º

Cadencia.

A *cadencia* trata da construcção das phrases em relação ás pausas, ao metro.

Os espaços ou grupos de syllabas que as pausas separam, denominam-se *numeros*.

Os numeros dividem-se em *grandes*, *pequenos* e *medios*.

Grandes, quando teem mais de dez syllabas; *pequenos*, quando teem menos de sete; *medios*, quando teem de sete a dez inclusive.

Uma syllaba isolada não constitue harmonia; e os numeros formados de mais de doze syllabas, não se podem pronunciar com cadencia e naturalidade.

Os numeros podem-se combinar no discurso por alguma das seguintes maneiras:

1.ª Formando o periodo de numeros iguaes ou proximamente iguaes. Exemplo: «Todas as creaturas | padeceram com Christo, | a Christo acompanharam, | e corresponderam todas. | Padeceu o sol eclipses; | o véu do templo, rasgos; | as pedras, choques; | a terra, tremores; | os corações, golpes.»

Esta disposição em prosa desagrada.

2.ª Constituindo o periodo de numeros grandes e pequenos dispostos regular e symetricamente. Exemplo: «Cante-lhe ao homem o rouxinol, | mas na sua gaiola; | diga-lhe ditos o papagaio, | mas na sua cadeia; | vá com elle á caça o açor, | mas nas suas piozes; | faça-lhe bufonerias o bugio, | mas no seu cepo. (VIEIRA).»

Esta combinação, não obstante ser a mais musical, torna o discurso affectado, si for empregada em demasia.

3.ª Formando o periodo de numeros de varias grandezas, dispostos desordenada e tumultuariamente. Exemplo:

«Evohé, padre Bacho!
Dá-me a mão, dá-me assento aos pés do throno,
A mim e a Marcia... Ah! Não. Que temo, ao ve-la,
Que a Ariadna infindo sejas.
Cá me arrancho com o Aio. Sus, amigo,
Que a roncos, não refolgas sustenidos,
Lá vae, de golpe um frasco. (F. ELYSIO).»

Esta collocação é defeituosa, quando não é empregada de proposito, como succede nas composições dithyrambicas.

4.ª Empregando no periodo numeros de differentes grandezas, em escala ascendente, de menor para maior, com reserva de um polysyllabo para fecho delle. As palavras que produzem mais effeito no encerramento de um periodo, são os verbos e depois os nomes. Exemplos: «A aurora é o riso do céu, | a alegria dos campos, | a

respiração das flores, | a harmonia das aves, | a vida e alento do *mundo*. (VIEIRA).» «Só é verdadeiro senhor da fazenda, | quem sabe dar e repartir; | escravos são della | os que a fecham e *enthesouram*. (FREI L. DE SOUZA).»

Deve-se evitar encerrar o periodo por adverbios terminados em *mente* ou por monosyllabos agudos.

§ 3.º

Vicios da harmonia musical ou mechanica.

Os *vicios da harmonia musical* ou *mechanica* são:— o *cacophaton*, o *hiato*, a *collisão*, a *dissonancia*, a *monophonia*, o *echo*.

Cacophaton é o concurso de syllabas, formando um som rude ou obsceno. Exemplos:

«Em portatil leito uma *rica cama*. (FERREIRA).»
«*Has no* dizer tantas graças.»

Hiato é o concurso de vozes da mesma natureza ou de igual valor. Exemplos: «*Ha almas.*» «*Chama a ama.*»

Collisão é o concurso de consoantes asperas. Exemplos: «*Lirios roxos.*» «*Rosas seccas.*»

Dissonancia é o concurso de sons vogaes e consoantes, desagradavel ao ouvido.

Quando a dissonancia é o resultado da concorrencia de muitas vozes fortes, tem o nome de *dureza*. Exemplo:

«Mar chão, sol bom, bom ar, á nau serviam.»

Quando a dissonancia é o resultado da concorrencia de sons consoantes rijos, toma o nome de *aspereza*. Exemplo:

«Não são os reis mais homens, por ser reis. (FERREIRA).»

Dá-se a aspereza principalmente com os sons consoantes *l*, *r*, *x*.

Evitam-se as dissonancias, escolhendo termos, cujo conjuncto não produza este defeito, ou recorrendo ás licenças permittidas pelos *metaplasmos* ou *figuras de dicção*. Exemplos: «*Armemo*-nos de penitencia. (H. PINTO).» «O trigo que caiu *no* caminho, comeram-*n*-o as aves. (VIEIRA).»

Monophonia é a repetição successiva de vozes brandas ou de sons consoantes da mesma natureza. Exemplo: «Quem me matou minha amada.»

A monophonia deixa de ser vicio, quando empregada com fim onomatopico.

Echo é a concorrencia proxima de syllabas fortes, rimando ou produzindo consonancia. Exemplo: «*Posta* a pro*posta* á vot*ação*, foi approvada por acclam*ação*.»

O echo não é defeito, si é empregado de proposito.

CAPITULO II.

Harmonia imitativa ou onomatopica.

A *harmonia imitativa* ou *onomatopica* é a combinação de sons e de pausas, apropriada a auxiliar a intelligencia do pensamento que se deseja manifestar.

Duas são as especies de harmonia imitativa:—*a de sons* e *a de pausas*.

§ 1.º

Harmonia imitativa de sons.

A *harmonia imitativa de sons* é a que resulta do emprego de *phrases* ou *vocabulos onomatopicos*.

Chamam-se *vocabulos onomatopicos* os que imitam na sua pronunciação o som da acção ou do objecto que representam. Exemplos: «*gaguejar*, *cacarejar*, *grasnar*, *chilriar*, *coachar*, *cucurricar*, etc.

A harmonia de sons consegue-se:

1.º Pelo simples emprego de palavras onomatopicas: Exemplo:

> «Na ribeira—peito n'agua,
> *Chape*, *chape*, a vadear!
> Nas devezas dos valados
> *Up!* salto a galgar. (A. Garrett).»

2.º Pelo contexto de vocabulos representando o som das acções, ou cousas que manifestam. Exemplo:

> «Ruem por terra as emperradas portas
> Das Eolias horrisonas masmorras,
> Que de um fero encontrão rugindo arromba
> A caterva dos Euros. (Bocage).»

§ 2.º

Harmonia imitativa de pausas ou de numeros.

A *harmonia imitativa de pausas* ou *de numeros* consegue-se:

1.º Empregando na phrase numeros grandes, para representarem as acções demoradas ou sentimentos prolongados; ou numeros curtos, para exprimirem as acções rapidas e os sentimentos precipitados.

Exemplo do primeiro caso: «Ao principio Gabriel, pausado e lento, lançava successivamente uma ou outra mão a esta ou áquella corda; pouco e pouco os seus movimentos tornavam-se mais rapidos;... Era por fim um remoinho, um delirio, uma furia sonorosa; Gabriel estava tomado de campanomania; etc. (A. Herculano).»

Exemplo do segundo caso:

> «Que direi? que farei? que clamarei?
> Ó fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!
> Ó minha Dona Ignez, ó alma minha,
> Morta m'és tu? morte houve tão ousada
> Que contra ti podesse? ouço-o, e vivo?
> Eu vivo, e tu és morta? ó morte crua! etc.
> (A. Ferreira).»

2.º Empregando numeros grandes, interrompidos por numeros curtos, sem se guardar, ao distribui-los, regularidade alguma na representação das scenas tumultuosas e de grande perturbação ou confusão. Exemplo:

«A grita se levanta ao céu, da gente;
O mar se via em fogo accendido;
E não menos a terra: e assim festeja
Um ao outro, á maneira de peleja. (CAMÕES).»

A collocação irregular do complemento *da gente* no primeiro verso pinta melhor a perturbação que o poeta deseja representar, do que si o collocasse na ordem regular.

A harmonia imitativa é mais propria da poesia do que da prosa.

CAPITULO III.

Metrificação.

A *metrificação* ensina a fazer versos.

Verso é uma palavra ou um conjuncto de palavras, comprehendendo determinado numero de syllabas, sujeitas a pausas obrigadas, que se assignalam pelo *accentos prosodicos* ou *tonicos*, e de que resultam cadencia e melodia.

A *metrica latina* fundava-se na *quantidade* das syllabas.

Dahi os *pés* ou partes do verso, compostas de combinações de syllabas longas e breves, em numero nunca inferior a duas nem superior a quatro, as quaes serviam para se verificar si continha elle o devido numero de syllabas, ou si estava construido de modo a ter a necessaria cadencia e melodia.

Em portuguez, a quantidade, por si só, não pode servir de base á metrificação, porque, não havendo sensivel differença entre syllabas longas e breves, não produz ella effeito algum na versificação; pelo que foi supplantada pelo *accento prosodico* ou *tonico*, que, por tornar

o vocabulo um todo harmonico, é o *principal factor* do verso portuguez.

Distinguem-se os *versos portuguezes:*

1.º—Pela disposição das syllabas metricas;
2.º—Pela cadencia e melodia final;
3.º—Pelo numero de suas syllabas;
4.º—Pelo seu numero em cada estancia.

§ 1.º

Dos verbos considerados quanto á disposição das syllabas metricas.

Syllaba metrica é a tonica que termina o verso.

Considerados os versos quanto á syllaba metrica, denominam-se *agudos*, *graves* e *esdruxulos* ou *dactylicos*.

O verso é *agudo* si termina rigorosamente na syllaba metrica; *grave*, si, alem da syllaba metrica, ha uma atona; e *esdruxulo* ou *dactylico*, si, alem da syllaha metrica, ha duas atonas.

Exemplo do verso agudo:

«Rouca voz começou-me a cha*mar*.»

Exemplo do verso grave:

«Este sim, que é meu filho muito a*ma*do!»

Exemplo do verso esdruxulo ou dactylico:

«E em Guanabara es*plen*dida.»

Os versos graves são os mais harmoniosos, e por isso, os mais usados; os agudos, por serem algum tanto asperos e ingratos ao ouvido. só se toleram intercalados em versos graves, ou si se quer exprimir idéas extravagantes, comicas ou satyricas; e dos exdruxulos ou dactylicos dár-se-á o emprego com parcimonia, quando, por

virtude de sua fluencia e extensão, se tem em vista que produzam effeito imitativo ou onomatopico.

§ 2.º

Dos versos considerados quanto á sua cadencia e melodia final.

São elementos da *cadencia* e *melodia final* do verso a *pausa*, a *cesura*, o *hemistichio*, a *syllaba metrica* e a *rima*.

Pausa é o repouso da voz, que se dá nos accentos tonicos, na cesura, no hemistichio e nas syllabas metricas.

Cesura é o corte praticado na palavra grave pelo accento tonico, cujo repouso separa do corpo della a ultima syllaba, que, ficando, por isso, ensurdecida, funde-se com a syllaba inicial do vocabulo seguinte, si começa este por vogal. Exemplo:

«Conchega a mãe ao peito o filho amado,
«ConCHEg'*a* mãe ao PEI*t'o* FI*lh'a*mado,

«Nobre e rica outrora.»
«No*br'e* RIC'*ou*trora.»

Hemistichio é qualquer das duas metades, de que se compõem o verso heroico e o alexandrino.

O hemistichio termina muitas vezes na tonica final do seu ultimo vocabulo, dividindo o verso em duas partes exactas. Exemplo:

«Na crypta das na*ções*, | absorto, pensativo,
Entrei a procu*rar*, | não Portugal, o vivo.»
(C. DE LAET.)

Outras vezes, termina na penultima syllaba tonica do seu vocabulo final, sendo a ultima absorvida pela inicial do hemistichio seguinte, ou fazendo parte delle. Exemplo:

«Bailando no ar ge*mi* | a inquieto vagalume:
—Quem me dera que *fos* | se aquella loura estrella.»
(M. DE ASSIZ.)

Os versos, quanto á sua cadencia e melodia final, podem ser *soltos* e *rimados*.

I

Dos versos soltos.

Versos soltos são os que terminam em vocabulos não consoantes.

Os *versos soltos*, tambem chamados *brancos*, dispõem de muita naturalidade e variedade, e fazem-se com mais facilidade, alongando-se e encurtando-se os periodos, porque não estão sujeitos á rima nem á medida invariavel.

São preferiveis nas obras moraes e didacticas, porque seu assumpto é grave ou sisudo; nas tragedias, porque nellas dominam paixões vehementes; e nas comedias e dialogos, porque tratam de factos essencialmente naturaes.

Devem variar o mais possivel as desinencias dos seus ultimos vocabulos. Alem de lhes ser o consoante defeito imperdoavel, tambem não se lhes permitte, quando successivos, a coincidencia das mesmas vogaes, tanto nas syllabas metricas, como nas atonas que a estas se seguirem. Nelles, deve haver ainda a maior variedade de vogaes.

II

Dos versos rimados.

Versos rimados são os que terminam em vocabulos consoantes.

Os *vocabulos consoantes* tomam a denominação de *rima*.

Rima é a identidade dos sons das syllabas metricas nos versos agudos, ou das syllabas metricas e a atona

ou atonas, que se lhes seguirem, nos versos graves e exdruxulos ou dactylicos.

A *rima* ou *consoante* divide-se em *rima encadeada*, *emparelhada* e *interpolada*.

A *rima encadeada* consiste em empregar-se no meio do verso o consoante final do verso anterior. Exemplo:

«Hoje ha salario p'ra qualquer trab*alho*,
Cinzel ou m*alho*, ferramenta ou penna!»
(CASTRO ALVES.)

A *rima emparelhada* consiste em fazer terminar dous ou mais versos consecutivos no mesmo consoante. Exemplo:

«Debalde invoco teu n*ome*!
O negro abutre da f*ome*
Roe-me as entranhas, Senhor!
Estão aridos meus p*eitos*!
Sobre seus humidos l*eitos*,
Meus filhos, tristes, desf*eitos*,
Vertem lagrimas de dor!
(F. VARELLA.)

A *rima interpolada* consiste no emprego alternado ou interposto dos consoantes finaes dos versos.

Exemplo de consoantes alternados:

«Pelo céu os passa*rinhos*,
Bem como os anjinhos s*eus*
Vão cantando innocent*inhos*
Varios poemas a D*eus*.»
(JUNQUEIRA FREIRE.)

Exemplo de consoantes interpostos:

«Quem és tu, pobre vivente,
Que passas triste, so*zinho*,
Trazendo os raios da estrella
E as azas do passar*inho*?»
(F. VARELLA.)

Os versos rimados disfarçam durezas, frouxidões e outros vicios, que não se desculpam nos versos soltos; dão aos periodos symetria; tornam a fórma poetica mais perceptivel e agradavel; e ajudam a memoria.

São preferiveis nos poemas destinados a agradar, como os que tratam de assumptos referentes ao amor, aos affectos, á moral, etc.

§ 3.º

Dos versos considerados quanto ao numero de suas syllabas.

Quanto ao numero de syllabas, podem contar-se as seguintes especies de versos:

1.ª—De *treze* syllabas;
2.ª—De *doze* ou *alexandrinos;*
3.ª—De *onze* ou *de arte maior;*
4.ª—De *dez* ou *heroicos;*
5.ª—De *nove* ou *de Gregorio de Mattos;*
6.ª—De *oito;*
7.ª—De *sete* ou *de redondilha maior;*
8.ª—De *seis* ou *heroicos quebrados;*
9.ª—De *cinco* ou *de redondilha menor*, e, segundo a denominação historica provençal, *de arte menor;*
10.ª—De *quatro* ou *adonicos;*
11.ª—De *tres* ou *quebrados de redondilha maior;*
12.ª—De *duas;*
13.ª—De *uma.*

Estas duas ultimas especies tambem se denominam *pequenos* ou *lyricos.*

Os *versos de treze syllabas* são de uso raro, e compõem-se de dous de seis syllabas; o primeiro destes deve ser grave, e sua ultima syllaba não se elidirá com a primeira do segundo, que começará por lettra consoante. Exemplos:

«Tu que os costumes *nos*sos | melhor que ninguem *pin*tas!
Ensina-me o se*gre*do | com que dás alma ás *tin*tas.»
(J. B. da Gama.)

Os *versos de doze syllabas* ou *alexandrinos* são os versos heroicos dos francezes.

Em Portuguez, compõem-se de dous de seis syllabas, dos quaes o primeiro pode ser agudo ou grave; mas, quando grave, sua ultima syllaba será elidida na primeira da palavra seguinte, que deverá começar por vogal. Exemplo:

«Si a fortuna um dia*de*ma | em teu berço ha lançado,
Desse dom casu*al* | não me attrahe o esplendor.»

(A. F. de Castilho.)

Tambem se podem formar de um grave de seis syllabas, accentuado na terceira e outro de cinco, accentuado na segunda. Exemplo:

«Já no *mi*sero al*ber*gue, | que es*co*lhe por *ber*ço,
O mais *po*bre dos *fi*lhos | dos *ho*mens pa*re*ce.»

(A. F. de S. Vasconcellos).

Os *versos de onze syllabas* ou *de arte maior* são compostos de dous de cinco syllabas, accentuados ordinariamente na segunda. Exemplo:

«U*ma har*pa a seu *la*do | fri*sa*va a cor*ren*te,
Ge*men*do quei*xo*sa | da *le*ve pres*são*.»

(G. Dias).

Os *versos de dez syllabas*, denominados *italianos* e ainda *heroicos*, por serem empregados nas epopéas, nas tragedias e noutras poesias heroicas ou sublimes, são de maxima formosura, de sufficiente grandeza, para abranger o pensamento, e susceptiveis de muita variedade.

Admittem duas disposições de accentos.

1.ª Na sexta e na decima syllaba. Exemplo:

«Troam na Iberia os *hym*nos da vic*to*ria
Que Fernando e Isa*bel* do Mouro hou*ve*ram.»

(Porto Alegre).

Esta accentuação torna o verso grave e valente.

2.ª Na quarta, oitava e decima syllaba. Exemplo:

«Escuta, El*vi*ra!... Vou con*tar*-te um *so*nho,
Bello, ri*so*nho, que uma *vez* so*nhei*;»
(Faustino de Novaes).

As pausas obrigadas desta combinação de accentos fa-los suaves e affectados; pelo que os chamam neste caso *saphicos*.

Sua harmonia augmenta ainda, si forem accentuados em todas as syllabas pares. Exemplo:

Pra*ze*res *so*cios *meus* e *meus* ty*ran*nos.»
(Bocage).

Desterram delles a monotonia e dão-lhes incontestavel superioridade ás especies mencionadas esta variedade de accentuação, que lhes é frequente e de facil emprego, e o dispensarem a rima que lhes não é essencial, por ser nossa Lingua assás sonorosa e extremamente musical.

Os *versos de nove syllabas*, tambem chamados *de Gregorio de Mattos*, poeta brazileiro, são bellissimos, e accentuam-se na terceira, sexta e nona syllaba. Exemplo:

«Sois da *Pa*tria espe*ran*ça fa*guei*ra,
Branca *nu*vem de um *ro*seo por*vir*!»
(*Hymno Academico.*—B. Sampaio).

Prestam-se muito ao canto; e, por isso, teem servido muitas vezes para a composição de hymnos marciaes e patrioticos.

Os *versos de oito syllabas* teem sido muito pouco usados.

A respeito da sua accentuação, é opinião corrente que deve ser realisada na quarta e oitava syllaba. Exemplo:

«Acompa*nhae* meu vão la*men*to
Auras li*gei*ras que pas*saes!*»

(A. F. DE CASTILHO).

Gonçalves Dias porem accentuou-os na segunda, quinta e oitava. Exemplo:

«Bem *co*mo ser*pen*tes que o *fri*o
Em *nós* emma*ra*nha,—sal*ga*das
As *on*das s'es*ta*nham pe*sa*das
Ba*ten*do no *frou*xo are*al.*»

(*A Tempestade.*—G. DIAS).

Os *versos de sete syllabas* ou *de redondilha maior*, alem do accento na syllaba metrica, podem ter outro, que deve variar da segunda á quinta; são considerados melhores os que o teem na terceira.

Dos versos portuguezes são os mais populares; sem excluir a nobreza e energia, recommendam-se ainda pela graça e doçura. Exemplo:

«Como *são* bellos os *di*as
Do despon*tar* da exis*ten*cia!
Respira a *al*ma inno*cen*cia,
Como per*fu*mes a *flor!*»

(C. DE ABREU).

Os *versos de seis syllabas*, denominados tambem *heroicos quebrados*, são usados em poesias proprias do canto, e intermeados em versos de dez syllabas. Delles os mais harmoniosos são os que tiverem accentuadas a sexta e a quinta ou a sexta e a terceira. Exemplos:

«Lá corre a *nu*vem *ne*gra,
Lá cobre a *fa*ce ao *céu*,
Qual lutu*o*so *cre*pe,
Qual mortu*a*rio *véu.*»

(JUNQUEIRA FREIRE).

«Eu tambem antevi dourados dias,
Nesse *di*a fa*tal*;
Eu tambem, como tu, sonhei contente
Uma ven*tu*ra i*gual*.»

(JUNQUEIRA FREIRE.)

Os *versos de cinco syllabas*, que tambem se chamam *de redondilha menor*, teem viveza e suavidade, e, alem do accento da syllaba metrica, cumpre que tenham outro na primeira, segunda ou terceira. Exemplo:

«A vida é com*ba*te,
Que os fracos a*ba*te,
Que os fortes, os *bra*vos,
Só pode exal*tar*.»

(G. DIAS.)

Os *versos de uma*, *duas*, *tres* e *quatro syllabas* teem accentuação obrigada apenas na syllaba metrica.

E' raro encontrarem-se sós os tres primeiros, porque difficilmente deixam de ser monotonos. Os ultimos denominados tambem *adonicos*, prestam-se a composições ternas e delicadas. Exemplo de versos de quatro syllabas:

«Põe na vir*tu*de,
Filha que*ri*da,
De tua *vi*da
Todo o pri*mor*.»

(VISCONDE DA PEDRA BRANCA.)

Exemplo de versos de tres syllabas:

«Ha casos de tão fria ingratidão
Que a ra*zão*
Não se a*tre*ve
A crê-los, sem exame, assim de leve.»

(*O menino e a Cobra*.—A. GARRETT.)

Exemplo de versos de duas syllabas:

> Es*trel*las
> Sin*ge*las,
> Lu*zei*ros
> Fa*guei*ros,»
> (*A Cruz*.—F. VARELLA.)

«Exemplo de versos de uma syllaba:

> «Volta, ó mãe, ao teu albergue;
> — *Er*gue —
> Teus olhos á Mãe de Christo;
> Até que desponte a aurora,
> — *O*ra —,
> Que o menino ha de ser visto.»
> (*Amor de mãe*.—ROZENDO MONIZ.)

§ 4.º

Dos versos considerados quanto ao seu numero em cada estancia.

Dá-se o nome de *estancia* a cada um dos grupos de versos, com disposição semelhante de rimas, em que se dividem algumas composições poeticas.

Toma o nome de *couplet* ou *copla* nas canções, e o de *estrophe*, *antistrophe* ou *epodo* nas odes.

Conforme o numero de versos de que se compõe, chama-se *distico* ou *parelha*, *tercetto*, *quadra* ou *quarteto*, *quintilha*, *sextilha* ou *sextina*, *septilha*, *oitava* e *decima*.

De duas quadras ou quartetos, seguidos de dous tercettos, em versos rimados de dez syllabas, compõe-se a fórma poetica denominada *soneto*.

Ha delle varias composições; mas a mais usada, entre os antigos e actualmente, consiste em ter duas rimas: uma para os versos extremos — primeiro, quarto,

quinto e oitavo —, e a outra para os do meio — segundo, terceiro, sexto e setimo —; e alternar duas outras rimas nos tercettos.

O soneto é uma bella composição; mas, para ser perfeito, cumpre que seus pensamentos sejam nobres e elevados, sua linguagem viva e melodiosa, e seus versos perfeitamente torneados.

Alem disto, desde o começo, devem suas bellezas ir crescendo por tal modo que o ultimo verso o encerre com um conceito tão notavel que habilite a critica a julga-lo fechado com chave de ouro.

Exceptuando as semsabores *parelhas* e as *sextinas*, as outras especies de rima são susceptiveis de bello effeito, quando tratadas por mãos habeis.

PARTE TERCEIRA.

SEMIOLOGIA [1].

Semiologia, tambem chamada *semantica*, *sematologia* ou *semeiotica*, é o estudo que, para interpretação do sentido total da phrase, se faz das translações ou mudanças, que, no tempo e no espaço, experimenta a significação das palavras, consideradas como signaes das idéas.

Divide-se a *semiologia* em *exegetica* e *technica*.

LIVRO PRIMEIRO.

EXEGETICA.

A *exegetica* investiga todos os phenomenos que dizem respeito á significação das palavras.

[1] Desta parte da grammatica, cuja doutrina é complexa e difficilima, ha apenas materiaes esparsos ou notas fragmentarias, que ainda não foram concatenadas ou reduzidas a systema.

As palavras em relação á sua significação chamam-se *termos* que podem ser *mononymos*, *synonymos*, *polynonymos* e *antonymos*.

O lexico, como as fórmas grammaticaes e a pronunciação, varia de epoca para epoca. O povo não se contenta com exprimir o pensamento e as idéas novas; é-lhe forçoso apresenta-los animados e revestidos de variadas cores; não lhe basta pois o processo de importação de vocabulos novos de origem estrangeira, nem o da formação portugueza propriamente dita. Aquella tendencia natural e espontanea da sua vida intellectual leva-o, sob a acção da analogia, a alterar, renovar, e accrescer o lexico pelo processo modificador do sentido das palavras.

O principio da analogia deve ser attribuido em parte ao instincto natural da imitação, e em parte á lei do menor esforço. A multiplicidade dos sentidos de uma mesma palavra é pois resultante da necessidade ou desejo de adquirir novas idéas, sem o trabalho de inventar ou formar palavras novas.

Todas as mudanças de sentido fundam-se na comparação ou analogia. Foi a analogia que deu origem ás mudanças de sentido, conhecidas pela denominação de *tropos* (1).

A influencia dessa lei é sempre obvia, directa ou indirectamente. Exemplos: «*Donzella* até o seculo 16.° era uma dama do paço, solteira; hoje, mulher solteira, mas virgem, ainda que maior de vinte e cinco annos: *corja*, antigamente collecção de vinte (de roupa, louça, etc.); hoje, agrupamento indeterminado de individuos malandrinos: *fintar* era lançar finta, tributo; hoje, enganar.»

Eis as principaes causas particulares das varias applicações de sentido nas palavras:

1.ª Generalisação do particular — O sentido de particular torna-se geral: «*Belchior* chamava-se o primeiro adelo estabelecido no Rio de Janeiro; esse nome, por

(1) Veja-se a Parte 2.ª, Liv. 2.ª, Tit. 3.ª, Cap. 3.ª, § 1.ª

uma extensão menos natural, veio a significar todos os que compram e vendem roupas e trastes usados.»

2.ª ESPECIALISAÇÃO DO GERAL — O sentido do vocabulo restringe-se: «*Britar* significava arrombar ou quebrar qualquer cousa; hoje só se emprega no sentido de quebrar pedras.»

3.ª MUDANÇA DE NUMERO—Algumas palavras mudam de significação, quando no plural: «*Bem*, o que é bom, honesto, vantajoso, conveniente; *bens*, riqueza, propriedade.

4.ª MUDANÇA DE GENERO — O feminino dá mais extensão ao sentido da palavra: «*Fruto*, *fruta*; *lenho*, *lenha*.»

5.ª MUDANÇA DO SENTIDO PASSIVO PARA O ACTIVO E VICE-VERSA, DO OBJECTIVO PARA O SUBJECTIVO — «*Hospede* era originariamente o homem que dava pousada ou agasalho, dono de estalagem; hoje significa pessoa a quem se dá hospedagem.»

6.ª MUDANÇA POR ENCARECIMENTO — A palavra, depois de certo tempo, toma sentido mais nobre ou elevado: «*Meco* significava devasso, adultero; hoje, mas em linguagem vulgar, tem o sentido de esperto.»

7.ª MUDANÇA POR DEGRADAÇÃO OU REMOQUE — «*Tratante* applicava-se ás pessoas que tratavam ou negociavam; hoje só se emprega á má parte, significando individuo que faz negocios com tretas e dolos.»

8.ª DERIVAÇÃO DIVERGENTE OU DEGENERAÇÃO PHONETICA — «*Comparar* e *comprar* de *comparare*; *esmar* e *estimar*; *acto* e *auto*.»

9.ª INVERSÃO DA ORDEM DOS FACTORES NA COMPOSIÇÃO — «*Homem rico* e *rico homem*.»

10.ª ORIGEM HISTORICA — «*Cachemira*, um *havana*, o *paraty*, o *champagne*, um *terra-nova*, etc., lembram as localidades donde procedem esses productos; *amphytrião*, *tartufo*, etc., trazem á memoria personagens que de feito existiram, ou foram creados pela imaginação dos escriptores.»

11.ª FALSA ETYMOLOGIA OU ESQUECIMENTO ETYMOLOGICO — «*Braço* e *cutello* por *baraço* e *cutello*; *comer a dous carrinhos* por *comer a dous carrilhos*.»

12.ª Limitação regional ou dialectal — «As palavras ás vezes mudam de sentido da metropole para a colonia, de provincia para provincia, etc. Estas mudanças constituem os *americanismos*, *brazileirismos*, *provincialismos*. Exemplos: «*Babado*, em Portugal, cheio de baba; no Brazil, idem e fólhos de vestido: *calunga* (termo africano), na Bahia, significa ratinho; em Pernambuco, boneco de pau; no Rio de Janeiro, companheiro, parceiro, mas só em linguagem plebéa.»

13.ª Ellipse de palavras — «*Estou que* por *estou crente em que.*»

14.ª Reforço negativo — «*Nem mica, nem sombra, nem um pingo.*»

15.ª Por mudança de categoria grammatical — «*Babado*, participio; *babado*, substantivo: *official*, adjectivo; *official*, substantivo.»

16.ª Por mudança de categoria mental — «*Feira* que ficou sendo a denominação de cinco dias da semana.»

17.ª Por mudança de accentuação ou deslocação da tonica — «*Nível* e *nivél.*» *Nível* é a pronuncia hoje corrente, para exprimir um plano horizontal; *nivél* é o instrumento que serve, para se reconhecer a horizontalidade de um plano.

18.ª Pela lei de contagio — Um vocabulo adquire a significação de outro a que anda ou andou sempre aggregado. É o que succede com os adjectivos substantivados: «*O justo*=o homem justo; *o sereno*=o tempo sereno.»

Ás vezes o sentido figurado prevalece, e tanto se vulgarisa que o sentido proprio se perde; outras, as varias applicações de sentido desenvolvem-se juntamente, e acabam por nos fazer esquecer a relação que as liga. *Tabefe*, por exemplo, não lembra mais a idéa de leite com assucar e ovos; *garganta* de serra ou de montanha parece já palavra distincta de *garganta*, parte anterior do pescoço.

Esta importante elaboração não se limitou ao vocabulario e ao esquecimento das etymologias; extendeu-se

tambem ás construcções, ás locuções e phrases. Exemplos: «Fazer gato sapato de alguem.» «Dar em droga.» «Perder as estribeiras.» «Ver-se em calças pardas.»

São estes dizeres verdadeiros *idiotismos de sentido*, que constituem uma das riquezas de todas as linguas, e que dos populares passam aos escriptos classicos.

LIVRO SEGUNDO.

TECHNICA.

A *technica* trata da leitura e dos signaes necessarios á interpretação do sentido da phrase.

TITULO PRIMEIRO.

LEITURA.

A leitura deve ser feita, observando-se o seguinte:

1.° Denotar, por inflexões de voz especiaes, as *pausas* marcadas pelos signaes de pontuação;

2.°—Tornar bem sensivel, com entoação adequada, o *accento tonico* do vocabulo;

3.° Fazer sobresair pelo *accento emphatico* as idéas capitaes das proposições;

4.° Pôr em relevo pelo *accento oratorio* os sentimentos proprios do assumpto.

Accento é a particular entoação, com que pronunciamos uma syllaba de um vocabulo em relação ás outras, ou um vocabulo em relação aos outros, ou emfim uma oração inteira em relação ás outras do mesmo periodo; e que dá individualidade a cada uma destas entidades do discurso.

O accento dá muita belleza, graça e melodia ao discurso. Sem essa modulação da voz, as syllabas, os vocabulos, as orações, pronunciadas sempre com o mesmo tom, sempre com a mesma monotonia, perderiam o seu caracter principal de signaes modelados á feição dos sentimentos, das paixões e dos conceitos da alma. Com o accento o pensamento sae vivo e animado do espirito que o concebe, a alma transluz-se fielmente na linguagem,

onde se lhe deparam notas para todas as paixões, tela para todos os quadros, signaes para todos os conceitos, teclas para todos os sentimentos, transumpto emfim para todo o ser interior.

Os accentos principaes são:—o *tonico*, o *emphatico*, o *oratorio*.

Do *accento tonico* já tratamos (¹).

Accento emphatico, *logico* ou *racional* é a particular entoação, com que se pronuncia um vocabulo de uma proposição, para faze-lo sobresair aos outros da mesma proposição, e tornar portanto bem sensivel a idéa que elle exprime.

Este accento, notado em parte pela pontuação, dá unidade á proposição, indicando o laço, a connexão, mais ou menos intima, que teem as idéas entre si.

Sua modulação faz-se de dous modos:

Umas vezes, vae-se erguendo gradualmente o tom, até chegar á palavra emphatica, seja qual for o logar por ella occupado no contexto; depois vae decaindo a voz, até a pausa, com que termina a proposição. Com esta modulação é que se pronunciará cada uma destas proposições: «Os mais illustres *honraram* sua familia; os mais humildes *deram* a ella principio.»

Outras vezes, se pronunciará a palavra distinctamente, e destacada de todas as outras, apoiando ou prolongando a voz sobre ella. Nesta phrase, «Camões é um poeta *eminentissimo*», as syllabas da palavra *eminentissimo* devem ser pronunciadas com distincção e força.

Accento oratorio, a que tambem dão as denominações de *oracional*, *pathetico* ou *phrasecologico*, é o que, por diversas inflexões de voz, por um tom mais ou menos elevado, exprime os sentimentos de que se acha possuida a pessoa que fala.

A interrogação, a admiração, o sobresalto, o enthusiasmo, a alegria, a tristeza, a censura, as queixas e a colera, todos os sentimentos em summa, todas as paixões,

---

(¹) Veja-se a parte 1.ª, Liv. 1.º, Tit. 2.º, Cap. 2.º

teem seu tom, seu accento particular; e, como são innumeros e variadissimos os sentimentos que nos tomam e assaltam, e bem assim as paixões que nos turbam os animos, innumeras e variadissimas devem ser as gradações do accento oratorio.

Na phrase, «Não admira as bellezas do Brazil.», o tom será diverso, si, em vez de enunciar simplesmente o indifferentismo de alguem por estas bellezas, se interrogam os sentimentos que esse alguem nutre por ellas, ou se admira esse indifferentismo.

Alem destas tres especies de accentos, ha ainda o *accento nacional*, o *accento provinciano* e os *accentos grammaticaes*.

Accento nacional são as inflexões de voz, particulares a uma nação.

Na linguagem de cada nação, mesmo em sua pronunciação, encontra-se o cunho mais pronunciado de sua individualidade. A vivacidade ou a lentidão da articulação, a dureza ou a doçura das inflexões, a repetição obrigada de certas cadencias, estão sempre em relação com os costumes, com o genio dos differentes povos. Estas multiplas modulações que se notam em todo e qualquer paiz, são devidas a influencias mesologicas, como o clima, a organisação physica, os habitos de vida, etc.

Accento provinciano ou *local*, tambem designado pelo nome de *solaque*, são as intonações de voz, peculiares a um estado ou provincia, e differentes das do falar da gente culta.

Estas intonações de voz restringem o valor do accento tonico, porque dão á palavra um accento secundario, como se vê em *pántáno, mólhér, Máceió*, etc.

Dos *accentos grammaticaes* ou *figurados*, que são os signaes com que se nota a syllaba predominante do vocabulo, já explanamos a doutrina [1].

---

(1) Veja-se a Parte 1.ª, Liv. 2.º, Tit. 3.º, Cap. 1.º

TITULO SEGUNDO.

PONTUAÇÃO.

A *pontuação* indica, por meio de certos signaes, as pausas que se devem fazer, quando se lê; e ensina a fazer a distincção dos periodos, e das partes de que elles se compõem.

Os exemplos seguintes que, por se acharem pontuados de modo differente, exprimem sentidos inteiramente diversos, mostram claramente quanto são necessarios os signaes de pontuação á verdadeira intelligencia do sentido da phrase.

Exemplo 1.º

«Reina de crime em crime; emfim eis-te rei.»
«Reina; de crime em crime, emfim eis-te rei.»

Pela primeira pontuação, exhorta-se aquelle a quem se fala, a accumular crime sobre crime, durante o seu reinado; pela segunda, faz-se entender que, á força de crimes, elle veio a ser rei.

Exemplo 2.º

«Reina como pae, logo que tiveres vencido; lembra-te que tens um senhor no céu.»

«Reina como pae; logo que tiveres vencido, lembra-te que tens um senhor no céu.»

O sentido da primeira pontuação é uma exhortação a reinar como pae, depois de ter vencido; o da segunda é uma exhortação a lembrar-se de Deus, quando tiver vencido.

Exemplo 3.º

«Elle violou todas as leis; para conseguir seus designios, nem si quer respeitou o pudor das senhoras.»

«Elle violou todas as leis, para conseguir seus designios; nem si quer respeitou o pudor das senhoras.»

O sentido que nos offerece a primeira pontuação, é que elle ultrajou as senhoras, para conseguir os seus designios; o da segunda é que, depois de ter violado as leis, para conseguir os seus designios, ultrajou tambem as senhoras.

Exemplo 4.º

«Propagou a sua religião; com o Alcorão em uma das mãos e a espada na outra, morreu envenenado.»

«Propagou a sua religião, com o Alcorão em uma das mãos e a espada na outra; morreu envenenado.»

Conforme a primeira pontuação, estas palavras «*com o Alcorão em uma das mãos e a espada na outra*» designam a maneira pela qual Mahomet morreu; conforme a segunda, essas mesmas palavras mostram a maneira pela qual Mahomet propagava a sua religião.

Exemplo 5.º

«Este principe, defensor de Tarquinio o Soberbo, expulso de Roma, foi sitiar esta cidade.»

«Este principe, defensor de Tarquinio o Soberbo expulso de Roma, foi sitiar esta cidade.»

A primeira pontuação indica que este principe fora expulso de Roma; a segunda que o fora Tarquinio o Soberbo.

Os *signaes de pontuação*, não falando nos espaços em branco, com que se distinguem as palavras, são: a *virgula* (,), o *ponto e virgula* (;), os *dous pontos* (:), o *ponto final* (.), o *ponto de interrogação* (?), o *ponto de admiração* (!), os *pontos de reticencia* (...), o *traço de divisão* (—), o *parenthesis* ( ), as *virgulas dobradas* («»), o *paragrapho* ou *alínea*.

CAPITULO I.

VIRGULA.

A *virgula* marca uma pausa, com breve inflexão de voz, e faz a distincção das orações, ou ainda dos membros destas, quando é isso conveniente.

§ 1.º

Discriminam-se pela virgula, ou estejam no principio, ou no meio, ou no fim das phrases:

1.º Os vocativos ou palavras em apostrophe. Exemplos:

> «*Marilia*, escuta
> Um triste pastor. (GONZAGA).»

> «E vós, *Tagides minhas*, pois creado
> Tendes em mim um novo engenho ardente. (CAMÕES).»

> «Porque dormes, *ó Piaga divino?* (DIAS).»

2.º As orações circumstanciaes conjunccionaes, infinitivas e participio.

Exemplos de circumstanciaes conjunccionaes: «*Até que sejas homem feito*, devem passar-se ainda não poucos annos.» «O caso não aconteceu, *como geralmente se diz*, mas de modo bem diverso.» «O homem pensa, *porque é um ente dotado dc intelligencia.*»

Exemplos de circumstanciaes infinitivas: «*Antes de emprehenderes uma tão longa viagem*, bom é que te provejas do necessario para ella.» «O commandante, *antes de partir*, despediu-se de todos.» «Estuda, *para vires a ser um homem distincto na sociedade.*»

Exemplos de circumstanciaes participio: «*Escasseando as munições*, para resistir mais tempo, rendeu-se a fortaleza por capitulação.» «Anda depressa, que, *concluido o teu trabalho*, tens de sair.» «Elle me disse que se retirou, *acabada a festa.*»

§ 2.º

Levam virgula antes de si:

1.º Os nomes appostos, quando completam periodos, ou proposições discriminadas por ponto e virgula ou dous pontos. Exemplo:

«Respondeu-me—Sou a morte,
Cru phantasma de terror! (DIAS).»

2.º As proposições qualificativas puras, quando a referencia do conjunctivo é remota, ou porque, alem da qualificativa, tem o termo antecedente outro ou outros complementos que se intercalam entre elle e o conjunctivo; ou porque se refere este a mais de um antecedente. Exemplos: «Os que blasonam de não ceder nem vergar, são como as *estatuas* **de pedra ou bronze**, *que por materiaes e inanimadas, não se curvam, nem se dobram.* (M. DE MARICÁ).» «Os ignorantes se dariam parabens de sua ignorancia, si podessem descobrir **o turbilhão de duvidas, questões, arcanos e mysterios**, *que torturam, e agitam as cabeças dos homens doutos e sabios deste mundo.* (IDEM).»

3.º As proposições qualificativas preposicionaes, conforme a relação que, por virtude da preposição de que é precedido, exprime o adjectivo conjunctivo. Exemplo: «A casa, **em que** *resides*, é insalubre.» «O individuo **a quem** *pertence este predio*, pretende reedifica-lo.»

No primeiro exemplo, tem virgula antes de si a qualificativa preposicional *em que resides*, porque o adjectivo conjunctivo regido da preposição *em*, modifica o verbo *resides*, accrescentando-lhe uma circumstancia de logar; no segundo, não a tem a qualificativa preposicional *a quem pertence este predio*, porque o mesmo adjectivo, em razão da preposição *a* que o rege, exprime uma relação terminativa, ou é complemento terminativo do verbo *pertence*.

4.º As proposições qualificativas locaes. Exemplo: «Ha nellas uma varanda alta e mal reparada, **donde**, *andando com pouco resguardo, caiu abaixo*. (FREI L. DE SOUZA).»

5.º As palavras ambiguas ou de dous sentidos. Exemplo:

«Que em **terreno**
Não cabe o altivo **peito**, *tão pequeno*. (CAMÕES).»

§ 3.º

Devem ter virgula depois de si, quando não completam periodos, ou proposições discriminadas por ponto e virgula ou dous pontos:

1.º Todos os sujeitos de um mesmo verbo. Exemplo: «*A intelligencia, a palavra, a belleza da fórma*, são as qualidades essenciaes que distinguem o homem do bruto.»

2.º Todos os verbos de um mesmo sujeito. Exemplo:

«Negra a pel, mas o sangue no peito,
Como o mar em tormentas desfeito,
Ferve, estua, referve em cachões! (TRAJANO).»

3.º Todos os attributos de um mesmo sujeito. Exemplo:

«Era *feio, medonho, tremendo*,
Ó Guerreiros, o espectro que eu vi. (G. DIAS).»

4.º Todos os adjectivos que qualificam um mesmo nome. Exemplo: «Tudo isto que vemos com nossos olhos, é aquelle espirito *sublime, ardente, grande*, immenso: a alma. (VIEIRA).»

5.º Todos os complementos de um mesmo verbo, adjectivo ou nome. Exemplos: «É a guerra aquelle monstro que se **sustenta** *das fazendas, do sangue, das vidas*, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. (VIEIRA).» «Depois vem outra epoca da vida,

em que a felicidade é mentida, mas ainda é felicidade, posto que já **eivada** *de vaga inquietação*, *de ambições desregradas*, de especulações mesquinhas e contradictorias. (A. HERCULANO).» «Como a florinha do campo, a alma, por onde passou a procella da philosophia, esse **turbilhão transitorio** *de doutrinas*, *de systemas*, *de opiniões*, *de argumentos*, pende desanimada e triste;... (IDEM).»

6.º Todos os adverbios continuados. Exemplo: «*Aqui*, *alli*, *alem*, mil rostos meigos. (G. DIAS).»

7.º Todas as proposições absolutas, intimamente consorciadas, ou por uma conjuncção de approximação, ou por um termo commum a todas, mas uma só vez expresso:

Exemplos do primeiro caso: «Em buscar pão se resolve tudo, *e* tudo se applica ao buscar. (VIEIRA).» «O temor não é de homens fortes, *nem* o agouro de homens sabios. (IDEM).»

Exemplos do segundo caso: «A *virtude* risonha acompanha-nos a toda a parte, amolda-se aos tempos, e cinge-se ás occorrencias. (REBELLO DA SILVA).» «*No Jardim Botanico* e *perante numeroso concurso de povo*, tocaram duas bandas de musica, subiu ao ar um aerostato, e houve outras distracções.»

8.º Todas as proposições qualificativas. Exemplo: «O homem *que é prudente*, regula suas despesas pelos rendimentos do seu trabalho.»

Tambem teem virgulas depois de si os complementos circumstanciaes modificados por uma ou mais dependencias, quando estão em ordem prepostera. Exemplo: «**Nas campanhas** *da vida humana*, a virtude é a nossa melhor alliada. (M. DE MARICÁ).»

§ 4.º

Devem estar entre virgulas, quando encravados ou mettidos no meio da oração:

1.º Os nomes appostos. Exemplo: «Não trajava ás vezes os trajos da corte celeste, *o amito*, *a casula*, *o plu-*

vial, com que estavam vestidos alguns vultos de anjos pintados em tres ou quatro antiquissimos quadros do presbyterio? (A. HERCULANO).»

2.º As orações que não modificam aquellas entre as quaes se intercalam, nem são por ellas modificadas. Exemplo:

«E tu, *pergunta a donzella*,
Que fazes no teu vagar? (G. DIAS).»

Ha escriptores que fazem a distincção destas orações, ou com o parenthesis, ou com o traço de divisão. Exemplos:

«Que importa? si tu não foste,
(Disse o lobo carniceiro)
Foi teu pae. E, por aleives,
Lacera o pobre cordeiro! (MALHÃO).»

«Obrigado — *atalhou o velho* — aos conselheiros de el-rei pelos bons desejos que em meu prol teem. (A. HERCULANO).»

§ 5.º

Usa-se ainda da virgula:

1.º Para mostrar a ellipse do verbo, quando se dá a figura *zeugma*. Exemplo: «A torre de S. Thiago *entregou* a Alonso de Bonifacio, escrivão da Alfandega; o baluarte S. Thomé, a Luiz de Souza; o de S. João, a Gil Coutinho; o que ficava sobre a porta, a Antonio Freire; o outro baluarte S. Thiago, que descobria o rio, a D. João de Almeida com seu irmão D. Pedro de Almeida; o de S. Jorge, a Antonio Peçanha; a couraça pequena a João de Venezeanos; a grande, a Antonio Rodrigues. (J. FREIRE).»

2.º Para indicar que se transpozeram palavras da sua ordem natural. Exemplo:

«*A grita* se levanta ao céu, **da gente**. (CAMÕES).»

§ 6.º

Não se põe virgula antes das conjuncções *e*, *ou*, *nem*, que a supprem, quando atam membros de uma mesma oração, porque a pronunciação destes não excede a uma pausa ordinaria. Exemplos: «*Nascimento*, *incremento*, *decadencia* **e** *morte*, são as phases da vida humana. (M. DE MARICÁ).» «Quem não *pode* **ou** não sabe accumular, nunca chega a ser *sabio* **ou** *rico*. (IDEM).»

Ha comtudo escriptores que usam da virgula, mesmo neste caso.

Quando porem ligam orações ou periodos, podem, conforme os casos, levar antes de si virgula, ponto e virgula, dous pontos, ponto final, de interrogação e de admiração.

CAPITULO II.

PONTO E VIRGULA.

O *ponto e virgula* marca uma pausa, com inflexão de voz maior que a da virgula, e faz a distincção, no mesmo periodo, de proposições absolutas.

§ 1.º

Dá-se esta distincção:

1.º Quando as absolutas se acham acompanhadas de termos especiaes a cada uma, ou communs a todas, mas repetidos.

Exemplo do primeiro caso: «José nasceu *na Bahia*; *aos dezeseis annos de idade*, foi estudar numa Universidade dos Estados-Unidos; e, *depois de laureado*, estabeleceu-se na cidade de S. Paulo.»

Exemplo do segundo caso: «*A este fim* nascem as hervas; *a este fim* nascem as plantas; *a este fim* florescem as arvores; *a este fim* produzem e amadurecem os frutos; *a este fim* trabalham os animaes domesticos em casa; *a este fim* pastam os mansos no campo; *a este fim* se criam os sylvestres nas brenhas; *a este fim* os do mar

e os dos rios nadam em suas aguas; emfim tudo o que nasce e vive neste mundo, *a este fim* vive e nasce. (VIEIRA).»

2.º Quando as absolutas são simplesmente asyndeticas ou juxtapostas, não contractas. Exemplo: «Triumpharam os pobres e humildes sem guerra; a austeridade matou o fausto; a paciencia venceu o orgulho; o soffrimento desarmou a crueldade. (REBELLO DA SILVA).»

3.º Quando as absolutas formando grupos de duas em duas, enunciam factos oppostos. Exemplo: «Mas olha em especial, ó minha alma, para os povoados, porque o mundo são os homens. Tudo está fervendo em movimentos que acabam e começam: *uns a sair dos ventres das mães*, outros a entrar no ventre das sepulturas; *aquelles cantam*, dalli a pouco choram; *estoutros choram*, dalli a pouco cantam; *aqui se está enfeitando um vivo*, parede meia estão amortalhando um defunto; *aqui contratam*, acolá distratam; *aqui conversam*, acolá brigam; *aqui estão á mesa rindo e fartando-se*, acolá estão no leito gemendo os que riram, e sangrando-se do que comeram. (BERNARDES).»

4.º Quando se succedem, ou, por meio de uma conjuncção adversativa, estão em opposição proposições absolutas de qualquer especie, modificadas por subordinadas. Exemplos: «Mas não era possivel *que um homem de imaginação tão viva e inquieta ficasse, por muito tempo, encarcerado entre as paredes de um cubiculo de frade;* e, *por muito somenos que fosse o espectaculo do pequeno mundo a que seus olhos estavam por então condemnados*, bem depressa essas lutas dos moradores com os indios, e essas mesmas insignificantes controversias *que a principio o achariam indifferente e desdenhoso*, seriam cabaes *a despertar a actividade da sua alma ambiciosa momentaneamente entorpecida*. (J. F. LISBOA).» «Sabia o poder *com que o governador vinha em pessoa, ainda estimado maior na fama que na apparencia*; **mas** nem assim dobrou da resolução *de proseguir o cerco*, esperando a ultima fortuna. (J. FREIRE).»

§ 2.º

Tambem se discriminam, por meio do ponto e virgula, os termos seguintes, quando modificados por dependencias ou proposições subordinadas, cuja distincção se fez pela virgula:

1.º Os vocativos. Exemplo:

«**Aureas filhas de Jove**, *que o thesouro*
Guardaes da eternidade,
E da victoria marchetando o louro
De Aganippe c'o ouro,
A fronte coroaes da heroicidade;
Eu vos entrego o portentoso Lima
Que Marte tanto estima. (Diniz).»

2.º Os complementos circumstanciaes prepostos ao verbo. Exemplo: «**No meio da apothéose dos interesses materiaes**, *cujo brado victorioso se eleva com o fumo do carvão fossil, que, exhalado de mil forjas, paira e negreja sobre todas as capitaes, e voa, em longas faixas de cidade em cidade, annunciando, por onde passa, que uma população inteira vence o espaço e a distancia, com a rapidez do vento*; seja permittido ao homem que se gloria do seu tempo, mas que não julga dever por isso extasiar-se exclusivamente, diante da locomotiva, entregar-se um pouco a meditações menos industriaes e positivas, e aproveitar assim algumas horas desta vida tão afadigada, e ás vezes tão inutilmente cheia, como o tonel das Danaides. (Magalhães).»

3.º Os complementos continuados. Exemplo: «**Aos ultrages** *com que o jesuita cortezão pretendeu então macular a pureza e nobreza dos seus actos e intenções*; **ás insinuações** *com que infelizmente ainda hoje alguns escriptores nossos teem procurado rebaixar o valor dos seus serviços*, pode a historia afouta responder, apontando simplesmente **para a vasta mole inteiriça e homogenea**, *sob o ponto de vista territorial, cuja mutilação*

pendeu tantas vezes do delgado fio das sombrias machinações diplomaticas; **para essa magnifica região,** *onde se renova a raça dos primitivos conquistadores, e onde floresce um grande povo, e as grossas correntes de immigração já acham asylo;*—**para o Brazil,** *a maior obra que produziu Portugal, unica gloria que resta de suas conquistas com o sello da metropole, posto que independente, e onde certamente os seus actuaes ou futuros descendentes europeus buscarão e encontrarão um ultimo e seguro abrigo, si as grandes transformações e catastrophes, de que o nosso seculo offerece tantos exemplos, violando a sua independencia e moralidade, os obrigar a abandonar em grandes massas o solo sagrado da patria.* (J. F. LISBOA).»

4.° Os sujeitos compostos. Exemplo: «**O desejo** *antecipado de agradar, que já o padre trazia em si, e que o tornaria muito esmerado no emprego dos recursos que ostentava;* **a sua conversação** *facil, amena, insinuante e variada;* **a maneira** *luminosa e ordenada com que discutia as grandes questões de estado, naquelle tempo tão espinhosas e complicadas;* **a conformidade** *das opiniões, ou casual, ou habilmente simulada e persuadida;* tudo ajudado de uma dessas naturaes e inexplicaveis sympathias que tantas vezes subjugam os homens subitamente, e do primeiro lance, gerou sem duvida o favor que o trato frequente foi cada dia accrescentando, e afinal os triumphos oratorios, e os grandes serviços consolidaram convertendo em privança e valimento declarado. (IDEM).»

5.° As proposições subordinadas. Exemplo: «E, **ou fosse** *que a sua intelligencia e ambição precoce lhe désse a conhecer que nos jesuitas estava concentrado todo o poder e que, abraçando o instituto, entrava pela porta mais facil e azada para quem queria seguir os caminhos que guiam á grandeza humana;* **ou fosse** *que os padres sondando, com um só lanço do seu olhar profundo e penetrante, tudo quanto o porvir reservava áquella flor apenas desabrochada, e, fieis ás maximas da ordem, empregassem todos os meios para capta-lo e seduzi-lo;* o certo é que Vieira fugiu de

casa, e recolheu-se ao collegio dos jesuitas em 1625, tendo pouco mais de quinze annos de idade. (IDEM).»

6.º Os termos de uma semelhança. Exemplo:

«*Como, quando elevados nas alturas*
Descobrimos incognitas paisagens,
Densas florestas, aridas planuras,
E de rios caudaes virentes margens;
Assim da vida o sonho te arrebata
Rasgando o véu do tempo e do infinito,
E uma scena vistosa te retrata,
Que vae da Arabia ao portentoso Egypto. (DIAS).»

7.º Uma serie de substantivos cujas idéas são resumidas pelos adjectivos *tudo*, *tudo isto*, *nada*, etc. Exemplo: «**A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões** *tão fortes*, **aquelles discursos** *tão deduzidos*, **aquellas sentenças**, *tão vivas*, **aquelles pensamentos** *tão sublimes*, **aquelles escriptos** *humanos e divinos*, *que admiramos*, *e excedem a admiração*; **tudo isto** era a alma. (VIEIRA).»

8.º O antecedente do conjunctivo, quando consta de muitos nomes, ou cousa que os valha. Exemplo: «Os primeiros jogos que inventaram os homens, foram **a luta, os céstos, a clava, a lança, a pela, o troia** *a que nós chamamos canas*, **o lançar a barra, o ferir o alvo** *com a setta*, **o correr** *no estádio*, **o saltar os vallos, o nadar** *vestido de armas* **e outros** *semelhantes*; **cujo** exercicio era tão util para a saude e robusteza do corpo, como necessario para a guerra, para a agricultura, e para os outros trabalhos de que vive, e se conserva o mundo. (VIEIRA).

Alguns grammaticos mandam, como regra invariavel, que se ponha sempre ponto e virgula antes das conjuncções adversativas, causaes etc. É erronea tal opinião, porque o emprego dos signaes de pontuação depende dos sentidos que discriminam, e nunca das particulas conjunctivas, que podem conforme os casos, ter antes de si virgula, ponto e virgula, dous pontos, ponto final, de interrogação e de admiração.

CAPITULO III.

DOUS PONTOS.

Os dous pontos marcam uma pausa, com inflexão de voz ainda maior que a do ponto e virgula, e fazem a distincção:

1.º De uma enumeração. Exemplo: «Os preceitos do direito são: *viver honestamente, não empecer a outrem,* e *dar o seu a cada um.* (H. PINTO).»

2.º De um discurso, ou pensamento que se cita. Exemplo: «E disse: «*Esses turcos e janizaros, que deste logar estamos vendo, veem a restaurar comnosco a honra que no primeiro cerco perderam; porem nem elles valem mais que os que então foram vencidos, nem nós valemos menos que os vencedores.* (J. FREIRE).»

3.º De uma proposição absoluta que, rematando um periodo, illustra, esclarece, desenvolve, prova, ou torna saliente o facto, ou factos enunciados pela proposição, ou proposições que a precedem. Exemplo: «Chegará a hora de renascer para a poesia e para a certeza: *será a da morte.* (A. HERCULANO).»

4.º De uma proposição absoluta ligada por uma conjuncção adversativa, que enuncia um facto que está em opposição com os factos enunciados pelas absolutas a que se approxima, quando estas se acham separadas por ponto e virgula. Exemplo:

«Amo-te, ó cruz, no vertice firmada
De esplendidas igrejas;
Amo-te, quando, á noute sobre a campa,
Junto ao cypreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam;
Amo-te, quando, em prestito festivo,
As multidões te hasteiam;
Amo-te erguida no Cruzeiro antigo,
No adro do presbyterio,

Ou, quando o morto, impressa no ataude,
Guias ao cemiterio;
Amo-te, ó cruz, até quando no valle
Negrejas triste e só,
Nuncia do crime a que deveu a terra
Do assassinado o pó:

Porem, *quando mais te amo,*
Ó cruz do meu Senhor,
É *si te encontro á tarde,*
Antes de o sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredo assombra,
Quando á luz que fenece,
Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hymno da tarde
O pinheiral murmura. (A. HERCULANO).»

5.º Do segundo termo de uma semelhança, si algum ou ambos tambem teem partes separadas por ponto e virgula. Exemplo:

«Como tormenta que rouqueja ao longe,
E som confuso espalha em surdos echos;
Como rapida frecha corta os ares,
Já perto soa, já mais perto brame,
Já sobranceira emfim roncando estala:
Nasce fraco rumor que logo cresce,
Avulta, ruge, horrisono ribomba. (G. DIAS).»

Alguns usam do ponto e virgula, em vez dos dous pontos e vice-versa, e dos dous pontos, em vez do ponto, prolongando assim os periodos sem a menor utilidade, e tornando-os nimiamente extensos.

CAPITULO VI.

PONTO FINAL.

O *ponto final* marca uma pausa absoluta, com inflexão de voz, que a denota; e faz a distincção dos sentidos absolutos, ou periodos de que se compõe o discurso.

Alguns periodos são absolutos ou independentes, uns dos outros, tanto no sentido como na construcção. Dá-se isto na enumeração de pensamentos, maximas ou proverbios, que, como periodos que são, enunciam factos inteiramente absolutos ou independentes. Exemplo:

«Ensinar por maximas é compendiar a sabedoria, para a fazer vulgar.

«*Tudo o que occupa logar, e tem limites no espaço, é limitado no tempo e duração.*

«Luzes em todos os astros annunciam olhos em todos os mundos. (M. de Maricá).»

Outros são inteiramente independentes na construcção grammatical; mas ligam-se, quanto ao sentido, por meio de relações vagas e geraes. Exemplo: «O governador andava sobremaneira cuidadoso dos negocios de Diu, interpretando mal a falta dos avisos, quando aportou na barra de Goa a capitanea em que fora D. Alvaro. *Vinha o navio todo embandeirado, e dando alegres salvas, querendo indicar de longe as novas que trazia.* Accorreu á praia grande parte do povo, solicito a perguntar pelos filhos, parentes e amigos, e os menos empenhados pelo commum do estado. *O capitão foi levado aos paços do governador, satisfazendo pelo caminho a duplicadas e molestas perguntas.* (J. Freire).»

CAPITULO V.

Ponto de interrogação, ponto de admiração e pontos de reticencia.

O *ponto de interrogação* marca uma pausa, com inflexão de voz especial, propria de quem pergunta, e espera pela resposta, ou a dá a si mesmo; e faz a distincção de periodos interrogativos. Exemplo: «De Diu

não queremos, nem podemos ter mais que a fortaleza; pois com que furia cega tornamos a comprar com nosso sangue o mesmo de que somos senhores? Que novos povoadores temos, para habitar a ilha? De que parte do mundo podemos trazer outros, que deixem de ser mouros ou gentios, de fé tão incerta com o Estado, como estes que agora nos offendem? (J. FREIRE).»

O *ponto de admiração* marca uma pausa, com inflexão de voz, tambem especial, propria de quem se admira, ou mostra surprehendido e estupefacto; e faz a distincção de periodos exclamativos. Exemplo:

«No mar tanta tormenta e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida! (CAMÕES).»

Os *pontos de reticencia* marcam uma pausa, com inflexão de voz, que denota suspensão do que se ia dizer, feita, ou de caso pensado, ou em virtude de estado anormal, que, embargando a voz, torna a enunciação do pensamento incompleta ou demorada; e fazem a distincção de periodos que não se concluem, por se calar o que se ia começando a exprimir. Exemplos:

«Honra-me, não me peja a efferta amiga,
Uma só cousa... Nada. Eu já vos sigo. (GARRETT).»

«Velho, alem... sob a extrema do horizonte...
Lá onde mais negreja... é lá o inferno. (CASTILHO).»

Ás vezes, em uma só phrase, se empregam ao mesmo tempo c ponto de interrogação e o de admiração. Exemplo:

«E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,
E não podes augurios cantar?! (G. DIAS).»

Alguns, á imitação dos hespanhoes, põem o ponto de interrogação e o de admiração antes da phrase, voltados de cima para baixo (¿¡), afim de

advertir o leitor da interrogação ou admiração; mas esta pratica não é geralmente seguida, com quanto recommendada por Jeronymo Soares Barboza, como acertada, quando a phrase interrogativa ou exclamativa é algum tanto comprida, para se poder abranger toda a uma vista de olhos.

CAPITULO VI.

Traço de divisão, parenthesis, virgulas dobradas e paragrapho.

O *traço de divisão* ou *travessão* serve para fazer a distincção de palavras ou pensamentos, que se queiram discriminar, chamando sobre elles a attenção do leitor. Exemplo: «De tudo isto que era para concluir-se, é que naquelle tempo eram rarissimos os mappa-mundi; e tanto que, tratando delles Antonio Ribeiro dos Santos, citado pelo autor da memoria, aponta apenas dous,— *um do infante D. Pedro, duque de Coimbra, e outro do cartorio de Alcobaça, que veio ás mãos do infante D. Fernando, filho de D. Manoel.* (G. DIAS).»

Nos dialogos, para não ter que repetir o nome dos interlocutores, costumam a fazer a distincção das falas de cada um com este signal. Exemplo:

—És livre; parte.
—E voltarei.
—Debalde.
—Sim, voltarei, morto meu pae.
—Não voltes!

É bem feliz, si existe, em que não veja
Que filho tem, qual chora: és livre; parte. (G. DIAS).»

O *parenthesis* marca uma pausa, com inflexão de voz, que denota interrupção; e faz a distincção de um sentido que se intercala no periodo, sem que delle faça parte. Exemplo: «Tinha partido de Baçaim D. Alvaro de Castro com cincoenta navios *(assim chamam quaesquer baixeis na India, ainda que sejam caravelas latinas ou embarcações de remo);* e, como vinham empachados com

munições e mantimentos, não podendo soffrer mares tão grossos, tornaram a arribar em popa, destroçados e abertos, tomando diversas angras e enseadas, onde o temporal os lançava. (J. FREIRE).»

Quando o parenthesis é pequeno, basta pôr entre virgulas as palavras que interrompem o sentido.

Os classicos faziam grande uso, antes abuso, do parenthesis, cujo emprego cumpre evitar o mais possivel, quando a phrase que se intercala, é extensa, porque isso torna o estylo empeçado, e prejudica a clareza que deve ser a primeira qualidade do discurso.

As *virgulas dobradas* ou *aspas* servem para fazer a distincção dos discursos de terceiro, ou daquillo que se cita, ou põe por exemplo, como: «No seculo XIV, escreveu o celebre Bocacio, a proposito do oceano Atlantico: «*Alem do oceano Atlantico, existem certas ilhas separadas por canaes, e um pouco afastadas da terra, nas quaes, segundo se diz, habitam os gorgonas; outros affirmam que ellas estão muito pelo mar dentro.* (G. DIAS).»

Usam tambem po-las no principio de cada linha dos mesmos discursos. Exemplo:

«A Ambrosio Corvo, empoleirado na arvore,
Com um queijo no bico,
Gil Raposo, que mui lampeiro acode
Ao faro, quasi, quasi que assim fala:
«*Bons dias, Senhor Corvo.*
«*Como é guapo! Que lindo me parece!*
«*Bofé, si a voz tem garbo igual ás plumas,*
«*Não ha hi Phenix tal, nestas devezas.* (FILINTO).»

Paragrapho ou *alínea* é uma pequena secção de um discurso, livro ou capitulo, constando de um ou mais periodos, cuja primeira linha principia um pouco afastada do logar, em que teem começo as outras, como se vê

na palavra inicial desta definição: é dos signaes de pontuação o mais forte.

Deve ser empregado na distincção das diversas provas de uma mesma verdade, das varias considerações sobre um mesmo facto, dos differentes negocios de que trata uma carta ou memoria; em uma palavra, todas as vezes que se passa de um ponto de vista da materia que se adduz, para outro.

FIM.

INDICE

INDICE

INDICE

ERRATA

Paginas.	Linhas.	Erros.	Emendas.
7	1	A memoria	A' memoria
14	23	nobresa	nobreza
»	30	atravez	através
23	5	di-	diz
27	22	*psycologico*	*psychologico*
38	11	vacalicos	vocalicos
»	34	onsonancias	consonancias
39	24	sollettrará	solettrará
»	30	*al, il,*	*al, el, il,*
46	20	*predicare*	*prædicare*
62	11	*consoautes*	*consoantes*
65	21	*quinquenio*	*quinquennio*
63	3 e 4	atravez	através
75	17	*licor, liquor,*	*licor* de *liquor*
88	4	*ecclectica*	*eclectica*
107	20	*septigentesimo*	*septingentesimo*
111	28	*atraz de*	*atrás de*
»	33	*detraz de*	*detrás de*
132	26	cincos	cinco
134	12	*coccix*	*coccyx*
139	29	*óto*	*óte*
183	13	*cubrir*	*cobrir*
223	20	setescentos	setecentos
226	25	*ceria*	*seria*
229	6	debemos	debemus
231	27	debeit	debevit
234	7	amaras	amarás
236	29	ama (ve) rlmus,	ama (ve) rimus,
238	8	bem	bom
270	27	*potygono*	*polygono*
282	36	**Chriso**	**Chryso**
283	4	*cicloliuto*	*cyclolitho*

Paginas.	Linhas.	Erros.	Enmedas.
295	16	J. FPEIEE	J. FREIRE
304	35	e claro	claro
309	28	foi	é
352	5	os sujeitos	com os sujeitos
„	6	com **O mundo**	**O mundo**
274	23	**para**	**para-**
384	21	*Dize-se*	*Dize-me*
387	23	ua	na
390	12	*airia*	*viria*
416	21	cabellos;	cabellos,
431	28	troduz	traduz
442	21	*iatina*	*latina*
443	9	*verbos*	versos.

Ha ainda omissões e substituições de signaes de pontuação, alem de outros sinões, que deixamos de mencionar, porque não alteram o sentido.

Maria Conceição e Maria Aparecida
Tapaterra Limongi

São Paulo, junho de 1.937.